DEUSES DO JOGO



LIVRO 1



PARTINDO PARA O ATAQUE

AUTORA DA SÉRIE REIS DO PECADO

ANA HUANG

MAIS DE 21 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

ARQUEIRO

A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

PARTINDO PARA O ATAQUE



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

DEUSES DO JOGO



LIVRO 1



PARTINDO PARA O ATAQUE

Traduzido por Roberta Clapp

ANA HUANG

ARQUEIRO

Título original: *The Striker*

Copyright © 2024 por Ana Huang
Trecho de *Rei da Inveja* © 2025 por Ana Huang
Copyright da tradução © 2025 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Gabriel Machado
produção editorial: Guilherme Bernardo
preparo de originais: Rachel Rimas
revisão: Carolina Rodrigues e Pedro Staite
diagramação e adaptação de capa: Gustavo Cardozo
capa: Cat/TRC Designs
ilustrações de capa e miolo: Depositphotos (doozie, nikiteev, kanate, roxanabalint, Marinka, QualitDesign Julija_grozyan, bioraven, artstory) e Shutterstock (Susilo Nugroho, SP Creative Studio)
e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H86p

Huang, Ana, 1991-
Partindo para o ataque [recurso eletrônico] / Ana Huang ; tradução Roberta Clapp. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2025.
recurso digital (Deuses do jogo ; 1)

Tradução de: The striker
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5565-875-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Clapp, Roberta. II. Título. III. Série.

25-99422.0

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46
CAPÍTULO 47
CAPÍTULO 48
CAPÍTULO 49
CAPÍTULO 50
CAPÍTULO 51
CAPÍTULO 52
CAPÍTULO 53

CAPÍTULO 54
CAPÍTULO 55
EPÍLOGO 1
EPÍLOGO 2
CENA BÔNUS
AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA
SOBRE A ARQUEIRO

Ame todas as versões de si,
mesmo aquelas que você quer deixar para trás.

PLAYLIST

So High School
Taylor Swift

Applause
Lady Gaga

Smooth Operator
Sade

London Boy
Taylor Swift

Who Do You Think You Are
Spice Girls

Piece of Me
Britney Spears

Paparazzi
Lady Gaga

Delicate
Taylor Swift

Can't Get You Out of My Head
Glimmer of Blooms

It's Gonna Be Me
*NSYNC

Into You
Ariana Grande

Love Letter to Japan
the bird and the bee

Unstoppable
Sia

Iris

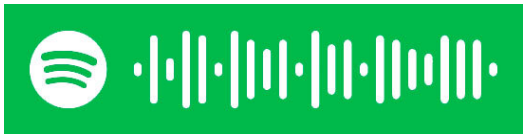
The Goo Goo Dolls

Let Me Down Slowly

Alec Benjamin

Sweet Caroline

Neil Diamond





Aviso de conteúdo

Esta história apresenta conteúdo sexual explícito, palavrões e tópicos que podem ser sensíveis a alguns leitores.

CAPÍTULO 1

ASHER



Nunca fui de ficar muito nervoso nos jogos, mas nada como saber que setenta mil pessoas estão testemunhando você fazer merda para ficar completamente desestruturado.

Encharcado de suor, recebi a bola do ponta-esquerda. A torcida foi à loucura, e um pouquinho de ansiedade se instalou nas minhas entranhas.

Normalmente, o entusiasmo dos torcedores me estimulava. Afinal de contas, eu *sonhava* com momentos como esse desde criança. Jogar em um time profissional, ouvir milhares de pessoas gritando meu nome, ser o jogador que levaria o time à glória.

Momentos como esse mostravam que eu havia conseguido chegar lá, provando que os críticos estavam errados – o que eu já tinha feito inúmeras vezes.

Claro que tinha, porque eu era simplesmente *o* Asher Donovan.

Mas hoje, no último minuto da última partida dessa temporada da Premier League, eu me senti apenas Asher, o novo e polêmico jogador do Blackcastle.

Era minha primeira temporada com o time, o jogo estava empatado, e estávamos em segundo lugar na classificação, atrás do Holchester United.

A gente *precisava* de uma vitória para levar o troféu, mas, até o momento, a partida se mostrava uma tragédia absoluta.

Uma bola interceptada aqui, um pênalti perdido ali. Estávamos completamente desorientados em campo, e eu já via a vitória escapando por

entre os dedos.

Fiquei ainda mais frustrado ao tentar atravessar o enxame de zagueiros do Holchester – Bocci, Lyle, Kanu. Eu conhecia bem as táticas deles, mas eles também conheciam as minhas.

Este era o problema de jogar contra seu antigo time: não tinha muito como enganá-los.

Sem ter por onde passar, toquei a bola para outro atacante e tentei ignorar o tempo que se esgotava.

Quarenta segundos.

Trinta e nove.

Trinta e oito.

A bola quicou entre os jogadores até que, em um golpe de sorte e azar, Vincent dominou a bola em um contra-ataque.

Os aplausos se transformaram em um rugido baixo, abafado pela minha inquietação.

Dezessete.

Dezesseis.

Quinze.

Minha posição era perfeita para receber a bola. Estava de cara para o gol, mas pude ver os olhos de Vincent vasculhando o campo em busca de alguém, *qualquer* outra pessoa para quem tocar a bola.

Meu coração batia acelerado.

Vamos lá, seu desgraçado.

Não havia mais *ninguém*. Eu era o único jogador do time que tinha chance de marcar um gol naquele momento. Vincent deve ter chegado à mesma conclusão, porque, com uma contração perceptível da mandíbula, finalmente deu o passe para mim.

Os torcedores ficaram exultantes, mas já era tarde demais.

Os poucos e preciosos segundos de hesitação de Vincent deram ao Holchester uma abertura, e eles roubaram a bola antes que eu pudesse alcançá-la.

Um murmúrio coletivo se espalhou pelo gramado.

Pisquei para afastar o suor e tentei me concentrar, mas os olhares de provocação do meu antigo time e o brilho das luzes do estádio me desorientaram, uma sensação que eu não experimentava desde *aquela* partida muito tempo antes.

Cinco.

Uma tentativa fracassada de roubar a bola.

Quatro.

Flashes de manchetes de jornais e de programas de TV ecoavam na minha cabeça. *Traidor. Judas. Vendido.* Será que eu valia a transferência recorde de 250 milhões de libras ou era o erro mais caro da história da Premier League?

Três.

Por algum milagre, consegui roubar a bola na segunda tentativa.

Dois.

Não havia tempo para pensar.

Um.

Chutei.

A bola foi para fora e logo soou o apito final, e o estádio caiu num silêncio tão profundo que eu conseguia ouvir minha pulsação nos ouvidos.

Meu time estava atônito, enquanto os jogadores do Holchester pulavam e gritavam em comemoração.

Era o fim.

E tínhamos perdido.

Minha primeira temporada com o Blackcastle (aquela em que todos esperavam que eu conquistasse um título) chegara ao fim. E tínhamos *perdido*.

Tudo ao meu redor se transformou em um fluxo abafado de ruídos e frenesi, e mal senti o tapinha de consolo de um colega de equipe nas minhas costas, tampouco percebi a dor em meus músculos.

Praticamente não sentia nada.

• • •

Ninguém deu um pio a caminho do vestiário, e a apreensão era palpável.

A única coisa pior do que perder um jogo era enfrentar o técnico depois, e ele nem sequer nos deu a chance de sentar antes de começar o esporro.

Frank Armstrong era uma lenda no mundo do futebol. Como jogador, ficou famoso por marcar três gols por jogo – o bom e velho *hat-trick* – em várias partidas consecutivas nos anos 1990; como técnico, ficou famoso por

sua abordagem inovadora de liderança e por seu temperamento explosivo, este último em plena exibição enquanto ele nos esculachava.

– Esse é o nível do futebol de vocês? – esbravejou ele. – Essa é a porra do nível do futebol de vocês? Porque eu vou dizer uma coisa: não está nem *perto* do nível da Premier League. É uma grande merda, isso sim!

Falta de foco, péssimo trabalho em equipe, nenhuma coesão: ele abordou todos os problemas que vinham nos afligindo desde que fui transferido no meio da temporada, e não era preciso ser um gênio para saber o motivo.

Enquanto o técnico nos repreendia, cabeças oscilavam entre mim e Vincent, que estava sentado do outro lado do vestiário.

A dinâmica do time tinha ido para o ralo desde a minha chegada. Parte disso era consequência natural da incorporação de um novo integrante em um grupo muito entrosado. O principal problema, no entanto, era que eu, o artilheiro da liga, e Vincent, o principal zagueiro e capitão do time, nos odiávamos.

Jogávamos em posições diferentes, mas nossa rivalidade era notória. Ele era o único concorrente à altura que eu tinha quando o assunto era mídia, status e patrocínios (coisas importantes em nosso mundo), mas a grande origem da nossa rixa foi o que aconteceu durante a última Copa do Mundo.

A queda. A briga. O cartão vermelho.

Tentei não pensar nisso, porque era bem capaz de acabar dando um soco na cara dele, e acho que Frank não ia gostar muito que eu fizesse isso no meio do seu discurso sobre trabalho em equipe.

– DuBois! Donovan!

Ergui a cabeça de imediato ao ouvir meu nome, e Vincent fez o mesmo.

Ao que parecia, o técnico havia finalizado o discurso, porque o restante do time estava se trocando e ele nos encarava.

– Minha sala. *Agora*.

Obedecemos sem discutir. Não éramos burros.

– Querem adivinhar por que chamei justo vocês dois aqui? – O técnico nem esperou que a porta se fechasse antes de começar a segunda parte de seu discurso.

Vincent e eu permanecemos em silêncio.

– Eu fiz uma pergunta.

– Porque nós perdemos – respondi.

Meu estômago revirou com a palavra *perdemos*.

Todo mundo odeia perder, mas a derrota daquele dia foi particularmente difícil para mim, porque eu sabia que havia pessoas loucas para que eu me desse mal no Blackcastle, ou seja, os torcedores do Holchester United que me odiavam por ter ido para o seu maior rival.

Tive muitos adversários durante a infância – professores que achavam que eu nunca chegaria a lugar nenhum, torcedores que pensavam que eu era apenas um fenômeno de momento, a imprensa que procurava algum podre em todos os aspectos da minha vida –, e eu não suportava a ideia de os críticos terem razão.

– Não, não é porque nós perdemos! – esbravejou o técnico. – É porque vocês dois são os jogadores que o resto do time mais admira, mas deixaram que essa rivalidade ridícula afetasse o jogo. Pior ainda, que afetasse a confiança de vocês.

Afundamos em nossos assentos, constrangidos.

– Eu sabia que haveria um período de transição, mas achei que vocês superariam essa história e se resolveriam, porque são adultos. Mas parece que estou lidando com crianças, porque aqui estamos, no fim da temporada, e não temos nada para mostrar, exceto uma série de erros que poderiam ter sido facilmente evitados se vocês tivessem aprendido a *trabalhar juntos*! – A voz do técnico aumentou a cada palavra até ficar alta o suficiente para atravessar as paredes.

O volume já baixo da conversa no vestiário diminuiu de maneira perceptível, e meu rosto ficou vermelho de vergonha.

A decepção do técnico foi quase tão insuportável para mim quanto a derrota. Eu o idolatrava desde a infância, e a oportunidade de trabalhar com ele foi um fator importante para que eu aceitasse a transferência.

Não era *assim* que eu imaginava encerrar nossa primeira temporada juntos.

Vincent se remexeu na cadeira ao lado.

– Frank, eu…

– Nem adianta vir com as suas desculpinhas – cortou o técnico. – Que merda foi aquela nos acréscimos? O Donovan estava *na cara* do gol. Você deveria ter passado a porcaria da bola pra ele quando teve a oportunidade. Viu um espaço, passa a bola. É a regra básica do futebol!

Vincent contraiu os lábios. Ele não podia dizer o que todos sabíamos: que não havia passado a bola imediatamente porque não queria que eu

marcasse o gol da vitória. A imprensa reprisaria aquele lance várias e várias vezes, e eu seria apontado como o herói da partida. Vincent não suportaria ver isso.

Babaca egoísta. Não sei como agiria se estivesse no lugar dele, mas achei melhor nem pensar nisso.

O olhar do técnico era certeiro. Estava à frente do time havia tempo suficiente para saber as motivações de Vincent sem que ele precisasse verbalizá-las.

– Já que vocês querem agir feito crianças, vou tratá-los como crianças – disse ele. – Normalmente, eu deixo o treino fora da temporada a cargo de cada jogador, mas não neste verão. Neste verão, vocês dois vão fazer um cross-training na Royal Academy of Ballet. Juntos.

– *O quê?* – Vincent e eu explodimos ao mesmo tempo.

Os clubes quase *nunca* ditavam os detalhes de como passávamos o período entre uma temporada e outra. Os jogadores vinham de todas as partes do mundo, então o verão era a chance de voltar para casa, ver a família e treinar como bem entendessem.

– Já falei com a diretora da RAB. Ela está de acordo – anunciou o técnico. – Não falei nada antes porque queria ver se vocês dois conseguiriam tomar jeito e vencer a merda do último jogo. Como não foi o que aconteceu, vocês terão aulas particulares com a *mesma* instrutora durante o verão. Ela é uma das melhores da escola e sabe bastante de futebol. Vocês estarão em boas mãos.

Não queria estar em nenhuma outra mão que não fosse a minha. Eu não tinha nada contra balé. Até conhecia jogadores que fizeram treinamentos funcionais usando a dança e adoraram, dizendo que haviam melhorado sua força, flexibilidade e as técnicas com os pés.

No entanto, eu já havia criado meu plano de treino. Não precisava que uma desconhecida aparecesse e me dissesse o que fazer.

Vincent se endireitou, seu rosto tomado por uma palidez fantasmagórica.

– Não me diga que é a…

– A instrutora será Scarlett DuBois. – O técnico deu um sorriso sem graça. – De nada.

DuBois? Tipo…

– A irmã do Vincent? – gaguejei. – Você tá brincando. Isso é conflito de

interesses!

Nunca tinha visto a irmã de Vincent, embora já tivesse ouvido falar sobre ela. Os dois eram próximos, o que era péssimo. Não precisava que os irmãos DuBois conspirassem contra mim.

– Não quero treinar com a minha irmã – retrucou Vincent. – Isso não é… *Não*.

– Que bom que nenhum dos dois tem direito de opinar sobre o assunto. – A voz de Frank retornou ao volume normal, mas suas palavras continuavam afiadas. – A diretora me garantiu que ela é a pessoa ideal para a proposta e que não vai deixar relações pessoais afetarem seu trabalho. Eu acredito nela. Isso significa que vocês dois *treinarão* com a Scarlett e *levarão* a sério. E, senhores… – Ele nos encarou com um olhar penetrante. – Quando voltarem, é melhor me convencerem de que são capazes de trabalhar juntos, ou vão direto pro banco. Não quero nem saber se vocês são o capitão ou o artilheiro do time. Entenderam?

– Sim, senhor – murmuramos.

O técnico estava decidido. Não havia nada que pudéssemos fazer ou dizer para nos livrarmos daquilo, logo eu passaria o verão inteiro preso aos irmãos DuBois.

Respirei fundo.

Eu não sabia muito sobre Scarlett DuBois, mas sua ligação com Vincent me fazia ter certeza de uma coisa: eu não ia gostar dela.

Nem um pouco.

CAPÍTULO 2

SCARLETT



– Agora um pouco mais rápido. Pra trás, pro lado, pra trás, pro lado. – Caminhei pelo estúdio, corrigindo a postura e o alinhamento dos alunos. – Não cruzem as pernas muito para trás. Agora *demi-plié*…

Minha perna doía, mas ignorei. Aquilo não era nada comparado às verdadeiras crises, que podiam durar dias, semanas ou meses, e faltavam apenas dez minutos para a aula terminar. Eu lidaria com isso depois.

O estúdio estava silencioso, exceto pelo som da minha voz e do piano acompanhando os movimentos. Eu dava aula para turmas avançadas e de nível profissional, com alunos tão concentrados que uma bomba nuclear poderia explodir que eles nem perceberiam.

No passado, eu era assim também e, por mais que adorasse ensinar, desejava poder voltar no tempo para estar do outro lado da hierarquia em aula. As coisas eram tão diferentes naquela época e…

Para com isso. Já chega de ter pena de si mesma, lembra?

Balancei a cabeça e voltei a me concentrar na tarefa que tinha em mãos.

– Mais rápido, acompanha a batida, Jenna. Sobe, mantém… – Vacilei quando minhas dores se intensificaram, mas logo me recuperei. – Ótimo. Abre um pouco mais o lado de apoio.

Passei os últimos cinco anos sentindo dor e fadiga muscular, por isso cheguei ao fim da aula sem incidentes.

No entanto, precisei reunir toda a minha força de vontade para não apressar a saída dos alunos e poder enfim me sentar em silêncio e colocar os

pés para cima.

Apenas por um minuto. Só para respirar um pouco.

– Oi, Srta. DuBois, licença...

Ergui os olhos. Emma estava parada na minha frente, os dedos repuxando a saia e então passando para o decote do collant.

– Desculpa incomodar, mas tenho novidades. – Sua empolgação transpareceu em meio à timidez habitual. – Lembra quando fiz o teste para *O Quebra-Nozes* na semana passada? Eles divulgaram os selecionados hoje. Ganhei o papel da Fada Açucarada!

– Ai, meu Deus! – Coloquei a mão na boca, impressionada. – Parabéns, Emma! Isso é incrível.

Não foi uma resposta lá muito profissional, mas Emma era minha aluna havia anos e, embora os professores não devessem ter favoritos, eu a achava sensacional. Era muito esforçada, tinha um comportamento exemplar e não era mesquinha nem competitiva.

O Quebra-Nozes era seu balé favorito. Se alguém merecia o papel de maior prestígio, era ela.

Eu havia sido um dos jurados do teste, mas nenhum de nós sabia qual seria o elenco final até que o diretor anunciasse. Ainda não tinha checado meus e-mails, por isso não estava sabendo de nada.

– Obrigada. Ainda não consigo acreditar – disse Emma, sem fôlego. – É um sonho que se tornou realidade, e eu não teria conseguido sem você. Eu adoraria… quer dizer, se você não estiver ocupada, eu adoraria que você estivesse presente na noite de estreia. Sei que ainda estamos em maio e que a estreia é só em dezembro, e sei que você não costuma ir às apresentações da escola, mas pensei em te convidar mesmo assim. – Emma ruborizou. – Vai ser no Westbury Theatre outra vez.

Westbury Theatre.

O nome abriu um buraco em meu peito, e minha empolgação vazou como água por uma peneira.

Emma tinha razão. Eu nunca assistia às apresentações da escola porque elas *sempre* eram realizadas no Westbury.

Queria prestigiar meus alunos, mas a ideia de chegar perto daquele teatro me deixava em pânico.

– Você não precisa ir – continuou Emma, obviamente percebendo minha hesitação. Ela mordeu o lábio. – É durante as festas de fim de ano, então eu

entendo…

– Não, não é isso. – Forcei um sorriso. – Eu adoraria ir, mas talvez esteja viajando. Ainda não tenho certeza. Eu te aviso.

Odiava mentir para ela, mas era melhor do que dizer que preferia enfiar uma faca na perna a pisar no Westbury.

Havia lembranças demais lá dentro. Muitos fantasmas do que eu havia amado e perdido.

– Tá bem. – Emma recuperou um pouco do brilho. – Nos vemos na próxima aula, então?

– Claro! E parabéns de novo. – Meu sorriso foi mais sincero dessa vez. – A Fada Açucarada é um papel muito importante. Você arrasou.

Esperei até que a porta se fechasse e Emma saísse para soltar um suspiro trêmulo e desabar no chão.

O incômodo na perna se transformou em uma dor intensa e aguda, como se a simples menção ao Westbury tivesse despertado os piores aspectos da minha condição.

Dentro, um, dois, três.

Fora, um, dois, três.

Como odiava tomar remédios, respirei fundo e tentei me acalmar em vez de pegar o kit de emergência na bolsa.

Felizmente, meus sintomas haviam melhorado bastante ao longo dos anos, graças às mudanças em meu estilo de vida e ao cuidadoso gerenciamento do estresse. Não era como nos meses logo após o acidente, quando eu mal conseguia sair da cama, mas também não estava totalmente - recuperada.

Eu nunca sabia quando a dor ou a fadiga iam aparecer. Precisava estar sempre alerta, mas tinha aprendido a conviver com isso. Ou me adaptava ou acabaria afundando, e já havia passado muito tempo sentindo pena de mim mesma. Meu celular tocou. Nem precisei olhar para a tela para saber quem era. Apenas uma pessoa nos meus contatos tinha esse toque.

– A Lavinia quer falar com você – anunciou Carina, sem rodeios. – Não se preocupa, não é nada ruim. – Uma pausa. – Eu acho.

Fiquei tão chocada que por um segundo parei de pensar na dor na perna.

– Peraí. É sério?

Lavinia era a diretora da RAB e provavelmente a pessoa mais

intimidadora que eu conhecia. Fazia quatro anos que eu trabalhava na academia, e nunca fiquei sabendo de nenhuma convocação repentina para uma reunião fora da agenda.

Não pode ser boa coisa.

– Sim. – A voz de Carina baixou para um sussurro: – Tentei entender melhor, mas ela está sendo *superdiscreta*. Só me disse para pedir a você que fosse falar com ela assim que a aula acabasse.

– Tá bem. – Engoli em seco. – Ai, meu Deus, vou ser demitida.

Será que foi porque me recusei a comparecer às apresentações da escola? Será que ela acha que não sei trabalhar em equipe? Sim, nunca fui muito *fã* de trabalhar em equipe, mas só porque as pessoas são tão…

– Não! É claro que não. Se ela te demitir, vai ter que me demitir também – disse Carina. – Somos um combo, e nós duas sabemos que ela não pode se dar ao luxo de perder sua melhor instrutora *e* sua assistente de confiança. Eu tenho as senhas de todos os PDFs dela.

Uma leve risada atravessou a superfície da minha ansiedade. Ela sempre sabia o que fazer para me deixar melhor.

Eu havia perdido muitos "amigos" depois do acidente, mas tinha conhecido Carina três anos antes, quando ela entrou para a RAB como assistente executiva de Lavinia. A gente se deu bem desde o primeiro dia, graças ao nosso amor por reality shows ruins e quebra-cabeças, e desde então somos melhores amigas.

– Estou indo – falei. – Vejo você daqui a pouco.

Eu me levantei com dificuldade, mas a dor aos poucos se transformou em um desconforto controlável outra vez. Ou talvez fosse tudo coisa da minha cabeça e parecesse controlável quando comparada à minha ansiedade, que tinha chegado às alturas por conta da reunião-surpresa.

Carina estava ao telefone quando cheguei, mas murmurou *boa sorte* e me fez um sinal de positivo quando bati na porta da diretora.

– Pode entrar.

Pisei na sala com a cautela de alguém que se aproxima de uma cascavel irritada.

O lugar era tão chique e refinado quanto a dona. Janelas gigantescas davam para a academia, e uma galeria de fotos milimetricamente organizadas dominava a parede oposta à porta. Exibiam a famosa primeira bailarina em todas as fases de sua carreira, desde a iniciante ingênua e

promissora, passando pelo momento em que se tornou estrela internacional, até se aposentar e entrar para a história. Sentada à mesa, com o cabelo preso em um coque e óculos empoleirados no nariz elegante, Lavinia folheava alguns documentos.

– Por favor, sente-se. – Ela apontou para a cadeira à sua frente.

Obedeci, tentando domar a onda de nervosismo e fracassando miseravelmente.

– Nós duas temos mais o que fazer, então vou direto ao ponto. – Lavinia era a objetividade em pessoa. – Fizemos uma parceria com o Blackcastle, o clube de futebol, para um programa de treinamento especial neste verão. Quero que você fique à frente dele.

Meu queixo caiu. De tudo o que eu imaginava que ela poderia dizer, um programa de treinamento envolvendo futebol estava entre as cinco últimas opções.

É verdade que eu já havia realizado alguns trabalhos semelhantes no passado, mas geralmente com times da terceira ou quarta divisão, não da Premier League.

– Por "ficar à frente", você quer dizer…

– Que você vai treiná-los. É uma das minhas melhores instrutoras e tem familiaridade com futebol – disse Lavinia. – Confio que você fará um bom trabalho.

Contenho uma recusa instintiva. Sabia exatamente o que ela queria dizer com "familiaridade com futebol". Afinal de contas, meu irmão era o capitão do Blackcastle.

No entanto, por mais que eu gostasse dele e do clube, *não queria* treinar nem ele nem seus colegas de equipe. A maioria dos jogadores de futebol era arrogante, insuportável e egoísta.

Eu sabia do que estava falando porque havia namorado um deles.

Vincent era o único jogador que não fazia aflorarem meus sentimentos antifutebol, e isso porque ele era da família.

– Fico muito honrada – respondi, com cautela. – Mas minha agenda está cheia neste verão, e acho que há instrutores mais adequados pra essa função. Menos conflito de interesses.

Lavinia ergueu as sobrancelhas uma fração de centímetro.

– Está dizendo que não consegue deixar de lado sentimentos pessoais e ser profissional?

Droga. Tinha caído em uma armadilha que estava bem na minha cara.

– Não, claro que não. Estou apenas antecipando problemas com base na percepção que outras pessoas podem acabar tendo. – Dei a primeira desculpa em que consegui pensar. – Não quero ser acusada de favoritismo.

– Eu lidarei com qualquer problema que possa surgir. – Lavinia pareceu não se abalar com a minha explicação. – Se te deixa mais calma, apenas dois jogadores participarão do programa, não o time inteiro.

Pisquei, surpreendida duas vezes em um espaço de cinco minutos. Um recorde, provavelmente.

Achei estranho que o Blackcastle exigisse que seus jogadores ficassem em Londres entre as temporadas, mas, considerando o desempenho deles no dia anterior, imaginei que fosse algum tipo de situação excepcional.

A notícia de que eram apenas dois jogadores foi ao mesmo tempo um alívio e uma preocupação.

– Presumo que meu irmão seja um deles – deduzi. Caso contrário, Lavinia teria negado a questão do conflito de interesses. – Quem é o outro?

Lavinia fez uma pequena pausa antes de responder:

– Asher Donovan.

Senti um buraco se abrindo no meu estômago.

– *Asher Donovan?* – Eu não teria sido capaz de conter o choque nem se tivesse tentado. – Você quer que eu treine o Vincent e o Asher em aulas particulares durante um verão inteiro? Eles vão matar um ao outro!

Já havia perdido a conta da quantidade de vezes que precisei ouvir Vincent falar mal de Asher, e na internet estava sempre pipocando algum debate sobre quem era o melhor jogador. Eu achava as comparações injustas, considerando que eles jogavam em posições diferentes, mas as pessoas adoravam colocar um contra o outro.

Tudo começou anos antes, quando uma inocente enquete on-line do *Match* pediu às pessoas que escolhessem o jogador de futebol mais promissor da época. Asher ganhou de Vincent por um por cento, o que deixou meu irmão furioso. Desde então, a rivalidade entre eles cresceu e passou a abranger quem recebia salários mais altos (Asher), quem tinha mais patrocínios (Vincent) e quem havia ganhado mais Bolas de Ouro (Asher, embora eles tivessem recebido o mesmo número de indicações). A situação chegou ao ápice na última Copa do Mundo, quando o cartão vermelho de Asher transformou a rivalidade deles em algo ainda mais

amargo.

– Parte do seu trabalho é garantir que eles *não* matem um ao outro. – O rosto de Lavinia se suavizou um pouco. – Sei que é injusto te avisar com tão pouca antecedência, mas, quando o Frank me procurou, concordamos em manter o acordo em segredo pelo maior tempo possível para evitar que a notícia vazasse. Ele também só confirmou a decisão no final da partida de ontem.

Eu entendia a lógica da coisa toda, mas isso não significava que gostava da ideia.

Na verdade, quanto mais pensava sobre o assunto, mais nervosa eu ficava.

Era fácil entender por que Frank Armstrong escolhera meu irmão e Asher. A animosidade entre eles havia gerado muitos problemas e feito com que o Blackcastle perdesse o campeonato daquele ano. O clima entre os dois era péssimo, e Frank obviamente queria que eles se entendessem de uma vez por todas, forçando-os a treinar juntos.

Era de fato uma boa ideia, mas, infelizmente, significava que agora eu estava envolvida na situação.

Asher Donovan. Entre todas as pessoas do mundo, o outro jogador *tinha* que ser ele. Asher fazia sucesso com as mulheres, mas não comigo, porque eu era leal a Vincent e tinha uma regra rígida de não sair com jogadores de futebol. Sem contar que a reputação dele era questionável.

Ele era considerado o maior jogador de futebol do mundo. O atacante que tinha um talento tão impressionante quanto sua beleza, o herói dos gols que salvaram seu time da derrota iminente inúmeras vezes. Mas, apesar de toda a sua genialidade em campo, vivia atolado em polêmicas fora dele. Acidentes de carro, festas, uma mulher atrás da outra: tudo isso era combustível para incontáveis páginas de fofoca, que o público devorava como se fossem docinhos em festa de criança.

Eu não o conhecia, mas, se outros jogadores já tinham um ego enorme, eu nem imaginava o tamanho do ego dele.

– Tem algo que eu possa dizer pra me safar dessa? – perguntei, esperançosa.

Lavinia ergueu as sobrancelhas mais meio centímetro.

Contive um suspiro. *Foi o que imaginei.*

– As aulas começam na próxima segunda-feira – disse ela. – Você já

treinou jogadores de futebol antes, portanto pequenos ajustes em seus planos anteriores devem ser suficientes. Também dei uma olhada no seu cronograma de verão e fiz as mudanças necessárias. Mais alguma pergunta?

Ela estava sutilmente me dispensando.

– Não – respondi. – Até segunda te entrego um plano de treino.

– Ótimo. – Lavinia voltou aos seus papéis. – Obrigada, Scarlett.

É, ela estava *claramente* me dispensando.

Quando saí da sala, Carina já me aguardava com a bolsa na mão. Eram 18h35, o expediente tinha chegado ao fim.

Ela fez uma careta quando me viu.

– Foi tão ruim assim? – Ela conseguia ler minhas expressões melhor do que ninguém.

– Vou te contar tudo com uma bebida na mão – respondi. – Preciso muito de uma. Muito mesmo.

CAPÍTULO 3

ASHER



– Aposto cem paus que até o fim do mês você e o DuBois já vão ter saído na porrada – declarou Adil. – Wilson, vai entrar na aposta?

– De jeito nenhum – respondeu Noah, com um tom seco. – Não vem me meter nessas suas apostas. É chateação na certa.

– Não faço a menor ideia do que você está falando e fico ofendido de estar se despedindo de mim desse jeito antes do verão – disse Adil, colocando a mão no peito. – Quando eu estiver no avião indo pra casa, vou me lembrar das suas palavras. Vai ser terrível.

– Ótimo. Talvez assim você pare de arrumar confusão na próxima temporada.

– Isso é jeito de falar com seu colega de time? Que exemplo você quer dar pra sua filha?

– Aham, é jeito, sim, e minha filha não está aqui – respondeu Noah.

Balancei a cabeça.

Noah, Adil e eu estávamos no Angry Boar, nosso pub favorito, para um último encontro antes de eles voltarem para casa, nos Estados Unidos e no Marrocos, respectivamente. Era o dia seguinte à nossa desastrosa derrota para o Holchester, mas meus companheiros já estavam sabendo tudo sobre a estratégia do técnico de me forçar a treinar com Vincent ao longo do verão.

Eu tinha chamado aqueles dois para sair na esperança de obter um pouco de empatia e distração, mas não foi o que aconteceu, claro. Eu deveria ter imaginado. Adil achou minha situação muito engraçada, e Noah se

manteve impassível como uma rocha.

Babacas.

– Vou lá pedir outra rodada pra gente – avisei.

Adil havia voltado a importunar Noah sobre sua vida amorosa inexistente, e Noah estava ocupado demais ignorando-o para fazer mais do que assentir para mim.

Fui até o bar. Recebi alguns olhares e cochichos maliciosos, mas ninguém veio arrumar confusão comigo.

Era por isso que os jogadores de futebol adoravam o Angry Boar: o lugar servia bebidas fortes, comida barata e zero aporrinhação. O pub seguia uma política rigorosa de proibição de câmeras, autógrafos e brigas, aplicada por um trio de seguranças do tamanho de montanhas e pelo proprietário mais cruel deste lado do Tâmisa.

O último engraçadinho que violou as regras do pub foi expulso de lá com um pé na bunda (literalmente) e banido para sempre.

Fiz o pedido no bar e dei uma olhada geral no entorno. Um grupo de mulheres me olhava descaradamente de um canto e dava risadinhas, e um casal que passava por mim me encarou uma segunda vez para ter certeza de que era eu mesmo. A garota chegou a abrir a boca para falar, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, o namorado a puxou pelo braço e me olhou feio por cima do ombro. Levei tudo numa boa. As encaradas e os murmúrios eram o preço de estar ali, mas pelo menos não havia paparazzi para me tirar do sério.

– Aqui. – Mac, o dono do bar, empurrou duas canecas de cerveja (para mim e para Noah) e uma Coca (para Adil) do outro lado do balcão. – Não vai derramar essa merda de novo.

– Fala sério, Mac, você ainda tá chateado com o que aconteceu naquele dia? A gente não quebrou a jukebox, já te disse mil vezes.

O Angry Boar era um dos poucos pubs com uma jukebox, e Mac tinha muito orgulho disso.

Ele me fuzilou com o olhar e fechou a cara. Não dava a mínima para celebridades e estava tão propenso a repreender um astro de cinema quanto um cidadão comum. Era por isso que nós o amávamos.

Eu sorri.

– Não derramar. Deixa comigo.

Equilibrei os três copos nas mãos, me virei... e derramei um deles

inteirinho em cima da pessoa atrás de mim.

Em minha defesa, ela não se encontrava ali um segundo antes, e estava tão perto que eu nunca teria conseguido evitá-la a tempo, a menos que tivesse olhos na nuca.

– Meu Deus do céu! – explodiu Mac atrás de mim, enquanto a garota soltava uma sequência de xingamentos tão pesados que emudeceriam até uma torcida organizada.

Nunca pensei que alguém de aparência tão delicada fosse capaz de reunir palavras tão específicas daquela forma. Impressionante.

– Merda, me desculpa. – Coloquei os copos no balcão, peguei um punhado de guardanapos e tentei ajudá-la a enxugar a blusa. – Não vi você aí.

– Imaginei. Eu… – Ela ergueu o olhar e me encarou, e a expressão que cruzou seu rosto teria sido cômica se não tivesse sido dirigida a mim. – *Você*.

Ergui as sobrancelhas. Estava acostumado a provocar várias reações no sexo oposto, mas horror geralmente não era uma delas.

– A gente se conhece? – perguntei.

O *você* soou um pouco pessoal.

Tinha quase certeza de que a gente nunca tinha se visto. Eu teria me lembrado dela se tivesse acontecido.

Ela era absolutamente deslumbrante. Cabelo preto brilhoso, pele sedosa, olhos cinza-claro com cílios grossos: parecia uma clássica estrela de Hollywood, nos moldes de Ava Gardner e Hedy Lamarr.

No entanto, não foi só sua aparência que me deixou embasbacado. Na minha profissão, havia conhecido muitas mulheres bonitas, mas havia algo nessa garota… mesmo com uma blusa manchada de cerveja e calça jeans, ela exalava uma elegância que não podia ser comprada nem aprendida. Era necessário nascer com ela.

– Não, a gente não se conhece – disse ela. – Mas eu sei quem você é.

Seu tom indicava que isso não era necessariamente uma coisa boa.

Interessante. Talvez ela fosse uma torcedora do Holchester.

Tomara que não.

– Bem, me parece um pouco injusto que você saiba meu nome e eu não saiba o seu – provoquei.

Eu não namorava. Se quisesse ser o melhor jogador de futebol do

mundo, não poderia perder tempo nem energia em um relacionamento sério. Muitos diriam que eu *já era* o maior jogador de futebol do mundo, mas ainda não havia vencido uma Copa e, até que isso acontecesse, não poderia assumir esse título.

Dito isso, não havia nada de errado com um flerte leve – ou *pesado*, se envolvesse aquela garota misteriosa.

– A vida nem sempre é justa – disse ela, parecendo achar graça.

A mulher que estava ao lado dela murmurou uma coisa. Pareceu algo suspeito como "Ele vai descobrir logo, logo", mas eu não tinha certeza nenhuma.

Sinceramente, eu estava tão encantado que não havia percebido que ela estava com uma amiga até aquele momento.

– Nesse caso, vou me contentar com o seu número. – Meneei a cabeça na direção da camiseta dela. – Eu te devo uma blusa nova.

– Ah, você vai se *contentar* com o meu número?

O brilho irreverente em seus olhos aumentou.

– Sim. Pode ser anônimo se você quiser. Sem nome, só o número… para eu poder comprar uma blusa nova pra você ou pagar a lavagem, é claro.

– Aham. Tenho certeza de que vai ser só para isso que você vai usar o meu número.

Dei de ombros, com um sorriso brincando nos cantos da boca. Não me sentia tão alegre desde o jogo do dia anterior. Ir ao pub tinha sido uma boa ideia, no fim das contas.

– Não posso garantir que as coisas não vão mudar no futuro, mas, por enquanto, minhas intenções são as melhores. – Ergui a mão. – Prometo.

Eu de fato pretendia comprar uma blusa nova para ela, então não estava mentindo. Tecnicamente.

– Por mais fé que eu tenha em promessas feitas por pessoas que vivem de *joguinhos*… – Sua ênfase na última palavra deixou claro que ela não estava se referindo ao meu trabalho. – Vou ter que respeitosamente recusar. Posso eu mesma pagar a lavanderia e não gosto de dar informações particulares minhas a desconhecidos. – Ela arqueou uma sobrancelha. – Tente não derramar mais cerveja em passantes desavisados. É um desperdício de cerveja boa.

Fiquei olhando, atônito, enquanto ela se afastava. Sua amiga a seguiu, meio rindo, meio dando uma espiada em mim a caminho da saída do pub.

O que diabos acabou de acontecer?

Não conseguia me lembrar da última vez em que fui rejeitado. Surpreendentemente, não fiquei chateado com isso. Fiquei… intrigado.

Meu Deus. O cara que pegava qualquer garota que quisesse estava fascinado pela única que o esnobou. Eu era um clichê ambulante.

– Eita. *Pesado*, hein? – A voz de Adil me tirou do estupor. Eu nem tinha notado que ele e Noah haviam se aproximado. Ele pegou seu refrigerante no balcão e sorriu para mim. – Ela deve ter visto o jogo de ontem e também achou você uma merda em campo.

– Cala a boca – respondi, sem dar a mínima para ele.

Estava concentrado demais no lampejo de cabelo escuro e jeans azul quando ela desapareceu pela porta.

Nunca tinha visto a Garota Misteriosa antes, mas, por algum motivo, algo me dizia que aquela não seria a última vez que nos encontraríamos.

• • •

Passei a semana seguinte desfrutando de relativa liberdade. Saí com amigos, assisti a reprises de programas antigos e levei meus carros esportivos favoritos para dar umas voltas. O futebol me empolgava, mas dirigir me acalmava, e eu havia acumulado uma coleção invejável de veículos de luxo que usava para as tarefas diárias ou para corridas.

No entanto, escolhi um carro discreto para minha primeira aula na Royal Academy of Ballet. Os paparazzi com certeza estariam na minha cola, e eu não precisava de uma Ferrari vermelha brilhante anunciando cada passo meu.

Quando cheguei à RAB, senti uma pontada de satisfação com a ausência da Lamborghini de Vincent. Ele não usava carros alternativos para despistar os curiosos, então eu sabia que ainda não estava lá.

Estacionei perto da entrada, meus pensamentos divididos entre a temida sessão de cross-training e a garota com quem havia esbarrado na semana anterior.

Não sabia por que ainda estava pensando nela. Trocamos apenas algumas palavras e eu não sabia nada a seu respeito além do fato de que ela podia pagar a própria lavanderia e de que não gostava de "dar informações

particulares a desconhecidos".

Abri um sorrisinho com a lembrança.

Não tinha muitos anseios além do futebol, mas abriria mão de um dos meus carros para vê-la novamente.

Talvez.

Possivelmente.

Definitivamente.

Talvez no fim tivesse sido bom ela não ter me dito seu nome ou dado seu número de telefone. Eu não precisava de uma distração grande desse jeito na minha vida.

Entrei na RAB, falei com a recepcionista de olhos arregalados no balcão e segui suas instruções até o estúdio de treinamento.

Instalada em uma mansão que parecia ter saído diretamente de um cenário de filme da época da Regência Britânica, a Royal Academy of Ballet estava muito distante das suadas e utilitárias instalações de treinamento do Blackcastle. Havia pinturas de bailarinas, fotos de bailarinas, estátuas de bronze de bailarinas… basicamente, bailarinas por toda parte.

Acho que sutileza não era o ponto forte deles.

Pensando bem, as instalações do Blackcastle tinham o escudo do time estampado em todas as superfícies possíveis, então quem era eu para achar qualquer coisa?

Cheguei ao estúdio no finzinho da aula anterior.

Como eu estava adiantado, fiquei esperando até que o último aluno já tivesse ido embora antes de entrar. Felizmente, nenhum dos irmãos DuBois estava lá ainda, e aproveitei a oportunidade para examinar os arredores.

Nunca havia assistido a uma apresentação de balé antes, muito menos entrado em um estúdio, mas era exatamente como eu havia imaginado.

De um lado, uma parede de espelhos; do outro, uma fileira de janelas em arco gigantescas, com vista para os jardins bem cuidados da academia. Uma barra de madeira se estendia por toda a extensão da sala, e o piso brilhava tanto que quase dava para ver meu reflexo nele.

O único objeto fora do lugar era a bolsa de pano gigante na beirada da mesa no canto. Estava recheada com o que parecia ser um suéter de lã, um livro e… quaisquer outras coisas que as pessoas guardavam em suas bolsas.

A bolsa estava tão lotada que, depois de um corajoso esforço para se manter em pé, tombou e derrubou metade dos itens no chão com um

barulho estridente.

O livro se estatelou, as canetas rolaram por todo lado e o cachecol se estendeu languidamente sobre uma pequena caixa.

Eu meio que fiquei esperando alguém entrar para checar o que tinha acontecido, mas ninguém apareceu.

Devo pegar os itens do chão ou esperar que a proprietária retorne?, me perguntei. Seria invasão de privacidade se eu escolhesse seguir a primeira opção?

Dane-se. Seria mais estranho se a dona da bolsa entrasse e me encontrasse olhando para seus pertences espalhados sem fazer nada.

Fui até lá e comecei a colocar o conteúdo de volta na bolsa. Casaco, livro, canetas, maquiagem, chaves, garrafa de água, meia-calça, spray de cabelo, sapatilhas, remédios, toalha, bolsa térmica, kit de costura, *outro* livro… Meu Deus, parecia um saco sem fundo. Como assim essa pessoa conseguiu colocar tudo isso em uma bolsa?

Enfiei uma barra de proteína entre os óculos escuros e as faixas elásticas. Não sabia como conseguiria…

– O que você tá fazendo?

Olhei para cima, e minha resposta morreu na mesma hora.

Não. Não pode ser.

Ela estava com o cabelo preso e usava um collant, meia-calça e uma saia rodada em vez de camiseta e calça jeans, mas era *ela*, sem dúvida.

A garota do pub.

Ela tinha o mesmo cabelo cor de meia-noite, os mesmos lábios vermelhos, os mesmos olhos cinzentos penetrantes que, no momento, estavam abrindo um buraco em meu rosto. Se não fosse pelo calor tangível em seu olhar, eu teria pensado que a evoquei com a mera força dos meus pensamentos.

– Não estou bisbilhotando. – Eu me recuperei do choque e levantei as mãos em um gesto de rendição. – A bolsa caiu, e eu estava simplesmente pegando as coisas.

Ela respondeu com um olhar desconfiado e veio na minha direção – ou melhor, na direção da sua bolsa.

Estava na cara que essa garota era dançarina. Mesmo no pub, ela se movia com a graça de uma, com uma postura perfeita e movimentos suaves e fluidos. Embora no Angry Boar eu houvesse percebido um toque de

apreensão em seu olhar, ali ela se portava com a facilidade de alguém que estava cem por cento em seu ambiente.

– Você frequenta a academia?

Imaginei que ela tivesse vinte e poucos anos, um pouco mais velha do que os outros alunos da RAB, pelo que notei, mas talvez ela estivesse lá para algum treinamento profissional.

Um pequeno sorriso cruzou sua boca.

– Podemos dizer que sim.

– Então isso é um sinal. Quais são as chances de nos esbarrarmos duas vezes? – Torci para que nossos horários coincidissem naquele verão. Se eu a visse, minhas sessões de treinamento forçado poderiam ser um pouco mais suportáveis. – Agora você tem que me dizer seu nome. Seria minimamente educado.

– Ah, eu tenho certeza de que você vai descobrir logo, logo – disse ela em um tom seco.

Ela se curvou para pegar o cachecol enquanto eu pegava o livro que restava no chão. Reconheci a capa amarela e verde desgastada.

– Leo Agnelli – falei, com satisfação, estendendo o livro para ela. – Bom gosto.

Nossas mãos se tocaram quando ela o pegou, e senti uma eletricidade subir pelo meu braço. Foi tão forte, tão inesperado, que quase deixei o exemplar cair.

Como assim?

Ela ficou tensa, o que me fez cogitar se ela também havia sentido aquilo, mas sua expressão era indecifrável.

– Você lê Leo Agnelli. – Seu tom continha uma grande dose de ceticismo.

– De vez em quando. – O pequeno choque que senti devia ter sido causado pela estática de nossas roupas. Era a única explicação viável. – Tente não parecer tão surpresa, Chloe. Prometo que vou fazer jus à visão preconceituosa e mostrar que sou o "atleta burro" de outras maneiras.

Ela deixou escapar uma risadinha, mas se apressou para disfarçá-la, sem sucesso. Tarde demais. Eu tinha ouvido, ela sabia que eu tinha ouvido, e minha capacidade de arrancar aquele sorriso dela talvez tivesse sido o ponto alto da minha semana de merda.

– Meu nome não é Chloe – declarou ela.

– Imaginei que não, mas, como você se recusa a me dizer qual é seu nome de fato, vou ter que continuar tentando adivinhar até acertar, Alice.

– Isso vai ficar chato *muito* rápido.

– Felizmente, é fácil solucionar esse problema.

Eu estava sendo mais insistente do que o normal, mas teria recuado se tivesse percebido qualquer sinal de desconforto da parte dela.

No entanto, o brilho de riso em seus olhos me dizia que ela não estava tão irritada quanto fingia estar… *Além disso*, ela ainda não havia afastado a mão.

Provavelmente chegamos à mesma conclusão, pois nossos olhares se voltaram para nossas mãos ao mesmo tempo.

O ar crepitou com uma tensão repentina, e senti outra faísca me atravessar.

A primeira foi brilhante e breve, como um relâmpago em um céu sem nuvens. A segunda foi mais lenta, mais potente, e seu calor me fez sentir como se estivesse correndo no Markovic Stadium em vez de paralisado em um estúdio de dança com ar-condicionado.

A Garota Misteriosa engoliu em seco, e nem mesmo o zumbido constante do ar-condicionado foi suficiente para abafar meus batimentos acelerados.

Tentei pensar em outra coisa para dizer, mas não conseguia lembrar o que estávamos falando ou por que eu estava ali.

Não me sentia tão desconcertado assim perto de uma garota desde minha malfadada paixão de infância por Hailey Brompton (ela se mudou para Brighton no quinto ano e partiu meu coração).

A emoção de rever a Garota Misteriosa se transformou em apreensão.

Como ela podia ter um efeito tão forte sobre mim se eu mal a conhecia? Talvez nossa proximidade não fosse uma coisa boa, afinal. Se eu fosse esperto, ficaria longe e me concentraria em meus objetivos: o título do campeonato inglês com o Blackcastle, seguido da Eurocopa e da Copa do Mundo.

Meu inexplicável fascínio por essa garota não se encaixava *em nenhum lugar* na equação.

Flertar era uma coisa, perder o foco era outra.

– Vamos acabar logo com isso.

Uma voz familiar e indesejada cortou o clima.

Vincent entrou, ainda de óculos escuros, feito um bobalhão.

A garota finalmente afastou a mão e enfiou o livro na bolsa. Também me afastei, embora ainda sentisse meu braço formigando um pouco.

– Já estava na hora de você aparecer – disse ela, com as bochechas visivelmente mais vermelhas do que antes. – Achei que teria que ligar pra te lembrar da sessão de hoje.

– Peguei um pouco de trânsito e, tecnicamente, cheguei bem na hora. Não é minha culpa se você chega cedo em todos os lugares. – Vincent me ignorou para se concentrar nela. – Pronta pra começar?

Apesar de minhas dúvidas em relação à garota e à perda de foco, uma pontada de ciúme percorreu minhas entranhas ao notar a conversa fácil entre eles.

– Vocês se conhecem? – perguntei, da forma mais casual possível.

Ela não parecia ser do tipo que se interessaria por Vincent, mas coisas mais estranhas já haviam acontecido. No inferno.

Ela abriu a boca, mas Vincent foi mais rápido:

– É óbvio. – Ele olhou para mim como se eu fosse aparvalhado. – Ela é minha irmã.

CAPÍTULO 4

SCARLETT



Queria ter tirado uma foto da cara de Asher quando Vincent disse que eu era irmã dele. Se seu queixo tivesse caído um pouco mais, teria que ser recolocado no lugar.

Eu não deveria ter deixado a história do nome render tanto, mas parte de mim se divertiu ao ver o *grande* Asher Donovan surpreso com minha recusa em cair aos seus pés como faria qualquer outra mulher no mundo.

Eu não estava acima de fanatismos ou paixões por celebridades, longe disso. Se ficasse cara a cara com Nate Reynolds, por exemplo, meu ator favorito, provavelmente daria um grito e desmaiaria. Eu só não era muito fã de jogadores de futebol mesmo. Fazer parte da família de um realmente me deixava imune ao charme deles.

– Sua irmã?

Asher finalmente encontrou as palavras para reagir, o olhar viajando entre mim e Vincent.

Entendi por que ele estava tão chocado. Nossos pais não podiam ter filhos naturalmente, então nos adotaram quando éramos bebês. Os olhos escuros e a pele marrom-clara de Vincent eram o absoluto oposto de meus olhos cinzentos e da minha pele clara, mas, tirando a parte biológica da coisa, ele era meu irmão em todos os outros sentidos.

Mesmo assim, poucas pessoas sabiam que éramos adotados e era sempre divertido ver a reação delas quando descobriam nosso parentesco.

– Scarlett DuBois – falei, em um tom suave, como se estivesse pedindo

desculpas. Eu realmente deveria ter dito algo antes. – Sua nova instrutora.

Asher olhou de relance em minha direção, e uma faísca inquietante dançou em minha pele.

Deixando de lado os preconceitos contra jogadores de futebol, o cara era lindo. Uma coisa meio astro de cinema, páreo a páreo com Nate Reynolds.

O cabelo grosso e escuro caía sobre a testa, emoldurando maçãs do rosto bem marcadas e uma boca sensual. Cílios ridiculamente longos adornavam os olhos mais verdes que eu já tinha visto, e cada centímetro de seu corpo parecia esculpido com perfeição e ser fruto de uma performance de alto desempenho.

O que achei mais atraente nele, porém, não foi exatamente a aparência, embora ela fosse impecável. Era o carisma, a facilidade com que ele se movia sob os holofotes, que tornava impossível desviar os olhos. Asher era um dos atletas mais famosos do mundo, mas, ainda assim, possuía um charme de garoto da casa ao lado, uma atitude pé no chão, sem frescuras.

Masculinidade nua e crua envolta em uma confiança desencanada. A combinação era tão magnética que nem mesmo o meu ranço em relação a jogadores de futebol conseguia atenuá-la. Se ele não fosse colega de time e rival do meu irmão, estaria completamente derretida.

Só que ele é, então você precisa segurar a onda.

– Enfim... – Dei um pigarro, minha pele ainda formigando devido ao nosso breve contato minutos antes. Devia ser a estática de minhas roupas. Bem feito para mim, por usar lã em maio. – Vamos começar. O foco do nosso treino será força, resistência e flexibilidade. Começaremos com o aquecimento e depois passaremos para o trabalho com os pés.

Aos poucos, fui relaxando, minha inquietação com a proximidade de Asher se dissipando frente ao meu desejo de fazer um bom trabalho. Não queria esse papel, mas agora que o tinha, iria me destacar e pronto.

– Vamos fazer alguns alongamentos profundos – disse depois que terminamos o aquecimento básico. – Vamos levantar a perna direita sobre a barra, respirar e descer o peito até a perna. Devagar, sem pressa…

Demonstrei o movimento para eles, me deleitando no alongamento e na música suave que tocava ao fundo. Essa era a parte mais tranquila do…

– Droga!

Ergui a cabeça ao ouvir Vincent reclamar. Abaixei a perna e o vi lutando para levantar o pé até a barra. O futebol não desenvolve naturalmente a

flexibilidade da mesma forma que a dança e a ginástica, portanto alguns alongamentos são difíceis para os jogadores.

No entanto, Asher já estava na posição correta e se divertindo com as dificuldades do meu irmão.

– É só um alongamento, DuBois – disse ele. – Mas não tem problema se você não conseguir. Nem todo mundo tem talento natural pra coisa.

O rosto de Vincent ficou vermelho. Ele *odiava* ser o segundo melhor, em especial se Asher fosse o primeiro. Nunca disse isso em voz alta, mas suspeitava que fora por isso que ele fez o que fez na última Copa do Mundo.

Se ele estivesse enfrentando qualquer outra pessoa, não teria fingido aquela lesão. Ele abominava esse tipo de coisa, mas sua rivalidade com Asher frequentemente o levava a fazer besteiras.

– Não me surpreende que você tenha um parâmetro tão baixo para o que considera talento – respondeu Vincent. – Surpresa, Donovan: dribles e gols espalhafatosos não significam que você é melhor do que outras pessoas.

– Não foi o que os jurados da Bola de Ouro acharam quando me deram meu quarto prêmio no ano passado. – Asher havia ganhado o prestigioso prêmio de melhor jogador da temporada quatro vezes; Vincent, duas. – Além disso, aparentemente, pra você, o "parâmetro" não é baixo o *suficiente* – disse Asher com um sorriso debochado, fazendo alusão ao exercício que estava dificultando a vida do meu irmão.

Os nós dos dedos de Vincent ficaram brancos ao redor da barra.

– Seu…

– Chega! – interrompi bruscamente. – Vamos voltar ao trabalho. Se quiserem discutir, façam isso outra hora.

Eles ficaram quietos e contrariados, mas ao menos não tentaram puxar briga um com o outro durante a sessão outra vez.

Modifiquei alguns alongamentos para Vincent e passamos a hora seguinte treinando diferentes técnicas de trabalho com os pés, que era o ponto em que o futebol e o balé se encontravam mais.

Nenhum deles havia feito cross-training com dança antes, por isso peguei leve no primeiro dia. Mesmo assim, ao final da sessão, os dois estavam exaustos e pingando de suor.

– Retiro tudo o que disse sobre futebol ser mais cansativo do que balé. – Vincent virou uma garrafa de água, ofegante e transpirando. – Não consigo acreditar que você passou metade da sua vida fazendo isso por diversão.

– Não era só por diversão. Era o meu trabalho – lembrei a ele.

Senti uma pontada de tristeza ao me ouvir dizendo a palavra "era", no passado, como se não fosse mais meu trabalho. Ser uma dançarina profissional, ao menos.

Eu achava balé divertido *mesmo* quando era mais jovem. Adorava a disciplina, a coreografia e os figurinos, mas, acima de tudo, adorava ter descoberto algo para o qual eu tinha um talento natural. Enquanto meus colegas se preocupavam com o que iriam fazer após a formatura, eu já tinha meu futuro garantido.

Então, uma noite chuvosa de verão roubou esse futuro, e eu fiquei com os restos do que poderia ter sido.

Uma onda de formigamento invadiu minha pele. Eu me virei e sequei a barra, esperando que Vincent não tivesse percebido minha mudança de humor.

Adorava o fato de ele falar sobre meu passado sem pisar em ovos como nossos pais faziam, mas nem sempre eu estava com cabeça para conversar sobre o assunto.

– Se as sessões forem difíceis demais pra você, é só desistir – disse Asher. Ele pegou uma toalhinha para me ajudar a limpar a barra e, dessa vez, o formigamento que invadia meu corpo não teve nenhuma relação com os fantasmas do meu passado. – Tenho certeza de que o técnico entenderia.

Vincent semicerrou os olhos, irritado.

– Ah, eu vou ficar bem. Estou mais preocupado com você. – Ele jogou a garrafa vazia na mochila. – Afinal de contas, só uma pessoa nesta sala ganhou uma Copa do Mundo, e não é você.

A temperatura despencou para níveis polares.

Asher fechou a cara, e eu disfarcei o desconforto. Até eu sabia que falar sobre a Copa do Mundo perto dele era proibido, e mal conhecia o sujeito.

– Talvez não, mas pelo menos não preciso trapacear pra ganhar.

– Trapacear de acordo com quem? Não com o árbitro. Não com o…

– Vocês podem parar com isso? – Minha explosão cortou a discussão deles pela segunda vez naquele dia. – Deixei a discussão anterior passar, mas não vou fazer isso de novo. Isto aqui é uma sessão de treinamento, não de luta livre. Não sei como funciona no clube de vocês, mas, no meu estúdio, vocês *vão ter* que se comportar como adultos e agir como *profissionais*. Se não forem capazes ou não quiserem fazer isso, ficarei feliz em transmitir a

mensagem ao técnico, porque não estou aqui pra ser babá, mediadora nem terapeuta de ninguém. Ficou claro?

Asher e Vincent me encararam, a briga que estavam travando já esquecida.

Eu raramente gritava, mas já estava no meu limite, tendo que lidar com minhas reações indesejadas a Asher e com a perspectiva de passar o verão inteiro vendo aqueles dois se bicarem.

– Ficou claro? – repeti.

– Claríssimo. – Asher respondeu primeiro, me examinando, sua cara emburrada de segundos antes se transformando em algo parecido com admiração.

Acho que eu preferia a cara emburrada.

– Pode deixar, mana. – Vincent deu um sorriso atrevido quando olhei para ele, mas não tentou provocar Asher de novo. Bem, Asher o havia provocado primeiro, mas ele piorou a situação ao mencionar a Copa do Mundo. – Jantamos juntos na quinta?

Eu não era boba. Vincent queria relembrar Asher de que ele era o estranho naquele trio, mas, se meu irmão achava que eu lhe daria alguma preferência só porque éramos parentes, estava redondamente enganado.

Mesmo assim, assenti.

– É sua vez de escolher, lembra disso.

Vincent e eu saíamos para jantar toda quinta-feira (exceto em caso de viagens e compromissos com o clube). Tínhamos passado a infância separados, nos vendo apenas nos feriados, porque, após o divórcio, eu tinha ficado em Londres com nossa mãe, e ele se mudara para Paris com nosso pai.

Quando ele foi transferido para o Blackcastle, alguns anos antes, tentamos recuperar o tempo perdido. Nada supera a família, em especial quando, assim como Vincent, se está cercado por tantos aspirantes a aproveitadores e gente que só pensa em transar com celebridades.

– Tenho uma entrevista com a *Match* daqui a uma hora, então a gente se vê depois.

Ele lançou um olhar de reprovação para Asher antes de sair.

Balancei a cabeça. A menção à *Match* foi obviamente dirigida ao rival. Os dois competiam pela imprensa e por patrocínios fora do campo tanto quanto competiam pela glória no gramado. Para eles, tudo envolvia quem

tinha o pau maior, e eles estavam constantemente tentando superar um ao outro.

– Então... – disse Asher, enquanto eu me arrumava e me preparava para ir embora também.

A sessão deles foi a última do dia, e estava ansiosa para tomar um agradável e demorado banho em casa. Ajudava a aliviar as dores. Além disso, eu gostava das bolhas.

– Finalmente sei seu nome – comentou Asher.

– Atendeu às suas expectativas? – brinquei.

– Um pouco, sim. Você tem cara de Scarlett. – Seu olhar tocou brevemente minha boca, e minha pele se aqueceu mais uma vez.

– Ah, mas o DuBois não te agradou.

– Mais ou menos isso. – O sorriso espontâneo que ele me lançou não deveria ter feito meu coração disparar, mas fez. – Mas preciso dizer que fiquei impressionado de você ter conseguido algo que eu achava impossível.

– O quê?

– Me fazer *gostar* de alguém com o sobrenome DuBois.

Revirei os olhos e contive uma risada, irritada e ao mesmo tempo achando graça.

– Você é um sedutor incorrigível.

– Sedutor? Sim. Incorrigível? Aí é uma questão de opinião. – Asher me seguiu até o corredor, suas longas pernas acompanhando meu passo acelerado. – Além disso, preciso ser ainda mais gentil com você, agora que sei que é irmã do Vincent. Você já sofreu o suficiente.

Minha risada finalmente se libertou, e seu sorriso em resposta apaziguou a pontada de culpa que senti por rir às custas de Vincent.

Eu realmente não havia imaginado que Asher seria tão carismático pessoalmente. Cheguei a ter um vislumbre disso no bar na semana anterior, mas o efeito fora amenizado pela cerveja derramada e pelo ambiente lotado.

Ficar a sós com ele depois de vê-lo em ação durante a aula e suportar todo o peso de sua atenção quando não havia mais ninguém por perto… era algo bem diferente.

Ele demandava atenção de um jeito que ninguém mais fazia. Isso era perigoso.

– Vocês são irmãos de pais diferentes? – perguntou Asher.

– Adotados. – Não era segredo, embora não andássemos por aí

espalhando a informação. – Antes que você diga mais alguma coisa, isso aqui… – Apontei de mim para ele. – Acaba agora.

Uma onda de bom humor invadiu seu rosto irritantemente perfeito.

– *Isso* o quê?

– Esse flerte. Não é profissional.

– Sinto informar, mas flertar faz parte da minha natureza, querida.

Argh. Deveria ser ilegal que qualquer palavra soasse tão deliciosa quanto "querida" na voz grave e acetinada de Asher.

– Bem, comporte-se de outra maneira ou guarde pra você.

– Não é assim que a natureza funciona.

– Na RAB é, sim. – Avistei minha salvação no final do corredor. – Carina! Aí está você. – Acelerei o passo. Finalmente, alguém que poderia servir como um escudo. – Estava te procurando.

Ela ergueu os olhos do maço de papéis em suas mãos.

– Estava? Quer dizer, é claro que estava. – Seus olhos se voltaram para Asher, e eu jurei ter ouvido um suspiro sonhador. *Ah, não. Você também não*. – Oi.

– Oi. – O sorriso dele só poderia ser descrito como "de encharcar calcinhas". – Você estava com a Scarlett no pub na semana passada, né? Eu sou o Asher.

Ele estendeu a mão, que minha amiga agarrou com entusiasmo até demais.

– Carina. É um prazer te conhecer oficialmente. Sou uma *grande* fã.

Asher aumentou a intensidade de seu sorriso.

– Obrigado. Quem sabe você consegue me ajudar a convencer a Scarlett de que eu não sou nenhum demônio? – Ele baixou o tom de voz para um sussurro conspiratório: – Acho que ela não gosta muito de mim.

– Ah, ela não gosta muito de ninguém, mas não se preocupa. Ela vai mudar de ideia. Em algum momento.

– Com licença. – Cruzei os braços. – Eu estou *aqui*.

– Sim, eu sei – disse minha amiga traidora. Ela afixou um dos papéis no quadro de avisos. – Deixa só eu terminar de colocar isto aqui, depois a gente pode ir.

Asher examinou a folha.

– "Audições para o espetáculo da equipe" – leu ele em voz alta. – "A apresentação deste ano será *Lorena.*" Nunca ouvi falar desse balé.

– É um repertório mais recente – explicou Carina. – Contemporâneo, não clássico.

– Para qual papel você vai fazer o teste? – perguntou ele para mim. – Eu ia adorar te ver no palco. Ver você me mostrar como os profissionais fazem.

Dessa vez, nem mesmo o sorriso dele foi suficiente para desfazer o nó na minha garganta.

– Nenhum – respondi. – Não participo das apresentações.

– Por que não?

– Porque não. – Evitei o olhar compreensivo de Carina. Além de Vincent, ela era a única pessoa que sabia das minhas questões com as apresentações. – Não tenho tempo.

– O espetáculo envolve muito trabalho – comentou Carina. – A participação da equipe não é obrigatória.

– Que pena. – Asher parecia genuinamente decepcionado.

Ele não era o único. Se eu pudesse estalar os dedos e realizar um desejo, desejaria poder dançar no palco novamente, mas a vida não funcionava assim.

– Temos que ir, ou vamos perder o metrô. – Enganchei meu braço no de Carina e a arrastei pelo corredor antes que Asher decidisse cavoucar mais o assunto. – Vejo você na quarta-feira, na nossa próxima sessão – acrescentei, olhando para trás.

Ele abriu um sorrisinho, como se soubesse exatamente por que eu estava com pressa.

– Ansioso por isso, Scarlett.

Um arrepio de tirar o fôlego percorreu meu corpo.

Se a maneira como ele disse "querida" era ilegal, a intimidade aveludada com que ele pronunciou meu nome tinha sido totalmente pecaminosa.

Não olhei para trás, mas o calor de seu olhar permaneceu por muito tempo depois de termos virado o corredor.

– Uau – disse Carina assim que nos vimos a uma distância segura de ouvidos alheios.

Ela não precisou explicar.

Eu sabia exatamente o que estava querendo dizer.

CAPÍTULO 5

ASHER



A garota misteriosa era Scarlett.

Scarlett era a irmã de Vincent.

A irmã de Vincent era nossa nova instrutora.

Passei os últimos dois dias pensando em todo aquele absurdo e ainda não conseguia entender exatamente como me sentia.

Scarlett não era nada como eu imaginava que a irmã de Vincent poderia ser. Era mais reservada, mais espirituosa e mais irritadiça, do jeito mais encantador de todos. Eu tinha ido à RAB na segunda-feira preparado para, na melhor das hipóteses, tolerá-la, e acabei descobrindo que a garota que não saía da minha cabeça era parente do meu maior rival.

O universo tinha um senso de humor doentio.

Parei à porta do estúdio. Scarlett já estava lá dentro preparando tudo, mas algo me impediu de entrar imediatamente.

Dissera a mim mesmo que ficaria longe antes de descobrir quem ela era. Obviamente, eu não tinha mais essa opção.

Mas você tem a opção de não chegar mais cedo para passar mais tempo sozinho com ela, disse uma voz irritante na minha mente.

Meu maxilar ficou tenso. *Ah, cala a boca.*

Discutindo comigo mesmo. Isso nunca é um bom sinal.

Scarlett se virou. Nossos olhares se cruzaram, e de repente fiquei muito consciente de cada centímetro do meu corpo.

– Chegou cedo. – Ela não se moveu de onde estava, perto da barra, nem

eu da porta.

– Sou esse tipo de aluno.

– O tipo que faz de tudo para cair nas graças da professora?

– Querida, eu vou adorar cair nas suas graças.

Dei um sorrisinho ao ver o tom rosado que se insinuava no rosto e no pescoço dela.

Ela corava com tanta facilidade... Era adorável, em especial quando contradizia as palavras que saíam de sua boca.

– Duas novas regras – anunciou ela. – A primeira, pare de flertar comigo. Pra sempre.

– Ah, de novo isso. Pra sempre é muito tempo. – Finalmente abandonei meu posto na porta e entrei no estúdio. – Além disso, eu não estava flertando. Estava falando a verdade.

– Segunda – disse ela, me ignorando. – Não me chame de querida.

– E docinho?

– Não.

– Senhorita?

– *Não*.

– Sininho?

– A não ser que você queira levar um chute no sininho que tem no meio das pernas.

Uma gargalhada irrompeu do meu peito.

– E eu aqui pensando que bailarinas deveriam ser elegantes e delicadas.

– Ah, nós somos. – Scarlett arqueou a sobrancelha. – Também somos, sem tirar nem pôr, algumas das atletas mais fortes do mundo. Então acredite em mim quando digo que *vou* te dar um chute e que *vai* doer.

– Eu acredito em você. – Não conseguia parar de sorrir. – Nada de flertar, nada de querida. Combinado.

Nossa conversa morreu quando Vincent apareceu um minuto depois. *Clássico*. Ele sempre estragava tudo.

No entanto, a bronca de Scarlett durante a última sessão estava fresca em minha memória, então mantive a boca fechada e fiz o melhor que pude para ignorá-lo.

Provavelmente não era isso que Frank tinha em mente quando nos forçou a treinar juntos, mas ele não estava lá. O que os olhos não veem o coração não sente.

De qualquer forma, não tínhamos muito tempo para "criar laços". As pessoas subestimavam o rigor do balé porque parecia algo muito etéreo, mas na realidade o treino era *brutal* – e ainda estávamos na fase iniciante.

A figura delicada de Scarlett enganava. Ela comandava a aula como uma sargenta à frente de um treinamento. Até o técnico ficaria impressionado.

– Um, dois, três, quatro. Repitam, dois, três, quatro. Ótimo. Outra vez. Eu…

Scarlett parou de falar do nada, a cor de seu rosto se esvaindo.

Vincent e eu titubeamos.

– Você tá bem? – perguntei, ao mesmo tempo que ele disse:

– É a…

– Não. Eu tô bem. – Ela abriu um sorriso tenso. – Só tenho que… ir ao banheiro. Continuem. Volto já.

Meu olhar a seguiu para fora da sala. Percebi que ela estava andando de um jeito estranho, como se não quisesse forçar uma das pernas, mas talvez tivesse sido só impressão minha.

Ela está bem. Scarlett não tinha motivos para mentir e, mesmo que não estivesse se sentindo bem, era capaz de cuidar de si mesma.

Então por que eu estava preocupado?

– Nem pense nisso. – O tom assertivo de Vincent levou minha atenção de volta para ele.

Arqueei a sobrancelha, intrigado.

– Eu vi como você olha pra ela – prosseguiu Vincent. – Se encostar um dedo na minha irmã, eu te mato.

– Não vem com essa de irmão superprotetor, DuBois. É bem clichê.

– Estou só te dando um toque amigável. – A expressão dele era tudo menos amigável. – A Scarlett está fora de cogitação.

– A Scarlett pode falar por si mesma.

– Sim, mas é boazinha demais com esses cretinos que só querem se aproveitar dela.

Não sabia ao certo se estávamos falando da mesma Scarlett, já que a que seu conhecia parecia perfeitamente à vontade em me pôr no meu lugar.

Não me dei ao trabalho de questionar a parte sobre *esses cretinos que só querem se aproveitar dela*. Conhecia minhas intenções e limites; Vincent podia pensar o que bem entendesse.

– Não que você vá ter sucesso mesmo se tentar arrastar a asinha. Minha

irmã nunca mais vai namorar um jogador de futebol. – Vincent deu de ombros. – Que pena.

Nunca mais? Com qual jogador ela já havia se relacionado antes? Por quanto tempo eles ficaram juntos? Era um namoro antigo ou um término recente?

Reprimi o desejo irracional de perguntar a ele sobre o ex da irmã. Não daria a Vincent esse gostinho.

Scarlett voltou, interrompendo nossa discussão. Estava menos pálida, mas sua voz tinha perdido a força da primeira metade da sessão.

Vincent disse algo em francês. Ela respondeu no mesmo idioma e lhe lançou um olhar incisivo. O que quer que o irmão estivesse dizendo, Scarlett não queria que dissesse na minha frente, mesmo que fosse em outra língua.

Estávamos quase terminando a sessão quando o telefone dele tocou.

– Eu sei, eu sei. Desculpa. – Ele correu até a mochila em um canto. – Mas esse é o toque de emergência do papai.

A irritação de Scarlett se transformou em preocupação visível quando Vincent atendeu. Ele ouviu e disse bruscamente algumas palavras em francês antes de encerrar a chamada.

– O que aconteceu? – perguntou ela.

– Papai sofreu um acidente.

Mais palavras aceleradas em francês, seguidas por um meneio de cabeça de Scarlett e um olhar de esguelha de Vincent na minha direção.

O que foi que *eu* fiz?

– Desculpa ter que interromper a aula assim – disse Scarlett enquanto Vincent colocava a mochila no ombro. – Isso não acontece com frequência, mas...

– Tudo bem. Eu entendo. – De todo modo, só tínhamos mais dez minutos de treino, e meus músculos estavam precisando de um descanso. – Seu pai está bem?

– Acho que sim. O Vincent vai resolver. Meu pai é… exigente com quem cuida de seus assuntos pessoais.

– Eu te ligo mais tarde pra te atualizar. – Vincent cravou um olhar mordaz em mim ao sair do estúdio. – Não esquece o que falei mais cedo.

Esperava que o comitê responsável pelo Nobel da Paz tivesse percebido que tomei a decisão certa e não respondi com sarcasmo. Afinal, o pai dele estava numa situação delicada, e eu não era nenhum monstro.

– Desculpa mais uma vez. – Scarlett passou a mão pelo coque, aflita. – Estamos só na segunda sessão, por isso não quero dar a impressão errada. Normalmente as aulas não têm tantas perturbações.

– Por perturbações, você quer dizer ir ao banheiro e ter uma emergência de família? – Eu me encostei na barra e cruzei os braços. – Que falta de profissionalismo. Você deveria se demitir agora.

Ela apertou os lábios.

– É, falando assim, não parece tão ruim.

– Nunca é.

Um trovão ribombou ao longe e atraiu nossos olhares assustados para a janela. Estava tão concentrado no que acontecia dentro do estúdio que não havia notado a transição de uma bela tarde de primavera para uma tempestade violenta.

– Não me diga que você vai pegar o metrô com esse tempo – falei, ao observar Scarlett reunir seus pertences.

Eram uns quinze minutos de caminhada até a estação mais próxima, e lá fora parecia que estava acontecendo um apocalipse.

– As pessoas pegam o metrô o tempo todo quando está chovendo.

– Só quando não têm outra opção. Deixa que eu te levo em casa. – Eu a segui pela porta e pelo corredor. – A Carina foi embora cedo, então você não precisa esperar por ela.

Scarlett me encarou.

– Você está vigiando minha amiga?

– Eu esbarrei com ela quando estava vindo pro estúdio. Ela me disse que tinha uma consulta médica à tarde.

– Por que ela… Deixa pra lá. – Scarlett balançou a cabeça. – Ela não consegue ficar calada.

– Pensa só – falei, conforme nos aproximávamos da saída. – Você prefere pegar o metrô com vários passageiros molhados e mal-humorados ou aproveitar o banco do passageiro de um Mercedes novinho em folha?

– O metrô. Já ouvi falar do seu jeitinho imprudente na direção e não quero me meter nisso.

Eu deveria desistir e ir embora. Nem sequer deveria falar com ela fora do treinamento (nada de distrações, etc.), mas Scarlett, não sei por quê, me fazia esquecer a razão.

– É um carro de passeio, não um carro esportivo. – O Mercedes era o

meu carro antipaparazzi. – Não vou ultrapassar o limite de velocidade nem um quilômetro. Prometo.

– Não, obrigada. – Scarlett abriu a porta. – Vou pegar o…

– Asher! Asher, é sua nova namorada?

– Como você se sente por ter perdido o campeonato na sua primeira temporada no Blackcastle?

– É verdade que você e o Vincent vão treinar juntos neste verão?

Um ataque de perguntas e flashes de câmeras explodiu como uma bomba em meio ao tranquilo santuário que era a RAB.

Os paparazzi nos cercaram, com suas capas de chuva pingando, as câmeras enfiadas em nossos rostos, e eu fiquei em silêncio por um momento, atordoado.

Como diabos eles me encontraram? Todos na RAB tiveram que assinar contratos de confidencialidade, e eu sempre tomava cuidado ao dirigir da minha casa para lá. E o mais importante: como *diabos* eles conseguiram passar pelos portões de segurança?

– Você viu que os torcedores estão queimando as suas camisas em Holchester?

– Qual é a sensação de ser odiado pela torcida que antes te amava?

O clamor aumentou. Com seus capuzes levantados e lentes pretas gigantes obscurecendo o rosto, assemelhavam-se a um bando de abutres espumando por restos.

Meu coração acelerou. Os gritos e os flashes se transformaram em ruído branco enquanto minhas entranhas se contorciam e eu era invadido pela desorientação familiar que esses momentos me causavam.

Eu não odiava a mídia. Tínhamos uma relação simbiótica, mas somente quando o envolvimento era mútuo.

Odiava *aquilo* ali: as emboscadas, a invasão de privacidade, as tentativas asquerosas de me irritar para que pudessem vender minha reação por uma mixaria. Era por isso que me recusava a dar isso a eles.

A chuva caía em gotas grossas e pesadas, me encharcando até os ossos. Trovões retumbavam acima de mim e agravavam o caos enquanto eu recuperava minhas faculdades mentais e tentava abrir caminho em meio à multidão.

Mais tarde eu me preocuparia em entender como tinham me encontrado. Naquele momento, só precisava chegar até o carro e tirar a

gente dali.

A gente. Scarlett.

Entrei em pânico ao me virar e vê-la congelada no topo da escada, com os olhos arregalados e o rosto pálido. Pensei que estivesse bem atrás de mim, mas ela parecia em choque.

Um dos paparazzi disse algo que se perdeu na tempestade e agarrou o braço dela.

Um interruptor foi acionado, e minha determinação de manter a boca fechada desapareceu sob uma névoa de ira.

– Ei! – Voltei até lá e dei um empurrão nele. – Não encosta nela!

Os flashes da câmera explodiram em um novo frenesi.

– Vocês estão dormindo juntos?

– Ela é sua instrutora?

– Qual é o relacionamento entre vocês?

– Asher?

– *Asher!*

Minha voz e os gritos ao redor tiraram Scarlett de seu estupor. Ela agarrou minha mão estendida e correu comigo até o carro.

Saí me enfiando entre os paparazzi sem cuidado nenhum e, de algum jeito, chegamos até o carro sem maiores incidentes.

Ela me deu seu endereço, mas não voltamos a nos falar até que eu tivesse saído dos arredores da RAB e as câmeras fossem uma horda distante.

– Você tá bem? – perguntei. Aquela parecia ser a pergunta do dia.

– Aham. Eu só… – Scarlett piscou rápido, o tremor nas palavras evidenciando sua perplexidade diante do caos de minutos antes. – Você sempre passa por isso?

– Nem sempre, mas na maioria das vezes, sim.

Aquele era um dos muitos motivos pelos quais eu não namorava. Qualquer relacionamento desmoronaria sob o peso combinado de minhas obrigações com o futebol, do escrutínio público e dos paparazzi intrometidos. Todos queriam namorar uma celebridade, até o dia em que chegavam em casa e encontravam pessoas vasculhando o seu lixo em busca de algo que pudesse render algum dinheiro.

– Meu Deus. – Scarlett se recostou no assento. – Como eles te encontraram?

– Ou alguém quebrou o acordo de confidencialidade, ou eles me

seguiram desde a minha casa e eu não percebi.

Precisava ligar para minha assessora de imprensa e ver se ela poderia impedir que as fotos fossem publicadas. Os paparazzi muitas vezes não estavam nem aí para as regras, mas Sloane era conhecida por conseguir dobrá-los. Não queria que Scarlett tivesse que lidar com a confusão absoluta se seu rosto acabasse estampado em todos os tabloides do país.

– Obrigada por me ajudar naquela hora – disse ela, calmamente. – Você não precisava ter feito aquilo. Eles provavelmente conseguiram uma foto sua empurrando aquele cara.

– Ele mereceu. – Meus músculos se contraíram novamente com a lembrança das mãos daquele idiota em cima dela. – Não deveria ter encostado em você.

Scarlett engoliu com força.

– Estou surpreso por você não ter passado por problemas parecidos antes – falei, após outro período de silêncio. – Por causa do seu irmão.

– Ele me blinda desse tipo de coisa. Além disso, ele mora em Paris entre as temporadas e, quando está aqui, nos vemos um na casa do outro, não em público.

– Então vocês dois são próximos.

– Somos. Crescemos em cidades diferentes, mas nos falávamos com frequência. Eu não tinha muitos amigos quando era criança por conta dos meus compromissos com o balé, e ele tinha o mesmo problema por causa do futebol. A gente era quase confidente.

Era estranho. O assunto Vincent geralmente me irritava, mas eu poderia ouvir Scarlett falar o dia inteiro dele sem me cansar.

Por outro lado, isso tinha menos a ver com o assunto e mais com *ela*, sempre tão reservada que qualquer vislumbre de sua vida pessoal me fascinava.

Ao parar num sinal vermelho, tirei alguns segundos para observá-la. Ela olhava fixamente para a frente, com as sobrancelhas franzidas, perdida em pensamentos. Eu era muito bom em ler as pessoas, mas Scarlett poderia estar pensando tanto nas minhas palavras quanto na vida ou no que gostaria de jantar. Eu não fazia a menor ideia.

Meu olhar traçou a curva elegante de seu perfil em busca de algo que eu não conseguia nomear. Gotas d'água se agarravam a seus cílios e cobriam os fios de cabelo penteados para trás em um coque. A elegante inclinação de

seu nariz dava lugar a uma boca exuberante e a um queixo delicado, ambos firmes em uma linha obstinada.

– Para de fazer isso – disse ela sem se virar para mim.

– Fazer o quê?

– Me encarar.

– Vai ser difícil treinar se eu não puder olhar pra você.

– Olhar pra mim por conta do treino tudo bem. Ficar me olhando *desse jeito* não.

Ela finalmente desviou os olhos da rua, apontando de mim para ela.

– De que jeito, exatamente, estou olhando pra você? – perguntei, achando graça.

– Como se você… – Scarlett hesitou, e o ar de repente se condensou em algo mais espesso, quase tangível.

Seus olhos não encontraram os meus, mas o ritmo constante das gotas caindo no vidro era o mesmo dos meus batimentos.

– Como se eu o quê?

A pergunta flutuou entre nós, suave o suficiente para não perturbar a tensão que tomava conta do interior do carro.

Seus lábios se separaram por um instante antes de ela erguer o queixo, com uma expressão mais severa.

– Como se você estivesse flertando comigo. Isso não é permitido, lembra? É uma das regras.

– Você tem muitas?

– O quê?

– Regras.

– Eu sou bailarina. Minha vida é feita de regras.

– Isso é péssimo. – O sinal finalmente ficou verde, e quebrei o contato visual para me concentrar na rua. – Você se divertiria mais sem elas.

Senti o olhar de Scarlett aquecendo minha bochecha antes de ela também se virar para a frente.

A tensão não se dissipou no silêncio do momento, mas se reorganizou, carregando o ar com um zumbido constante e me tornando hiperconsciente de sua presença, mesmo quando não estava olhando diretamente para ela.

Sua perna fazendo um movimento quase imperceptível. Seu queixo baixando. Seu peito subindo e descendo levemente.

Merda. Apertei o volante com mais força.

O trajeto de vinte minutos até o apartamento de Scarlett pareceu longo e curto demais ao mesmo tempo e, quando ela finalmente saiu do carro com um "obrigada" que foi mais um murmúrio do que um agradecimento, não consegui responder com nada além de um aceno de cabeça.

Esperei até que ela entrasse em segurança antes de sair com o carro, mas o cheiro dela permaneceu no ar.

A Scarlett está fora de cogitação. O aviso de Vincent ecoou em minha cabeça.

Eu estava começando a achar que seria melhor me manter longe mesmo, não porque tinha medo de Vincent, mas porque tinha medo do que seria de mim se chegasse perto demais dela.

CAPÍTULO 6

SCARLETT



– Quem te trouxe para casa?

– O que te faz pensar que alguém me trouxe para casa? – Tirei a comida chinesa das sacolas e evitei o olhar do meu irmão. – Eu sempre pego o metrô.

Não era quinta-feira, mas ele tinha aparecido no meu apartamento uma hora antes, depois de resolver a situação do nosso pai. Olhei bem para a cara dele, deixei-o entrar e pedi comida para nós dois.

Às vezes a intuição de irmão superava as explicações.

– É uma longa caminhada até a estação de metrô, e não tem nenhum guarda-chuva secando no hall. Ou seja, você não pegou o metrô. – Vincent deu de ombros. Estávamos sentados à mesa da minha cozinha em nossos lugares habituais (eu ao lado da janela, ele ao lado da geladeira). – Elementar, meu caro Watson.

– Nossa, temos um Sherlock Holmes na minha cozinha. Alguém liga para a BBC e avisa que eles já podem fazer uma nova versão.

– Rá, rá. – Vincent pegou um rolinho primavera da embalagem. – Não foi a Carina, foi? Porque ainda não esqueci a vez que ela meteu minha Lambo no meio-fio.

– Ela já se desculpou várias vezes por isso – falei, reprimindo uma risada ao lembrar o rosto de Vincent quando viu o arranhão em seu precioso carro. Carina era uma segunda irmã para ele, e era só por isso que Vincent a deixava dirigir a Lamborghini. – E, não, não foi ela. Foi outra pessoa da

academia.

Asher estava treinando lá e, portanto, era um membro temporário da academia, então eu não estava mentindo. Em tese.

Eu não *queria* entrar em um carro com ele. Depois do acidente, não lidava bem com motoristas que não conhecia, e era por isso que raramente pegava táxi, mas a emboscada dos paparazzi não me deu escolha.

– Então foi outra pessoa da equipe. – Por alguma razão, Vincent pareceu aliviado. Talvez uma parte paranoica dele temesse que *Asher* tivesse me levado para casa. – Ótimo.

Não o corrigi, ou provaria que ele tinha motivos para estar paranoico.

Olhando para trás, eu deveria ter ficado apavorada de entrar naquele carro com Asher, considerando que ele era conhecido por ser inconsequente ao volante. No entanto, ele dirigiu devagar e com bastante cautela, e nossa conversa me impediu de entrar em parafuso.

Para alguém cuja mera presença me deixava nervosa, ele também tinha um jeito próprio de aliviar minha ansiedade: me distraía tanto que eu não tinha tempo para pensar em mais nada.

Fui tomada por um desconforto inquietante. Não gostava de minhas reações contraditórias em relação a Asher. Preferia separar minhas emoções em caixas distintas – preto e branco, bom e ruim, ordem alfabética e por cores. Mas, quando olhava para ele, eu era uma tela cinza desordenada.

Eu *odiava* cinza.

– Então, vamos falar sobre o que aconteceu? – perguntei, mudando de assunto. Asher e eu não tínhamos feito nada de errado, mas não queria que Vincent surtasse e me acusasse de estar me envolvendo com o inimigo. – Como está o papai?

Tudo que eu sabia era que ele havia sofrido um acidente. Vinha passando por vários, já que estava aposentado e sempre de um lado para outro, mas geralmente eles envolviam bater a cabeça ou prender a mão na porta. E ele sempre agia como se estivesse à beira da morte ao menor sinal de problema.

Vincent não era o único dramático da família.

Ainda assim, ele era nosso pai, portanto era nosso dever cuidar da sua saúde, por isso Vincent atribuiu ao número dele um toque de emergência.

– Caiu e fraturou o quadril. Ele tá bem – disse meu irmão, antes que eu me desesperasse. – Não vai precisar de cirurgia. Mas, é, ele me pediu pra voltar pra casa e ficar com ele até o início da temporada ou até ele estar

recuperado.

Semicerrei os olhos, observando Vincent devorar seu rolinho primavera.

– Você não pode contratar uma enfermeira? Precisa ser você, especificamente?

– Eu *contratei* uma enfermeira, e é por isso que ele quer que eu fique com ele. Você sabe que ele odeia ficar sozinho com estranhos.

Era justo, mas…

– Vince, você não consegue nem preparar uma sopa decente. O que vai fazer lá?

Não conseguia imaginar meu irmão maravilhoso, atlético mas profundamente sem traquejo, cuidando de qualquer coisa que não tivesse a ver com futebol, videogame ou festa.

– Ainda bem que não envolve sopa nenhuma – rebateu ele. – Só preciso fazer companhia pro papai e o deixar à vontade com uma enfermeira por perto 24 horas por dia, sete dias por semana. Se eu não estiver lá, ele pode levá-la a cometer um assassinato.

– Quanto tempo de recuperação?

– É difícil dizer. Os médicos estimam algo entre três e quatro meses.

– Humm. – Eu o estudei com uma pontada de suspeita. – Você não está fazendo isso pra escapar dos treinos com o Asher, está?

– É claro que não! – esbravejou ele. – Confia em mim, Lettie, eu prefiro ficar em Londres. Não quero você sozinha com o Asher, até porque ele…

Fiquei tensa.

– Até porque o quê?

Ele sabe da carona para casa. Ele sabe que Asher está flertando com você e que, ao contrário do que você diz, uma parte sua gosta disso.

– Até porque ele é um babaca – disse Vincent após um momento de hesitação. – Não caia na lábia dele. É pura encenação. Apenas isso. Já vi acontecer um milhão de vezes. A gente não deveria ter contratado esse cara – resmungou. – Você vai ver como ele é. Só dá dor de cabeça.

O alívio desfez o embrulho em meu estômago. *Ele não sabe.*

– Não sou idiota, Vincent. Além disso, tenho uma regra bastante rigorosa de não sair com jogadores de futebol. Asher Donovan não está no meu radar romântico e jamais estará.

Atração física não contava como romance. Era uma coisa involuntária e hormonal. Meu corpo podia não concordar, mas meu cérebro estava firme

em sua decisão e meu coração estava trancado em segurança.

No entanto, uma semente de culpa permanecia alojada em meu peito. Não importava a justificativa racional que eu desse para a carona, continuava a *parecer* uma traição, e eu odiava fazer qualquer coisa que pudesse colocar em risco meu relacionamento com Vincent. Além de Carina, ele era a única pessoa em quem eu confiava plenamente.

– Ótimo. – Apesar da resposta, a cara de Vincent se fechou ainda mais. – Pensando bem, talvez eu possa conversar com o papai e convencê-lo de que a enfermeira não vai, sei lá, esfaqueá-lo enquanto ele dorme quando eu não estiver lá. Posso ficar aqui durante a semana pro treino e pegar o trem para Paris nos fins de semana. Quanto mais penso nisso, menos confio naquele babaca do Donovan.

– Isso é ridículo. Você vai pra Paris *todo* final de semana? – Balancei a cabeça. – Vai ser impossível convencer o papai. Ele vai surtar e você sabe disso.

– Mas…

– Para de me tratar feito criança. – Apontei meu garfo para ele. – Eu vou ficar bem. O Chefão afinal não colocou vocês pra treinar comigo porque queria que os dois trabalhassem juntos? Se vocês não estão aqui, minhas aulas perdem o sentido. Existe uma boa chance de ele cancelar o programa e o Asher voltar a treinar sozinho.

Vincent me encarou por um bom tempo até que seus ombros relaxaram.

– Tem razão. – Ele parecia muito mais tranquilo. – Se o Chefão me liberar, o que ele basicamente tem que fazer, não vai obrigar o Donovan a ficar com você. Seria uma estupidez.

Torcia para que esse fosse o caso. Caso contrário, Asher e eu seríamos forçados a ter aulas particulares. Três vezes por semana, toda semana, até o fim do verão.

Uma agitação errante revirou meu estômago. *Decepção ou expectativa?* Eu não sabia dizer, o que era alarmante.

– Exatamente. – Esperava ter soado confiante e não como se estivesse tentando manter a calma. – Ele jamais faria isso.

• • •

– As sessões continuam. Já falei com o Frank. A ausência do Vincent não muda nada pra você e pro Asher – comentou Lavinia, aparentemente alheia ou indiferente ao meu gritinho de surpresa.

Vincent partiria para Paris no dia seguinte com a permissão do Chefão. Frank provavelmente estava desconfiado da emergência de família em um momento tão conveniente, mas não havia muito que ele pudesse fazer a respeito da situação. Meu irmão havia oficialmente se safado dos treinos.

Eu havia solicitado uma reunião com Lavinia naquela manhã para saber se a ausência dele afetaria meus compromissos durante o verão.

Pelo visto, não.

– Não estou entendendo. – Um turbilhão de ansiedade se acumulou em minhas entranhas. – O objetivo das sessões era que o Vincent e o Asher aprendessem a trabalhar juntos. Se o Vincent não está aqui, então…

– Esse era *um* dos objetivos. Mas eles ainda precisam treinar como atletas normais. Já assinamos um contrato com o Blackcastle e eles pagaram pelo verão inteiro. Não faz sentido desfazer tudo isso simplesmente porque um deles não está.

– Claro. – Forcei um sorriso. *Malditos contratos.*

– Isso significa que você vai trabalhar com o Asher individualmente. – Lavinia olhou para mim por cima da armação dos óculos. – Isso é um problema?

– Eu… Não. Claro que não.

Sessões individuais com Asher. Tranquilo.

Tranquilíssimo.

O Vincent sabia? Ele tinha saído lá de casa na quinta certo de que o Chefão suspenderia o programa de treinamento. Se isso não acontecesse, ele ficaria furioso quando descobrisse, mas estava de mãos atadas. Em hipótese alguma nosso pai deixaria que ele voltasse para Londres antes da partida da enfermeira.

Querendo ou não, eu estava presa a Asher pelo resto do verão.

– Mais alguma coisa que você gostaria de discutir? – perguntou Lavinia, com um tom incisivo.

Meu "não" chegou à ponta da língua no momento em que meus olhos pousaram na foto atrás de Lavinia. Exibia o elenco após a apresentação da equipe no ano anterior. Todos os instrutores estavam presentes, menos eu e Barden, que estava em lua de mel.

Para qual papel você vai fazer o teste? Eu ia adorar te ver no palco.

Uma lasca de gelo perfurou meu estômago.

Havia mentido sobre estar ocupada demais para o espetáculo da equipe. A verdade é que eu *sentia falta* de estar no palco. Sentia falta de deslizar na madeira lisa, dos crescendos pulsantes durante as cenas mais importantes, da sensação de transcendência quando éramos apenas eu e a música.

Quando eu estava no palco, não pensava demais: simplesmente me movia.

Mas meu desejo de me apresentar novamente não superava meus medos. Fazia cinco anos que não subia em um palco e dançava de verdade. Se tentasse, será que agravaria lesões antigas ou, pior, fracassaria por completo?

Scarlett DuBois. Era a próxima grande estrela; agora olhe para ela: não consegue nem fazer um teste para uma apresentação da própria companhia.

A lasca de gelo deslizou mais profundamente para dentro de minha caixa torácica.

– Não – falei para Lavinia. – Era só isso.

Saí da sala e balancei a cabeça em resposta ao olhar questionador de Carina. Mais tarde eu explicaria tudo para ela.

No restante do dia, tentei não pensar em Asher ou na apresentação. Em vez disso, respondi às perguntas de Emma sobre o que fazer para se preparar para um grande show, ouvi Carina me contar histórias malucas sobre os pais dos alunos durante o almoço (as mães do mundo da dança eram de uma espécie assustadora), conversei com meu pai durante um intervalo e ignorei a mensagem de voz de minha mãe sobre marcar um encontro para mim com um cara aleatório.

"Scarlett, meu amor, me ligue quando puder", disse ela. "Tenho uma oportunidade *maravilhosa* para você. Ele é um…"

– Você mudou de roupa.

O celular escorregou da minha mão e caiu no chão do estúdio.

– Meu Deus! Você não pode brotar do nada atrás das pessoas desse jeito.

Asher se recostou no batente da porta, vestindo calça jeans e camiseta cinza, a imagem do que é ser avassalador sem fazer esforço.

Argh. Como era possível que alguém ficasse *tão* lindo em uma roupa tão básica?

Fechei a cara, com uma irritação irracional.

Deus definitivamente tinha seus favoritos, e Asher era um deles.

– Eu não brotei do nada atrás de você – disse ele, a voz risonha. – Você só estava ocupada demais pra me notar.

Peguei meu telefone no chão. Pelo menos a mensagem de voz de minha mãe tinha terminado, então ele não precisava ouvir qualquer plano que ela estivesse armando para "animar" minha vida amorosa "tragicamente inexistente".

– O que você está fazendo aqui, por sinal? – perguntei. – Não temos nada marcado pra hoje.

Era quinta-feira, e nossas sessões eram às segundas, quartas e sextas.

Asher deu de ombros casualmente.

– Estava por aqui e resolvi dar uma passadinha.

– Para...?

– Para nada. Só fiquei com vontade.

– Você está me dizendo que *o* Asher Donovan não tem nada melhor pra fazer com o tempo dele do que dar uma passadinha numa academia de dança?

Uma sombra perpassou aqueles olhos verdes cristalinos.

– Eu até tenho outras coisas pra fazer – disse ele. – Mas não diria que são melhores do que estar aqui.

O ar quente entrava pelas janelas abertas e roçava minha nuca, percorrendo toda a extensão da minha coluna até os dedos dos pés e fazendo minha pele formigar.

Então Asher piscou, e aquele instante se dissolveu como mel em um oceano beijado pelo sol.

– Na verdade, eu tinha uma coisa pra te dizer – explicou ele. – Falei com minha assessora de imprensa. Ela resolveu a situação de ontem com os paparazzi. Eles estavam invadindo uma propriedade particular, e conseguimos intimidá-los para que concordassem em não publicar nenhuma foto.

– Ah. – Tive dificuldade de me orientar diante de seu novo tom de voz. Era como se ele tivesse apertado um botão, indo de brincalhão a profissional. – Que bom. Você sabe como eles te encontraram?

– Eles seguiram o Vincent. – Ele fechou a cara. – Não é difícil identificar aquela Lamborghini laranja ridícula dele.

Resisti em apontar que Asher tinha uma bela quantidade de carros esportivos "ridículos"; a *Football World* já fizera uma matéria bem grande

sobre sua coleção multimilionária.

– Ele não mencionou os paparazzi quando nos falamos ontem. – Estava tão distraída com o acidente do nosso pai que não perguntei a Vincent se ele havia esbarrado com algum ao sair. – Ele teria comentado se tivesse visto alguma coisa.

– Acho que eles ainda estavam escondidos quando ele saiu, mas deram um jeito de se esgueirar depois. – Asher me examinou, os olhos antes tão calorosos agora inescrutáveis. – Ouvi dizer que ele vai passar o verão em Paris.

– Pois é. Pra cuidar do nosso pai.

Uma dor se instalou nas articulações de meus joelhos.

– Então daqui pra frente seremos só nós dois no treinamento.

Joguei o peso para a outra perna, na esperança de aliviar a pressão. Não funcionou.

– Foi o que a Lavinia disse. Não faz sentido complicar as coisas quando o Blackcastle já pagou pelo verão todo.

– Acho que você tem razão. – Asher não se moveu de seu lugar à porta.

Sua resposta foi mais apática do que eu imaginava, o que era *bom*. Fui eu que estabeleci a regra sobre não flertar. Não podia ficar irritada com ele por segui-la.

A dor subiu pela minha coxa até os quadris.

Inspirei fundo e soltei o ar, esquecendo a curiosa mudança de comportamento de Asher. Tinha passado meses sem ter uma crise, mas a última semana fora um pesadelo. Estresse, hormônios, mudanças climáticas – nem sempre havia um motivo para minha dor.

Antes que eu pudesse responder, ele se endireitou de repente e virou a cabeça para a esquerda.

– Ei! – Sua voz estava cheia de desconfiança. – Você trabalha aqui?

Não ouvi nenhuma resposta, mas, um segundo depois, passos fortes ecoaram pelo corredor.

Asher saiu atrás deles, e instintivamente o segui, apesar do grito de protesto do meu corpo. Meu coração disparou de medo.

Eram os paparazzi de novo? Esse foi o único motivo que me ocorreu diante da reação dele. Se eram, como eles *entraram* na escola mesmo com a segurança em alerta depois do primeiro incidente?

Saí do estúdio correndo, mas, com a pressa, bati o quadril no batente da

porta. A maioria das pessoas poderia facilmente superar a colisão, mas, no meu estado naquele momento, foi o equivalente a uma bomba explodindo dentro de mim.

Um grito de dor escapou antes que eu pudesse me conter.

Asher interrompeu a perseguição e se virou. A preocupação se infiltrou em seu rosto.

– Scarlett?

Sua voz soou distante, como se eu estivesse afundando debaixo d'água enquanto ele observava da margem.

O sangue rugia em meus ouvidos. O corredor foi se inclinando à medida que toda a atenção se concentrou em minhas pernas, a dor as fazendo latejar com a força de uma marreta abrindo caminho através de uma parede.

Respira.

Inspira, um, dois, três. Expira, um…

Outro raio de agonia me atravessou, tão lancinante e doloroso que parecia que alguém estava me rasgando ao meio de dentro para fora.

Se a dor de antes havia sido um martelo, aquela eram mil espinhos perfurando os pontos mais sensíveis do meu corpo.

Minha visão se encheu de estática, e mantive a consciência apenas por tempo suficiente para ver Asher correndo em minha direção antes que o chão se aproximasse de repente e tudo ficasse preto.

CAPÍTULO 7

SCARLETT



Tudo doía.

Meus ossos, minhas articulações, o simples ato de respirar. Cada tragada de ar parecia uma garra de aço rasgando meus pulmões, me fazendo desejar perder os sentidos outra vez.

Eu estava vagamente ciente de que *deveria* abrir os olhos e avaliar o ambiente ao meu redor. O cheiro me pareceu incomum. Em vez de desinfetante de limão ou difusor de lavanda, detectei antisséptico e… loção pós-barba? Algo pungente com um toque de frutas cítricas.

Ou seja, eu não me encontrava nem no estúdio nem no meu quarto.

Onde diabos estou? Esperava que não fosse a casa de alguém com quem fiz sexo casual. Essas aventuras de uma noite só nunca eram uma boa ideia, mesmo que o cheiro fosse delicioso.

– Precisa de mais alguma coisa…

– Quando ela acordar…

O leve murmúrio de vozes fez com que minha mente deixasse de lado a loção pós-barba e focasse na situação atual.

Local desconhecido. Dor. *Certo*.

Pelo menos meu corpo doía um pouco menos do que quando recobrei a consciência. Ainda sentia vontade de ficar em posição fetal e dormir até melhorar, mas eu ia conseguir superar aquilo.

Sempre conseguia.

Abri os olhos, com um leve medo de descobrir que estava no covil

imundo de um cara qualquer, cheio de embalagens de delivery de semanas antes e pôsteres com mulheres fazendo topless colados nas paredes.

Em vez disso, me deparei com olhos verdes me encarando e sobrancelhas franzidas.

Maçãs do rosto entalhadas. Boca esculpida. Uma mecha de cabelo escuro irritante de tão atraente.

Asher.

– Acordou! – Sua expressão ficou mais suave, embora a preocupação continuasse latente em seu olhar. – Como está se sentindo?

– Como se eu tivesse sido atropelada por um caminhão que depois deu ré e me atropelou de novo. – A resposta arranhou minha garganta. – Ou seja, estou me sentindo ótima.

Asher bufou.

– Seu sarcasmo está intacto, então não deve estar tão mal assim.

No entanto, ele me examinou com o rigor enérgico de alguém que precisava confirmar que outra pessoa estava bem, mas sem assustá-la.

Não havia nada de remotamente sexual naquilo, mas mesmo assim senti um arrepio.

Para me distrair de seu olhar intenso, olhei ao redor. A pessoa com quem ele estava falando tinha ido embora, deixando-nos sozinhos na enfermaria. Não era de se admirar que eu não a tivesse reconhecido apenas pelo cheiro; raramente ia até lá, preferindo lidar com minhas crises por conta própria.

– Quer me contar o que aconteceu? – Os olhos de Asher reencontraram os meus. – Você sofreu uma queda e tanto.

Ele parecia preocupado e ao mesmo tempo assertivo, uma combinação rara que fez com que um calor se espalhasse dentro de mim. Mesmo assim, dei uma desculpa em vez de falar a verdade:

– Esqueci de almoçar e fiquei tonta.

Não gostava de falar sobre minha dor crônica. Muitas vezes, isso deixava as pessoas desconfortáveis, o que *me* deixava desconfortável. Elas eram compreensivas, é claro, mas sempre havia uma pontada de pena, um "coitadinha" não dito que me obrigava a segurar a língua.

– Aquilo não foi tontura. Você estava com dor. – Os olhos de Asher escureceram. – Você *ainda* está sentindo dor?

Sua voz tinha um tom áspero, e tive que engolir para aliviar minha garganta subitamente seca.

– Um pouco.

Muita. Não o suficiente para desmaiar outra vez, mas o suficiente para que a perspectiva de me levantar parecesse mais assustadora do que escalar o monte Everest.

Ele xingou baixinho e disse:

– Deixa eu chamar a enfermeira.

– Não! – Agarrei seu braço. – Não há nada que ela possa fazer. Eu só tenho que esperar passar.

Qualquer coisa que exigisse pedir ajuda a outras pessoas me deixava apreensiva, e era por isso que tinha tanta dificuldade em lidar com a situação depois do acidente. A transição de totalmente autossuficiente para dependente de outras pessoas era muito difícil de suportar.

As feições de Asher endureceram.

– Esperar o que passar?

– A crise. Não tenho mais com tanta frequência, mas, quando tenho, elas podem ser… debilitantes.

A resignação arrancou a verdade de mim. Se íamos passar o verão juntos, era melhor contar logo a verdade a ele, em especial porque as crises vinham se tornando mais corriqueiras.

Uma coisa era esconder isso dos meus alunos mais jovens; outra era tentar esconder isso de um atleta profissional que compreende os sinais do corpo tanto quanto eu.

– Eu sofri um acidente de carro cinco anos atrás – expliquei. Asher ficou absolutamente imóvel, com a respiração ofegante, seu único sinal de vida enquanto eu continuava a história. – Estava a caminho de uma apresentação quando a outra pessoa avançou o sinal vermelho e bateu no táxi em que eu estava. Acordei no hospital com um pulmão perfurado, o quadril deslocado e uma porção de outros problemas. Foi o fim da minha carreira e o início disso aqui. – Apontei para mim mesma. – Os médicos disseram que minha dor crônica é resultado de danos nos nervos.

A dor lancinante havia se transformado em um leve dolorido, mas recontar o que tinha acontecido naquela noite fez florescer um tipo diferente de dor.

Desde que conversei com Carina, não tinha falado do acidente para mais ninguém. Houve toda uma comoção na época, mas já se passara tempo suficiente para que ninguém fora do mundo do balé lembrasse. Acidentes de

carro aconteciam todos os dias; não eram memoráveis a menos que você conhecesse alguém pessoalmente envolvido.

É engraçado como um momento capaz de mudar a vida de uma pessoa não é nada mais do que uma notinha de jornal para outra.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer pra ajudar?

Asher não me disse o quanto lamentava nem pediu mais detalhes. Simplesmente se concentrou em mim com seus olhos firmes e compreensivos, e a dor em minha caixa torácica se transformou em uma emoção difícil de identificar.

– Aham. – Consegui dar um sorriso fraco. – Me conta como a gente veio parar aqui.

Minha sala ficava no primeiro andar, a enfermaria, no quarto, e o elevador estava em manutenção naquele momento.

– Eu te carreguei no colo.

Ele respondeu com tanta naturalidade que levei um minuto para assimilar suas palavras.

– Você subiu três lances de escada *me carregando* no colo?

Seus ombros largos se ergueram.

– Foi meu treino de força do dia.

Uma vaga lembrança de braços fortes e passos firmes flutuou em meu cérebro, mas desapareceu tão depressa quanto surgiu. Não sabia dizer se era uma lembrança real ou uma fantasia provocada por suas palavras.

De todo modo, isso fez com que o cômodo parecesse um pouco menos frio.

– Uau, sou boa mesmo no meu trabalho – soltei, com uma risadinha. – Mesmo desmaiada, te coloquei pra trabalhar.

– Você é uma chefe durona. – Asher abriu um sorrisinho tímido que logo se desfez. – Se ainda estiver com dor, eu posso pedir pra enfermeira uma bolsa térmica ou analgésicos.

A onda de calor voltou, espalhando-se pelo meu estômago e descendo pelas minhas pernas até os dedos dos pés.

Balancei a cabeça.

– Só quero ir pra casa.

Pilates, sono e um banho quente eram meu protocolo para controlar as crises, e a maca da enfermaria não era um bom lugar para nenhuma dessas coisas.

Jamais teria confessado algo tão vulnerável em voz alta. Seguia uma filosofia de "engole o choro", mas o cansaço havia se instalado, afrouxando minhas inibições, e a presença de Asher era estranhamente reconfortante.

– Podemos fazer isso acontecer.

Asher baixou o olhar e, para meu horror, percebi que estava segurando o braço dele o tempo todo.

Larguei no mesmo segundo, uma chama subindo pela minha nuca. *Por que ele não falou nada antes?*

Minha palma formigava na ausência de seu calor, e eu a esfreguei na lateral da minha perna, esperando que pudesse ajudar.

Não foi o que aconteceu. Só conseguiu agravar a sensibilidade de meus músculos.

Recuei. *Boa, Scarlett. Realmente genial.*

O rosto de Asher se franziu levemente antes que ele desviasse o olhar.

– Só um aviso rapidinho – disse ele. – A imprensa está de volta. Sabe o cara que eu persegui naquela hora? Era um paparazzo disfarçado de estudante em potencial. Foi assim que ele entrou.

– Sério? – perguntei, incrédula.

Aquilo era uma *loucura*. Que fofoca eles poderiam vender com fotos de Asher na RAB, afinal? O fato de ele fazer cross-training em uma escola de dança não tinha nada de escandaloso.

Eu era totalmente a favor de que as pessoas ganhassem a vida como podiam, mas acreditava com fervor que os paparazzi mereciam um lugar especial no inferno, ao lado dos operadores de telemarketing e dos políticos corruptos.

– Isso vai ser um problema – falei.

Não queria me preocupar com a possibilidade de fotos minhas aparecerem em algum tabloide de mau gosto toda vez que fosse trabalhar. Asher era o alvo deles, mas, como sua instrutora, eu tinha grandes chances de ser atingida no fogo cruzado.

– Concordo, mas tenho pensado nisso desde nosso primeiro encontro com eles, e talvez tenha uma solução – disse Asher. – Você pode me mandar uma lista de tudo que precisamos para o treinamento? Equipamentos, suprimentos, dimensões da sala de aula. Tudo.

– Por quê?

– Confia em mim.

Provavelmente pareci hesitante, porque um sorrisinho surgiu no canto dos lábios dele.

– Vai ser uma surpresa. Os paparazzi continuarão importunando, porque eles *sabem* onde vou estar. Precisamos despistá-los. Confia em mim – repetiu ele. – Sei o que estou fazendo.

Eu não tinha energia para discutir.

Também não tinha o hábito de confiar em ninguém além da minha família e de Carina, mas, naquele momento, era difícil lembrar por que eu deveria manter Asher longe.

Ele não era a nêmese do meu irmão nem meu aluno: era a pessoa que havia me carregado no colo por três lances de escada, ficado lá comigo até que eu recobrasse a consciência e que não tinha feito com que eu me sentisse alguém digno de pena quando lhe contei sobre o acidente.

E é exatamente por isso que ele é perigoso.

CAPÍTULO 8

ASHER



Adotei um novo mantra ao longo das duas semanas seguintes: “Seja profissional e pare de pensar nela.”

Era um mantra um pouco longo, mas era inteligente, claro e prático. Estava bastante orgulhoso.

Infelizmente, isso também provou que os mantras são bobagem, porque, catorze dias depois, Scarlett ainda assombrava meus pensamentos como um fantasma desaforado e absolutamente deslumbrante.

Quando eu acordava, já começava a pensar em nossa próxima sessão juntos.

Quando me sentava ao volante, me lembrava da noite chuvosa em que a levei para casa.

Quando entrava em seu estúdio, revivia o pânico de vê-la desmaiar e o total alívio de quando ela acordou.

Apesar do que havia dito a ela, eu tinha ido à RAB naquele dia para discutir a questão dos paparazzi com Lavinia. Só isso. Mesmo assim, meus pés me levaram ao estúdio dela em vez de à sala da diretora, e minha determinação de manter distância se desfez no segundo em que a vi sentindo dor.

Eu estava convencido de que éramos personagens de uma espécie de conspiração universal. Só não conseguia provar isso.

– Você está me ouvindo? – A irritação de meu pai atravessou meus pensamentos indesejados.

Eu me recostei na cadeira e voltei a me concentrar em sua cara amarrada. Estávamos sentados um em frente ao outro à mesa de jantar da minha infância, que ainda tinha vestígios dos desenhos de jogadores de futebol famosos que eu rabiscava com canetinha quando era criança. Apesar de meus esforços para fazer meus pais se mudarem para uma casa maior, eles insistiam em permanecer na antiga residência de dois andares no sudoeste de Holchester.

Pelo menos haviam concordado com a instalação de um novo sistema de segurança após vários desentendimentos com a imprensa, mas eu ainda ficava preocupado com o fato de eles serem acessíveis a qualquer pessoa com conexão à internet e habilidades de investigação mínimas.

– Estou ouvindo – respondi, apesar de ter me desligado vinte minutos antes.

Sempre conversávamos sobre as mesmas coisas: o que fiz de errado em minha última partida e como poderia melhorar para a próxima. Meu pai assistia a mais replays dos meus jogos do que Frank, o que já dizia alguma coisa.

– Você passou a temporada disperso – disse ele. – Onde estava o foco? Onde estava a *paixão*?

– Ah, para com isso, Ron – disse minha mãe, ao lado da bancada. Ela pegou duas canecas de chá e as colocou na mesa, olhando feio para meu pai. – Eu acho que ele jogou muito bem. Você foi o artilheiro da liga nesta temporada, não foi, querido?

Meu pai não me deixou responder e foi logo falando:

– Artilheiro, mas sem título. – Os vincos enrugados de seu rosto se aprofundaram em uma carranca. – Você devia ter ficado no Holchester, como eu te falei. Sabia que eu mal consigo dar as caras no pub hoje em dia? Sempre fomos uma família alvirrubra. Aí você teve que ir lá e… e fazer *isso*.

Ele apontou para o jornal aberto na mesa. Uma foto minha, claramente arrasado após o jogo contra o Holchester, ocupava metade da primeira página da seção de esportes.

Além de ter perdido, eu estava usando o uniforme roxo e branco característico do Blackcastle.

Se meu pai era o líder da Igreja Unida de Holchester, eu era seu maior herege.

– Você sabe por que eu fiz isso.

Estava cansado de repetir a mesma coisa várias e várias vezes. Sempre que ia visitar meu pai, ele inevitavelmente falava da minha "traição" ao ser transferido para o maior rival do Holchester, e era por isso que raramente eu ia para casa. Só estava lá naquele fim de semana por conta do aniversário de Teddy.

– Dinheiro, Frank Armstrong e uma maldita derrota no seu histórico. Está valendo a pena? – Meu pai bufou, enojado.

Dinheiro e trabalhar com Frank Armstrong. Esses foram os motivos que dei a ele, mas não eram os *únicos*. No entanto, jamais lhe contaria qual era o terceiro.

Como não respondi nada, ele empurrou a cadeira para trás e saiu, furioso, deixando o chá para trás.

– Não leve a sério o que ele diz. – Minha mãe deu um tapinha em meu ombro. – Você sabe como ele é fanático por aquele time. Vai levar um tempinho, mas ele vai superar.

Ele teve seis meses para isso. Se bem que havia passado um mês sem falar comigo depois que soube da transferência, então o fato de estarmos ao menos trocando palavras já era um avanço.

– Vou sair pra ver o Teddy. – Eu me levantei e coloquei a caneca na pia. Também desisti de beber o chá. – Volto a tempo pro jantar.

A expressão dela ficou mais suave.

– Está bem. Não seja tão duro com você mesmo, tá? Tudo isso… as partidas, a imprensa, a pressão… é temporário. Isso não define quem você é.

Sorri, mesmo que minhas entranhas estivessem se contorcendo.

Seu objetivo era me confortar, mas a natureza temporária de minha carreira era justamente o que me fazia me esforçar tanto. Eu só tinha uma determinada quantidade de anos para alcançar tudo que queria, e isso presumindo que eu não sofresse uma lesão que reduzisse ainda mais esse tempo.

Além disso, ela estava errada. O futebol me definia, sim. Era a única coisa em que me destacava. O que seria de mim sem ele?

Nada.

No entanto, não expressei nenhum desses pensamentos quando lhe dei um beijo no rosto e saí.

Minha mãe já tinha problemas suficientes em seu trabalho como professora. Não queria acrescentar os meus à pilha.

Meus pais moravam em uma zona tranquila de Holchester, por isso quase nunca havia trânsito, então levei menos de dez minutos para chegar a Teddy.

O terreno tinha cheiro de musgo e terra molhada. A luz do sol se esgueirava entre os galhos finos e pontos floridos davam cor à paisagem que, não fosse por isso, seria monótona. Os trabalhadores mantinham o local bem cuidado, mas não se podia esperar muita alegria em um cemitério.

Percorri o caminho familiar até o local de descanso de Teddy. A culpa invadiu meu peito quando vi como estava vazio.

A mãe dele havia morrido anos antes e o pai havia se casado outra vez e se mudado para o outro lado do país. Eu era a única pessoa que o visitava regularmente; mesmo assim, minhas visitas haviam diminuído desde que me mudei para Londres.

Coloquei um cartão de aniversário no túmulo do meu melhor amigo e fiquei lá até o sol se pôr.

Além de minha mãe, Teddy era a única pessoa que se lembrava de mim como Asher antes de eu me tornar Asher Donovan.

Às vezes, eu também precisava me lembrar desse Asher.

SCARLETT

– Vou ficar muito chateada se você estiver me arrastando até o seu covil secreto para me esquartejar – falei. – Tenho planos de assistir a um espetáculo no West End hoje à noite.

– É alarmante que esse tenha sido o primeiro pensamento que veio à sua cabeça, mas não, não estou te arrastando pro meu covil secreto. Todos os meus covis são públicos.

– Que fofo. – Olhei para o motorista e tentei não avaliar os milhares de formas possíveis de morrer caso ele acelerasse, diminuísse a velocidade ou virasse na direção errada. *Está tudo bem. Você vai ficar bem.* – Sério, pra onde estamos indo? Onde fica o novo estúdio?

– Já, já você vai descobrir.

Asher estava sentado ao meu lado no banco de trás, com uma postura relaxada e indiferente, ao contrário da minha, com os punhos cerrados e as costas rígidas.

Naquele dia, ele havia me pedido para encontrá-lo no final da rua onde ficava a RAB para que pudéssemos evitar os paparazzi, que ainda montavam acampamento perto da escola diariamente na esperança de conseguir uma foto de Asher.

Quando cheguei, curiosa demais a respeito de sua "solução contra paparazzi" para ignorá-la, fui recebida por um Range Rover blindado, um homem de terno preto do tamanho do Hulk e Asher.

– Hoje não sou eu que vou dirigir. Vai ser o Earl – disse ele, apontando para o Hulk 2.0. – Vamos pro nosso novo estúdio.

Eu deveria ter insistido para que ele me dissesse onde ficava o estúdio antes de (relutantemente) entrar no carro, só que, mais uma vez, a curiosidade levou a melhor.

Bem, isso e o fato de Asher ter me garantido que Earl era o motorista mais seguro e habilidoso da região metropolitana de Londres. Aparentemente, ele havia trabalhado por vinte anos como motorista das maiores autoridades inglesas, seguido por um período junto a um bilionário extremamente rico e extremamente recluso.

Eu ainda detestava entrar em carros com desconhecidos, mas acreditava em Asher, e ele tinha razão. Earl estava sendo ótimo até o momento.

– Qual espetáculo do West End você vai ver hoje à noite? – perguntou Asher.

Disse o nome de um novo musical que vinha recebendo ótimas críticas.

– Encontro de sexta à noite. Parece divertido – disse ele.

Olhei de soslaio para Asher. Ele era a imagem da indiferença, seu perfil delineado pela luz dourada do sol contra a janela, mas havia um tom diferente em sua voz arrastada habitual.

Nosso convívio ao longo das últimas três semanas tinha sido absolutamente cordial. Ele aparecia no estúdio, fazíamos o treinamento e ele ia embora. Ainda sedutor, mas sem o clima de flerte de nossos primeiros encontros.

Era fácil. Simples. Profissional. Exatamente o que eu havia pedido.

– Sim. – Por alguma razão, me recusei a mencionar que Carina era meu animado encontro de sexta à noite. – Vai ser muito divertido.

Um músculo se contraiu na mandíbula de Asher, mas sua expressão logo se suavizou.

– Ótimo.

Ótimo.

A frieza da resposta dele me deu um calafrio, seguido de uma sensação estranha.

Ele havia dito uma única palavra e minha mente estava tentando destrinchá-la, em busca de significados ocultos que não existiam (por exemplo, ciúme por trás de sua gentileza ou sinceridade).

Cruzei e descruzei as pernas, inquieta em meio ao silêncio que se instalou rapidamente. Os olhos de Asher se voltaram para baixo antes de deslizarem outra vez para a janela.

Claramente, a mudança abrupta de planos daquele dia havia deixado meu cérebro confuso, já que eu me via preocupada com o que ele achava a respeito do meu "encontro".

Por que você não disse que estava indo com a Carina em vez de um cara hipotético que conheceu em um aplicativo de namoro idiota?

Porque não é da conta dele.

Claro. É por isso.

Cala a boca.

Earl virou a esquina, e minha agradável conversa comigo mesma morreu na hora.

Estava acostumada com luxo. Vincent morava em uma mansão multimilionária que já havia pertencido a uma famosa estrela do rock e, durante o auge da minha carreira, tinha ido a festas em locais que fariam até mesmo muita gente rica ficar de queixo caído.

Mas a propriedade à minha frente… uau.

Ostentava as características usuais que se esperaria de uma casa em um dos bairros mais chiques nos arredores de Londres: portões de ferro intimidadores, fontes de mármore, um extenso gramado verde.

Não era isso que a tornava excepcional, porém. O que a tornava excepcional era o fato de ser algo *inesperado*.

Eu teria imaginado a casa de Asher (e tinha quase certeza de que aquela era a casa dele) como uma monstruosidade moderna sem alma feita de vidro e concreto, seguindo o modelo padrão dos apartamentos de homens solteiros abastados.

Em vez disso, três andares de pedra clara se erguiam sobre o terreno perfeitamente bem cuidado, paredes cobertas de hera e janelas em arco brilhantes sob a luz do sol. Um cisne de mármore adornava a fonte ancorada na entrada circular, e, para onde quer que eu olhasse, flores desabrochavam em toda a sua glória de verão. Peônias, rosas, gerânios…

Deixei uma risada escapar quando notei dois arbustos, um esculpido no formato de uma bola de futebol, outro no de um troféu. Eram tão obviamente irônicas que só consegui balançar a cabeça.

– Que sutil – falei, quando Earl estacionou na garagem e descemos do carro. – Se acrescentasse o número da sua camisa, teria completado o bingo no seu jardim.

– É uma ótima sugestão – disse Asher, muito sério. – Vou ligar pro meu paisagista.

– Você vai me pagar comissão pela ideia?

– Só se você aceitar em forma de pizza e sorvete.

– Vegetariana e pistache?

– Pepperoni e chocolate com nozes.

– Combinado.

Um sorriso surgiu na boca de Asher. O desconforto de antes se dissolveu, substituído por uma nova e inebriante tensão. Ela se infiltrou em minha pele e fez meu coração disparar.

Sempre havia me orgulhado de minha capacidade de pensar com clareza.

Quando meus pais se divorciaram, elaborei um plano de ação logístico com trinta itens para todos os quatro membros da nossa família.

Quando um cano estourou no ano passado, inundando meu apartamento e destruindo metade das minhas coisas, calmamente desliguei o registro principal, abri as torneiras para drenar a água fria restante e chamei o encanador.

E, quando descobri que não voltaria a dançar profissionalmente, não derramei uma única lágrima. Aquele grau de sofrimento era algo particular, a ser confinado entre as paredes da minha mente e da minha alma.

Então, não, eu não era propensa a tomar decisões baseadas em emoções. Sempre tentava ser o mais racional possível.

Mas, às vezes, quando estava perto de Asher, achava difícil pensar de modo geral.

Minha mente ficou embaçada nas bordas. Eu estava assando dentro do

collant e da meia-calça. Não sabia dizer se era por causa do calor ou…

Earl deu um pigarro. O ruído teve o mesmo efeito de jogar água gelada em uma fogueira crepitante. Minha névoa mental desapareceu, e Asher e eu demos um passo para longe um do outro ao mesmo tempo.

Earl não disse uma palavra, mas jurei ter visto um sorrisinho em sua boca.

– Vamos entrar. – Asher adiantou o passo e destrancou a porta da frente. – Está muito quente aqui fora.

Um silêncio nos envolveu novamente ao andarmos pela casa dele.

– Pizza e sorvete. Não é a dieta que eu esperaria de um jogador de futebol de alto nível – falei.

A essa altura, estava chutando cachorro morto, mas precisava preencher o silêncio.

– Não tenho o hábito de fazer isso. – O braço de Asher roçou no meu quando viramos em um corredor. – Mas, às vezes, sinto vontade de comer algo doce.

Percebi uma leve aspereza em suas palavras, transformando o que deveria ter sido uma resposta inocente em algo bem distante disso.

Um calor subiu pelo meu pescoço. Uma breve imagem de Asher saboreando *algo doce* atravessou minha mente antes que eu a esmagasse com um soco determinado.

Deliberadamente dei um passo para longe dele enquanto seguíamos por mais cômodos da casa. Isso não me impediu de estremecer, mas pelo menos eu estava ativamente lutando contra meus hormônios.

Traidores. Era impossível confiar neles.

Asher fez um breve tour pela mansão, que era ainda maior do que parecia do lado de fora.

Picassos originais pendurados ao lado de camisas emolduradas e autografadas por lendas do futebol aposentadas; uma estrutura com TV e aparelhos eletrônicos de última geração ficavam de frente para uma vitrine repleta de troféus, medalhas e itens de valor sentimental, como as chuteiras que ele usou em sua primeira partida na Premier League. Uma sala de projeção para quarenta pessoas com uma lanchonete ocupava o mesmo salão de uma pista de boliche, e a luz natural entrava por dezenas de janelas gigantescas com vista para o terreno.

Ficava bem no limite entre aconchegante e luxuoso, e eu adorei.

– O porão é dedicado a todo tipo de exercício, preparo físico e relaxamento. Na verdade, fica na mesma altura do nível inferior do jardim dos fundos. O primeiro andar da casa leva ao nível principal, então é bem iluminado – disse Asher, conduzindo-me pelas escadas. – A sauna infravermelha, a sauna a vapor e a piscina coberta ficam à esquerda. A academia e a sala de massagem ficam à direita.

– Ou seja, você tem basicamente um spa em casa.

Torci o pescoço para dar uma olhada melhor na sauna infravermelha. *Adoraria* ter uma sauna só para mim. Ajudava muito com a dor.

– Basicamente. – Paramos diante de uma porta fechada. – Preparada para ver a mais recente aquisição do Spa Donovan?

– Acho que sim. – Fingi um bocejo para disfarçar minha curiosidade. – Espero que o lado de dentro seja mais interessante do que o nome.

Asher deu um sorrisinho.

– Ei, é por isso que eu sou jogador de futebol, não um magnata da hotelaria. Dito isso… – Ele abriu a porta com um floreio. – Bem-vinda ao nosso novo centro de treinamento.

Não sabia o que estava esperando. Uma sala padrão com espelhos, talvez, ou concreto cinza e uma barra.

Eu deveria saber que Asher Donovan não fazia nada pela metade.

Em vez de uma área de exercícios básicos, entrei em um estúdio de balé profissional completo.

Corrigindo: não era *um* estúdio de balé; era *o* estúdio de balé. Ou seja, o estúdio de balé dos meus sonhos, só que ainda melhor.

A RAB não havia economizado em suas instalações, mas aquilo ali… aquilo era tudo com que eu havia sonhado.

Uma vastidão reluzente de madeira se estendia pelo espaço amplo, sua superfície tão polida que parecia ondular com a luz do sol. Era um piso flutuante, o que significava que havia sido projetado para absorver os impactos de maneira ideal e minimizar o estresse nos ossos e nas articulações.

Um calor dourado entrava por uma parede de janelas que se abria para uma academia ao ar livre anexa, e uma fileira dupla de barras percorria todo o perímetro da sala. Pareciam ter sido feitas sob medida para acomodar nossas alturas diferentes, a minha e a de Asher. Um piano Steinway preto e um sistema de som de última geração ocupavam um canto inteiro, enquanto

vasos de plantas adicionavam um bem-vindo toque de verde em todo o estúdio.

Os espelhos do chão ao teto refletiram meu choque de volta para mim.

– Mandei fazer de acordo com a lista que você me deu com o que era fundamental pro nosso treino, mas acrescentei alguns detalhes. – Asher acenou com a cabeça para a academia ao ar livre. – Se eu tiver esquecido alguma coisa, me fala.

– Como você… – Girei lentamente, observando os detalhes que elevavam o estúdio de profissional a requintado. As linhas delicadas das pinturas de dançarinos feitas pela famosa artista Marina Escrol; o posicionamento discreto da câmera que nos permitiria filmar as sessões e monitorar o progresso ao longo do tempo; o equipamento de treinamento de resistência inteligente e adaptável. Ele não havia deixado passar nada. – Em só três semanas!

– Dinheiro é um grande motivador. – Os olhos de Asher brilharam com malícia. – Talvez eu tenha acrescentado ingressos VIP pra equipe toda como um incentivo se eles conseguissem fazer tudo em menos de um mês.

Óbvio que o pessoal da construção era fã de futebol.

No entanto, por mais que eu amasse o estúdio e a privacidade recém-descoberta, havia um problema.

– Levamos quase uma hora pra chegar aqui de carro – apontei. – O metrô não passa aqui, o que significa que eu teria que vir de táxi, e nos encontramos três vezes por semana. É insustentável.

Minha agenda não tinha espaço para um deslocamento tão longo. Eu tinha outras aulas para dar.

– Você não vai precisar pegar o metrô. O Earl vai ser seu motorista – disse Asher. – Pedi que ele trouxesse a gente hoje pra você ter uma ideia do estilo dele. Se você se sentir confortável com ele, eu cobrirei o custo, já que sou o motivo de estarmos nessa situação difícil, pra começo de conversa. – Ele deu de ombros. – O carro é basicamente um tanque, então você também não precisa se preocupar com segurança.

Um nó se formou em minha garganta.

A coisa mais inesperada com a qual me deparei naquele dia não foi a viagem improvisada à casa de Asher ou o conteúdo do novo estúdio; foi sua consideração comigo.

Cuidado. Lembre-se do que aconteceu na última vez que você foi tragada

por um rostinho bonito cheio de "consideração".

– E a minha agenda? – perguntei. – Tenho uma aula bem antes das nossas sessões.

– Por mim não tem problema jogar nossas sessões mais pra frente, e tenho certeza de que Lavinia não terá nada contra uma mudança de horário.

Nossas sessões já eram no final da tarde. Se as jogássemos mais para a frente, elas se aproximariam perigosamente do horário noturno.

Ficar sozinha em um estúdio lindo e privado com Asher depois do pôr do sol?

A apreensão percorreu meu corpo como milhares de minúsculas borboletas.

De jeito nenhum.

– Tudo bem. – Eu me virei para pegar uma faixa elástica no suporte. O calor do olhar de Asher fez meu corpo pegar fogo, e as borboletas se multiplicaram em um enxame descontrolado. – Vamos começar? Já perdemos muito tempo.

CAPÍTULO 9

ASHER



ADIL

Estou entediado

ADIL

Nova aposta. Cem pratas que o Donovan vai se envolver em outro escândalo até o final do verão

ASHER

Como assim OUTRO escândalo?

ASHER

Estou me sentindo perseguido

ADIL

Lembra o que aconteceu com a sua Lamborghini?

ASHER

Aquilo não foi um escândalo. Foi uma tragédia

ADIL

Um escândalo trágico

ADIL

Acho que eles finalmente consertaram o muro que você destruiu

ASHER

Estava precisando mesmo de uma reforma. Eu fiz um favor a eles

ADIL

Pergunta pro pessoal da National Historical Society se eles concordam

NOAH

Parem de mandar mensagens

NOAH

Fui pra academia e quando voltei tinha 86 mensagens novas

ADIL

Isso aqui é um grupo. O objetivo é mandar mensagens

NOAH WILSON SAIU DO GRUPO

ADIL CHAKIR ADICIONOU NOAH WILSON AO GRUPO

NOAH

Eu vou te bloquear

ADIL

Isso não é nada “pai solo legal” da sua parte. Você tem uma imagem a zelar, sabia?

ADIL

Noah?

ADIL

Olá?

ADIL

Você me bloqueou mesmo?

ADIL

Wilson!!

Balancei a cabeça. Se Noah pudesse escolher como seria seu dia, acordaria, faria seu trabalho e depois iria imediatamente para casa ficar com a filha, mas Adil deu um jeito de arrastá-lo para nosso grupo, o Bad Boys do Blackcastle (sim, esse era de fato o nome, e não, Adil não o mudaria).

Tínhamos outro grupo com o time inteiro, mas eu raramente mandava mensagem lá. Os outros rapazes eram bastante simpáticos, mas Adil e Noah eram os únicos que não me tratavam de um jeito diferente quando Vincent estava por perto.

Uma ligação interrompeu o surto de Adil após ser bloqueado por Noah.

– Oi, *chefa*. – Coloquei o telefone entre a orelha e o ombro enquanto dava uma olhada na correspondência. Toda semana, recebia sacolas com itens para autografar para o meu fã-clube oficial. Alguns jogadores ignoravam completamente as cartas dos fãs, mas eu tentava autografar quando tinha tempo. Não dava muito trabalho e deixava as pessoas felizes. – Ainda não bati nenhum carro, mas prometo que estou empenhado nisso.

– Se isso acontecer, eu vou pessoalmente a Londres te dar um tapa na cara – disse Sloane sem nenhum traço de humor.

Contive uma risada.

Frank era o chefe no campo, mas minha assessora de imprensa, Sloane Kensington, era responsável por tudo relacionado à minha imagem (para seu próprio desgosto). Eu lhe pagava uma montanha de dinheiro para fazer isso, mas, sinceramente, ficava surpreso por ela ainda não ter desistido.

Sloane e "desistir" não encaixavam na mesma frase, na verdade. Ela cruzaria uma trincheira de paparazzi detestáveis e *haters* da internet antes

de desistir de alguma coisa.

– Se já tiver terminado com as suas piadinhas sem graça, gostaria de lembrá-lo da sua entrevista com a *Sports UK* na quinta-feira – afirmou ela. – Vou colocar você em contato com o repórter ao meio-dia em ponto. Além disso, falei com o Leon sobre a Aoki Watches. Eles vão renovar seu contrato como embaixador da marca. Vou te enviar os detalhes da turnê de divulgação no Japão assim que estiver tudo confirmado.

– Perfeito. – Leon era meu empresário, e a Aoki Watches era meu patrocinador mais lucrativo. – Você vale seu peso em ouro.

– Em vez de ouro, me pague ficando longe de confusão. Estou falando sério, Asher. Não quero ver você *perto* de um racha, a não ser que a internet e a mídia implodam coletivamente e eu não tenha que lidar com as manchetes que vierem depois.

– Isso significa que, se eu obedecer, não vou precisar pagar seu salário? Acabei de comprar um Bugatti novo. Estou um pouco apertado de grana.

Não era o caso, mas estava curioso para saber o que ela responderia.

Ela desligou o telefone na minha cara.

Muito bem. Aquela era a resposta.

Como não havia nada urgente, deixei a correspondência de lado e fui até a garagem. O espaço personalizado tinha o tamanho de um hangar e abrigava todos os meus quinze carros, incluindo meu Jaguar conversível vintage favorito e o Bugatti em questão.

O arrebatador modelo todo preto era tão raro que havia apenas três exemplares. Motor W16 quadriturbo de 8.0, seis ponteiras de escapamento, transmissão de dupla embreagem de sete velocidades, faróis personalizados – uma verdadeira beleza.

Passei a mão no capô com todo o carinho, então entrei no carro e liguei a ignição. O ronco potente do motor ganhou vida, e senti meu corpo vibrar de entusiasmo.

Além do futebol, dirigir era a única coisa que realmente fazia com que eu me sentisse vivo. Na calada da noite, com as ruas mais silenciosas e a música no talo, eu podia esvaziar a cabeça e *pensar*.

Foi exatamente isso que fiz durante as horas seguintes depois de sair da garagem e levar meu carro novo para dar uma volta.

No entanto, em vez de me empolgar com a música e pensar em estratégias para a próxima temporada, minha mente não parava de evocar

imagens de cabelo escuro e olhos acinzentados.

Tentei afastá-las.

Elas voltaram.

Meu Deus.

Passei a mão no rosto e tentei direcionar meus pensamentos para algo, qualquer coisa, que não fosse certa ex-bailarina.

Concentre-se na entrevista para a Sports UK. *Que perguntas eles farão?*

Com certeza algo sobre minha primeira temporada no Blackcastle, como me senti ao perder para o meu ex-time e talvez sobre o regime de treinamento do verão.

Verão.

Treinamento.

Scarlett.

Meu gemido de frustração cortou a música. *Por que* tudo voltava para ela? Nós nos conhecemos havia um mês e eu ainda não conseguia entender por que ela tinha tanto poder sobre mim.

Seria porque ela era bonita? Já havia conhecido muitas mulheres bonitas, incluindo estrelas de cinema, supermodelos e duas Misses Universo. Não gastei nem dois segundos pensando nelas.

Seria porque Scarlett era espirituosa e talentosa? Eram ótimas qualidades, mas não suficientes para explicar por que ela me afetava daquela maneira.

Seria porque ela estava fora de cogitação e aparentemente não tinha interesse em mim? Eu gostava de um desafio, mas o vínculo entre ela e Vincent na verdade era algo mais pejorativo do que qualquer coisa.

Então, se não era nenhuma dessas coisas que me atraía nela, o que era, afinal?

Franzi a testa ainda mais.

Precisava decifrar a fonte de sua magia para poder anulá-la e voltar a me concentrar no que era importante: meu jogo. Uma distração de verão era algo muito bom, mas não podia me dar ao luxo de ficar com a cabeça nas nuvens desse jeito depois que a próxima temporada começasse.

Como fui transferido no meio da temporada daquele ano, tecnicamente tinha algum desconto em relação ao nosso desempenho, mas, se eu fizesse merda na primeira temporada *completa* com o Blackcastle, não teria como voltar atrás. Uma mácula se fincaria em meu histórico para sempre.

Aumentei o volume da música e entrei no centro de Londres. Passei pelos prédios iluminados da Parliament Square e pelo Palácio de Buckingham antes de finalmente adentrar no coração de West End.

Bati os dedos no console central.

Scarlett tinha ido a um encontro lá duas noites antes. Não pedi detalhes porque não me *importava*, exatamente, mas e se ela ficasse tão distraída com o namorado a ponto de isso afetar seu trabalho no estúdio?

A pergunta desencadeou uma série de novas perguntas.

Com quem ela havia saído? Como o conheceu? Ele era atleta, contador ou, sei lá, engenheiro aeroespacial ou algo assim?

Minha irmã nunca mais vai namorar um jogador de futebol. A frase de Vincent ecoou na minha cabeça. Ainda não havia descoberto a identidade do ex dela, embora não tivesse mergulhado no assunto. Era melhor não me aprofundar muito em sua vida amorosa.

Infelizmente, essa resolução não impediu o surgimento das perguntas sobre seu par misterioso.

Será que a noite de sexta-feira tinha sido o primeiro encontro deles ou eles já estavam se vendo havia algum tempo? Eles tinham se beijado? Foram para a casa de um dos dois após o espetáculo?

Uma rápida explosão de desconforto subiu pelo meu braço. Quando olhei para baixo, os nós dos meus dedos haviam ficado brancos ao redor do volante.

Na mesma hora afrouxei o aperto, mas uma sensação desagradável continuou a percorrer minhas veias.

O Bugatti atraía muitos olhares, mas, com o passar do tempo, as ruas foram se esvaziando. Os outdoors e as luzes deram lugar a tijolos e concreto; a agitação do centro de Londres se transformou em uma calma residencial.

Um prédio familiar em tons pastel surgiu à distância, e quase pisei no freio quando percebi onde estava.

De alguma maneira, sem parar para pensar, sem querer, eu havia dirigido até a casa de Scarlett.

Uau. Nem um pouco bizarro.

Não me demorei. Já estava me sentindo um maníaco, e meu carro era muito chamativo para não ser notado caso ela acordasse e olhasse pela janela.

No entanto, uma pequena parte de mim se perguntava o que aconteceria

se eu parasse o carro, fosse até o apartamento dela e batesse na porta.

Nada vai acontecer porque vocês dois são mais inteligentes do que isso, e ela está Fora de Cogitação. F maiúsculo, C maiúsculo.

Já havia me forçado a lembrar disso tantas vezes que nunca mais queria ouvir as palavras "fora de cogitação", mas ainda assim repetiria a informação milhares de vezes até me convencer de vez.

Se Vincent e eu já tínhamos problemas naquele momento, eles não seriam nada comparados com a guerra que se iniciaria se eu me envolvesse com Scarlett. O técnico ficaria furioso e eu poderia dizer adeus às minhas chances de vencer a liga e, possivelmente, à minha vaga no time.

Não valia a pena desistir da minha carreira por nenhuma garota.

Desviei os olhos do prédio dela e dirigi para casa, deixando a música abafar qualquer pensamento contrário.

CAPÍTULO 10

SCARLETT



Odiava admitir isso, mas transferir os treinos para a casa de Asher foi uma ideia genial. As instalações eram melhores, havia mais privacidade e eu não precisava pegar o metrô quente e abarrotado para casa todos os dias.

O carro blindado de fato amenizava minha ansiedade, e Earl era um excelente motorista. Em nosso terceiro dia juntos, eu já estava confortável o suficiente para relaxar os dedos mortalmente apertados ao assento.

Esse também foi o dia em que Asher e eu experimentamos fazer exercícios ao ar livre pela primeira vez. Treinamos na academia que ficava do lado de fora por um tempo antes de ele se oferecer para me mostrar os jardins durante o intervalo.

Aceitei, achando que seria uma caminhada rápida. Que nada.

Eu sabia que a casa era imensa, mas não havia percebido quão imensa era de fato até chegarmos à parte sudoeste do terreno.

– Você construiu um campo de futebol no seu quintal? – Fiquei olhando para o mar de grama perfeitamente cortada. Linhas brancas marcavam o gramado, e redes ancoravam as duas extremidades do campo. – Isso é *alucinante*.

– Não é um campo oficial. – Asher levantou a camisa para enxugar o suor do rosto. – É um minicampo.

– Um campo é um campo.

Mantive os olhos grudados no quintal dele e *não* no vislumbre de abdômen trincado e pele bronzeada.

Bem, chamar aquele lugar de "quintal" era como chamar Versalhes de casa. Além do campo de futebol – perdão, minicampo –, a área contava com uma piscina olímpica com cascata e jacuzzi anexa, cabanas aquecidas, duas quadras de tênis de saibro, um caminho de trepadeiras e uma área para refeições ao ar livre.

Não conseguia nem imaginar a fortuna que Asher gastava com paisagismo. Só as flores deviam ter custado dezenas de milhares de libras.

– Justo. Você joga?

Asher pegou uma bola de futebol no chão e a lançou para cima num movimento casual e preguiçoso. Ele a pegou com a ponta do pé, levantou-a até um dos joelhos e a passou para o outro.

– Não. – Peguei a bola, interrompendo seu showzinho improvisado. – Exibido.

Seus olhos brilharam com uma risada.

– Sério? Você deve ter chutado uma bola uma ou duas vezes da vida.

– Chutar uma bola não é o mesmo que jogar.

– Vamos ver. – Ele pegou a bola de volta e a chutou em direção ao gramado, correndo até ela em seguida. – O primeiro a marcar um gol ganha o direito de se gabar e um litro de sorvete.

– Isso é ridículo. Não tem goleiro! – gritei.

Sem goleiro, as redes eram tão grandes que uma criança poderia fazer um gol se chegasse perto o suficiente, o que significava que o desafio era manter a posse de bola e, bem, chegar perto o suficiente.

A risada de Asher cruzou o campo.

Ah, dane-se. Meu lado competitivo se manifestou com força, e disparei atrás dele.

Meus músculos protestaram na mesma hora. Vinha evitando atividades de alto impacto, como correr, desde o acidente, mas cerrei os dentes e me concentrei na satisfação de marcar um gol em Asher.

Eu o alcancei com uma rapidez surpreendente. Suspeitei que ele tivesse ido um pouco mais devagar por minha causa. Mesmo assim, era difícil e frustrante tentar roubar a bola dele. Consegui duas vezes, mas ele a roubou de volta quase tão rapidamente quanto a perdeu.

– Você é melhor do que deixa transparecer. – O desgraçado nem sequer respirava com dificuldade, como se correr daquele jeito fosse a coisa menos cansativa do mundo. – Fala sério. Vamos colocar esses seus pezinhos

habilidosos à prova?

Emiti um pequeno grunhido que me rendeu outra risada. Continuamos correndo, e minha mente bloqueou tudo, exceto a necessidade de marcar um gol.

Talvez eu fosse melhor do que aparentava, mas Asher era o jogador de futebol mais bem pago do mundo por um motivo. Jogar contra ele, mesmo em uma partida recreativa com apenas duas pessoas, era como colocar Davi contra Golias (se Davi perdesse). Nada poderia ter me preparado para aquilo.

Já tinha visto Asher jogar, claro. Não havia uma única pessoa no Reino Unido que não se lembrasse de seu lendário gol do meio de campo contra o Liverpool ou de sua espetacular cabeçada nas quartas de final da última Copa do Mundo.

Asher era incrível na tela, mas de perto, pessoalmente? Era pura magia.

Ele me enfrentou drible a drible, finta a finta. Intuiu o que eu faria antes que eu o fizesse, e mal estava se esforçando.

O suor escorria pelo meu rosto e pelo meu pescoço, mas me mantive firme por pura teimosia.

Um gol. Eu só precisava de um gol.

Uma tosse ofegante agitou meus pulmões. Eu deveria ter me aquecido ou bebido mais água antes de ir até lá.

Asher diminuiu a velocidade, a preocupação tomando conta de seu rosto. Aproveitei a oportunidade e tentei roubar a bola. Para meu choque, funcionou.

No entanto, meu triunfo durou pouco. Asher reagiu tão rápido que quase recuperou a posse de bola imediatamente, mas eu não desistiria tão fácil daquela vez.

Para a frente e para trás, para a esquerda e para a direita. Em algum momento da disputa, nossas pernas se enroscaram.

Caí na grama com força e não tive tempo de me mover antes que Asher caísse também. Ele se apoiou no chão para não me esmagar por completo, mas ainda estava lá: bem em cima de mim.

Ficamos paralisados, em um choque simultâneo. Se alguém nos encontrasse naquele momento, passaríamos por estátuas de pedra no jardim da Medusa, emaranhados e imóveis.

Meus batimentos diminuíram até meu coração quase parar. Apesar de

estar apoiado, seu corpo fazia pressão suficiente contra o meu para que eu sentisse cada parte dele.

Ter todos aqueles músculos me prendendo ao chão deveria ter sido desconfortável. Em vez disso, era estranhamente reconfortante, como um escudo me protegendo do mundo do lado de fora.

Um escudo esculpido e extremamente tonificado.

Tentei engolir e não consegui, por conta da secura na garganta. *Eu* realmente *deveria ter bebido mais água antes.*

Umedeci os lábios, num movimento inconsciente. Os olhos de Asher se voltaram para a minha boca, e o oxigênio restante no ar se dissipou com um sopro quase audível.

Saia daí. Respire. Empurre ele. Faça alguma coisa.

Meu cérebro disparou comandos para mim, mas não atendi a nenhum deles. Não conseguia. Estava presa, encurralada pelo calor de seu corpo e pelo suave sobe e desce de seu peito contra o meu.

Sentia formigamentos por toda parte. Ou meus músculos estavam se desligando devido ao esforço excessivo ou era uma reação involuntária à proximidade de Asher. Ou as duas coisas. De qualquer maneira, o nervosismo que senti quando seu olhar se desviou para cima e encontrou o meu novamente não podia ser saudável.

Ele sempre teve essas manchinhas douradas nos olhos? Eram absurdamente lindas, como respingos de luz do sol em uma colina verdejante.

Um toque de loção pós-barba e suor provocou minhas narinas. Em vez de cheirar mal, ele tinha um odor terroso, masculino e totalmente viciante.

Asher Donovan era capaz de transformar suor em algo sexy.

Ele baixou o queixo. Se eu inclinasse o meu para cima, nós…

O zumbido suave, mas distinto, de um obturador se fechando colidiu contra aquele momento com a graça de uma bola de demolição.

Viramos a cabeça para a origem do som, e meu queixo caiu quando vi um homem nos espreitando por cima da vegetação.

– Que *porra* é essa?

A explosão de Asher refletiu exatamente meus sentimentos. O fotógrafo havia, de alguma maneira, escalado a cerca viva de quase quatro metros que delimitava o terreno e estava capturando nossa interação com uma lente teleobjetiva.

Após ser visto, não perdeu tempo. Abaixou a câmera, colocou o rabo entre as pernas e saiu correndo para a direita, assim que Asher me empurrou para o lado e disparou atrás dele.

Depois de um tempo, fiz o mesmo.

Nossa partida de futebol improvisada (se é que podíamos chamá-la assim) havia sugado a maior parte da minha energia. Meu corpo inteiro doía, em especial as pernas, que ardiam a cada passo. Uma nova onda de adrenalina era a única coisa que me fazia ir adiante.

Por sorte, havia um atalho através das cercas vivas para a entrada da garagem, então não precisei atravessar toda a mansão.

Quando virei a esquina, Asher já havia pegado e contido o paparazzo, prendendo seus braços atrás das costas. Uma Nikon sofisticada estava em pedaços ao lado deles.

– Você quebrou a minha câmera! – gritou o homem. Seu nariz bulboso ficou vermelho. – Aquela lente custa oito mil libras!

– Sua lente? – Asher torceu os braços dele com mais força e o homem soltou um berro de dor. – Você invadiu minha propriedade e tirou fotos nossas. – Seus olhos brilhavam como facas de esmeralda. – Eu aturo as merdas de vocês quando estou em público, mas não se engane: se eu te pegar outra vez perto de um de nós dois, vou quebrar mais do que a sua câmera. Entendeu?

A boca do homem se achatou em uma linha amarga.

Não o reconheci. Não era um dos frequentadores habituais da RAB quando treinávamos lá, e a facilidade com que Asher o pegou sugeria que ele era novo no trabalho. Se fosse o caso, ele havia feito um péssimo novo inimigo.

– Eu perguntei se você entendeu! – Asher torceu os braços dele outra vez, e a teimosia do homem se dissolveu em um grito patético.

– *Entendi*.

– Ótimo. Agora dá o fora da minha casa antes que eu mude de ideia.

– Não acredito que você pegou o cara – falei assim que o paparazzo foi embora. Ele devia ter pelo menos um minuto de vantagem sobre Asher. – E não acredito que você quebrou a câmera dele.

– Saiu barato ter só a câmera quebrada. – O pescoço de Asher se contraiu de tensão.

Eu nunca o tinha visto tão furioso. Não sabia que isso era *possível*. Ele era

sempre tão tranquilo, mas ali, com o corpo retesado e o rosto franzido, ele era a representação da mais pura e extrema raiva.

No entanto, com a ausência do paparazzo e o ar silencioso mais uma vez, a raiva se esvaiu lentamente, deixando para trás uma frustração visível.

– Preciso melhorar minha segurança. – Asher passou a mão no rosto. Ele parecia cansado, e uma agulha de compaixão perfurou minhas entranhas. – Não queria transformar este lugar numa porcaria de prisão, mas não posso permitir que as pessoas entrem desse jeito. Se ele não tivesse sido pego a tempo…

Estremeci. Em um mês, tínhamos tido dois encontros com os paparazzi. Até quando duraria nossa sorte?

– Como ele conseguiu entrar?

Invadir a escola era uma coisa. Invadir a propriedade privada de alguém era outra.

– Minha equipe de paisagistas estava entrando e saindo durante nosso treino. O desgraçado deve ter se esgueirado no meio deles. – Asher cerrou a mandíbula. – Pessoas como ele são abutres, farejando qualquer resto que possam encontrar.

A agulha de compaixão entrou mais fundo.

– Estar publicamente exposto desse jeito deve ser horrível.

Vincent lidava com algo parecido, mas nenhum atleta vendia manchetes como Asher. O escrutínio público e as invasões de privacidade que ele enfrentava eram de outro nível.

– Eu poderia lidar com isso se eles estivessem só vindo atrás de mim. Eu sei no que me meti – disse Asher. – Mas você está sendo envolvida nessa confusão, e isso é um absurdo.

Suas palavras pulsaram em minhas veias, enchendo-as de um calor desconfortável.

– Ah. Eu… – Hesitei por um segundo antes de recuperar a compostura. – Não precisa se preocupar comigo. Sou bem grandinha. Consigo lidar com um paparazzo fora de forma.

Aquilo fez seus lábios se curvarem num sorriso tímido.

– Disse a pessoa que está ofegante como se tivesse acabado de correr uma maratona.

– Me dá um crédito. Faz anos que não corro desse jeito.

Minhas pernas gelatinosas confirmavam que eu e o exercício aeróbico

estávamos distantes um do outro havia um tempo.

O indício de sorriso desapareceu.

– Merda. Esqueci que corrida é atividade de alto impacto. Não é bom para dor crônica, né?

O calor em minhas veias se transformou em mel. *Tudo* derreteu. Naquele ritmo, eles teriam que me raspar da entrada da garagem com uma espátula.

– Você pesquisou sobre dor crônica?

As maçãs do rosto de Asher ficaram pintadas de vermelho.

– Por curiosidade, só – disse ele. – Não entedia muito do assunto, então achei que deveria aprender o básico. Obviamente.

– Obviamente.

Era normal um coração humano bater tão rápido? Havia feito meu check-up anual algumas semanas antes. A médica disse que tudo parecia normal, mas talvez eu precisasse de uma segunda opinião, porque algo estranho estava acontecendo dentro do meu peito.

Os olhos de Asher brilharam com uma série de emoções que não consegui decifrar.

– Quer tomar um banho?

A mudança abrupta de assunto foi tão surpreendente que me fez voltar à normalidade.

– Quê?

– Um banho de banheira. Para a inflamação. Eu sempre tomo um depois de um treino particularmente intenso. Ajuda na recuperação.

– Inflamação. Claro. – *É óbvio que ele não estava perguntando se você queria tomar um banho com ele, idiota*. – Tranquilo. Eu posso tomar em casa.

Só que um banho me parecia, *sim*, maravilhoso, e minha casa ficava a pelo menos uma hora de distância se eu levasse em conta o trânsito da tarde.

A adrenalina restante foi drenada de minhas pernas. Queria me deitar na entrada da garagem e deixar que a pedra aquecida pelo sol aliviasse minha dor.

– Tem certeza? Tenho um milhão de banheiros para hóspedes. Não é nada de mais. – A testa franzida de Asher sugeria que ele havia percebido minha queda de energia. – O trânsito é um pesadelo a essa hora. Se não estiver se sentindo bem, não quero que as coisas piorem enquanto você estiver presa em Piccadilly.

Não. Seria estranho demais tomar banho na casa de um aluno, em especial quando esse aluno era Asher Donovan.

Eu *não* deveria de jeito nenhum, absolutamente, em hipótese alguma, aceitar a oferta.

Só que eu estava muito cansada, meu corpo doía e, se não me sentasse naquele momento, poderia desmaiar pela segunda vez na frente dele, e *isso* seria constrangedor, não?

– Eu… – *Não faça isso. Aguente firme. Espere até chegar em casa.* – Tá bem. Se você não se importa.

CAPÍTULO 11

SCARLETT



Aquela foi a melhor pior decisão da minha vida.

Afundei ainda mais na banheira de mármore, com a certeza de que a água continha algum tipo de feitiço. Banhos quentes sempre aliviavam minha dor, mas os que eu tomava em casa nunca faziam efeito tão depressa ou de forma tão eficaz.

Estava ali havia apenas sete minutos (vi no telefone) e já me sentia uma nova pessoa.

Talvez Asher mandasse trazer a água da banheira diretamente de um vilarejo secreto nas montanhas francesas, para em seguida ser abençoada por freiras virgens e só então sair pelas torneiras. Ou talvez seus sais de Epsom fossem de melhor qualidade do que os meus.

Fosse como fosse, eu não estava reclamando.

Pousei a cabeça no encosto acolchoado e fechei os olhos. Os jatos de água, a música clássica que passava pelos alto-falantes ocultos, o cheiro de lavanda e camomila… a minúscula banheira da minha casa e os gritos do casal do apartamento ao lado que vivia terminando e voltando pareciam estar a mundos de distância.

Não me importava se tomar banho na casa de Asher era estranho ou não. Eu poderia ficar naquela banheira para sempre.

Scarlett DuBois: a mulher que trocou suas convicções por sais de Epsom e uma jacuzzi.

Pode apostar que sim. E valeu a pena.

A única desvantagem da minha situação naquele momento era a falta de distrações. Sem distrações, tinha mais tempo para pensar. Mais tempo para pensar significava que meus pensamentos inevitavelmente se voltavam para certo jogador de futebol. Tentar controlá-los era como um novato tentando domar um cavalo selvagem: inútil.

Você pesquisou sobre dor crônica?

Por curiosidade, só.

Pequenas asas ganharam vida novamente por todo o meu corpo.

Era ou não deprimente o fato de Asher ter feito mais por mim em um mês do que meu ex-namorado durante todo o ano que sucedeu meu acidente?

Deprimente pra cacete.

Fiquei na banheira até a água esfriar. Depois, coloquei o roupão macio destinado aos hóspedes e os chinelos, e saí em direção ao corredor. Asher havia se oferecido para mandar minhas roupas sujas de grama para a lavanderia enquanto eu estava no banho, então só precisava pegá-las antes de sair.

Já estava ficando tarde e minha visita já tinha se estendido demais.

Mesmo assim, não tive pressa ao cruzar a ala privada da casa. Não tinha a intenção de bisbilhotar, mas estava fascinada com os pequenos vislumbres da vida pessoal de Asher.

Parei diante da parede de fotos do lado de fora da suíte principal (a porta entreaberta revelava objetos pessoais suficientes para confirmá-la como o quarto dele, e não como um quarto de hóspedes). As fotos estavam organizadas em ordem cronológica, documentando sua história desde que era um adorável bebê até o superestrelato da vida adulta.

Meus lábios se curvaram diante de uma foto do pequeno Asher com um chapeuzinho de aniversário e uma boca sorridente suja de chocolate. Algumas molduras adiante, uma versão um pouco mais velha dele ostentava um uniforme do Holchester United e o mesmo sorriso (embora sem chocolate). Um homem mais velho de aparência severa estava de pé ao lado dele com a mão em seu ombro. Devia ser o pai de Asher – eles tinham exatamente os mesmos olhos e a mesma estrutura óssea.

– Meu aniversário de cinco anos. – A voz de Asher desviou minha atenção das belas fotos. Ele saiu do quarto e apontou com a cabeça para a galeria. – Meu pai me deu meu primeiro uniforme do Holchester, e fiquei

tão empolgado que o vesti imediatamente. Passamos o resto da tarde jogando bola, pra irritação da minha mãe.

Um calor se espalhou pelo meu pescoço e por minhas orelhas.

– Desculpa. Não quis ficar fuxicando suas coisas.

– Tudo bem. Se eu não quisesse que as pessoas vissem as fotos, não as teria colocado aqui.

Asher deu de ombros. Ele devia ter tomado uma ducha enquanto eu estava na banheira. Seu cabelo estava úmido e ele havia trocado a roupa de ginástica por uma camiseta cinza e um short.

– São lindas as fotos. Imagino que seu pai seja um grande torcedor do Holchester, né?

– Fanático – confirmou ele. – Cresci em Holchester, e quando eu era criança ele me levava a todos os jogos em casa. A alguns fora de casa também. Quando assinei o contrato com o clube, ele foi à loucura. Até me perdoou pela minha passagem pelo Manchester United antes disso.

– E o Blackcastle? Como ele se sente em relação a isso?

Os torcedores do Holchester não gostavam do Manchester United, mas o ódio pelo Blackcastle era ainda maior. Eles eram o rival número um do Holchester.

– Menos entusiasmado – respondeu Asher, com naturalidade, mas sua expressão fechada sugeria que havia algo mais naquela história.

Engoli a curiosidade. Se quisesse explicar melhor, ele o faria.

Passei para outra pergunta que vinha me incomodando havia algum tempo:

– Por que você trocou de time? Você estava indo tão bem no Holchester.

– Duzentos e cinquenta milhões de libras é muito dinheiro.

– É, sim, mas não acho que esse foi o único motivo.

– Por que não?

– Você não me parece ser o tipo de pessoa que tomaria uma decisão apenas por um salário.

Apesar de todo o brilho e ostentação, Asher tinha uma adoração sincera e tangível pelo esporte. Isso transparecia em seu treinamento, em suas entrevistas e em sua coleção de lembranças de outros grandes nomes do futebol, não só dele próprio.

Jogadores como ele não tomavam grandes decisões com base apenas em dinheiro. Além disso, ele já era absurdamente rico antes da transferência.

Um pequeno sorriso surgiu em seu rosto.

– Um DuBois elogiando meu caráter? Alguém verifique a temperatura no inferno.

– Eu não sou meu irmão.

Tinha sido preconceituosa com Asher por motivos que não tinham nada a ver com Vincent, mas quanto mais tempo passávamos juntos, mais difícil era manter a animosidade inicial.

– Não. – O olhar de Asher se fixou no meu por uma fração de segundo a mais do que o habitual. – Você definitivamente não é o seu irmão.

Suas palavras flutuaram suavemente entre nós. Minha pele despertou com um zumbido e, de repente, me dei conta de que menos de uma hora antes estávamos os dois nus na mesma casa (a casa *dele*). Eu na minha banheira, ele em seu chuveiro.

Aquilo não deveria parecer tão íntimo. Mas pareceu.

A boca de Asher se abriu. A expectativa ecoou em meu peito, mas, antes que ele pudesse falar qualquer coisa, o estrondo de um trovão invadiu a casa. O som inconfundível de uma chuva torrencial veio em seguida, chamando minha atenção para a janela no final do corredor.

Estava tão envolvida naquilo (o que quer que *aquilo* fosse) que não havia notado que a bela tarde de verão havia se transformado em uma chuva repentina.

– Merda – disse Asher.

Nosso momento anterior havia ficado para trás, afastado pela distração e por nossa gradual retomada de sentidos. Isso se aplicava a mim, ao menos. Não fazia ideia do que ele estava pensando.

– É melhor você ir pra casa antes que a chuva piore – sugeriu Asher. – Vou ligar pro Earl e ver como está a sua roupa. Já deve estar pronta.

Havia esquecido que estava apenas com um roupão de banho.

Minhas bochechas pegaram fogo. Mesmo assim, eu o segui até a lavanderia, onde minhas roupas ainda giravam na secadora.

– Faltam quatro minutos – informou Asher. Parecia estar evitando meu olhar, embora talvez fosse minha paranoia inventando coisas. – Já, já fica pronto. Vamos te tirar daqui em…

Um alerta estridente emanou de nossos telefones.

Pelo visto, interrupções eram o tema do dia. Primeiro o paparazzo, depois o trovão e agora isso.

No entanto, minha irritação logo se transformou em nervosismo quando li a mensagem de emergência:

> *Alerta de enchente repentina em vigor para esta zona até as 8h. Trata-se de uma situação perigosa e com risco de morte. Não tente se deslocar a menos que esteja fugindo de uma área sujeita a inundações ou sob ordem de evacuação.*

Oito da manhã. Aquilo era no dia seguinte *de manhã*, o que significava que…

Asher e eu erguemos a cabeça e nos olhamos, horrorizados.

Ou seja, eu estava presa lá naquela noite.

CAPÍTULO 12

ASHER



Era um pesadelo.

O serviço de meteorologia havia alertado sobre a possibilidade de tempestades severas naquele dia, mas a manhã e a tarde tinham sido tão bonitas que não me preocupei com isso.

Agora, de repente, estava preso com a única pessoa com quem não queria – ou não *deveria* querer – passar a noite.

Olhei para Scarlett, que finalmente havia tirado o roupão de banho e vestido as roupas recém-secas.

Ainda bem. O roupão estava me distraindo, para dizer o mínimo, o que era irritante, porque era o *meu* maldito roupão para hóspedes.

Nota para mim mesmo: comprar roupões com cobertura total para o caso de episódios semelhantes no futuro. De preferência, comprido até o pé, com gola alta e tantas camadas que não dê para saber se é um corpo humano ou um bloco de concreto por baixo.

Certamente nada que revelasse longas pernas de dançarina ou a sombra de um decote. Nada que expusesse quilômetros de pele macia ou tentasse a imaginação.

– De jeito nenhum. Eu me recuso – disse ela, cruzando os braços. – Qualquer coisa, menos isso.

Meu coração quase parou antes que eu percebesse que ela estava falando sobre o filme que eu tinha escolhido, e não sobre os pensamentos libidinosos que, sei lá como, ela viu estampados em meu rosto.

– É um filme. Não é real.

Lancei um sorriso implicante para disfarçar minha explosão de alívio.

Fazia horas que tínhamos recebido o alerta meteorológico de emergência e a tempestade não dava sinais de diminuir. Por falta de algo melhor para fazer, nos acomodamos no cinema com pipoca e um combinado de alternar nossas opções de filmes.

Scarlett escolheu o primeiro, uma comédia sobre garotas de uma sororidade que se viam obrigadas a roubar um colar de diamantes raro depois de serem ameaçadas por um chefe da máfia de Las Vegas. Não era muito meu estilo, mas não reclamei, e no fim o filme acabou sendo muito bom.

Parecia um pouco injusto, então, que ela não quisesse cumprir sua parte do acordo.

– É um filme de terror – disse ela. – Eu não assisto a filmes de terror.

– Muito medo?

– Na verdade, sim. Filmes de terror me dão pesadelos e, a menos que você queira que eu grite pela casa às três da manhã, recomendo que mudemos pra qualquer outro gênero.

– Ah, fala sério. Não é tão ruim assim. Essa nem é a versão original japonesa.

As versões japonesas eram sempre dez vezes mais assustadoras do que as dos Estados Unidos. Todo mundo sabia disso.

– Eu não consegui nem ver *Pânico* direito. – Scarlett fez uma careta. – Não, obrigada. Escolhe outro filme, por favor.

– Isso não estava no nosso combinado.

– Por favorzinho? – disse, piscando com olhos suplicantes.

– Não adianta fazer essa cara. Não vai funcionar. – Arqueei a sobrancelha. – Vamos lá. O que houve com enfrentar seus medos e superá-los?

– Eu nunca disse que faria isso. Estou muitíssimo feliz em trancar meus medos no armário e fingir que eles não existem.

– Ah, negação. A melhor maneira de viver a vida.

– Coloca isso numa camiseta que eu viro sua garota-propaganda.

Uma risada explodiu em meu peito com a piadinha inesperada. Já tinha ouvido algo parecido antes, mas era melhor vindo dela.

Tudo era melhor quando vinha dela.

Seu joelho roçou no meu quando ela se mexeu no sofá. Meu sorriso desapareceu, e precisei de toda a minha força de vontade para não afastar bruscamente a perna.

Tinha feito um bom trabalho na tentativa de manter o profissionalismo durante as últimas semanas (exceto pelo desvio não planejado até a casa dela no domingo). Um ou outro flerte escapava de vez em quando, mas era inofensivo.

No entanto, era mais fácil agir assim quando estávamos no estúdio. Era muito mais difícil quando estávamos sentados um ao lado do outro em um cinema particular escuro.

Toda vez que nos mexíamos, corríamos o risco de esbarrar um no outro. A expectativa desses leves toques era mais estressante do que os sustos em um filme de terror. Além disso, dava para sentir o leve aroma de coco do xampu dela (o *meu* xampu de hóspedes) mesmo horas depois. Isso me fez querer enterrar o rosto e as mãos em seu cabelo, o que não seria *nem um pouco* profissional.

Segunda nota para mim mesmo: reabastecer os itens de higiene pessoal dos hóspedes com produtos sem perfume. Ou melhor ainda, com o xampu do meu pai. Meu pai usava o mesmo xampu desde que nasci, e o cheiro era absolutamente brochante.

Quem ia querer beijar alguém que tinha o cheiro do próprio pai? Ninguém.

– Vamos fazer um acordo – disse. – Você assiste a esse filme e eu abro mão do resto das minhas escolhas da noite. Podemos assistir a quantas comédias você quiser.

– Valeu a tentativa. Mas, quando esse filme acabar, já vai estar na hora de dormir. – Scarlett balançou a cabeça. – Nada feito.

Droga. Estava torcendo para que ela não se desse conta disso.

– Tá bem. Vou na cozinha buscar sorvete de pistache pra você.

– Não tem sorvete de pistache. Eu procurei.

– Em que momento você…? Deixa pra lá. – Mentalmente, repassei minhas outras opções. – Tá bem. Se você assistir ao filme *inteiro* comigo hoje à noite, eu te dou um crédito para um futuro favor. Qualquer favor que você quiser. – Estendi a mão. – Promessa de mindinho.

Scarlett revirou os olhos.

– Quantos anos a gente tem? Oito?

Mas ela estava considerando aquela possibilidade, notei, porque ela estava franzindo as sobrancelhas e olhando para a esquerda.

Olhar para a esquerda significava que ela estava refletindo sobre algo. Para a direita significava que ela estava mentindo.

Era alarmante como eu conseguia lê-la tão bem depois de apenas um mês.

– Qualquer favor?

Contive um sorrisinho triunfante.

– Qualquer um, desde que não seja ilegal. – Fiz uma pausa. – Quer dizer, dependendo do que for, eu poderia ser convencido mesmo que seja ilegal.

– Muito bom saber que você tem princípios, Donovan. – Scarlett tamborilou os dedos no braço da poltrona antes de enganchar o mindinho no meu. – Combinado.

Qualquer favor que eu precisasse conceder no futuro valeria a pena em nome do puro entretenimento que seria vê-la reagir de forma exagerada diante de cada coisinha durante os 95 minutos seguintes.

– Ai, meu Deus. – Scarlett espiou por entre os dedos, com os olhos arregalados. Na tela, a dona de casa assustada, mas determinada, subia as escadas, a madeira rangendo ameaçadoramente sob seus pés. – *Por que* ela está indo pro sótão? Isso não faz sentido! Se eu ouvisse barulhos estranhos vindo de dentro de casa, a última coisa que eu faria seria investigar sozinha.

– Talvez ela seja mais corajosa do que você.

– Você quer dizer "mais burra".

– Todo ato de coragem parece burrice até dar certo.

– Você… *Aaah!*

A trilha sonora da cena foi se tornando mais sombria e grave. Scarlett deu um grito e mergulhou em mim, enterrando o rosto em meu ombro e agarrando meu braço com tanta força que jurei que minha circulação havia sido cortada.

– O que houve? Ela morreu? *O que está acontecendo?*

Seu pânico abafado foi engolido pela minha risada. Não consegui evitar. Scarlett geralmente era tão reservada e contida que vê-la perder o controle por causa de um filme de terror cafona era quase melhor do que vencer uma partida.

Quase.

Depois que a música se acalmou e se descobriu que não havia nada no

sótão, exceto um baú velho e assustador, Scarlett ergueu a cabeça para me encarar.

– Para de rir.

– O seu grito – falei, quase engasgando de tanto rir, com os ombros sacudindo. – Eu deveria ter filmado. Impagável.

Ela bateu no meu braço em retaliação, mas mal senti. Aparentemente, diversão era a maior proteção contra a dor.

– Você é um péssimo anfitrião – reclamou ela. – Anfitriões educados não… *Aahhhhhh!*

Dessa vez, houve *mesmo* um daqueles sustos repentinos. Scarlett enfiou o rosto em meu ombro novamente, e minha risada se transformou em gargalhadas estrondosas.

Ela passou o restante do filme grudada em mim, espiando ocasionalmente quando os sons pareciam calmos e usando meu corpo como escudo quando não era o caso.

– Isso não conta como assistir ao filme – falei. – Você poderia muito bem estar ouvindo um audiolivro.

Apesar de dizer isso, não me importava. Suas mãos estavam quentes em minha pele, e eu gostava da maneira como ela se enroscava em mim.

– Já acabou? – perguntou ela quando os créditos finais começaram a rolar na tela.

– Sim, sua covarde. Já pode sair do seu esconderijo agora. E, por esconderijo, quero dizer a área entre o assento e as minhas costas.

Scarlett se afastou de mim com muita dignidade, ou com o máximo de dignidade possível quando se estava com o cabelo desgrenhado e as bochechas vermelhas.

– Ótimo. – Ela endireitou a blusa, a verdadeira representação de elegância mais uma vez. – Se você contar isso pra alguém, eu vou…

– Gritar mais um pouco? – Dei um sorriso debochado. Àquela altura, estava imune aos seus olhares. – Você não estava brincando quando disse que era uma fracote com filmes de terror. Presumo que nunca tenha participado de nenhum balé assustador.

– Na verdade, participei de uma temporada do *The Cage*, mas isso é diferente.

Eu não fazia a menor ideia do que era *The Cage*, mas parecia bastante perturbador.

– Qual é seu balé favorito?

Já era tarde, o filme tinha acabado e *deveríamos* estar indo para a cama – cada um para sua. Seria a coisa mais inteligente a se fazer.

Infelizmente, minhas decisões e *inteligência* não se encaixavam na mesma frase quando se tratava de Scarlett. Meu cérebro gritava para que eu saísse dali antes de acabar fazendo alguma besteira, mas ainda não estava pronto para dar boa-noite.

Além disso, não era como se eu a estivesse agarrando e beijando. Só estava puxando um papo amigável. Que mal poderia fazer?

– Balé favorito... – Uma ruguinha se formou entre suas sobrancelhas de novo. – Difícil. Levando em conta a coreografia, provavelmente *Petite Mort*. Se for um clássico, *Giselle*. Foi o primeiro espetáculo a que minha mãe me levou, então acho que tem um valor sentimental.

– Você sabia que queria dançar profissionalmente desde pequena?

– Sabia. – A expressão no rosto de Scarlett tornou-se suave. – Minha mãe me inscreveu no pré-balé quando eu tinha 4 anos. Algumas das minhas colegas só estavam lá porque eram obrigadas, mas eu esperava ansiosamente pelas aulas toda semana. Era… sei lá. Era bom fazer parte de algo tão estruturado. Fico ansiosa quando há incerteza demais. Além disso… – Um pequeno sorriso. – Os figurinos eram lindos.

Aquele sorriso não deveria ter se esgueirado por mim daquela maneira, como um ladrão invadindo um cofre no meio da noite.

Perigo, uma voz sussurrou. *Mantenha distância.*

– Eu também era boa, o que ajudou. Acho que sou orgulhosa demais pra amar algo que não me ama de volta.

Scarlett deu uma risadinha.

Se o sorriso dela era um ladrão, a risada dela era um assalto à mão armada, porque eu tinha certeza de que ela tinha acabado de roubar um pedaço do meu coração bem debaixo do meu nariz.

Para de drama. Ninguém roubou nada. Foi só uma risada. Supera.

Só que não era só a risada dela. Aquela era a primeira vez que ela se abria comigo. Claro, suas aulas de balé na infância não eram exatamente segredos profundos e obscuros, mas eram *alguma coisa*.

Ela estava baixando a guarda, e eu me odiaria para sempre se fizesse algo que pudesse estragar isso.

– E você? – perguntou ela. – Quando soube que queria ser jogador de

futebol?

– Provavelmente mais ou menos com a mesma idade em que você soube que queria ser bailarina. – Afundei um pouco mais no assento. – Eu te contei que o meu pai me deu meu primeiro uniforme do Holchester quando eu tinha 5 anos, mas ele vinha me preparando desde que eu estava no útero. Minha mãe diz que, em vez de música, ele tocava as análises de partidas de que mais gostava pra mim. Acho que ele torcia para que a minha versão feto assimilasse todas aquelas estratégias e saísse pronto para a Premier League.

Scarlett riu outra vez.

– Sua mãe deve ter adorado.

– Ah, ela deu uma semana de desconto pra ele antes de ameaçar jogar fora toda a *memorabilia* que ele tinha do Holchester se ele sequer pronunciasse a palavra "futebol" perto dela novamente durante a gravidez. – Abri um sorriso, imaginando a ira da minha mãe e os protestos do meu pai. – Ele não foi burro de arriscar, mas, no momento em que eu tive idade suficiente pra chutar uma bola, já era. Meu futuro estava definido.

Aquilo foi uma hipérbole, em alguma medida. Era impossível garantir uma carreira no futebol profissional. Houve jogadores aspirantes que trabalharam com o mesmo afinco, mas nunca chegaram perto das grandes ligas. A sorte e o momento certo faziam diferença.

Eu havia me beneficiado de ambos. Teddy, não.

Uma pedra se alojou em minha garganta e me forcei a engoli-la. Não era hora de ficar remoendo o passado.

– O que você gostaria de ser se não tivesse se dedicado ao futebol? – perguntou Scarlett, sem saber que estava me atirando uma boia salva-vidas antes que eu me afogasse em um mar de "e se".

– Não faço ideia – respondi. – Futebol é a única coisa em que sempre fui bom.

Eu odiava a escola. Passava as aulas sonhando acordado com futebol, provavelmente por isso minhas notas eram péssimas. Os professores não sabiam o que fazer comigo. A maioria acabou desistindo, e alguns riram quando eu disse que seria o próximo Beckham ou Armstrong.

Provei que eles estavam errados, mas uma pequena parte de mim havia se agarrado às palavras deles. Esse desprezo ficou gravado profundamente em minha psique, me alimentando com rancor, mas também com o medo angustiante de que eles estivessem certos – de que estava onde estava apenas

porque tivera sorte e que a sorte poderia ser arrancada de mim a qualquer momento.

– Talvez eu fosse piloto de corrida – respondi, depois de pensar um pouco. – Ou me dedicasse a outro esporte.

Era mentira. *Não havia* nenhum outro esporte. Só o futebol. Entretanto, era tão triste admitir isso que inventei qualquer coisa.

– Se não fosse isso, eu me arriscaria em algo mais ousado, como instrutor de surfe para cachorros ou profissional em conchinha ou coisa do tipo.

– Profissional em conchinha não existe.

– Existe, sim. Pesquisa no Google. – Sacudi o telefone no ar. – Não quero me gabar, mas sou muito bom em conchinhas. Posso demonstrar.

Scarlett revirou os olhos, mas deu um sorrisinho.

– Não, obrigada. Eu acredito em você.

Mergulhamos em um silêncio confortável. Senti que Scarlett queria ficar ali tanto quanto eu, apesar dos bocejos que tentava esconder.

Senti a culpa pressionar meus ombros. Não deveria tê-la incentivado a jogar mais cedo. Tinha lido que exercícios intensos poderiam agravar os sintomas da dor crônica, mas o tempo estava lindo e não pensei direito. Tinha gostado demais de vê-la se soltar, e ela se movia com uma graça de dançarina que era evidente até mesmo para olhos inexperientes.

– Você tem vontade de voltar a dançar? – perguntei. – Se pudesse.

Scarlett ficou imóvel por um segundo e então balançou a cabeça.

– A minha vontade não importa – respondeu ela, com uma expressão impassível. – Eu *não posso*. Já fiz cirurgias, fisioterapia, tudo que você pode imaginar. Estou muito melhor agora, mas perdi muita mobilidade e flexibilidade por conta das lesões no quadril. Nunca mais vou ter o mesmo desempenho de antes.

– Mas você sente falta de dançar – insisti, delicadamente.

Houve uma longa pausa antes de ela responder.

– Sim. – A palavra continha uma tonelada de melancolia. – Eu sinto.

Uma bola de sentimentos se formou no meu peito em resposta. Não conseguia me imaginar acordando um dia e perdendo a capacidade de jogar futebol. O fim de sua carreira foi ainda mais devastador por ter sido tão inesperado. Havia pesquisado sobre o acidente depois que ela me contou a respeito. Ela estava a caminho de uma apresentação quando o outro carro a

atingiu.

O universo podia ser muito cruel, e eu odiava ver aquela tristeza nos olhos dela.

– Nem todas as montagens precisam ser na Royal Opera House ou no Westbury. – Pensei tê-la visto estremecer quando mencionei o Westbury, mas talvez tivesse sido coisa da minha imaginação. – Você não pode dançar por diversão? Deve haver papéis menos exigentes do ponto de vista físico.

– Não sei. Nunca tentei.

A resposta brusca de Scarlett sugeriu que ela queria encerrar a conversa o mais rápido possível.

Não queria pressioná-la demais, tampouco julgá-la, mas foi impossível não me chocar com o fato de que ela não havia tentado dançar desde o acidente.

Eu entenderia se ela tivesse deixado esse mundo para trás, mas ela ainda estava ensinando balé e ela mesma disse que sentia falta.

– A apresentação da equipe da RAB parece ser uma boa oportunidade pra tentar. – Abordei o assunto com cautela. – Baixas expectativas, público conhecido.

– Não.

Uma palavra. Foi o que bastou para que os portões se trancassem.

Scarlett fechou a cara, arregalou os olhos e contraiu os lábios com firmeza, com um ar de teimosia. A franqueza que havia abrilhantado nossa conversa anterior se apagou, deixando uma tensão incômoda em seu rastro.

Seus motivos para não participar do espetáculo não eram da minha conta (embora eu não tivesse acreditado na justificativa "estou ocupada demais" que ela me dera quando perguntei pela primeira vez. Todos na RAB viviam ocupados). As consequências do acidente eram um assunto delicado, o que era legítimo. Se eu estivesse no lugar dela, ficaria furioso comigo pela intromissão.

No entanto, o desejo em seus olhos quando mencionei dançar outra vez ficou gravado em minha memória, e não deixaria isso passar batido.

Estou muitíssimo feliz em trancar meus medos no armário e fingir que eles não existem.

– Do que você tem medo, Scarlett? – A pergunta escapou, tímida mas mesmo assim incisiva.

Suas limitações físicas não eram seus maiores obstáculos, mas sim seus

medos.

Havia conhecido alguém que se deixou controlar pelos próprios medos. Não consegui ajudá-lo, e ele levou esses medos para o túmulo.

Passei noites acordado me perguntando o que teria acontecido se eu o tivesse pressionado mais. Se tivesse me esforçado mais, em vez de me deixar tomar pelos sonhos relacionados ao meu próprio sucesso. Será que isso teria feito alguma diferença? Será que ele ainda estaria vivo?

Esses arrependimentos me impediram de recuar, mesmo diante da resistência de Scarlett.

Eu não ligava se ela estava furiosa comigo. Já havia deixado na mão uma pessoa com quem me importava uma vez; não faria isso de novo.

Scarlett não era minha melhor amiga, namorada nem parente, mas eu não precisava de um rótulo para saber que me importava com ela, *sim*.

Esperava que ela ficasse irritada com a minha pergunta. Em vez disso, a rigidez lentamente desapareceu de seu rosto, e seus ombros caíram com um suspiro resignado.

– A última vez que me apresentei, estava no auge – disse ela. – A próxima grande primeira bailarina. Era assim que a imprensa me chamava. Fiz a abertura de *O Lago dos Cisnes* no Westbury e arrasei. Ovacionada de pé, críticas excelentes. Mas não sou mais essa bailarina e quero que as pessoas se lembrem de mim como eu era. Saudável. Talentosa. – Sua voz ficou trêmula na palavra seguinte. – Inteira.

– Besteira.

Minha resposta estalou como um chicote no ar.

Scarlett se assustou, franzindo a testa, ao mesmo tempo chocada e ofendida.

– Você não está quebrada, então não me venha com essa conversa fiada de "inteira" – falei. – E aposto que você ainda faz a maior parte da população em geral comer poeira quando se trata de balé, então não tente vir com esse papo de que não tem talento também. – Fiz uma pausa, me corrigindo. – Tá, talvez não comer poeira exatamente, mas você entendeu.

Um sorriso quase imperceptível tocou seus lábios.

– O ponto é que as suas lesões não definem quem você é. Talvez você não seja mais a mesma bailarina, mas quem disse que você precisa ser? O crescimento nem sempre é linear, e eu vi você no estúdio. Acho que você ainda é bem incrível.

A boca de Scarlett se abriu. Ela me encarou, com os olhos arregalados, meu minidiscurso motivacional fazendo algum efeito.

Eu não era muito de discursos, mas precisava tirar aquilo do peito. Às vezes, precisávamos de outra pessoa para nos mostrar o que estava bem na nossa frente.

– De onde saiu isso, posso saber? – perguntou ela.

Havia um tom estranho em sua voz, mas não consegui identificar bem o que era.

– É a verdade. Não precisei me esforçar muito pra perceber.

Scarlett fechou a boca, abriu e fechou outra vez. Um minuto inteiro se passou antes que ela falasse novamente:

– E se eu fracassar? Já faz cinco anos. Estou sem prática e nunca atuei em *Lorena* antes. Sei que uma apresentação só para a equipe não é a mesma coisa que um balé na Royal Opera, mas são os meus colegas. Meus alunos. Se eu fizer uma besteira, depois vou ter que encará-los todos os dias, e não sei se consigo fazer isso.

Quando ela concluiu, suas palavras eram quase inaudíveis.

Uma dor crua e desconhecida se instalou em meu peito. Odiava a desesperança que irradiava dela, mas entendia aquele sentimento.

Balé, futebol. Ambas as carreiras tinham datas de validade predefinidas.

Não éramos como escritores ou advogados, que, teoricamente, teriam a possibilidade de manter seu emprego até a morte. Entrávamos em nossas áreas sabendo que, um dia, por mais que tentássemos, nossos corpos simplesmente seriam incapazes de funcionar no nível necessário para sustentar nossos sonhos.

Nossas carreiras eram breves, porém brilhantes, e estavam sujeitas aos caprichos do universo – um acidente, um golpe de azar poderiam acabar com tudo antes do esperado.

Eu tinha consciência disso. Scarlett tinha vivido isso.

Então, talvez eu estivesse passando dos limites com o que eu tinha a dizer em seguida, mas não estaria sendo um bom amigo para ela se não apontasse isso – e eu a considerava uma amiga, mesmo que o sentimento não fosse recíproco.

– Acho que você é capaz de mais do que acredita ser – declarei. – Mas, no fim das contas, você precisa se perguntar do que se arrependeria mais: tentar e fracassar ou nem sequer tentar?

CAPÍTULO 13

SCARLETT



A tempestade continuava a assolar o mundo lá fora. A chuva batia nas janelas e os relâmpagos afugentavam as sombras do teto a cada minuto.

Era o ruído branco perfeito. As pessoas pagavam por esse tipo de ambiente na hora de dormir, mas eu não conseguia pregar o olho.

Em vez disso, estava deitada na cama havia duas horas, repetindo os acontecimentos do dia em um loop infinito.

O peso do corpo de Asher sobre o meu.

A perseguição do paparazzo.

O momento em que nos demos conta de que eu teria que passar a noite na casa dele.

E, acima de tudo, nossa conversa no cinema, que revelou inseguranças que eu preferia manter enterradas.

Não tinha a intenção de despejá-las em Asher. Sempre mantive meus medos mais profundos (e os mais ridículos) trancados a sete chaves dentro de mim, escondidos até mesmo de Vincent e Carina. Porque o que poderia ser mais ridículo do que me recusar a subir no palco para não fazer papel de boba, como uma ex-bailarina que se agarra desesperadamente à sua antiga glória? No entanto, havia algo em Asher que me fez querer compartilhar isso com ele. Ele me ouviu sem julgamentos e, como atleta, provavelmente compreendeu meu dilema tanto quanto qualquer outra pessoa que não dançasse.

Eu deveria estar mais irritada por ele ter me pressionado tanto, mas

talvez ele tivesse razão. Será que tentar e fracassar era melhor do que nem tentar? Daqui a vinte, quarenta, sessenta anos, eu me arrependeria de não ter me dado uma segunda chance quando pude?

Argh. Crises existenciais no meio da madrugada eram as piores.

Fechei os olhos, ouvindo os estrondos dos trovões que retumbavam pelo quarto. Meu corpo estava exausto após o esforço do dia, mas minha mente estava totalmente desperta.

Asher havia me colocado em um quarto no final do corredor, o mais longe possível do seu, apesar das muitas suítes de hóspedes vazias entre nós dois.

Não sabia se ficava aliviada ou ofendida. Será que ele achava que eu iria invadir seu quarto e pular em cima dele ou algo assim? Ou isso, ou ele estava preocupado com o que seria capaz de fazer se eu chegasse perto demais.

Eeeei… olha só… talvez tenha sido uma decisão aleatória e você esteja só vendo coisa onde não tem. Nem tudo é sobre você, Scarlett.

Beleza, então. Minha consciência me deu um choque de realidade. Supor que Asher Donovan estava tão atraído por mim a ponto de perder o controle se dormíssemos em lados opostos de um corredor era o cúmulo da arrogância.

Mesmo assim, uma brasa se acendeu com a imagem mental dele na cama. Será que estava acordado? Se sim, no que estava pensando? Ele dormia de cueca, de camiseta e calça de moletom ou sem nada?

Grunhi e enterrei o rosto no travesseiro. Por que de repente eu o estava imaginando nu? Qual era o meu *problema*?

Tentei me concentrar em outra coisa. Infelizmente, a única outra coisa que chamava a minha atenção era a fome que eu sentia.

Meu estômago roncou, ressentido.

– Fica quieto.

O segundo ronco sobrepujou o trovão. Ao que parecia, meu comando sussurrado só serviu para irritar ainda mais os monstros famintos.

Ah, dane-se.

Atirei as cobertas para o lado e fui para o corredor na ponta dos pés.

Eram quase três da manhã, conhecida como "a hora do diabo", e senti um arrepio. A casa se transformava em uma entidade diferente à noite, quando sombras distorcidas dançavam nas paredes e o silêncio assumia um peso ameaçador.

Não conseguia me livrar da sensação de ter sido escalada como a protagonista desavisada de um filme de terror, caminhando rumo a uma morte horrível sem nem saber, quando deveria ter ficado segura e quentinha na cama.

Asher, seu idiota. A culpa da minha paranoia era dele. Será que ele realmente achava que uma história sobre uma mansão mal-assombrada por espíritos sinistros era o melhor filme para assistir antes de ir para a cama?

Talvez fosse *por isso* que eu não conseguia dormir. Meu subconsciente estava me protegendo de possíveis pesadelos. Não tinha nada a ver com alguém com as iniciais A.D.

Desci as escadas e atravessei a sala de estar com a ajuda de meu fiel mantra.

Fantasmas não existem. Fantasmas não existem. Fantasmas não…

Dobrei o corredor e parei no meio do caminho. Uma luz fraca vazava pela porta da cozinha, alertando-me para o fato de que havia alguém – ou alguma *coisa* – lá dentro.

Finalmente entendi como os personagens dos filmes de terror se sentiam, porque, embora o sentimento de autopreservação gritasse para que eu fugisse dali, uma curiosidade mórbida me impulsionava.

Peço perdão a todos os personagens idiotas que critiquei por tomarem decisões ruins. Acontece que eu também sou um personagem idiota que toma decisões ruins.

Espiei pela porta, o coração martelando no peito.

Uma figura alta e escura estava perto da geladeira aberta, empunhando uma faca.

Não consegui evitar. Dei um grito.

– Aaaahhh!

– Aaaahhh!

A figura se virou. A faca caiu no chão quando nossos gritos simultâneos romperam o silêncio.

Não pensei. Simplesmente corri para dentro da cozinha, agarrei uma frigideira que estava por perto e tentei acertar sua cabeça antes que ele se recuperasse da surpresa.

Ele se abaixou bem a tempo. Corri outra vez, mas ele agarrou meu braço, derrubando nós dois no chão.

Ele bateu primeiro no piso frio com um gemido audível. Eu o prendi

entre as penas e levantei a frigideira acima da cabeça.

Naquele momento, eu estava agindo por puro instinto. Se parasse de me mover, o medo tomaria conta, e eu não podia permitir que isso acontecesse. Alguém iria se machucar, e não seria eu. *Hoje não, Satanás.*

Estava prestes a golpear com a frigideira quando uma voz familiar penetrou em minha nuvem de adrenalina.

– Scarlett, para com isso!

Espera. Isso foi…

Pisquei com força, a névoa inconsciente se abrindo para revelar uma mandíbula marcada e olhos de esmeralda.

– Asher?

– Claro – resmungou ele. – Quem você *achou* que pudesse ser?

– Achei que fosse um intruso.

Meu coração continuou acelerado, se esforçando para acompanhar aquele novo desdobramento.

– Por que você acharia isso?

Asher olhou para mim com cautela, segurando a panela com força, os nós dos dedos brancos.

Ai, meu Deus. Eu quase tinha batido no rosto de Asher Donovan com uma frigideira.

Fiquei vermelha e rapidamente coloquei a panela no chão.

– Desci pra fazer um lanche e vi a luz da cozinha acesa. Não pensei que…

– Que eu poderia ter tido a mesma ideia? – concluiu ele, com um tom seco.

O rubor se espalhou pelo meu pescoço e pelo meu peito.

De alguma maneira, minha mente havia descartado a resposta mais lógica e ido diretamente para o pior cenário possível.

Queria que o chão se abrisse e me engolisse por inteiro. Uma queda livre em direção ao inferno não poderia ser pior do que agredir meu anfitrião com aço inox cirúrgico.

– Eu estava sendo prudente. Se você *fosse* um intruso… – Parei na metade da frase. *Não piore a situação.* – Enfim, me desculpa. – Precisava dizer aquilo antes que meu rosto explodisse de vergonha. – Eu não queria, hum… quase matar você.

– Desculpas aceitas.

Meu alívio aumentou exponencialmente com a pontada de humor em sua resposta.

Que bom. Ele não estava *tão* chateado assim.

Ser presa sob acusação de tentativa de homicídio teria atrapalhado muito meu final de semana.

O zumbido da geladeira crepitava entre nós. Ele não havia fechado a porta antes de eu golpeá-lo, e a rajada de ar frio causou arrepios em meus braços. O corpo de Asher era a única fonte de calor.

Meus olhos se desviaram para baixo por vontade própria. Uma camiseta verde macia se moldava aos ombros e ao peito dele, não muito apertada, apenas o suficiente para indicar que havia um abdômen sarado por baixo. Ao contrário do tom brilhante e penetrante de seus olhos, a camiseta estava tão desbotada que era quase cinza. Durante nosso embate, ela havia revelado uma faixa de pele bronzeada acima do cós da calça de moletom.

Então era isso que ele usava para dormir.

Era tão casual e ao mesmo tempo tão íntimo, como se sem querer ele tivesse me oferecido um vislumbre do que ele tinha de mais privado e...

– Scarlett.

– Sim?

– Sei que você está babando por mim e detesto interromper o seu momento, mas você poderia se levantar, por favor? Por mais que eu goste de ter você em cima de mim, esse piso não foi projetado para ser confortável.

Meu olhar se voltou para o dele quando pela segunda vez naquela noite caiu a ficha.

Eu ainda estava em cima dele.

Asher arregalou os olhos achando graça quando empurrei seu peito e me levantei.

Esqueça as almas penadas. Se eu morresse naquela noite, seria a única culpada.

Aqui jaz Scarlett DuBois, vítima de humilhação autoinfligida.

– Eu não estava babando por você – menti, usando os farrapos da minha dignidade espalhados ao redor como última opção de escudo.

Asher se levantou, parecendo notavelmente bonito para três e quinze da manhã. Mais uma prova de que o universo era injusto.

– Tudo bem, querida. Não vou usar isso contra você.

– O que eu te falei sobre me chamar de “querida”?

– Digamos que ganhei o direito de fazer isso de vez em quando, levando em consideração que você quase reconfigurou a minha cara com meus próprios utensílios de cozinha.

Ele… É, ok, ele tinha um bom argumento.

– Você nunca vai me perdoar por isso, né?

– Nunca é muito tempo. – Um sorriso malicioso surgiu em seu rosto. – Mas eu esperaria menções frequentes a essa noite pelos próximos cinquenta anos ou mais.

– Ousado e errôneo da sua parte supor que ainda nos falaremos daqui a cinquenta anos.

– Coisas mais estranhas já aconteceram. Se você tiver sorte, pode ser até setenta.

Imaginei versões enrugadas e de cabelo branco de nós dois discutindo em uma casa de repouso em algum lugar. A imagem não me repugnou tanto quanto deveria.

Outra rajada de ar polar passou pela porta aberta da geladeira.

O olhar de Asher deslizou do meu rosto para o meu pescoço e para o meu peito. Seu sorriso desapareceu, e um arrepio elétrico percorreu meu corpo.

Nenhum de nós se moveu para fechar a porta.

A tensão engoliu a leveza anterior e, de repente, me dei conta dos meus trajes sumários.

Não queria dormir com minhas roupas de ginástica, então Asher havia me emprestado uma camiseta. A camiseta preta vintage batia no meio da minha coxa. Por baixo, usava minha calcinha de renda favorita – e só.

Sem sutiã.

Meus mamilos endureceram até ficarem doloridos sob o olhar de Asher. Seus olhos escureceram e uma resposta latejou entre minhas pernas.

Eu não era uma pessoa de encontros casuais. Já havia tentado. Não faziam muito sentido para mim, então meu vibrador e eu desenvolvemos uma relação bem próxima ao longo dos anos. Em regra, era suficiente, mas naquele momento não era a ideia do meu Maximus 3000 Ultra que deixava meu corpo em brasas.

Era a ideia do que Asher poderia fazer com as mãos e a boca, tendo em vista que apenas seu olhar já me deixava excitada.

Era a fantasia de estar montada nele novamente – só que, dessa vez, nós

dois estaríamos nus.

Era a atração latente que vinha crescendo entre nós desde que nos conhecemos, a mesma que eu tinha feito de tudo para destruir, apenas para que ela ressurgisse sem parar como uma fênix das cinzas.

Não estava dizendo que queria namorar ou me casar com ele, mas eu o *desejava* e, a julgar pela forma como sua respiração foi ficando mais lenta, ele também me desejava.

Ele deu um passo na minha direção.

– Scarlett…

Ouvir meu nome na voz rouca dele me trouxe de volta à realidade.

Que diabos estou fazendo?

– Desculpa mais uma vez pela tentativa de homicídio, mas eu… eu tenho que voltar a dormir – deixei escapar. – Acordo cedo amanhã. Depois a gente conversa.

Dei meia-volta e saí correndo da cozinha antes que ele pudesse me impedir.

Foi só depois de trancar a porta em segurança e me esconder embaixo do edredom que me dei conta de que não tinha pegado nada para comer.

A parte boa: não estava mais com fome.

A parte ruim: meu desejo por comida havia se transformado em um desejo por outra coisa.

Depois de cinco minutos me revirando na cama, cedi e empurrei as cobertas para o lado. A pulsação no meio das minhas pernas se intensificou, tornando-se um incômodo doloroso, e quando coloquei a mão dentro da calcinha, ela ficou instantaneamente encharcada com minha lubrificação.

Fechei os olhos, perdida no prazer e na sequência de cenas que se desenrolavam em minha cabeça.

Asher abrindo a porta e me encontrando daquele jeito, com as pernas abertas, esfregando descaradamente meu clitóris.

Ele subindo em cima de mim, o rosto parcialmente obscurecido pela tempestade implacável.

O peso de seu corpo me prendendo na cama, o delicioso estiramento quando ele entra em mim pela primeira vez, o aperto de aço em meus quadris enquanto ele me fode com estocadas longas e fortes.

Ai, meu Deus. Minha respiração ficou ofegante. Esfreguei mais rápido, minha pele úmida de suor, mas não era suficiente.

Estiquei a outra mão para brincar com meu mamilo e mantive o polegar no clitóris enquanto enfiava dois dedos lá dentro.

Um gemido alto escapou. *Porra*, que delícia.

Fazia muito tempo que não me tocava, e o fato de estar fazendo aquilo bem ali, na casa de meu suposto inimigo, só deixava tudo mais excitante.

Os sons escorregadios de meus dedos entrando e saindo se misturaram com os estrondos dos trovões.

Meu movimento ficou mais rápido.

Eu estava tão perto.

Praticamente podia sentir o gosto dele na minha língua, um coquetel doce e terroso que fazia minha cabeça girar. Imaginei que era sua mão apertando meu seio, seus dedos me preenchendo tão bem. O trovão era a batida da cabeceira da cama contra a parede, e as rajadas de ar frio eram sua respiração em minha pele.

Era errado imaginar aquelas coisas, mas as fantasias corriam soltas sob o manto da noite e, quando se libertavam, não havia como prendê-las de volta.

Meu orgasmo me atingiu com uma ferocidade ofuscante. Luzes brancas explodiram diante dos meus olhos, e eu desabei, desabei em um abismo onde havia apenas calor e prazer e uma sensação insuportável de leveza.

Fiquei deitada ali, suada e sem fôlego, até que em algum momento o mundo começou aos poucos a voltar.

Tinha aliviado a tensão, mas, quando finalmente caí no sono, uma pontada de desejo não concretizado permaneceu, enchendo meus sonhos de imagens de cabelo escuro e olhos verdes.

CAPÍTULO 14

SCARLETT



Fui embora na manhã seguinte feito uma covarde.

Quando acordei, a tempestade havia passado e Asher (presumi) ainda estava dormindo, então me troquei, deixei a camiseta dele na lavanderia e mandei uma mensagem agradecendo antes de sair.

Não seria capaz de encará-lo sabendo que havia me masturbado pensando nele apenas algumas horas antes. Com a minha sorte, ele provavelmente tinha algum superpoder que lhe permitia captar qualquer orgasmo do qual tivesse participado (literal e figurativamente).

Eu não podia arriscar. Precisava de tempo para me recompor e descobrir o que fazer em relação à nossa situação, pois era insustentável.

Levei quase uma hora para chegar em casa. Depois de tomar outro banho e trocar de roupa, mandei uma mensagem para Carina pedindo que me encontrasse em nossa cafeteria de estimação.

– Obrigada por ter vindo tão em cima da hora – falei. – Eu precisava sair de casa. É um daqueles dias.

– Imagina. Jamais vou recusar chá e doces. – Carina partiu um pedaço de seu scone. – Além disso, eu precisava de uma desculpa pra sair de casa também. Meus pais estão de visita.

Ergui as sobrancelhas.

– Eles estão aqui? Mas acabaram de vir para a Páscoa.

– Pois é. Foi uma visita-surpresa. Eu amo os dois, mas, bem, você sabe.

Sim, eu realmente sabia.

Os pais de Carina moravam em Liverpool, onde seu pai era dono de um próspero restaurante de *pho* e sua mãe lecionava química na universidade local. Eram muito gentis, mas ela era filha única e os dois tinham fortes opiniões sobre seu trabalho, suas roupas, seus namorados, suas amizades, seus hobbies e basicamente todos os outros aspectos da vida dela. E foi por isso que ela havia se mudado para Londres e nunca olhou para trás.

– Tá rolando todo um drama familiar porque minha tia fugiu com o contador e vendeu uma casa ancestral da nossa família no Vietnã sem falar pra ninguém – disse ela. – Minha mãe está surtando.

– Vender uma casa ancestral parece ser algo que um contador não aconselharia a fazer.

– Acho que ele não era muito bom no trabalho dele.

Carina deu de ombros, alheia aos olhares fascinados de um grupo de homens que passava ali perto.

Com seu cabelo preto brilhante e sua estrutura óssea impecável, ela poderia facilmente fazer sucesso como modelo, mas odiava ser fotografada. Éramos amigas havia três anos, e tínhamos talvez cinco fotos juntas.

– Enfim, chega de falar de mim – disse ela. – O que tá havendo com você? Você tá tão coradinha. Estranho...

Contei o que havia acontecido no dia anterior, menos a parte da masturbação. Era melhor manter algumas coisas em segredo.

– Peraí, você dormiu na casa do *Asher Donovan* e eu só estou descobrindo agora? – Seu queixo caiu. – E vocês viram um filme de terror? *E* você o atacou com uma frigideira? Scarlett DuBois, quem é você? É como se eu não te conhecesse mais.

– Eu não o *ataquei* – resmunguei. – Foi legítima defesa. Achei que fosse um intruso.

– Você achou que ele fosse um intruso na própria casa?

– Eu te falei que não vi o rosto dele antes de obedecer ao meu reflexo de luta ou fuga. – Minha reação parecia ainda mais ridícula em plena luz do dia do que na noite anterior, mas melhores amigas não deveriam nos defender, não importasse o que acontecesse? – De que lado você está, afinal de contas?

– Eu não sabia que havia lados – disse Carina entre uma gargalhada e outra. – Mas, se houver, estou do seu, é óbvio. Dito isso, o que aconteceu foi claramente um sinal.

– Um sinal de que preciso ter mais juízo?

– Não, um sinal de que você precisa dormir com ele. – Carina ignorou meu protesto e começou a elencar os motivos nos dedos: – Ele caiu em cima de você sem querer. Você caiu em cima dele sem querer. Vocês foram forçados a passar a noite juntos por causa de uma tempestade bizarra. Vocês desceram pra fazer um lanche na mesma hora. Eu sei quando o universo está bancando o cupido, e ele está totalmente a favor de vocês dois neste momento.

Carina adorava esses papos esotéricos tanto quanto odiava as fotos. Era fofo quando não era direcionado a mim.

Ainda bem que não havia contado a ela sobre o que fiz quando voltei para o quarto.

– Não posso dormir com ele – sussurrei. Lancei um olhar furtivo ao redor para o caso de alguém estar escutando. – O que as pessoas iriam pensar?

– Que você está se divertindo à beça. Você viu aquela matéria, alguns anos atrás, sobre aquela atriz de novela famosa que se envolveu com ele? Ela disse que ele faz coisas incríveis com a língua…

– *Carina*.

– Só estou dizendo que há provas documentadas de que o cara é um deus do sexo.

– E por isso mesmo jamais vou dormir com ele. Taí outro motivo. Mesmo que eu não fosse instrutora dele e ele não fosse arqui-inimigo do Vincent, eu jamais ficaria com outro jogador de futebol. Eles não valem nada, e os poucos que valem já são comprometidos.

Meu ex não havia me traído, mas menos de um mês depois do término de nosso longo relacionamento ele seguiu em frente – entre outras coisas.

Carina arqueou as sobrancelhas. Ela me examinou por um tempo por cima da borda de sua caneca, pousando-a na mesa com um suspiro suave.

– Você não pode deixar que um ex escroto arruíne sua opinião sobre o sexo oposto para sempre – disse ela, gentilmente. – Não deixe que ele tenha esse poder sobre você.

– Não tem a ver com o sexo oposto. É a profissão.

Ela me lançou seu característico olhar de "não vem com essa". Respondi com o meu olhar de "já falamos sobre isso, então não enche o saco".

Eu sempre revirava os olhos para os personagens clichês que "jamais seriam capaz de amar novamente" porque algum idiota partiu seu coração.

Todo mundo passava por uma decepção amorosa pelo menos uma vez na vida, não é? Supera e segue em frente.

Foi só quando eu mesma passei por isso que entendi como eles se sentiam. Depois de ter sido decepcionada por alguém em quem você confiava totalmente, era difícil baixar a guarda outra vez.

Agora, eu enxergava uma possível decepção em toda parte e preferia cortar o mal pela raiz a me arrepender mais tarde.

Meus sentimentos em relação a Asher eram complicados. Complicado *nunca* era bom.

No entanto, algo que ele dissera na noite anterior não saía da minha cabeça.

– Posso te perguntar uma coisa? – falei, depois que minha troca de olhares intensa com Carina se dissolveu em uma trégua silenciosa.

– Sempre.

– Você acha que eu deveria tentar participar da apresentação da equipe este ano?

– Depende – respondeu ela, com uma expressão suave, depois de hesitar por um instante. – É algo em que você está interessada?

Revirei minha torrada.

– Talvez.

– Você já conversou com a sua médica sobre voltar a dançar?

– Não. – Parti minha pobre torrada em mais pedaços. – Você acha que eu deveria?

Carina havia apoiado minha decisão de me afastar durante todos esses anos, mas nunca dera sua opinião pessoal sobre o assunto.

Ela levou a caneca aos lábios novamente.

– Acho que o simples fato de você estar cogitando fazer isso já é a sua resposta.

• • •

Fiquei às voltas com as palavras de Carina e Asher pelo resto do fim de semana. No domingo à noite, marquei uma consulta virtual com minha médica.

Na segunda-feira de manhã, me encontrei com Lavinia durante o

horário do expediente e falei sobre a possibilidade de participar da apresentação antes que perdesse a coragem.

No fim das contas, não precisava ter me dado ao trabalho.

– As audições foram encerradas na semana passada.

Respirei fundo, revelando sem querer minha surpresa com a notícia.

Ainda não tinha o aval da médica. Havia também a possibilidade de minha recente motivação se esvair e eu me arrepender de minha decisão quando chegasse o momento da apresentação.

Mas, se fosse o caso, por que fiquei tão decepcionada?

Lavinia me observou, com os olhos afiados e perspicazes por trás dos óculos.

– Tem algum motivo para você estar tão interessada nessa apresentação? Você se recusou a participar em todos os outros anos.

– Eu gosto da coreografia de *Lorena*...? – Saiu mais como uma pergunta do que como uma resposta.

Lavinia arqueou a sobrancelha num movimento muito sutil, uma expressão que demonstrou seu ceticismo. Ela não deixava passar nada, então, apesar da pedra alojada em minhas entranhas, expliquei meu raciocínio e me concentrei em meu desejo de subir ao palco novamente, mesmo que apenas por uma noite. Esperava que ela não tivesse percebido meu nervosismo aumentando ao falar sobre o espetáculo.

Deveria ter pensado melhor antes de falar com Lavinia, mas já tinha ido longe demais para desistir.

É isso que a espontaneidade me traz. Um discurso implorando por algo que nem sei se quero.

Só que quanto mais eu falava, mais começava a acreditar no que estava dizendo.

Queria provar que era capaz de fazer aquilo.

Queria sentir a alegria de dançar outra vez.

Queria uma última apresentação nos *meus* termos, não nos do universo. Isso foi uma das coisas mais difíceis que precisei aceitar: o fato de minha carreira ter terminado devido a algo tão imprevisível quanto um acidente de carro.

Se eu soubesse, teria aproveitado melhor meus últimos momentos no palco. Teria me proporcionado um encerramento digno.

– Entendi. – Lavinia se inclinou para trás, entrelaçou os dedos e apertou

os lábios, uma faixa de vermelho contra a pele de porcelana. Aos sessenta anos, ela tinha uma pele mais bonita do que a maioria das mulheres da minha idade. – Você trabalha aqui há quatro anos, Scarlett. Sabe que eu acredito que as regras existem por um motivo e que o desrespeito intencional a essas regras leva à desordem. Eu tenho horror a desordem.

A pedra em minhas entranhas se expandiu, arrastando meu coração e minhas esperanças para o chão.

– Eu entendo.

Eu deveria ter verificado o prazo para a audição antes de desperdiçar o tempo dela. Estava com tanto medo de perder a coragem se esperasse que, em vez disso, entrei num rompante e fiz papel de boba.

Resisti à vontade de deslizar para baixo da cadeira e me esconder.

– Dito isso, sei que o seu caso é especial – continuou Lavinia. – Já faz um tempo que você vem sendo um membro valioso da família RAB. Se não pudermos oferecer um pouco de flexibilidade a um dos nossos, como posso esperar lealdade em troca?

Um pequeno ramo de esperança brotou para além de minhas dúvidas.

– Não posso prometer que você estará no palco. Já designamos todos os papéis – explicou ela. O ramo murchou. – No entanto… – A primavera se animou novamente. – Ainda precisamos de uma substituta para a Yvette, que interpretará Lorena. Se você estiver interessada, a vaga é sua. Não foi o que você pediu, mas é tudo que posso oferecer… dependendo da aprovação final da sua médica, é claro.

– É claro. – Dedos cruzados para que a Dra. Stein tivesse boas notícias para mim. – Eu adoraria ser a substituta. Muito obrigada. Agradeço muito.

– Não me agradeça ainda – disse Lavinia, secamente. – Vamos ver se você vai se sentir da mesma maneira daqui a alguns meses.

Ser bailarina substituta era um dos trabalhos mais difíceis no balé. Elas tinham que aprender a coreografia, a musicalidade e todos os pontos da apresentação sem pisar nos pés da principal, figurativamente falando, e esperava-se que elas fizessem tudo isso *sem* a promessa de um lugar sob os holofotes.

Como seria uma apresentação única, minhas chances de subir ao palco eram mínimas, mas era bom *participar* outra vez.

Uma pontada de entusiasmo me atravessou. Não tinha me livrado das minhas dúvidas sobre retornar ao mundo do balé, mas seria bom voltar a

um estado de espírito em que tudo era possível e nada seria capaz de me impedir.

Isso não era mais verdade, mas eu podia sonhar. Às vezes, os sonhos eram tudo o que tínhamos.

O resto da tarde passou voando. Meus alunos deviam ter percebido minha energia, pois vários me lançaram olhares curiosos.

Emma foi uma das poucas pessoas corajosas para vir falar comigo sem rodeios.

– O fim de semana foi bom, Srta. DuBois? – Seus olhos brilharam. – Você parece feliz.

– Os instrutores não devem discutir sua vida pessoal com seus alunos. Não é apropriado – falei, num tom severo. Sua expressão se desfez. – Mas já que você perguntou… – Minha boca se contraiu. – Recebi uma ótima notícia hoje de manhã.

O sorriso dela voltou à potência máxima.

Conversamos rapidamente sobre os ensaios do *Quebra-nozes* antes de eu juntar minhas coisas e me encontrar com Earl na frente da escola.

Senti meu estômago revirar durante todo o trajeto até a casa de Asher. Ele havia respondido à minha mensagem de agradecimento com um simples "de nada". Fora isso, não havíamos nos falado desde que saí de lá escondida no sábado de manhã.

Já tinha passado tempo suficiente para eu fingir que minha sessão de, digamos, autocuidado jamais havia acontecido. Era a única maneira de encará-lo nos olhos.

Estava estranhamente animada para lhe contar sobre a vaga de bailarina substituta. Foi ele quem me incentivou a sair da minha zona de conforto; ele merecia ser o primeiro a saber.

Earl parou na entrada circular e abriu a porta para mim.

– Tenha um bom trabalho, Srta. DuBois.

– Obrigada, Earl.

Subi a escada da frente e girei a maçaneta da porta. Estava destrancada, mas Asher não estava à vista.

Que estranho. Ele geralmente me recebia na porta para irmos juntos até o estúdio. Talvez ele estivesse atrasado por conta de uma entrevista ou outro compromisso anterior.

Entrei na casa e percorri o caminho familiar até o estúdio. Já havia

estado lá tantas vezes que os Rembrandts originais e os aparelhos eletrônicos de última geração não me chamavam mais a atenção.

Passei pela sala de estar. Parei. Depois voltei para ver melhor.

Aquele era…?

Era, sim.

Meu bom humor evaporou como uma poça ao sol. Um zumbido estranho preencheu meus ouvidos.

Agora eu sabia por que Asher não estava lá para me receber. Ele tinha uma convidada. Uma convidada muito loira, de pernas enormes e esguias, com uma roupa provavelmente mais cara do que o meu aluguel – e eles estavam se beijando.

CAPÍTULO 15

ASHER



O beijo veio do nada.

Em um minuto, estava tentando tirar Polina da minha casa da forma mais rápida e educada possível. No minuto seguinte, ela estava com os braços ao redor do meu pescoço e a boca colada na minha.

– Meu Deus! – Dei um empurrão nela e limpei a boca com o antebraço. – Que porra é essa, Pol?

– O que foi? – Ela piscou para mim com os olhos de corça delicados e sedutores que a transformaram em uma das maiores supermodelos do mundo. – É só um beijo. Já fizemos *muito* mais do que isso.

– Não desde o ano passado.

Houve uma época em que o beijo nos levaria diretamente para o quarto, para a banheira de hidromassagem ou para qualquer lugar por perto que oferecesse alguma privacidade. Essa época já havia passado fazia muito tempo, porque o Asher atual não sentia uma única pontada de prazer ou excitação diante daquela possibilidade.

– A gente deveria dar um jeito nisso. – Polina apoiou o quadril no sofá. – Estou com saudade. Você não me liga mais.

– Porque não estamos mais juntos.

Minha paciência diminuía a cada segundo.

Tivemos alguns encontros na primavera anterior. Foi preciso um encontro para o brilho se apagar, dois para eu me dar conta de que não tínhamos nada em comum e três para eu oficialmente desistir.

Eu não a odiava. Ela era bem legal (tirando os beijos-surpresa). Só não era para mim, e tínhamos terminado de forma amigável. Naquela época, havia um magnata do petróleo podre de rico que a cortejava também, então Polina não tinha exatamente sofrido de amor.

As coisas com o magnata do petróleo deviam ter ido por água abaixo, porque depois de um ano de sumiço, ela apareceu na minha porta meia hora antes, alegando que queria "colocar o papo em dia".

– Mas poderíamos. – Polina pareceu não se abalar com meu comentário.

– Não, não poderíamos.

Dei uma olhada no relógio. *Merda*. Estava atrasado para o treino, então precisava tirar Polina dali depressa.

Não tinha falado com Scarlett desde sua mensagem de agradecimento no sábado após o temporal, e eu queria… sei lá. Eu queria vê-la, acho.

Isso soou patético até mesmo em pensamento. *Ainda bem que ninguém pode ouvi-los.*

– Escuta, Pol…

– Por que não? – Ela inclinou a cabeça. – Você tá saindo com alguém?

– Não. Eu não estou saindo com *ninguém* no momento.

Mentiroso, uma voz sussurrou.

Ignorei.

– Adorei a nossa conversa, mas eu tenho treino agora – disse. – Já estou atrasado, então…

– Treino, sei… – Polina revirou os olhos. – Você vive preocupado com esses *treinos*, mas tudo bem, eu vou embora. Antes, eu só queria te pedir um favor.

– O que é? – perguntei, desconfiado.

– Vuk Markovic está organizando um baile de gala no final do verão. O pessoal da moda todo vai estar lá, e queria muito que você fosse como meu acompanhante.

Ergui as sobrancelhas. Vuk Markovic era o dono do Blackcastle e da nossa arena, apropriadamente batizada de Markovic Stadium. O bilionário sérvio-americano era um notório recluso, e a ideia de ele organizar qualquer tipo de baile de gala era absurda a ponto de ser risível.

Entretanto, as fontes de Polina quando se tratava de homens solteiros e poderosos eram suficientes para fazer o MI6 chorar. Se ela dizia que Vuk estava organizando um baile de gala, então ele estava organizando um baile

de gala.

Fui atingido por uma súbita explosão de clareza.

– Deixa eu adivinhar – falei. – Você quer que eu vá pra provocar ciúmes nele.

Polina havia se interessado por mim porque eu era jovem, famoso e bonito, mas seu verdadeiro objetivo era conquistar um bilionário. Todos em nossos círculos sabiam disso.

Ela deu de ombros, sem se dar ao trabalho de negar.

– Sim, mas podemos nos divertir antes disso, não? A gente se dava tão bem.

– Queria muito te ajudar, mas não posso. Estou ocupado demais com os treinos. – Eu a conduzi para fora da sala de estar em direção à porta. – Mas tenho certeza de que você consegue encontrar alguém muito melhor do que eu. Você é linda demais pra não achar alguém – acrescentei, para amenizar a dor da rejeição.

Funcionou.

O beicinho de Polina se transformou em uma cara de satisfação.

– Claro, você tem razão. Achei que você seria o par perfeito, já que joga no Blackcastle, mas talvez… hum. Será que Xavier Castillo estaria disponível?

Por que aquele nome me pareceu tão familiar? *Claro*. Ele também era cliente de Sloane. Eu tinha certeza de que ele a irritava mais do que eu, o que era um feito louvável.

– Você deveria ligar pra ele e checar. – Quase empurrei Polina para fora da porta. – Boa sorte!

Felizmente, ela saiu sem protestar.

Após a partida da visitante indesejada, Earl parou de polir o carro e levantou uma sobrancelha para mim.

– Não olha pra mim com essa cara – falei. – Eu não sabia que ela… sabe de uma coisa? Não preciso me explicar para você. Cadê a Scarlett?

– Lá dentro. – Ele retomou sua tarefa. – Chegamos há algum tempo.

Deixei-o com seu julgamento desnecessário na entrada da garagem e corri para o estúdio.

Aquela foi a única vez que reclamei do tamanho da minha casa. Por que demorava tanto para ir de uma ponta a outra?

Quando cheguei lá, Scarlett já havia montado o equipamento de cross-

training e rolava a tela do celular.

– Oi. Desculpa o atraso – falei, ofegante. – Uma, é… uma amiga passou por aqui e a conversa acabou se estendendo.

– Tudo bem.

Franzi a testa, estranhando a frieza em sua voz. Ela não parecia tão distante assim desde as primeiras sessões, e aquela indiferença toda parecia especialmente incongruente depois de vermos filmes juntos na sexta-feira à noite.

Ok, ela havia saído sem se despedir na manhã seguinte, mas eu dormi até mais tarde. Não podia esperar que ela ficasse aguardando por mim.

– Tá tudo bem entre a gente? – perguntei quando ela jogou o celular na bolsa e foi até o sistema de som sem olhar para mim nenhuma vez.

Eu não estava gostando daquilo. Não estava gostando nada daquilo.

– Sim. Por que não estaria? – Ela mexeu aleatoriamente nos controles. – Vamos começar com um aquecimento. Nós…

– Dane-se o aquecimento. Não vamos começar nada até você me contar por que está agindo desse jeito esquisito. – Cruzei os braços. – Tem a ver com a sexta à noite?

As costas de Scarlett ficaram rígidas.

Fui vago em minhas palavras, mas ambos sabíamos que eu não estava falando sobre o incidente com a frigideira.

Três dias depois, a lembrança de nosso encontro na cozinha estava gravada em minha mente.

Scarlett montada em mim.

O ardor em seus olhos.

A visão de seus mamilos perfeitos marcando a *minha* camiseta. Vê-la usando minhas roupas foi, sem dúvida, uma das coisas mais excitantes que já vivi. Fez com que quase levar uma porrada na cara valesse a pena.

Depois disso, precisei de uma ducha gelada e de um encontro com minha mão direita. Mesmo naquele momento, só de lembrar, eu era tomado por um calor inquietante.

Scarlett parecia tão tensa quanto eu.

– Não – disse ela. – Não tem *nada* a ver com a sexta à noite. Mas, já que estamos aqui, você poderia ter mencionado a sua namorada antes de eu… quando estávamos na sala de cinema.

Franzi a testa profundamente.

– Eu não tenho namorada.

– Tá. Seu rolo, sua ficante, como você quiser chamar.

De que diabos ela estava falando?

– Eu não…

O olhar de julgamento de Earl. Scarlett esperando no estúdio. A única mulher com quem ela poderia ter me visto desde sexta-feira.

As peças do quebra-cabeça se encaixaram com perfeita clareza.

– Você tá falando da Polina.

– Se Polina for a loira com pernas mais compridas do que as de uma girafa, então sim, é dela que estou falando. – Scarlett finalmente se virou e me encarou. – Vocês estavam se atracando na sala. Eu não quis interromper, então desci e esperei vocês terminarem.

– A gente não estava se atracando – resmunguei. – Foi *ela* que *me* beijou.

– Claro.

Uma raiva irracional fervilhou em minhas veias.

– Acho que você não ficou tempo suficiente para ver quando eu a afastei e a mandei ir embora – disse. – Eu e a Polina saímos algumas vezes no ano passado. Só isso. Ela veio aqui porque queria que eu a ajudasse a causar ciúmes em outra pessoa e achou que me seduzir primeiro facilitaria as coisas. – Apontei para a bolsa dela com a cabeça. – Se não acredita em mim, eu te dou o número dela e você pode confirmar.

Scarlett titubeou.

– Ah.

– Aham, ah. – Mantive os olhos fixos nos dela ao escolher cuidadosamente as palavras seguintes. – Mesmo que a gente *estivesse* se pegando, não entendo por que você ficaria chateada.

– Não estou chateada. Estou incomodada com o seu atraso.

– Não foi bem incômodo que eu percebi.

– Então você está percebendo coisas que não existem.

– Talvez. Talvez não. – Observei sua postura rígida e o rubor que escurecia suas bochechas. Um sorriso lento se espalhou pelo meu rosto. – Peraí. Scarlett, querida… você está com ciúmes?

– Bem que você queria.

Eu estava meio que brincando, mas a resposta dela foi rápida e agressiva demais para soar verdadeira.

Meu sorriso desapareceu sob a batida instável do meu coração.

– Talvez eu queira.

A confissão se espalhou entre nós como confetes ao vento, soprados para um lado e para o outro, sem saber onde parar.

Foi o mais próximo que um de nós chegou de reconhecer aquela atração – e havia atração, *sim*. Uma atração silenciosa, ardente e mútua. Disso eu tinha certeza.

Se ela tivesse ficado na cozinha um minuto a mais na outra noite, eu a teria beijado e ela teria deixado.

A garganta de Scarlett se moveu ao engolir levemente.

– Mas não deveria.

Respirei fundo e soltei o ar. O confete invisível esvoaçou, finalmente parando do outro lado da sala. Tão tangível, mas intocável.

– De novo essas suas regras, né?

– Sim – respondeu ela suavemente. – Essas minhas regras.

Não voltamos a falar de Polina nem da noite de sexta-feira durante o resto de nossa sessão. Essas não eram as verdadeiras questões em pauta.

Não, o *verdadeiro* problema estava adormecido, tão paciente e incendiário quanto uma bomba-relógio.

Era apenas uma questão de tempo até que ela explodisse.

CAPÍTULO 16

SCARLETT



– Quando começam os ensaios? – perguntou Carina.

– Terça-feira. É só uma vez por semana, então não deve ser tão ruim.

Como seria uma apresentação única e os membros da equipe eram profissionais experientes, o cronograma de ensaios era menos exaustivo do que o de uma apresentação regular de uma companhia de dança.

Meu estômago se revirou. Era sábado, cinco dias desde que Lavinia me nomeara substituta, e meu entusiasmo se transformou em nervosismo.

Felizmente, a coreografia de *Lorena* não envolvia muitos movimentos que agravariam minhas antigas lesões. Minha médica me dera uma aprovação provisória, desde que eu fizesse um exame físico completo (para ter certeza de que nada havia mudado desde nosso último check-up) e prometesse que participaria de apenas uma apresentação.

– Não force demais – alertara ela no dia anterior. – Seu corpo aguenta que você volte a dançar até certo ponto, mas, se passar desse ponto, pode acabar tendo um grande retrocesso. Se sentir qualquer desconforto fora do normal, ligue pra mim e pra sua fisioterapeuta na hora.

Ela não precisava se preocupar com isso; eu tinha o contato dela e da fisioterapeuta na lista de discagem rápida.

– Perfeito. Então ainda vamos ter tempo pra fazer compras e ir atrás de homens bonitos, decentes, com um emprego estável e não comprometidos – brincou Carina, chamando minha atenção de volta para ela.

Estávamos bebendo no Angry Boar, que estava entupido de gente por

conta do *happy hour* e um punhado de turistas com cara de perdidos. Geralmente eu evitava aquele pub porque era um ímã para jogadores de futebol, mas ele tinha ótimas promoções de drinques nos fins de semana e a quantidade de atletas geralmente diminuía fora de temporada.

– Bonito, solteiro, com emprego e que *ainda por cima* não seja um babaca? Em *Londres*? Você está pedindo demais – falei.

Carina abriu um sorriso.

– Me deixa sonhar. Por falar em sonhos… – Ela ergueu o copo. – Um brinde à melhor substituta de Lorena em toda a RAB.

– Eu sou a única substituta pro papel na RAB.

– Exatamente.

Dei uma risada e bati meu copo no dela.

– Como está indo a busca por um segundo emprego? – perguntei. – Alguma novidade?

– Não. – Seus ombros caíram. – Não, a menos que eu queira fazer striptease ou trabalhar como bartender, e em ambos os casos eu seria péssima. Se algum desses bêbados do mercado financeiro tentar passar a mão na minha bunda enquanto eu estiver trabalhando, vão precisar me arrastar pra cadeia.

– Tudo bem. Tem tempo – respondi, com otimismo. – Você só tem 26 anos, e a Antártica vai estar lá pra sempre.

Quer dizer, a menos que as alterações climáticas matem todo mundo antes, mas guardei essa ressalva para mim.

– Espero que sim. – Carina balançou a cabeça. – Isso é tão ridículo. Não acredito que estou procurando um segundo emprego para financiar minhas férias.

– Não é ridículo. É um sonho de infância. – Cutuquei sua perna com o pé. – A gente pode se importar com essas coisas, lembra?

O principal item da lista de desejos de Carina era visitar a Antártica antes de se casar. Podia parecer algo aleatório para quem não a conhecia, mas ela assistira a um documentário sobre pinguins quando era criança e se apaixonara por eles. Carina, aos 10 anos, colocou na cabeça que *teria* que visitá-los na Antártica quando crescesse, e essa tem sido sua meta desde então. Quanto à parte do casamento, segundo ela, um marido só atrapalharia a diversão.

Infelizmente, visitar um dos locais mais remotos do planeta era *caro*. O

salário de uma assistente executiva mal cobria o custo do aluguel em Londres, muito menos uma viagem ao Polo Sul, daí seu desejo de ter um segundo emprego.

Uma vez eu lhe disse que havia pinguins em países menos caros e mais acessíveis, como a África do Sul. O olhar fulminante que ela me lançou quase me fez parar numa cova, então, sim, foco na Antártica.

– É, acho que sim, sei lá. – Ela suspirou. – Mas tudo bem. Eu vou dar um jeito. Com certeza existem coisas mais importantes no mundo em que me concentrar. Como está o seu pai?

– Melhorando. O Vincent disse que ele finalmente está se acostumando com a enfermeira, o que é um bom sinal. Ao que parece, os dois se deram bem por terem o mesmo vinho favorito.

– Nossa, isso é tão francês – disse Carina em um tom seco. – Você contou pro Vincent sobre o Asher?

Congelei com o copo na mão antes de engolir a cerveja. Uma comichão tomou conta da minha pele.

– Ele sabe que estamos treinando juntos. Não há mais nada a dizer.

Vincent não ficou feliz quando soube que eu e Asher continuaríamos treinando juntos, mas aquela fora uma decisão do Chefão, não nossa. Todos nós tínhamos que tirar o melhor proveito dela.

– Humm.

Semicerrei os olhos e perguntei:

– Que foi?

– O quê? – rebateu ela, a imagem da inocência.

– Esse barulho.

– Que barulho?

– Esse "humm" que você acabou de fazer.

Ela tamborilou na mesa enquanto um grupo vizinho de rapazes se divertia com a partida de críquete na TV.

– Você e o Asher têm conversado muito. Só isso.

– A gente se vê três vezes por semana. Seria estranho se nós *não* conversássemos.

– Ah, perdão, não sabia que as noites de cinema eram essenciais pro regime de treinamento de vocês. – Carina deu uma gargalhada e se esquivou quando taquei uma batata frita nela. – Fala a verdade: você quer transar com ele. – Como não respondi, seu sorriso se transformou em uma expressão

boquiaberta. – Peraí. Vocês… *Sério*?

– Não.

Peguei meu copo de volta, mas estava vazio.

– Scarlett DuBois, não se atreva a mentir para mim. – disse Carina, chocada. – Ai, meu Deus. Aconteceu alguma coisa quando você passou a noite na casa dele no dia da tempestade?

– *Não*. – A comichão se intensificou. – Mas quase aconteceu, acho? Não sei direito.

Ela ficou séria.

– Eu sei que faço piada com isso, mas, se você ficar com o Asher, o Vincent vai pirar, no nível "talvez sabotar as chances de vitória do Blackcastle, descontando a raiva dele no Asher no meio de uma partida".

– Eu sei.

Vincent sempre foi muito protetor comigo, mas tinha ficado pior desde o acidente e meu rompimento com Rafe.

– Por outro lado, você é adulta e o Vincent precisa arrumar o que fazer, então ele vai ter que engolir.

Eu me permiti dar uma pequena risada.

– Não aconteceu nada entre a gente, na verdade.

– Ainda.

Ainda. É engraçado como uma palavra de cinco letras continha um mundo de possibilidades.

Toda vez que eu pensava em Asher, a sensação era a de estar presa em um trem desgovernado, com o vento chicoteando meus pulmões conforme nos aproximávamos da beira de um precipício. Sabia como a história ia terminar, mas, por alguns momentos preciosos, uma alegria pura ofuscava nosso inevitável destino.

Scarlett, querida... você está com ciúmes?

Bem que você queria.

Talvez eu queira.

A lembrança me invadiu, acelerando meus batimentos e dispersando minha concentração.

A verdade é que eu *estava* com ciúmes. Uma dose letal de um veneno esverdeado me atravessou ao vê-lo beijando outra pessoa, e eu odiava aquilo.

– Então. – Carina arqueou uma de suas sobrancelhas perfeitas. –

Voltando ao que você disse antes. Defina *quase aconteceu*. O que seria *quase*?

Dei um gemido.

– Estava torcendo pra você deixar isso passar.

– Eu? Deixar passar uma fofoca potencialmente suculenta? Não vou nem me dar ao trabalho de responder um insulto como esse.

– Tá bem. – Respirei fundo. Era melhor contar tudo logo. Ela acabaria descobrindo em algum momento (estava convencida de que Carina tinha alguma capacidade secreta de ler mentes que nunca me contou), e eu estava desesperada para falar com alguém sobre o que aconteceu. – Se eu te contar, você jura não dar tanta importância assim?

Ela ergueu a mão direita.

– Juro por Deus.

Contei a ela.

– Peraí. Você fez *o que* no quarto de hóspedes? – Ela cobriu a boca com a mão, mas não foi o suficiente para esconder o sorriso. – Amiga, estou tão orgulhosa de você.

– Isso não é motivo de orgulho – resmunguei, com o rosto quente. – Foi inapropriado.

– A maioria das coisas divertidas são. – Os olhos de Carina brilharam. – Isso significa que você está revendo sua objeção contra jogadores de futebol?

– Não. Existe uma diferença entre fantasia e realidade.

Minha resposta saiu menos decidida do que eu gostaria.

Havia prometido a mim mesma que jamais me apaixonaria por outro jogador de futebol, mas não me sentia tão fascinada assim por um cara desde Rafe, e isso me aterrorizava. Asher não era igual ao meu ex. Era mais inteligente, mais engraçado, mais atencioso.

Isso era péssimo.

Porque homens inteligentes, engraçados e atenciosos eram meu ponto fraco, e eu não tinha a opção de evitá-lo até que a atração que sentia por ele passasse. Eu era literalmente forçada a vê-lo várias vezes por semana.

Se ao menos o Vincent estivesse aqui. Ele teria ficado no meio de nós dois e não estaríamos nessa situação.

Os sinos da porta tilintaram. Uma rajada de ar quente passou por mim, e o pub se aquietou visivelmente quando todas as cabeças se voltaram para a entrada, inclusive a minha.

Meu corpo inteiro estremeceu. *Ah, isso só pode ser brincadeira.*

Quaisquer que fossem as forças malignas do destino responsáveis por nos juntar naquele verão, elas atacaram novamente no momento em que Asher entrou. Mesmo com o cabelo desgrenhado pelo vento e a camiseta branca surrada, ele estava deslumbrante o suficiente para causar vários suspiros audíveis.

– Falando no diabo... – Um brilho malicioso surgiu nos olhos de Carina quando ela levantou o braço.

– *Não se atreva* – falei entredentes, mas já era tarde demais.

– Asher! – Ela acenou, as pulseiras brilhando sob as luzes. O olhar dele viajou pelo salão e pousou em nós. – Aqui!

Traidora. Carina iria diretamente para minha lista de merdas, ao lado dos meus hormônios, do clima do Reino Unido e do inventor dos filmes de terror.

Rezei para que Asher estivesse indo encontrar outra pessoa lá, mas não, seria fácil demais.

Em vez de recusar o convite de Carina ou reconhecer meu olhar intenso de "fique longe", ele veio na nossa direção e deslizou para o banco vazio à minha frente com uma facilidade irritante.

– Dois encontros ao acaso em cinco semanas – disse ele, exibindo um sorriso que deixou minha *ex*-melhor amiga de olhos arregalados. – Aqui deve ser o meu lugar da sorte.

Ele se dirigiu a Carina, mas seus olhos estavam fixos nos meus.

Levantei o queixo e o encarei, inabalável, torcendo para que ele não conseguisse ouvir o rugido repentino do meu coração.

– Deve ser – concordou Carina. Seus olhos oscilaram entre nós, e então, ela pigarreou e se levantou. – Com licença. Preciso ir ao banheiro. Já volto.

Ah, eu ia *matar* Carina. Ela podia esquecer os pinguins: teria sorte se vivesse para ver o interior de seu apartamento aquela noite.

Houve um segundo de silêncio constrangedor.

– Veio se encontrar com alguém aqui? – perguntei, rezando para que um milagre o levasse para longe daquela mesa, daquele canto, de *tão* perto de mim.

– Não. Estava pela área e decidi dar uma passada. – O sorriso de Asher poderia ter derretido a calcinha de uma freira. – Ainda bem que fiz isso, senão não teria esbarrado com você.

Aquilo voando em meu peito com certeza *não eram* borboletas. Eram algo muito menos agradável, tipo… baratas voadoras. Ou vespas furiosas.

Felizmente, fui poupada de responder quando alguém deu uma ombrada em Asher. Com força.

A boca do cara se mexeu. Não consegui ouvir o que ele disse, mas, a julgar pela expressão séria de Asher, não foi um pedido de desculpas.

Eu não era uma pessoa de arrumar confusão. A perspectiva de fazer uma cena em público me dava vontade de rastejar para debaixo da mesa, mas havia algo na interação deles (o sorriso presunçoso no rosto do cara quando ele se virou, o ar irritado, porém resignado, de Asher) que me deixou em alerta.

– Ei! – A repreensão escapou antes que eu me desse conta do que estava fazendo. – Você esbarra nele desse jeito e simplesmente vai embora? Pede desculpas.

Asher se voltou para mim, chocado, e o sujeito fez o mesmo, me encarando com desdém. Ele parecia ter entre 45 e 50 anos, tinha cabelo grisalho e vestia uma camisa azul apertada na barriga.

– O que você vai fazer se eu não me desculpar, garotinha?

– Bem. – Ofereci um sorriso simpático. – Apesar de não poder fisicamente te obrigar a pedir desculpas por ser uma garotinha tão *delicada*, eu posso, *sim*, ligar pro seu chefe e dizer que um dos agentes dele está assediando um civil. – Apontei com a cabeça para o emblema da Polícia de Holchester na camisa dele. – Tenho certeza de que eles não ficarão muito felizes com isso, principalmente quando descobrirem que o civil é Asher Donovan.

– Esbarrar em alguém não é assédio – resmungou ele.

– Talvez não fora deste bar, mas agressão física premeditada é estritamente proibida no Angry Boar. – Apontei para o bar com a cabeça, onde Mac servia bebidas com sua cara emburrada de praxe. – Se você não acredita em mim, a gente pode chamar o Mac aqui e ver se ele concorda.

A boca do homem se contraiu. Todo mundo sabia que Mac tinha uma tolerância abaixo de zero para qualquer tipo de provocação em seu estabelecimento. Ele havia banido um cara uma vez por pisar de propósito no pé de outro e não se desculpar.

– Ou – continuei – você pode pedir desculpas e a gente esquece que isso aconteceu. Você escolhe.

Um longo e tenso instante se passou antes que ele falasse novamente:

– Desculpa – disse ele, com dificuldade.

– Pelo quê?

Se um olhar fosse capaz de matar uma pessoa, meu corpo sem vida estaria flutuando no rio Tâmisa. Felizmente, não era possível, e ele não teve escolha a não ser me obedecer.

– Me desculpa por ter esbarrado em você.

– Acontece – respondeu Asher. – Nem todo mundo nasce com graciosidade, coordenação ou boas maneiras.

– Seu… – O homem parou de falar com um pequeno rosnado quando voltei meus olhos para o bar.

Sem dizer mais nada, ele saiu enfurecido, deixando o cheiro de loção pós-barba vagabunda e indignação em seu rastro.

Asher voltou toda a sua atenção para mim. A expressão de diversão desapareceu de seu rosto, suavizando o sulco entre suas sobrancelhas e a dureza de sua boca.

– Você não precisava fazer isso.

– Talvez não, mas ele mereceu. – Meu coração havia acelerado depois do confronto, mas não de nervosismo. Foi de alegria. Eu me senti capaz de encarar o mundo e vencer. – Ele foi um babaca.

– Infelizmente, existem muitos babacas no mundo. Aprendi a escolher minhas batalhas. Além disso… – Asher deu um sorriso de lado. – Preciso tomar cuidado aqui. O Mac ainda está chateado comigo por ter derramado cerveja em sua amada jukebox no início do ano.

Não me deixei enganar por sua postura despreocupada.

– O que aquele cara falou pra você?

– Nada que eu já não tenha ouvido antes.

– Asher.

Seu sorriso se transformou em um suspiro.

– A mesma merda de sempre sobre eu ser um traidor e ter tido o que merecia na final contra o Holchester. É bem chato a essa altura, mas preciso reconhecer o compromisso dele com seu ódio por mim mesmo durante as férias.

Franzi as sobrancelhas. Asher foi muito odiado pelos torcedores do Holchester quando foi transferido para o Blackcastle, mas isso já fazia meses. Eu não conseguia acreditar que as pessoas ainda estivessem presas a

isso quando transferências como aquela aconteciam o tempo todo.

Por outro lado, torcedores de futebol eram fanáticos (para dizer o mínimo), e a rivalidade entre o Holchester e o Blackcastle era particularmente amarga.

– Bem, espero que a cerveja dele esteja sempre quente, que a comida esteja sempre fria e que ele dê uma topada toda vez que sair da cama pelo resto da viagem – declarei. – Imagine carregar tanto ódio no meio das férias. Que energia horrorosa.

A gargalhada de Asher cobriu meus braços e meu peito de calor.

– A bailarina está mostrando as garras. Não esperava isso de você – implicou ele.

Dei de ombros.

– Não gosto de gente babaca.

– De todo modo, obrigado mais uma vez. Eu só ia ignorar o cara. Não posso dar a qualquer idiota a atenção que ele procura, mas valeu a pena levar um esbarrão só pra ver esse seu lado.

– Não se acostume. Não vou poder estar sempre por perto pra te defender – respondi, sem conseguir evitar um sorrisinho.

Seus olhos se enrugaram ainda mais nos cantos.

– Anotado.

Um longo e lânguido segundo se estendeu entre nós.

Toda vez que eu achava que sabia onde estava pisando em relação a ele, acontecia algo que me deixava desnorteada.

Não havia chão firme com Asher Donovan. Era sempre um mar de mudanças: frustrante, aterrorizante e, por mais que odiasse admitir, estimulante.

Toda a chama acumulada que não deveríamos notar ecoou pela mesinha alta em que estávamos. Nós…

– Foi mal ter demorado tanto. – O pedido de desculpas ofegante de Carina jogou um balde de água fria naquele momento intenso. *Foi mal uma ova.* Ela havia nos deixado sozinhos de propósito, e seu sorriso indicava isso. – A fila demorou uma eternidade. – Ela deslizou para seu banco e nos olhou com puro interesse. – Perdi alguma coisa?

– Nada de mais – falei, já que Asher não se pronunciou. Não cabia a mim contar a história do esbarrão com o sujeito desagradável. – Estávamos só falando de futebol.

– Ah, sim. – Carina parecia não perceber a tensão que estava se formando ao nosso redor. – Antes que eu me esqueça, queria te falar que não vou poder ir na terça-feira. Recebi uma ligação dos meus pais enquanto estava na fila do banheiro. Eles fizeram uma reserva pra nós irmos jantar no Babko, então não vou poder assistir ao seu primeiro ensaio. Desculpa mesmo. – Um remorso genuíno cruzou seu rosto. – Eu queria muito estar lá no primeiro.

– Tudo bem – respondi, tranquilizando-a. – Você não vai perder muita coisa.

Asher franziu a testa.

– Que ensaio?

Carina olhou para mim de relance.

Merda. Ainda não tinha contado a ele sobre o espetáculo. Não era segredo, e ele não tinha *obrigação* de ser informado, mas uma pontada de culpa perfurou meu peito mesmo assim.

– Mudei de ideia sobre não participar da apresentação da RAB – admiti. – Conversei com a Lavinia e agora sou a substituta do papel principal em *Lorena*.

– Do papel principal? – Seus olhos brilharam de admiração, aquecendo meu corpo. – Isso é incrível!

– Não é nada superimportante. Como eu disse, sou a bailarina substituta. – Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha, sentindo-me estranhamente constrangida. – É bem provável que eu não chegue a me apresentar. Vou estar lá apenas para o caso de a protagonista ficar doente ou se machucar.

– Mesmo assim é emocionante. Quando você ficou sabendo?

A culpa se intensificou.

– Segunda-feira.

A expressão de Asher não mudou, mas um mínimo sinal de pausa indicou sua confusão.

– Eu ia te contar antes – acrescentei. – Mas eu, é… me esqueci.

Queria contar a ele durante o treinamento de segunda-feira, mas após vê-lo com Polina e o que aconteceu depois no estúdio, compartilhar uma conquista tão importante com ele primeiro pareceu perigoso demais. Íntimo demais.

Então não contei.

No entanto, uma pontada de culpa perfurou minha pele ao ver a mágoa em seus olhos. Não só não havia contado a ele, como provavelmente nem sequer teria tocado no assunto se Carina não tivesse mencionado os ensaios.

– Tudo bem. – Asher sorriu, o lampejo de mágoa se transformando em indiferença. A pontada aumentou. – Fico feliz por você estar participando. – Ele olhou o relógio. – Preciso correr. Tenho uma entrevista on-line daqui a uma hora. – Ele se levantou e colocou uma nota de cinquenta libras na mesa. – A próxima rodada é por minha conta. Como agradecimento por me deixar atrapalhar a noite de vocês.

– Isso é muito dinheiro para as bebidas daqui – protestou Carina.

– Três rodadas, então – disse Asher, tranquilamente.

Ele deu uma olhada para mim.

Permaneci em silêncio, tentando afastar o sentimento de decepção com a partida dele. Antes não queria que ele se juntasse a nós, então por que estava chateada com sua partida?

Ele hesitou, então acrescentou:

– Um amigo está dando uma festa na área VIP da Neon hoje à noite. Se estiverem de bobeira, deviam dar uma passada lá.

– Não somos muito de boate – respondi, antes que Carina nos comprometesse com algo que nenhuma de nós queria fazer.

Da última vez que fomos a uma boate, passei metade da noite segurando o cabelo dela enquanto ela vomitava quatro doses de tequila. Depois disso, levamos quinze minutos para chegar à saída de tão cheio que estava.

Queria repetir aquela experiência? Não, obrigada.

– Infelizmente, é verdade. – Carina suspirou. – Queria muito que nós fôssemos do tipo que se diverte em boates.

Um leve indício de sorriso surgiu nos lábios de Asher.

– Vou colocar o nome de vocês na lista mesmo assim, caso mudem de ideia.

Os olhos dele se voltaram para mim com um breve e inescrutável brilho antes de ele ir embora.

A multidão se abriu sem que ele dissesse uma palavra e se fechou com a mesma facilidade quando ele se foi.

– Aham, dane-se o que o Vincent acha – disse Carina, depois que Asher foi embora. – Ele tá *muito* a fim de você e preenche todos os seus critérios. Bonito, solteiro, com um emprego e não é um babaca? Olá, combinação

perfeita.

– Esses são os seus critérios, não os meus, e não vamos nos esquecer da reputação de playboy que ele tem.

– Ah, então você não se importaria se eu fosse atrás dele? – Carina sorriu com o que viu em meu rosto. – Exatamente. Seu olhar letal acabou de entregar você.

– Eu não te lancei um olhar letal, e ele não está a fim de mim. Não de verdade – argumentei. – Talvez ele *ache* que está porque sou a única mulher que ele tem visto com regularidade nas últimas semanas.

Não estava tentando ser autodepreciativa, só constatando a verdade.Asher era um jogador de futebol famoso. Quais eram as chances de ele estar realmente interessado em mim?

Carina balançou a cabeça, mas não insistiu no assunto.

– Brincadeiras à parte, você vai mesmo deixar passar essa festa hoje à noite? Eu sei que não somos de ir a boates, mas foi o *Asher Donovan* que te convidou. Você consegue imaginar o tanto de celebridade que vai ter lá? – Ela soltou um suspiro sonhador. – Infelizmente, meus pais estão lá em casa, então não posso ir, mesmo que quisesse. Não quero ter que lidar com os sermões sobre "drogas e libertinagem".

Sempre que os pais a visitavam, passavam pelo menos duas semanas com ela. Não conseguiria me imaginar passando tanto tempo com minha mãe quando adulta (nós mataríamos uma à outra no terceiro dia), mas isso era uma questão cultural. As filhas de famílias asiáticas simplesmente não baniam os mais velhos para um hotel quando tinham um apartamento perfeitamente funcional.

– Se você mudar de ideia e decidir ir, vai ter que me contar todos os detalhes depois – disse Carina. – Estou vivendo indiretamente através de você nessa situação.

Balancei a cabeça.

– Sinto muito, mas hoje é uma noite para ler na cama até dormir – respondi. – Confia em mim. Não existe a menor chance de eu ir a essa festa.

CAPÍTULO 17

SCARLETT



Em minha defesa, eu não *planejava* mudar de ideia.

Depois que Carina e eu saímos do Angry Boar, seguimos cada uma seu caminho: ela foi encontrar os pais em um espetáculo no West End, e eu parti para meu apartamento e minha reconfortante rotina de sábado à noite, com chá, livros e pijama.

No entanto, não consegui me concentrar no último *thriller* de Isabella Valencia de jeito nenhum. Em geral, adorava os livros dela, mas me vi perdendo o foco a cada dois parágrafos.

Em vez de acompanhar as aventuras da detetive sociopata na caça a outro sociopata, continuava me distraindo com imagens de uma boate da moda e olhos verdes.

Depois de reler a mesma linha quatro vezes sem compreender uma única palavra, desisti e fechei o livro com um suspiro frustrado.

Eu era uma mulher solteira de 26 anos que morava em Londres, e era assim que passava meus fins de semana: sozinha com sociopatas fictícios.

Isso nunca havia me incomodado antes, então por que me sentia tão inquieta agora? Afinal, não havia nada de *errado* em ficar em casa. Relaxar com um livro e uma caneca de chá era muito melhor do que disputar espaço para respirar com bêbados suados dentro de uma boate. Certo?

Não tem a ver com a boate. Tem a ver com quem está lá.

Resmunguei e me afundei ainda mais na poltrona, cobrindo o rosto com o livro. Estava envergonhada demais para encarar meu reflexo na tela escura

da televisão.

A coisa mais inteligente a fazer seria ficar em casa e desvendar o mistério dos assassinatos na cidade montanhosa.

A coisa mais idiota a fazer seria enfrentar uma corrida de táxi e a vida noturna de Londres simplesmente porque Asher me convidou para uma festa organizada por alguém que eu nem conhecia.

O silêncio se fez sentir por todos os lados, esmagador.

O relógio marcava a contagem regressiva dos minutos até as onze horas.

E minha mente continuava a imaginar flashes de luzes de neon e corpos suados.

– Scarlett DuBois, você é uma idiota – disse para mim mesma.

Minha vergonha pairou por um tempo antes de se dissolver no ar.

Então me levantei, fui até o quarto e vasculhei meu armário em busca de uma roupa apropriada para usar na boate mais exclusiva da cidade.

• • •

O que estou fazendo aqui?

Encarava a cena à minha frente, os sapatos de salto estraçalhando meus pés, minha pele pegajosa com o calor do verão e com arrependimento.

Havia me esquecido de como as boates de Londres eram caóticas. O exterior aparentemente simples da Neon, com uma parede de tijolos e uma porta de metal preto, não impedia que todos com menos de 30 anos quisessem aquele carimbo mágico de entrada em suas mãos.

Quase dei meia-volta e entrei num táxi com rumo à minha cama, mas tinha passado uma hora me arrumando e desembolsado uma quantia exorbitante para estar ali. Não queria que fosse em vão.

Asher disse que colocaria meu nome e o de Carina na lista, mas será que ele estava se referindo à lista para entrar na boate ou à lista para a festa *dentro* da boate? Ou às duas coisas?

Olhei para a fila que serpenteava pela calçada e dobrava a esquina. A ideia de esperar uma hora ou mais em cima de um salto me deu vontade de morrer, mas quão humilhante seria se eu fosse até o segurança e meu nome não estivesse na lista? Eu acabaria banida para o final da fila e julgada pelas dezenas de desconhecidos ao meu lado.

Se Carina estivesse lá, iria até a porta em dois segundos e obteria a resposta de que precisávamos. Como não era o caso, fui forçada a mandar uma mensagem para Asher. Deveria ter feito isso no caminho, mas estava nervosa demais para fazer qualquer coisa.

Oi! Acabei mudando de ideia em relação à festa! Você pode confirmar se estou na lista pra entrar na boate ou na festa lá dentro? Valeu!

Estremeci com o tom excessivamente animado (tantos pontos de exclamação!), mas enviei a mensagem mesmo assim. Quanto mais cedo ele respondesse, mais cedo eu poderia sair do meu incômodo lugar junto ao meio-fio.

Sentia que todos no começo da fila estavam olhando para mim ("O que aquela ridícula está fazendo ali?"), então rolei a tela do celular na tentativa de parecer ocupada.

Meus arrependimentos aumentavam a cada segundo. Eu *realmente* deveria ter ficado em casa. Era isso que eu ganhava por tentar fingir que tinha uma vida social "normal" em vez de uma melhor amiga maravilhosa, mas naquele momento ocupada, e uma dependência excessiva de mundos fictícios.

Cinco minutos depois, ainda nada de resposta. Talvez eu devesse entrar na fila de uma vez, até…

– Sua *vadia*!

Ergui a cabeça de repente para a esquerda. Um homem estava com o corpo curvado para a frente, o rosto vermelho e as mãos agarradas à virilha, perto de uma mulher baixinha e loira que olhava para ele com um sorriso de satisfação.

Eles estavam em um beco um pouco depois da boate, logo após dobrar a esquina, então os seguranças não conseguiam vê-los.

– Isso é pra você aprender a não sair por aí agarrando a bunda de mulher nenhuma sem o consentimento dela – disse a loira. – E fique feliz por eu ter te dado uma joelhada e não enfiado meu salto em você. Isso, *sim*, teria doído.

Eu teria aberto um sorriso diante de sua coragem (o cara tinha pelo

menos o dobro do tamanho dela), se não fosse pelo segundo intruso que se aproximava sorrateiramente por trás dela.

O entorno de casas noturnas sempre fervilhava de furtos, assaltos e outros crimes menores. Multidões distraídas, álcool em excesso e inibições reduzidas significavam grandes prêmios para aqueles que buscavam fazer um dinheirinho extra, como o adolescente magricela que tentava pegar a bolsa da loira.

– Ei! – gritei. – Cuidado, atrás de você!

A loira tinha os reflexos mais rápidos que eu já havia visto, porque as palavras mal saíram da minha boca e ela já estava golpeando a cara do aspirante a ladrão com sua bolsa.

Ele praguejou e saiu correndo, obviamente nada interessado em entrar numa briga de verdade, mas o homem em quem ela dera a joelhada havia se recuperado e estava em vias de atacar de novo.

Meus instintos entraram em ação antes que a razão o fizesse. Corri até lá (embora aqueles saltos *não* fossem feitos para correr) e o empurrei antes que ele tivesse a chance de encostar nela. A distração deu à loira tempo suficiente para se virar e perceber o que estava acontecendo.

Ela levantou a bolsa novamente. Como o ladrão, o sujeito era muito covarde para enfrentá-la, ainda mais agora que ela tinha apoio. O homem saiu correndo, deixando um rastro de gritos e insultos.

– Argh. – A loira soltou um suspiro, observando o homem se afastar. – Queria ter acertado o desgraçado *em cheio* logo de primeira. Que decepção.

Fui pega de surpresa pela risada que dei.

Para alguém que havia sido assediada e quase assaltada, ela parecia incrivelmente tranquila.

Ela me encarou, a testa franzida se transformando em um sorriso de gratidão.

– Obrigada pela força. Você não precisava ter feito aquilo. – Ela estendeu a mão, e eu apertei, estranhando aquela formalidade toda. – Eu sou a Brooklyn.

Seu sotaque parecia estadunidense, mas havia um toque britânico que me confundiu um pouco.

– Scarlett. E não tem de quê. Aqueles dois escrotos mereceram.

Eu realmente não estava para brincadeira naquele dia. Primeiro confrontei o cara no Angry Boar, depois esses dois sujeitos mal-encarados

do beco. Mal conseguia me reconhecer, mas não odiava a pessoa que vinha sendo nas últimas horas (exceto pela questionável decisão de sair de casa, claro).

– Mereceram, né?

O sorriso da garota se alargou. Ela era magra e atlética, com cabelo loiro-acobreado e o bronzeado saudável de alguém que passava a maior parte do dia ao ar livre. Uma leve constelação de sardas pontilhava seu nariz e suas bochechas.

– Veio sozinha? – perguntou ela.

– Vou me encontrar com um amigo lá dentro.

– Ótimo. Eu também. – Brooklyn enganchou o braço no meu. – Vamos.

Antes que eu pudesse protestar, ela me puxou e foi direto para a entrada.

– Oi, Timmy. Tudo certinho?

Timmy? O nome daquele gigante era *Timmy*?

A cara amarrada do segurança se transformou em um sorriso cheio de dentes.

– Oi, Brookie. Que bom te ver. Como está o seu pai?

– Ótimo, tirando o estresse e a pirraça que ele faz na hora de tomar as vitaminas.

Timmy soltou uma gargalhada estrondosa que soou como pedregulhos rolando pela encosta de uma montanha.

– É mesmo a cara dele.

O segurança soltou a corda de veludo e nos deixou passar sem verificar nossa identidade, o que provocou um coro de resmungos na fila. Timmy os silenciou com outra cara feia.

– Próximo! – gritou ele. – Cadê seu documento?

A porta se fechou atrás de nós, envolvendo-nos em uma escuridão salpicada de neon e música abafada.

– Brookie, é? – gritei, tentando driblar o barulho.

Ela riu.

– Amigo da família! – gritou ela de volta. – Por falar em amigo, quer que eu te ajude a encontrar o seu?

– Tudo bem. Vai se divertir. – Fiz um gesto em direção à pista de dança. – Não quero te prender, e você já me ajudou bastante.

– Tem certeza?

Assenti.

– Me dá aqui seu telefone rapidinho. – Brooklyn pegou meu celular e digitou o número dela. – Aqui, mandei uma mensagem pra mim, então tenho seu número também. Se precisar de alguma coisa, grita. Foi um prazer te conhecer, Scarlett!

– Meu também!

Normalmente, jamais trocaria números com uma desconhecida, mas fui com a cara dela. Além disso, eu precisava de mais amigas. Não tinha me dado conta de como meu círculo social era pequeno até aquela noite, quando não consegui pensar em mais ninguém para convidar para sair além de Carina.

Olhei para a multidão ondulante, respirei fundo e mergulhei.

Felizmente, não demorei muito para encontrar a área VIP. Ficava no último andar, e a relativa tranquilidade lá em cima, em comparação ao caos dos salões principais, era quase chocante.

Um segurança e uma mulher com um vestido deslumbrante de lantejoulas prateadas estavam parados na base da escada que levava ao lounge. Ela segurava uma prancheta e um walkie-talkie, e arqueou as sobrancelhas quando me aproximei.

– Oi! Eu vim pra festa VIP.

Asher ainda não havia respondido à minha mensagem, mas ele *tinha* que estar lá.

Certo?

A hostess passou os olhos pela minha roupa. Estava usando meu melhor vestido preto e sapatos de salto, complementados por uma bolsa de grife que Vincent me dera no meu aniversário de 24 anos. Não era a peça mais estilosa do mundo, mas, a julgar pela careta dela, alguém imaginaria que eu tinha aparecido vestindo um saco de batatas e calçando Crocs.

– E quem é você? – Seu tom indicava que ela já sabia a resposta.

Ninguém.

Endireitei a postura, o constrangimento dando lugar à indignação.

– Scarlett DuBois. – Tentei ao máximo parecer confiante. – Meu nome está na lista.

– Lamento, não estou vendo seu nome aqui – disse a mulher, com uma expressão que dizia que, se tinha uma coisa que ela lamentava, era minha presença ali.

– Você nem olhou!

– Não preciso. É uma festa *VIP*. – Ela bateu as unhas na prancheta. – Receio que o seu vestidinho de cem libras e a sua bolsa de dois anos atrás não atendam aos nossos critérios. Agora, se me der licença… – Ela se virou para cumprimentar um trio de recém-chegadas.

As modelos esguias e elegantes que nem cisnes passaram por mim, com suas pernas compridas e minissaias de mil dólares. Elas deram seus nomes, a hostess os riscou da lista com um sorriso e as três desapareceram pelas escadas em um turbilhão de risadas e saltos barulhentos. Nenhuma delas sequer olhou para mim.

O sorriso da hostess desapareceu quando ela me encarou outra vez.

– Senhorita, vou ter que pedir para que se retire. Caso contrário, o Roscoe a acompanhará até a saída.

O segurança ao lado dela me encarou. Cerrei os dentes, mas não tive outra escolha a não ser me virar e ir embora com o máximo de dignidade que consegui reunir.

Já tinha arrumado muita confusão por um dia. Além disso, o que eu poderia fazer? Pegar a prancheta dela e procurar meu nome na lista eu mesma? Roscoe me enxotaria antes que eu passasse do A.

Meus olhos ardiam de exaustão. Fui até o elevador e apertei o botão.

Mal podia esperar para chegar em casa. A noite inteira tinha sido…

As portas se abriram com um *ping* e um cheiro familiar de loção pós-barba

– Scarlett?

Houve uma batida acelerada e traiçoeira em meu peito.

– Você veio. – As sombras se dissiparam, revelando as maçãs do rosto bem marcadas e o maxilar forte de Asher. Seu olhar percorreu meu vestido e minhas pernas. – Você tá… – Uma pequena pausa permitiu que as batidas abafadas do lounge se infiltrassem entre nós. *Tum. Tum. Tum.* – Linda.

Uma breve descarga elétrica percorreu meu corpo.

– Obrigada. – Forcei um sorriso, meu encontro com a hostess recente demais para ser esquecido, apesar do alívio de encontrar Asher. – Mas pelo visto nem todo mundo concorda com você.

– Como assim?

Contei a ele o que aconteceu.

Os olhos de Asher foram escurecendo a cada palavra até se assemelharem a nuvens de tempestade no horizonte.

– Vem comigo.

Ele não esperou pela resposta. Colocou a mão na parte inferior das minhas costas e me guiou com firmeza em direção à entrada do lounge, onde a hostess conversava com o segurança.

O segurança inclinou o queixo na nossa direção. Ela se virou, o rosto se iluminando ao ver Asher.

– Sr. Donovan! – Ela se endireitou e passou a mão no cabelo. – Que bom… – A voz dela morreu ao me ver com ele.

Eu não era uma pessoa mesquinha (na maior parte do tempo), mas estaria mentindo se dissesse que não adorei ver o choque estampado na cara dela.

– Asher Donovan e Scarlett DuBois – disse ele suavemente, com a mão ainda nas minhas costas. – Minha namorada.

Um segundo se passou.

A hostess parecia ter acabado de engolir um balde de larvas vivas, mas por fim deu um sorriso e um passo para o lado.

– Claro. – Ela soltou a corda, com os ombros tensos. – Aproveitem a festa.

– Obrigado. Ah, e mais uma coisa. – Asher fez uma pausa e a encarou, muito sério. – Se ousar desrespeitá-la outra vez, vou garantir que este seja o último evento em que você trabalhará em Londres.

O rosto da mulher ficou vermelho.

Fui pega de surpresa pelas palavras dele, uma sensação que me atravessou com a rapidez de um relâmpago, logo dando lugar a um calor irrefreável quando entramos no lounge e deixamos os gaguejos dela para trás.

– Sinto muito pelo que aconteceu – disse ele. – Às vezes, o pessoal da porta entra nessa viagem de achar que tem poder.

– Tudo bem. – Dei uma olhadinha para ele. – Namorada, é?

– Pareceu melhor do que *amiga* naquele momento. Além disso, achei que valeria só para ver a cara dela.

– Nossa, com certeza. – Sorri também. – Achei que ela fosse infartar quando você falou isso.

– Somos, então? – Asher me guiou pelo salão lotado. Sua palma queimou o tecido do meu vestido, me deixando levemente corada.

– Somos o quê?

– Amigos.

– Eu fiz um policial te pedir desculpas e você colocou a hostess no lugar dela por mim, então acho que sim. – Passamos por uma mulher que não me era estranha, uma beldade com pernas longas e maçãs do rosto altas. Olhei uma segunda vez ao perceber que era a supermodelo Ayana. Eu *amei* a última capa dela na *Vogue*; Carina ia morrer. – De quem é essa festa mesmo?

– Poppy Hart.

Parei de repente.

– Peraí. Essa festa *é da Poppy Hart*?

Asher deu um sorrisinho.

– Já ouviu falar dela?

– Vou fingir que não ouvi essa pergunta – falei, fazendo Asher gargalhar.

Todo mundo sabia quem era Poppy Hart. Modelo, socialite e ícone de estilo, ela se sentava na primeira fila de todos os grandes desfiles de moda, encabeçava a lista VIP de todos os grandes eventos e capitaneava todas as grandes instituições de caridade. Era a *it girl* mais famosa de Londres e a juíza suprema do que era descolado e do que não era.

Também era conhecida por suas festas ultraexclusivas, numa das quais eu estava *naquele momento.*

Surreal.

– Justo. – O humor transformou o rosto de Asher em uma versão mais suave de si mesmo. – Preciso te dizer que ela tem regras rígidas pras festas. Nada de câmeras, nada de assédio e nada de brigas… Exatamente como o Angry Boar, só que mais chique.

"Chique" era um eufemismo. Nos últimos cinco minutos, eu tinha visto cuspidores de fogo, dançarinos vestidos como os sete pecados capitais e um DJ islandês mundialmente famoso nas cabines.

Banquetas de veludo alinhavam-se ao longo das paredes; cristais formavam esculturas suspensas em forma de estrelas, flores e cachoeiras. Auréolas de LED banhavam espaços mais reservados e com assentos em um roxo futurista, enquanto um bar abastecido apenas com destilados de primeira linha ocupava uma parede inteira.

Ainda não tinha visto Poppy, mas o salão estava repleto de celebridades, socialites e outras variedades de pessoas jovens, ricas, bonitas e famosas.

Asher e eu paramos no bar. Ele pediu dois drinques especiais da casa, fossem lá o que fossem, e me entregou um.

– Então. – Ele me examinou por cima do copo. – Você mudou de ideia e decidiu vir.

– Só porque não tinha nada melhor pra fazer. – Tomei um gole hesitante. Uísque misturado com algo encorpado e doce, uma mistura de calor e suavidade diferente de qualquer outro drinque que já havia experimentado. – Mas não fica se achando, não. Minha presença esta noite é estritamente platônica.

– Ótimo, porque o meu convite foi estritamente platônico.

– Ótimo.

– Ótimo.

A troca aparentemente banal não deteve a eletricidade selvagem que nos envolvia, uma força que fazia nossos olhares se atraírem como ímãs e que formava uma bolha contra o barulho e a agitação do restante da boate.

As inseguranças de mais cedo, a exaustão, a frustração… tudo isso desapareceu quando meu corpo voltou à vida, tomado pela expectativa.

Foi por *isso* que mudei de ideia. Por conta da sensação inebriante de possibilidade. Da alegria de mergulhar mesmo que só o dedinho em algo proibido.

Fosse lá o que acontecesse aquela noite, a adrenalina naquele momento valia a pena. A combinação do álcool com a intensidade do olhar de Asher queimou minhas veias. Ou a bebida era mais forte do que parecia, ou eu estava entrando em território perigoso.

Entrando, não. Você já está nele.

– Asher!

A bolha estourou. Fomos atingidos por uma enxurrada de ruído e movimento, e quase cambaleei diante do impacto.

Poppy Hart se aproximou da gente, uma visão em verde e dourado. Ela cumprimentou Asher com um beijo na bochecha antes de voltar sua atenção para mim.

– Quem é essa? – Ao contrário da hostess, sua pergunta continha apenas uma curiosidade amigável.

– Scarlett. Ela é uma… amiga. – O timbre da voz de Asher diminuiu na palavra *amiga*, e meus dedos dos pés se curvaram instintivamente.

– Não esse tipo de amiga – acrescentei, depressa.

O deleite no rosto de Asher aqueceu o meu, e Poppy deu uma risada. Ela tinha cabelo cor de canela e a pele muito clara, e sua beleza estonteante

dificultava bastante a vida das mulheres ali dentro.

– Já gostei de você. Prazer em conhecê-la, Scarlett.

Ela não se apresentou, não era necessário. Se fosse qualquer outra pessoa, a atitude seria vista como arrogante, mas, como era Poppy, simplesmente pareceu natural. Depois de alguns minutos de conversa amigável, ela me lançou um olhar envergonhado, mas gentil.

– Você se importa se eu roubar o Asher um minutinho? – perguntou. – Uma amiga de Nova York veio me visitar, e ela é uma *grande* fã. Ela vai me matar se eu não apresentar os dois. – Ela baixou a voz para um sussurro exagerado: – Eu disse para ela que o Asher nem era tudo isso, mas ela não me deu ouvidos.

– Pode levá-lo, sem problemas. As pessoas precisam descobrir a verdade por conta própria – concordei, com uma falsa solenidade.

– Valeu, gente. Estou adorando ouvir vocês duas falando mal de mim bem na minha cara – disse Asher, num tom seco.

– Disponha. – Poppy deu um tapinha no braço dele. – Scarlett, não se preocupe. Trago esse mocinho de volta já, já. Vai ser vapt-vupt. – Seu tom de voz sofisticado de alguma forma fez com que aquela frase de vovó soasse descolada.

– Não vou demorar. – O braço de Asher roçou o meu ao passar, deixando um rastro de formigamento. – Não se meta em confusão enquanto eu estiver fora.

– Vou tentar, mas não garanto nada.

O sorriso que ele deu fez meu corpo estremecer de um jeito que deveria ser ilegal. Fiquei no bar terminando meu drinque, e aproveitei para dar uma olhada no ambiente. Me senti um pouco constrangida por ser a única pessoa sozinha ali, mas logo percebi que todos estavam envolvidos demais em seu próprio mundo para notar a pessoa desacompanhada e desconfortável bebericando seu uísque caro.

Se não fosse uma festa particular, convidaria Brooklyn para subir. Algo me dizia que ela ia gostar das apresentações dos cuspidores de fogo. Era permitido fazer aquilo dentro de uma casa noturna? Será que não violava algum tipo de norma de segurança contra incêndios?

Se era o caso, ninguém pareceu preocupado.

– Um pouco intimidador, não?

Um homem loiro e bonito, com cara de menino, brotou ao meu lado. Ele

tinha ombros da largura de um campo de futebol e uma pintinha cativante acima do lábio que mudava de posição conforme ele sorria.

– Um pouco – admiti. – Vim com um amigo, mas ele precisou sair.

Asher usou o termo. Eu também poderia usar.

– Namorado?

Sorri diante daquela abordagem tão direta.

– Amigo platônico.

Depois de "amigo", "platônico" estava na disputa pela palavra da noite.

– Bom pra mim, então – disse o loiro. – Mas, se eu fosse seu amigo, não te deixaria sozinha com os lobos. – Ele acenou com a cabeça para a multidão ao nosso redor. – Não se deixe enganar pelas roupas caras e o champanhe. Essas pessoas são cruéis. Se farejam medo, atacam.

Dei risada.

– Ainda bem que eu tenho você, então. A união faz a força, certo?

– Certo. – Seu sorriso se alargou. Ele estendeu a mão. – Clive.

– Scarlett. – Havia me apresentado mais vezes na última hora do que em meses, mas, por incrível que parecesse, não me importei.

Pelo visto era mais fácil fazer amigos quando eu saía de casa, afinal. *Quem diria, não é mesmo?*

Clive pediu outra rodada de drinques para nós dois, e ficamos jogando conversa fora. Descobri que ele era jogador de rúgbi e primo de Poppy, daí sua presença naquela noite.

– Também não gosto dessas festas, mas faltei às três últimas. Se eu não viesse hoje, ela me daria uma surra com uma daquelas bolsas caríssimas – disse ele com um sorriso encabulado.

Dei outra risada. Clive não era meu tipo, mas era bom ter um flerte inofensivo com um cara bonito em uma boate. Já fazia um bom tempo que isso não acontecia.

Estava contando a ele sobre meu trabalho na RAB quando a temperatura caiu repentinamente para níveis polares.

Meus braços ficaram arrepiados, e parei no meio da frase quando Asher reapareceu, e sua expressão emburrada mostrava que estava bem menos contente do que quando saiu.

– Já terminou lá com seu fã-clube? – provoquei.

Ele me encarou, sério. Poppy não estava por perto.

Eita. Que bicho mordeu ele?

À minha frente, Clive parecia achar graça da situação.

– Donovan. Imagino que você conheça a Scarlett.

– Hart. – A resposta brusca serviu tanto como saudação quanto como uma constatação. – Você se importa de eu roubar a Scarlett? Temos um assunto pra resolver.

Ergui as sobrancelhas. *Temos?* Aquilo era novidade para mim.

– Claro. Antes de vocês irem… – Clive pegou uma caneta emprestada do barman e anotou seu número em um guardanapo. Ele o entregou para mim com uma piscadela. – Pro caso de você precisar de reforço na segurança outra vez.

Asher rangeu os dentes, mas não disse uma palavra até que o jogador de rúgbi desaparecesse no meio da multidão – e também não disse nada quando nos conduziu a um canto reservado no fundo do lounge.

Cortinas de veludo do chão ao teto separavam o espaço do salão principal. Bastou um puxão nos cordões com borlas e estávamos em nosso próprio mundo. Cruzei os braços, sem saber se deveria estar nervosa, irritada ou intrigada. Optei por uma combinação das três coisas.

– O que é tão importante que você teve que me tirar da minha conversa?

– Eu te deixo sozinha por cinco minutos e você arrasta a asa para o capitão da seleção inglesa de rúgbi – disse ele. – Impressionante.

Sério? Era sobre *isso* que ele queria falar?

Homens... Para eles, tudo era uma competição de quem tinha o maior pau.

– Eu não "arrastei a asa" para o Clive – respondi. – Ele que veio falar comigo. O que eu deveria fazer? Ficar olhando para o nada enquanto esperava você voltar da sua reuniãozinha?

– Você poderia ter falado com qualquer pessoa*, menos* com esse babaca do Clive Hart – rosnou Asher. – Você não conhece a reputação dele?

– Na verdade, não.

Eu não acompanhava rúgbi, então a seleção inglesa inteira poderia aparecer lá que eu não faria a menor ideia de quem eles eram.

– Entendi. – Asher rangeu os dentes de novo. – Não se deixe enganar pela cara de bom moço. Todo mundo sabe que ele é um cafajeste.

Olhei para ele, atônita, então caí na gargalhada.

– Você acabou de usar a palavra "cafajeste" sem ironia?

Ele não pareceu achar a menor graça.

– É o termo certo para ele. Hart já dormiu com metade das mulheres desta festa.

– Ainda bem que eu não estava planejando dormir com ele. A gente só estava conversando. – Cruzei os braços. – Além disso, essa sua atitude é meio hipócrita, né? Você não é exatamente um santo se os tabloides tiverem razão.

– Os tabloides nunca têm razão.

– Então você não fez um *ménage à trois* em Ibiza no ano passado?

Asher não se dignou a me responder.

– Vai jogar o número dele fora?

Vou.

– Não. Por que eu faria isso? Pode vir a ser útil um dia.

Eu estava brincando com fogo. Sabia disso. Mas, em vez de me dissuadir, o calor me seduzia, me levando cada vez mais perto, até que acabasse me queimando.

– Espero mesmo que isso não aconteça – esbravejou Asher. – Já vi o que acontece com as garotas que acham "utilidade" nele. Geralmente acaba em lágrimas e lenços de papel.

– E daí se isso acontecer? É problema meu, não seu. – Arqueei uma sobrancelha, embriagada pelo uísque potente e pelo perigo que pairava no ar. – Por que você está tão interessado no que eu faço com o Clive, Asher? Está com ciúmes? – disparei, devolvendo a pergunta de segunda-feira.

– E se eu estiver?

O ar ficou estático. A resposta direta de Asher cortou a música como uma faca na seda, se alojando em algum lugar entre meu peito e minha garganta, onde meu coração batia no ritmo frenético das asas de um beija-flor.

– Nosso relacionamento não era apenas platônico? – rebati, sem recuar, sem tremer diante do perigo.

Uma última tentativa de me apegar à *normalidade*, embora minha definição da palavra tivesse se distorcido desde que eu conhecera Asher.

Nada daquilo era normal. Nós ali parados. O olhar penetrante dele. Meu coração vibrando em resposta.

Foi o suficiente para me fazer acreditar que a normalidade era algo superestimado.

Asher se aproximou com dois passos deliberados.

Minhas costas foram pressionadas contra a parede. Eu não tinha para onde correr. E, mesmo que tivesse, não teria ido a lugar algum.

Desde o momento em que saí de casa, eu sabia que aquilo poderia acontecer. No fundo, eu já esperava.

O vaivém, o dar e receber, a negação e a atração: cada parte da nossa coreografia havia nos levado àquele momento.

– Platônico... – O calor do hálito de Asher roçou minha pele. – Isso parece platônico para você?

Eu não conseguia pensar, não conseguia me mexer, não conseguia *respirar* enquanto a mão dele subia pelo meu braço e passava pela curva do meu ombro. Senti queimarem todos os lugares que ele tocava. Minha pele não passava de um mapa de pequenos incêndios que consumiam o oxigênio que restava em meus pulmões.

Meu corpo inteiro vibrava, se tensionava. Quando sua mão chegou à minha nuca, instintivamente me arqueei, o suficiente para que seus olhos se arregalassem, ardentes.

A mão dele se fechou, me prendendo no lugar.

– Eu te fiz uma pergunta, Scarlett.

Senti um arrepio de tirar o fôlego da cabeça até a ponta dos pés.

Isso parece platônico para você?

– Não – sussurrei. – Não parece.

Outra respiração fez o peito dele estremecer.

Foi o último aviso que recebi antes de ele me puxar em sua direção e colar a boca na minha.

CAPÍTULO 18

SCARLETT



O mundo explodiu em um caleidoscópio de sensações.

Perdi o ar, chocada com o ataque brutal e repentino. Asher aproveitou a oportunidade para aprofundar o beijo, deslizando a língua para dentro da minha boca e explorando-a com uma sensualidade tão serena que qualquer resistência que eu pudesse ter simplesmente saiu flutuando.

Alguns homens eram gentis, outros eram agressivos. Cada um tinha a própria técnica, e Asher beijava da mesma maneira que jogava: com habilidade, domínio e uma abordagem tão meticulosa que me deixou tonta.

Pressionei o corpo contra o dele com mais força, ávida por mais.

Cada segundo do beijo desvelava mais um centímetro de mim. O deslizar de sua língua. O aperto firme em meu pescoço. O delicioso aumento da pressão: suave no início, depois mais forte, mais exigente.

Eu estava me desfazendo, e ele era a única coisa que me mantinha no lugar.

Deslizei as mãos pelas costas e pelos ombros dele antes de cravar os dedos em seu cabelo. Ele deu um gemido, e outra onda de prazer percorreu meu corpo.

O tempo perdeu completamente o sentido. Era possível que tivéssemos passado minutos, horas ou dias ali, mas, como sempre, a física prevaleceu. O oxigênio foi ficando escasso e, quando finalmente acabou, nos afastamos, ofegantes.

Nossas respirações irregulares preencheram o espaço entre nós, e nos

encaramos, o peito arfando.

Aos poucos, fui retomando consciência do mundo ao redor – um lampejo de movimento fora da cortina aqui, uma letra de música e uma linha de baixo ali.

Minha boca ainda estava inchada do beijo quando a névoa se dissipou por completo e restou apenas a dura e fria realidade do que eu havia feito.

Em uma boate.

Cercada de pessoas que ficariam felizes da vida em contar para os tabloides uma fofoca quentíssima sobre Asher Donovan e sua "morena misteriosa", também conhecida como eu.

O nervosismo inundou minha corrente sanguínea e afastou o que restava da luxúria.

Ai, meu Deus. O que tinha dado *em mim*?

Asher sem dúvida percebeu minha mudança de humor, porque sua expressão ficou séria. Ele estava com um pequeno corte no lábio inferior, causado pela mordida que dei ali, e morri de vergonha ao ver o que tinha feito.

– Scarlett…

– Preciso ir. – Passei por ele e fui depressa em direção à saída, com a cabeça baixa e o coração quase saindo pela boca.

Ele não me impediu, e não olhei para trás até me livrar da escuridão sedutora da Neon.

A fila do lado de fora ainda se estendia até a esquina. Ignorei os olhares dos frequentadores à espera e entrei no primeiro táxi disponível, ainda atordoada ao pensar na rapidez com que o dia havia saído do controle.

Tudo começou com drinques inocentes no Angry Boar e terminou com uma fuga após ter beijado Asher Donovan. Saí naquela noite torcendo por emoção. Pois bem, consegui – até demais.

Falei meu endereço para o motorista e estava prestes a enviar uma mensagem para Carina quando meu telefone tocou.

Vincent.

Meu coração parou. Eram duas da manhã em Paris. Por que ele estava ligando àquela hora?

Não tinha como ele saber do beijo. Havia acontecido literalmente minutos antes.

A festa não permitia o uso de câmeras, mas e se alguém tivesse nos visto

indo para aquele canto e mandado uma mensagem para ele?

Eu sou muito idiota. Fazia semanas que eu não pensava no que Vincent ia achar se descobrisse minha proximidade com seu arqui-inimigo, mas não deveria ter me deixado levar tão fácil, até porque foi em grande parte por causa do meu irmão que passei tanto tempo evitando Asher. Com Vincent longe, meu foco foi para o espaço.

Quase botei os drinques de mais cedo para fora ao dizer:

– Alô?

– Você tá acordada. – Ouvi o apito de uma chaleira ao fundo. – Achei que ia pra caixa postal.

Ele não sabia. Caso contrário, saberia que eu estava acordada.

O alívio desatou o nó na minha garganta.

– Não, não. Nada de caixa postal. – Deixei escapar uma risada nervosa. – Só eu.

– Onde você está? Parece que está em um carro.

– Saí com um amigo, mas estou voltando pra casa. – Tecnicamente, não é mentira. – O que houve? O papai está bem?

– Tá, sim. Reclamando do governo e da situação do cinema contemporâneo, como de costume – disse Vincent. – Mas ele está se recuperando bem, e a Bernadette, nossa enfermeira, está lidando bem com as coisas. O suficiente pra eu conseguir sair de casa sem que ele fique achando que ela vai envenená-lo com arsênico assim que eu virar as costas.

Dei uma risada. Nosso pai era excêntrico, mas eu suspeitava que ele fazia esse tipo de bravata porque gostava de reclamar, não porque acreditava no que estava dizendo.

– Mas enfim... vou estar em Londres no fim de semana que vem. Tenho que gravar um vídeo promocional pra Nike. Vamos jantar uma noite dessas?

– Humm. Eu até tenho um encontro instigante com meu último *thriller*, mas acho que consigo arranjar um tempinho pra você – respondi, me esforçando para manter um tom casual e sarcástico.

Se eu ficasse quieta ou fosse solícita demais, ele saberia que havia algo de errado.

– Sua generosidade não tem limites – respondeu Vincent, debochado. – Vai ser bom colocar o papo em dia. Como estão as coisas com o Donovan? Ele não está te perturbando, está? – O tom dele ficou mais austero ao mencionar o colega de time.

Meu coração acelerou outra vez.

– Não – respondi, com uma voz aguda. *Muito pelo contrário, na verdade.* – Ele está bem. Muito, hã, profissional durante os treinos.

Deixei que as palavras "durante o treino" fizessem o trabalho sujo por mim.

– Que bom. Odeio a ideia de você ter que passar um verão inteiro com ele. – Eu praticamente via Vincent cerrando os dentes. – Cuidado, Lettie.

Murmurei uma espécie de resposta.

– Se ele encostar a mão em você ou fizer qualquer coisa que te deixe desconfortável, me avisa na hora – pediu Vincent. – Eu mato esse cara.

– Você é tão dramático. – Forcei outra risada. Parecia que eu tinha inalado um tanque de hélio. – Eu sei cuidar de mim mesma. Olha só, acabei de chegar em casa, então vou desligar aqui e me preparar para dormir. Me manda uma mensagem quando chegar no fim de semana que vem, tá?

Percebi que ele queria continuar falando, mas se contentou com um simples:

– Aham. Até mais.

Desliguei e me recostei no banco, exausta demais para me preocupar com a viagem de táxi.

Asher e eu tínhamos mudado drasticamente nosso relacionamento em um intervalo de cinco minutos.

Meu irmão vinha visitar no fim de semana seguinte.

E eu estava presa no banco de trás de um táxi, me perguntando como, exatamente, tinha conseguido arruinar minha vida daquele jeito.

CAPÍTULO 19

ASHER



Cinco para as cinco.

Scarlett chegaria a qualquer momento.

Passei a mão no cabelo. Aumentei e baixei o volume do aparelho de som. Endireitei os halteres na prateleira.

Nada disso afastou o toque fantasmagórico de seus lábios nos meus.

Aquilo me assombrava desde sábado à noite, quando finalmente cedi à maldita *necessidade* que havia dentro de mim e a beijei.

Maldito beijo. Se Scarlett já vinha atormentando meus pensamentos antes, o beijo construiu uma casa permanente para ela na minha cabeça e a convidou para tomar chá. Ela era a única coisa em que eu conseguia pensar antes de dormir, depois de acordar, enquanto tomava banho e, basicamente, durante qualquer atividade que fazia para tentar esquecê-la.

Isso me tirava do sério. E, ainda assim, eu não me arrependia do que havia acontecido.

Só isso já me aterrorizava mais do que qualquer consequência. Minha carreira sempre foi a coisa mais importante para mim. Ancorava o meu mundo, e o fato de estar disposto a colocá-la em risco, ainda que indiretamente, por uma mulher…

Esfreguei a mão no rosto, mas não tive a chance de ir adiante com meus questionamentos, porque passos suaves dispersaram minha concentração. Ergui os olhos. Meus batimentos cardíacos desaceleraram quando Scarlett entrou, com seu cabelo preto preso em um coque de bailarina e seu corpo

esbelto vestido com um collant, um moletom e uma saia de balé.

Não tinha ido atrás dela no sábado porque ambos precisávamos de espaço para entender nossos sentimentos, mas vê-la novamente depois de dois dias provou que o espaço não surtira efeito algum. Estava tão mexido por causa dela agora quanto estive no Neon.

– Oi. – Tentei emular um tom casual que acabou saindo cauteloso.

– Oi. – Ela tirou o moletom e o pendurou em um gancho perto da porta. – Hoje vamos focar em agilidade. Sugiro que a gente vá lá pra fora, assim…

– Scarlett.

– Sim? – A rigidez de seus ombros contradizia a frieza de seu tom.

– Acho que a gente deveria conversar sobre sábado à noite.

Eu não ia deixar que ela fingisse que nada havia acontecido. Esse tipo de joguinho não fazia sentido.

– Não temos nada pra conversar.

Ou talvez fizesse sentido. A irritação fervilhava em meu sangue.

– Discordo – falei, com um tom malicioso. Se ela queria fazer aquele tipo de jogo, seria nos meus termos. – Temos muita coisa pra conversar. Por exemplo, o gosto da sua boca ou o suspiro que você deu quando te pressionei contra a parede. Ou talvez devêssemos falar sobre a sensação do seu cabelo enrolado na minha…

– *Chega*. – Suas bochechas coradas estavam pegando fogo. – Foi só um beijo. Estávamos bêbados e nos deixamos levar pelo momento. Não significou nada.

A brasa da irritação se transformou em raiva.

– Mentira sua.

Diminuí a distância entre nós. Ela ergueu o queixo, teimosa, mas percebi a rapidez com que seu peito subia e descia.

– Eu sabia que você era covarde para filmes. Não esperava isso de você na vida real também.

Scarlett respirou fundo, as narinas se dilatando.

Reprimi uma onda de arrependimento. Havia dito o que precisava ser dito: ela não podia fugir das dificuldades para sempre.

Aquela era a mesma garota que havia repreendido um policial por ter esbarrado em mim, que havia sobrevivido a um acidente terrível e saído mais forte da tragédia. Ela era tão impetuosa e resiliente de tantas maneiras que me matava vê-la subjugada pelo medo.

– Tudo bem. Digamos que o beijo tenha significado alguma coisa – disse Scarlett. – E aí? Vamos namorar? Ter um casinho de verão? Terminamos o namoro quando a temporada começar? Tem *sempre* alguém de olho em você, Asher. Seria impossível manter um relacionamento em segredo. – Ela contraiu a mandíbula. – Você perdeu o campeonato na temporada passada porque você e o Vincent não cooperaram entre si! Imagina só como isso vai piorar se ele descobrir que aconteceu alguma coisa entre nós dois. Imagina como o seu técnico vai reagir. Vocês dois vão arruinar as suas carreiras, e eu *não vou* permitir que isso aconteça, muito menos fazer parte dessa catástrofe.

Minha bolha de raiva esvaziou.

É claro que eu havia considerado os obstáculos que Scarlett mencionou. Foi por levá-los em conta que lutei com todas as minhas forças contra a atração que sentia por ela. Só que, quanto mais tempo passávamos juntos, mais nebulosos esses obstáculos ficavam.

Sua análise clínica da situação os colocou em foco outra vez.

A questão envolvendo Vincent e nossas carreiras era óbvia, mas os paparazzi… Eu não tinha dado tanta atenção a isso quanto deveria. A maioria das mulheres que namorei no passado eram figuras públicas, então estavam acostumadas com os holofotes. Scarlett, não.

Se algo acontecesse entre nós, aqueles abutres nunca mais a deixariam em paz. Eles a seguiriam, vasculhariam seu lixo, falariam com seus antigos amigos e colegas de turma. Qualquer coisa para ganhar dinheiro.

Havia maneiras de contornar isso. Eu conhecia vários jogadores que conseguiam ter relacionamentos saudáveis com suas parceiras ou seus parceiros "civis", mas, correndo o risco de parecer arrogante, eles não tinham tanta visibilidade quanto eu. Os tabloides comeriam Scarlett viva.

Eu havia deixado que a privacidade de nosso estúdio e a calmaria do verão me ludibriassem e me dessem uma falsa sensação de segurança. Não importava se eu a desejava como nunca desejei ninguém antes ou se queria mais que tudo que as coisas entre nós funcionassem. Se *ela* não queria aquilo e não estava preparada para lidar com as consequências, não tinha jeito. Caso encerrado. As fantasias pós-beijo que haviam me consumido durante todo o fim de semana se dissiparam, deixando um gosto amargo na minha boca.

– Você tem razão. – As palavras soaram vazias, apesar do aperto em meu

peito. – Não sei o que eu estava pensando. Vamos fingir que o beijo nunca aconteceu e nunca mais vamos tocar no assunto.

– Ótimo. – Scarlett engoliu em seco. – Fico feliz por estarmos em sintonia.

– Eu também.

Não falamos sobre nada que não estivesse relacionado aos exercícios durante o resto da sessão.

Ela dera o choque de realidade de que nós dois precisávamos, então ignorei o nó na garganta e continuei com meu treino.

• • •

Naquela noite, mais tarde, dirigi meu Bugatti até um bairro no norte de Londres. O isolamento, as estradas desimpedidas e a indiferença das autoridades policiais haviam tornado o local um ponto de encontro dos grandes apostadores locais que gostavam de curtir corridas ilegais sem as complicações de outras cenas automobilísticas: vazamentos, paparazzi e drogas.

Não havia uma corrida programada para aquela semana, mas as pessoas geralmente apareciam mesmo assim para se gabar de seu veículo mais recente ou para participar de uma competição amigável.

Aquela noite não era uma exceção.

Já havia uma meia dúzia de carros parados no estacionamento onde ficava o ponto de encontro quando cheguei lá. Meus faróis lançaram um feixe brilhante de luz no grupo antes de eu desligar o motor e me juntar a eles.

Reconheci todos os presentes. Um jogador do Chelsea, um ator não muito famoso que tinha um papel coadjuvante em uma série popular de fantasia, vários jogadores de rúgbi… incluindo Clive.

Uma sensação desagradável percorreu minhas veias.

– Donovan. – Simon, o jogador de futebol, se aproximou. – Faz um tempo que não te vejo.

– Tenho andado ocupado. Sabe como é.

Troquei um abraço rápido com ele e dei um tapinha em suas costas, então fui falar com o restante do pessoal.

Parei diante de Clive e o cumprimentei com um aceno de cabeça nem um pouco simpático.

A imagem dele e de Scarlett flertando na Neon surgiu em minha mente, e uma onda de algo desagradável percorreu minhas veias.

Clive se encostou em seu carro, desprovido do comportamento autodepreciativo que ele só exibia para atrair possíveis parceiras sexuais. Ele era um frequentador assíduo daqueles encontros. Eu não havia mentido quando disse que tinha sido apresentado a ele pela Poppy, mas nos víamos com mais frequência ali do que nas festas dela.

– Fico surpreso por você não estar com a sua garota – disse ele.

Eu não era o único pensando em Scarlett. A simples evidência de que ela existia em algum lugar da mente imunda dele fez meu sangue ferver.

– Nunca vi o grande Asher Donovan tão possessivo com alguém – prosseguiu Clive. – O lance deve ser sério.

Os outros caras ao redor ligaram as anteninhas na mesma hora, atentos a qualquer informação. A sociedade pintava as mulheres como fofoqueiras, mas, na verdade, eram os homens que adoravam uma intriga e sair por aí falando mal dos outros.

– Não tenho a menor ideia do que você está falando.

Se eu demonstrasse um pingo de interesse genuíno em Scarlett, Clive iria atrás dela que nem uma ave de rapina. Ele gostava de roubar as parceiras dos outros só para provar que era capaz.

– Não? – Seu sorriso me mostrou que ele não acreditava em uma palavra do que eu disse. – Caramba. Você está mais interessado nela do que eu imaginava. Já que quer se fazer de bobo, vou refrescar sua memória. Cabelo preto, belo rabo, tipo uma Liz Taylor jovem? Estava prestes a fisgá-la antes de você interromper.

– Odeio ter que te dizer isso, mas você não estava prestes a fisgar ninguém. – Meu tom bem-humorado escondia o perigoso ruído em meu peito. – Ela tem bom gosto.

– Sim, e estava engolindo minha historinha. Todas as garotas engolem.

– Ah, é? Ela entrou em contato com o número que você deu pra ela?

Isso tirou o sorrisinho do rosto dele.

– Gostei dela, sabia – disse ele, semicerrando os olhos, pensativo. – Ela é gostosa, engraçada, sabe conversar. Entendo por que você está tão mexido por causa dela.

Antes de sábado, eu não tinha nenhum problema com Clive. Como disse a Scarlett, ele era cafajeste e meio idiota, mas nada fora do normal quando se tratava de atletas profissionais.

Depois de sábado, eu morreria feliz se pudesse esmagar a cara dele antes.

Seu comentário preciso sobre meus sentimentos em relação a Scarlett acionou vários alarmes: ele só tinha nos visto interagir uma vez, então o fato de ter acertado em cheio não era um bom presságio para mim, mas tentei ignorar os sinais de alerta.

Dificilmente iríamos habitar o mesmo espaço outra vez.

– Então, ela é boa de cama? – perguntou ele. – Se for, talvez eu a leve pra dar uma volta depois que você terminar de…

Eu me movi antes que ele tivesse a chance de piscar.

Sua frase foi interrompida com um grunhido de surpresa e com o choque de músculos contra metal. O restante do grupo, que acompanhava nossa conversa como ávidos espectadores assistindo a uma partida de tênis, fez um coro de "oohs".

Minha raiva abafou a zombaria, e concentrei minha atenção em Clive. O ar faiscava contra minha pele como um fio elétrico, meu coração bombeando sangue com a ferocidade de um touro.

Eu me imaginei batendo-o contra o carro novamente. Imaginei meu punho em seu rosto.

Meu joelho em sua virilha.

Eu não era uma pessoa violenta, mas, quando se tratava de Scarlett, meus valores se desintegravam.

Entendo por que você está tão mexido por causa dela.

Se ele soubesse...

– Você nunca mais vai falar dela desse jeito – rosnei, bem baixinho, mas com a firmeza necessária para que ele entendesse a ameaça implícita.

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição.

– Acho que já tenho minha resposta – declarou Clive, num tom ao mesmo tempo triunfal e intrigado.

Fui imprudente e deixei minha vulnerabilidade à mostra. Agora ele sabia exatamente como eu me sentia em relação a Scarlett, mas tirar aquele olhar presunçoso da cara dele tinha valido a pena.

Ainda assim não era suficiente.

Um confronto físico me proporcionaria uma satisfação imediata, mas eu

queria atingir Clive onde realmente machucaria.

– Que tal uma aposta amigável? – Meu sorriso não combinava com minhas palavras. – Aposto cinquenta mil que meu Bugatti ganha da sua McLaren.

Os olhos de Clive se estreitaram. Eu adorava meus carros, mas ele tinha uma obsessão doentia por sua McLaren. Era seu orgulho e sua fonte de alegria, e, se pudesse se casar com o carro, Clive provavelmente o faria.

Ele também tinha um ego do tamanho de Júpiter e a reputação de ser um péssimo perdedor. Rúgbi, corrida, não importava. Ele precisava ser o número um sempre.

– Pode dobrar a aposta pra 100 mil – disse ele.

Tão previsível.

– Fechado.

Com os patrocínios das marcas e o dinheiro da transferência, eu ganhava muito mais do que Clive, mas ele tinha o dinheiro da família para reforçar seu salário profissional. No entanto, o que diziam por aí era que a maior parte de sua herança estava em um fundo fiduciário, o que significava que sua proposta de dobrar a aposta inicial tinha sido motivada por puro ego.

Nossa corrida espontânea não tinha os componentes de uma competição planejada. Não havia torcida, bebidas nem música.

Havia só a gente, nossos carros e a rua – do jeito que eu gostava. Simon se ofereceu para fazer a contagem regressiva. Dirigimos até a estrada principal e ele se posicionou à nossa frente, usando sua camiseta como bandeira de largada.

Três.

O ronco potente do motor vibrou dentro de mim, me instigando.

Dois.

Apertei o volante com mais força. *Quase lá.*

Um.

A bandeira caiu, meu pé pressionou o pedal, e o chiado dos pneus dominou o ar enquanto disparávamos com uma voracidade temerária.

Prédios escuros e terrenos baldios passavam em um borrão. Minha frequência cardíaca acompanhava o ritmo do carro enquanto voávamos pelas ruas.

Sim. Era *daquilo* que eu estava precisando. Estava de mau humor desde o treino, e nada me ajudava a desanuviar como uma boa corrida.

A primeira curva se aproximava. Eu me preparei, meu corpo tenso, calculando o ângulo perfeito para uma manobra limpa. Ao meu lado, Clive parecia estar fazendo o mesmo.

Avançamos em direção à curva em faixas quase paralelas.

Ainda não...

A grade de proteção se aproximava. Seu metal enferrujado emitia um brilho ameaçador sob nossos faróis ofuscantes.

Ainda não...

O mundo se reduziu àquele único trecho da estrada.

Agora!

Com um movimento rápido do volante, fiz uma curva fechada. Os pneus cantaram, mas uma alternância controlada entre o freio e o acelerador suavizou a mudança.

Estava livre – e tinha passado à frente de Clive.

No entanto, meu sorriso triunfal desapareceu quando o brilho dos faróis dele invadiu meu retrovisor lateral outra vez. Ele havia se recuperado mais rápido do que eu esperava.

Filho da puta.

Ele me ultrapassou por muito pouco. Eu o alcancei um segundo depois.

Continuamos nos alternando na liderança até que a linha de chegada entrou no campo de visão. Simon estava à beira da estrada, com a camisa na mão.

Clive e eu ainda estávamos páreo a páreo. Eu poderia adotar uma de duas estratégias. Ou ia com tudo naquele momento, ou…

Foda-se.

Segui meu instinto e aliviei o pé do acelerador um centímetro, apenas o suficiente para deixar Clive passar a toda velocidade.

Ignorei seu olhar de satisfação, mesmo quando meu sangue batia no ritmo da competição e da adrenalina.

Vai jogar o número dele fora?

Não. Por que eu faria isso?

Foi só um beijo… Não significou nada.

Entendo por que você está tão mexido por causa dela.

Ela é boa de cama? Se for, talvez eu a leve pra dar uma volta…

Enfiei o pé no pedal na última reta. Era a primeira vez que estava indo a toda velocidade nesse carro, sem restrições, e o Bugatti disparou como uma

bala atravessando a noite.

Meu corpo foi lançado para a frente enquanto meus órgãos ficaram para trás. A quantidade de força gravitacional que eu havia liberado provou *exatamente* o que vários milhões de libras em otimização veicular eram capazes de fazer, então segurei firme e não respirei enquanto a paisagem externa se transformava em um borrão indistinguível.

Imaginei que era aquilo que os astronautas experimentavam durante o lançamento de um foguete – uma aceleração tão poderosa que os pressionava em seus assentos por pura força.

Ainda bem que eu não havia comido antes de sair de casa.

Mas minha tontura temporária logo deu lugar ao alívio e ao doce sabor da vitória quando cruzei a linha de chegada meio segundo antes de Clive.

O cascalho espirrou quando paramos.

– *Merda!*

Ouvi seu grito de frustração em alto e bom som através do vidro, e fiz questão de exibir meu sorriso ao sair do carro.

Clive fechou a porta e cuspiu no chão. Um de seus amigos do rúgbi tentou consolá-lo com um tapinha nas costas, mas ele deu de ombros com uma careta.

Eu me aproximei e estendi a mão para cumprimentá-lo. Um gesto de cordialidade e o reconhecimento de que eu havia vencido.

Depois de um momento de audível ranger de dentes, ele a apertou.

Apertei com força. Um prazer sombrio invadiu meu peito quando o desconforto moldou os contornos de sua cara amarrada.

– Acredito que os cem mil dólares estarão na minha conta amanhã, certo? – disse.

O olho de Clive tremeu.

– Pode deixar.

Acreditei nele. Ele não voltaria atrás em sua palavra, não quando tínhamos testemunhas. Perderia muita credibilidade nas ruas.

– Ótimo. – Soltei sua mão e fingi não perceber quando ele discretamente a sacudiu. Simon e o resto dos rapazes nos observavam, fascinados. – Ah, Clive? Não quero ouvir mais um pio sobre a Scarlett, ou perder cem mil dólares será o menor dos seus problemas.

Fui embora, com seu olhar de ressentimento queimando minhas costas. Ele provavelmente estava planejando uma vingança, mas eu não me

importava. Clive podia planejar e ficar irritado à vontade. Eu já tinha provado meu argumento e aliviado minha frustração, que era o que eu tinha ido fazer lá.

Dois coelhos com uma cajadada só.

No entanto, a euforia da vitória se dissipou mais rápido do que eu gostaria. Estava apenas na metade do caminho para casa quando um enxame de pensamentos indesejados voltou a zumbir em minha cabeça.

Eu dirigia porque isso me acalmava; eu corria porque isso me estimulava de uma forma que nenhuma droga seria capaz. As corridas faziam eu me sentir no controle. Vivo.

Naquela noite, eu precisava disso mais do que nunca. Sim, eu queria dar uma lição em Clive, mas também queria esquecer o beijo em Scarlett.

Por quinze gloriosos minutos, eu consegui.

Mas agora que não havia mais Clive e a corrida tinha ficado para trás, meus pensamentos voltaram para onde sempre iam parar.

De volta a *ela*.

E não havia nada que eu pudesse fazer para detê-los.

CAPÍTULO 20

SCARLETT



– Isso aqui é pipoca suficiente pra você ou é melhor comprar outro balde? – perguntei.

Vincent pegou o balde em cima do balcão e arqueou uma sobrancelha para mim.

– Já estou preparado para você roubar metade do meu lanche, como sempre.

Suspirei, indignada.

– *Não roubo nada*.

– Rouba, sim. – Ele fez uma voz aguda. – *Não, obrigada, não estou com fome.* Dez minutos depois: *Vince, posso pegar uma batatinha?*

– Ah, cala a boca. É você que pega minhas coisas *o tempo todo*. Lembra quando você surrupiou meu vinil edição limitada da Adele porque ela era a cantora favorita da sua crush e você queria impressionar a garota? Depois você *arranhou* o disco e tentou limpar sua barra me levando ao Nando's.

– Em primeiro lugar, o Nando's é ótimo. Segundo, isso faz dez anos. Você *precisa* superar.

– Jamais. – Fomos para a sala de cinema. – É para isso que servem as irmãs mais novas: para passar o resto da vida relembrando as suas transgressões.

Vincent revirou os olhos.

– Eu devia ter remarcado a gravação do vídeo promocional e ficado em Paris. Claramente minha presença não é apreciada por aqui.

– Errado. Eu aprecio a presença da sua carteira aqui. – Ele havia pagado os ingressos do cinema e os lanches. – Tenho muita sorte de ter um caixa eletrônico tão generoso ao meu lado.

Ele soltou uma gargalhada e bagunçou meu cabelo com a mão livre.

– Pirralha.

– Para! Você tá me deixando toda descabelada. – Afastei a mão dele, dando risada também.

Apesar da superproteção, do ego inflado e das mentiras totalmente caluniosas sobre meus hábitos de roubar comida, ele era um ótimo irmão, e por isso meu beijo em Asher era uma espécie de traição, embora não tivesse sido meu objetivo.

Uma pontada de culpa retorceu minhas entranhas.

Não pense nisso. Eu estava ali para me divertir com o meu irmão e assistir ao último filme de Nate Reynolds. Não havia espaço para mais nada naquele cinema.

Vincent e eu garantimos nossos assentos favoritos no meio da fileira com facilidade. Era sábado à tarde, bem antes da agitação da noite, e estávamos em nosso cineminha favorito nos arredores de Londres.

Ele havia vestido um de seus disfarces ridículos: boné, óculos escuros e moletom com capuz levantado. Eu sempre dizia a ele que usar óculos escuros do lado de dentro fazia com que ele parecesse um idiota, o que, por sua vez, fazia com que *eu* parecesse alguém que seria amiga de um idiota, mas ele não me ouvia.

Enquanto Vincent se acomodava para assistir aos trailers, dei uma olhadinha no meu celular.

Eu tinha mandado uma mensagem para Brooklyn no domingo anterior para agradecer mais uma vez por ter me ajudado a fugir da fila da Neon, e desde então vínhamos conversando sem parar, como se fôssemos amigas de infância. Havia uma nova mensagem dela me convidando para um brunch (resposta: claro! Adoraria ir), e uma de Carina perguntando se eu achava que o envio de grilos por correio era um bico viável (resposta: não, não para ela, pois ela odiava insetos).

E só. Mais nenhuma mensagem.

Não que estivesse esperando ou desejando alguma, em especial de alguém que eu vinha treinando nas últimas semanas.

Minhas últimas sessões com Asher no estúdio haviam sido cordiais e

profissionais. Ao longo da última semana, eu cheguei, nós treinamos, e fui embora. Nenhum sinal de flerte à vista.

Peguei um punhado de pipoca do balde de Vincent e enfiei na boca.

– A-há! Tá vendo? – Ele me lançou um olhar indignado. – *Roubando*.

Eu o ignorei e peguei mais.

Todos os motivos que dei a Asher para explicar por que não daríamos certo eram verdadeiros, e eu me recusava a ser uma daquelas pessoas que se irritavam quando os outros faziam justamente o que elas pediam.

Disse a ele para fingir que o beijo nunca tinha acontecido, e ele fingiu. Então por que isso estava me deixando tão mal?

– DuBois. É você?

Vincent e eu erguemos o olhar ao mesmo tempo. Cabelo loiro. Olhos cor de avelã. Sorriso de menino.

Meu coração despencou até os dedos dos pés.

Clive.

– Hart. E aí, cara? – Vincent o cumprimentou com um aperto de mão descontraído, enquanto eu me afundava ainda mais em meu assento.

Se antes não estava convencida de que o universo me odiava, agora eu acreditava piamente. As chances de encontrarmos Clive naquele cinema minúsculo eram tão pequenas que eram praticamente impossíveis, mas lá estava ele.

Se eu fosse uma pessoa mais paranoica, acharia sua aparição suspeita, mas era uma grande estreia e eu não era dona daquele cinema. Além disso, não era tão vaidosa ou egocêntrica assim para achar que um cara ia me perseguir depois de me ver uma vez.

Depois de cumprimentar Vincent, a atenção de Clive se voltou para mim. Seus olhos se arregalaram, e um sorriso lento se espalhou por seu rosto.

– Scarlett. Uau. Eu não esperava… – Seu olhar deslizou para Vincent outra vez. – Estou atrapalhando vocês dois?

Eu e Vincent estremecemos ao mesmo tempo, horrorizados.

– De jeito nenhum – disse Vincent. – Ela é minha irmã.

– *Irmã?* – O olhar de Clive foi de mim para Vincent, obviamente tentando dar sentido a nossas aparências contrastantes.

– Adotivos. – Vincent franziu as sobrancelhas. – Peraí. Como *você* conhece ela?

Ah, merda. Meus dedos se enroscaram na borda da cadeira. Se Clive mencionasse a Neon, ficaria a um passo de mencionar Asher, e *isso* representaria estar a um passo do absoluto desastre.

– Nós nos conhecemos numa festa fim de semana passado. Ela…

– Eu cheguei a comentar com você – acrescentei depressa. – Lembra, Vince? Fui com a *Carina*, e você me ligou quando eu estava voltando pra casa.

Clive arqueou as sobrancelhas ao notar a ênfase que dei ao nome de Carina.

Ele sabia que eu não tinha ido àquela festa com amiga nenhuma, e eu praticamente conseguia ver as engrenagens girando em sua cabeça.

Por favor, seja esperto para captar o que estou querendo dizer.

– Onde foi a festa? Você não contou – disparou Vincent, o tom de voz transparecendo uma pitada de desconfiança.

A reação dele era compreensível. Carina e eu não éramos muito de sair à noite e definitivamente não éramos do tipo que costumava frequentar os mesmos eventos que alguém como Clive.

– Uma boate dessas... Esqueci o nome – respondi. – A noite foi meio que um borrão.

– Hart? Você lembra? – perguntou Vincent, a pitada de desconfiança só crescendo.

Vi o momento em que as peças se encaixaram na cabeça de Clive. Eu era irmã de Vincent. Havia mentido sobre minha companhia na festa para não ter que mencionar com quem eu *realmente* estava (Asher). Como 98% do planeta, Clive provavelmente sabia que Asher e Vincent não se davam bem.

Não era preciso ser um gênio para somar um mais um.

– Peony, Legends, MYX… pode ter sido qualquer uma dessas ou nenhuma delas – disse Clive. – Sinceramente, eu estava bem louco. Não me lembro de muita coisa além de ter conhecido a Scarlett.

– Aham. – Vincent semicerrou os olhos. – O que aconteceu depois que vocês se conheceram?

– Conversamos por alguns minutos. Depois levei a Carina ao banheiro, porque ela, é… passou mal e vomitou no bar.

Desculpa, Car. Vou fazer uma doação extra para seu fundo de pinguins para compensar a calúnia.

Meu irmão fez uma careta.

Felizmente, fomos salvos de mais perguntas quando as luzes se apagaram e uma gravação anunciou que o filme estava prestes a começar.

– Como você conhece o Clive? – sussurrei depois que o jogador de rúgbi foi embora e se sentou várias fileiras atrás de nós.

Meus nervos ainda estavam à flor da pele por conta da situação toda. Precisava saber com que frequência Vincent falava com Clive, para entender se havia alguma chance de esse cara cometer um deslize e mencionar o nome de Asher.

– Temos alguns amigos em comum, mas não somos muito próximos. – Vincent finalmente tirou os óculos de sol e os colocou no porta-copos. – Fica longe dele. Ele é um cafajeste.

Interessante. Asher havia dito exatamente a mesma coisa.

Os créditos de abertura rolaram na tela. As sequências de ação que se seguiram e as imagens em close do rosto de Nate Reynolds aliviaram temporariamente minhas preocupações, mas minha bexiga me pegou uma hora depois. Dei uma escapada durante um momento mais calmo do filme e fui rapidinho ao banheiro. Não queria perder nada importante.

Na volta, quase esbarrei em Clive, que estava saindo do banheiro masculino ao mesmo tempo.

– Ei! – Ele sorriu. – Terceiro encontro em uma semana. Estou começando a achar que o universo está tentando nos dizer alguma coisa.

O universo tem tentado me dizer muitas coisas ultimamente. Queria que ele ficasse de boca calada, mas ele tinha a tendência de se intrometer onde não era bem-vindo.

– Talvez, embora eu não tenha certeza de que o cinema e o banheiro do cinema contam como duas instâncias separadas.

O fato de eu ter implicância com uma força imortal e amorfa não significava que eu tivesse que envolver espectadores inocentes.

Clive deu risada.

– Acho que não.

– Obrigada por não ter me exposto mais cedo – acrescentei. – Vincent às vezes é um pouco superprotetor, e eu não queria que ele soubesse que, hã…

– Que tá rolando alguma coisa entre você e o Donovan?

Talvez tivesse sido um truque de luz, mas achei ter visto os olhos de Clive brilharem ao mencionar Asher.

– Não tá rolando nada entre a gente. – Se eu pudesse colocar em negrito,

destacar e sublinhar esse sentimento três vezes, eu o faria. – Nós somos só… – *Amigos? Colegas? Conhecidos?* Nenhum desses termos parecia correto. – Platônicos.

Estava começando a odiar aquela palavra, mas foi a descrição mais precisa que consegui dar.

Pessoas em relacionamentos platônicos não se beijam, minha voz interior murmurou em uma aparente tentativa de superar o universo como minha entidade incorpórea mais odiada.

– Platônicos, é? – Clive arqueou as sobrancelhas. – Será que o Donovan sabe disso? Achei que ele fosse me dar um soco quando eu te dei meu número.

– Jura? – Forcei um sorriso despreocupado. – Bom, aí você vai ter que perguntar pra ele. Do meu ponto de vista, é só platônico.

Aquelas palavras tinham um gosto estranho de traição, mas as engoli mesmo assim.

– Bom saber. – Clive esfregou o lábio inferior com o polegar. – Nesse caso, quer sair para jantar um dia desses?

– Você está dando em cima de mim?

Eu deveria ter percebido onde aquilo ia dar, mas isso não impediu que a surpresa transparecesse em meu tom de voz.

– Estou. – Ele abriu um sorriso torto, quase do mesmo jeito que Asher fazia, só que, por alguma razão, o de Clive parecia meio falso. – Não me deixaram falar com você direito no sábado, então acho que o universo resolveu me dar uma segunda chance. Prometo que vou te levar a um lugar mais agradável do que esse.

Ele indicou nossos arredores.

Mordi o lábio, hesitante. Aquela conversa já havia se arrastado demais (tinha perdido boa parte do filme enquanto conversávamos), mas eu estava dividida.

Tanto Asher quanto Vincent haviam me alertado para ficar longe de Clive. O que eles tinham dito mesmo? Que ele era "cafajeste"? Mas, pensando bem, eles não tinham muita moral para ficar apontando o dedo para ninguém, e que atleta profissional bonitão *não* tinha uma fase de pegador?

O importante era que Clive não era Asher. Seu sorriso não fazia meu coração disparar, seu flerte não me desconcertava e um jantar com ele não

tinha consequências além de algumas horas potencialmente desperdiçadas. Se o encontro desse errado, eu não precisaria vê-lo nunca mais.

Clive ainda estava esperando pela minha resposta, na expectativa.

– Nesse caso, sim – respondi. – Adoraria jantar com você.

• • •

No treino seguinte, contei a Asher que havia esbarrado com Clive e também a história que inventei para Vincent. Duvidava que a festa fosse ser um assunto entre ele e meu irmão, mas, caso acontecesse, queria ter certeza de que nossas histórias estavam alinhadas.

No entanto, Asher parecia menos preocupado com o fato de meu irmão descobrir que estávamos juntos na festa de Poppy e mais preocupado com Clive.

– Ele apareceu *por acaso* no cinema que você e o Vincent frequentam? – As narinas dele se dilataram. – Isso não te parece suspeito?

– Não somos donos do lugar. Ele tinha tanto direito de estar lá quanto a gente.

– Você já o viu lá antes?

– Não – admiti. – Não que eu me lembre. Mas isso não quer dizer nada.

Talvez ele estivesse pela área e decidiu entrar, ou talvez eu até já houvesse cruzado com ele no cinema antes e nem reparei. Ninguém presta atenção às pessoas aleatórias pelas quais passa, a menos que tivesse um bom motivo para isso. Asher estava sendo paranoico.

– Não estou gostando disso – disse ele, sério. – Você escapou por entre os dedos dele na Neon, e agora Clive te enxerga como um desafio. Não me surpreenderia se, de alguma forma, ele tivesse descoberto que você gosta daquele cinema e planejado esse encontro "por acaso".

Não me deixaram falar com você direito no sábado, então acho que o universo resolveu me dar uma segunda chance. As palavras de Clive ecoaram por um instante na minha mente, antes que a razão assumisse o controle.

– Olha, acho melhor você dar um tempo com os *thrillers*, porque está vendo coisas onde não tem. – Cruzei os braços. – Clive pode até ser pegador, mas duvido que esteja me perseguindo. Como ele ia saber exatamente a data, a hora e o filme que eu e Vincent íamos ver? A gente não sai por aí

divulgando essas informações na internet.

Asher abriu e fechou a boca, vacilante, sem ter como contra-argumentar.

– Exatamente. Quanto à outra parte… – Segurei a barra com força. – Você acha que alguém só se interessaria por mim se me enxergasse como um "desafio"?

Era por isso que Asher tinha insistido tanto em flertar comigo? Para atingir Vincent?

A perspectiva fez meu estômago se revirar. Eu estava sendo ridícula. Àquela altura, eu já conhecia Asher bem o suficiente para saber que ele não faria algo tão cruel, mas, uma vez plantada a semente da desconfiança, era difícil extirpá-la.

Asher apertou os lábios, irritado.

– Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe disso.

– Na verdade, não sei. – Eu deveria ter deixado para lá, mas minha boca continuou falando por conta própria. – Além disso, pegador ou não, eu gosto do Clive. Ele é legal.

– Isso é o que ele quer que você pense.

Ignorei o comentário.

– Na verdade, ele me convidou pra sair e eu aceitei.

As palavras caíram em uma montanha de dinamites. A mandíbula de Asher se contraiu, e, por instinto, eu me preparei para uma explosão.

Ela nunca veio.

Depois de um instante de silêncio, ele se virou e ligou o som. As notas fracas de um instrumental clássico de hip-hop invadiu a sala.

– Que bom – disse ele, com um tom indecifrável. – Divirta-se.

– Vou, sim. Pode ter certeza. – *Pare de falar.* Mas eu não conseguia. Era como se minha boca tivesse vontade própria. – Ele vai me levar ao Golden Wharf nesta sexta-feira. Dizem que é um dos melhores restaurantes da cidade.

– Ótimo.

– Depois, talvez a gente vá àquele bar secreto de coquetéis que…

– Já entendi – cuspiu Asher. Ele me encarou outra vez, com uma expressão emburrada. – Podemos começar a treinar ou você vai continuar a me contar detalhes não solicitados sobre sua vida amorosa?

Disfarcei meu incômodo, mas Asher tinha razão. Por que eu o estava provocando daquele jeito? Deveríamos estar trabalhando, não nos

envolvendo nessa discussãozinha ridícula.

No entanto, as coisas vinham sendo tão frias e *civilizadas* entre a gente que foi bom ver as faíscas voarem novamente.

– Acho que as coisas não deram certo com seu namoradinho do West End, então – comentou Asher, com mais calma dessa vez.

Franzi as sobrancelhas, confusa.

– Namoradinho do West End?

– O cara com quem você foi assistir a um espetáculo no West End umas semanas atrás.

Do que ele está… Aaah. Ele estava se referindo àquele dia que saí com Carina. Assistimos a um musical e depois nos esbaldamos com drinques de mirtilo.

Eu não havia dito *abertamente* que era um encontro, mas levei Asher a acreditar que se tratava disso. Mesmo naquela época, eu estava inconscientemente tentando deixá-lo com ciúmes.

Aquela conclusão me atingiu com a força de uma bigorna. Engoli em seco, desejando ter uma tesoura mágica para poder me livrar daquele emaranhado de confusão.

Quando se tratava de Asher, o *deveria* e o *queria* lutavam pelo controle das minhas decisões, e o vencedor mudava a cada hora.

Aquele comportamento me fazia parecer bem boba, e eu odiava me sentir assim. Dei um beijo nele, depois fugi. Disse a ele para fingir que o beijo nunca tinha acontecido, depois tentei provocá-lo falando do meu futuro encontro com Clive. Queria deixá-lo com ciúmes, mas também queria que ele me deixasse em paz.

Estava me transformando no tipo de pessoa que odiava, aquelas que não conseguem se decidir e cujas palavras e atitudes não se encaixam.

O problema era que eu não sabia como parar de fazer isso.

– Não – respondi a Asher. – Não deu certo, romanticamente falando. Decidimos que é melhor sermos só amigos.

Bom, de certa forma aquilo era verdade… se no caso eu esticasse a verdade e a mergulhasse em uma tigela de molho de omissão com pedaços de mentira.

– Entendi. – Asher contraiu a mandíbula outra vez. – Engraçado você ter mencionado o Golden Wharf. Eu também tenho um encontro lá nesta sexta-feira.

Não consegui conter uma risada de deboche.

– Ah, fala sério.

– Você acha que estou mentindo?

– Quais são as chances de você ter um encontro no mesmo restaurante, na mesma noite que eu, logo depois que eu te contei sobre isso?

– Quais são as chances de você encontrar o Clive em um cinema escondido uma semana depois de conhecê-lo se você nunca o viu lá antes? – rebateu ele.

Droga. Nessa ele me pegou.

– Com quem é o seu encontro? – perguntei, ainda desconfiada.

– Uma pessoa que conheci no fim de semana. Ela é bonita, engraçada e adora futebol. Estou animado pra sair com ela.

O fato de ele estar claramente tentando me deixar com ciúmes não me impediu de sentir, bem, ciúmes.

– Ótimo.

– Incrível.

Mais silêncio, interrompido apenas pelos instrumentos soando ao fundo.

– A gente pode fazer um encontro duplo – sugeriu Asher depois de dez longos e tensos segundos.

Caí na gargalhada, que foi perdendo a força quando percebi que ele não estava achando a menor graça. Asher não podia estar falando sério.

– Você é maluco? – questionei. – O que te faz pensar que isso seria uma boa ideia? Você nem gosta do Clive!

– Eu não preciso gostar dele para ir a um encontro duplo com ele.

– Essa é a coisa mais ridícula que eu já ouvi.

– Claro que não. Pensa só. Primeiros encontros são estranhos. É um restaurante pequeno, e nós dois vamos estar lá de qualquer maneira. É o melhor jeito de conhecermos a outra pessoa sem a pressão de um encontro individual.

– Asher, *querido*, se você não se garante em um primeiro encontro, era só ter falado – disse, mencionando de propósito o vocativo que ele adorava usar comigo.

Seu sorrisinho indicou que ele tinha notado minha afronta.

– Não é comigo que estou preocupado.

– Você está insinuando que eu não sou boa em encontros?

Asher deu de ombros.

– Não tenho como dizer. Mas sei que *não é* o meu caso.

– Fala sério. O Clive vai estar comendo na minha mão antes do prato principal.

Fazia tempo que eu não tinha um encontro, mas eu sabia jogar charme quando queria.

– Ele é homem – disse Asher. – Ele vai comer qualquer coisa que você colocar na frente dele.

– Que maneira de insinuar que o meu acompanhante não tem critério.

– Foi você quem disse isso, não eu.

– Se eu fosse você, ficaria caladinho. A sua aparência e o seu dinheiro fazem a maior parte do trabalho. – Enfiei o indicador no peito dele. Foi como cutucar uma parede de tijolos. – Aposto que você não consegue manter uma conversa durante um jantar. Sua acompanhante vai chorar de tédio.

– Quer apostar? – Os olhos de Asher brilharam, desafiadores. – Vamos ver quem termina a noite com um segundo encontro. O vencedor ganha o direito de se gabar. O perdedor sofre de vergonha eterna.

– Uma aposta, sério? A gente é adolescente, por acaso? – zombei. Um segundo se passou. – O que acontece se nós dois conseguirmos um segundo encontro?

– Vamos poder dormir tranquilos sabendo que chegamos à idade adulta com as habilidades sociais adequadas.

Era uma armadilha. Um encontro duplo com Asher era a pior ideia da história das piores ideias, e meus instintos de autopreservação estavam gritando para que eu não mordesse a isca.

Mas, se eu recuasse, ele diria que eu estava com medo. Que eu não estava à altura da tarefa. E isso era inaceitável.

– Está bem. Eu aceito a aposta. – Mesmo que não estivéssemos apostando nada material, eu não tinha a menor intenção de sair do jantar de sexta à noite sem um segundo encontro marcado. – Que vença o melhor.

CAPÍTULO 21

ASHER



Eu não deveria ter sugerido o encontro duplo.

Não sabia bem o que o Asher de segunda-feira à tarde andou fumando, mas o Asher de sexta-feira à noite teve certeza absoluta de que tinha feito burrada assim que chegou ao Golden Wharf.

– Uau. – Ivy olhava encantada para as plantas floridas e as portas douradas, com os olhos arregalados. – Que lugar incrível.

– É um dos melhores – respondi, distraído.

Bastou uma ligação para que eu conseguisse uma mesa para quatro pessoas no restaurante mais exclusivo da cidade. Esse não era o problema.

Muito menos conseguir alguém para me acompanhar. Ao contrário do que dissera a Scarlett, havia passado o fim de semana anterior em casa. Não tinha conhecido ninguém em lugar nenhum, mas Ivy era uma amiga, que adorou a ideia de ganhar um jantar chique e um pouco de diversão. Como ela não tinha qualquer interesse romântico em mim, era perfeito. Não queria o transtorno de levar alguém que acabasse achando que o encontro significava alguma coisa.

Dei a ela instruções sobre como e quando supostamente nos conhecemos, então esse também não era o problema. Não, o problema estava caminhando em nossa direção naquele momento, e ele estava lindo a ponto de fazer eu me arrepender de todas as decisões que me levaram até ali.

Eu tinha visto Scarlett usando roupas de ginástica.

Usando meu roupão e minha camiseta (para sempre uma das imagens mais sensuais da minha vida).

Já a tinha visto inclusive toda arrumada para uma festa na Neon.

Mas nunca a tinha visto *daquele* jeito.

O vestido preto simples batia pouco acima dos joelhos e a abraçava em todos os lugares certos, destacando suas curvas delicadas e as pernas longas e esbeltas. Os saltos prateados acrescentavam uns oito centímetros à sua altura, e o cabelo caía em cascata sobre os ombros em ondas suaves. Parecia tão macio e sedoso que quase estiquei a mão para tocá-lo, mas me contive.

Não sabia bem o que Scarlett usava ou fazia, mas sua maquiagem de alguma forma destacava seus traços sem ser exagerada.

Olhos escuros imensos. Lábios vermelhos suaves. *Perfeição*.

No entanto, eu ainda não conseguia identificar o que, de fato, havia de diferente em sua aparência aquela noite. Ela era sempre bonita, e sua roupa, embora elegante, não tinha nada de extraordinário.

Mas, quando ela se aproximou, percebi que não era a roupa, o cabelo nem a maquiagem. Era *ela*. Era a maneira como se movia, os quadris balançando com uma combinação de confiança e malícia que ela disfarçava quando estávamos no estúdio. Era a luz suave que iluminava seus olhos. Era o brilho cálido em seu rosto e o sorriso em seus lábios.

Até aquele momento, eu vinha lidando com a Scarlett Profissional. Mesmo quando flertávamos e quando nos beijamos, ela se segurou com unhas e dentes a fragmentos dessa máscara.

A Scarlett que estava vindo na minha direção? Ela não estava usando máscara nenhuma. Aquela era a Scarlett que eu veria se namorássemos – se eu a buscasse em seu apartamento, com flores na mão; se andássemos pela rua, com os dedos entrelaçados; se acordássemos de manhã, com sua cabeça em meu peito.

Era assim que Scarlett seria se fosse minha.

O ruído de conversa no restaurante diminuiu. Engoli com dificuldade diante do súbito ressecamento em minha garganta e desejei ter um uísque forte à mão.

Precisava de um. Desesperadamente.

Scarlett parou na nossa frente. Seus olhos se cravaram nos meus por uma fração de segundo a mais antes de deslizarem para Ivy.

– Oi.

– Oi. – Um traço de aspereza apareceu em minha voz. – Você está… – *De tirar o fôlego.* – Ótima.

– Obrigada. – Sua boca se curvou, mas pude ver a máscara voltar ao lugar, escondendo a suavidade momentânea em seus olhos. – Você também. Vocês. Quer dizer, vocês dois estão lindos.

Quase sorri com seu adorável tropeço quando uma mão possessiva tocou o braço dela.

Camisa branca. Gravata azul.

Clive.

Meu humor despencou como uma mosca morta em um tanque de ácido.

Estava tão concentrado em Scarlett que não me dei conta da presença de seu acompanhante. Clive seguia à risca o código de vestimenta do restaurante, mas a camisa parecia um pouco justa demais no peito e o relógio brilhava demais sob as luzes.

Eu poderia apostar mais cem mil libras que ele deliberadamente escolheu uma camisa de um tamanho menor para que seus músculos parecessem maiores.

Um ponto para o ego, zero para o estilo.

E ele *ainda* estava segurando o braço de Scarlett. Aquele merda.

Clive me lançou um sorrisinho debochado.

A raiva fervilhava em minhas veias. Ele tinha ido atrás dela no cinema de propósito. Eu não sabia como, mas foi isso que aconteceu. Ele estava furioso por ter perdido a corrida e a estava usando para me atingir. Não havia como comentar nada sem parecer ressentido e paranoico, então fiquei de boca fechada. Por enquanto.

Não dê bobeira, use a cabeça.

No entanto, minha raiva deu lugar à confusão quando o sorriso de Clive desabou. Ele olhou para a minha acompanhante, boquiaberto.

– Ivy?

– Clive? – Ivy parecia tão atônita quanto ele.

As maçãs do rosto dela ficaram completamente coradas, e tive a nítida impressão de que minha amiga preferia derreter na calçada a ficar no restaurante conosco.

Scarlett quebrou o silêncio primeiro:

– Vocês dois se conhecem?

– Sim. Nós… – Clive pigarreou. – Namoramos um tempo atrás.

– Muito tempo atrás – acrescentou Ivy, depressa. – Na faculdade.

Puta merda. Fazia sentido. Eu havia conhecido Ivy por meio da Poppy, e Clive era primo da Poppy. Todo aquele círculo havia frequentado as mesmas escolas e eventos ao longo da vida.

Mesmo assim, as chances de meu par e o par de Scarlett serem ex-namorados eram tão pequenas que chegavam a ser ridículas. Aquilo quase me fez acreditar que o fato de Clive ter esbarrado com Scarlett no cinema tinha sido, *sim*, apenas mais uma coincidência bizarra.

Quase.

– Uau. – Scarlett piscou, chocada. – O mundo é mesmo muito pequeno.

Risadas constrangidas de todos os lados. Depois de uma breve apresentação entre Scarlett e Ivy, entramos no restaurante. A nuvem de tensão nos seguiu como um enxame de mosquitos zumbindo.

Os fregueses do Golden Wharf já estavam acostumados com rostos famosos, então nos sentamos perto das janelas de vidro fumê – usadas para garantir a privacidade de todos ali – sem nenhum alarde.

– Então, como você e o Asher se conheceram? – perguntou Scarlett depois de fazermos nossos pedidos.

Em uma estranha organização de assentos, acabei de frente para ela e ao lado de Ivy. Clive e eu nos sentamos o mais longe possível um do outro, embora isso não significasse muito em um grupo de quatro pessoas em uma sala de jantar intimista. Continuávamos próximos – e ele *definitivamente* estava perto demais de Scarlett, imprensada entre ele e a parede.

Ivy olhou de relance na minha direção antes de responder.

– Nós nos conhecemos num *wine bar* no fim de semana passado – disse ela. – Ele me pagou um drinque, a gente se deu bem, e o resto é história.

Perfeito. Exatamente como havíamos ensaiado.

Infelizmente, nosso ensaio não tinha levado em conta um ex-namorado com memória de aço.

– Achei que você detestasse vinho – comentou Clive. – Você parou de beber depois daquele fiasco na festa da Milly Blair.

– É… – Um leve pânico cruzou o rosto de Ivy. – Superei. Isso já faz anos e, bem, voltei a gostar.

Clive franziu as sobrancelhas.

– Qual era mesmo o nome do bar?

– É um lugarzinho underground em Shoreditch – acrescentei, com

tranquilidade. Se lhe desse um nome, sem dúvida ele iria verificar se eu realmente havia estado lá no sábado à noite. – Só quem é do meio já ouviu falar.

– E esse lugarzinho underground não tem nome?

– Não posso compartilhar com pessoas fora do círculo. Regras do bar.

Havia muitos bares exclusivos e escondidos em Londres com regras igualmente draconianas, então minha mentira não estava fora do campo das possibilidades.

– Muito conveniente.

– E vocês? – Mudei o foco da conversa para ele. – A Scarlett disse que esbarrou com você no cinema. Que coincidência.

– Eu moro ali perto – disse Clive. – Estou sempre lá.

– Jura? Qual foi o último filme que você viu lá antes do último fim de semana?

Um segundo de hesitação.

– Aquele de terror com a Riley K. Esqueci o nome.

– *Casas das cobras*?

– Aham. Esse mesmo.

– Engraçado. – Eu me recostei na cadeira, com uma postura casual, com uma tranquilidade fingida. – Um amigo meu trabalhou como produtor desse filme. Ele teve um lançamento limitado no Reino Unido. Foi exibido só em alguns cinemas… todos no centro de Londres. Acho que esse cinema perto da sua casa fica no norte, não?

Ivy e Scarlett viraram a cabeça de um lado para o outro, como se estivessem assistindo a uma partida de tênis.

Não ia deixar Clive se safar de qualquer que fosse a merda que ele estava tentando aprontar. Ir atrás de mim era uma coisa; arrastar Scarlett junto era outra.

– Então não estou lembrando direito – disse ele, com indiferença. – Talvez eu tenha assistido em outro lugar. Enfim, estou feliz por ter ido ao cinema no último fim de semana. Caso contrário, não teria encontrado a Scarlett e não estaríamos aqui. – Ele sorriu e apoiou o braço no encosto da cadeira de Scarlett.

Ivy se mexeu na cadeira, desconfortável, e eu fiquei esperando que Scarlett o repreendesse. Ela não permitiria que alguém tomasse tais liberdades tão cedo em um primeiro encontro.

– Exatamente. – Ela se inclinou na direção dele com um sorriso. – Também estou feliz de ter esbarrado com você.

Os dentes de Clive brilhavam como pequenos alvos brancos para meu punho. Que palhaçada é essa? Ela não pode estar gostando…

A aposta. Aquilo me atingiu como um trem desgovernado. Eu havia me esquecido da aposta, mas fazia sentido ela estar cedendo aos delírios de Clive.

Ivy e eu não estávamos em um encontro de verdade, então não precisava me preocupar com um segundo encontro; podia simplesmente dizer que tinha conseguido um. Enquanto isso, Scarlett achava que precisava se esforçar para conseguir o dela. Pelo menos foi no que me convenci a acreditar, porque a explicação alternativa era nauseante demais para ser contemplada.

Como ela não sabia que Ivy era armação, decidi me esforçar para "ganhar", ou ela acabaria suspeitando.

– Eu comentei que a Ivy está estudando direito ambiental na Universidade de Londres? – falei. – Ela é brilhante.

– Você convenceu uma advogada a sair com você? Impressionante – disse Scarlett.

O comentário foi leve o suficiente para passar como uma piada, mas incisivo o suficiente para que eu soubesse que não era.

Estreitei os olhos quando Clive sorriu.

– Estudante de direito – corrigiu Ivy com uma risada. – Mas estamos falando do Asher Donovan, né? Quem não ia querer sair com ele?

O sorriso de Clive desapareceu.

Senti uma pontada de desconforto, que afoguei com mais vinho.

Ivy estava fazendo o que foi pedido, eu não tinha por que culpá-la por isso. Ainda assim, preferia que ela tivesse me chamado de Asher em vez de *Asher Donovan*. Eu não deveria reclamar, levando em consideração a quantidade de portas que esse nome abriu para mim, mas, às vezes, parecia um pouco desumanizante, como se eu fosse uma marca ambulante em vez de uma pessoa.

Scarlett franziu as sobrancelhas com uma pequena careta, dando uma olhada rápida para mim com uma expressão estranhamente intrigada, logo voltando sua atenção para Ivy de novo.

– Então, direito ambiental. Você tem alguma especialidade? – perguntou

ela.

Ivy se iluminou pela primeira vez desde que viu Clive.

– Proteção marinha, mas também me interesso por gestão de substâncias e resíduos perigosos.

Durante a meia hora seguinte, ela nos contou detalhes sobre o curso enquanto comíamos nossos aperitivos – Scarlett calada, Clive de cara amarrada e eu participando com alguns *Humm* e *Uau* ocasionais.

Era totalmente a favor da preservação do meio ambiente, mas, para ser sincero, ouvir os meandros do Tratado de Alto Mar da ONU enquanto comíamos bolinhos de caranguejo gourmet não era minha ideia de diversão.

Ivy parecia não notar o clima cada vez mais tenso na mesa. Felizmente, o garçom trouxe os pratos principais e a interrompeu antes que ela pudesse entrar em mais detalhes a respeito de sobrepesca de estoques de peixes.

– Esta lagosta está uma delícia. – Scarlett espetou um pedaço com o garfo e o estendeu para Clive. – Aqui, prova.

– Obrigado, linda. – Clive me lançou um olhar presunçoso e comeu a cauda da lagosta direto do garfo.

Scarlett e eu reagimos com caretas simultâneas, mas, quando me voltei para ela, seu rosto já estampava um sorriso.

– Conta pra gente sobre o rúgbi – disse ela. – Sempre quis aprender mais sobre o assunto.

Ela lançou a isca, e ele abocanhou tudo, anzol, linha e chumbada. Se havia uma coisa que os homens adoravam, era falar sobre si mesmos.

Enquanto Clive exaltava as virtudes do rúgbi e como seu talento era "importante" em campo, Ivy cutucava sua massa com um quê de desgosto.

– Ivy, querida, quer mais vinho? – perguntei, solícito.

A palavra *querida* tinha um gosto estranho quando dirigida a alguém que não Scarlett, mas engoli minha apreensão. Já estávamos na metade do jantar, e era hora de dar um passo adiante.

O aparente fascínio de Scarlett pelo discurso de Clive sobre o rúgbi diminuiu.

– Sim, por favor. – Ivy empurrou a taça na minha direção.

Ela talvez odiasse vinho na época da faculdade, mas pelo visto havia desenvolvido, *sim*, um novo apreço por ele, pois o tomou de um gole só como uma mulher desesperada que finalmente se deparou com um oásis no deserto.

O jantar se arrastou.

Se eu não havia me arrependido da ideia do encontro duplo antes, com certeza aquele momento me fez mudar de ideia. Ouvir Clive falar era insuportável. Ver Scarlett massagear seu ego com perguntas e acenos de cabeça para incentivá-lo era pior. Virei minha bebida em um gole e fiquei olhando quando ela riu da história ridícula que ele contou sobre um padre que começou a jogar rúgbi. *Qualquer um* poderia ter previsto a piadinha sobre "conversão".

– Com licença. – Ivy se levantou de repente, a madeira da cadeira fazendo barulho ao se arrastar pelo tapete. – Não estou me sentindo muito bem. Volto já.

Minha irritação se transformou em preocupação. Estava tão concentrado em Scarlett e Clive que havia deixado Ivy de lado. Seu rosto parecia mais pálido do que quando chegamos, mas ela saiu correndo antes que eu pudesse falar alguma coisa.

Sua partida envolveu a mesa numa névoa de desconforto e perplexidade.

Clive ficou observando a ex se afastar, então jogou o guardanapo na mesa e se levantou.

– Preciso ir ao banheiro também. Já volto.

Cinco segundos depois, ele desapareceu no corredor onde ficavam os banheiros.

Aham. Nem um pouco suspeito.

Eu não sabia por que Ivy e Clive haviam terminado, mas, a julgar pelas reações deles um ao outro, a atração não tinha morrido.

Eu mesmo não teria sido capaz de fazer um plano melhor do que esse. Talvez a chama entre os dois reacendesse e Clive deixasse Scarlett em paz. Ivy era areia demais para o caminhãozinho daquele idiota, mas, se era daquilo que ela gostava, eu que não ia me meter.

Scarlett e eu ficamos sentados em silêncio, com o espectro de nossos acompanhantes e mil palavras não ditas pairando sobre nós.

– A Ivy parece legal – disse ela por fim.

– É, sim. E o Clive parece… presente.

Ela bufou, emitindo um ruído indiscreto que não condizia com sua aparência elegante.

Dei um sorrisinho. Adorava as reações dela. Eram tão reais, tão *ela*. Sem falsidades, sem bajulação. Scarlett em sua essência.

– Não acredito que eles já namoraram – disse ela. – Que reviravolta.

– Talvez seja um sinal.

– De quê?

– De que estamos saindo com as pessoas erradas.

Minhas palavras roubaram o último indício de fingimento entre nós. Sibilaram e crepitaram como uma chama em uma lareira, aquecendo minha pele e fazendo as bochechas de Scarlett corarem.

– Esse não é o tipo de coisa que se diz enquanto *ainda estamos* em um encontro com essas pessoas.

Ela olhou na direção dos banheiros.

Nada de Ivy nem Clive.

– Talvez, mas será que eu estou errado? – desafiei. – Não me diz que você aguenta o Clive enchendo a boca pra falar de rúgbi. *Rúgbi*. – Fiz um barulho de nojo. – É violência disfarçada de esporte. Só força bruta, nenhuma sutileza.

– Você é tão esnobe. Existem outros esportes além do futebol, sabia?

– Nenhum bom.

Um lampejo de sorriso cruzou o rosto dela.

– Você é insuportável.

– Sou mais suportável do que o Clive Hart. Seja sincera. – Meu olhar se fundiu ao dela, incandescente. – Você está gostando do seu encontro com ele ou só quer ganhar a aposta?

O sorriso desapareceu.

– Por que eu não estaria gostando de sair com ele? Ele é bonito, bem-sucedido e engraçado. O pacote completo.

Engraçado? Claro, Clive era engraçado da mesma forma que a sífilis era engraçada, e o "pacote completo" tinha um forte cheiro de papinho furado.

O mesmo papinho furado que havia na resposta de Scarlett.

– Não foi isso que eu perguntei – rebati, com delicadeza.

O brilho dos olhos de Scarlett tremeluzia à luz da vela. Eram da cor dos raios prateados da lua, às vezes claros, às vezes obscurecidos por nuvens.

Em alguns momentos, era impossível encontrar seus verdadeiros sentimentos em meio à névoa. Naquela noite, porém, vi através dela.

– Não. – As nuvens se abriram, revelando um feixe de vulnerabilidade. – Na verdade, não.

A resposta foi o mais próximo de uma admissão que ela se permitiria

dar, naquele momento em que nossos acompanhantes não estavam lá e podíamos criar uma ilusão de normalidade.

Meu coração disparou no peito.

– Você está gostando do seu encontro com a Ivy? – perguntou ela.

– Não. – Sustentei o olhar dela. – Na verdade, não.

O ruído de pratos e talheres ficou abafado. Os lábios de Scarlett se separaram, e senti em meus ossos a expectativa pulsante, esticada entre as promessas do passado e os desejos do presente.

Duas semanas desde nosso beijo.

Duas semanas desde que concordamos em fingir que ele nunca aconteceu.

E, no entanto, sob a superfície de nossa conversa inocente, as trovoadas de desejo continuavam a retumbar.

Seus motivos para tentar esquecer o beijo ainda eram válidos. As consequências de não fazer isso ainda eram ameaças.

Só que era mais fácil escolher a lógica durante o dia, quando o trabalho e as distrações formavam uma barreira entre a cabeça e o coração.

À noite, essa barreira diminuía, deixando-nos abertos à possibilidade de que as consequências se tornassem pequenas diante da enormidade dos nossos desejos.

– Você a chamou de *querida*. – A voz de Scarlett era fumaça e veludo, entremeada com um toque de mágoa. – Você deve estar gostando do encontro mais do que quer admitir. A menos que use esse apelido com todo mundo. Sempre funciona pra você?

– Eu não saberia dizer. – A satisfação de vê-la irritada com aquela tática não compensava o cansaço que eu estava sentindo. Estava farto daqueles joguinhos. – Só chamei uma mulher assim sem ser da boca pra fora.

A inspiração suave de Scarlett quase me levou à ruína.

Não queria estar em um restaurante lotado, em um encontro duplo, cercado de desconhecidos e fingindo indiferença. Queria estar em qualquer outro lugar, desde que estivesse sozinho com ela.

– Oi, desculpa a demora.

De repente, Ivy nos tirou do nosso transe.

Desviamos o olhar um do outro, e a suave honestidade do momento desapareceu em um sopro de fumaça.

Forcei um sorriso, tentando não parecer frustrado demais enquanto Ivy

se acomodava em seu assento.

– Acho que o vinho não está me fazendo bem – disse ela. – Ainda estou um pouco enjoada.

Franzi a testa. Com exceção do rubor intenso que se espalhava por seu pescoço e seu peito, sua pele parecia ainda mais pálida do que antes.

– Quer encerrar a noite? – perguntei. – Eu te levo em casa. Não quero que fique se não estiver se sentindo bem.

Não estávamos em um encontro de verdade, mas isso não significava que eu ia ser um babaca e deixá-la na mão.

Ela assentiu, com uma cara péssima.

– Desculpa. Não quero estragar a noite de todo mundo, mas…

– Não se preocupe. Vou pedir a conta.

Uma sensação de alívio afrouxou o aperto no meu peito. Ir embora significava me despedir de Scarlett, mas pelo menos eu poderia pôr um fim àquele teatro.

Antes que eu pudesse chamar o garçom, Clive reapareceu.

– O que houve?

Scarlett explicou a situação.

Ele não pareceu surpreso, e isso me fez lembrar do timing suspeito dos dois. Eles foram ao banheiro e voltaram quase ao mesmo tempo.

Duvidava que tivesse rolado alguma coisa – embora isso pudesse explicar a piora do enjoo de Ivy, na minha opinião –, mas *alguma coisa* devia ter acontecido.

Em vez de ficar e continuar usando Scarlett para se vingar de mim, ele nos surpreendeu ao dizer:

– Eu levo a Ivy para casa. É caminho para mim. – Ele lançou um olhar constrangido para Scarlett. – Sinto muito por ir embora mais cedo, mas tenho uma emergência em casa. Marcamos outra coisa depois?

O fato de ninguém ter mencionado a contradição que era dar carona para Ivy enquanto tinha uma "emergência" em casa foi uma prova de como o encontro tinha saído dos trilhos.

– Claro. – Eu poderia jurar que havia alívio na voz de Scarlett também. – Eu entendo.

– Eu levo a Scarlett para casa, pode deixar – falei, me adiantando, antes que Clive resolvesse fazer aquilo também. Era bem capaz de o desgraçado sugerir um *ménage à trois* ou algo do tipo. – O jantar é por minha conta.

Recebi uma grana alta no começo da semana.

Ele certamente notou a sutil referência ao dinheiro que perdera para mim na corrida. O ressentimento voltou a brilhar em seus olhos, mas ele ficou quieto.

Eu não era ingênuo de achar que aquela seria a última vez que ouviria falar dele. Tive sorte com a situação de Ivy aquela noite, mas Clive era mesquinho e continuaria reaparecendo para me atazanar até eu derrubá-lo de vez.

Lidaria com isso no dia seguinte. Por ora, me permiti relaxar um pouco enquanto ele desaparecia pelas portas com Ivy, que acompanhou a mudança de planos em silêncio.

– Bem, isso não foi nada como eu imaginei – declarou Scarlett, depois que paguei a conta e chegamos ao carro. Eu tinha bebido meia taça de vinho, mas estava alerta e sóbrio o suficiente para dirigir. – Você acha que eles…

– Ah, com certeza. – Saí do estacionamento. – A velha chama não se apagou.

Ela soltou uma risada.

– Eu deveria estar me sentindo ofendida, mas não estou.

– Confie em mim: qualquer coisa que tire a atenção do Clive de você vale a pena.

– Ele não é tão ruim assim.

– Isso é o que os vitorianos diziam sobre adicionar ácido bórico ao leite.

Outra risada preencheu o carro.

– Asher Donovan, um estudioso da Era Vitoriana? Estou surpresa.

– Eu não diria estudioso. – Dei um breve sorriso. – Mas assisti a vários vídeos no YouTube sobre o assunto.

Cinco minutos de conversa descontraída e eu já estava me divertindo mais do que no jantar.

– Espero que ninguém tenha reconhecido a gente no restaurante – comentou Scarlett. – E, quando digo "a gente", estou me referindo a mim e a você.

– Algumas pessoas com certeza reconheceram, mas, desde que não sejam paparazzi, não tem problema. A maioria das pessoas tem bom senso.

Eu era reconhecido o tempo todo nas ruas. Às vezes, os fãs me paravam para pedir autógrafos e fotos. Entretanto, nenhum desconhecido havia

postado um momento de intimidade meu na internet sem meu consentimento.

O problema eram os tabloides, não o cidadão comum.

– Espero que sim. – Scarlett passou a mão pelo elegante interior de couro. Eu tinha escolhido um Porsche preto discreto para aquela noite. Era meu carro preferido para quando queria algo bonito, mas não muito chamativo. – Não entendo o fascínio dos homens por carros. Por que vocês precisam de tantos?

– Algumas mulheres colecionam sapatos e bolsas. Alguns homens colecionam carros. – Dei de ombros. – Eu sou um deles.

– Não consigo me identificar.

Dei risada.

– Não é pra todo mundo. – Tamborilei no volante, refletindo se deveria soltar a pergunta que estava na ponta da língua. *Dane-se*. – Já pensou em ter um só seu? Sei que você não gosta de táxis…

Interrompi a frase, deixando que ela preenchesse as lacunas. Era um assunto delicado, mas já estávamos familiarizados com isso.

Felizmente, Scarlett não pareceu incomodada.

– Já pensei sobre isso, mas… – Ela balançou a cabeça. – Não. Prefiro andar de metrô. Além disso, o trânsito da cidade é um pesadelo.

– Justo. – Não insisti no assunto. – Estou feliz por você participar da apresentação. Vai ser divertido.

– Eu também. – A expressão dela ficou mais suave. – É bom participar dos ensaios outra vez, mesmo que eu esteja apenas assistindo. Parece… sei lá. Parece que faço parte de algo maior do que eu, e não me sentia assim há muito tempo.

– Eu entendo o que você quer dizer.

Aquele era um dos motivos que me faziam amar futebol em vez de, por exemplo, golfe ou tênis. Cada time tinha seus melhores jogadores, mas, no final das contas, vencer era um esforço coletivo. Era uma irmandade – pelo menos, deveria ser, quando não era enfraquecida por brigas internas perpétuas.

Maldito Vincent.

A lembrança indireta do irmão de Scarlett afetou imediatamente meu humor. Se não fosse por ele, não estaríamos presos nesse turbilhão de emoções. Provavelmente eu nem teria conhecido Scarlett, para início de

conversa. A vida seria muito mais simples.

No entanto, a ideia de nunca mais encontrá-la me fez sentir uma angústia desconcertante. Fazia dois meses que nos conhecíamos, mas não conseguia imaginar um mundo em que ela não existisse em minha órbita.

Mesmo quando a cautela nos mantinha distantes, vê-la era o ponto alto da minha semana.

Dei uma espiada em Scarlett quando entramos em sua rua. Ela olhava pela janela, com a testa franzida, parecendo perdida em pensamentos.

Seria capaz de devolver os cem mil dólares a Clive para saber o que se passava na cabeça dela naquele instante. A noite tinha sido repleta de surpresas, mas o elefante na sala (as confissões silenciosas que havíamos nos permitido fazer antes do retorno de Ivy durante o jantar) continuava sem ser discutido.

– Acho que nenhum de nós dois ganhou a aposta – falei, quebrando o silêncio.

– Pois é. – Scarlett desviou a atenção da janela quando parei em frente ao seu prédio. – Mas tenho certeza de que a Ivy vai topar um segundo encontro se você ligar pra ela. Você é *o* Asher Donovan.

Seu tom era de leve provocação, mas o sorriso não alcançou seus olhos. Ela ainda estava distraída com alguma coisa.

– Não sei se ela vai aceitar – respondi. – E não sei se quero que ela aceite.

Desliguei o motor, deixando-nos em silêncio novamente.

O luar entrava pelas janelas e realçava as emoções que se agitavam no rosto dela.

O elefante ficou maior, pressionando as janelas e meus pulmões até ficar difícil respirar.

Se havia um momento para repensar nosso pacto, era aquele.

Vamos lá, querida.

Quando achei que Scarlett cederia à névoa que se espessava no ar, ela desviou o olhar do meu.

– Obrigada pela carona – disse ela, com a voz firme, mas com os dedos tremendo de leve ao soltar o cinto de segurança. – E pelo jantar. Foi uma noite… interessante.

Meus olhos se detiveram nela por um segundo a mais antes de me virar para a frente outra vez, com o maxilar contraído.

– Imagina.

Não me ofereci para acompanhá-la até a porta, e ela não olhou para trás depois que desceu do carro e entrou no prédio como se os cães do inferno estivessem em seu encalço.

No entanto, esperei que as luzes do apartamento dela se acendessem antes de ir embora.

A frustração me corroía por dentro. Não conseguia organizar meus pensamentos em algo que parecesse ter ordem. Estavam espalhados por toda parte, oscilando entre razão e emoção, pragmatismo e desejo.

Gostaria de ter alguém com quem conversar sobre isso. Meus antigos colegas de time do Holchester não estavam falando comigo, e Adil e Noah estavam de férias com suas famílias. Mesmo que não estivessem, ainda não os conhecia bem o suficiente para falar sobre minha vida amorosa.

Essa era uma das desvantagens da fama sobre a qual ninguém falava: quanto mais sucesso, menos amigos você tinha.

Isso não havia sido um problema antes. Nunca tinha conhecido uma mulher que me fizesse questionar o que eu queria como Scarlett fazia, mas agora…

Passei a mão no rosto, a indecisão se enraizando dentro de mim.

Isso parece platônico para você?

Vamos fingir que o beijo nunca aconteceu.

Você está gostando do seu encontro com ele.

Você a chamou de querida.

Não sei se ela vai aceitar. E não sei se quero que ela aceite.

Cheguei à metade da rua antes de parar de repente.

Por sorte, não tinha nenhum carro atrás de mim.

Que diabos estou fazendo?

Não sabia se era por causa das ruas vazias ou da noite tranquila, mas entendi tudo com uma nitidez repentina e ardente.

Eu queria Scarlett. Ela me queria. Sim, é verdade, nosso relacionamento teria obstáculos e, sim, superá-los parecia impossível, mas e daí? Como saberíamos se não tentássemos? Coisas impossíveis aconteciam todos os dias.

O casal real de Eldorra, por exemplo. Eles passaram por cima de uma *lei* secular para ficarem juntos.

Até mesmo a minha ascensão ao estrelato poderia ser considerada improvável: o garoto oriundo de uma família simples de uma cidade

pequena, cujos professores tinham tanta certeza de que não daria em nada, mas que cresceu e se tornou o jogador mais bem pago da Premier League.

Todo problema tinha uma solução. Eu estava determinado a encontrar a nossa. Mas, nesse meio-tempo…

Mudei de marcha e fiz um retorno brusco. Meu coração batia descontrolado quando estacionei em frente ao prédio de Scarlett, desliguei o carro e subi correndo as escadas. A porta principal estava destrancada, o que não parecia seguro, mas quem sou eu para reclamar?

Por favor, não esteja dormindo.

Se ela não estivesse acordada e eu esperasse para dizer o que tinha a dizer, eu ia acabar perdendo a coragem e voltaríamos ao limbo. Isso não podia acontecer.

Bati na porta. Uma vez. Duas vezes.

Meus batimentos eram uma bigorna implacável nas minhas veias, e o martelar piorou quando Scarlett abriu a porta. Ainda estava usando o vestido do jantar, mas estava descalça e sem maquiagem.

Ela arregalou os olhos.

– Asher? O que você está fazendo…

Ela não teve a chance de terminar a pergunta antes que eu desse um passo à frente, agarrasse sua nuca e esmagasse sua boca na minha.

Seu suspiro de surpresa chegou até meus pulmões, e houve um momento de tensão em que pensei que ela fosse me empurrar.

Mas, então, seu suspiro se transformou em um gemido, e seus lábios se abriram junto aos meus, e eu soube que as coisas nunca mais seriam como antes.

CAPÍTULO 22

SCARLETT



No segundo em que os lábios de Asher tocaram os meus, soube que estava perdida.

Todos os argumentos que me diziam por que eu deveria ficar longe dele, toda a racionalidade que nos manteve afastados nos últimos dois meses desmoronou como um castelo de areia sob uma onda gigante.

Entramos aos tropeções em meu apartamento, com as mãos arrancando as roupas um do outro, as bocas quentes e desesperadas de tesão.

Não foi nada parecido com nosso primeiro beijo.

Nosso primeiro beijo foi uma exploração, um mergulho no mundo do *e se*. E se cedêssemos àquela atração? E se disséssemos "e daí" e fizéssemos o que queríamos, sem nos importarmos com as consequências?

Mas aquele beijo… aquele beijo foi uma explosão. Todas as barreiras de proteção que eu havia construído, todas as promessas que fizera a mim mesma, foram incineradas com um único toque.

Ouvi o baque fraco da porta se fechando, mas eu estava tão imersa nos beijos de Asher que o som poderia ter ocorrido a galáxias de distância.

As mãos dele percorreram um caminho pelas minhas costas até a curva da minha bunda, e deixei outro suspiro escapar quando Asher me levantou com a facilidade de alguém erguendo uma boneca de pano.

Arrepios intensos percorreram meu corpo e, instintivamente, envolvi os braços e as pernas ao seu redor enquanto ele me levava para o quarto sem interromper o beijo.

Meu apartamento só tinha um quarto e a porta estava aberta, então ele não precisou adivinhar para onde ir. Cada passo aumentava o desejo que se acumulava entre minhas pernas, e ao chegarmos ao quarto eu não passava de um amontoado de excitação e luxúria.

Asher afastou a boca da minha. Soltei um gemido involuntário de protesto, e ele deu uma risadinha, me deitando na cama com um cuidado gracioso e agonizante.

– Não se preocupe, querida. – As palavras tocaram minha pele como pequenas carícias. – A gente ainda nem começou.

Meu corpo inteiro se contraiu com a promessa enigmática em sua voz. Com o coração retumbando no peito, eu o observei tirar a calça e a cueca boxer. Havíamos perdido meu vestido e a camisa dele em algum ponto entre a sala e o quarto. Eu estava com meu conjuntinho de sutiã e calcinha de renda pretas (o mesmo que eu sempre usava em primeiros encontros), e Asher estava… bem, ele estava nu.

O tipo de nudez mais glorioso e de dar água na boca com o qual uma mulher poderia sonhar. Se eu não estivesse deitada, minhas pernas teriam ficado bambas diante da imagem deslumbrante à minha frente.

Ombros largos. Abdômen esculpido como mármore, com entradas definidas. E aquelas *coxas*, que pareciam capazes de esmagar uma maldita melancia.

Meu corpo se agitou com uma nova onda de desejo.

Jamais admitiria, mas sempre achei que, de todos os atletas, jogadores de futebol tinham o melhor físico. Magros, porém musculosos; leves, porém vigorosos. Asher provou que todas as minhas teorias estavam certas.

Meus olhos rastrearam uma leve camada de pelo – para baixo, para baixo, passando pelas entradas de seu abdômen até chegar ao meio das pernas.

O ar fugiu dos meus pulmões. *Meu Deus*. Até o pau dele era lindo. Grande e grosso, perfeitamente proporcional ao seu corpo, com a ponta já vazando sêmen.

Outra risada suave interrompeu minha análise ávida.

– Fecha a boca, querida – disse Asher. – Temos tempo de sobra para isso mais tarde.

A insinuação me deixou vermelha da cabeça aos pés, mas meu constrangimento desapareceu quando ele se aproximou de mim, seus olhos

escuros com uma mistura de calor, diversão e algo mais que se encaixou em minha caixa torácica como uma chave em uma fechadura.

Não era a primeira vez que eu fazia sexo, mas as preliminares nunca tinham sido assim: como se eu estivesse à beira do precipício de algo capaz de subverter todo o meu mundo se eu permitisse.

E eu *queria* permitir. Isso era o mais assustador.

Tinha me esforçado demais para evitar que chegasse àquele ponto. Todas as vezes que fraquejei ao longo dos últimos dois meses, recuei de imediato, mas um lado tinha que vencer o cabo de guerra entre meu coração e meu cérebro.

Naquele momento, o coração estava liderando com folga.

O colchão afundou sob o peso de Asher. Ele ainda não havia me tocado, mas o calor de seu corpo me envolveu como gavinhas sensuais enquanto ele arrastava o olhar pelas minhas pernas, pela minha barriga e pelo meu rosto.

Eu me vi tensa, a vergonha me envolvendo em um escudo defensivo, mas, ao contrário do que acontecera com outros homens, Asher não parou para olhar as cicatrizes da cirurgia no meu quadril e na minha barriga nem se esforçou para esconder um lampejo de repulsa.

Quando seus olhos encontraram os meus, estavam tomados de nada além de um desejo e de um fascínio intensos, e foi isso, mais do que qualquer coisa, que encerrou a guerra dentro de mim.

Coração: um. Cérebro: zero.

Ninguém jamais havia olhado para mim daquele jeito, como se pudesse enxergar as imperfeições que eu lutava para esconder por trás de todos os meus escudos e máscaras. Como se essas imperfeições não importassem; e não apenas não importassem, mas fossem um *motivo* de fascinação, em vez de um obstáculo.

Foi a primeira vez que alguém me viu como *eu era*.

A emoção se embaralhou na minha garganta quando os lábios de Asher roçaram os meus antes de ele dar uma série de beijos lentos e excruciantemente suaves por meu pescoço e meu peito. Ele abriu o fecho do meu sutiã com dedos hábeis ao longo do caminho, e reprimi um gemido quando ele voltou sua atenção para os meus seios.

Cada centímetro de pele ardia como se fosse fogo, e ele, oxigênio. O calor se espalhou, lentamente no início, depois ganhando velocidade à medida que ele alcançava o ponto latejante no meio das minhas coxas.

Minha mente estava tão confusa que não sabia quando ou como ele havia tirado minha calcinha, mas ainda tinha lucidez suficiente para fazer a pergunta que me atormentava desde que ele apareceu na minha porta:

– Por que você voltou? – As palavras saíram de algum lugar entre o nervosismo e a expectativa.

Eu tinha uma ideia, mas queria ouvi-lo dizer. Precisava saber que, se abríssemos a caixa de Pandora, enfrentaríamos as consequências juntos.

Asher fez uma pausa, sua respiração suave contra minhas coxas afastadas. O luar esculpia vales e sombras em seu rosto, mas, quando ele olhou para cima, vi a resposta antes que ele abrisse a boca.

– Eu voltei por sua causa.

Simples. Sincero. *Cru*.

Então, ele mergulhou de cabeça e expulsou da minha mente todos os outros pensamentos.

Não houve tempo para refletir sobre sua resposta nem sobre a maneira como ela fez meu coração se dobrar em si mesmo. Havia apenas a maciez de sua língua, o prazer que corria em minhas veias e a *necessidade* aguda e desmedida de estar o mais próximo possível dele.

Se eu achava que Asher era meticuloso em seus beijos, isso não era nada comparado à maneira como ele fazia sexo oral.

Não deixava nenhum centímetro de carne sem atenção, nenhum desejo sem ser satisfeito enquanto me devorava como se eu fosse sua última refeição. Quando eu queria mais pressão, ele adicionava; quando eu queria mais atenção em determinado ponto, ele ia para lá. Era como se ele tivesse uma visão cristalina da minha mente, e minhas defesas não eram páreo para seu ataque certeiro.

– Por favor – falei, ofegante. Agarrei o cabelo dele, desesperada por qualquer tipo de apoio que me impedisse de me dissolver rápido demais. – Eu não consigo… eu… ah*, caralho*.

Ele arrastou os dentes pelo meu clitóris, e apenas o aperto de aço de suas mãos em meus quadris me impediu de sair da cama.

Uma corrente elétrica me atravessou, fazendo com que as lágrimas se acumulassem nos cantos dos meus olhos. Minhas palavras se transformaram em gemidos ininteligíveis enquanto Asher me acalmava com movimentos mais suaves de sua língua.

– Cacete, você tá muito molhada. – Ele deu um gemido, e o som me

atingiu como um fósforo aceso em gasolina.

Ainda estava tremendo quando ele sugou meu clitóris já inchado, e o mundo se fragmentou outra vez.

Gritei de prazer, e minhas costas se arquearam novamente. Mas não importava a força com que eu me sacudisse nem quantas vezes tentasse instintivamente me afastar, ele me arrastava de volta, sua boca, sua língua e seus dentes trabalhando em conjunto naquele ataque brutal e delicioso contra meus sentidos.

Minha mente estava se desfazendo, seu controle sobre a realidade se esvaindo a cada lambida e chupada. Eu estava tão encharcada que quase não percebi quando ele colocou dois dedos dentro de mim. Deslizaram para dentro com pouca resistência, mas, quando ele os curvou, pressionando meu ponto mais sensível, meu orgasmo me atravessou com uma ferocidade ofuscante.

Outro grito agudo subiu pela minha garganta, mas foi abafado por um prazer tão intenso que parecia se desprender diretamente do meu âmago. Invadiu-me onda após onda, roubando o ar de meus pulmões e ocupando minha visão com rajadas de luz.

Ouvi vagamente roupas farfalhando e um plástico sendo rasgado. Os fogos de artifício ainda estavam explodindo atrás de meus olhos quando Asher colocou um travesseiro sob meus quadris e pressionou a cabeça do pau contra minha boceta. O orgasmo havia me retorcido inteira, mas isso não impediu que mais um gemido escapasse.

Por melhor que tivesse sido o sexo oral, eu precisava de *mais*. Precisava de algo para preencher a ânsia oca dentro de mim.

Os lábios de Asher tocaram minha orelha.

– Segura firme.

Minha expectativa se apertou em um nó doloroso, mas não tive chance de responder antes que ele me penetrasse com uma estocada suave.

Dessa vez, meu suspiro só saiu pela metade, se transformando em algo entre um gemido e um gritinho que teria me deixado extremamente constrangida se eu tivesse presença de espírito suficiente para ao menos *ficar* constrangida.

Como não tinha, só me restou agarrar-me a ele como se minha vida dependesse disso, enquanto ele se ajustava em um ritmo forte e implacável, com minhas unhas cravadas em seus ombros e meus quadris se elevando

para acompanhar os dele. A cabeceira da cama batia contra a parede a cada estocada, e o som de carne batendo na carne se misturava com nossas respirações e gritos roucos.

Tinha certeza de que receberia um bilhetinho malcriado da vizinha reclamando do barulho no dia seguinte, mas estava tão perdida no momento que não me importei.

Minha condição significava que o sexo poderia ser difícil e doloroso se eu não estivesse na posição correta ou se meu parceiro não soubesse o que estava fazendo. No entanto, o vinho do jantar e o orgasmo haviam soltado minhas pernas, e Asher conseguiu atingir meu ponto ideal todas as vezes.

Nossos corpos se moviam em sincronia como se tivessem sido feitos um para o outro. Não conseguia me lembrar da última vez que me senti tão conectada a alguém durante o sexo, e isso tinha menos a ver com as questões físicas do ato do que com as emoções por trás dele.

Pela primeira vez, não senti a necessidade de performar. Pude simplesmente aproveitar as sensações, e o resultado foi tão avassalador que parte de mim teve medo de nunca mais ser a mesma depois daquilo.

Asher capturou minha boca em um beijo.

– Como você é gostosa – murmurou ele. – A sua boceta engole meu pau direitinho, querida. Eu poderia passar o dia inteiro te comendo e ela ainda ia continuar molhada e pronta pra mim, não é?

O calor pulsou em meu âmago com a imagem que ele pintou.

– Sim – respondi, ofegante. Minhas unhas afundaram ainda mais na pele dele. – *Por favor*.

Ele gemeu outra vez. Os músculos de seu pescoço e ombros ficaram tensos. Suas mãos se agarraram aos meus quadris, e percebi que ele estava prestes a gozar.

Essa constatação, combinada com meu próprio gosto em sua língua e as profundas estocadas do seu pau, me fez explodir pela segunda vez naquela noite. Dessa vez, meu orgasmo foi menos como uma onda e mais como um tsunami. Começou no fundo do meu estômago e se espalhou pelo corpo inteiro com tanta força que meus dedos do pé literalmente se curvaram.

Um grito irrompeu da minha garganta. Meu corpo se arqueou por completo à medida que Asher aumentou a velocidade e eu senti seu pau pulsar dentro de mim antes de ele gozar com um grito gutural.

Ele desabou ao meu lado, e ficamos deitados ali enquanto

desacelerávamos, nossos corpos encharcados de suor, o peito arfando em busca de oxigênio, enquanto eu tentava me recuperar do que tinha sido, sem dúvida, o melhor sexo da minha vida.

– Sua vizinha vai odiar a gente – disse ele depois do que poderia ter sido um minuto ou uma hora.

Havia perdido a noção do tempo. Ainda estava flutuando, com as pernas moles de exaustão, mas mesmo assim uma risada saiu do meu peito.

– Pensei a mesma coisa mais cedo.

Asher virou a cabeça para me olhar.

– Você estava pensando na sua vizinha enquanto a gente transava?

Sua expressão ofendida me fez rir ainda mais.

– Só por um segundo. Achei que ela não fosse gostar da cabeceira da cama batendo na parede. – Eu me debrucei sobre ele e lhe dei um beijo rápido. – Fica tranquilo. Eu estava concentrada em você a maior parte do tempo.

– Obrigado – disse ele, com ironia. – Você realmente sabe como massagear o ego de um homem.

Um brilho irreverente iluminou os olhos dele, e não consegui evitar um sorriso.

Conversas pós-sexo geralmente eram muito desconfortáveis, mas eu poderia passar a noite inteira ali deitada tagarelando com ele.

– Não vou fazer piada de putaria – declarei. – Você deixou de bandeja pra mim.

– Exatamente. Adoro piadas de putaria. – Asher se virou de lado e soltei um suspiro de surpresa diante do que senti contra minha perna. – E não só piadas.

– Como assim, você *já* está de pau duro de novo? – questionei, mesmo quando um formigamento de luxúria renovada me percorreu. – Você acabou de gozar!

Uma risada ecoou no quarto.

– Resistência. Faz parte do pacote. – A voz dele ficou suave, transformando-se em fumaça. – Agora seja uma boa menina e chupa o meu pau até ficar limpinho.

Foi como se ele tivesse acionado um interruptor com aquelas palavras.

A leveza desapareceu instantaneamente, substituída por um tesão denso e inebriante. Uma chama se acendeu em meu âmago quando o que ele

dissera antes surgiu em minha consciência.

Fecha a boca, querida. Temos tempo de sobra para isso mais tarde.

Fiquei sem ar, engolindo em seco ao pensar em levá-lo à boca. Ele ainda não estava totalmente duro, mas a visão já era bem intimidadora, fazendo minhas coxas se apertarem. Mesmo assim, não tirei os olhos dos dele enquanto me ajoelhava na cama e montava nele. Não havia chegado onde estava na vida sem muita determinação e certo gosto por desafios.

A expressão de Asher não mudou quando agarrei seu pau com as duas mãos e acariciei todo o seu comprimento, mas sua respiração acelerou visivelmente quando passei o polegar sobre o sêmen acumulado na cabeça. Ainda estava escorregadio devido às atividades anteriores, mas usei o sêmen como lubrificante adicional.

Girava e apertava, bombeando com movimentos longos e firmes, até que seus quadris sacudiram e ele soltou um som estrangulado.

A emoção de obter aquela reação dele me deixou completamente molhada. O som das minhas mãos deslizando em seu pau, a forma como ele apertava os lençóis na tentativa de manter o controle, o *calor* e o tamanho dele…

– Chega de provocação. – A voz firme de Asher interrompeu meus movimentos. – Chupa meu pau, Scarlett.

Meu Deus.

Meu clitóris latejou com o comando severo, e não reclamei. Não quando estava louca para saboreá-lo tanto quanto ele havia me saboreado antes.

Minha respiração saía em pequenos suspiros enquanto eu passava a língua ao redor da cabeça do pau dele. Gemi de desejo ao sentir o gosto, e meu corpo vibrou com o som de seus gemidos. Mantive as mãos ao redor do pau enquanto ia para cima e para baixo e alternava entre lamber e chupar.

Sorri de satisfação quando suas mãos finalmente se enroscaram em meu cabelo. Eu o enfiei mais fundo na garganta, chegando a um ponto em que comecei a engasgar.

Lágrimas brotavam em meus olhos e a baba escorria pelos cantos da minha boca enquanto eu engasgava com metade do pau na boca. Asher afrouxou a pegada, me dando uma folga, mas parei apenas para recuperar o fôlego e logo mergulhei outra vez.

Como eu disse, determinação e desafios. Eu prosperava em ambos.

– *Caralho*, isso, assim.

Asher intensificou o aperto em minha cabeça quando o chupei mais forte. Não consegui engoli-lo por inteiro, mas ele preencheu minha garganta de um jeito que meu gemido saiu como um ganido voluptuoso.

– Você me deixa completamente maluco – disse ele, cheio de prazer. – E nem sabe disso.

Minha resposta abafada se perdeu em meio a um xingamento e um grunhido altos quando ele gozou. Seus quadris se elevaram, e eu engasguei outra vez quando os jatos de sêmen atingiram o fundo da minha garganta.

Minha visão ficou embaçada, mas engoli com avidez, tentando acompanhá-lo enquanto ele gozava mais e mais, até que ele por fim cedeu, e deixei seu pênis escorregar de meus lábios.

Eu me levantei e limpei a boca, outro sorriso surgindo com a expressão de felicidade pós-coito de Asher.

– Você parece bem orgulhosa do seu feito – comentou ele, com um sorriso na voz.

– Você também. – Olhei de relance para a virilha dele e arqueei a sobrancelha, fazendo-o gargalhar.

Nós nos limpamos, passando da luxúria ao conforto com uma facilidade que fez meu peito se iluminar. Quando terminamos, eu me enrosquei ao lado dele, totalmente exausta, mas saciada de uma forma que não me sentia havia muito, muito tempo.

Um silêncio agradável tomou conta do quarto. A sonolência pesava em minhas pálpebras, mas eu não queria dormir. Ainda não.

Asher deu um beijo na minha testa.

– Como você está se sentindo? – murmurou ele. – Precisa de alguma coisa?

Meu coração se aqueceu. Era uma pergunta casual, mas foi essa casualidade que a tornou tão íntima. Ele não estava tentando mostrar que se importava; ele simplesmente se importava.

Estava muito ocupada para perceber na hora, mas de repente me lembrei de como ele havia colocado o travesseiro embaixo de mim mais cedo. O objeto havia sido jogado para o lado com meus movimentos, mas ajudou a aliviar a dor que às vezes eu sentia durante o sexo.

Mesmo no auge do desejo, ele foi cuidadoso ao pensar no meu conforto.

Meu coração se aqueceu ainda mais.

– Não – respondi, com sinceridade. – Estou me sentindo ótima.

Talvez pela manhã a dor chegasse. Eu não fazia sexo havia um bom tempo, então quem poderia saber como meu corpo reagiria mais tarde? Mas esse era um problema para outro dia.

Eu podia estar um pouco desconcertada, mas sabia muito bem que não haveria mais volta depois daquela noite. Um beijo era uma coisa; sexo era outra, ainda mais o tipo de sexo que acabáramos de fazer.

Tínhamos deixado as inibições de lado e teríamos que enfrentar as consequências no dia seguinte.

Mas ali, naquele momento, quando Asher passou o braço em volta dos meus ombros e eu encostei a cabeça em seu peito, achei difícil me importar.

Sempre haveria amanhã.

Aquela noite, éramos só nós, e eu ia aproveitar cada segundo enquanto durasse.

CAPÍTULO 23

SCARLETT



Acordei em uma cama vazia e sentindo cheiro de bacon na chapa.

A primeira parte era normal; a segunda era tão incomum que me despertou do sono.

Eu raramente dormia na casa de alguém e raramente deixava alguém dormir na *minha* casa, então de onde vinha o bacon?

Com relutância, abri os olhos. A luz do sol entrava pelas cortinas, dourando a pilha de roupas no chão e o copo d'água na mesa de cabeceira. O espaço ao meu lado ainda estava quente, e os lençóis cheiravam a sexo e a um leve toque de loção pós-barba.

Sexo. Loção pós-barba. Asher.

Fragmentos da noite anterior finalmente romperam minha névoa mental da manhã. O encontro duplo com Clive e Ivy, Asher aparecendo na minha porta depois de já ter me deixado em casa, e depois…

Um sorriso se espalhou antes que eu pudesse contê-lo.

Era a manhã seguinte, também conhecida como o dia do acerto de contas. Deveria estar preocupada, mas tudo que sentia eram borbulhas de euforia efervescendo em meu sangue.

Ainda estava na cama, portanto*, tecnicamente,* meu dia ainda não havia começado, embora Asher e o bacon fossem uma tentação, me incentivando a me levantar o quanto antes.

Estiquei as pernas. Estava toda dolorida, tanto de um jeito delicioso quanto de um jeito "vou precisar de sais de Epsom extras", mas a situação

não era tão ruim a ponto de se sobrepor à minha fome.

Depois de um minuto aproveitando no silêncio, me levantei e vesti a primeira camisetona que encontrei. Fui para o banheiro escovar os dentes e me certificar de que não estava parecendo um gremlin antes de ir descalça até a cozinha.

Parei na porta, maravilhada ao observar a cena diante de mim.

Asher ao fogão apenas de cueca boxer. Os músculos de suas costas se contraíam enquanto ele preparava o bacon, e nesse momento eu quase desmaiei.

Que pornografia o quê... Era *aquilo* que as mulheres queriam.

Fiquei mais um pouco ali, me deleitando com a visão de seu cabelo desgrenhado e sua pele bronzeada antes de deixá-lo notar minha presença.

– Pelo visto você está à vontade – brinquei, entrando na cozinha e deslizando para uma das banquetas da ilha.

Asher se virou e sorriu ao me ver.

– Achei que seria mais difícil você me expulsar se eu te subornasse com bacon, ovos e salsicha.

Uma pitada de sono engrossava a voz dele, o que, na minha opinião, só melhorou a cena. Eu me acostumaria fácil, fácil a acordar daquele jeito.

Ele empurrou um prato e talheres na minha direção. Aceitei, agradecendo aos céus, com água na boca diante da montanha de comida. Ele havia preparado o bacon bem do jeitinho que eu gostava: crocante, mas não *muito* crocante, com gordura suficiente para evitar uma secura desagradável. As tiras brilhavam ao lado de duas fatias de salsicha perfeitamente grelhadas e um pouco de ovos mexidos.

– Se você não tivesse esquecido o chá, eu ia achar que você é vidente – falei, fazendo graça. – Está tudo perfeito. Obrigada.

– Ah, o chá. – Asher estalou os dedos. – Como eu pude me esquecer da bebida dos deuses?

Ele pegou uma caneca no balcão e a colocou na minha frente. Chá preto com um pingo de leite e açúcar à parte. Perfeito.

– Esquece. Você é vidente. – Peguei a caneca, mas parei quando ele me encarou, com a sobrancelha franzida. O constrangimento fez minha pele arrepiar. – O que foi?

Será que meus olhos cansados haviam me enganado no espelho do banheiro? Será que tinha um amassado gigante de travesseiro marcando

minha bochecha ou uma linha de baba seca no canto da minha boca?

– Sua camiseta. – A boca de Asher se contraiu. – Você tá falando do planeta ou do cachorro?

Olhei para baixo, confusa, até que percebi que estava usando minha camiseta *Justice for Pluto*. Carina me dera de presente depois que comprei para ela um pinguim de pelúcia na loja do zoológico do Bronx quando passei uns dias em Nova York.

Meus ombros relaxaram.

– O planeta. Está vendo só? – Apontei o garfo para ele, meu café da manhã temporariamente esquecido. – Você disse "planeta". Porque Plutão é um planeta. Nunca vou perdoar o que fizeram com ele, rebaixando o coitado a planeta-anão.

– Um planeta-anão não é um planeta também?

– Não é a mesma coisa! É como sair da Premier League pra EFL.

O futebol britânico era dividido em várias ligas. A Premier League estava no topo. A EFL, ou English Football League, ocupava o nível logo abaixo.

– Entendi. – Outro pequeno sorriso apareceu e desapareceu. – Eu não sabia que você era tão... hã... apaixonada por Plutão.

– É o meu planeta favorito. – O menor, o mais ignorado. Era o azarão do sistema solar e merecia um pouco de amor. Por que a Terra e Marte tinham que ficar com toda a glória? – Na época da escola, fiz uma apresentação inteirinha sobre Plutão quando ele ainda era o nono planeta. Tinha fotos e tudo. Passei a noite toda acordada pintando bolas de isopor. Minha professora de ciências disse que foi a melhor apresentação sobre planetas que ela tinha visto em anos. Aí sabe o que aconteceu?

Asher balançou a cabeça, atento.

– No ano seguinte, ele foi *rebaixado.* Simplesmente disseram que ele não era mais um planeta. – Minha indignação aumentou diante de tamanha injustiça. – Dá pra acreditar? Sistemas existem por um motivo. Quando eu era pequena, me ensinaram que havia nove planetas. Então, um dia, eles simplesmente foram lá e mudaram para oito. Como isso pode ser justo? Não é. Plutão não merecia isso, por isso peço justiça. – Apontei para a camiseta. – Não gosto quando as pessoas mudam regras de anos de maneira arbitrária.

– Não sei se classificações planetárias são necessariamente *regras*... – Asher ergueu as mãos quando o encarei. – Quer dizer, você está certa.

Plutão merece justiça.

– Obrigada.

– Nunca mais discuto com você sobre astronomia ou regras. Você é bem assustadora quando começa a falar sobre esses assuntos. – Ele disse isso com uma expressão séria, mas seus olhos brilhavam de leve.

O sangue subiu para meu pescoço e minhas bochechas. Me ocorreu que tínhamos feito sexo pela primeira vez na noite anterior, e eu tinha passado cinco minutos inteiros tagarelando sobre planetas.

– Gosto de ver esse seu lado. – Asher trouxe outro prato e se sentou ao meu lado. Seu joelho tocou o meu, e ele parecia tão à vontade em minha cozinha que pequenas explosões de calor se espalharam em minhas veias.

– O lado nerd palestrinha? – perguntei.

– O lado vulnerável. – Ele deu um sorrisinho. – Você pode divagar sobre Plutão à vontade. Eu não vou julgar… muito.

Lutei contra um sorriso e perdi.

Estávamos flutuando nos últimos suspiros da felicidade pós-sexo. Em breve nossos pés teriam que tocar o chão e precisaríamos encarar a realidade de novo.

Por ora, enquanto tomávamos o café da manhã lado a lado, com o sol entrando pelas janelas e o ar perfumado com o aroma de comida caseira, estávamos felizes.

Não levava um homem para casa desde que terminei com meu ex, e a presença de Asher era quase esmagadora. Seu corpo sarado preenchia o ambiente, sugando todo o oxigênio e tornando impossível respirar sem senti-lo invadindo meus pulmões.

Não pensei que fosse gostar tanto de tê-lo ali. Eu era uma pessoa reservada e protegia meu espaço pessoal com muito cuidado. Mas, em vez de me incomodar, a companhia de Asher fazia com que meu apartamento de solteira parecesse um pouco menos solitário.

– Quais são seus planos pro dia? – perguntei, dando o que esperava ser um gole casual de chá.

– Ficar com você – respondeu Asher, sem pensar duas vezes. – Se você quiser, é claro.

Ah, ele era bom. Não só isso, ele era *genuíno*, o que piorava muito o cenário para meu pobre coração.

– Eu *acho* que consigo passar um tempinho com você – falei, fingindo

relutância. – Meu livro vai ter que esperar.

Ele deu um sorrisinho travesso, os cantos dos olhos se enrugando.

– Agradeço sua magnanimidade.

Como "ficar comigo" era a atividade mais vaga que existia, e ele não sugeriu nada para fazermos depois do café da manhã, fiz um rápido tour pelo apartamento com ele.

Não havia muito para ver. Além da cozinha, da sala, do banheiro e do quarto (com os quais ele já estava intimamente familiarizado), o único lugar de destaque era a despensa, que eu havia transformado em uma minibiblioteca. Como minha casa era pequena, eu só comprava exemplares físicos de meus autores favoritos ou livros que já tinha lido no Kindle e adorado.

– Esta é a casa mais arrumada que eu já vi.

Asher estudou minha coleção de livros cuidadosamente organizada. Estavam em ordem alfabética pelo sobrenome do autor, seguido pela altura do livro e depois pela cor.

– Humm, você já viu a sua casa? É impecável.

– Sim, mas tenho pessoas que me ajudam. Isso aqui é tudo você. – Ele passou o polegar em uma prateleira. Saiu sem nenhuma poeira. – Incrível.

– Eu gosto de limpar – admiti, um pouco envergonhada, mas também orgulhosa. Cuidava da minha biblioteca da mesma forma que algumas pessoas cuidavam de seus jardins. – É relaxante. Faz com que eu me sinta… sei lá. Como se eu estivesse no controle.

Eu não podia controlar as bagunças na minha vida, mas podia, *sim*, limpá-las em casa. Leite derramado? Bastava passar um pano e ele sumia. Pegadas de lama? Nada que um bom esfregão não resolvesse. Podia estalar os dedos, figurativamente falando, e fazer as coisas voltarem a ser como eram.

Aquele poder me proporcionava uma pequena dose de conforto em um mundo onde o caos era a única certeza.

– Eu entendo – disse Asher. Ele tocou a lombada de um dos meus livros de Leo Agnelli (o mesmo que ele pegara no chão e me entregara antes de nosso primeiro treino. Meu Deus, aquilo parecia ter acontecido séculos antes). – É assim que me sinto quando estou dirigindo.

Eu lia os tabloides com frequência suficiente para saber que ele tinha uma queda por corridas de rua. Vários acidentes sérios haviam lhe

rendido uma reputação de imprudência, embora isso não tivesse impedido o Blackcastle de pagar caro por ele.

Já tinha um tempo que eu não via notícias de nenhum acidente nem corrida de rua em que ele estivesse envolvido, então talvez Asher não fizesse mais parte desse meio.

Eu esperava que sim. Antes de nos conhecermos, eu não me importava. Se quisesse correr, que corresse. Era a vida dele que estava em jogo. Agora, o pavor se instalou em minhas entranhas ao pensar que algo poderia acontecer com ele.

Parando para pensar, seu histórico problemático com carros e excesso de velocidade deveria ter me desencorajado, considerando minhas questões com esse assunto. No entanto, eu não conseguia conciliar essa versão irresponsável e audaciosa dele nos tabloides com o homem atencioso e carinhoso que pesquisou sobre dor crônica depois que lhe contei a respeito do acidente e que contratou um motorista *fixo* para me levar e trazer de nossos treinos porque eu não me sentia confortável com motoristas desconhecidos.

Eu já havia andado de carro com Asher várias vezes, e ele sempre seguiu as regras à risca. Nunca me senti desconfortável nem com medo, o que já diz muito, pois até as menores coisas me deixam nervosa.

Os tabloides não eram lá uma fonte muito confiável, diga-se de passagem. Talvez a relação de Asher com as corridas escondesse algo mais – ou talvez eu fosse ingênua.

Estava pensando em como trazer o assunto à tona, quando ele pegou uma foto do alto da estante.

– É a sua mãe?

Eu, com 5 anos, vestida de princesa-fada, com tiara e tudo. Minha mãe ao meu lado, com uma expressão de orgulho.

– É. Foi tirada antes do meu primeiro recital de balé. – Sorri com a lembrança. – Ela estava tão orgulhosa que me levou para tomar sorvete depois. Se você conhecesse a minha mãe, saberia que isso foi muito. Ela *não é* fã de laticínios nem de doces. Nem um pouco.

Asher examinou a foto com mais atenção.

– Você era uma gracinha.

– *Era?* – perguntei, de implicância.

Ele colocou a foto no lugar e me encarou outra vez.

– Acho que você deixou de ser uma gracinha e passou a ser outra coisa.

Mel quente invadiu minhas veias.

O tom grave de sua resposta dissipou nossa manhã leve e nos levou de volta para a noite anterior, para tudo que havíamos feito. Tudo que ele me fizera sentir e a situação indefinida em que havíamos nos colocado.

Passamos a manhã inteira pisando em ovos, evitando o elefante na sala. Nenhum de nós queria quebrar o feitiço, mas uma hora teríamos que sair de nossa bolha.

Antes que eu pudesse pensar em uma resposta espirituosa ou em uma maneira diplomática de abordar o nosso relacionamento (amigos? Ficantes?), o telefone de Asher tocou.

– Desculpa – disse ele, após verificar a tela. – Preciso atender.

A tensão diminuiu, me dando espaço para respirar mais livremente.

– Sem problemas. Vou estar aqui.

Ele atendeu a ligação no outro cômodo, e eu me vi ali entre os livros, preocupada, refletindo sobre qual seria o próximo passo.

Eu nunca tinha me visto nessa situação, precisando conversar sobre a noite anterior com alguém. Geralmente eu entrava sabendo o que esperar ou saía antes que a outra pessoa acordasse, então o que eu ia dizer quando Asher voltasse?

Será que uma pesquisa no Google me ajudaria? Será que a internet tinha conselhos úteis ou me desviaria do caminho, como na vez em que me disse que era impossível cozinhar camarão demais? (Spoiler: sim, na verdade era totalmente possível cozinhar camarão demais.)

Asher retornou, e todos os meus argumentos para iniciar uma conversa morreram na minha garganta quando notei como ele estava pálido.

– O que houve? – perguntei.

– Meu pai. – Ele engoliu em seco, sua expressão atordoada. – Ele teve um infarto.

CAPÍTULO 24

ASHER



Não relutei quando Scarlett insistiu para ir comigo até Holchester.

Normalmente, não submeteria ninguém a uma viagem de três horas de carro com a pior e mais ansiosa versão de mim mesmo, até porque com certeza a pessoa estaria se oferecendo apenas por educação, e não por um desejo genuíno de abrir mão de seu sábado para dar conta de uma emergência familiar de alguém.

Mas a oferta de Scarlett foi tão sincera que foi impossível recusar, e eu não queria fazer a viagem de três horas sozinho.

Então aceitei.

Não conversamos muito durante o trajeto, mas a presença dela ajudou a acalmar alguns dos pensamentos que giravam na minha cabeça.

Meu pai, que nunca havia ficado doente por mais de alguns dias na vida, tivera um infarto.

Não nos falávamos desde minha última visita a Holchester, quando ele saiu furioso da cozinha e eu fui embora sem fazer as pazes com ele.

O arrependimento me invadiu.

Minha mãe não tinha dado muitos detalhes pelo telefone. Dissera apenas que ele estava no hospital. Mas e se as últimas palavras que falamos um para o outro tivessem sido aquelas ofensas cheias de raiva? E se ele já tivesse partido quando eu chegasse lá?

Apertei o volante com força, os nós dos dedos chegando a ficar brancos.

– Você pode dirigir mais rápido se quiser – disse Scarlett, quebrando o

silêncio. – Eu vou ficar bem. Prometo.

Balancei a cabeça.

– Estamos quase chegando. Demoraria mais se eu acelerasse e acabasse sendo parado.

Já estava indo mais rápido do que normalmente iria com ela no carro. Scarlett disse que ficaria bem, mas não queria estressá-la, e levar uma multa de um policial louco para cometer abuso de autoridade não seria bom para ninguém.

O olhar preocupado de Scarlett abriu um buraco em minha bochecha, e ela não voltou a tocar no assunto. Mas, sim, ela havia ligado para o hospital com antecedência e pedido a alguém que, quando chegássemos, fôssemos escoltados diretamente para o andar do meu pai sem causar alvoroço – nem alertar os paparazzi.

Minha mãe estava sentada no corredor, contorcendo as mãos no colo.

Ela tomou um susto ao me ver. Seus olhos estavam vermelhos, e ela estava de pijama com um casaco por cima. Não devia ter conseguido se trocar antes de correr para o hospital.

– Ah, Asher... – Ela me abraçou. Sempre considerei minha mãe uma pessoa forte, mas seu corpo parecia insuportavelmente frágil no corredor iluminado pela luz fluorescente. – Obrigada por ter vindo tão rápido.

– É claro que eu viria. – Dei um abraço apertado nela, com o coração na garganta. – Como ele está?

– Estável, graças a Deus. – Minha mãe se afastou, com os olhos cheios de lágrimas. – Estávamos tomando café da manhã como sempre. Fiz um chá pra ele, e estávamos falando sobre ir à França nas férias. Eu me virei por um segundo para ver a chaleira e ouvi um estrondo. Quando me virei, ele estava no chão. Ele... eu...

Eu a abracei outra vez, tomado pela angústia.

– Está tudo bem. Ele vai ficar bem.

Senti uma culpa visceral por não morar mais perto e tê-la abandonado para viver em Londres. Eu tinha meus motivos, mas e se algo acontecesse com meus pais e eu não conseguisse chegar a tempo? Eu era o único filho deles, e o restante da família morava em outros lugares do Reino Unido ou no exterior. Além de um ao outro, eu era tudo o que eles tinham.

Eu não odiava meu pai. Apenas desejava que nosso relacionamento fosse diferente. Além disso, meus pais estavam casados havia mais de trinta anos.

Se um deles se fosse, não sabia ao certo se o outro sobreviveria.

Minha mãe respirou fundo e endireitou os ombros. Ela acreditava piamente na importância de manter a cabeça erguida, e suas lágrimas foram diminuindo à medida que ela retomava o controle de suas emoções.

– Você tá certo. Ele vai ficar bem – disse ela. – É claro que vai. Ele já está fora de perigo. O médico disse que ele está sendo monitorado só por precaução, mas só deve receber alta daqui a um ou dois dias. – Ela fungou e secou as bochechas com as costas da mão. – Desculpa. Não sei *o que* me deu, chorar em público desse jeito... Meu Deus do céu.

Agora que estava mais calma, ela percebeu que não estávamos sozinhos. Olhou para Scarlett, que estava a uma distância respeitosa, um pouco mais atrás. A surpresa cruzou seu rosto, transformando a tristeza de minutos antes em curiosidade.

– Desculpa, mas acho que não nos conhecemos – disse ela. – Eu sou a Pippa, mãe do Asher.

– É um prazer conhecer a senhora. Meu nome é Scarlett, sou amiga do Asher – disse Scarlett, educadamente.

– Por favor, me chame de Pippa. Não suporto ser chamada de senhora. Faz com que eu me lembre da *minha* mãe, e ninguém quer isso. – Ela estremeceu, e então se pôs a examinar Scarlett com olhos de águia.

Opa, opa, opa. Eu conhecia aquele olhar. Aquele era o olhar de "meu bebê tem quase 30 e ainda não me deu netos, então vou bancar a casamenteira sempre que puder".

Quase preferi que ela ainda estivesse soluçando.

– Por que não procuramos…

– Obrigada por ter vindo com o Asher – disse minha mãe, interrompendo minha tentativa de mudar de assunto. – É muita gentileza sua.

– Problema nenhum. É para isso que servem os amigos.

– É verdade. Vocês estavam juntos quando ele recebeu a notícia?

– Humm… – O sorriso de Scarlett vacilou, e eu reprimi uma careta. Estava na cara por que estávamos juntos tão cedo em um sábado de manhã, mas nenhum de nós queria admitir isso para a minha mãe, dentre todas as pessoas. – Sim. Estávamos tomando café da manhã.

Quase verdade, pois já havíamos terminado o café da manhã quando recebi a ligação.

– Entendi. – Minha mãe se agarrou àquela informação como uma leoa faminta a uma presa. – Meio cedo pra tomar café da manhã num fim de semana. A viagem de carro de Londres a Holchester é longa.

Ela deu uma olhada na minha roupa. Estava usando a mesma camisa e a mesma calça do encontro da noite anterior, enquanto Scarlett estava de camiseta e jeans. Até uma criança seria capaz de entender o que havia acontecido.

– Nós dois somos pessoas matinais – disse Scarlett, com a voz radiante. – E a viagem foi tranquila. As estradas não estão muito movimentadas a essa hora.

Evitamos olhar um para o outro para não entrarmos em combustão ao mesmo tempo de tanto constrangimento. As bochechas dela estavam vermelho-escuras, e imaginei que as minhas estivessem em um tom semelhante.

– Acho que não. – Minha mãe não parecia convencida. – Olha, espero que me perdoe por ser direta…

Ah, merda.

– Mas há quanto tempo você e o Asher são amigos? – Minha mãe conseguiu colocar o equivalente verbal de aspas na palavra *amigos* sem mudar o tom. – Porque, sabe, é muito difícil para ele conhecer mulheres por quem ele *realmente* se interesse. Ele nunca trouxe ninguém para casa antes.

– Então, na verdade nós não…

Ela me interrompeu outra vez.

– Ele está cercado de testosterona todos os dias, o dia inteiro. Eu falo pra ele: "Asher, querido, tá na hora de você conhecer uma garota legal e sossegar. Você não vai ser jovem pra sempre, e eu quero segurar meus netos no colo antes de morrer." Ele me ouve? Não. – Ela estalou a língua. – Agora você consegue imaginar como estou contente de ver você aqui. Me conta, como conheceu o Asher? Você não tem namorado, tem? Planeja ter filhos em breve?

Scarlett a encarou com os olhos arregalados.

– Mãe! – interrompi, por fim. – Por favor. Agora não é hora nem lugar para isso.

Óbvio que ela estava fazendo um interrogatório sobre a minha vida amorosa em uma sala de espera de hospital, horas depois de meu pai ter infartado. Ninguém compartimentava melhor os próprios sentimentos do

que Pippa Donovan.

– Isso é o que você vem falando nos últimos cinco anos – retrucou ela. – Estou apenas batendo papo. A Scarlett não se importa, não é mesmo, querida?

– O papai está acordado? – Mudei de assunto antes que Scarlett fosse forçada a responder. – Queria vê-lo.

– Está. – Minha mãe ficou subitamente séria. – Os médicos disseram que ele teve sorte. Foi um infarto leve, e ele recuperou a consciência logo depois de chegarmos ao hospital. Estão fazendo exames nele agora, mas acho que você consegue falar com ele.

– Vai lá – disse Scarlett. – Eu fico com a sua mãe.

Se minha mãe não a havia imaginado como futura nora antes, com certeza imaginou naquele momento. Dava para ver como ela estava exultante, provavelmente pensando nos netos que estavam por vir.

Não queria deixar Scarlett sozinha com ela (só Deus sabia as perguntas que ela faria quando eu saísse), mas seria estranho levar Scarlett até o quarto sem que ela e meu pai se conhecessem.

Lancei um olhar aflito para Scarlett num pedido de desculpas silencioso, mas ela me deu um aceno de cabeça tranquilizador.

Felizmente, logo encontrei uma enfermeira e, depois de algumas idas e vindas, ela me deixou entrar para vê-lo.

O quarto do meu pai ficava mais à frente no corredor onde minha mãe estava sentada. Ele estava de olhos fechados quando entrei, mas os abriu ao ouvir o som da porta se fechando. Tubos serpenteavam ao redor de seu tronco, e um monitor próximo emitia bipes em um ritmo constante.

Ouvir aqueles bipes afrouxou um pouco o aperto angustiante em meu peito.

Ele estava vivo.

Minha mãe já havia me dito isso, mas eu precisava ver com meus próprios olhos.

– Chegou rápido – disse ele quando parei ao seu lado. Sua voz era uma sombra rouca de seu estrondo habitual.

– Tenho muitos carros rápidos.

Ele deu risada.

– Como está se sentindo? – perguntei.

Tentei ignorar como ele parecia pequeno naquela cama de hospital ou

como seu rosto estava tão branco quanto os lençóis.

– Estou bem – respondeu ele, com um grunhido de desdém. – Isso é uma palhaçada. Eu já deveria estar em casa, mas eles insistem em me manter aqui por 48 horas. Disseram que eu preciso de "monitoramento", seja lá o que isso significa. É uma bobagem desnecessária.

– Você infartou no meio do café da manhã – pontuei. – Eu diria que o monitoramento é necessário.

– É, bem, nem todo mundo começa o dia de forma saudável, não é?

Ficamos olhando um para o outro. Um segundo de surpresa se passou antes de se transformar em riso, e o aperto em meu peito se afrouxou mais um centímetro. Não conseguia lembrar a última vez que meu pai e eu tínhamos rido juntos. Antes do Blackcastle, sem dúvida. Talvez até mesmo antes de eu entrar para a Premier League.

– Você veio de Londres até aqui de carro? – perguntou.

Assenti.

Ele grunhiu outra vez, o que era o máximo de sentimentalismo a que ele se permitiria. Meu pai não era fã de abraços, palavras afetuosas nem emoções de modo geral.

Os bipes do monitor pontuaram o silêncio em que mergulhamos novamente. Em algum momento, havíamos perdido a capacidade de conversar um com o outro, e algumas piadas não mudariam isso.

Meu pai semicerrou os olhos, observando pelo vidro algo fora do quarto.

– Quem é a garota que está com a sua mãe?

Segui seu olhar até onde Scarlett e minha mãe estavam conversando. Elas haviam migrado de seu local original no final do corredor, e tínhamos uma visão perfeita das duas pelo vidro.

– É a Scarlett – respondi. – Uma… amiga.

– Scarlett. – Ele franziu as sobrancelhas. – Não é esse o nome da sua instrutora desse verão?

É *claro* que ele se lembrava dessa informação.

– É – admiti. – Ela é minha instrutora também.

A atenção de meu pai se voltou para mim.

– Todos os instrutores vão passear num hospital com seus atletas aos fins de semana?

O tom desconfiado dele me deixou tenso. Enquanto minha mãe estava sempre me pressionando para lhe dar netos, meu pai acreditava que o amor

e os relacionamentos eram uma distração grande demais. Eu sempre concordei com ele, até conhecer Scarlett.

– Eu dificilmente chamaria isso aqui de "passear" – rebati, com firmeza. – Como falei, também somos amigos. Ela estava comigo quando recebi a ligação e teve a gentileza de se oferecer para me acompanhar até aqui.

Meu pai me encarou. Não sei o que ele viu, mas foi o bastante para que seu rosto fosse tomado por incredulidade.

– Não tô acreditando. – Ele jogou a cabeça para trás, com uma expressão tão desolada que era capaz de acharem que estava infartando outra vez. – Não me diga que você dormiu com a porcaria da sua instrutora.

Meus ombros se enrijeceram diante do comentário desdenhoso.

– Não é bem assim.

Do jeito que ele estava falando, parecia que eu havia esbarrado em Scarlett num pub qualquer e a levado para minha casa para uma rapidinha.

– Claro que é. – A raiva deixou a voz dele mais grave. – O que eu sempre te falei? Se envolver com alguém nessa fase da sua carreira não é uma boa ideia. Vai deixar sua cabeça confusa. Você. Precisa. De. Foco. Olha a sua última temporada. Segundo lugar. E isso foi antes de você comer a sua instrutora. Como você vai ser o número um se está mais ocupado pensando em se divertir do que em jogar?

Era a cara do meu pai reclamar do meu desempenho logo depois de ter um infarto.

Se ele não estivesse deitado em uma cama de hospital naquele momento, eu teria reagido, mas me controlei, rangendo os dentes com tanta força que minha mandíbula começou a doer.

Não morda a isca.

– Seu foco esse verão deve ser melhorar seu desempenho em campo, mais nada – esbravejou ele. – Se você vai jogar nesse time, é melhor ganhar. Eu não vou ter um perdedor e um traid… – Ele parou de falar abruptamente.

Meu coração disparou. As luzes do quarto pareceram mais fortes, ofuscando minha visão até o rosto dele ser a única coisa à minha frente.

– E o quê? – perguntei.

Os lábios dele se contraíram.

– Fala, pai. – Minha promessa de não morder a isca foi arrastada por uma onda de adrenalina. – Você não vai ter um perdedor e um traidor na

sua casa, não é?

– Eu não disse isso.

– Você estava prestes a dizer. – O sangue rugiu em meus ouvidos. Uma coisa era ouvir estranhos me chamarem de traidor. Outra era quase ouvir isso da boca do meu pai. – Seja sincero. Você *realmente* quer que eu ganhe?

– De que diabos você está falando? Claro que quero.

– Não tenho tanta certeza. – O hospital não era o lugar para termos aquela conversa, mas não consegui impedir que a raiva inundasse o que restava da civilidade entre nós. Foi ali, naquele quarto de iluminação berrante, com seus monitores e pisos estéreis, que meus pensamentos mais horríveis jorraram. – Acho que uma parte sua torce para que eu perca, porque, se isso acontecer, só vai confirmar sua opinião de que eu nunca deveria ter saído do Holchester. Se eu ganhar, significa que o Holchester perdeu, e você nunca torceu contra eles na vida. Então me fala, pai. No fim das contas, se você tivesse que escolher, o que ia ser? O seu time ou o seu filho?

Não levantei a voz. Não perdi a paciência. Mas minhas palavras reverberaram no ar com uma intensidade que fez o rosto de meu pai ficar vermelho.

Uma mancha vermelha se espalhou pela pele dele como sangue se infiltrando na neve. Os bipes do monitor cardíaco aumentaram de frequência até se misturarem em um fluxo de ruído em vez de sons distintos.

Ele não respondeu. Não era necessário. Nós dois sabíamos qual seria sua resposta.

Menos de um minuto depois, a enfermeira entrou. De cara fechada, ela me repreendeu por aumentar a frequência cardíaca do meu pai e me expulsou do quarto na hora.

Murmurei um pedido de desculpas e fui embora, com o coração martelando no peito com uma força brutal. *Se você tivesse que escolher, o que ia ser? O seu time ou o seu filho?*

Qualquer pessoa que não estivesse familiarizada com a cultura dos torcedores do Holchester diria que era uma pergunta ridícula e que a família era a resposta óbvia, mas eu já tinha visto homens irem para a cadeia por se esmurrarem a ponto de ficarem desacordados, e tudo por conta de um pênalti perdido. Outros pegaram empréstimos no banco para comprar

produtos do clube e acompanhar o time pelo mundo.

Para algumas pessoas, o futebol era mais importante do que qualquer outra coisa. Eu desconfiava que meu pai era uma delas.

– O que aconteceu? – perguntou minha mãe quando me aproximei. Seus olhos preocupados pularam do meu rosto para o quarto do meu pai, e então se voltaram para mim. Ela deveria ter ouvido a enfermeira gritando comigo. – O que ele falou pra você?

O que ele falou para mim, não o que eu falei para ele.

Por mais que amasse meu pai, ela tinha plena consciência de seus defeitos e de nossa dinâmica complicada.

– O de sempre. – Não olhei para Scarlett, que permanecia em silêncio ao lado de minha mãe. Estava constrangido demais com o drama familiar. – Desculpa, eu deveria ter mantido a calma. Eu sei como ele é, e ele acabou de infartar. Eu não podia ter mordido a isca.

Minha mãe olhou pelo vidro outra vez.

– Ele vai ficar bem. – Dava para ver que ela estava aflita com a situação, mas não me pediu mais detalhes. – Eu também sei como seu pai é. – Ela tocou meu braço com delicadeza. – Por que você e a Scarlett não vão lá pra casa tomar um banho e descansar? Não adianta ficarmos os três por aqui, sendo que o quadro dele é estável. Eu fico e ligo pra vocês se houver alguma mudança.

– Tem certeza?

Seria *ótimo* me trocar e vestir uma roupa mais apropriada para o dia. Eu mantinha algumas roupas de emergência na casa dos meus pais para ocasiões como aquela.

– Tenho. De qualquer maneira, preciso que alguém me traga uma muda de roupa e alguma coisa pra almoçar. Não me obriguem a comer a comida da cantina do hospital.

Abri um sorriso sincero dessa vez.

– Muda de roupa e almoço. Anotado.

– Não corra – alertou minha mãe. – Não quero que você seja multado por excesso de velocidade. – Ela me deu um leve empurrão na direção de Scarlett. – Agora *vão*.

Então nós fomos.

CAPÍTULO 25

SCARLETT



Não sabia ao certo o que esperar da casa onde Asher passara a infância. Um halo gigante em forma de bola de futebol, talvez, ou algum outro sinal de que o lugar abrigou uma futura superestrela do esporte.

Em vez disso, fui recebida por uma casa comum, parecida com todas as outras do quarteirão. Janelas brancas, paredes de tijolos, um portãozinho preto separando o jardim da calçada.

– Provavelmente não foi assim que você imaginou passar o sábado – disse Asher, com pesar, ao destrancar a porta da frente.

– Não tinha nada especial planejado e nunca estive em Holchester, então, na verdade, tenho que te agradecer pelo passeio gratuito – disse, ganhando um breve sorriso em resposta. Hesitei, depois perguntei mais suavemente: – Como você tá?

Ele não me contou o que aconteceu no quarto do pai, e não perguntei. Mas era claro que ele tinha sido afetado pela discussão. Seus olhos não tinham o brilho habitual, e a exaustão escurecia os sulcos de seu rosto. Não estava acostumada a vê-lo tão abatido. A visão provocou uma dor inesperada em meu peito.

– Quando eu souber, te conto – disse ele, com uma risada fraca. – Voltar pra casa é sempre uma experiência. Espero que a minha mãe não tenha te assustado muito com aquele interrogatório.

– Não, ela foi um amor. – A enxurrada de perguntas com que ela nos recebeu me deixou um pouco desconcertada, mas quando Asher foi ver o

pai conseguimos conversar um pouco, e foi ótimo. Dava para ver que ela amava muito o filho e queria o melhor para ele, mesmo sendo um pouco… intensa em relação aos futuros netos. – Ela ficou comentando alguma coisa sobre mim e Hedy Lamarr, mas não entendi direito.

– É uma estrela de cinema famosa dos anos 1940 – explicou Asher. – Minha mãe é uma grande fã da Era de Ouro de Hollywood, e você se parece muito com a Hedy.

– Vou considerar um elogio.

Parecer uma estrela de cinema só pode ser uma coisa boa, certo?

– Pode considerar. – Ele franziu os lábios. – Ela provavelmente está imaginando pequenos clones de Hedy Lamarr correndo pelo quintal dela agora.

Soltei uma gargalhada, mesmo que meu coração tivesse disparado quando pensei em ter bebês com ele. Era *muito* cedo para sequer cogitar isso, levando em conta que ainda não havíamos nem definido o status do nosso relacionamento, mas, por um breve momento, eu me permiti saborear a fantasia.

A perspectiva de casamento e filhos com Asher não era tão assustadora quanto eu imaginava, o que já era preocupante por si só.

Tínhamos transado uma vez. Eu *não ia* ser a pessoa que se deixava envolver pelas alucinações pós-orgasmo e já começava a planejar o casamento, então empurrei a imagem de pequenos bebês de olhos verdes para o fundo da mente enquanto ele me mostrava a casa.

Era aconchegante e charmosa, com fotos de família espalhadas por toda parte e uma variedade de badulaques da França, da Itália, da Austrália e de outros destinos de férias. No entanto, o tema predominante da decoração era o *futebol*, especialmente na sala de estar e no hall de entrada. Eu me senti entrando em uma loja de souvenirs do Holchester F.C.

– Você não estava brincando quando disse que seu pai é torcedor do Holchester – comentei, impressionada e um pouco alarmada.

Pôsteres do time decoravam as paredes, com as bordas enroladas e amareladas pelo tempo. Uma camisa autografada por todo o time de 2018 estava emoldurada e exposta como a *Mona Lisa* no Louvre. Fotos de Asher em seu uniforme do Holchester forravam a cornija da lareira junto com uma bola de futebol dourada em miniatura.

Notei que não havia fotos dele com as cores do Blackcastle.

– Torcedor? Está mais pra fanático. – Asher não olhou para a lareira quando passamos por ela.

– Talvez. Enfim, parece que hoje é o dia de fazermos tours em casas – comentei, com um tom leve, na esperança de suavizar sua expressão taciturna.

Não deu certo.

– Acho que sim. – Paramos em frente a uma porta de madeira simples nos fundos da casa. – Esse é o meu quarto de infância. Não faz piada, senão vou ficar magoado.

Algo dentro de mim vibrou diante daquela pequena manifestação de seu humor habitual.

– Ai, meu Deus. Seus pais deixaram tudo igual nesses anos todos?

O constrangimento de Asher confirmou minhas suspeitas.

Entrei, observando cada detalhe: o edredom azul; a cama de solteiro encostada na parede sob a janela; os pôsteres de Armstrong, Beckham e outros grandes nomes do futebol decorando as paredes.

– Parece um museu – falei, fascinada com aquele vislumbre da infância de Asher.

Quase podia *vê-lo* sentado em sua cama, acompanhando jogos de futebol na TV e sonhando com o dia em que seria ele na tela.

– Sim. – Asher olhou ao redor. – Sabe, faz séculos que não venho aqui. Geralmente fico num hotel quando estou na cidade, e nunca tive motivos pra entrar aqui ao visitar meus pais. – Um toque de nostalgia cruzou seu rosto. – Dez anos, e parece que nunca fui embora.

– Deve ser uma sensação surreal.

– Um pouco. – Ele esfregou a mão no rosto. – Vou me trocar. Fique à vontade para fuxicar ou sentar em qualquer lugar.

Não me senti à vontade para bisbilhotar o quarto na ausência de Asher, então me acomodei na beirada da cama e esperei. Ele voltou vestindo camiseta e calça jeans, e parecia um pouco mais relaxado quando se sentou ao meu lado.

Ficamos calados. Era um silêncio confortável e agradável, como aquele com o qual havia me acostumado durante a viagem até Holchester, mas algo fervilhava sob a superfície, esperando para se libertar.

– Você se lembra do dia da tempestade? – perguntou Asher. – Você perguntou por que fui para o Blackcastle. Disse que não podia ter sido só

por causa do dinheiro.

– Claro.

Não seria capaz de esquecer nada daquele dia nem que tentasse. Foi, em muitos aspectos, o dia que nos levou até onde estávamos naquele momento.

– Você tinha razão. Quer dizer, o dinheiro foi, *de fato,* um fator decisivo, assim como a chance de trabalhar com Armstrong. Mas o verdadeiro motivo foi que eu… – Ele engoliu em seco. – Eu precisava me livrar do meu pai.

Lutei contra uma reação instintiva e esperei que ele continuasse em seu próprio ritmo.

– Não dava mais pra ficar na mesma cidade que ele – prosseguiu Asher. – Ele me incentivou a ser o melhor no esporte ao longo de toda a minha vida, e sou, *sim*, muito grato por isso. Ele foi fundamental para que eu chegasse onde estou agora, mas, quanto mais eu avançava na minha carreira, mais sentia que não estava fazendo aquilo por mim. Estava fazendo por ele. O futebol é a minha vida, mas eu estava aos poucos perdendo o amor pelo esporte. Isso me aterrorizava. E, por mais que eu gostasse de jogar no Holchester, me sentia preso em uma bolha na qual não conseguia respirar.

O ruído de um carro passando do lado de fora abafou sua última palavra, mas era impossível confundir a desolação em seu rosto.

– Quando Frank Armstrong assumiu o cargo de técnico do Blackcastle, usei isso como desculpa para mudar de time – disse Asher. – Mesmo assim, levei meses pra fazer a solicitação. Se meu pai não fosse tão fanático pelo Holchester, eu não teria pensado duas vezes. Mas, quando se trata de futebol, ele não é meu pai. É um segundo técnico, e isso era demais pra mim. – Um sorriso sem humor surgiu em seus lábios. – Antes que diga qualquer coisa, eu sei o que parece. Um jogador de futebol rico reclamando que o pai é rígido demais com ele. Nossa, que merda. Deixa eu enxugar minhas lágrimas com meu dinheiro.

– Não era o que eu ia falar. – Balancei a cabeça. – Só porque você é privilegiado em um aspecto, não significa que não possa ter dificuldades em outros.

Sim, ele era mais afortunado do que a maioria das pessoas no mundo, mas eu entendia seu lado. Já havia experimentado aquele sentimento como bailarina, mas nunca havia lidado com o nível de escrutínio que ele enfrentava todos os dias.

O público só enxergava o dinheiro e o glamour; não enxergava a pressão, a politicagem e os jogos de poder dos bastidores. Não viam o impacto dessas coisas na saúde mental de alguém. Ricos ou não, famosos ou não, somos todos humanos.

– Você disse que levou meses para fazer o requerimento. O que te fez seguir em frente? – perguntei.

– O jogo contra o Chelsea no ano passado. – A boca de Asher se contraiu. – Eu marquei três dos quatro gols. Nós ganhamos. Era para ter sido uma noite maravilhosa, mas meu pai só conseguiu comentar que "fiz merda" num escanteio e que errei uma cobrança de falta. Eu deveria estar comemorando. Em vez disso, só queria gritar.

Uma dor crua se enraizou em meu peito. Se o pai dele não estivesse se recuperando de um infarto, eu lhe daria um esporro.

– Não foi nada que já não tivesse acontecido antes, mas foi a gota d'água para mim, por assim dizer – continuou Asher. – O país inteiro, quem sabe o mundo inteiro, tem certas expectativas em relação a Asher Donovan… Como eu deveria jogar, com quem eu deveria namorar, onde eu deveria passar as férias. Eu consigo lidar com isso. Faz parte do jogo. Mas eu queria ter um lugar, só um, onde não precisasse ficar na defensiva. Achava que minha família seria esse lugar. Mas não é.

A dor aumentou. Deslizou por trás da minha caixa torácica e se enroscou em meu coração, apertando mais e mais, até ficar difícil respirar.

Vincent e eu tínhamos sido incentivados por nossos pais a investirmos em nossos talentos desde cedo. Eles eram competitivos, por isso, durante a nossa infância, os dois viviam tentando superar um ao outro – nossa mãe com minhas aulas de balé, nosso pai com os jogos de futebol de Vincent. Éramos os representantes em sua Guerra Fria à distância.

Mas, no fim das contas, quando eu tirava minhas sapatilhas de ponta e Vincent pendurava suas chuteiras, voltávamos a ser filhos deles. Asher não tinha isso.

– Se isso faz você se sentir melhor... – falei. – Eu gosto mais do Asher do que do Asher Donovan.

O primeiro era uma pessoa; o segundo era uma marca. Eu não dava a mínima para a marca, mas gostava da pessoa. Muito. Mais do que deveria.

Ele não respondeu, mas engoliu em seco.

– Você não tem como controlar o que o mundo pensa de você –

continuei, delicadamente. – Mas pode controlar suas atitudes, e eu entendo por que pediu a transferência. Se estivesse no seu lugar, teria feito a mesma coisa.

– Sério? – Seu joelho roçou o meu quando ele finalmente se virou para mim. – Achei que você gostasse de sistemas.

– Sim, mas só nos meus termos. Sou uma hipócrita nesse sentido.

A risada de Asher dispersou a nuvem de melancolia, trazendo um pequeno brilho de volta aos seus olhos e um sorriso aos meus lábios.

– Hipócritas conscientes são os melhores.

– Exatamente. Além disso, qualquer um que enche o seu saco por ter mudado de time não era um fã de verdade, então que se dane. Você não precisa dessa negatividade na sua vida.

Sua segunda risada foi mais encorpada e profunda do que a primeira.

– Se algum dia você quiser mudar de profissão, deveria pensar em ser terapeuta. Você seria excelente.

– Não, obrigada. Já tenho muitas neuroses para ter que lidar com as de outras pessoas. Mas às vezes dou bons conselhos, quando estou me sentindo generosa.

– Então eu tive sorte.

– Teve, sim.

– Que bom. Fico feliz. – O joelho dele roçou o meu novamente, dessa vez de propósito, e meu estômago se agitou. – Eu odiaria perder você.

O ar ficou denso e viscoso como xarope, tão doce que dava para sentir o gosto no fundo da língua.

– Como sua instrutora – falei.

– Como minha instrutora – confirmou ele, com o joelho ainda tocando o meu.

Estremeci ao me dar conta de que estávamos ali sozinhos, tão perto um do outro, uma constatação que se infiltrava no espaço ao nosso redor e gotejava entre nós dois. Um zumbido baixo invadiu meus ouvidos, e aquele quarto de infância inocente de repente não parecia mais tão inocente – não quando o olhar de Asher queimava como um fósforo aceso contra minha pele e meu corpo inteiro formigava com a proximidade.

Uma gota.

Outra.

E outra.

Ainda não havíamos conversado sobre a noite anterior. O assunto ficara em segundo plano diante da emergência familiar dele, mas…

– Chega de papo triste por hoje – disse Asher, por fim, quebrando o feitiço. E fazendo meu estômago despencar. – Senão essa vai ser a primeira visita a Holchester mais deprimente de todos os tempos.

– Não está sendo tão ruim assim. – Esfreguei a coxa num movimento discreto e tentei me adaptar ao novo clima. A conversa mudou de rumo tão rápido que fiquei um pouco atordoada. – Seu pai está bem, e eu tive a chance de visitar o Museu do Quarto da Infância de Asher Donovan, guiada pelo próprio Asher Donovan. Isso é que é tratamento VIP.

– Só pra você. – Ele apontou para o colchão com a cabeça. – Como bônus, você pode deitar sua cabeça no mesmo travesseiro em que eu dormia quando era adolescente.

Franzi o nariz.

– Espero que tenha sido lavado desde então. Não preciso dos seus germes de adolescente no meu cabelo.

Mesmo assim, segui seu exemplo, tirei os sapatos e me ajeitei ao lado dele no colchão. Era surpreendentemente confortável.

Nós dois precisávamos descansar depois da viagem, então nos deitamos lado a lado em sua pequena cama, com as pernas um pouco para fora e os braços mal se tocando.

– Você nunca fala sobre a sua infância – comentei. – Nem em entrevistas.

Seu pai era o único assunto que ele mencionava de sua vida antes da fama. Eu não sabia como fora a vida do pequeno Asher na escola nem se ele tivera outros hobbies além do futebol. Mas queria saber. O dia tinha sido repleto de fragmentos de informações, e eu estava faminta por mais.

– Você anda acompanhando as minhas entrevistas, querida?

– Claro que não. – Fiz uma pausa, então admiti, com relutância: – Hum, talvez.

A cama vibrou com sua risada suave.

– Não tem muito o que falar. Eu era um garoto tranquilo, acredite ou não. Minha vida era escola, família e futebol. Passava a maior parte do meu tempo livre chutando uma bola no quintal ou no parque com o Teddy.

– Quem é Teddy?

O silêncio que se seguiu foi tão longo que achei que ele não tivesse me ouvido. Estava prestes a repetir a pergunta quando ele respondeu, sem

qualquer vestígio de humor:

– Era meu melhor amigo de infância. Crescemos juntos. Ele amava futebol tanto quanto eu, e era melhor do que eu.

– Duvido.

Achava impossível acreditar que algum jogador vivo pudesse ser melhor do que Asher.

Desculpa, Vincent. Mais uma traição, ainda que silenciosa, ao meu irmão. Mas eu me preocuparia com isso mais tarde.

– É verdade – disse Asher. – Melhor do que eu era naquela época, pelo menos. Mas, enquanto eu mal podia esperar para fechar com um clube, ele se recusava a fazer isso. Dizia que não tinha interesse em jogar profissionalmente.

– Por quê?

– Ele tinha medo. O futebol não é uma carreira estável, e ele não queria viver o tempo todo sob pressão. Ele odiava estar sob os holofotes. Ficava incomodado ao pensar que seus fracassos seriam públicos, não queria se sentir humilhado. Então, em vez de viver o próprio sonho, ele me deixou vivê-lo por ele.

– Ele deve ter ficado feliz com o seu sucesso.

Feliz ou amargurado, mas optei por dar a Teddy o benefício da dúvida.

– Não temos mais contato, na verdade.

Asher pareceu distante. Senti que havia algo mais na história, então fiquei quieta. Eu tinha razão.

– Eu fechei o contrato com o Holchester quando tinha 17 anos. Estava muito empolgado. Saímos para comemorar, mas fui embora cedo porque tinha uma reunião com o meu novo técnico na manhã seguinte. O Teddy preferiu ficar, e me lembro de ter pensado "que bom". Ele precisava se soltar um pouco, sabe? – Asher deu uma risada vazia. – Nós tínhamos ido a um bar numa parte mais abandonada da cidade, porque era o único que não pedia carteira de identidade, e éramos menores de idade. O Teddy saiu de lá talvez uma hora depois de mim. Ele estava a caminho do ponto de ônibus quando foi assaltado.

Soltei um suspiro tenso, já temendo a conclusão da história.

– O álcool deve ter deixado o Teddy corajoso, ou sei lá, mas ele se recusou a entregar a carteira. Entrou numa briga com o assaltante, que deu seis facadas nele e fugiu. O Teddy não conseguiu nem chegar ao hospital.

Morreu na hora.

Eu já havia intuído como aquela história acabaria, mas isso não refreou o choque. *Seis facadas*. Meu Deus.

– Em um minuto, ele estava lá. No outro, não estava mais. E durante todos esses anos, não consigo deixar de pensar… será que ele estaria vivo se eu tivesse ficado lá com ele? Se eu tivesse insistido para que ele fosse embora quando eu fui? – A voz de Asher ficou embargada. – Se não fosse por minha causa, ele nem estaria lá.

– *Asher, para* – falei, com tanta veemência que me surpreendi. – A culpa não é sua. A culpa é do assaltante. Você não fez dele um ladrão nem o obrigou a agir com violência. O que aconteceu é culpa dele. Não sua.

Asher soltou um suspiro trêmulo.

– Eu sei. Mas isso não muda como eu me sinto. – Ele virou um pouco a cabeça, apenas o suficiente para encontrar meus olhos. – Tem uma parte de mim que acredita que tenho que vencer por ele, que devo isso ao Teddy, e que, se eu fracassar, a morte dele vai ter sido em vão. Sei que não faz sentido, porque as duas coisas não têm correlação direta, mas as pessoas nem sempre são racionais, né?

– Nem sempre – confirmei, suavemente. – Mas nem tudo precisa ser racional para ser verdade.

Uma emoção havia muito reprimida irrompeu dos olhos de Asher.

Naquela manhã, ele disse que gostava de ver a minha versão vulnerável. O oposto também era verdadeiro.

Aquele era o Asher que o mundo não via. O Asher exposto e vulnerável, que sofria e *sentia* como todo mundo.

Parte de mim estava feliz por não poderem acessar essa versão dele, porque do contrário o destruiriam como sempre faziam, atacando-o e o atormentando até que o transformassem no que queriam que ele fosse, ignorando completamente quem ele era de verdade.

Asher não merecia isso, e eles não o mereciam.

– Já voltei com meu papo melancólico outra vez. Você perguntou sobre a minha infância e eu te contei uma história triste. – Seu hálito quente roçou meus lábios. – Eu posso te levar pra tomar um sorvete ou algo assim, para tentar melhorar um pouco seu dia.

– Tudo bem. Eu não vim para tomar sorvete.

Eu vim por você.

Asher engoliu em seco outra vez.

Meu peito e o dele subiram e desceram em sincronia, nossas respirações se misturando suavemente no universo de palavras não ditas entre nós.

Na última vez que dividimos a cama, fizemos sexo, mas aquele era um tipo diferente de intimidade. Mais suave, menos tangível, mas não menos importante, e enraizada em uma confiança frágil e florescente.

Asher desviou os olhos dos meus e voltou a olhar para a frente. Mas quando nossas mãos se encostaram na cama, não recuei, e, quando enrolei meu mindinho no dele, ele apertou o meu de volta.

Não falamos mais nada. Não era necessário. Às vezes, atitudes eram suficientes.

CAPÍTULO 26

SCARLETT



Depois de uma rápida refeição na casa dos pais de Asher, voltamos para o hospital com comida e uma muda de roupa para a mãe dele. Felizmente, o estado de saúde de seu pai continuava estável, mas decidimos passar o fim de semana lá mesmo assim.

Fomos para um hotel de luxo local, e o time de serviços VIP nos acompanhou diretamente à nossa suíte, sem deixar que os outros hóspedes soubessem da nossa presença. Estávamos tão exaustos que caímos no sono quase imediatamente.

No domingo, Asher saiu de lá disfarçado e me levou ao famoso Museu de Arte de Holchester e a uma sorveteria famosa nas redes sociais, mas passamos a maior parte do tempo no hotel ou no hospital. Não queríamos esbarrar com paparazzi nem com torcedores irritados do Holchester.

Não falamos sobre seu pai, sobre futebol nem sobre nosso relacionamento depois que saímos da casa dos pais dele. Nós dois precisávamos de um descanso de assuntos pesados, então nos concentramos na TV e em livros.

– O que seria um livro hot de dinossauros? – O choque palpável de Asher me fez dar uma risadinha. – Tipo, eles transam com dinossauros? Como isso é fisicamente possível?

– Sei lá. Ainda não li nenhum – admiti. – Mas minha autora favorita recomendou um livro de uma mulher chamada… – Dei uma olhada em meu aplicativo de notas. – Wilma Pebbles? O nome é *Tricerátops à trois*…

Para de rir! E devolve meu telefone!

– Eu preciso anotar isso – disse ele, ofegando, com os ombros sacudindo. Ele digitou o nome da autora e do livro no telefone dele antes de me devolver o meu. Estava rindo tanto que as lágrimas brilhavam nos cantos de seus olhos. – Talvez eu comece um clube do livro no Blackcastle. Só para dinossauros.

– Ótimo. Vocês precisam mesmo de mais cultura – respondi, bufando, mas sem conseguir esconder um sorriso diante da imagem mental do time do Blackcastle lendo pornô com dinossauros juntos.

Seria uma visão e tanto.

Apesar de ter passado o fim de semana em Holchester, em nenhum momento estive com o pai de Asher. Foi melhor assim, pois não achei que conseguiria segurar a língua na frente dele.

Ele recebeu alta na segunda-feira. A despedida entre pai e filho foi fria e protocolar, mas conversamos um tempinho com sua mãe antes de voltarmos para Londres.

A viagem pareceu mais rápida dessa vez – ou talvez eu só não quisesse que chegasse a hora de me separar de Asher.

Diante da situação, havia avisado no trabalho que não poderia ir e cancelado o treino daquele dia, o que significava que só o veria novamente na quarta-feira.

– Eu sei que já disse isso, mas obrigado por ter vindo – disse Asher na metade do caminho. – Ajudou muito. De verdade.

– Imagina. Só aquela sorveteria com sundae self-service já valeu a viagem inteira.

A risada dele me aqueceu muito mais do que a luz do sol que entrava pelas janelas. Começamos e terminamos conversas, deixando a música do rádio reinar sozinha quando necessário, até chegarmos aos limites de Londres.

– Quer que eu te deixe em casa? – perguntou Asher. Seu tom era casual. Quase casual demais.

Dei uma olhada nele. Asher estava com a postura relaxada, concentrado na estrada à frente, mas senti um respingo de tensão no ar.

Será que ele estava indiretamente perguntando se eu queria continuar com ele? Será que eu pareceria carente demais se sugerisse que fizéssemos outra coisa em vez de irmos para casa? Ou eu estava só pensando demais

sobre uma pergunta inocente?

Queria poder mandar uma mensagem para Carina pedindo conselho, mas aí ia parecer que eu estava ignorando a pergunta dele.

– Sim, por favor – respondi, por fim.

De qualquer forma, precisava me trocar. Havia comprado um vestido na butique do hotel no dia anterior, mas estava usando a mesma roupa havia quase dois dias.

– Está bem.

Lá estava ele. Aquele tom cautelosamente neutro. Era minha imaginação ou encobria um toque de decepção?

– Mas… estou morrendo de fome – arrisquei. – Talvez devêssemos comer alguma coisa antes?

– É uma boa ideia – disse ele, de pronto. – Conheço um indiano muito bom. Não fica no caminho pra sua casa, mas posso te deixar lá e depois te buscar mais tarde se você estiver a fim de ir. E também está um pouco cedo para jantar, então...

Meu coração disparou no peito. Aquilo era algo muito próximo de um encontro.

– Está bem.

– Está bem. – Dessa vez, um sorriso acompanhou sua resposta.

Asher me deixou em casa, e combinamos de nos encontrarmos novamente em duas horas. Foi tempo suficiente para que eu tomasse um banho rápido, fizesse um pouco de ioga leve e me arrumasse. Após quinze minutos encarando o meu armário e várias mensagens frenéticas para Carina e Brooklyn, escolhi uma combinação fofa de blusa e saia. Tinha acabado de me maquiar quando Asher voltou, de banho recém-tomado e cheirando a uma deliciosa mistura de sabonete e loção pós-barba.

Seu olhar de quem estava gostando do que via percorreu minhas pernas e meu pescoço antes de se fixar no meu rosto. Pequenos vaga-lumes dançaram sobre minha pele, me iluminando.

– Pronta? – O timbre grave de sua voz me deixou arrepiada da cabeça aos pés.

– Sim.

Controlei o tremor e o acompanhei até o carro, onde ele colocou um boné e óculos de aro preto.

– Disfarce – explicou ele.

– Isso realmente funciona?

Era tão tosco. Parecia o Super-Homem se disfarçando de Clark Kent.

– Você ficaria surpresa. A maioria das pessoas não espera esbarrar com alguém famoso na rua, então, se você for discreto, pode passar despercebido tranquilamente.

– Detesto te dizer isso, mas você já se olhou no espelho? – perguntei, com um tom malicioso. – A sua cara não passa despercebida por *ninguém*.

Mesmo se não fosse famoso, a beleza de Asher chamaria a atenção por onde ele passasse.

– Esse é o seu jeito de dizer que sou bonito? – Ele parecia muito satisfeito com isso.

– Você sabe que é. E você tem direito a um elogio por dia. Não tente cavar mais.

– Anotado. – O riso reluzia em sua voz. – Vou esperar até a meia-noite para cavar mais um.

Apesar do meu ceticismo, ele estava certo. A maioria das pessoas não deu a mínima para a gente quando estacionamos e andamos até o restaurante. Um grupo de jovens deu uma conferida quando passamos, mas não sei dizer se foi porque o reconheceram ou simplesmente porque acharam Asher gostoso. De todo modo, elas não nos abordaram.

O restaurante estava lotado, mas conseguimos uma mesa de canto perto da cozinha. Como Asher era o especialista no local, deixei que ele fizesse o pedido para nós dois.

– Foi o Noah que me indicou esse lugar – comentou ele. – É um pouco constrangedor para um londrino receber recomendações gastronômicas de um americano, mas a comida é tão boa que nem fico chateado.

– Noah?

– Wilson. Nosso goleiro.

A imagem de um homem alto e carrancudo, com cabelo loiro-acinzentado e olhos azuis, me veio à mente. *Noah*. Claro. Não havia muitos americanos na Premier League, por isso sua contratação pelo Blackcastle tinha sido um grande acontecimento alguns anos antes.

– Vocês são próximos?

Rasguei um pedaço de naan e o mergulhei no chutney.

Vincent sempre saía com o pessoal do time, mas Asher obviamente não fazia parte dessas noitadas.

– Não diria que somos melhores amigos, mas eu converso mais com ele e com o Adil do que com os outros jogadores do clube. O Adil é um dos nossos jogadores de meio-campo – acrescentou ele. – Eles são os únicos que não agem de um jeito estranho comigo quando o Vincent está por perto.

Eu compreendia. A lealdade do time devia ter se dividido entre o capitão e o artilheiro.

– Então com quem você conversa quando precisa de conselhos ou tem notícias importantes pra compartilhar? – perguntei. – Além da sua família.

Asher deu de ombros.

– Depende da situação. Se tiver a ver com a imprensa, falo com a Sloane, minha assessora. Se tiver a ver com futebol, falo com o Frank. Com o Noah e o Adil também. Eles dão bons conselhos, quando não estão fazendo comentários idiotas e tal.

– Não estou falando de questões profissionais – comentei, delicadamente. – Por exemplo, se eu não estivesse com você no sábado, para quem você teria contado sobre o infarto do seu pai?

Ele me encarou.

Os segundos se passaram com uma lentidão aflitiva até que ele desviou o olhar.

– Sei lá – respondeu Asher. – Ninguém, acho.

Um punho de ferro pressionou meu coração.

Seu antigo time o odiava, o novo desconfiava dele, e todas as outras pessoas provavelmente o bajulavam ou queriam se aproveitar dele. Devia ser tão solitário viver assim. Asher estava sempre cercado de fãs e parasitas, mas, às vezes, era no meio de uma multidão que a pessoa se sentia mais sozinha.

– Bem, se precisar de alguém para conversar, eu estou aqui – falei. – Terapeuta em outra vida e tal.

Um leve sorriso se desenhou em sua boca.

– Obrigado. – Nosso garçom voltou com a comida, e Asher esperou até que ele saísse para prosseguir: – Se eu te desse uma libra a cada vez que te dissesse isso, você limparia a minha conta.

– Bem, se é isso que você sente que deve fazer, eu que não vou te impedir. O aluguel em Londres é caro.

Seu sorriso se transformou em uma risada baixa, e fiquei orgulhosa de ter provocado aquela reação nele.

Asher tinha razão. A comida ali era mesmo *deliciosa*, e nosso silêncio enquanto desfrutávamos nossos pratos era uma prova disso.

Em determinado momento, senti o celular vibrando no meu colo. Provavelmente era a Carina pedindo notícias ou a Brooklyn confirmando nosso café, mas eu responderia depois.

Tinha um assunto importante para discutir, uma conversa que já havíamos adiado por muito tempo.

– Então… – Dei uma olhada ao redor para ter certeza de que não havia ninguém ouvindo. – Devemos falar sobre o que aconteceu na sexta-feira?

O olhar que Asher me lançou poderia ter derretido uma geleira.

– Qual parte? – perguntou ele, com a voz arrastada e aveludada.

Minha mente foi levada ao passado: ao hospital, depois à nossa viagem a Holchester e ao meu discurso sobre Plutão, até o momento em que estávamos emaranhados em minha cama, com nossos corpos escorregadios e quentes em meio aos lençóis.

– Você sabe qual parte – sussurrei, com as bochechas ardendo. – Estou falando de quando nós, é…

– Proporcionamos orgasmos alucinantes um ao outro pela primeira vez?

– Shhh! – Meu rosto estava tão quente que poderíamos usá-lo para reaquecer as sobras do jantar. – Quer acabar numa página de fofocas?

Meu discurso após nosso primeiro beijo, sobre por que não daríamos certo, fora baseado em fatos. Eu não queria que a imprensa vasculhasse minha vida em busca de podres. Não queria reviver o acidente mais uma vez, tampouco queria alguém criticando tudo que eu fazia e vestia. Claro, eu não sofreria um escrutínio tão intenso quanto alguém, sei lá, da família real, mas ainda assim pensar nessa possibilidade me desesperava.

– Não. Não quero. – A expressão de Asher ficou séria. – Mas você tem razão. Precisamos conversar sobre como seria ter um relacionamento.

O ruído de pratos e copos ao nosso redor preencheu os espaços vazios deixados pelo que não estávamos dizendo com todas as letras.

Qual era, exatamente, a natureza do nosso relacionamento? Estávamos namorando, ou a noite de sexta-feira tinha sido um acontecimento isolado?

Ambas as opções me deixaram inquieta.

Não queria um caso de uma noite, mas um relacionamento sério parecia tão... sério. Eu gostava muito de Asher, mais do que já gostara de alguém, mas meu último relacionamento tinha sido um desastre, e eu não estava

nem um pouco ansiosa para repetir a experiência.

Asher não era igual ao meu ex, mas eu não conseguia ignorar a vozinha me dizendo que, por mais que as coisas estivessem indo bem no presente, elas sempre poderiam dar errado no futuro.

– Você *quer* ter um relacionamento? – Foi como se Asher tivesse lido minha mente. – Ou quer outra coisa?

Sua expressão não mudou, mas seus olhos ficaram mais atentos e cautelosos diante do meu silêncio.

– Eu… – Hesitei, tentando organizar meus pensamentos em uma resposta coerente. – Eu não quero sair com mais ninguém, e não quero que você saia com mais ninguém. Mas também não estou pronta para um relacionamento sério até resolvermos as questões com o meu irmão, os paparazzi, tudo isso. Eu só… tudo está acontecendo rápido demais, e eu estou…

Assustada.

Não falei isso, mas Asher devia ter ouvido de alguma maneira.

A tensão que se instalou em seus ombros quando eu disse que não estava pronta para um relacionamento sério pareceu diminuir.

– Tudo bem. Então será um não relacionamento exclusivo com encontros. E sexo. E muitos memes compartilhados.

Um leve sopro de risada escapou de meus lábios.

– Sim.

Era basicamente um relacionamento de verdade em tudo, menos no nome, mas era suficiente por enquanto. Nunca tinha saído com alguém com uma vida pública tão visada como a de Asher. Precisava saber no que estava me metendo antes de acabar me queimando outra vez.

Por outro lado, estava feliz, *sim*, por sermos exclusivos. A ideia de Asher com outra pessoa fazia com que eu me contorcesse de ciúmes.

– Não tenho como controlar os paparazzi – disse ele, levando a conversa de volta a um de nossos principais problemas. – Mas a Sloane tem os macetes dela para mantê-los na linha. Eles têm mais medo dela do que da maioria dos assessores de imprensa.

Verdade. Uma pontada de esperança surgiu no meu coração.

– E as pessoas dão um jeito – acrescentei, com otimismo. – Existem muitas celebridades com parceiros que não são famosos, e elas *não* aparecem no jornal todos os dias.

– Exatamente. Depois da euforia inicial, o interesse diminui, ainda mais se nós não dermos a eles nada sobre o que escrever.

Nós. Aquela única palavra aliviou minhas preocupações mais do que qualquer outra coisa que ele poderia ter dito. *Nós* significava que estávamos juntos nisso. Eu não estava sozinha.

Um calor se apressou em preencher uma das minúsculas fendas em meu peito causadas pelo medo.

– Dito isso, você nunca mais será completamente anônima. – O tom de Asher ficou mais suave. – Como você disse, sempre tem alguém de olho. Pode ser um repórter. Pode ser um torcedor. Pode ser qualquer um passando. De modo geral, as pessoas têm a decência de não invadir a nossa privacidade, mas nunca dá pra saber. Haverá comentários em fóruns on-line, publicações em redes sociais, fofocas e insinuações nos tabloides. As pessoas vão inventar boatos, e outras vão acreditar neles, mesmo que sejam ridículos e absurdos. Velhos amigos e conhecidos vão sair da toca com histórias, verdadeiras ou falsas, só para terem seus quinze minutos de fama. Isso tudo é uma possibilidade.

O calor se dissipou, e meu jantar se transformou em uma massa de cimento em meu estômago.

– Parece até que você está *tentando* me assustar – comentei, a ansiedade deixando minha voz mais aguda do que o normal.

Já havia estado sob os holofotes como primeira bailarina, mas aquilo era diferente. Eu era reconhecida principalmente por meus colegas e por entusiastas do balé. A população em geral não reconheceria uma bailarina na rua, mesmo que ela fosse a bailarina mais famosa do mundo.

Mas jogadores de futebol? Eles eram populares, especialmente no Reino Unido. Especialmente quando jogavam em um clube de ponta como o Blackcastle. E *especialmente* quando seu nome era Asher Donovan.

Ele nunca havia namorado sério, então o mero fato de termos um relacionamento (se o que tínhamos no momento chegasse a se transformar nisso) despertaria um interesse inacreditável. Sei que aos poucos deixaríamos de ser novidade e que a atenção das pessoas acabaria se dissipando, mas eu teria que enfrentar a tempestade primeiro.

– Não estou tentando te assustar, mas eu seria negligente se não te alertasse para o que pode acontecer.

Asher me observou atentamente, como se temesse que eu fugisse e nunca

mais olhasse para trás.

– Eu sei. E agradeço o cuidado. – Respirei fundo. A ideia de ser notada por tanta gente, e tão de perto, me aterrorizava, mas não podia mais deixar que meus medos me impedissem de fazer o que queria. – Vamos dar um jeito nos paparazzi. Mas temos um problema maior. Meu irmão.

Asher fechou a cara, visivelmente consternado.

– Vocês dois precisam resolver as suas questões, pelo bem do time *e* das suas carreiras – falei. – Vocês lembram por que nós começamos a treinar juntos? O Chefão vai ficar furioso se vocês insistirem nessa animosidade na próxima temporada.

– Chefão?

– O seu técnico. Armstrong. Eu e o Vincent o chamamos de Chefão porque, bem, ele é o chefe. Não é um apelido muito original, admito. – Mordi o lábio. – Por que vocês se odeiam tanto, afinal? Não tem só a ver com patrocínios ou com o prêmio de melhor jogador.

Se eu soubesse o *motivo*, talvez pudesse ajudá-los a se entenderem. Não queria que meu irmão e meu não-namorado-exclusivo se odiassem.

– Eu não odeio o Vincent – disse Asher. – Só não aguento olhar pra cara dele.

– Dá no mesmo.

– Talvez. – Ele se recostou na cadeira, virando o rosto de lado para se esconder dos demais fregueses. Felizmente, o barulho do lugar era alto o suficiente para abafar nossa conversa e impedir que possíveis bisbilhoteiros ouvissem alguma coisa. – Essa carreira é estranha. Grande parte dela acontece aos olhos do público, e com frequência nossos confrontos acontecem dentro e fora do gramado. A competitividade está no nosso sangue. Então, sim, parte da nossa rivalidade decorre da eterna batalha sobre quem é melhor jogador. Consigo ignorar isso. Faz parte. – Seus olhos escureceram. – Mas aí veio a Copa do Mundo.

Blocos de concreto se alojaram no fundo do meu estômago.

Aquela maldita Copa do Mundo. Eu deveria saber. A resposta era tão óbvia, mas aquilo tinha anos. Não havia me dado conta do impacto.

Embora Vincent tivesse nascido em Londres, ele se mudou para Paris e se tornou cidadão francês aos 6 anos, após o divórcio dos nossos pais. Por conta disso, jogou pela França em torneios internacionais. Durante a última Copa do Mundo, a Inglaterra e a França estavam empatadas na semifinal.

Com uns vinte minutos de partida, Vincent e Asher tiveram uma discussão que acabou com Vincent fingindo que havia se lesionado e Asher levando um cartão vermelho.

A perda de seu principal atacante virou a maré contra a Inglaterra, que era a favorita para ganhar a Copa. Em vez disso, perderam de 4 a 2, e a França venceu o torneio.

O árbitro foi criticado por sua decisão, mas isso não fez diferença. Imagens lado a lado de Vincent triunfante erguendo o troféu após a final e Asher arrasado saindo do campo na semi tomaram conta das notícias por semanas.

– Ele fingiu que se machucou, e o árbitro não viu. – A mandíbula de Asher se contraiu. – Se não fosse por ele, eu provavelmente teria uma Copa do Mundo.

Estremeci, sem saber como responder.

Para jogadores de futebol, a Copa do Mundo era o Santo Graal. Vincent havia passado *meses* comemorando após a vitória da França. Foi muito odiado pelos torcedores ingleses depois do torneio, mas como capitão e principal zagueiro do Blackcastle, ele também tinha uma base de fãs considerável que o protegia das piores críticas. Por fim, as pessoas superaram o fato e seguiram em frente.

Asher, não.

– Você ainda vai jogar outra Copa do Mundo – falei, num tom gentil. – Essa não foi a sua última chance.

– Tenho poucas chances. – Os olhos de Asher brilharam na iluminação fraca. – A Copa acontece a cada quatro anos, e muita coisa pode mudar nesse tempo. Talvez eu só tenha mais duas pela frente, isso se nenhuma lesão ou acidente me tirar do torneio mais cedo.

Aquela era uma verdade incontestável: a maioria dos jogadores nunca ganhará uma Copa do Mundo. Não importava se ele era incrível ou não. Ganhar uma Copa era um esforço de equipe.

Entretanto, embora isso explicasse por que Asher não gostava de Vincent, não explicava por que Vincent detestava tanto Asher, além da rivalidade de sempre.

– Resumindo, seu irmão é um babaca – disse Asher. – Dito isso, não é comigo que você tem que se preocupar se e quando ele descobrir sobre nós dois. Você o conhece melhor do que eu. Como acha que ele vai reagir?

– Humm… – Analisei os cenários que se desenrolaram em minha mente, aflita. Nenhum deles era ideal, para dizer o mínimo. – Não muito bem. *Mas* ele vai ouvir a voz da razão. – *Eu acho*. – Ele se preocupa com a carreira dele tanto quanto você. – *Dedos cruzados para que ele se importe mais com ela do que odeie você.* – Ele vai ficar com raiva no começo, mas vai superar.

Espero que sim.

Asher não parecia convencido.

– Ele me disse para ficar longe de você durante um dos treinos.

– *O quê?*

– Você estava no banheiro. – Ele deu um sorrisinho ao ver minha indignação. – Vincent disse que você estava fora de cogitação, mas que de qualquer maneira eu não teria chance, porque você nunca namoraria outro jogador de futebol.

Ouvi a pergunta implícita na segunda parte de sua frase, mas ignorei.

Ainda não estava pronta para falar sobre meu ex.

– Isso é a cara do Vincent – esbravejei. – Ele está sempre se metendo na minha vida. – Claro, eu não queria nada com Asher na época, mas ainda assim ele não tinha o direito de decidir com quem eu me relacionava ou não. Uma mulher não podia tomar as próprias decisões sobre sua vida amorosa? – Ele também me falou para ficar longe do Clive.

Aquilo me lembrou que eu precisava falar com ele. Dada a maneira como nosso primeiro encontro terminou, duvidava que ele estivesse a fim de um segundo, mas eu gostava de colocar um ponto-final nas coisas.

O sorriso de Asher se transformou em uma carranca.

– Ele estava certo sobre o Clive. Esse cara é péssimo.

– Porque ele é cafajeste? Vincent disse a mesma coisa. Sabe de uma coisa? Vocês dois são muito parecidos – falei. – Provavelmente seriam melhores amigos se não se desprezassem tanto.

Dei risada da careta de Asher. Eu estava falando sério. Eles seriam, *sim*, ótimos amigos, mas eram teimosos demais para deixarem de lado suas diferenças e enxergarem isso.

Com sorte, isso mudará no futuro. Até lá, só podia rezar e esperar que Vincent não perdesse a cabeça quando lhe déssemos a notícia. *Como* faríamos isso era um problema para outro dia.

– Então, agora que já colocamos as cartas na mesa… – Fiz um gesto ao

nosso redor. – Este é o nosso primeiro encontro oficial como um casal exclusivo que não é um casal?

– Este é um pré-encontro. – O olhar ao mesmo tempo insinuante e divertido de Asher rastejou sob minha pele, me deixando completamente inebriada. – Quando eu te levar ao nosso primeiro encontro, você vai saber.

Algo quente e lânguido se espalhou pelo meu corpo.

Pela primeira vez desde que sentamos, desejei que estivéssemos comendo em casa em vez de em um restaurante. Queria muito…

– Olá. Desculpa interromper, mas você é o Asher Donovan?

Eu e Asher nos voltamos na mesma hora para o adolescente nervoso parado ao lado da nossa mesa. Eu nem tinha ouvido o garoto se aproximar.

Testemunhei a transformação de Asher em tempo real.

Sua postura relaxada se endireitou e sua boca se esticou em um sorriso educado, pronto para a câmera. Sua descontração de segundos antes se esvaiu.

Ainda era ele, mas uma versão brilhante e cautelosa.

– Sim – disse ele, simpático, com o sorriso intacto.

– Uau. – Os olhos do garoto brilharam de admiração. – Não acredito que você está aqui. Pode me dar um autógrafo? – Ele empurrou um guardanapo e uma caneta para Asher. – Sou *muito* seu fã.

– Claro. – Asher assinou o guardanapo, o seguinte e o seguinte também.

Depois que o garoto se aproximou da gente, os demais clientes perceberam quem estava comendo no meio deles e clamaram por uma chance de chegar perto do astro.

O clima mudou tão rápida e drasticamente que nenhum de nós estava preparado para o ataque. Um fã excessivamente entusiasmado quase me derrubou da cadeira em sua ânsia de chegar até ele, e tive que proteger o rosto com um cardápio para evitar ser pega no fundo das fotos.

Depois de dez minutos de caos, o dono do restaurante finalmente afastou a multidão e forçou todos a voltarem para seus lugares. Ele nos pediu muitas desculpas e, em seguida, solicitou uma foto com Asher para pendurar na parede.

O jantar havia oficialmente terminado.

Rapidamente pagamos e saímos, mas a ansiedade que eu havia deixado de lado mais cedo ressurgiu mesmo depois de chegarmos em segurança ao carro de Asher. Ela apertou meu peito, cortando meu suprimento de

oxigênio.

– Sinto muito por isso. – A preocupação cruzou o rosto dele. – Sinceramente, não achei que alguém fosse me reconhecer. Mas quando uma pessoa reconhece…

– Tudo bem – respondi, com um sorriso trêmulo. – Era um adolescente. Eles têm instintos de tubarão quando se trata de seus ídolos.

Não dissemos o que ambos estávamos pensando, ou seja, que o restaurante tinha sido apenas uma amostra do que estava por vir se a imprensa descobrisse que estávamos juntos. Felizmente, os clientes estavam ocupados demais bajulando Asher para perguntar quem eu era, mas era apenas uma questão de tempo.

Ainda assim, poderia ter sido pior. Não me machuquei (com exceção de algumas cotoveladas acidentais e safanões com bolsas), e ninguém me fotografou. Mesmo que tivessem, eu viveria no rolo da câmera do telefone deles em vez de nos tabloides.

Nossos obstáculos não eram intransponíveis.

Tínhamos conversado e tudo ficaria bem.

Eu tinha certeza.

CAPÍTULO 27

ASHER



Já ouviram falar da Wilma Pebbles?

ADIL

Ela é modelo? Gostei do nome com essa pegada meio *Flintstone*. Deve ser gata

É uma escritora

ADIL

Ah

ADIL

Ela faz uns bicos como modelo?

NOAH

Você é um idiota

NOAH

Eu nunca deveria ter te desbloqueado

ADIL

Sua vida não teria a menor graça sem mim, e você sabe disso

ADIL

Seria tipo adesivo sem cola. Sorvete sem açúcar. Pizza sem azeitona

NOAH

Você comeu merda? Do que você tá falando?

Gente, FOCO

E não, a Wilma NÃO FAZ bicos como modelo. Mas ela escreveu um livro que parece interessante. O nome é *Tricerátops à trois*

NOAH

…

ADIL

…

ADIL

Tipo o dinossauro?

É. Parece que livros eróticos de dinossauros estão na moda

NOAH

…

ADIL

…

ADIL

Sério, o que você anda fazendo em Londres?

ADIL

Aliás, você acha que os tricerátops usam os chifres pra transar?

NOAH WILSON SAIU DO GRUPO

CAPÍTULO 28

SCARLETT



As duas semanas seguintes foram um turbilhão de ensaios, treinos e momentos roubados com Asher.

Queríamos manter nosso novo status de relacionamento em segredo, então não contamos a ninguém, exceto a Carina e a Brooklyn.

No entanto, apesar das sessões cheias de tensão sexual e de mais alguns orgasmos em *ambas* as casas, Asher e eu ainda não havíamos tido um encontro oficial.

Nossa ida ao Kew Gardens, que eu nunca havia visitado, apesar de ser nascida e criada em Londres? Não foi um encontro.

Nossos drinques tarde da noite em um bar secreto, seguidos de uma caminhada bêbados ao longo do Tâmisa? Não foi um encontro.

Nossa maratona de sexo, comida e filmes clássicos de Hedy Lamarr no fim de semana? Não foi um encontro.

Àquela altura, estava começando a suspeitar que Asher não sabia o significado da palavra "encontro".

Meus dedos voavam pelo teclado do telefone quando entrei na sala de ensaios da RAB. Havia criado um grupo com Carina e Brooklyn no início daquela semana. Estava um pouco nervosa com a possibilidade de elas não se bicarem, mas gostava muito de Brooklyn, e ela era nova na cidade.

Carina e eu geralmente gostávamos das mesmas pessoas, e não conseguia pensar em um bom motivo para que elas *não* se dessem bem.

Havia apresentado as duas quando criei o grupo, então fui direto ao

assunto:

O que vocês acham de jogarmos pôquer?

BROOKLYN

Tipo strip pôquer?

CARINA

Não tinha me dado conta de que o grupo era pra ESSE tipo de coisa 👀

Engraçadinha

Pensei em fazermos uma social só das garotas lá em casa. Pôquer e bebidinha. Topam?

CARINA

Tô dentro. Faz muito tempo que não jogo pôquer, então peguem leve comigo

BROOKLYN

Também tô dentro. Só me avisar quando

BROOKLYN:

Não se preocupa. Prometo não arrancar todo o seu dinheiro 😉

– Scarlett! Ótimo, você está aqui.

A voz de Tamara desviou meu foco da conversa e o levou para o palco, onde o restante do grupo estava se aquecendo. Ela era uma das instrutoras sênior da RAB e a diretora de ensaios do espetáculo.

– A Yvette teve uma consulta médica de última hora, então você vai ter que dançar no lugar dela – disse Tamara.

Meu coração parou.

– Dançar no lugar dela?

– Sim. – Ela arqueou as sobrancelhas. – É um problema?

– Não. – Senti um calafrio avassalador, que deixou meus braços e peito arrepiados. – Claro que não. É… é pra isso que estou aqui.

– Ótimo. – Tamara saiu para falar com o coreógrafo enquanto meus pés continuaram colados ao chão.

As palmas das minhas mãos ficaram úmidas quando olhei para o palco. Os substitutos raramente dançavam com todo o elenco durante os ensaios, e eu não estava preparada para a repentina convocação.

Meu trabalho era substituir alguém em casos de emergência, mas agora que uma havia acontecido, não conseguia me livrar de uma onda de nervosismo.

Durante os encontros, havia ensaiado, mas sozinha, e tinha memorizado cada trecho da apresentação. Mas havia uma diferença entre ensaiar por conta própria e ensaiar com outras pessoas.

Aquele ensaio seria minha primeira apresentação completa, com elenco completo, desde o acidente. Para mim, um acontecimento como esse viria com sinais claros, como luzes neon piscando ou pelo menos um aviso de Yvette.

Como não foi o caso, forcei meus pés a se moverem pelo chão, subirem os degraus e pisarem no palco.

Aquecimento. Eu era capaz de fazer aquilo. Já havia feito um aquecimento antes.

Meu coração foi parar na garganta. A empolgação por ter conseguido o papel de substituta, todas aquelas semanas atrás, se derreteu sob as luzes e os olhares de soslaio do resto da equipe.

Eles sabiam do meu passado. Será que achavam que eu faria besteira? Será que achavam que minha mudança de bailarina principal para substituta era patética?

Deixa de ser paranoica. Ninguém está julgando você.

Respirei fundo, me concentrei no pedaço de chão ao meu redor e comecei a me alongar.

Um. Dois. Três. As contagens silenciosas e regulares estabilizaram minha respiração e acalmaram meus batimentos. Quando terminei, a ansiedade havia diminuído.

Tamara bateu palmas.

– Muito bem, vamos do começo! – disse ela, quando todos estavam

posicionados.

A música começou, e eu não tinha mais tempo para surtar. Era dançar ou morrer, então dancei.

O lado bom de *Lorena* era que sua coreografia valorizava meus pontos fortes como bailarina. Fazia cinco anos que não me apresentava, mas tinha vivido e respirado balé por dezesseis anos antes disso. Meu corpo se lembrava de como era.

Após um início hesitante, aos poucos os movimentos começaram a fluir. *Pirouettes*, *arabesques*, *grand battements*… Foi como cumprimentar velhos amigos que não via fazia muito tempo.

Se fechasse os olhos, quase poderia me imaginar no Westbury, dançando para o público da noite de estreia.

Não é tão ruim assim. Você consegue. Você…

O rugido repentino das portas do auditório se abrindo atravessou a música. Parecia um grito metálico.

Metal. Sangue. Fumaça.

Fiquei exasperada. Minha cabeça instintivamente se voltou para a entrada, arruinando minha coreografia, e minha visão foi tomada por imagens do passado, e não da pessoa que havia acabado de entrar.

Pulmões perfurados, costelas quebradas, pélvis estilhaçada…

Com fisioterapia consistente e de longo prazo, ela vai recuperar o uso normal das pernas, mas receio que o balé profissional não seja mais viável…

Recomendo fortemente a cirurgia. Sem isso, talvez ela nunca mais volte a dançar. Nem mesmo por diversão.

Tropecei. O suor encharcou minha testa, e o ar ficou rarefeito em meus pulmões. As luzes do palco estavam tão *quentes* que eu não conseguia pensar direito. Qual era a próxima parte da coreografia? Deveria ir para a esquerda ou para a direita? Quanto tempo faltava para aquela maldita dança acabar?

Minhas têmporas latejavam de tensão.

– Scarlett? Scarlett!

Levantei a cabeça, com a respiração entrecortada.

Merda. O restante do elenco havia parado de dançar e olhava para mim, os rostos pintados em vários tons de preocupação, irritação e julgamento.

A humilhação rastejou pela minha pele como formigas-de-fogo em solo rachado.

– Você está bem? – perguntou Tamara. Foi ela que tinha me chamado pouco antes, e notei que ela me observava com apreensão. – Se não estiver se sentindo bem…

– Não. Eu tô bem. – Eu me endireitei e engoli a bile em minha garganta. – Não me hidratei o suficiente e fiquei tonta, mas consigo concluir o ensaio. Juro.

Eu *não ia* abandonar o ensaio. Recusava-me a fugir com o rabo entre as pernas depois de um passo em falso, e nunca na minha vida havia desistido voluntariamente de nada com que tivesse me comprometido. Não iria começar naquele momento.

Tamara pareceu descrente, mas não discutiu. Já estávamos atrasados, e os outros membros do elenco pareciam inquietos.

A música recomeçou. Felizmente, consegui voltar a executar a coreografia, mas nunca me recuperei do meu primeiro erro. Ou perdia minhas deixas ou estava meio tempo atrasada, o que fazia com que os outros perdessem a contagem *também*. Foi um desastre e, quando o ensaio terminou, eu quis chorar.

Saí do palco com a cabeça baixa, mas ouvi trechos dos cochichos trocados pelos meus colegas.

– Uma tarde inteira desperdiçada.

– Espero que a Yvette não se machuque antes do espetáculo, senão a apresentação vai ser um pesadelo.

– Por que a Lavinia a colocou como substituta? Ela nem sequer fez o teste.

Respirei fundo, tentando conter as lágrimas. Não os julgava por não confiarem em mim. Se estivesse no lugar deles, também estaria irritada.

Estava tão tomada pelo desgosto que me esqueci da pessoa que havia entrado no meio do ensaio até ouvir sua voz.

– Scarlett.

Meus pés pararam.

Um piscar de olhos afastou as sombras dos assentos e do carpete, revelando uma estrutura musculosa familiar e maçãs do rosto bem marcadas. Uma ruga de preocupação franzia suas sobrancelhas, mas seus olhos eram suaves quando pousaram em mim.

Asher.

O auditório estava vazio, então éramos apenas nós dois, e o eco do meu

nome ressoou.

Scarlett.

Foi o que bastou.

O pranto me subiu a garganta e se libertou com um pequeno soluço. Assim que a primeira lágrima se libertou, as outras a acompanharam, invadindo o espaço cavernoso com o som humilhante do meu fracasso.

Eu *odiava* chorar em público, mas os fios do meu controle haviam se esgarçado a cada minuto de ensaio. Minha contenção chegou ao limite, e bastou encontrar um abrigo seguro para que eu desabasse.

Em um segundo, Asher estava ao meu lado, com seus braços me envolvendo enquanto eu pressionava o rosto molhado de lágrimas em seu peito. Ele não disse uma palavra. Apenas me abraçou, e seu abraço era tão forte e firme que tive a certeza de que poderia suportar até mesmo a mais devastadora das tempestades.

– Eu estraguei tudo – choraminguei. – O ensaio. Eu estraguei tudo. Esqueci a coreografia, atrapalhei todo mundo, eu… – Um soluço dividiu minha aversão a mim mesma pela metade. – Eu não vou conseguir. Não sou nem a bailarina principal e já fiz tudo errado.

Meu eu do passado teria dado um tapa no meu eu do presente por conta das palavras que haviam saído da minha boca. Eu acreditava que qualquer pessoa era capaz de fazer qualquer coisa se se esforçasse o suficiente, mas estava cansada de ter que me esforçar *tanto*.

Em alguns dias, era uma luta só para sair da cama. Estava constantemente em guerra com meu corpo, minhas emoções e tudo o que deveria estar do meu lado, mas não estava.

Estava exausta. Tudo o que queria era ficar ali para sempre, cercada pelo calor de Asher e pelas batidas reconfortantes de seu coração. Com ele, eu não precisava me esforçar. Podia simplesmente… ser.

– Você vai conseguir, *sim*. – Havia firmeza por trás de seu tom gentil. – Esta é a primeira vez que você dança com um elenco em anos. Dê a você mesma a chance de evoluir.

– Evoluir e depois o quê? Eles nunca vão me deixar substituir a Yvette agora – falei, baixinho. Eu não *queria* substituir Yvette. Se estragasse a apresentação como fiz nos ensaios, nunca mais seria capaz de dar as caras na RAB. Nunca mais conseguiria *me* olhar no espelho. – Não vou ficar surpresa se a Lavinia me chamar na sala dela amanhã e tirar o papel de mim.

Minha torrente de lágrimas finalmente diminuiu. Eu me afastei do peito de Asher e enxuguei as bochechas com raiva.

– Eu deveria ter praticado mais, mas estou…

Estou com medo.

Estava envergonhada demais para expressar a insegurança em voz alta.

A médica havia dito que eu podia dançar, desde que não exagerasse, mas eu ficava preocupada, pois *teria* que exagerar para dominar a coreografia. Estava enferrujada depois de anos longe do balé. Estava me saindo bem na cena de abertura até me distrair e tudo ir por água abaixo, mas será que seria capaz de me manter assim durante vários ensaios e uma apresentação completa?

Surpreendentemente, meus músculos não estavam gritando de dor após os esforços do dia, mas isso não era algo garantido. Estava bem em um dia e agonizando no seguinte. Mesmo que eu *conseguisse* manter esse nível de desempenho, teria que lidar com a pressão psicológica de estar no palco outra vez. E se minhas memórias me levassem de volta ao abismo durante a apresentação? E se eu congelasse novamente e me tornasse motivo de piada? Como meus alunos me levariam a sério se eu não conseguisse dominar uma única apresentação?

Apesar das crises de nostalgia em relação à minha antiga carreira, adorava meu trabalho na RAB. Havia saído de um buraco de amargura e ressentimento para construir uma nova vida ali, e não queria colocar isso em risco.

– Se você quer ensaiar mais, nós podemos ensaiar mais. Ainda dá tempo. – Asher passou o polegar na minha bochecha e secou uma lágrima perdida. Seus olhos examinaram meu rosto. – Você quer ensaiar mais?

Várias respostas surgiram na ponta da minha língua.

Sim. Não. Não sei.

Não era a resposta mais fácil.

Sim era o desafio otimista.

Não sei era a verdade, então foi ela que escolhi.

– Provavelmente estou pensando demais, como sempre – falei, com um sorriso fraco. Agora que as lágrimas tinham diminuído e eu tinha outra companhia além de meus pensamentos traiçoeiros, era mais fácil me afastar da beirada do precipício e do desespero. – As chances de eu dançar no lugar da Yvette outra vez são mínimas. Acho bem difícil que isso aconteça de

novo.

– Talvez, mas os ensaios não seriam pra mais ninguém. Seriam pra você. – A mão de Asher parou na curva da minha mandíbula. Ele segurou meu rosto, com um toque carinhoso. Inconscientemente, eu me inclinei na direção dele. O cansaço estava se instalando em meus ossos, mas a pressão de sua pele contra a minha me deu força suficiente para continuar. – Se você está com medo de se esforçar demais, eu tenho uma solução.

Ele sempre sabia o que eu estava pensando sem que eu precisasse dizer nada.

– Podemos incorporar as suas práticas ao meu treino – disse ele em resposta à minha expressão intrigada. – Você não precisa dançar as duas horas completas todas as vezes. Podemos dividir a coreografia em partes. Noventa minutos para o meu treino, trinta pro seu, dependendo de como estiver se sentindo. Vamos estar no estúdio de qualquer maneira. Podemos muito bem aproveitá-lo ao máximo. – Ele deu um sorriso travesso. – Não sou bailarino, mas posso te ajudar a ter foco se for preciso.

Uma risada limpou a rouquidão em minha garganta.

– Acho que no balé foco não tem o significado que você acha que tem.

A focalização é uma técnica utilizada por dançarinos a fim de manter o controle e evitar tonturas durante a execução de várias piruetas. Envolvia encontrar um ponto focal fixo e não tinha nada a ver com incentivar alguém, como acontecia numa academia.

– Ah, sim. – Asher deu de ombros. – De qualquer maneira, estarei lá se você precisar de mim.

Lutei contra uma onda de emoção.

– Obrigada. Isso é… – *Não comece a chorar de novo. Uma vez já deu.* – Vou pensar sobre isso.

Era uma boa ideia. Ficava no limite entre a prática e o esforço excessivo, e eu poderia ensaiar sem a pressão dos colegas. Era uma opção mais palatável do que desistir.

Senti vergonha da minha fraqueza de espírito. Se Asher não estivesse ali, eu teria aceitado a derrota depois de um único ensaio malsucedido.

Era esse o tipo de pessoa que eu havia me tornado? Será que tinha ficado tão mole que não conseguia lidar com um dia ruim, ou será que era tão dura comigo mesma que achava que um dia ruim era o fim do mundo?

Não gostei de nenhuma das opções.

– Na verdade, não preciso pensar – declarei. Minha determinação se firmou. – Você tem razão. Vamos acrescentar a minha prática aos nossos treinos.

– Ótimo. – O sorriso de Asher foi tão lento e lânguido quanto o calor infiltrando-se em minha pele. – Essa é a minha garota.

Essa é a minha garota.

Cinco palavras não deveriam ter o poder de me fazer desmoronar, mas foi o que elas fizeram.

Senti um frio na barriga avassalador. Isso me distraiu tanto que quase não dei a devida atenção ao fato de ver Asher de volta à RAB. Até onde eu sabia, ele não havia pisado no edifício desde que mudamos nosso local de treinamento.

– O que você tá fazendo aqui? – perguntei conforme subíamos lentamente as escadas em direção à saída. – Nós não tínhamos marcado uma reunião, tínhamos?

– Não, mas tive uma com a Lavinia. Era uma das exigências do técnico ter uma conversa com ela no meio do verão. – Asher colocou a mão na parte inferior das minhas costas e me guiou ao redor de uma caixa de acessórios que alguém havia largado de qualquer jeito no corredor. – Não se preocupe. Não falei tão mal de você.

– Uau, obrigada. Agradeço o elogio efusivo.

– Disponha. – Sua boca se contraiu. – Mas também queria passar aqui para ver você. Queria te dar um aviso formal.

Olhei para ele com cautela.

– Sobre o quê?

– Sobre este fim de semana.

Ele empurrou a porta para abri-la.

Felizmente, dessa vez, as dobradiças soltaram um rangido em vez de um grito metálico.

Vasculhei meu cérebro em busca de futuras ocasiões especiais e não encontrei nada.

– O que vai ter neste fim de semana?

Asher olhou para mim novamente, a malícia dançando em seu rosto.

– Vamos ter o nosso primeiro encontro oficial.

CAPÍTULO 29

SCARLETT



Asher se recusou a me contar em que consistiria nosso encontro. Ele me forneceu apenas que tipo de roupa deveria usar (algo bonito, mas informal), então passei os quatro dias seguintes tentando adivinhar para onde ele me levaria.

Minhas amigas ajudaram. Nosso novo grupinho estava cada vez mais ativo, e fiquei aliviada ao ver que Carina e Brooklyn estavam se dando bem, ao menos virtualmente. No começo, o contato foi um pouco hesitante, mas àquela altura as mensagens de texto não paravam de pipocar.

CARINA

Ótimo, mas informal é a descrição MAIS genérica de todas. Ele não te deu mais nenhum detalhe?

Não. Ele não quer me dizer nem em que bairro vai ser

BROOKLYN

Talvez não seja nem em Londres

BROOKLYN

Talvez ele vá te levar pra passar um fim de semana em algum vilarejo romântico das Cotswolds ou algo assim

Humm… Acho que não vamos viajar, senão ele teria me dito pra fazer uma mala

CARINA

Meu amor, ele é multimilionário. Você não precisa fazer mala. Ele pode comprar o que você precisar quando chegar lá

BROOKLYN

Exatamente!

Gente, sério. Eu realmente acho que não é uma viagem

De qualquer maneira, não quero ir a lugar nenhum por enquanto. Prefiro uma coisa mais tranquila

BROOKLYN

Buuuu

CARINA

Nada de lembrancinhas pra gente, então ☹️

Spoiler: ele não me levou para as Cotswolds. Em vez disso, fomos parar na… casa de alguém?

– Isso é uma residência particular?

Estiquei o pescoço para conseguir ver os quatro andares da estrutura gigante de tijolos vermelhos à nossa frente. Era tão grande que poderia funcionar como um hotel.

– Na maior parte do tempo, sim. Hoje, é… outra coisa – respondeu Asher.

– Isso não é nem um pouco vago, imagina…

– Às vezes, a vida é mais divertida quando há um pouco de mistério. – Ele riu da minha birra. – Não se preocupe, querida. Já, já eu te explico.

Ele bateu na porta. Ela se abriu dois segundos depois, revelando um homem alto e magro, com cabelo grisalho e um terno preto perfeitamente engomado. Parecia um mordomo saído diretamente de um filme.

– Sr. Donovan, Srta. DuBois. Sejam bem-vindos. – Ele nos cumprimentou com uma pequena reverência. – Sou o Sr. Harris, o mordomo-chefe. Por favor, me acompanhem.

Mordomo-chefe? Havia mais de um?

O mistério se aprofundou à medida que fomos caminhando pela casa. Asher disse que era uma residência particular na maior parte do tempo, mas eu não via nenhum objeto pessoal. Apenas quilômetros de mármore reluzente e pinturas a óleo originais penduradas em molduras douradas.

Nossos passos ecoavam pelos enormes corredores. Fora isso, o lugar era silencioso como um mausoléu. Se não fosse pela presença tranquilizadora de Asher, eu teria ficado apavorada.

Achei que o Sr. Harris estivesse nos levando aos jardins ou a uma sala de cinema, mas paramos na cozinha.

– Façam bom proveito. – Ele fez outra reverência. – Se precisarem de alguma coisa, qualquer coisa que seja, fiquem à vontade para me chamar pelo interfone.

Com isso, ele se retirou, deixando-nos naquela que talvez fosse a maior cozinha que eu já havia visto. Mesmo não ligando muito para essas coisas, fiquei impressionada. A cozinha contava com uma ilha imensa, utensílios de nível profissional, três geladeiras Sub-Zero de aço inoxidável e muito espaço de armazenamento… Era o sonho de qualquer chef.

Um homem absurdamente bonito, com cabelo castanho-escuro e olhos cor de avelã, estava no meio dela. Ele usava calça preta e uma camisa branca bem passada com as mangas arregaçadas, e exalava um charme natural que devia fazer a maioria das mulheres cair aos seus pés.

Se eu não estivesse namorando Asher, provavelmente teria sucumbido só de ver os antebraços dele.

– Seb! Eu não sabia que você estava em Londres. – Asher pareceu

surpreso. – Achei que o Gerard fosse ser o nosso instrutor.

– Ele ia, mas, ironicamente, teve uma intoxicação alimentar ontem. Não em um de nossos restaurantes, é claro – acrescentou o homem. Ele cumprimentou Asher com um tapinha no ombro e abriu um sorriso radiante ao estender a mão para mim. – Sebastian Laurent. – Sua voz continha um leve e suave sotaque francês, evocando imagens de vinhedos ensolarados e passeios ao longo do Sena.

– Scarlett – falei. – DuBois – acrescentei um segundo depois. Eu tinha que me apresentar com meu nome completo agora?

– DuBois. – As sobrancelhas dele se ergueram um centímetro. – Algum parentesco com Yves DuBois?

Dei um sorriso.

– É meu tio-avô.

O irmão do meu avô era um costureiro famoso. Não nos falávamos muito, mas de vez em quando ele me enviava um vestido do nada, o que era suficiente para que ele caísse nas minhas graças para sempre. Os vestidos de Yves DuBois não eram baratos.

– O Sebastian é o diretor de marketing do Laurent Restaurant Group – disse Asher. – Essa é a casa dele.

– Casa de meio período. Eu moro em Nova York – explicou Sebastian. – Quando não estou aqui, transformo a casa em um local para eventos e atividades VIP da marca, como o que estamos fazendo hoje.

Eu tinha uma ideia, mas perguntei mesmo assim.

– Que seria…?

– Uma aula de culinária. – Os olhos de Asher brilharam. – Você adora sistemas, e não há nada mais sistemático do que cozinhar. Dê uma olhada em qualquer receita. É literalmente um guia passo a passo.

O raciocínio dele foi tão inesperado, mas tão perfeito, que não pude deixar de rir.

– Passo a passo, com espaço para interpretação. – Sebastian sorriu. – Mas hoje vamos nos ater às regras, já que é a primeira vez de vocês.

Ele nos entregou os aventais e nos deu uma breve explicação sobre as diretrizes e a programação. Aprenderíamos a preparar uma refeição de três passos, composta de salada, prato principal e sobremesa.

– Como o Asher mencionou antes, Gerard Brazier deveria ser o instrutor hoje, mas infelizmente não foi possível. É a vida. – Sebastian deu de ombros

com uma expressão tipicamente francesa. – Espero que vocês não se importem de eu assumir o comando. Não sou um chef com estrela Michelin, mas cursei uma escola de gastronomia antes da faculdade de administração. Tradição familiar – explicou ele, quando minhas sobrancelhas se ergueram. – Trabalhamos com comida. Se quisermos vendê-la, devemos saber tudo o que é necessário para produzi-la.

– Não me importo nem um pouco. – Amarrei o avental às costas. – Embora ache que um diretor de marketing não deveria estar gastando seu sábado à tarde com isso.

Sebastian abriu um sorriso.

– Eu acompanho a carreira do Asher desde que ele estava no Manchester United, então faz um tempo que nos conhecemos. Não poderia desperdiçar a oportunidade de fazê-lo sofrer um pouco.

Dei risada, e Asher revirou os olhos.

– Não dê ouvidos a esse cara – disse ele. – Posso não ter frequentado uma escola de gastronomia, mas sei me virar na cozinha.

Ele tinha razão. Sabia mesmo – muito melhor do que eu.

Conforme a aula se desenrolou, ficou dolorosamente claro que meus talentos não incluíam preparar saladas ou grelhar filé-mignon.

Mesmo assim, eu adorei. Sebastian nos manteve entretidos com histórias sobre eventos anteriores, enquanto Asher tentava me convencer de que meu filé não estava *tão* esturricado assim (estava) e eu tentava roubar uma das framboesas de seu cheesecake sem que ele percebesse (ele percebeu, mas me deixou comer mesmo assim).

Foi diferente, interativo e *divertido*. Não senti nenhuma pressão para ser "esperta o suficiente" ou "charmosa o suficiente" – não que eu já tivesse sentido essa pressão com Asher em qualquer momento, mas foi bom passar um tempo com ele em um ambiente íntimo e casual.

Independentemente da atração física e dos sentimentos românticos, eu gostava de estar com ele. Algumas pessoas drenavam minha energia se eu ficasse perto delas por muito tempo, mas Asher me iluminava.

Depois da aula, levamos a comida para a sala de jantar, que parecia sofisticada demais para meu bife queimado.

– Aqui eu me despeço de vocês. Scarlett, foi um prazer. – Sebastian me deu um beijo cordial na bochecha. – Asher, estou ansioso pela próxima temporada. E torcendo para que o Blackcastle vença o campeonato. – Ele

deu um tapinha nas costas de Asher novamente e deu uma olhada no meu prato. Mal conseguiu disfarçar uma careta. – Por favor, é… aproveitem a refeição. O Sr. Harris vai trazer o vinho.

Vocês precisarão dele. Sebastian era educado demais para dizer isso, mas eu sabia o que ele estava pensando. Minha comida estava simplesmente um desastre.

– Vem cá – disse Asher quando Sebastian saiu. Ele fez um gesto para que eu trocasse de lugar com ele. – Você fica com a minha comida, eu fico com a sua.

– De jeito nenhum. – Não saí do lugar. – Não vou te obrigar a comer isso.

– Você vai comer, então?

– Não está tão ruim assim. A salada dá para comer… eu acho.

A boca de Asher se contraiu.

– Tá bem. Eu vou dizer uma coisa e não quero que você se ofenda.

– Deixa eu adivinhar. Eu sou uma péssima cozinheira?

– Bem, sim. Mas não era isso que eu ia dizer, embora esteja, *sim*, relacionado a isso. – Ele apertou o botão do interfone ao lado da mesa. – Sr. Harris, pode trazer nossa comida, por favor?

Fiquei boquiaberta quando os garçons voltaram, dessa vez com pratos frescos que com certeza não havíamos preparado.

– Peraí. Você tinha uma refeição reserva esse tempo *todo*? – perguntei, revoltada. – Você fez a gente assistir à aula pra nada?

– Não foi "pra nada". Eu tinha esperança – respondeu Asher, achando graça do meu suspiro indignado, os olhos brilhando. – Desculpa, querida. Você é linda, talentosa e maravilhosa em muitos aspectos, mas depois que você me disse que achava impossível cozinhar camarão demais… achei melhor prevenir do que remediar.

– Não foi culpa minha! Eu te falei que a internet mentiu… – resmunguei, mas eu precisava aceitar a verdade: a refeição que preparei *estava* horrível, então fiquei feliz por ter uma alternativa.

– Espero que tenha se divertido de qualquer maneira, mesmo que o bife não tenha saído como planejado. – O canto da boca de Asher se contraiu novamente. – Pensei que faríamos a aula pela experiência e não, é… pelo resultado.

Amoleci. Como poderia ficar brava quando ele era tão atencioso o

tempo todo?

– Eu me diverti, sim. Foi um dos melhores encontros que já tive.

– Fico feliz. – Asher fez uma pausa. Agitou seu vinho. Então disse: – Um dos? Que encontros foram melhores do que esse?

– Ah, sei lá... – Contraí os lábios, selando a risada que ameaçou sair ao ver que ele obviamente estava tentando pescar alguma coisa. – Teve o passeio de helicóptero no Havaí, e a refeição de oito etapas em uma praia no Caribe…

Era tudo mentira. Nunca tinha ido ao Havaí nem ao Caribe, mas Asher ficava lindo demais quando se decepcionava para não ser provocado.

Ele fechou a cara, e não consegui segurar mais. Minha risada se libertou, ricocheteando nas paredes e sacudindo a prataria, incontrolável.

Asher semicerrou os olhos, entendendo tudo.

– Você estava tirando sarro de mim.

– Desculpa. Não resisti. – Minhas bochechas doíam de tanto rir. – Nunca vi alguém ficar tão irritado só de ouvir falar no Havaí, mas era brincadeira. Este *é o* melhor encontro que já tive. – Apontei ao nosso redor. – Meu ex jamais teria pensado em algo assim. Ele gostava de coisas chamativas. Jantares chiques, tratamento de alto nível. Também gosto dessas coisas, com moderação, mas às vezes sentia que ele fazia tudo aquilo mais para se exibir do que para curtirmos um momento juntos. Então, isso… – Minha alegria se transformou em algo mais suave. – Isso foi perfeito.

Provavelmente não era legal falar sobre um ex durante um encontro, mas Asher pegou o fio da meada e continuou puxando:

– Quando vocês terminaram? – perguntou ele.

– Cinco anos atrás.

Asher franziu as sobrancelhas.

– Sim. Foi logo depois do meu acidente. – Tomei um gole revigorante de vinho e fiquei refletindo sobre até que ponto deveria contar a ele. Não queria transformar nosso jantar em uma sessão de terapia. Fazia anos que não falava sobre Rafe. As únicas pessoas que conheciam os detalhes de nossa separação eram minha família e Carina, mas não era isso que os casais faziam? Compartilhar momentos de seus passados, tanto bons quanto ruins, um com o outro? Ele havia confiado em mim ao me contar sobre Teddy; era justo que eu lhe contasse sobre Rafe.

Além disso, embora não fôssemos um casal oficialmente, eu me sentia

mais à vontade de conversar com Asher do que com qualquer outra pessoa com quem tivesse saído.

– Nós começamos a namorar quando eu tinha 18 anos – falei. – Ele e o Vincent eram colegas de time na época, e foi assim que a gente se conheceu. Passamos três anos juntos. Foi meu primeiro relacionamento sério, e eu o achava o máximo. Falávamos em nos casar um dia, até. – Brinquei com a taça de vinho, perdida em lembranças. – Que ingenuidade. Éramos muito jovens, e fomos engolidos pela fama e pelo dinheiro. Principalmente ele. Isso me impediu de ver coisas problemáticas que deveriam ter sido sinais de alerta. Mas eu o amava, ou pelo menos amava a *ideia* que tinha dele, e realmente acreditava que ficaríamos juntos para sempre.

Às vezes, eu me lembrava da garota que costumava ser e não conseguia acreditar que éramos a mesma pessoa. Ela era tão radiante e sagaz, cheia de esperança e brilho nos olhos. Rígida quando se tratava de sua carreira, mas romântica em todos os outros aspectos.

Veja aonde isso a levou.

– As coisas estavam indo tão bem que pensei que ele fosse me pedir em casamento. Aí… – Engoli com dificuldade. – Aí eu sofri o acidente. Depois disso, passei semanas internada. Minha recuperação foi muito difícil, tanto física quanto emocionalmente. O Rafe não conseguiu lidar com isso. Ele queria namorar a bailarina linda e notável, não… não aquela versão destruída de mim que vivia deprimida e irritada o tempo todo. Eu tinha bons motivos para me sentir daquela forma, mas, como eu disse, nós éramos jovens. Não estávamos preparados para lidar com o estresse que aquilo trouxe ao nosso relacionamento. Ele terminou comigo um mês depois de eu receber alta do hospital e começou a namorar outra pessoa duas semanas depois disso.

Rafe realmente não perdia tempo.

A expressão de Asher se endureceu. Sua raiva não vinha à tona com frequência, mas, quando isso acontecia, transformava seu rosto por completo, afiando os ângulos e esculpindo buracos escuros sob suas maçãs do rosto.

– *Desgraçado*.

– Tá tudo bem. – Balancei a cabeça. – Não me entenda mal. Eu o odiei na época, mas, olhando para trás, foi o melhor pra nós dois.

O tempo e a terapia haviam embotado as pontas afiadas da minha raiva.

Jamais seríamos amigos, mas também não o xingava toda vez que pensava nele.

Entretanto, seu abandono me deixara com problemas de confiança profundamente arraigados. Isso também tirou o brilho do nosso relacionamento, e passei a enxergar os defeitos que a paixão havia encoberto: a arrogância, o desespero por status, o desejo de me ter como um troféu em vez de uma pessoa.

Eram coisas que eu não havia percebido porque o amava, mas, como sempre diziam, é na adversidade que as pessoas revelam sua verdadeira natureza.

Os lábios de Asher se contraíram.

– É por causa dele que você não sai com jogadores de futebol.

Assenti.

– Eu estava tão magoada, e o futebol era uma parte tão importante de quem ele era, que associei os erros dele ao esporte como um todo. Além do meu irmão, todos os jogadores de futebol que eu conhecia me faziam lembrar dele, então achei melhor ignorar todos de uma vez.

– Não te julgo. A maioria de nós é completamente idiota – admitiu Asher, com um sorriso.

– A maioria, sim… – concordei. – Mas você não é.

Eu achava que ele era. Antes de sermos forçados a conviver nos treinos, já tinha formado uma opinião sobre quem ele era com base no que Vincent me dizia, no que lia na imprensa e no simples fato de ele ser o maldito Asher Donovan. Como um cara tão bonito e famoso *não seria* um playboy arrogante?

Mas, nos últimos meses, havia descoberto que ele era muito mais do que as palavras que as outras pessoas usavam para classificá-lo. Não se tratava tanto do que ele fazia, mas de como ele fazia com que eu me sentisse: segura, digna e querida. Como se eu pudesse compartilhar meus segredos mais profundos e meus pensamentos mais obscuros sem me diminuir aos olhos dele.

Esperava uma resposta irreverente, mas Asher me encarou com uma expressão séria.

– Eu tento não ser – disse ele. – Nem sempre consigo, mas tento.

Meu coração disparou. Mal havíamos tocado na comida, mas algo se agitava em meu estômago.

O silêncio se estendeu por tempo suficiente para terminar em um ponto-final perfeito e preciso.

– Obrigada por me deixar ficar aqui divagando – falei. – Sei que provavelmente é falta de educação falar sobre o ex durante um encontro.

– Você pode falar sobre qualquer coisa comigo, a qualquer momento. – Asher passou a mão na boca. – Você disse que ele jogava com o Vincent. Você se importa se eu perguntar quem é?

Hesitei por apenas um segundo.

– Rafael Pessoa.

O atacante brasileiro havia sido colega de time de Vincent no Chelsea antes da transferência de ambos. Felizmente, Rafael trocou a Premier League pela La Liga logo após nosso rompimento, então não precisei me preocupar com a possibilidade de esbarrar com ele em Londres.

– O Pessoa? – Asher bufou. – Sempre soube que ele era um babaca. Ele cai mais do que fruta estragada do pé.

Dei risada. Rafael *de fato* tinha uma tendência a cavar faltas.

– Ele ia surtar se ouvisse isso. Ele odeia quando as pessoas dizem que ele cai de propósito.

– Não duvido. Você está melhor sem ele. Ele não te merece.

Minhas emoções se alvoroçaram e formaram um nó em minha garganta. Felizmente, Asher me salvou da humilhação de chorar na frente dele de novo quando pressionou o interfone outra vez.

– Tenho mais uma surpresa pra você – disse ele. – Espero que esteja a fim de uma sobremesa dupla.

Confusa, observei os garçons colocarem dois bolos na mesa. Um era um cheesecake de framboesa semelhante ao que havíamos preparado durante a aula. O segundo era…

Semicerrei os olhos, certa de que estava vendo errado. Não estava.

– Asher. – Cobri a boca com a mão. – Não acredito. Não me diga que você pediu pro *Sebastian Laurent* fazer esse bolo.

– Não. O chefe de confeitaria dele que fez. – Asher sorriu. – Queria algo memorável pra encerrar nossa noite. Espero que você goste.

– Que eu goste? Eu *amei*. – Puxei o segundo prato para poder examiná-lo em detalhes. Minha voz borbulhou com uma risada. – Só não sei se vou conseguir comer. É bonito demais.

O bolo com cobertura de creme de manteiga servia até seis pessoas. Um

bonequinho amarelo-dourado de certo cachorro de desenho animado, feito de pasta americana, adornava o topo, ao lado da imagem de um pequeno planeta. E abaixo dessa imagem, escritas em uma letra cursiva de glacê azul, havia três palavras:

Justice for Pluto.

CAPÍTULO 30

ASHER



Odiava admitir, mas meu pai tinha razão. Eu estava *distraído*.

Mas eu não estava nem aí, simples assim.

Era verão. Eu tinha algumas semanas antes do início da temporada, estava em ótima forma física em termos de treinamento e queria aproveitar cada momento com Scarlett enquanto podia.

Quando a temporada começasse e o irmão dela voltasse para Londres, nossa dinâmica mudaria, portanto, que se dane o foco. Havia passado uma década me matando de trabalhar; podia me dar ao luxo de tirar uma folga.

– Você está estranhamente quieto – disse Scarlett, passando a mão na minha coxa. – Tá pensando no quê?

– Em você.

Abracei-a por trás e apoiei o queixo em seu ombro. Estávamos relaxando em sua banheira, as bolhas com aroma de lavanda mal cobrindo suas curvas enquanto nos deleitávamos na noite tranquila. Era quinta-feira, então não tínhamos treino, mas eu não precisava mais de uma justificativa para vê-la.

– Seu treino está indo bem – comentei. – Você acertou em cheio na coreografia ontem.

Além dos ensaios com o elenco na terça-feira, ela estava ensaiando partes de *Lorena* por conta própria depois de nossas sessões.

– Você por acaso faz ideia de como a coreografia tinha que ser? – perguntou ela, achando graça.

– Sim. Tem que ser igual ao que você fez ontem.

Scarlett se virou para mim com um sorriso exasperado.

– Asher Donovan, esse seu charme ainda vai te complicar.

– Por quê? – Deslizei a boca pela curva de seu ombro, subindo pelo pescoço, saboreando a sensação sedosa e macia de sua pele. – Será que não estou só falando a verdade?

Ela soltou um suspiro de prazer quando capturei sua boca em um beijo. Ela tinha gosto de açúcar e morango e, quando deslizou a língua contra a minha, todo o meu corpo reagiu com um *desejo* instantâneo e visceral.

Cada vez que nos beijávamos era como se fosse a primeira vez. Sempre havia mais uma camada a ser removida.

Segurei sua cintura com as mãos e a virei para que ela não tivesse que esticar o pescoço. A fricção de seu corpo contra o meu enviou outra onda de luxúria da cabeça do meu pau até minhas bolas latejantes.

– Caralho – falei, com um gemido.

A vibração da risada de Scarlett não melhorou a minha situação.

– Você tá muito tenso hoje – murmurou ela. – Vamos dar um jeitinho nisso?

Ela me beijou novamente, passando os braços ao redor do meu pescoço e se balançando contra mim com movimentos deliciosos e deliberados que fizeram meu cérebro entrar em curto-circuito.

Sempre havia preferido chuveiro a banheira, mas não mais. Danem-se os chuveiros. Banheiras eram muito melhores.

Segurei sua nuca, mantendo-a firme enquanto ela se remexia com mais força contra mim. Outro gemido torturado subiu pela minha garganta. Não tínhamos preservativos conosco e eu não queria interromper nosso abraço para pegá-los no quarto. Mas ela estava tão escorregadia e macia, e seu gosto era tão bom que, se eu não a comesse logo, eu…

Um suspiro agudo se misturou ao nosso beijo – não de prazer, mas de *dor*.

Recuei imediatamente, o tesão se transformando em pânico quando Scarlett estremeceu, com a testa franzida.

– O que foi? Eu te machuquei?

– Não, nada disso – respondeu ela, me tranquilizando. Ela se ajeitou na banheira e respirou fundo. – É essa posição. Senti uma pontada na perna de repente. Só isso.

– Merda. – Passei a mão no rosto. *É claro* que aquela banheira minúscula

não era um bom lugar para preliminares. Em geral, eu era muito consciente de como e onde fazíamos sexo, evitando ao máximo agravar sua dor crônica, mas havia me perdido demais no momento. – Eu não achei que…

– Não é sua culpa. – Scarlett me deu um sorriso breve. – Normalmente não é tão ruim, mas foi uma semana longa. Estou mais sensível do que o normal.

– Eu deveria ter pensado nisso – falei, me punindo mentalmente por não ter me atentado a isso. – Não precisamos ficar aqui. Podemos ir pra um lugar mais confortável se você precisar descansar.

Odiava o fato de ter contribuído para o desconforto dela. Pagaria a quantia que fosse para acabar com sua dor – não apenas a física, mas também a mental e a emocional. Mas não havia como comprar paz com dinheiro. Eu, mais do que ninguém, sabia disso.

– Para. Não é culpa sua. – Scarlett passou os dedos nos meus lábios, suavizando minha careta. – Eu *quero* transar. Eu gosto de sexo. Também gosto desta banheira e gosto do que estávamos fazendo aqui. Só precisava de um pequeno… ajuste antes de continuarmos. Se eu realmente precisasse parar, te diria.

Não devo ter parecido muito convencido, porque ela contraiu os lábios e disse, com firmeza:

– Para com isso. Promete que não vai me tratar como se eu fosse uma boneca de porcelana que você tem medo de quebrar. Não é o que eu quero.

Rocei meus lábios nos dela com um beijo suave.

– O que você quer, então?

– Quero ficar aqui. – Senti seu sorriso mais do que o vi. – Não despejei aqui um quarto da minha espuma de banho mais chique à toa. Isso é caro, tá?

Dei uma risada, aliviado.

Scarlett está bem. Como ela disse, me falaria se não estivesse, e eu não queria presumir que conhecia seu corpo melhor do que ela. Se havia uma coisa que Scarlett não suportava, era que as pessoas tivessem pena dela ou a tratassem feito um bebê. Ela não precisava disso. Independentemente de sua condição física, era uma das pessoas mais fortes que eu conhecia.

– Então ficamos aqui, e prometo não te tratar feito uma boneca de porcelana. – Meus lábios acariciavam os dela a cada palavra. – Sério, eu nunca imaginei fazer com bonecas as coisas que vou fazer com você.

Dei um sorrisinho diante de sua respiração profunda.

– Vira – falei.

Scarlett obedeceu, e esperei até que ela se acomodasse em uma posição confortável antes de pegar uma bucha ao lado da banheira e mergulhá-la na água ainda quente. Espremi a bucha sobre seus ombros, deixando a espuma escorrer por suas costas, e comecei a esfregar com movimentos longos e lânguidos.

Nossa conversa se resumiu a seus suspiros suaves e ao delicado respingo da água conforme eu passava a mão por seu corpo. Trilhas brancas de espuma escorriam por sua pele, e ela parecia tão bonita e satisfeita sentada ali, as pernas lânguidas de desejo, que eu poderia ter passado o resto da vida fazendo isso.

Nunca tinha dado banho em ninguém antes, mas a intimidade daquilo me deixou mais destruído do que o sexo. Saber que Scarlett confiava em mim para cuidar dela quando estava tão despida e vulnerável… foi um soco no estômago da melhor maneira possível.

Depois que terminei de ensaboar suas costas, abri a água quente outra vez e me dediquei a passar a bucha na frente de seu corpo. Deslizei-a por suas coxas e pela barriga até o peito. A água batia nas laterais da banheira a cada movimento, criando um ritmo quase hipnótico.

O vapor subia da água recém-aquecida e se enrolava em gavinhas preguiçosas ao nosso redor. O ar estava impregnado com o aroma de lavanda e sabonete, e uma tensão ávida abafava qualquer ruído que pudesse estar vindo dos apartamentos vizinhos.

Naquele momento, éramos as únicas pessoas na Terra.

No entanto, minha lânguida exploração de seu corpo teve uma breve interrupção quando Scarlett se afundou ainda mais em meu peito, roçando com malícia no meu pau.

Minha virilha pegou fogo.

Cerrei os dentes. Meu pau estava duro feito rocha, mas me forcei a terminar o banho sem pressa. Quando passei a bucha em seus seios, ela soltou um suspiro que fez com que cada gota do meu sangue fosse lá para baixo.

– Você sabe exatamente o que está fazendo, não sabe? – falei, com a voz áspera.

Sublinhei a pergunta com uma mordida em sua orelha.

Ela ficou toda arrepiada.

– Não faço a menor ideia do que você está falando – disse Scarlett.

– Não? – Larguei a bucha e agarrei seu seio com força. – Tenta de novo.

O arrepio dela se intensificou e se transformou em um tremor intenso.

– Não quero mais que você use a bucha – disse ela, com a voz carregada de desejo. – Quero que me toque com as mãos.

– Onde você quer que eu te toque? – Soltei seu seio e escorreguei a mão por sua barriga. Os músculos se contraíram com a leve carícia. – Aqui? – Ela assentiu. – Ou aqui?

Desci até suas coxas, abrindo-as de modo que seus joelhos encostassem nos meus. Não conseguia ver através da camada de bolhas, mas podia imaginar sua boceta, rosa, perfeita e *molhada*.

– *Isso* – respondeu ela, ofegante.

– Talvez você queira que eu te toque aqui.

Passei a mão pela parte interna de sua coxa, os nós dos dedos apenas roçando em seu clitóris.

O gemido de Scarlett aumentou a pressão em meu pau. Não o havia tocado, mas ouvi-la gemer de tesão foi quase o suficiente para me fazer explodir.

Meus músculos latejavam de luxúria reprimida. Se não estivéssemos sentados, meus joelhos teriam se dobrado com a força do meu desejo, mas eu iria devagar – por enquanto.

– Você é bem gulosa, não é? – murmurei quando ela arqueou as costas e tentou pressionar minha mão com mais força.

Em vez de ceder a seus movimentos insistentes, não tive pressa, minhas palmas mapeando cada centímetro de sua pele molhada e ruborizada. Arrastei-as de volta a seu quadril e a sua barriga, até tocar seus seios novamente. Eram macios e firmes, coroados com mamilos que endureceram ao meu toque.

Massageei-os entre os dedos, apertando e beliscando até que seus gemidos se tornaram mais fortes. Seus quadris emergiram, em busca da fricção que a água não era capaz de dar.

– Por favor. – Scarlett agarrou meu pulso e tentou guiar minha mão para baixo, em direção ao meio de suas pernas. – Asher, *por favor*.

Um soluço preencheu o ar quando resisti.

– Paciência, querida – falei, suavemente. Meus lábios roçaram a concha

de sua orelha. – Deixa eu brincar com você primeiro.

Mantive uma mão em seus seios enquanto a outra continuava a explorar. Ela estremeceu e ofegou, tão sensível que precisei de todas as minhas forças para não levá-la para o quarto e preenchê-la do jeito que ela estava me implorando para fazer.

Haveria tempo para isso mais tarde, depois que terminasse o que havia começado.

Após um agonizante período de provocação que foi tão torturante para mim quanto para ela, finalmente toquei seu clitóris com o polegar. Ela estava tão excitada que uma única carícia leve como uma pluma arrancou um grito estrangulado de sua garganta.

Scarlett se sacudiu contra mim com tanta força que a água espirrou pela lateral da banheira e caiu no chão. Seus dedos agarraram a borda de porcelana com força, e uma série de gemidos ininteligíveis tomou conta do banheiro quando acariciei seu clitóris inchado.

– Ai, meu Deus.

Ela arquejava conforme minhas mãos beliscavam, esfregavam e apertavam ao mesmo tempo (uma em seu seio, a outra entre suas pernas). Eu lutava para manter o controle, meus dentes marcando a curva entre o pescoço e o ombro dela. Meu pau estava tão duro que chegava a doer, mas eu cuidaria dele depois.

Aumentei o ritmo, me deliciando com os gritos e os movimentos frenéticos de Scarlett, até que seu corpo se enrijeceu e ela gozou, com um gemido intenso.

Seu orgasmo se estendeu, mais e mais, e os espasmos pareceram intermináveis e poderosos, o corpo dela convulsionando com força.

Gemi em seu pescoço, com a respiração ofegante. Desejei estar dentro dela, sentindo sua boceta se fechar em torno do meu pau enquanto ela me inundava com um calor úmido, mas aquele não era o lugar para isso, e aquele momento era dela, não meu.

Em algum momento, o orgasmo de Scarlett diminuiu, e ela desabou contra mim.

– Acho que descobri um novo jeito favorito de tomar banho – disse ela, parecendo atordoada.

Dei uma risada.

– Eu também. – Envolvi sua cintura por trás e dei um beijo em seu

ombro. – Acho que podemos fazer isso sempre no final do dia.

– Eu não vou reclamar – cantarolou Scarlett, ainda tonta de prazer. – Mas ainda não terminamos.

Respirei fundo quando ela ajustou sua posição e se sentou mais ereta para poder me agarrar sem se virar.

– Ah, é? – respondi. Um zumbido baixo invadiu meus ouvidos. Não conseguia ver que ela estava fazendo, mas, nossa, eu podia *sentir*. – O que mais você tem em mente? – O tom de voz casual que tentei emular não conseguiu disfarçar minha expectativa.

Ela virou a cabeça para mim, os olhos cinzentos brilhando com malícia.

– Está mais pro que eu tenho nas mãos.

– *Caralho*. – O xingamento escapou quando ela apertou a cabeça do meu pau latejante. – Scarlett…

– Sim? – respondeu ela, inocentemente.

Não falei nada. *Não conseguia*. Todos os pensamentos tinham se esvaído quando ela deslizou as mãos para cima e para baixo, as palmas escorregadias trabalhando em conjunto para me levar à beira do abismo. De vez em quando, ela soltava uma das mãos para esfregar levemente as unhas em minhas bolas, mas logo perdi a noção do que exatamente ela estava fazendo, concentrado demais no calor elétrico que se acumulava na base da minha coluna. Meus músculos se contraíram, e eu…

O toque estridente da campainha interrompeu meu orgasmo. Meus olhos se abriram quando o idiota do visitante tocou a campainha *outra vez*, menos de um segundo depois, e arruinou o momento por completo.

Bufei, irritado, quando Scarlett me soltou de vez. Quem era o babaca que estava lá àquela hora da noite?

– Deve ser a nossa comida. – Ela parecia se segurar para não rir ao me ver olhando para a porta com ódio. – Desculpa, amor. Vou terminar de cuidar de você quando voltar. Não quero que você assuste o entregador.

Ela ergueu a sobrancelha para as bolhas, que haviam se dissipado o suficiente para que pudéssemos ver minha ereção ainda em fúria sob a água.

– Pior timing de todos – rosnei. – Zero estrela para ele.

Scarlett deixou escapar uma risadinha.

– Não seja cruel. – Ela saiu cuidadosamente da banheira e vestiu o roupão. – Já volto.

Afundei ainda mais na banheira, me xingando por ter achado que pedir

comida era uma boa ideia. Deveríamos ter pedido *depois* do banho. Assim não estaria sentado ali com o saco roxo.

Os minutos passaram. Ela estava demorando muito para uma entrega rápida.

A preocupação abriu caminho em meio à minha rabugice e se transformou em alarme quando ouvi vozes na sala. Por que *diabos* o entregador estava dentro do apartamento?

Estava prestes a sair correndo da banheira quando a porta se abriu e Scarlett entrou.

Meu alívio se esvaiu ao ver o rosto dela. Estava da cor de papel.

– O que aconteceu? Ele…

– *Shhh*. – Ela olhou por cima do ombro. Quando se virou novamente, seu rosto era puro pânico. – Não era o entregador. Era meu irmão. Ele está na sala.

Uma pedra se alojou no meu estômago quando assimilei suas palavras.

Vincent estava *ali*, a poucos metros de distância e separado de nós por apenas dois conjuntos de portas frágeis, enquanto eu estava pelado na banheira da irmã dele.

Ah, merda.

CAPÍTULO 31

SCARLETT



Eu tinha dito a Vincent que estava me vestindo, então não podia ficar no banheiro por muito tempo. Deixei Asher lá com instruções claras de não fazer nenhum barulho, vesti uma camiseta e uma legging e voltei correndo para a sala.

Não queria deixar meu irmão sozinho para não correr o risco de ele perceber as pistas espalhadas pelo apartamento (os sapatos masculinos na entrada, os dois copos pela metade na bancada da cozinha), mas precisava avisar Asher para que ele não saísse de lá atrás da pizza.

– Desculpa a demora. Eu tive que, é… encontrar uma roupa limpa – falei alegremente, fechando a porta do quarto depois de sair. Felizmente, tinha dado a sorte de conseguir um dos cobiçados apartamentos com suíte. Se Asher estivesse no corredor, com apenas *uma* porta separando-o do meu irmão… Senti um calafrio só de pensar. – Você não me avisou que vinha. Faz pouco tempo que nos vimos.

– Pois é. – Vincent estava parado no meio da sala, com os braços cruzados.

Engoli em seco. *Putz.* Ele parecia furioso.

– Eu não te contei que estava vindo por um motivo – rosnou ele. Havia um tom acusatório por trás de suas palavras. – Não queria te dar tempo pra inventar desculpas.

Ah, merda. Merdamerdamerdamerda. Ele sabe. Uma gota de suor escorreu pelo meu pescoço.

Por que Asher e eu continuamos adiando nossa estratégia para lidar com Vincent? Dissemos que encontraríamos uma maneira de contar ao meu irmão, mas nunca pensamos em *como*. Se tivéssemos feito isso, talvez eu fosse capaz de responder com mais do que um grunhido de consternação quando os olhos de Vincent percorreram a sala e pousaram nos tênis ao lado da porta – especificamente, os tênis brancos *masculinos*, tamanho 43.

Vincent me encarou, furioso.

– Tem alguma coisa que você queira me dizer?

Dei um sorriso fraco.

– Que eu te amo e que você é o melhor irmão mais velho de todos os tempos?

Jurei ter ouvido um rosnado.

– *Scarlett*.

– Olha só. – Ergui as mãos. Meus nervos estavam à flor da pele, mas já estávamos lá, então não adiantava negar o óbvio. – Eu ia te contar, juro. Mas não queria que você ficasse com raiva e fizesse alguma babaquice.

– Alguma babaquice? – O olho de Vincent tremeu. Tá, talvez "babaquice" não fosse a melhor escolha de palavras. – Tipo *o quê*?

– Tipo quando você disse pra um cara com quem eu estava saindo que o time inteiro do Blackcastle ia atrás dele se ele não me trouxesse pra casa antes da meia-noite.

– Ele era um idiota – disse Vincent. – Que tipo de pessoa com bom senso acreditaria nisso? E não tente mudar de assunto. Há quanto tempo isso está acontecendo? – Ele apontou para os tênis.

– Hum… – Eu me preparei para a reação dele. – Algumas semanas?

– *Algumas semanas?* – explodiu ele. – Meu Deus, Lettie.

– Vincent, a vida é minha – respondi, na defensiva. – Eu não tenho que te contar toda vez que saio com alguém. Além disso, eu queria ver como as coisas iam se desenrolar antes de dizer qualquer coisa.

– Pode até ser, mas seria bom ficar sabendo pela minha irmã, e não pela internet.

Pela internet. Minhas veias congelaram. O medo agarrou meu coração e o arremessou contra minha caixa torácica com batidas fortes e implacáveis.

– Você… você descobriu sobre a gente pela internet?

Como tínhamos deixado aquilo passar? A notícia tinha saído naquele dia? Se sim, como Vincent chegou tão rápido?

Por outro lado, Paris ficava a apenas duas horas e meia de trem de Londres, e Asher e eu não tínhamos pegado em nossos telefones a noite toda.

Vincent rolou a tela do celular e o estendeu para mim.

– Alguém viu vocês no Golden Wharf umas semanas atrás. Postaram uma foto em algum fórum de esportes, mas não tinha sido divulgada até hoje.

Fiquei olhando para a tela, boquiaberta, porque não éramos eu e Asher na foto.

Éramos eu e Clive.

A imagem estava granulada, mas dava para ver claramente nós dois. O fotógrafo havia me capturado saindo do carro enquanto ele esperava com o braço estendido como um cavalheiro. Estávamos sorrindo um para o outro como se estivéssemos apaixonados, embora eu estivesse com fome e ele estivesse distraído.

Felizmente, quem tirou a foto não ficou por perto para ver quando nos encontramos com Asher e Ivy. Se tivesse ficado, apostaria todo o meu dinheiro que as fotos teriam sido divulgadas *muito* antes.

Consegui voltar a respirar um pouco. Meu irmão ainda não sabia sobre Asher.

– Clive Hart? Sério? – A voz irritada de Vincent levou minha atenção de volta para ele. – De todas as pessoas que você poderia ter escolhido, você escolheu sair com *Clive Hart*? Eu te falei que ele era cafajeste e era sério. Não caia na dele, Lettie. Ele já foi escroto com várias mulheres.

– Eu não estou namorando o Clive – declarei, tentando entender o novo e inesperado desdobramento. Não sabia que havia pessoas tão interessadas na vida amorosa dos jogadores de rúgbi. – Nós saímos uma vez. Só isso.

– Então, de quem são esses tênis?

Merda. Percebi meu erro tarde demais.

– Humm… – Fiz um esforço para inventar uma desculpa. – Um amigo da RAB está aqui. Estávamos resolvendo umas questões sobre *Lorena*. A apresentação da escola em que eu estou como substituta, lembra? Ele derramou uma coisa na roupa e está tomando banho.

– Não estou ouvindo a água correndo.

Meu irmão em geral era meio lerdo. *Por que* ele tinha que ser tão observador justamente naquele dia?

– Ele deve estar se ensaboando – falei. – Ele é muito… meticuloso com o sabão.

Vincent semicerrou os olhos, desconfiado. Ele não acreditou em mim nem por um segundo.

– Você está dormindo com ele? Só quero ter uma conversinha. – Ele foi em direção ao quarto.

– Não! – gritei, agarrei o braço dele. – Eu já te falei que ele está tomando banho.

– Eu posso esperar no seu quarto.

– Não. Você *não vai* entrar lá e me constranger. – Eu o soltei, mas me coloquei em seu caminho, impedindo-o de passar pela porta. – Eu sou adulta, Vince. Agradeço a sua preocupação, mas posso fazer o que quiser com *quem* eu quiser. Não preciso da sua aprovação primeiro. Eu não fico te interrogando sobre cada garota com quem você é visto por aí.

– Não é a mesma coisa.

– Por que não? Dois pesos, duas medidas? – Balancei a cabeça. – Eu sei que você está preocupado comigo e que não quer que eu me magoe, mas eu te *prometo* que sei o que estou fazendo.

– Sabe? – A máscara de raiva de Vincent se desfez, revelando uma pontada de medo por baixo. – Você não tem nenhum relacionamento sério desde o Rafael, e a gente sabe como foi. Você ficou inconsolável depois do término. Eu não quero te ver naquele estado outra vez. Nunca mais. Foi… Porra, Lettie. Foi um período assustador.

Minha indignação se dissipou diante de sua expressão agoniada. Apesar de fanfarrão e superprotetor, ele realmente estava preocupado comigo, e tinha razão. Os primeiros dias após o término do namoro foram devastadores. Em meio ao acidente e ao fim abrupto de um relacionamento de três anos, houve momentos em que…

Engoli em seco.

– Eu entendo – falei, mais suavemente dessa vez. – Só que eu não tenho mais 21 anos. Me deixa lidar com meus relacionamentos da maneira que achar melhor, está bem?

Vincent me encarou por mais um instante e então soltou um suspiro resignado.

– Tudo bem. Mas, se alguém te sacanear, você me fala que eu coloco mesmo o time atrás dele. – Ele olhou para os tênis mais uma vez. – Então,

você *está mesmo* dormindo com o seu colega? Quem é ele? É sério?

– *Vincent*.

– É só curiosidade. – Ele deu um sorrisinho. – De qualquer maneira, eu não vim até aqui só pra gritar com você sobre o Clive… embora essa conversa pudesse ter sido muito mais longa se você realmente *estivesse* saindo com ele.

Eu já imaginava. Vincent era tão enérgico no telefone quanto pessoalmente.

– Você tem algum evento de trabalho em Londres?

– Não. O técnico queria saber como estão as coisas depois que... hã... parei as sessões com você e o Donovan. O papai está se dando bem com a enfermeira, então vou voltar para Londres mais cedo do que o esperado. Fico até o fim de semana e depois volto para Paris, para zerar algumas pendências. Mas volto a treinar com vocês a partir de segunda-feira que vem.

Suspeitei que houvesse mais coisas na história do que ele estava contando, mas fiquei presa demais à sua última frase para me aprofundar. *Volto a treinar com vocês a partir de segunda-feira que vem.*

Aquilo significava que Asher e eu teríamos ainda menos tempo juntos do que o previsto.

– Ah. Que ótimo. – Minhas palavras saíram agudas, com um guincho de surpresa. – Quer dizer, uhul! Mal posso esperar.

Se Vincent notou minha lamentável tentativa de fingir entusiasmo, não disse nada.

– A vantagem é que posso ficar de olho no Donovan. Não suporto esse cara. – Ele fez uma careta. – Pelo menos você não está dormindo com *ele*. Desculpa, Lettie. Sei que a vida é sua, mas, se fosse ele no seu banheiro agora, eu esmagaria a cara dele na parede.

Minha risada saiu fina demais, como se eu tivesse passado horas inalando gás hélio.

– Eu e Asher? Rá, rá. Imagina só. *Enfim*. – Eu o empurrei em direção à porta. – Depois a gente coloca o papo em dia. Não quero que meu colega veja você quando sair do banho, e… ah!

O entregador de pizza sorriu para nós quando abri a porta.

– Desculpe o atraso – disse ele com o tipo de ânimo que só um estudante universitário desesperado por dinheiro extra poderia ter. – Teve um

acidente, então o trânsito estava um pesadelo. *Mas* não se preocupe! A bolsa térmica de última geração da Pete's Pizza garante que sua comida estará tão fresca quanto quando saiu do forno.

– Ótimo. – Empurrei meu irmão em direção ao corredor e peguei a pizza. – Obrigada…

O entregador me interrompeu com o restante de seu discurso.

– Você poderia, por favor, confirmar o pedido? Uma pizza grande de pepperoni e uma porção de pão de alho para Ash…

– *Sim!* – gritei. Asher havia usado um pseudônimo, mas tinha feito a estupidez de usar seu primeiro nome verdadeiro. – Muito obrigada. Tenha um ótimo dia. Vince, eu te ligo mais tarde. Tchau!

Peguei a pizza, acenei e bati a porta na cara atônita dos dois.

Fiquei ali parada, com os batimentos acelerados, até não ouvir mais os passos deles. Por segurança, espiei pela janela e esperei até que o carro de Vincent desaparecesse no final da rua antes de me virar e colocar a pizza na mesa de centro.

– Que sutil.

Tomei um susto ao ouvir a voz inesperada e me virei, com o coração disparando até o topo da montanha-russa e depois desabando de alívio.

Coloquei a mão sobre o peito.

– Meu Deus, não me assusta desse jeito.

Asher estava na porta do quarto, vestido e sisudo.

Racionalmente, sabia que ele era a única outra pessoa em casa, mas eu ainda estava nervosa por conta do meu irmão. Qualquer coisinha me espantaria.

– Esmagaria a minha cara na parede, é? – Asher obviamente tinha ouvido a ameaça de Vincent. – Isso eu queria ver.

– Controla a sua testosterona por um segundo e foca aqui. – reclamei. – Você tem noção do perigo que corremos? Se nosso timing tivesse sido só um pouquinho diferente…

– Ele ia me espancar? Por favor. Eu limparia o chão com a cara dele. – Asher bufou, mas sua carranca se desfez com um suspiro diante do meu olhar de advertência. – Tá. Eu vou me comportar.

– Eu não acredito que alguém tirou uma foto minha com o Clive.

Será que Clive sabia da foto? Não havia falado com ele desde que lhe agradeci pelo encontro e insinuei educadamente que não estava aberta a um

segundo. Ele aceitou minha rejeição com tranquilidade. Com certeza também não estava tão interessado em mim.

– Sim, ele é uma celebridade de terceira categoria, na melhor das hipóteses. As pessoas não se importam com quem ele namora. – Bufei, irritada, mas Asher deu de ombros. – Desculpa, mas é verdade. Eu pesquisei no Google quando você estava falando com o Vincent. A foto está em alguns fóruns de fofocas, mas o único meio de comunicação que publicou foi um tabloide on-line de merda que ninguém lê. Estou surpreso que seu irmão tenha visto.

O alívio desfez os nós em minhas entranhas.

– Ainda bem que o fotógrafo não viu você, senão a história seria outra. – Tentei pensar nos próximos passos. – Tá, então o Vincent acha que eu tô namorando um colega de trabalho e ele em breve volta a treinar com a gente. O que fazemos?

– Garantimos que ele não esteja perto de objetos pontiagudos quando dermos a notícia.

– Será que você pode falar sério?

– Estou falando sério. – Mas seu sorriso confiante não alcançou totalmente seus olhos. – Também não estou ansioso por essa conversa, mas, apesar das nossas diferenças, eu e seu irmão temos uma coisa em comum. Nós dois gostamos de você. Isso conta para alguma coisa, certo?

Uma gota quente de prazer pingou em minha piscina de ansiedade.

– Certo. Você está certo. Talvez não seja tão ruim quanto estamos imaginando. Ele se importa com a opinião do técnico a ponto de voltar pra Londres mais cedo e continuar treinando com você, o que é bom. Ele também não quer repetir o que aconteceu na última temporada.

A última temporada tinha sido um desastre porque Asher e Vincent haviam batido de frente, mas Asher disse que estava disposto a deixar o passado para trás. Se ele estendesse uma bandeira branca, Vincent teria que aceitar. Ele era o capitão do time. Seu trabalho incluía fortalecer o moral e a união da equipe.

Às vezes, meu irmão exagerava um pouco no cuidado comigo, mas ele queria o meu bem. Se eu estivesse feliz com Asher, ele não se oporia a isso.

– Vamos discutir exatamente como contar a ele durante a pizza. – Asher me deu um sorriso torto. – Não quero que o trabalho árduo da bolsa térmica de última geração da Pete's Pizza seja desperdiçado.

Dei um sorrisinho.

– Foi a melhor ideia que você teve o dia todo.

– Ainda melhor do que o banho?

– A *segunda* melhor ideia que você teve o dia todo.

Sua risada me envolveu como um cobertor quente em uma noite de inverno. Era tão potente, tão forte e reconfortante que ficava fácil acreditar que daria tudo certo.

– Desculpa por não termos terminado nossas… atividades mais cedo. – Olhei para baixo, para sua calça de moletom.

A última meia hora tinha arruinado nosso momento no banheiro.

Eu me senti mal, pois ele havia me proporcionado um orgasmo incrível (nunca mais olharei para a minha banheira da mesma forma) enquanto o deixei lá com o saco roxo.

– Tudo bem. Estou acostumado com o Vincent atrapalhando a minha vida – disse Asher, sarcasticamente. – E não se preocupe, querida. Tenho algumas ideias de como você pode me compensar mais tarde.

O calor se intensificou com o tom aveludado de sua voz.

– Ah, é?

– Aham. – Ele partiu metade de um grissini e me entregou. – Mais tarde, quando o fedor do seu irmão tiver desaparecido completamente. É muito brochante.

– *Asher*.

– Desculpa. Não resisti.

Ele não parecia nem um pouco arrependido. Sério, por que os homens agiam feito meninos às vezes?

– Como você está se sentindo em relação ao jogo beneficente no fim de semana? – perguntei, mudando de assunto. – É no sábado às três, certo?

Asher participaria do Sport for Hope, um evento de arrecadação organizado por uma fundação sem fins lucrativos com o mesmo nome. Ela oferecia mentoria e oportunidades no esporte para crianças de comunidades carentes. Nunca tinha ouvido falar deles até Asher mencionar o jogo na semana anterior, e estava animada para vê-lo jogar pessoalmente. Eu achava jogos de futebol muito caóticos, então não tinha ido a um jogo do Blackcastle desde que ele foi transferido.

– Sim. É sempre divertido. – Asher hesitou. – Eu sei que o Vincent vai passar o fim de semana aqui, então você não precisa ir se for muito

arriscado.

– De jeito nenhum – falei, obstinada. – Vou sair com as meninas e vamos passar o dia fora. Mas não vou perder o jogo.

Um sorrisinho surgiu em seus lábios. Aquele instante girou ao nosso redor por um leve segundo antes que ele pigarreasse e desviasse os olhos.

– Por falar nas meninas, animada pra amanhã?

Carina, Brooklyn e eu estávamos programando um encontro com pôquer e drinques para a noite seguinte.

– Aham. Mal posso esperar. Preciso de mais estrogênio na minha vida. – Terminei minha pizza e limpei a boca com um guardanapo. – Tenho convivido com muita testosterona. É você, meu irmão... Preciso de companhias melhores antes que… – Dei um grito quando Asher me derrubou no chão.

Ele engoliu minha risada com um beijo, e logo eu não estava mais pensando em meu irmão, em minhas amigas nem em qualquer outra coisa além de seu toque.

ASHER

– Temos um problema. – Finley tirou o chapéu e esfregou a careca com a mão, sua frustração visível na tela. – O Simon machucou o pé e não vai poder jogar amanhã.

– *Merda*. – Engoli uma longa sequência de xingamentos. – E os nossos reservas?

Era sexta-feira à noite, e o jogo beneficente começaria em menos de 24 horas. Não tínhamos tempo para recrutar alguém novo. *Porra, Simon*. Se eu era imprudente com carros, ele era imprudente com todo o resto. Não ficaria surpreso se ficasse sabendo que ele havia machucado o pé fazendo algo idiota, como chutar uma estátua de mármore porque estava com raiva.

Finley fez uma careta. Ele era o diretor da Sport for Hope. Eu havia participado do jogo beneficente deles tantas vezes que era basicamente um assessor, e ele sempre me pedia conselhos quando se tratava de marketing e

recrutamento de jogadores.

– Temos só um reserva, e a esposa dele deu à luz no início da semana passada. Ele não vai sair do lado do bebê.

– Merda – disse, outra vez.

Com Simon machucado e nosso reserva fora, estávamos sem um bom zagueiro.

A arrecadação do evento correspondia à maior parte da verba anual da Sport for Hope. O jogo sempre tinha ingressos esgotados, mas o dinheiro *de verdade* vinha de seu benfeitor secreto. Ninguém sabia quem era, mas aparentemente ele tinha um jeito estranho de calcular o valor da doação: o número de gols marcados pelo time vencedor era multiplicado pela quantia angariada na venda de ingressos.

Por exemplo, se a partida levantasse o valor de cinquenta mil libras em ingressos e o time vencedor marcasse três gols, o doador transferiria 150 mil libras para a instituição de caridade.

Era estranho, mas *as pessoas* eram estranhas.

A estipulação também significava que trabalhávamos duro para recrutar bons jogadores. Jogadores melhores geralmente significam mais gols. Infelizmente, essa era uma tarefa difícil, uma vez que a partida acontecia fora da temporada, quando todos estavam de férias.

– Você por acaso não conhece ninguém que possa substituí-lo? – perguntou Finley. Linhas de estresse marcavam as laterais de sua boca. – Sei que é um favorzão que estou te pedindo aos 45 do segundo tempo, mas o campo novo levou uma grande parte do nosso dinheiro no ano passado. Precisamos de uma doação extra do BS.

BS significava Benfeitor Secreto. Não era um apelido criativo, mas funcionava.

– Não sei. – Revirei meu cérebro em busca de opções. – Quero ajudar, mas a maioria dos jogadores que conheço não está em…

Parei de falar.

Havia um zagueiro que estava na cidade e não estava machucado – um zagueiro *muito* bom que fazia Simon parecer um amador (sem querer ofender Simon).

Não. Meu orgulho esmagou a semente da possibilidade antes que ela florescesse por completo. Em hipótese alguma eu pediria ajuda a *ele*. Preferia arrancar minha perna fora e servi-la a ele em uma bandeja de prata.

Então, olhei para o rosto suplicante de Finley e pensei em todas as crianças que sua organização ajudava. Teddy tinha sido uma dessas crianças, e foi assim que descobri a Sport for Hope, inclusive. Além de Londres, a organização tinha filiais em Holchester, Manchester e Birmingham.

Antes de a mãe de Teddy se casar novamente e sua família se mudar para a casa ao lado da minha, seus pais lutavam para colocar comida na mesa. Foi a Sport for Hope que lhe proporcionou os recursos para jogar futebol em um ambiente semiprofissional para jovens. Sem eles, talvez nunca tivéssemos nos unido por causa do esporte.

Comecei a participar dos jogos da Sport for Hope após a morte de Teddy e estive envolvido desde então. Foi em parte uma expiação por meu papel em sua morte e em parte uma forma de honrar sua memória. Eu não podia estragar tudo.

– Esquece o BS – falei. – Eu posso doar mais do que o total das vendas dos ingressos.

A expressão de Finley se transformou em uma carranca.

– Você diz isso todo ano, e minha resposta é a mesma todo ano. De jeito nenhum. Você já faz muito por nós. Não vou tirar vantagem de você desse jeito.

Sabia que ele diria isso, mas tinha que oferecer.

– Também não tente me enrolar – acrescentou ele. – Se chegar aqui um cheque gordo e anônimo de alguém que não seja o BS, eu vou ficar sabendo.

Que inferno. Finley era teimoso que nem uma mula, mas eram suas convicções que o tornavam um grande líder.

Orgulho e culpa se digladiavam dentro de mim. Eu realmente ia prejudicar Finley e as crianças só porque não conseguia deixar de lado minha rivalidade por um fim de semana?

– Talvez eu conheça alguém – disse, por fim. Aquelas palavras deixaram um gosto amargo na minha boca. – Não posso garantir que ele vai aceitar, mas vou perguntar. Se ele disser não, vamos ter que chamar o Ricky.

Finley e eu estremecemos ao mesmo tempo. Ricky era o coordenador operacional deles. Era um cara legal e jogava em uma liga amadora local, mas não era bom. Nem um pouco.

Na última vez que substituiu um jogador, tropeçou sem querer em um colega de equipe e marcou um gol contra. Duas vezes.

– Por favor – disse Finley. – Seremos gratos para sempre.

Depois de encerrar a chamada de vídeo, me recostei e olhei para o teto do escritório. Zagueiro desgraçado. Eu não podia lhe perguntar diretamente. Ele me mandaria calar a boca antes que eu a abrisse.

Eu teria que fazer Scarlett de intermediária, o que era complicado, considerando que o irmão ainda não sabia sobre nós dois. Decidimos contar a ele pessoalmente, juntos, depois que ele voltasse de vez para Londres.

Mas Scarlett e eu havíamos passado o verão inteiro treinando juntos. Fazia sentido desenvolvermos uma amizade, portanto, o fato de ela pedir um favor a ele para mim não era inerentemente suspeito.

O relógio marcava oito horas. Eu estava ficando sem tempo.

Foda-se. Arrisquei e liguei para ela. Não queria interromper sua noite com as amigas, mas não tinha escolha.

– Oi, desculpa atrapalhar, mas tenho um favor urgente pra te pedir – falei, quando Scarlett atendeu. – Alguma chance de você convencer o seu irmão a jogar na partida beneficente amanhã?

CAPÍTULO 32

SCARLETT



Não sabia como, mas havia conseguido.

Bem, tá, eu *meio que* sabia como: fazer com que ele se sentisse culpado, mostrar uma foto de crianças fofas reunidas usando os uniformes fornecidos pela Sport for Hope e prometer deixá-lo escolher nossos próximos quatro jantares seguidos funcionou muito bem para convencer Vincent a se juntar à partida beneficente.

Eu suspeitava que o fato de Asher ficar em dívida com ele também ajudava. Conhecendo meu irmão, ele jamais deixaria Asher esquecer isso.

De qualquer forma, fiquei muito feliz por Vincent ter aceitado. Sabia o quanto a instituição significava para Asher, em especial devido à sua conexão com Teddy, e esperava que a partida fosse o primeiro passo para que meu irmão e meu namorado passassem a se tolerar.

– Quer dizer que o Vincent não achou nem um pouco estranho você pedir um favor em nome do Asher?

Carina vinha atrás de mim no caminho até nossos assentos nas primeiras fileiras da arquibancada. A partida seria realizada em um estádio de futebol local, que já estava lotado de famílias.

– Não. Ele acreditou na desculpa de que eu era só a mensageira e de que o Asher me pediu para perguntar por ser uma emergência.

– Quando exatamente você vai contar pra ele sobre vocês dois? – Brooklyn se sentou do meu outro lado. Não foi preciso muito para convencê-las a ir ao jogo. Carina sempre topava qualquer passeio divertido,

e Brooklyn ao que parecia amava futebol. – Você disse semana que vem?

– Esse é o plano.

Meu estômago se revirou de nervosismo quando os jogadores entraram em campo para o aquecimento.

Avistei Asher e Vincent imediatamente. Os dois times estavam divididos por cores: Vermelhos contra Verdes. Asher e Vincent usavam uniforme vermelho, e a empolgação da torcida atingiu um crescendo audível quando as pessoas notaram quem estava em campo.

Os dois fingiam que o outro não existia, mas pelo menos não estavam brigando.

Contive uma risada quando notei que eles faziam exatamente os mesmos alongamentos, exatamente no mesmo momento e da mesma maneira.

Como eu disse, eram mais parecidos do que gostavam de admitir.

– Meu Deus, ele é ainda mais lindo em campo do que fora. – Carina suspirou quando Asher se esticou todo em um alongamento da panturrilha. Os músculos das pernas dele se flexionaram, e metade do nosso setor soltou suspiros semelhantes. – Você é uma mulher de muita, muita sorte.

Eu sabia que ela só estava falando aquelas coisas para me provocar. Carina tinha um apreço visual por atletas, mas, quando se tratava de namoro, seu tipo era mais voltado para o segmento artístico e angustiado da população masculina.

– *Shhh*. – Lancei um olhar nervoso ao redor. Estávamos cercadas por pais mais preocupados em manter objetos estranhos longe das mãos dos filhos do que com nossa conversa, mas havia alguns membros da imprensa local à espreita. Não queria que algum deles acabasse escutando. – Fala baixo.

Pelo menos os paparazzi não estavam lá. Eles não sabiam que Vincent jogaria naquele dia e claramente achavam que uma partida beneficente para crianças não era um terreno fértil para escândalos.

– Chamar o seu irmão para jogar uma partida com o "rival dele barra seu amante secreto" é uma jogada de mestre – sussurrou Brooklyn. – Você é corajosa. Eu te respeito por isso. Você merece uma matéria de destaque na *Mode de Vie*.

Carina deu uma risadinha, e soltei um suspiro exasperado.

– Eu não *quero* uma matéria de destaque na *Mode de Vie* nem em nenhum outro meio de comunicação. Eu só quero…

– Sentar loucamente no seu macho até domingo? – Brooklyn me lançou um sorriso diabólico. – Compreensível.

– *Totalmente* compreensível. – Carina se inclinou por cima de mim para dar um toca-aqui na outra traidora. – Você é boa com as palavras, Brook.

– Obrigada. – Brooklyn sorriu. – Eu tento.

Fiz uma careta.

– Quer saber? Estou muito arrependida de ter apresentado vocês duas. *Isso aqui* – disse, apontando para elas, que riam às minhas custas – é inaceitável.

Como previ, Carina e Brooklyn se deram bem logo de cara quando se conheceram pessoalmente na noite anterior. Eu imaginava que seria assim, mas também temia que Carina não gostasse muito da ideia de acrescentar um terceiro elemento à nossa dupla superunida. Meu medo não durou muito, porque em pouco tempo as duas já pareciam amigas de infância.

Infelizmente, isso significava que, às vezes, elas se juntavam contra mim, o que me desagradava *profundamente*.

– Ah, você sabe que a gente te ama. – Carina passou um braço pelos meus ombros. – Seríamos amigas de verdade se não fizéssemos piada da sua vida de novela?

– Aham, a nossa vida é chata. Temos que viver indiretamente através de você. – Brooklyn cruzou as pernas, a imagem do que era ser descolada sem esforço, com seu rabo de cavalo alto, argolas douradas e óculos escuros gigantes. – A única coisa que deixaria o dia de hoje mais interessante seria se Asher e Vincent caíssem na porrada. Não que isso *vá acontecer* – disse ela quando meu rosto enrubesceu. – Ninguém quer estragar uma partida beneficente para crianças. Pega mal.

– Melhor nem dizer isso em voz alta. – Olhei de novo para o campo. Asher e Vincent ainda estavam se ignorando, ainda bem. – É bem capaz de acontecer.

– Se acontecer, de que lado você vai ficar? – perguntou Carina a Brooklyn. – Time Asher ou time Vincent?

A loira torceu o nariz.

– Nenhum dos dois. Eu gosto do esporte, não dos jogadores. Eles se acham muito.

Era uma resposta típica de Brooklyn. Trocávamos mensagens constantemente desde a noite em que nos conhecemos, mas eu ainda não

sabia muito sobre ela. Sabia que tinha crescido na Califórnia, que era aspirante a nutricionista e que ostentava um rabo de cavalo como ninguém, mas só isso. Ela tinha um talento impressionante para passar uma conversa inteira sem revelar nada sobre si mesma.

– Concordo – falei. – Acredite em alguém que tem um na família. Se acham *muito* mesmo.

Carina arqueou a sobrancelha.

– Falou aquela que está namorando um jogador.

– Bem… – Meu olhar cruzou com o de Asher quando ele examinou a multidão, seus olhos percorrendo os diferentes setores até me encontrar. Senti uma agitação no meu peito. – Ele é diferente.

Minhas amigas soltaram gritinhos bem-humorados, mas não me importei. O mundo tinha se reduzido a íris de verde intenso e ao calor do olhar de Asher. A eletricidade ganhou vida entre nós, deslizando sob minha pele e incendiando cada terminação nervosa.

Não podíamos fazer muita coisa com meu irmão e mil outras pessoas presentes, mas não precisávamos. Não se tratava do que dizíamos ou fazíamos; tratava-se do que sentíamos.

Então, logo antes de os times concluírem o aquecimento, Asher sorriu e piscou para mim. Foi tão rápido que eu não teria percebido se já não estivesse olhando para ele, mas foi o suficiente. A agitação em meu peito cresceu ainda mais, e não consegui evitar um sorriso enquanto os jogadores se posicionavam para o pontapé inicial.

Quando finalmente olhei para o lado, minhas amigas me encaravam, achando graça.

– É tão fofo que chega a ser nojento – disse Brooklyn. – Quero.

– Eu não quero, não – disse Carina. – Nunca mais que eu ia conseguir trabalhar.

– Verdade.

Ainda estava muito atordoada para participar daquela conversa, mas aos poucos elas deixaram de falar para prestar atenção ao jogo.

Gritávamos e torcíamos para os Vermelhos e resmungávamos quando os Verdes marcavam um gol. Os jogadores eram um misto de profissionais de alto nível e amadores. Às vezes, a partida ficava desigual, mas o entusiasmo da torcida e o clima de festa eram tão divertidos que ninguém parecia se importar.

Foi também a primeira partida em que vimos o que Asher e Vincent eram capazes de fazer quando não estavam no pescoço um do outro. Talvez tivessem sido as expectativas relativamente baixas ou o fato de estarem jogando para a caridade. Independentemente do motivo, os dois jogaram tão bem juntos que os Vermelhos dominaram o primeiro tempo. A combinação do ataque de Asher e da defesa de Vincent resultou em dois gols que levaram o estádio à loucura.

Então, um desastre aconteceu.

Com menos de um minuto do segundo tempo, um dos Vermelhos cometeu falta em um dos Verdes. O jogador dos Verdes caiu no chão, e os aplausos foram interrompidos tão abruptamente que parecia que alguém havia colocado mil pessoas no mudo.

Os dois times cercaram o árbitro, os jogadores gesticulando alucinadamente enquanto discutiam com o homem de rosto severo. Eu não conseguia ouvir o que as pessoas estavam dizendo, mas ninguém parecia feliz.

Asher e Vincent tinham caretas iguais e, depois de talvez um minuto de discussão acalorada, o árbitro balançou a cabeça. Havia tomado sua decisão. Pênalti para os Verdes.

Alguém ajudou o jogador lesionado a deixar o gramado, e houve outra pequena comoção quando os Verdes indicaram que ele seria substituído.

Semicerrei os olhos, tentando ver o rosto do novo jogador.

Quando consegui, meu coração despencou. Um calafrio desceu pela minha garganta e invadiu meus pulmões.

– Não é possível. – Carina verbalizou exatamente meus sentimentos. Ela agarrou meu braço, de olhos arregalados.

Não tinha visto o reserva durante o aquecimento. Não sabia por que ele estava na partida nem por que estava em Londres, mas era impossível confundir aquele cabelo escuro ou o sorriso arrogante.

Meu estômago se revirou quando ele entrou correndo no campo.

Eu não conseguia acreditar. De todas as pessoas que poderiam ter entrado no lugar do jogador lesionado dos Verdes, tinha que ser *ele*. Rafael Pessoa. Meu ex-namorado.

Asher e Vincent se viraram para ele como leões farejando a presa. Os corpos ficaram rígidos, e sombras idênticas escureceram o rosto de cada um.

Ah, não. Nãonãonãonãonão.

– Isso não é bom – disse Carina. – Isso não é nada bom.

Brooklyn franziu as sobrancelhas, confusa. Ela não sabia sobre Rafael, então não entendia por que estávamos surtando.

– O que houve, gente?

– Bem. – Minha boca tinha gosto de metal. – Acho que você vai ter a briga pela qual estava torcendo.

ASHER

– O que *esse cara* tá fazendo aqui? – disparou Vincent ao meu lado.

Não sabia exatamente com quem ele estava falando, já que não fazia ideia de que eu conhecia o passado de Scarlett com Rafael, mas dei a resposta óbvia mesmo assim.

– Ele é o reserva.

– Não me diga. Eu quero saber o que ele tá fazendo *aqui*, nesse jogo.

Foram as primeiras palavras que trocamos ao longo do dia inteiro. A gente tinha se cumprimentado com acenos de cabeça rígidos no vestiário, e eu supunha que teria que agradecer a ele mais tarde por ter aceitado jogar de última hora. No entanto, preferia viver em negação pelo máximo de tempo possível.

Era maduro? Não. Eu me importava? Também não.

Eu também não sabia por que Rafael estava em Londres, sendo que ele tinha casa no Brasil e jogava na Espanha, mas um dos outros Vermelhos deu uma explicação.

– Ouvi dizer que ele está pensando em voltar pra Premier League. Talvez tenha ficado sabendo da partida e quis participar – disse ele.

Um rosnado baixo ressoou em meu peito.

Nunca tinha sido um grande fã de Rafael, mas, depois que Scarlett me contou sobre a atitude covarde e nojenta dele quando eles terminaram, passei a desprezar o sujeito com todas as fibras do meu ser.

A julgar pela cara amarrada de Vincent, ele sentia a mesma coisa,

olhando para o atacante brasileiro com mais aversão do que jamais havia olhado para mim.

A partida recomeçou, interrompendo nossa conversa, mas uma nova tensão sufocava o campo. Eu tinha jogado o primeiro tempo por diversão; o segundo eu jogaria por vingança.

Não queria ganhar dos Verdes. Queria *acabar* com eles.

Infelizmente, apesar de ser um merda em sua vida pessoal, Rafael jogava bem e conseguiu marcar um gol de cabeça aos dez minutos do segundo tempo.

A frustração invadiu meu sangue.

Rafael e eu disputamos homem a homem a posse da bola. Saí ganhando depois que chutei a bola para longe dele e a dominei antes que outro jogador pudesse se aproximar, mas mal tive tempo de me gabar antes de ele cair no chão, segurando o joelho.

O árbitro apitou, e a partida foi interrompida. A torcida vaiou.

– Ele me deu um carrinho – disse Rafael quando o árbitro chegou para saber o que havia acontecido.

Ele apontou para mim, seus olhos brilhando com… aquilo eram *lágrimas*?

Meu Deus do céu. Ele deveria largar o futebol e virar ator.

– Mentira. Eu nem encostei nele! – falei, soltando fumaça pelas ventas.

Vincent se aproximou de nós.

– Juiz, você viu a jogada! Todo mundo viu – argumentou. Ele apontou para Rafael. – Ele sempre faz essa palhaçada. Como o Donovan disse, eles nem se encostaram.

Ou ele queria tanto ganhar a ponto de engolir sua aversão e me defender, ou simplesmente seu ódio por Rafael era maior do que por mim. Ou as duas coisas.

Olhei de relance na direção dele.

Era irônico que Vincent estivesse me apoiando quando ele havia feito a mesma coisa que Rafael na Copa do Mundo. Na verdade, o que ele fez foi um milhão de vezes *pior*. A diferença entre fazer o jogador adversário ganhar um cartão vermelho na Copa do Mundo e cavar um pênalti durante uma partida beneficente era a mesma entre o monte Everest e um montinho de terra.

No entanto, Rafael vivia se jogando no chão ou fingindo uma lesão.

Vincent só tinha feito isso uma vez: no maior palco possível e com as piores consequências imagináveis para mim, mas ainda assim foi uma única vez.

Infelizmente, nossos esforços combinados não foram suficientes para convencer o árbitro. Ele concedeu aos Verdes outra cobrança de pênalti. Eles haviam perdido o anterior, mas, dessa vez, Rafael chutou a bola com firmeza dentro do gol.

Os Verdes agora estavam ganhando de 3 a 2. Cerrei a mandíbula. *Merda.*

Era uma partida beneficente, mas parecia tão decisiva quanto as de um campeonato. Eu me *recusava* a deixar Rafael Pessoa levar a vitória para casa. Só de pensar senti a bile subir pela garganta.

Mesmo que ele não tivesse sido um babaca com Scarlett, eu o teria odiado. Talvez fosse o ranço persistente da Copa do Mundo, mas eu acreditava piamente que qualquer jogador que fingisse daquele jeito com tanta frequência não merecia um lugar no campo.

– Que pena – disse Rafael, quando estávamos perto o suficiente para que ele pudesse falar sem que ninguém mais ouvisse. – Parece que o garoto de ouro do futebol não brilha mais tanto assim. Mal posso esperar pra seguir os passos do Holchester e dar uma lição em você e no DuBois.

Eu não deveria morder a isca. Jogadores falavam merda uns para os outros o tempo todo e, em geral, eu era muito bom em ignorar suas provocações. No entanto, minha frustração com o rumo da partida e com as decisões anteriores do árbitro já havia atingido o ponto de ebulição. A menção ao Holchester me fez ferver de raiva.

Talvez tivesse conseguido me conter se não houvesse olhado para a multidão e visto Scarlett naquele momento. Sua expressão preocupada se misturou com a imagem de seu rosto quando ela me contou o que havia acontecido com Rafael. Como ela parecia desamparada e triste. Ela disse que a separação deles acabou sendo o melhor para ela, mas ninguém gostava de ser abandonado em um momento tão difícil.

Imaginei-a deitada na cama com dor enquanto ele a abandonava para sair com outra pessoa.

Imaginei como ela deve ter se sentido arrasada. E explodi.

Tudo ficou vermelho ao meu redor. A raiva transformou a razão em cinzas e, em vez de ignorar a provocação de Rafael, me virei e o empurrei com força, fazendo-o tropeçar.

Naquele momento, não estávamos jogando futebol. Estávamos brigando

de verdade, e não havia mais nada que eu quisesse do que tirar aquele sorrisinho presunçoso da cara dele.

Um suspiro coletivo ecoou pelo estádio.

Rafael se recuperou e disse qualquer coisa em português. Ele me empurrou de volta. Vincent agarrou a parte de trás da minha camisa para evitar que eu o socasse, mas, quando Rafael fez outra provocação que não consegui ouvir, ele soltou um grunhido e me largou, partindo para a briga. Se outro Verde não tivesse entrado em cena no último segundo, Vincent teria batido nele. O restante dos jogadores entrou na confusão, dominados pela lealdade temporária às suas cores. A partir daí, a situação se transformou em um caos absoluto.

Os gritos da torcida ecoavam pelo gramado, abafando uma enxurrada de palavrões e ameaças.

– Qual é o seu problema? – gritou Rafael.

– Meu problema é *você*. – Eu tinha mais coisa para dizer a ele, nenhuma delas apropriada para o local, mas, antes que eu pudesse xingá-lo de tudo que era nome, um apito agudo e prolongado cortou o caos.

– Chega!

O árbitro entrou no meio da briga. Ele tinha passado os últimos dois minutos tentando nos manter sob controle e claramente já estava de saco cheio.

Quando o homem nos encarou, seu rosto estava da cor do meu uniforme, seus ombros tremendo de raiva.

– Isso aqui é uma partida beneficente pra *crianças* – sibilou ele. – Não estou nem aí pra quem vocês são nem pro problema entre vocês. Isso é uma tragédia. Olhem só pra eles! Vocês acham que estão dando um bom exemplo?

Segui seu dedo até um grupo de crianças sentado na primeira fila. Tinham entre 6 e 13 anos, mas todas tinham camisetas idênticas da Sport for Hope e bocas abertas em choque. A vergonha extinguiu a hostilidade mais rápido do que chuva sobre o fogo.

Eu estava furioso, mas ser lembrado da presença das crianças e do motivo pelo qual estava fazendo aquilo – pelas crianças, sim, mas também pela memória de Teddy – foi constrangimento suficiente para me afastar de Rafael.

Os outros jogadores baixaram a cabeça, igualmente envergonhados.

Não era uma partida oficial, então o árbitro não podia nos dar cartão vermelho, mas concedeu aos Verdes mais um pênalti, já que fui eu quem fez o primeiro contato.

Mais uma vez, eles marcaram. Agora estavam ganhando por 4 a 2.

– Desgraçado arrogante. – Vincent grunhiu ao meu lado. – Olha só pra ele. Ele acha que vai ganhar.

Rafael fez um gesto ofensivo para a gente do outro lado do campo, com seu sorrisinho firme de volta.

– Só se for por cima do meu cadáver. – Minha mão se fechou em um punho. – Vamos acabar com ele.

Um sorriso perverso surgiu no rosto de Vincent.

– A melhor ideia que já ouvi.

Como diz o ditado, o inimigo do meu inimigo era meu amigo. Ao longo dos trinta minutos seguintes, estávamos unidos em nosso ódio por Rafael e jogamos como se estivéssemos disputando a Copa do Mundo novamente – só que, dessa vez, no mesmo time.

Vincent interceptou um passe de Rafael para outro Verde. Então chutou a bola para mim, e eu a peguei e saí correndo.

O gol era inevitável. O goleiro dos Verdes mal teve tempo de reagir antes de a bola entrar no fundo da rede e o estádio vir abaixo.

– Gooooooool! – O locutor esticou a palavra no alto-falante.

Eu me dei o direito de sentir uma centelha de triunfo.

Quatro a três. Quase lá.

– Força, Vermelhos! – Uma voz familiar gritou em meio à multidão.

Meu olhar se voltou para a fonte, e um sorriso largo se espalhou pelo meu rosto quando vi Scarlett pular de seu assento entre Carina e uma loira que eu supunha ser Brooklyn.

Eu já havia jogado diante da família real, de celebridades e de chefes de Estado, mas ouvir Scarlett torcer por mim superou todas as outras partidas mil vezes. Não chegava nem perto.

Ela acenou, com o rosto brilhando.

Quase acenei de volta, até ver Vincent retribuindo o cumprimento.

Ele devia ter pensado que a irmã estava torcendo só por ele.

Claro. Demonstrações públicas de afeto ainda não são permitidas.

Afastei uma pontada de decepção e voltei a me concentrar na partida.

Alguns minutos depois, Vincent bloqueou um ataque do outro time. Os

torcedores vibraram.

Odiava admitir, mas o desgraçado era bom de verdade. Em pouco tempo empatamos com os Verdes novamente.

Faltavam cinco minutos. Só precisávamos de mais um gol.

Quatro minutos.

Três minutos.

Finalmente roubei a bola de Rafael. Chutei e…

– *Gooooooool!!!*

O estádio tremeu com a força do júbilo da torcida. Os Verdes não conseguiram se recuperar, o jogo acabou e vencemos por 5 a 4.

– É isso aí, porra!! – gritou Vincent, erguendo o punho no ar.

A doce emoção da vitória percorreu minhas veias. Estava um calor escaldante, eu pingava de suor e havia perdido a paciência na frente de todo mundo, mas nada disso importava.

Ganhamos. Arrecadamos uma tonelada de dinheiro, e eu ainda pude desfrutar da cara feia de Rafael quando ele saiu do campo.

Foi o final perfeito para um dia difícil.

Encontrei Scarlett novamente no meio da multidão. Ela sorriu para mim, com uma expressão de orgulho e algo mais que fez meu coração acelerar.

Vincent estava ocupado demais dando autógrafos para perceber, então me permiti sorrir de volta.

O barulho ao nosso redor se transformou em um rugido indistinguível. Independentemente de onde estivéssemos ou de quantas pessoas nos cercassem, ela comandava minha atenção como um farol em uma tempestade.

Brilhante. Linda. Inabalável.

Comecei a caminhar na direção dela, mas uma funcionária da Sport for Hope que estava conduzindo o grupo de crianças que vi anteriormente me parou no meio do caminho.

– Oi, Asher. Desculpa te prender. Você deve estar exausto – disse ela. – Mas as crianças são suas fãs e queriam autógrafos e fotos. Tudo bem por você?

– Claro. Hoje o dia é delas. – Desviei os olhos de Scarlett e sorri para o grupo. Elas eram adoráveis. – Quem quer uma foto primeiro?

Depois de muito clamor e entusiasmo, terminei de dar todos os autógrafos e tirar todas as fotos. Àquela altura, o estádio já havia esvaziado,

mas, quando olhei o celular, vi uma mensagem de Scarlett dizendo que estaria em uma das saídas laterais.

Peguei minha mochila e fui ao encontro dela. Como prometido, ela estava esperando entre o estádio e o estacionamento. Não vi Vincent, Carina nem Brooklyn, mas minha expectativa de ter alguns momentos a sós com ela – bem como as emoções calorosas e confusas depois de interagir com as crianças mais cedo – desapareceu assim que vi com quem ela estava falando.

Rafael.

CAPÍTULO 33

SCARLETT



Não esperava que uma partida beneficente fosse se transformar em uma briga.

Não esperava que meu irmão e meu não namorado secreto se unissem contra meu *ex*-namorado (embora tivesse sido prazeroso testemunhar isso).

Acima de tudo, não esperava que meu ex-namorado me procurasse depois da partida e tentasse me abraçar como se não tivesse me descartado num piscar de olhos depois do acidente.

– Scarlett! Que bom ver você. – Ele se aproximou. Dei um passo para trás antes que ele fizesse contato. Seu sorriso vacilou, mas ele se recuperou rapidamente. – Imagino que você tenha vindo para torcer pelo seu irmão.

Respondi com o menor dos sorrisos. Talvez tivesse me livrado da amargura que sentia em relação a ele depois de *muita* terapia, mas isso não significava que eu quisesse falar com ele.

Infelizmente, estava ali presa esperando meu irmão, minhas amigas e Asher. Carina e Brooklyn tinham ido ao banheiro, e Vincent e Asher provavelmente ainda estavam dando autógrafos. Não queria ficar sentada sozinha no estádio feito uma tonta, então fui para a saída. Pensando melhor, deveria ter ficado no estádio. Não achei que Rafael teria coragem suficiente para se aproximar na frente de Vincent, em especial depois do que aconteceu em campo.

Como *ele* conseguiu escapar das pessoas que clamavam por fotos e autógrafos? Ele não era tão famoso quanto Asher e Vincent no Reino Unido,

mas era bem conhecido.

– Queria só dar um oi – disse Rafael, quando não dei papo. Ele passou os olhos por mim, sua atenção se concentrando em minhas pernas e meu decote. Houve uma época em que eu teria ficado lisonjeada. Naquele momento, senti um calafrio diante do olhar dele. – Você está ótima.

– Já faz cinco anos – respondi, indiferente. – Mudei muito desde a última vez que nos vimos.

Rafael se encolheu com meu tom incisivo.

– Como está a Vicky? – perguntei, de forma ainda mais incisiva.

Vicky era a estrela de reality show com quem ele havia começado a sair quase imediatamente após o nosso término.

– Para com isso, Scar. Você sabe que eu não estou mais com ela.

Eu *odiava* quando as pessoas me chamavam de Scar.

– Na verdade, não. – Dei de ombros. – Não acompanho as notícias sobre você. Desculpa.

Rafael fechou a cara. Ele era imperturbável quando se tratava de certas coisas, mas um golpe no ego o tirava dos eixos rapidinho.

Apesar do desejo de me afastar dele o mais rápido possível, não pude resistir a matar um pouco a curiosidade.

– O que você está fazendo aqui, afinal?

– Vim pra Londres tratar de negócios – respondeu ele, vagamente. – Um antigo colega de time ia participar da partida de hoje e me pediu pra ficar de reserva. Ainda bem que eu aceitei, senão eles não teriam marcado tantos gols. – Suas palavras exalavam arrogância.

Eca. Como eu pude ser apaixonada por esse homem? O que eu *tinha na cabeça* quando era mais nova?

– Aham – disse. – Mas seu time perdeu.

O sorriso de Rafael desapareceu.

– Por pouco – devolveu ele, esfregando o queixo. – Acho que seu irmão ainda não me perdoou pelo que aconteceu.

– Não, e é por isso que é melhor você ir embora antes que ele apareça aqui.

Ele ignorou minha advertência.

– Eu te vi na arquibancada e queria falar com você a sós, depois do jogo. Eu ia te ligar mais tarde, mas, como você já está aqui, pensei: por que não?

Fiquei calada e impassível.

– Queria pedir desculpas pela maneira como lidei com tudo depois do acidente – disse ele, depois de vários segundos de silêncio. – Sei que faz anos que não nos vemos, mas você não é a única pessoa que mudou desde então. Eu agi feito um idiota e sinto muito.

Nem se ele houvesse ganhado asas de fada e começado a sapatear ali mesmo eu teria ficado tão surpresa.

Rafael Pessoa estava *pedindo desculpas* por algo que fez?

– É ótimo ver você tão bem – acrescentou. – É como se o acidente nunca tivesse acontecido.

Uma onda repentina e irreprimível de fúria anulou a surpresa de antes.

É como se o acidente nunca tivesse acontecido?

Não é de se admirar que ele estivesse sendo tão amigável e simpático. Ele provavelmente me viu e pensou que eu seria uma presa fácil, agora que tinha voltado ao "normal". Também devia ter pensado que eu era a mesma garota que havia se apaixonado por sua arrogância quando era jovem e inexperiente demais para saber o que era melhor para mim.

O que ele *não viu* foram os anos de cirurgia, terapia e reabilitação pelos quais tive que passar para chegar ao ponto em que estava naquele momento. Ele não viu os acessos de aversão por mim mesma nem a fadiga que me mantinha colada à cama durante as piores crises. Mesmo naquele momento, quando estava "tão bem", sentia pequenas picadas e dores que formavam um zumbido incessante no pano de fundo da minha vida.

Meus sintomas eram invisíveis, mas eram reais.

Rafael não viu nada disso porque *não estava lá*. Ele me abandonou e teve a cara de pau de me procurar cinco anos depois como se tudo estivesse perdoado e esquecido.

Eu o perdoei por *mim*, porque não queria mais ficar mergulhada em uma piscina tóxica de ressentimento. Mas com certeza não esqueci tudo que ele fez.

– Na verdade, Rafael, o acidente aconteceu, sim. – Um mel venenoso escorreu da minha voz. – Lembra quando você me viu no hospital pela primeira vez e se retraiu todo? Lembra que você falou que eu me sentiria melhor se "quisesse de verdade"? – O mel se transformou em uma raiva fria e dura. – Lembra quando você terminou comigo *depois da minha primeira cirurgia* porque disse que eu "precisava de espaço" pra me curar sozinha e depois foi correndo transar com a primeira garota que viu numa boate?

Você agiu como se estivesse me fazendo um favor quando, na verdade, você era um merda que não conseguiu lidar com o fato de que não era mais o centro das atenções. Você odiava o fato de não ser prioridade e de não ter mais um troféu brilhante pra exibir em público.

O rosto de Rafael perdeu a cor.

– Não foi isso…

– Eu ainda não terminei, então não me interrompa. – A raiva explodiu dentro de mim, meus dentes e garras de fora. – Você vir até aqui cinco anos depois e dizer na minha cara que é como se o acidente nunca tivesse acontecido é o fim. Mas quer saber? Não dava pra esperar nada além disso. Você sempre foi um babaca egocêntrico, e lamento ter demorado tanto para perceber isso. Olhando para trás, a única coisa boa que você fez foi terminar comigo. Se não tivesse terminado, eu teria ficado presa a você esse tempo todo, e isso teria sido um castigo pior do que qualquer dor ou acidente.

O silêncio que se seguiu ao meu discurso inflamado foi tão profundo que daria para ouvir o bater de asas de uma mariposa.

Rafael me encarou, seu rosto exibindo choque, raiva e um pingo de remorso.

Eu nunca havia falado com ele daquele jeito antes. Nunca havia falado com *ninguém* daquele jeito, mas fazia anos que meus sentimentos estavam guardados. Eles borbulhavam dentro de mim, reprimidos, mas não esquecidos, até que a aparição dele abriu a porta da prisão.

Depois que se libertaram, não havia como detê-los até que gastassem toda a sua energia.

A exaustão se instalou em meus ossos – exaustão e uma grande dose de orgulho.

– O assunto está encerrado – falei, com mais calma dessa vez. – Não tente entrar em contato comigo novamente.

Havia esperado anos para esculachar Rafael daquele jeito. Agora que tinha feito isso, estava pronta para deixá-lo no passado de uma vez por todas.

Infelizmente, ele era arrogante ou burro demais para perceber que eu não estava brincando.

Ele agarrou meu braço quando tentei passar por ele. Uma sensação desagradável se espalhou pelo meu peito.

– Scarlett, eu estava só…

– *Não encosta nela.*

Meu olhar voou para a direita bem a tempo de ver Asher abrindo caminho em nossa direção com Vincent em seu encalço.

Ah, merda.

Rafael soltou meu braço.

Asher lhe deu um soco.

E tudo foi por água abaixo – outra vez.

CAPÍTULO 34

ASHER



Em minha defesa, não havia nenhuma criança por perto dessa vez.

Também em minha defesa: Rafael mereceu. Se eu não tivesse dado um soco nele, Vincent teria. Não o ouvi vindo atrás de mim quando saí, mas, quando Rafael agarrou o braço de Scarlett, ele estava bem ali para me dar cobertura.

Cheguei a tempo de ouvir o final do discurso dela e de ter a certeza de que ela *definitivamente* não queria que Rafael a tocasse. Se havia uma coisa que eu não tolerava era esse tipo de cara que fazia questão de ser inconveniente.

No entanto, Vincent e eu só conseguimos acertá-lo uma vez cada um antes de Finley aparecer do nada e nos separar. Rafael foi embora sem prestar queixa (as circunstâncias eram humilhantes demais para ele cogitar que viessem a público), e Finley nos arrastou de volta para o vestiário para nos dar um esporro.

Por mais que tivesse apreciado nossa participação naquele dia, isso não o impediu de nos detonar por conta da confusão no campo *e* pelo que aconteceu com Rafael. Depois do que pareceu uma eternidade, Vincent e eu saímos do vestiário, devidamente repreendidos.

– Ele estava furioso – comentou Vincent.

– Sim. Eu não fazia ideia de que a voz dele podia atingir aquele volume.

– Foi impressionante.

– Aham. – Eu me lembrei do estalo satisfatório de meu punho se

chocando com o rosto de Rafael. – Mas não me arrependo.

Um sorriso malicioso se abriu no rosto de Vincent.

– De jeito nenhum. Aquele olho roxo do Pessoa tem que ir pro hall da fama.

Dei uma risadinha.

Mal podia esperar pelo momento em que Rafael tentaria explicar o olho roxo. Seu ego provavelmente estava mais machucado do que sua cara, e ele merecia cada segundo de desconforto.

Não se sai por aí agarrando mulheres contra a vontade delas. É isso e ponto-final.

– Obrigado por proteger a minha irmã – acrescentou Vincent, com rigidez. O estádio estava completamente vazio, e o único som era o dos nossos passos ecoando no piso de concreto. – Não precisava fazer isso.

Se você soubesse.

– De nada. – Dei um pigarro. – Obrigado por topar no último segundo.

– De nada.

Ficamos em silêncio outra vez.

Chegamos à saída e ficamos lá parados, atentos para não olharmos um para o outro enquanto esperávamos Scarlett e suas amigas se juntarem a nós. Scarlett não parecia tão chateada por termos socado seu ex, mas Carina e Brooklyn tinham chegado a tempo de ver Finley nos levando para o vestiário da mesma forma que um professor de saco cheio levaria seus alunos problemáticos para a detenção.

Não sabia o que as meninas estavam fazendo. Provavelmente, debatendo nosso dia de merda. Ao menos, tínhamos arrecadado mais de cem mil libras para a Sport for Hope (se incluíssemos a doação do BS. Cinco gols equivaliam a 5 vezes o valor angariado com os ingressos).

Vincent bateu o pé. Eu olhei o relógio. Fez-se um silêncio constrangedor.

Não éramos amigos, mas a partida daquele dia e a nossa união contra Rafael tinham aliviado um pouco a animosidade que normalmente contaminava o ar entre nós.

Como ficaria nossa relação dali em diante?

– Vocês dois já conseguiram colocar tudo pra fora? – A voz de Scarlett dissipou minha nuvem de incerteza.

Ela parou perto da gente, ao lado de Carina, com uma expressão cautelosa, e Brooklyn, que parecia estar se divertindo.

Vincent se endireitou ao meu lado.

– Colocar o quê pra fora? – perguntei,

– Toda essa testosterona descontrolada. Vocês *não* precisavam chegar e socar a cara dele daquele jeito. – Ela nos encarou com um olhar severo.

Vincent e eu abaixamos a cabeça.

– Dito isso… – Scarlett torceu a boca. – Deu muita satisfação ver isso acontecer.

Nossos sorrisos de alívio surgiram ao mesmo tempo.

– Eu até filmei. – Carina agitou o telefone no ar. – Para o caso de termos um dia ruim e precisarmos de estímulo.

– Aaah. – Brooklyn se inclinou para ver. – Manda pra mim?

– Com certeza.

– Obrigada – disse Scarlett baixinho, enquanto as amigas se juntavam para ver o vídeo em que eu dava um soco em Rafael. – A vocês dois. Como eu disse, não precisavam ter batido nele, mas agradeço por terem me defendido.

– Sempre. Você é minha irmã caçula. – Vincent bagunçou o cabelo dela. – Quem mexe com você está mexendo comigo.

– *Vince*. O que eu já te falei sobre tocar no meu cabelo?

Ela afastou a mão dele, mas um sorriso escapou de sua expressão irritada. Fiquei em silêncio. Eu não queria dizer o que realmente estava pensando com Vincent ali, então as palavras se aglomeraram em minha garganta, ficando presas na coleira que havia colocado ao redor delas.

Estarei sempre ao seu lado. Sempre. Não importa o que aconteça, não há nada neste mundo que eu não faça por você.

O olhar de Scarlett encontrou o meu. Ela parou por uma fração de segundo, com os lábios entreabertos como se tivesse ouvido minha promessa silenciosa em alto e bom som.

Um zumbido familiar ganhou vida sob minha pele – apenas por um segundo, apenas até Brooklyn chamar o nome de Scarlett, mas foi o suficiente para fazer valer a pena cada mergulho na montanha-russa que tinha sido aquele dia.

– O primeiro táxi chegou – disse Brooklyn, verificando o celular quando um carro preto parou ao nosso lado. – Vamos comemorar no Angry Boar.

– Ótimo. – Vincent sorriu para ela. – Podemos ir juntos. Acho que não fomos apresentados. Sou Vincent, irmão da Scarlett.

– Eu sei quem você é. – Ela não tirou os olhos da tela. – Nós não vamos juntos. Você vai com o Asher.

Nossos sorrisos desapareceram, nossos olhos se arregalaram e nossas vozes disseram em uníssono:

– *O quê?*

– Não cabem cinco pessoas em um carro só, então vocês vão na frente pra pegar uma mesa boa. Vamos estar bem atrás de vocês – disse Scarlett, animada. Carina abriu a porta. Scarlett nos empurrou para dentro. – Nos vemos no pub!

Brooklyn nos deu um tchauzinho.

– Divirtam-se e se comportem.

Não tivemos a chance de expressar nossa indignação antes que Carina fechasse a porta e o motorista saísse em disparada.

– Que merda foi essa? – perguntou Vincent, sem conseguir acreditar no que aquelas três tinham feito.

– Também queria saber. – Esfreguei a mão no rosto, dividido entre irritação, choque e orgulho. – Não pergunta nada. Só segue o fluxo. Confia em mim, é mais fácil.

• • •

É *óbvio* que a porcaria do motorista se perdeu. Isso era raro entre os taxistas de Londres, mas tivemos a sorte de pegar justamente um que mal conseguia se localizar.

Depois de uma longa e silenciosa viagem de carro, Vincent e eu finalmente chegamos ao Angry Boar. As meninas já tinham conseguido uma das poucas e cobiçadas cabines no fundo, e foi uma luta atravessar a multidão para chegar até elas.

Era sábado à noite e o pub estava lotado. A música e o álcool corriam soltos, e alguns clientes haviam montado uma pista de dança improvisada ao lado da jukebox. Mac arremessava bebidas pelo balcão com a carranca de sempre, que se aprofundou quando ele nos viu entrar.

Na verdade, *todo mundo* notou quando entramos. Dezenas de pares de olhos acompanharam nossa caminhada até a cabine no canto. Se não fossem as regras do bar, haveria um milhão de celulares documentando aquele

acontecimento do futebol.

Asher Donovan e Vincent DuBois, passeando pela cidade como melhores amigos.

Rá, rá. Só passando por cima do meu cadáver.

– Já era hora – disse Brooklyn, quando nos sentamos um de cada lado da cabine circular (eu ao lado de Scarlett, Vincent ao lado de Brooklyn). Carina ficou bem no meio, com os olhos grudados em algo no celular. – Vocês dois gostaram tanto da viagem que resolveram dar uma esticadinha?

– Não força a barra, loirinha – disse Vincent. – Você é bonita, mas não tanto assim.

Ela deu um sorrisinho arrogante.

– Foi por isso que você quis vir comigo mais cedo?

– Não, foi porque tirei o dia para fazer caridade e queria estender minha generosidade a você.

– Crianças... – murmurou Scarlett enquanto Vincent e Brooklyn continuavam a discutir. – Estou cercada de crianças.

– Não me coloque no mesmo balaio que eles – falei. – Sou um adulto maduro.

– Hoje não é o melhor dia para você fazer essa afirmação.

Franzi a testa. *Humm*. Justo.

– Como foi a vinda para cá? – perguntou Scarlett. – Vejo que não há nenhum hematoma recente, o que já é ótimo.

– Foi tudo bem. Quieto. – Passei uma mão preguiçosa sobre a coxa dela por baixo da mesa. Sua pele se aqueceu sob meu toque, e um sorriso surgiu em minha boca quando percebi que sua respiração ficou entrecortada. – Mas eu preferia ter vindo com você.

– Aham. – Ela se mexeu na cadeira, seus olhos se voltando para onde Brooklyn e Vincent ainda estavam brincando, flertando ou o que quer que estivessem fazendo, enquanto Carina permanecia absorta em seu telefone. – Era para vocês terem usado esse tempo para criar laços.

Minha mão parou a poucos centímetros do joelho dela e apertou. Scarlett engoliu em seco, e sua respiração ficou mais superficial.

– Não é com ele que eu quero criar laços, querida.

O deslizar suave e lânguido de minhas palavras aterrissou com a graça emplumada de uma dançarina. Pesadas para impactar a vibração do ar ao nosso redor, mas tão leves que só atingiram a pessoa mais próxima de mim.

– Asher. – Ela estava nervosa e com dificuldade de respirar. – Aqui não.

Murmurei em discordância. Acariciei a parte interna de sua coxa com o polegar, adorando a forma como sua perna se contraiu e se flexionou.

Um garçom se aproximou da nossa mesa, e deixei a mão na perna de Scarlett mais um pouquinho antes de afastá-la com relutância e discrição. Brooklyn e Vincent interromperam a conversa para fazer seus pedidos junto com o restante de nós.

Cerveja, hambúrgueres e batatas fritas. O jantar dos campeões.

A maioria dos pubs não tinha garçons, mas estávamos sentados no salão de refeições e era fim de semana. O Angry Boar só tinha garçons nas noites mais movimentadas.

– Então, qual é a sua treta com o Pessoa? – perguntou Vincent depois que o garçom saiu.

Meu copo parou na metade do caminho até meus lábios.

– O quê?

– O Pessoa. Por que você o empurrou no campo? Mesmo antes de ele ir pra cima da Scarlett, parecia que você já tinha algo contra ele.

Carina finalmente tirou os olhos do celular, e Scarlett se empertigou.

Ondas de tensão emanavam de seus ombros rígidos e dos nós dos dedos brancos. Terminei de dar um gole na minha água, tentando ganhar um pouco de tempo.

Nunca tinha emitido qualquer opinião, boa ou ruim, sobre Rafael. Eu deveria responder com uma versão editada da verdade e admitir que sabia sobre o passado de Scarlett com Pessoa? Ou o relacionamento deles era uma parte íntima demais da história dela para ser compartilhada com um colega?

Porque foi isso que Vincent supôs que éramos depois que Scarlett ligou para ele para falar sobre a partida beneficente em meu nome. Colegas.

Optei por uma resposta vaga, mas plausível:

– Ele é um babaca – respondi. – E ele vive se jogando no chão.

Vincent bufou.

– Aham. Cai mais do que fruta podre.

A apreensão de Scarlett se esvaiu, e ela deu um sorriso, com certeza lembrando que eu havia dito praticamente a mesma coisa sobre o cara.

Apertei sua perna novamente, dessa vez para alertá-la.

– E você? – perguntei para Vincent, fazendo Scarlett se engasgar com a água. – Por que odeia tanto ele?

Vincent hesitou e olhou para a irmã antes de responder.

– É uma questão pessoal, mas você tem razão. Ele é mesmo um babaca.

Infelizmente, isso fez Vincent subir no meu conceito. Ouvimos Rafael assediando Scarlett, mas ele não sabia se eu estava a par dos detalhes e não os revelou sem o consentimento explícito dela. Sua consideração pela irmã era uma das poucas facetas irrepreensíveis de sua personalidade.

– Chega de falar de futebol. É chato – disse Brooklyn quando o garçom voltou com as bebidas e a comida. – Vamos jogar um jogo. Que tal Verdade ou Consequência?

– Não! – Scarlett e eu gritamos ao mesmo tempo.

Carina tossiu em seu punho, e as sobrancelhas de Vincent se ergueram.

– Quer dizer, não quero fazer nada constrangedor em público – disse Scarlett. Ela fuzilou a amiga com um olhar severo. – Você me entende, *né*?

A última coisa de que precisávamos era cometer um deslize sem querer durante um jogo envolvendo bebida.

– Humm, claro. – Brooklyn captou a mensagem. – Tudo bem. Vamos jogar outra coisa.

Seu sorriso voltou em toda a sua glória deslumbrante.

• • •

Duas horas e muitas partidas depois (Brooklyn conseguiu encantar até mesmo o não encantável Mac para que ele nos emprestasse o baralho), estávamos completamente bêbados e rindo como se fôssemos amigos de longa data.

Era incrível como a cerveja e a alegria de vencer podiam suavizar até mesmo as histórias mais difíceis.

– Andei perguntando por aí e descobri como o Simon machucou o pé. – Vincent se inclinou para a frente, com os olhos brilhando. – Adivinha.

– Chutou uma parede com muita força.

– Não. É ainda mais idiota do que isso. – Ele baixou o tom de voz. – Ele estava montando uma estante e ela caiu em cima do pé dele. Ele vai ficar fora dos primeiros jogos da temporada por causa de um *móvel.*

Caí na gargalhada.

– Mentira!

Simon jogava no Liverpool, por isso era fácil para nós dois minimizar a situação dele. Eu até estava com pena do cara, porque era muito estressante lidar com uma lesão, mas… a dele tinha sido causada por uma *estante*, fala sério.

– Juro por Deus. Foi o que eu fiquei sabendo. – Vincent ergueu uma das mãos, com um sorriso largo.

Para ser sincero, ele não era tão ruim assim. Era quase tolerável. Ou talvez fossem as cinco canecas de cerveja falando.

Virei a cerveja e vi Scarlett nos observando com um sorrisinho. Tínhamos trocado de lugar uma hora antes, então ela estava sentada entre Carina e Brooklyn, enquanto Vincent e eu permanecíamos em lados opostos da mesa.

Suas bochechas rosadas e seus olhos brilhantes denunciavam uma leve embriaguez, mas seu sorriso era Scarlett, pura e autêntica.

Viu só? Melhores amigos, disse ela, sem emitir som.

Balancei a cabeça. Só porque Vincent e eu meio que estávamos nos dando bem depois de algumas cervejas, isso não significava que éramos melhores amigos ou que seríamos em algum momento.

– Aquela garota está te encarando como se você fosse um frango de padaria. – O comentário de Vincent desviou minha atenção de Scarlett.

Segui seu olhar até uma mulher linda de cabelo preto sentada duas mesas adiante. Ela estava com um grupo de amigas e ficou com o rosto da cor de um tomate quando percebeu meu olhar.

– Ela é gata – disse Vincent. – Se eu fosse você ia lá dançar com ela.

Uma pontada de paranoia perfurou minha embriaguez. Por que de repente ele estava bancando o cupido? Será que ele tinha me visto sorrir para Scarlett e aquela era sua maneira de me afastar da irmã?

No entanto, ao olhar para ele, só vi um incentivo genuíno. Não se tratava de uma provocação sutil. Era seu jeito de retribuir a bandeira branca que eu havia oferecido com o convite para o jogo (mesmo que ele tivesse sido minha última opção). Rejeitar aquilo de imediato seria rejeitar sua oferta de paz, mas eu definitivamente não queria dançar com uma mulher aleatória em um bar.

– Não tô a fim de dançar – respondi, tranquilamente. – Mas você deveria ir lá falar com ela.

– Não sou eu que ela está comendo com os olhos. Vamos lá. – Vincent

deu um sorrisinho. – Dar uma animada. Eu e a Brooklyn vamos com você.

– Oi? – Brooklyn cruzou os braços. – Como é que *eu* fui arrastada para essa conversa?

– Não, de verdade. – Evitei com todas as forças olhar para Scarlett. – Não estou a fim de trocar ideia com ninguém.

– Fala sério. Quando é que você *não está* a fim de trocar ideia com uma mulher gostosa? – Vincent ergueu a sobrancelha. – Você tem uma namorada secreta ou algo do tipo?

Scarlett se engasgou com a bebida pela segunda vez naquele dia.

– Desculpa – disse ela, ofegante. – A cerveja desceu pelo buraco errado.

Sutil, querida. Muito sutil.

– O deu em você hoje? – Vincent pegou um guardanapo da pilha ao lado dele e entregou um para ela. – Você está esquisita desde que a gente chegou aqui.

Scarlett murmurou uma resposta incoerente.

Vincent tinha chegado muito perto de nos desmascarar com aquele papo de "namorada secreta". Precisava cortar sua suspeita pela raiz antes que ele começasse a se perguntar seriamente por que eu defendera Scarlett com tanto afinco mais cedo e por que ela estava tão inquieta perto de mim.

– Sabe de uma coisa? Você tem razão. – Eu me levantei. – Viemos aqui comemorar. Vamos dançar.

A música da jukebox mudou para uma canção mais animada. Eu me forcei a ir até a garota morena, cujas amigas começaram a rir quando me apresentei.

Conversei um pouco com elas, mas não consegui dançar com a garota. Fiquei torcendo para que o flerte tivesse sido suficiente para despistar Vincent.

Dei uma espiada nele depois de uns cinco minutos de papo. Ele estava entre Brooklyn e Carina na pista de dança e não me dava a mínima atenção.

Ainda bem.

Meu olhar percorreu o pub até parar em Scarlett, que me observava do balcão.

– Quer ir pra outro lugar? – A garota tocou no meu braço. – Eu moro aqui perto.

As bochechas de Scarlett ficaram coradas, e ela desviou o olhar rapidamente.

Queria muito me lembrar o nome da garota morena. Não consegui, mas a dispensei gentilmente antes de me retirar de seu grupo decepcionado.

Cheguei por trás de Scarlett, que não se virou nem mesmo quando passei a mão em sua lombar. Uma multidão densa nos separava da pista de dança e bloqueava a visão direta que Vincent tinha de nós.

– Já terminou de falar com o clone da Megan Fox? – perguntou ela, sem olhar para mim.

– Parece que sim. – Eu me aproximei dela e reprimi um sorriso ao ver seu beicinho adorável. – Ficou com ciúmes?

– Não. Por que eu ficaria com ciúmes?

– Exatamente. Não existe motivo pra ter ciúmes, querida. Eu só estava conversando com ela porque o Vincent estava ficando desconfiado. Você é a única que eu quero. – Toquei suas costas novamente, seu calor atravessando a blusa e penetrando minha pele. Ela era sempre tão contida que uma parte de mim se deliciava com seu ciúme. Saber que ela se importava e que me queria tanto quanto eu a queria era inebriante. – Quando a gente sair daqui, eu vou te mostrar exatamente o quanto.

– Tá bom. – Scarlett parecia indiferente, mas percebi que sua respiração falhou levemente quando minha palma deslizou da parte inferior de suas costas até a curva de sua cintura. Estávamos muito espremidos para que alguém percebesse o que estávamos fazendo e, de qualquer forma, todos estavam bêbados demais para se importar. – Você vai flertar comigo do jeito que flertou com ela?

– Se você quiser. – Abaixei a cabeça, minha voz se transformando em um murmúrio. – Mas o que eu realmente pretendo fazer é tirar a sua roupa, te deitar na sua cama e te chupar até você esquecer seu próprio nome.

Scarlett chegou a ficar sem ar.

– E depois que eu fizer você gozar na minha cara… – Apertei mais a mão ao redor de sua cintura. – Eu vou meter meu pau nessa sua bocetinha gostosa e te fazer gritar do jeito que eu gosto.

Os dedos dela apertaram a borda do balcão. O rubor que se espalhava por seu rosto e seu peito era tão intenso que eu podia praticamente sentir o calor que emanava dela.

Eu me endireitei e voltei a falar em meu volume normal.

– Ei, Mac. Podemos pedir alguma coisa pra comer? – Fiz um sinal para o dono carrancudo antes de olhar para Scarlett. Dei um sorrisinho travesso. –

O que você está a fim de comer? Outro hambúrguer ou *fish and chips*?

Ela emitiu um ruído estrangulado.

Engoli o riso que subiu por minha garganta.

– *Fish and chips*, então. Dois, por favor. Obrigado, Mac.

– Você é diabólico – disse ela quando ele se retirou. – Você não pode *falar* esse tipo de coisa e depois fingir que nada aconteceu!

– Confie em mim. Eu sei que aconteceu. – Meu pau duro como aço era a prova disso. Ainda bem que eu estava no bar, ou teria que dar algumas explicações. Com sorte, conseguiríamos ir logo embora sem deixar nossas intenções óbvias. Já tínhamos ficado lá tempo demais. – E estou falando sério. Não faço promessas que não pretendo cumprir. – Um veludo escuro tocou minhas palavras.

Scarlett corou novamente quando Vincent surgiu do nada.

Ele deu uma olhada para ela e franziu a testa.

– Por que você está tão vermelha? – perguntou ele. – Tomou tequila de novo? Porque você sabe que não consegue lidar com esse tipo de álcool. Não pense que me esqueci da vez que você vomitou no meu Nintendo novinho em folha porque bebeu Jose Cuervo demais.

– Não – disse ela com um grunhido. – Não foi tequila. É que… tá muito quente aqui.

Soltei uma risada, e ela me chutou por baixo do balcão. Com força.

– Tá bem, então. – Bêbado, Vincent não questionou minha proximidade de sua irmã, como teria feito se estivesse sóbrio. Ele mal olhou para mim enquanto pegava outra cerveja com Mac. – *A noite inteira* esquisita – murmurou ele ao voltar para a pista de dança.

Scarlett e eu nos entreolhamos.

Precisávamos contar a Vincent sobre nós dois em breve, mas eu me permiti aproveitar a noite como ela era: uma comemoração com amigos (e um novo *inimigo-amigo*) depois de uma vitória conquistada com muito esforço.

O dia tinha sido um caos quase desde o início, mas não podia negar que aquela era uma das melhores noites que estava tendo nos últimos tempos.

Era *normal*, Scarlett estava comigo, e isso era tudo de que eu precisava.

CAPÍTULO 35

SCARLETT



Se no início do verão alguém me dissesse que Asher e Vincent passariam uma noite bebendo e interagindo *pacificamente*, eu teria perguntado o que a pessoa estava fumando. A ideia era absurda.

No entanto, a breve trégua entre os dois no sábado me deu esperança de que eles não apenas seriam capazes de se tolerar, mas de que talvez até se tornassem amigos. Só tinham que deixar o orgulho de lado e admitir que a rivalidade já não fazia sentido. Àquela altura, estavam guardando rancor por puro ego.

Não falei nada disso a eles. Teriam que descobrir sozinhos.

Vincent retornou a Paris naquela manhã para resolver algumas coisas, mas voltaria na segunda-feira seguinte. Isso significava que Asher e eu tínhamos mais uma semana para aproveitar nosso tempo a sós, ou pelo menos era o que eu pensava.

– Tenho uma notícia – disse Asher, com o rosto estranhamente sisudo ao terminar o treino.

Eu havia ensaiado a primeira metade do terceiro ato de *Lorena* depois do treino dele naquele dia. Não tinha substituído Yvette novamente durante os ensaios desde aquele dia desastroso, mas me dedicara a trechos da coreografia como Asher havia sugerido. Até então, não havia ultrapassado meus limites e me sentia muito bem com meu progresso.

No entanto, minha empolgação em acertar o terceiro ato desapareceu diante do tom sério de Asher.

– Boa ou ruim? – perguntei com cautela.

Se fosse uma boa notícia, ele pareceria mais feliz, mas, se fosse uma má notícia, ele estaria mais chateado. Certo?

– Depende de como você vê a situação. – Asher esfregou a mão no rosto. – Tenho que ir para o Japão essa semana. A Aoki Watches é minha maior patrocinadora, e eles querem que eu vá pra fazer uns vídeos promocionais para a imprensa e para o lançamento da coleção de primavera. – Ele suspirou. – Recebi o e-mail do meu empresário hoje de manhã. Os vídeos iam ser filmados no final do ano, na verdade, mas surgiu um conflito de agendas, e eles tiveram que mudar tudo de última hora.

– Japão? – Respirei fundo. Aquela não era uma viagenzinha para, digamos, a França ou a Itália. Era do outro lado do mundo. – Por quanto tempo?

– Três dias. Viajo na quarta-feira.

Quarta-feira. Era dali a dois dias, o que significava que ele ficaria fora até domingo. A viagem consumiria praticamente todo o tempo juntos que nos restava antes do retorno de Vincent.

– Ah. – Engoli o nó irracional em minha garganta. – Vai ser divertido.

Eu não deveria estar chateada. Não era como se nunca mais fosse vê-lo, e era ridículo sentir que Asher estava me abandonando, porque não fora uma *escolha* dele.

Ao mesmo tempo, era o fim de uma era. Aquele verão havia mudado tudo: minha autoestima, minha disposição para sair da zona de conforto, meu relacionamento com os outros e comigo mesma. Era nossa pequena bolha contra a realidade, e eu não estava mentalmente preparada para que *terminasse* sem uma despedida adequada. Tínhamos uma semana. Havia me preparado para isso. Havia me *planejado* para isso. Agora, tínhamos dois dias, incluindo aquele. Talvez nem isso, já que ele provavelmente precisaria passar o dia seguinte fazendo as malas e resolvendo coisas para a viagem.

O rosto de Asher se turvou.

– Scarlett…

– Certifique-se de comer todas as comidas por mim. Ramen, sushi, matcha… e carne de vaca. O *Kobe beef* é mundialmente famoso, né? Aposto que o peixe e o filé deles são incríveis. Você vai ficar em Tóquio? Você deveria visitar alguns dos templos se tiver tempo. São lindos. – Continuei a tagarelar, torcendo para que as palavras atravessassem a caverna oca em

meu peito. – A diferença de fuso horário vai ser pesada, mas, se você não fizer um FaceTime comigo pelo menos uma vez para me mostrar os pontos turísticos, eu nunca vou te perdoar. Ah, e eu…

– *Scarlett*.

Parei de falar, um pouco sem fôlego depois de tanta divagação.

– Sim?

– Vem comigo.

– Ir com você para onde?

– Para o Japão.

Meus lábios se entreabriram. Ele estava brincando, claro.

– Eu não posso ir com você pro Japão!

– Por que não?

– Porque eu tenho um emprego! Tenho ensaio. Tenho… – Acabei me atrapalhando, tentando pensar em outros motivos e fracassando. – Não posso simplesmente largar tudo e pegar um avião para outro continente com você. O que eu vou falar pro Vincent? Ele vai desconfiar, com certeza.

– O Vincent não está aqui. Quando ele descobrir, já vamos ter contado a ele sobre nós dois – disse Asher, calmamente. – Também perguntei para a Carina sobre a sua agenda depois que soube da viagem. Ela me disse que você tem uns dias de férias que precisa tirar antes do fim do verão ou vai perdê-los. Quer lugar melhor para aproveitar esses dias do que o Japão? *Comigo?*

Seu sorriso malicioso combinava com o brilho provocante em seus olhos. Típico de Asher. Eu não tinha nem como ficar chateada, porque ele estava certo. Fazia um bom tempo que eu não tirava férias de verdade, e o Japão *estava* na minha lista de desejos.

– Não sei. – Meu reflexo me encarou pelos espelhos do estúdio, o rosto tomado pela indecisão. – Viajar para a Ásia com menos de 48 horas de antecedência é uma loucura.

Asher percebeu a rachadura em meu escudo e atacou:

– É como dizem. A espontaneidade é o tempero da vida. – Como não respondi, ele continuou, num tom compreensivo: – Se você realmente não quiser ir, não precisa. Mas, se estiver preocupada com o trabalho, a Carina disse que pode descontar das suas férias e encontrar alguém pra te substituir. – Como assistente executiva de Lavinia, Carina era responsável por supervisionar as agendas da equipe. – A Aoki também vai nos levar no

jatinho da empresa, então não precisamos nos preocupar em sermos vistos no aeroporto. Tenho direito de levar um acompanhante, então eles também vão cobrir as suas despesas, e a imprensa japonesa não vai perseguir a gente como os paparazzi fazem aqui. Tenho várias obrigações de trabalho enquanto estiver lá, mas também vou ter tempo livre. Vamos mesmo poder nos divertir sem ter que passar todos os segundos do dia olhando pros lados.

Umedeci os lábios. Parecia ótimo.

Asher e eu dávamos um jeito de nosso relacionamento funcionar em Londres, mas passávamos metade do tempo nos escondendo em uma de nossas casas e a outra metade torcendo para que as pessoas não percebessem seus disfarces quando estávamos na rua. Não podíamos dar as mãos nem nos beijar na frente de outras pessoas. Mesmo em espaços "seguros", como o Angry Boar, estávamos sempre alertas contra bisbilhoteiros.

Queria experimentar como era ser um casal normal com ele.

No final das contas, foi isso que me convenceu. Não foi o jatinho particular, não foi a viagem para Tóquio com todas as despesas pagas, mas a perspectiva de simplesmente passar mais tempo com ele.

– Tá bem – respondi, dividida entre o nervosismo e a empolgação. – Vamos para o Japão.

• • •

Havia visitado a Ásia apenas uma vez na vida. Eu e Vincent fomos à Disney de Xangai com nossos pais antes de eles se divorciarem, mas eu era tão nova que só tinha vagas lembranças de um castelo cor-de-rosa e da doçura etérea do algodão-doce.

Tóquio era o oposto daquela doce e nebulosa lembrança de infância.

Arranha-céus reluzentes e letreiros de neon gigantescos cobriam a linha do horizonte como joias adornando uma coroa. As ruas eram repletas de pessoas, e a energia da cidade pulsava com uma vibração que entrava pelas janelas do carro e reverberava em meus ossos.

Era elétrico. Era frenético. Era *incrível*.

A assessora de Asher, Sloane, nos encontrou na pista quando aterrissamos. Loira, imponente e absurdamente intimidadora, ela deu

ordens e nos conduziu pela cidade até nossa suíte na cobertura do hotel com a eficiência brusca de um general de quatro estrelas.

Não sabia o que Asher havia dito a ela sobre mim, mas em nenhum momento Sloane questionou por que seu principal cliente apareceu no Japão com sua instrutora de verão a reboque.

– Aqui está um itinerário detalhado para os próximos três dias – disse ela, entregando a Asher um calhamaço de papéis grampeados organizados por cores. – Seu primeiro compromisso é amanhã às sete. Vou estar aqui precisamente às 6h15 pra garantir que você esteja acordado e pronto. Se precisar de alguma coisa, me ligue, mande uma mensagem ou um e-mail, *nessa ordem*. Se for uma emergência de verdade, me procure no meu quarto. Estou hospedada no 805.

– Entendido. – Ele pegou os papéis sem olhar para eles. – Sabe, ainda é cedo. Você deveria ir até o spa para uma massagem ou algo assim. É por minha conta.

Sloane o encarou, irritada. Se alguém parecia estar precisando de uma massagem, era ela, mas a assessora ignorou a sugestão de Asher e seguiu em frente.

– Mais uma coisa – disse ela. – Você verá que tem vários blocos de tempo livre. Eles estão destacados em amarelo. É claro que você é livre pra passar esse tempo como quiser. *Mas* – disse ela enfiando o indicador no peito dele –, se eu ficar sabendo que chegou *perto* de um carro esportivo enquanto estiver aqui, eu vou pessoalmente buscar uma faca de aço japonesa na cozinha e castrar você com ela. A Scarlett é minha testemunha. Entendeu ou preciso repetir?

Ela pontuou a pergunta com outros dois cutucões.

Eu me segurei para não rir, e Asher ergueu as mãos em sinal de rendição.

– Carro esportivo. Aço japonês. Castração. – Ele assentiu. – Entendido.

– Ótimo. – Sloane baixou o braço, respirou fundo e passou a mão em seu tailleur impecavelmente ajustado. – Scarlett, foi um prazer te conhecer. Asher, *fique longe de confusão.*

Ela saiu, os saltos batendo no piso do mármore. O quarto ficou silencioso.

– Você poderia ter parecido um pouco menos animada com a ameaça dela – disse Asher, seco. – A castração seria uma infelicidade para *nós dois*.

– Sim, mas seria pior pra você. – Dei um sorriso atrevido. – Pelo menos

eu tenho vibradores pra assumir o… Aaah! – gritei quando Asher me levantou com um grunhido e me carregou para o quarto. – Me solta, seu Neandertal! – Bati com o punho em suas costas, mas já estava rindo quando ele finalmente me deitou na cama.

Ele pairou sobre mim, com o rosto enrugado em uma carranca forçada.

– O que você estava mesmo dizendo sobre vibradores?

– Que eles são uma das maiores invenções da humanidade? – Envolvi os braços em seu pescoço e beijei seu beicinho adorável. – *Mas* eles não são tão bons quanto uma outra coisa sobre a qual estou pensando.

– Essa é a resposta certa. – Seus lábios permaneceram nos meus por um momento antes de ele se afastar e me examinar. – Como foi a viagem? Quer que eu te prepare um banho?

Um calor escorreu do meu peito para o estômago.

– Foi boa. – Onze horas era muito tempo para se passar no ar, mas as comodidades luxuosas do jatinho particular haviam evitado qualquer incidente. Os assentos tinham almofadas de alívio de pressão, e eu podia andar e esticar as pernas sempre que começava a sentir rigidez. Eles tinham até uma cadeira de massagem aquecida a bordo. – Posso tomar um banho mais tarde. Agora, preciso comer. Estou morrendo de fome.

Enquanto Asher pedia serviço de quarto, explorei o que seria nossa casa pelos três dias seguintes. A suíte tinha o dobro do tamanho do meu apartamento em Londres. A sala de estar ostentava um sistema de home theater e um controle remoto universal de última geração. Já a luxuosa sala de jantar era grande o suficiente para acomodar oito pessoas. Sabonetes e géis de banho Delamonte revestiam a penteadeira dupla de mármore do banheiro, e uma parede de janelas com vidros refletivos proporcionava uma vista deslumbrante da paisagem urbana de Tóquio. Havia até um piano de cauda e uma varanda com uma segunda área para refeições.

– É bonito, né? – Asher parou ao meu lado enquanto eu olhava para o mar de luzes abaixo de nós. – Me dá vontade de assistir a *Desafio em Tóquio* outra vez. Você acha que a Sloane vai considerar isso como "chegar perto" de um carro esportivo?

Uma risada exasperada saiu de meus lábios.

– Nem brinca com isso. Ela vai castrar você *de verdade* e ainda transformar isso em uma boa jogada de relações públicas. Ela é aterrorizante.

Asher sorriu.

– É por isso que pago uma fortuna pra ela. Sloane aguenta várias merdas minhas.

– Aham. – Eu imaginava. Ser assessor de imprensa de celebridades parecia o trabalho mais estressante do mundo. – Tipo seus acidentes de carro nos últimos anos?

Não fiz a pergunta para provocá-lo. Minhas palavras saíram com suavidade, quase hesitantes, mas a facilidade com que escaparam provou que sempre estiveram lá, escondidas sob minhas camadas de negação.

O sorriso de Asher se desvaneceu.

– Sim – respondeu ele, após uma longa pausa. – Tipo isso.

Havíamos passado o verão inteiro evitando o assunto, mas o aviso de Sloane tinha rasgado minhas camadas e revelado o elefante de dez toneladas na sala. Minhas questões com carros e direção eram conhecidas. Foi por isso que Asher contratara Earl para me levar ao treino toda semana e por isso que ele tinha o cuidado de respeitar as regras de trânsito quando eu estava com ele.

Mas como ele era quando eu não estava por perto? Era o mesmo cara que foi manchete por ter destruído sua Ferrari em um racha com outro jogador de futebol? O mesmo cujas estripulias fora de campo alimentaram a polêmica em torno de sua transferência, porque as pessoas temiam que sua imprudência acabasse cobrando um preço e afundasse o time inteiro?

Eu não havia perguntado porque não queria saber a resposta, mas a pergunta estava lá, e não havia como voltar atrás.

– O aviso da Sloane sobre ficar longe de carros esportivos. – As palavras seguintes ficaram presas em minha garganta antes de eu forçá-las a sair. – Foi um aviso geral ou você ainda corre?

Odiava duvidar dele, mas precisava saber.

Até mesmo corridas em competições oficiais, como a Fórmula 1, eram perigosas, e tinham medidas de segurança em vigor. Eu tinha visto imagens de algumas dessas corridas ilegais. Pareciam o Velho Oeste, e a probabilidade de alguém se ferir ou ser preso era ainda maior do que em corridas oficiais.

Asher ficou quieto e engoliu em seco. A tensão cobria o ar como óleo derramado sobre água.

– Não com frequência – respondeu ele. – Não faço isso há algum tempo.

– Quando foi a última vez que você correu?

Eu não queria transformar nossa primeira noite no Japão em um interrogatório, mas já tinha aberto a caixa de Pandora. Era melhor irmos até o fim.

Sombras cintilaram em seus olhos.

– No começo do verão. No começo de julho.

Espinhos se engancharam em minha garganta. Era mais recente do que eu imaginava. Foi antes de estarmos oficialmente juntos, mas foi mais ou menos na época do nosso primeiro beijo.

– Isso te incomoda? – perguntou Asher, baixinho. – Eu correr.

– Eu…

Tentei organizar meus pensamentos para que minhas palavras saíssem com alguma coerência.

Sabia que ele amava a adrenalina e não queria tirar isso dele. Mas, toda vez que ele pegava o volante, colocava sua carreira e sua *vida* em perigo. Eu realmente seria capaz de ficar sentada e deixá-lo correr esse risco sem apontar os perigos? Ele tivera sorte até então, mas bastava um golpe de azar para acabar com tudo.

Eu sabia disso melhor do que ninguém.

– Isso me preocupa – respondi, por fim. – Dirigir normalmente já é bem perigoso. Acidentes acontecem todos os dias, mas carros são uma parte essencial da vida moderna. É um risco que temos que correr. Corridas de rua são mais do que isso. – Minha voz se transformou em um sussurro trêmulo. – Não quero que você se machuque. Não quero que aconteça com você o que aconteceu comigo. Não quero que você perca seus sonhos ou…

Morra.

A palavra ficou presa em meu peito e se agarrou a ele com unhas ensanguentadas, como se estivesse tentando se esconder da inevitabilidade de sua própria morte.

Não conseguia imaginar um mundo onde Asher não existisse – onde não ouvisse sua voz me provocando ou visse seu sorriso me chamando do outro lado da sala; onde seus batimentos cardíacos não sincronizassem com os meus quando adormecíamos e onde eu não tivesse um porto seguro constante na tempestade.

Não conseguia me imaginar sem ele, e isso me aterrorizava mais do que qualquer outra coisa.

Lágrimas pinicaram meus olhos.

– Scarlett. – Asher pareceu angustiado ao me puxar para o seu peito. – Está tudo bem. Eu estou bem. Não vai acontecer nada.

– Você não tem como saber.

As lágrimas escorreram pelo meu rosto. *Meu Deus, que humilhação.* Estava arruinando nossa primeira noite juntos no exterior, mas não conseguia parar. Havia passado anos fugindo de meus medos, mas a perspectiva de perdê-lo foi tão avassaladora que *não consegui* evitar. Ela me dominou, arrastando-me sob ondas de ansiedade e perspectivas horríveis e sangrentas.

Levantei a cabeça para encará-lo.

– Eu achava que era invencível. Eu era jovem, saudável e estava no topo do mundo. Achava que *nada* poderia me acontecer, mas eu estava errada. – A emoção entupiu minha garganta. – O fato é que eu não poderia ter evitado meu acidente. Eu estava no lugar errado, na hora errada, e isso depende do universo. Mas uma corrida de rua… você está *escolhendo* se colocar nessa posição.

O rosto de Asher se contorceu.

– Querida…

– Não. – Balancei a cabeça e enxuguei as lágrimas com as costas da mão. – Por favor, me deixa terminar. Eu sei que você adora correr. Eu sei. Não quero ignorar isso, e não quero te dizer como você deve viver a sua vida. Mas não posso acordar todos os dias me perguntando se aquele vai ser o dia em que a sua sorte vai acabar e eu vou receber uma ligação dizendo que você se foi. – Minhas palavras ficaram distorcidas. – Não posso perder você.

– Você não vai me perder. – Sua voz soou carregada, ou talvez fosse o peso em meu peito falando. – Você não vai me perder porque eu não vou mais correr. Não preciso correr, mas preciso de você.

Outro soluço escapou, formado por alívio e uma dúzia de outros sentimentos que eu não conseguia nomear.

Quando eu era mais nova, minhas amigas e eu tentávamos adivinhar quais seriam as profissões de nossos futuros parceiros. Na época, não me importava muito com isso, mas era inflexível quanto a não namorar ninguém dos serviços de emergência. Nem bombeiros, nem policiais, nem ninguém cujo trabalho envolvesse mergulhar de cabeça no perigo para ganhar a vida.

Em tese, um jogador de futebol deveria estar seguro, mas não havia nada de seguro em meus sentimentos por Asher.

Talvez tivesse sido egoísta da minha parte pedir que ele abrisse mão de algo que amava. Mas eu não me importava. Preferia ser egoísta com ele vivo e saudável do que altruísta com ele debaixo de sete palmos.

Asher me abraçou com mais força.

– Eu não vou mais correr – repetiu ele. – Eu prometo.

CAPÍTULO 36

ASHER



Eu deveria ter me sentido mais dividido depois de prometer a Scarlett que pararia de correr. Por muito tempo, estar atrás do volante tinha sido uma espécie de terapia para mim, então abrir mão disso deveria ter gerado *alguma* resistência.

Talvez isso acontecesse na próxima vez que eu ficasse sabendo de alguma corrida ou recebesse uma mensagem do cara que me vendia carros a respeito de um novo Bugatti. Mas no momento eu não sentia… nada. Nada além de arrependimento e um desejo feroz e ansioso de nunca mais fazer Scarlett chorar.

Não fazia ideia de que ela se sentia assim em relação às minhas corridas, mas eu deveria ter imaginado. Seu passado com carros tornou a conversa da primeira noite em Tóquio inevitável. Olhando pelo lado positivo, isso significava que dali em diante seria tudo mais fácil.

Quer dizer, não sei se "fácil" foi a palavra. Minha agenda nos três dias seguintes foi alucinante. A Aoki Watches ocupou um dia inteiro com sessões de vídeos promocionais, encontros com a imprensa, reuniões e eventos. Sloane me manteve abastecido de café, mas o começo da sessão logo cedo e o jet lag me deram uma surra.

Felizmente, tudo correu bem com a Aoki. A marca estava feliz, Sloane estava feliz e Leon estava feliz em seu apartamento de luxo em Londres. Maldito. Meu empresário tinha, de alguma forma, se livrado da desgastante viagem intercontinental.

O trabalho consumia meus dias, mas as noites eram minhas, e eu as passava com Scarlett.

Era durante as noites que eu a levava aos meus *izakayas* favoritos, onde ficávamos acordados até tarde conversando em meio a comida e bebida. Passeamos pelos arredores do templo Sensoji, com suas lanternas iluminadas lançando um brilho laranja-claro sobre nossas mãos entrelaçadas, e nos entregamos a interpretações empolgantes de músicas dos anos 1990 em um dos muitos bares de karaokê da cidade (observação: cantar, assim como cozinhar, não era um dos fortes de Scarlett).

Explorar Tóquio com ela foi uma revelação.

Por mais que eu gostasse de Londres, gostava ainda mais de estar longe dos olhares curiosos e dos cochichos.

Ali, em meio à agitação elétrica da maior cidade do mundo, podíamos ser um casal normal. Sem disfarces, sem nervosismo, sem nos escondermos dos paparazzi. Só nós dois.

Minha última sessão com a Aoki Watches terminou cedo. Era sábado, então ninguém queria passar muito tempo no set. Enquanto Sloane ficava para trás para verificar os detalhes, levei Scarlett para um encontro especial que planejei com a ajuda do concierge do hotel.

Não pude acompanhá-la em suas excursões turísticas durante o dia, mas podia, *sim*, garantir que nossa última noite em Tóquio fosse o mais memorável possível.

– Espero que você não tenha medo de altura – disse, abrindo a porta para o terraço do hotel.

Scarlett parou de repente.

– *Asher*. – O riso e o choque se misturaram em suas palavras. – Você não fez isso!

Ela precisou gritar para ser ouvida, pois a uns três metros de distância, com os rotores girando, havia um elegante helicóptero branco com o logotipo dourado do hotel estampado na lateral.

– Passeio particular de helicóptero ao pôr do sol em Tóquio – falei com um sorriso. – Parece um jeito adequado de comemorar nossa última noite aqui.

Paguei caro para reservar o helicóptero no último minuto, mas ver a expressão extasiada de Scarlett enquanto sobrevoávamos a cidade fez valer cada centavo. Estava tão acostumado com os luxos da minha vida que às

vezes não dava valor, mas vivenciá-los pelos olhos dela tocou a minha alma.

Não sabia descrever o que era, mas queria dar a ela tudo de bom que existia no mundo.

– Ali é Odaiba. – Apontei para o popular centro de entretenimento localizado em uma ilha artificial na Baía de Tóquio. – Estivemos lá uma noite dessas. Shibuya, a Torre de Tóquio…

Já havia feito aquele passeio antes, então assumi as funções de guia turístico piloto até pousarmos novamente no terraço do hotel. A equipe havia feito um excelente trabalho para preparar tudo durante os vinte minutos de nossa viagem.

Em vez de um grande espaço vazio de concreto, o terraço agora ostentava um jantar gourmet à luz de velas para duas pessoas numa mesa com toalha de linho e porcelana fina com um padrão de flores de cerejeira, além de aquecedores portáteis. O cenário estava acomodado em um canto que o protegia de ser levado pelo vento durante o pouso do helicóptero.

O entusiasmo de Scarlett me fez sorrir.

Eu a acompanhei até a mesa enquanto o helicóptero decolava novamente para nos dar privacidade.

O terraço foi nosso pelo resto da noite.

– Seja sincero – disse Scarlett quando sentamos. – O passeio de helicóptero foi inspirado na minha piada sobre um passeio parecido no Havaí?

– Não faço a menor ideia do que você está falando. Mas, *hipoteticamente*, se tivesse sido… é muito melhor do que o Havaí, né?

Um sorrisinho se insinuou em seus lábios.

– Você sabe que esse encontro nunca existiu. Eu estava te provocando.

– Eu sei. Por isso disse que, hipoteticamente, o meu é melhor.

Scarlett riu e balançou a cabeça.

O *omakase* foi preparado pelo melhor chef do Japão. Havia uma lista de espera de catorze meses para seu principal restaurante em Osaka, mas Sebastian tinha mexido uns pauzinhos e o convenceu a ir até lá no fim de semana.

Uma única mordida provou por que ele tinha uma lista de espera de catorze meses. Todos os pratos, desde o trio de sashimi de atum até a carne wagyu A5, estavam excelentes.

– Estou tão cheia que você vai ter que me rolar de volta pro quarto. –

Scarlett deu um gemido, mas isso não a impediu de comer o último pedaço de seu cheesecake de chá verde. – Acabou para mim. Não vou conseguir voltar a comer delivery depois disso.

– Vou fazer uns contatos e ver se o chef está disposto a se mudar pra Londres – respondi, dando risada.

Ela se animou.

– Você acha que ele vai topar?

– Não, mas não custa nada tentar.

– Não me dê esperanças. – Scarlett suspirou e tomou um gole de seu saquê. Ela olhou ao redor, e sua expressão se tornou melancólica. O crepúsculo havia se transformado em uma noite escura, e estávamos tão alto que não conseguíamos nem ouvir o tráfego lá embaixo. – É tão bonito aqui. Quem dera se pudéssemos ficar mais tempo.

Senti uma dor visceral. Voltaríamos no dia seguinte para chegarmos a Londres antes de Vincent, mas também queria muito que pudéssemos ficar mais tempo.

– Sempre podemos voltar – respondi. – Estamos só a um voo de distância.

– Eu sei. – Ela brincou com os talheres de prata. – Mas não vai ser a mesma coisa.

Fiquei quieto. Sabia o que ela queria dizer. Também sentia aquilo: o iminente fechar de cortinas do nosso verão, o veludo pesado descendo para dividir nossas vidas em "nós dois" e "nós dois e eles".

Assim que contássemos a Vincent na segunda-feira, nosso relacionamento não pertenceria mais apenas a nós. Também pertenceria a todas as outras pessoas. Todos teriam opiniões, e não conseguiríamos escapar delas nem que tentássemos.

– Antes de irmos embora, queria conversar com você sobre uma coisa. – Scarlett passou um dedo sobre as gravuras em seu garfo e evitou meu olhar.

– Tá.

Eu me esforcei para manter uma expressão neutra, mas eu desconfiava do que ela ia dizer.

Concordamos em termos um não relacionamento exclusivo quando começamos a sair. Basicamente, *tínhamos* um relacionamento, mas ela não queria ficar limitada por esse rótulo, por isso não forcei a barra.

No entanto, se em breve contaríamos a Vincent que estávamos juntos,

faria sentido redefinir nosso status. Certo?

Meu coração foi se arrastando até minha garganta enquanto eu esperava que ela continuasse.

– Eu… – Scarlett finalmente encontrou meus olhos, sua expressão repleta de nervosismo. – Eu sei que não temos um rótulo, mas estamos quase no final do verão, então estava pensando que talvez pudéssemos tornar isso aqui oficial... – Então acrescentou depressa: – Seria mais fácil quando tivermos explicado tudo pro Vincent... Dizer a ele que somos namorados em vez dessa coisa esquisita de não relacionamento que está rolando entre a gente.

– Scarlett. – Apoiei os antebraços na mesa e me inclinei para a frente. – Você quer que isso se torne oficial por causa do Vincent ou porque você quer?

Minha pergunta pairou no ar, sustentada pelas batidas estrondosas do meu coração.

Um segundo se passou.

Dois.

Então…

– Porque eu quero.

A suave admissão de Scarlett fez com que o ar se dissipasse de meus pulmões. Eu me recostei na cadeira, o alívio como um bálsamo fresco para o nó em minhas entranhas.

– Então é oficial.

– Simples assim.

– Simples assim. – Olhei para ela, aquela mulher linda e incrível que jamais imaginaria que viraria meu mundo de cabeça para baixo, e fiquei maravilhado com o fato de ela ser minha. O universo sabia o que estava fazendo no fim das contas. – Estou aqui desde o primeiro dia, querida. Estava só esperando você se juntar a mim.

O sorriso de Scarlett foi tão largo e caloroso que o senti em meus ossos.

– Faz anos que não tenho um namorado sério, então estou animada – disse ela. – Isso significa que você vai carregar minha bolsa e me emprestar suas camisetas pra eu dormir, porque as camisetas dos homens são *sempre* mais confortáveis do que as das mulheres, por algum motivo?

– As camisetas, sim. A bolsa, depende. Se você tiver tanta porcaria dentro dela quanto no dia em que nos conhecemos, então não. – Ergui uma

sobrancelha. – Sou um atleta de elite, você sabe. Tenho que preservar minhas forças.

Dei risada quando ela me chutou por baixo da mesa.

– Minha antiga terapeuta ficaria orgulhosa de mim. – Scarlett deslizou o pingente ao longo da corrente. – Ela dizia que me curar não era só fechar a porta pro meu passado. Tinha a ver com me permitir abrir uma porta pro futuro também. Trabalhamos muito minhas questões de confiança depois do Rafael. Se não fosse por ela, eu teria muito mais ressentimento do que tenho hoje em dia.

Notei que ela usou os verbos no passado.

– Você não se trata mais com ela?

Ela balançou a cabeça.

– Algumas pessoas incorporam a terapia à vida cotidiana, mas eu cheguei a um bom equilíbrio. Ainda assim, sei que sempre posso ligar pra ela se precisar, mesmo odiando pedir ajuda.

– Jura? Não tinha notado.

– Rá, rá. – Ela revirou os olhos, mas estava sorrindo. – Meus pais não ficaram entusiasmados no começo. Eles são antiquados. Existe um estigma em torno da terapia na geração deles, mas eles aceitaram depois que viram o quanto ajudava.

Aquilo me deixou curioso. Scarlett não falava muito sobre os pais. Sabia que eles haviam se divorciado quando ela era bem nova e que ela tinha um relacionamento bastante normal com eles, mas era só.

– Como eles…

– Lidaram com o acidente? – completou ela. – Da melhor forma que conseguiram, eu acho, mas minha mãe ficou devastada. Ela estava preocupada comigo, óbvio, mas acho que ficou igualmente arrasada com o fim da minha carreira. Ela gostava de ter uma filha primeira bailarina de quem pudesse se gabar pros amigos. Meu pai foi morar em Londres nos primeiros meses depois do acidente. O Vincent já estava aqui. Eles se uniram.

– Você tem mágoa da sua mãe por causa disso?

Tentei imaginar como meu pai reagiria se eu me lesionasse e não pudesse mais jogar futebol. Meu sangue congelou.

Eu tinha entrado em contato algumas vezes desde que ele infartou, mas sempre por meio da minha mãe. Não havia falado com ele diretamente

desde o hospital. No entanto, não me passou despercebido o fato de ele nunca ter me procurado para responder à minha pergunta.

O seu time ou o seu filho?

– Surpreendentemente, não. – Felizmente, a resposta de Scarlett fez com que meus pensamentos voltassem para ela. A última pessoa em quem eu queria me concentrar durante nossa última noite lá era meu pai. – Eu sabia que ela sentia essas coisas, mas ela não deixava que afetassem suas atitudes, se é que isso faz sentido. Ela não me pressionou a tentar voltar a dançar e me apoiou quando me tornei professora na RAB. – O vento soprou mechas de cabelo em seu rosto, obscurecendo sua expressão pensativa. – Todos nós temos sentimentos ruins às vezes. Faz parte da natureza humana. Mas é o que fazemos com eles que importa.

Sempre que eu achava que Scarlett não poderia ser mais incrível, ela provava que eu estava errado.

– É um jeito maduro de enxergar as coisas. Tenho certeza de que sua ex-terapeuta teria ficado orgulhosa disso também – provoquei.

Ela deu um leve sorriso.

– Talvez. Mas posso confessar uma coisa?

– Sempre.

– Às vezes… – Seu sorriso diminuiu. – Sinto tanta inveja dos meus alunos que não consigo respirar. Quero que eles sejam felizes e fico realmente orgulhosa com o sucesso deles, mas tem dias em que olho pra eles e vejo não só o potencial que eles têm, mas o potencial que eu *costumava* ter. Eles têm carreiras inteiras pela frente, brilhantes e imaculadas, enquanto eu fiquei no passado. Não é o jeito certo de pensar essas coisas, mas às vezes é… difícil viver nas sombras, quando treinei a vida inteira para estar sob os holofotes. – Suas bochechas ficaram vermelhas. – Sei que isso me faz parecer uma pessoa terrível. Sou professora deles. Não deveria ter inveja de *adolescentes*. E não me sinto assim o tempo todo. Mas, em dias ruins, isso me deixa em crise.

– São sentimentos humanos – falei, com delicadeza. – Como você falou, são normais, e você não está tentando sabotar seus alunos. Você tem permissão para sentir o que sente.

– Eu sei. Mas é mais fácil dar conselhos do que aceitá-los. – Scarlett brincou com as bordas do guardanapo. – Emma, uma das minhas melhores alunas, conseguiu o papel de Fada Açucarada na apresentação estudantil da

escola este ano. Ela quer que eu vá à noite de abertura. A apresentação da equipe é na escola, mas a dos alunos é realizada no Westbury, e eu não consigo entrar lá.

O Westbury era um dos principais centros de artes cênicas de Londres. Nunca tinha assistido a uma apresentação lá, mas passava por ele o tempo todo.

– Eu estava a caminho de uma apresentação no Westbury quando o carro me pegou – disse Scarlett, com a voz calma. – Foi também onde recebi meu primeiro aplauso da crítica pela minha atuação em *O lago dos cisnes*. Isso me colocou no mapa. De muitas maneiras, o Westbury é o símbolo máximo da minha antiga vida, e não consigo chegar perto dele desde o acidente. Dói muito lembrar como as coisas eram.

Seus olhos estavam a mil quilômetros de distância, e deixei que as revelações da noite se assentassem ao nosso redor em vez de interromper com um comentário apressado.

Às vezes, ouvir era uma estratégia melhor do que falar.

Os restos do jantar já estavam frios havia muito tempo. As horas se estendiam até a obscena segunda metade da noite, mas eu me agarrava a cada minuto como se fosse o último.

Se pudesse ficar naquele terraço com Scarlett para sempre, eu ficaria.

– Desculpa – disse ela depois de um longo silêncio. – Toda vez que temos um encontro, acabo pesando o clima.

– Não precisa se desculpar. Eu não sou muito diferente – falei. – Lembra aquela vez que eu te levei pra Holchester e você foi soterrada em traumas no meu quarto de infância? Foi divertido.

Sua risada afastou a melancolia e botou um sorriso no meu rosto.

– Saber essas coisas a seu respeito não pesam em nada o clima – falei. – Eu *quero* te conhecer melhor. As partes boas, as ruins e tudo que estiver no meio.

Scarlett deu um sorriso diferente, mais suave.

– Asher Donovan, eu estava tão errada sobre você no início.

– Acontece com a maioria das pessoas. Eu sou ainda mais bonito, charmoso e espirituoso do que elas sequer poderiam imaginar.

– Você se esqueceu de "humilde".

– Claro. Isso é um fato.

Ela riu outra vez, e tudo o mais que queríamos dizer foi comunicado

pelo olhar longo e intenso que trocamos.

Nosso relacionamento foi construído com base em palavras não ditas. Nos últimos dois meses, melhoramos em expressá-las, mas ainda havia algumas palavras que permaneciam trancadas dentro de mim.

Três, para ser exato.

Eu as estava guardando para outra ocasião, quando a perspectiva de revelar nosso relacionamento ao irmão dela não escurecesse o horizonte como uma nuvem cinza.

Por enquanto, simplesmente aproveitei minhas últimas horas no Japão com Scarlett e deixei o futuro cuidar de si mesmo.

CAPÍTULO 37

SCARLETT



Graças à diferença de fuso horário (o Japão estava oito horas à frente do Reino Unido), saímos de Tóquio no domingo de manhã e aterrissamos em Londres no início da tarde.

O jantar demorado da noite anterior, a necessidade de acordar cedo e a mudança de fuso horário confundiram meu corpo, que não sabia mais o que deveria estar fazendo, então optei pela opção mais segura e passei a maior parte do voo dormindo.

Quando chegamos a Londres, fui para a casa de Asher em vez de ir direto para a minha. No dia seguinte, Vincent se juntaria a nós no treino, e eu queria me despedir do nosso estúdio.

Parecia bobo, mas o estúdio tinha sido nosso pequeno Éden particular por dois meses. Ele merecia uma despedida adequada.

– Como ele reagiu quando você contou que estávamos treinando na minha casa esse tempo todo? – perguntou Asher, enquanto eu passava as mãos sobre a barra de madeira lisa.

Eu me encolhi, constrangida.

– Humm, nada. Ele acha que estávamos treinando na RAB.

Asher ergueu as sobrancelhas.

– Eu sei, eu sei – falei, largando a barra e cruzando os braços, me odiando pelas mentiras que se acumulavam ao meu redor.

A atitude mais madura teria sido dizer a verdade a Vincent. No começo, mudamos de estúdio por causa dos paparazzi, não porque estávamos

tentando fugir para um encontrinho semanal.

Mas eu conhecia meu irmão. Ele ficaria furioso com a ideia de eu ter ido à casa de Asher três vezes por semana, todas aquelas semanas, sem lhe dizer nada, e isso arruinaria seu humor e pioraria consideravelmente sua reação quando déssemos a bombástica notícia do relacionamento.

Preferia arrancar dois curativos de uma vez só e conter uma única explosão de fúria.

Além disso, uma parte pequena e egoísta de mim não queria dividir aquele espaço com mais ninguém. Era um estúdio de balé, mas era o *nosso* estúdio de balé.

– Os paparazzi não estão mais rondando a RAB – falei, após explicar meu raciocínio a Asher. – E o pessoal da escola não vai comentar nada. Mesmo que comentem, ninguém sabe que eu estava treinando você na sua casa. Então falei pro Vincent encontrar a gente na RAB amanhã, como na primeira sessão.

O peso da conversa iminente perfurou meu estômago como um gancho e o arrastou até meus pés. Minhas emoções estavam turbulentas, oscilando entre ansiedade e otimismo, sem saber onde pousar.

Asher e Vincent estavam finalmente se dando bem (mais ou menos). A notícia do nosso relacionamento ou seria recebida com *muito* menos alvoroço do que esperávamos, ou destruiria a frágil trégua entre os dois e transformaria a temporada seguinte num inferno.

Nenhuma pressão, imagina.

– Faz sentido. – Asher se inclinou contra a barra, parecendo revigorado e descansado, embora não tivesse dormido durante o longo voo. Os olhos se fixaram nos meus. – Então, tecnicamente, este é o nosso último dia juntos neste estúdio.

Senti um aperto no peito.

– Acho que sim.

Poderíamos ir até lá quando quiséssemos, mas não seria a mesma coisa. Não estaríamos mais treinando juntos, e o clima seria diferente.

– Já que é nosso último dia… – Ele se afastou da parede e diminuiu a distância entre nós com dois passos preguiçosos e sensuais, se movendo como uma pantera. – Vamos aproveitar.

Brasas ganharam vida com o tom sugestivo da voz dele. O ar ficou pesado, crepitando com uma eletricidade que percorreu meu corpo como

uma carícia quente e sensual.

– Como assim? – Minha resposta saiu rouca sob a súbita faísca de desejo.

O sorriso de Asher era pura malícia.

– Nunca batizamos o estúdio.

As brasas se transformaram em chamas.

Ele tinha razão. Havíamos passado muito tempo ali, mas nunca tínhamos transado lá. De alguma maneira, parecia proibido, como se estivéssemos contaminando nosso local de trabalho, embora estivéssemos na casa dele.

E foi essa sugestão de que estávamos fazendo algo proibido que alimentou ainda mais as chamas quando ele agarrou minha nuca e me puxou para um beijo.

Não foi um beijo delicado e apaixonado. Foi forte e agressivo, quase desesperado, e tão delicioso que fez meus dedos dos pés se curvarem.

Um gemido escapou da minha boca e foi parar na dele. Estava completamente zonza, flutuando em luxúria, euforia e muitas outras sensações.

Asher me empurrou contra a barra e deslizou as alças do meu vestido pelos meus ombros. Senti um calafrio, e minha pele se arrepiou com um misto de frio e tesão. Não estava usando sutiã, e meus mamilos estavam tão duros que arranhavam o algodão leve do tecido, roçando nele a cada movimento, enviando choques de calor direto para o meio das minhas pernas.

Asher interrompeu o beijo e deixou a boca dançar pelo meu pescoço, os lábios se curvando em um pequeno sorriso ao se deparar com o ritmo alucinante da minha pulsação. Ele se deteve ali, traçando um caminho vagaroso com a língua na minha pele antes de descer.

Ele baixou um pouco o meu vestido, e não demorou muito para que a parte de cima da peça, já frouxa, embolasse ao redor da minha cintura.

Sua boca foi descendo…

Descendo…

Descendo…

Até que se fechou em torno de um mamilo pontudo e chupou, os dentes puxando o bico sensível e roçando nele levemente.

Dessa vez, meu gemido foi algo mais próximo de um grito estrangulado. Minha mão voou para cima, e meus dedos se enroscaram no cabelo de

Asher, ao mesmo tempo para me manter no lugar e para mantê-lo perto de mim enquanto ele me atiçava e lambia meus seios até que ficassem duros como pedra.

Estava tão molhada que podia sentir minha calcinha ficando encharcada. Eu me contorci, tentando esfregar uma coxa na outra para aplacar um pouco a vibração entre elas, quando Asher levantou a cabeça e me girou, me deixando de frente para a parede de espelhos.

Um calor consumiu meu rosto quando vi meu reflexo desgrenhado e seminu.

– Empina a bunda e abre as pernas.

A aspereza na voz de Asher me deixou arrepiada.

Obedeci, colocando as mãos na viga superior da barra dupla e afastando as pernas. Minha respiração ofegante embaçou o espelho, transformando meu reflexo em uma névoa de cabelo escuro e bochechas vermelhas.

No entanto, uma pontada de confusão perfurou minha luxúria quando Asher se afastou, foi até o sistema de som e o ligou.

As notas familiares da música clássica tomaram conta do estúdio, a sinfonia elegante contrastando com minha imagem obscena, curvada sobre barra, com as pernas arreganhadas, os seios à mostra e as coxas escorregadias com meus fluidos. Meu clitóris pulsava diante de tamanha dicotomia.

Se algum dos meus antigos professores de balé visse o que estávamos fazendo naquele estúdio…

Os passos de Asher ecoaram no assoalho de madeira polida. Ele retornou ao lugar atrás de mim, e seu olhar me consumiu com tanta intensidade que corei outra vez.

– A música é para o caso de algum funcionário da casa passar por aqui. – O tom aveludado deslizou pela minha pele como uma carícia. – Não quero que eles ouçam a gente.

Com isso, Asher levantou meu vestido até a cintura, enganchou os polegares na minha calcinha e a puxou para baixo, expondo a evidência brilhante da minha necessidade.

– Caralho, você tá *pingando*. – Ele passou um dedo pela umidade. Dei um gemido e me contorci novamente, o corpo inteiro em brasa. A risada tocou minhas costas. – Isso te dá tesão, é? Abrir as pernas e me deixar brincar com você enquanto espera pelo meu pau?

Estava excitada demais para ficar constrangida.

– *Sim*.

– Humm. Imaginei. – Ele retirou a mão, ignorando meu choramingo de protesto. – Você vai ter que esperar um pouquinho, mas não se preocupe, querida. – Um sorriso malicioso se abriu em seu rosto quando ele se ajoelhou entre minhas pernas. – Vou fazer valer a pena.

Foi o único aviso que recebi antes de sua língua tocar meu clitóris, e meu mundo se estilhaçou em fragmentos de pura luxúria.

Dei um gemido, minhas mãos agarrando a barra enquanto Asher me comia por trás. Ele lambeu minha lubrificação e esfregou a língua em meu clitóris inchado antes de enfiá-la dentro de mim. A música do piano se misturava com os sons de sua língua entrando e saindo de minha boceta em movimentos rápidos e deliciosos.

Mãos firmes prenderam minhas coxas, segurando-me com firmeza enquanto eu tremia e soluçava, um prazer tão intenso que me trouxe lágrimas aos olhos. Ele soltou uma das minhas coxas e esfregou meu clitóris com o polegar, ao mesmo tempo enfiando a língua bem fundo em mim, e pronto. Explodi, meu orgasmo me atravessando e tomando conta de cada músculo, enquanto eu encharcava seu rosto com meu gozo.

Ele gemeu, e a vibração emitiu pequenas ondas de choque em minha vulva antes de ele se afastar e ficar de pé.

Ouvi o ruído de metal de um zíper sendo aberto e de plástico sendo rasgado, mas não tive nem chance de desfrutar as últimas ondas do meu orgasmo antes de ele estar dentro de mim, me preenchendo até eu ofegar.

Ainda estava sensível por conta das atividades anteriores, e uma única estocada provocou um segundo orgasmo, menor, no encalço do primeiro.

Foi a primeira vez que tive orgasmos consecutivos, e estava tão perdida nas sensações, no *tesão*, que só consegui me segurar firme enquanto Asher me fodia até atingir um estado de delírio soluçante e sem sentido.

Ele normalmente era mais gentil quando fazíamos sexo, mas aquilo ali? Era bruto e forte, e tudo que eu não sabia de que precisava. Fomos levados pelas necessidades do momento, nossos problemas afogados em um oceano de desejo e expelidos a cada grito e gemido. Ainda assim, apesar do ritmo brutal do sexo, ele diminuía a velocidade vez ou outra para ver como eu estava.

Eu agradecia o cuidado, mas estava bem naquela posição – mais do que

bem. E não queria que ele se contivesse. Eu queria que ele me fodesse com mais força.

– Isso… aí – falei, ofegante. – Mais forte, mais fundo… *isso*.

As bolas dele batiam na minha pele cada vez que ele metia, ressaltando a velocidade e a força dos movimentos, mas ainda não era suficiente. Eu queria *mais*.

Asher diminuiu a velocidade novamente para me ajeitar, então me levantei, ergui uma perna e a estiquei ao longo da barra inferior. Não era tão flexível quanto antes das cirurgias, mas a altura da barra e a maneira como ele me segurava aliviavam qualquer pressão que pudesse provocar uma crise.

Na verdade, foi bom esticar a perna. O mais importante foi que a nova posição permitiu que ele metesse *muito fundo*, mais fundo do que em qualquer outra posição que havíamos tentado antes.

– *Caralho* – sibilou Asher, o corpo se retesando com as sensações.

Sua pele brilhava de suor, e seus dedos se cravaram no meu quadril quando ele me penetrou de novo.

Rapidamente recuperou o ritmo anterior, mas a sensação era ainda melhor, com minha perna esticada e ele enterrado até o talo. Soltei um gemido quando ele atingiu um ponto que nunca havia atingido antes, e minha mente se apagou de puro prazer.

Nunca tinha feito sexo daquele jeito. Agressivo, implacável e apaixonado, com ele me fodendo como se não se cansasse de mim, e eu tendo a certeza de que não me cansava dele.

Era o tipo de sexo que poderia arruinar uma mulher para o resto da vida.

Meus seios sacudiam loucamente com a força das estocadas, e minha boca estava aberta. Eu era incapaz de falar, incapaz de pensar. Estava pingando de suor, mas não me importava.

Na verdade, só me instigava mais. Era tão diferente de mim – tão oposto ao controle cuidadoso com que eu geria todas as outras áreas da minha vida – que era excitante.

Eu não precisava ser a Scarlett. Em vez disso, podia ser aquela criatura devassa que lidava com o prazer e a sensualidade, que podia sair de si mesma e entrar em um mundo de fantasia.

– Olha só como você engole o meu pau. – Asher se aproximou e segurou meu queixo com a mão, me forçando a olhar para ele no espelho, para seu

pau entrando e saindo da minha boceta encharcada. – Cada centímetro enterrado em você, e sua boceta ainda quer mais.

Dei um gemido, minha boceta se contraindo ao redor dele em uma concordância desavergonhada.

– Tão apertadinha. – Ele abaixou a cabeça e cravou os dentes na curva entre meu pescoço e meu ombro. – Tão *minha*.

Outra estocada mais violenta dispersou qualquer coerência que pudesse ter se formado em meu cérebro em curto-circuito.

Eu não era nada além de um nervo gigante, exposto e em carne viva. Até mesmo o ar roçando na minha pele era insuportável de tão prazeroso. Isso, somado às sacanagens que ele ficava falando, a visão lasciva de Asher metendo em mim em plena luz do dia, a música inocente tocando ao fundo… e foi demais para mim.

A melodia do piano atingiu um crescendo, e meu terceiro orgasmo da tarde detonou dentro de mim. Dei um grito, com ondas de prazer saindo do meu âmago e engolindo todo o meu corpo. Minhas costas se curvaram, e lágrimas se acumularam nos cantos dos meus olhos quando eu perdi todo o senso de espaço e tempo.

Eu era milhares de pedaços de sensações, partidos e reunidos novamente.

Meu gozo ainda estava escorrendo pelas coxas quando Asher abaixou minha perna da barra e me virou. Ele me sentou na viga de madeira e enganchou minhas pernas em volta de sua cintura antes de continuar a me foder, seus grunhidos cada vez mais profundos e guturais enquanto eu me contorcia em torno dele.

Ainda estava voando alto nas últimas asas do meu orgasmo quando ele gozou com uma última estocada profunda. Seu pênis latejou dentro de mim, e ele gemia alto, seu rosto se contraindo de puro êxtase.

A música ainda estava tocando enquanto nos abraçamos, eu na barra e ele em pé na minha frente, nossos membros entrelaçados em um emaranhado suado e exausto enquanto nos recuperávamos.

– Taí um cárdio bem eficiente – falei, ofegante. – Parabéns, Donovan, você passou no último teste do treinamento.

Sua risada rouca vibrou da minha cabeça até a ponta dos meus dedos dos pés.

– Quero no mínimo uma medalha de ouro para celebrar o momento.

– É claro que quer.

Apoiei a cabeça em seu ombro, fechei os olhos e inspirei fundo, me deliciando com seu cheiro. Algumas pessoas se sentiam reconfortadas com algum cheiro da infância ou da comida da mãe, mas eu me sentia assim com o cheiro *dele*. Intenso, terroso, masculino.

Era cheiro de lar.

– Como está se sentindo, querida? – Asher acariciou meu cabelo, com uma suavidade completamente diferente da ferocidade com que tinha acabado de me comer. – Aquela perna na barra…

Dei uma risadinha com o misto de admiração e preocupação na voz dele.

– Eu tô bem. Não estava desconfortável, e a barra mais baixa ajudou. – Levantei a cabeça e dei um sorriso safadinho. – Essa é uma das vantagens de namorar uma bailarina. Somos *muito* flexíveis.

Os olhos dele brilharam com alívio e um toque renovado de calor.

– Percebi. Não acredito que demoramos tanto tempo pra usar o estúdio *do jeito certo*. – Ele balançou a cabeça, decepcionado. – O que estávamos fazendo?

– Coisas menos divertidas, infelizmente. – Suspirei, grogue, mas satisfeita. – Mas foi um bom último dia, não?

A expressão de Asher ficou mais suave.

– Aham, foi sim.

Ficamos abraçados por mais alguns minutos até que nossa respiração voltou ao normal e, por fim, com relutância, nos separamos. Desligamos a música, nos ajeitamos e limpamos o estúdio, mas ainda nos agarraríamos àquele momento com unhas e dentes, pelo tempo que ele durasse.

Porque, em poucas horas, tudo iria mudar.

CAPÍTULO 38

ASHER



No dia seguinte, fui atropelado por uma forte sensação de *déjà-vu* ao entrar no estúdio de Scarlett na RAB depois de dois meses.

Estava exatamente igual a quando pisei lá pela primeira vez, e as lembranças ressurgiram como retratos vívidos do passado.

A bolsa. A constatação de que ela era a garota misteriosa do pub. O choque ao descobrir que ela também era irmã de Vincent.

Era como se tudo tivesse acontecido no dia anterior e um século antes.

Havia chegado à RAB ressentido por conta do treinamento forçado e voltado para casa apaixonado pela instrutora.

Era engraçado como um verão podia mudar tanta coisa.

O sorriso de Scarlett cintilou quando ela me viu, mas apenas por um segundo, antes que seu olhar se desviasse para o meu ombro e se transformasse em uma versão mais neutra de si mesmo.

– Vincent, chegou cedo – disse ela, um pouco animada demais.

– Deixei as malas e vim direto pra cá. – O irmão entrou e a abraçou. – Estou ansioso para ver o que você está reservando para mim.

Ele me cumprimentou com um breve aceno de cabeça, e retribuí com um movimento semelhante. Nenhum de nós dois sabia como lidar com o degelo em nosso relacionamento estando sóbrios, por isso mantivemos uma distância respeitosa enquanto Scarlett ligava a música.

– Vai ser mais difícil do que os treinos xumbregas que você andou fazendo sozinho – disse ela.

– *Xumbregas?* – Vincent parecia indignado. – Eu tenho um ótimo regime de treinamento. Pergunte só à *Men's Health*. Minha entrevista com eles foi a matéria mais lida do ano passado!

A segunda mais lida. Engoli a resposta instintiva. Minha entrevista teve mil cliques a mais do que a dele, mas bater de frente com Vincent logo antes de contar que estava namorando sua irmã provavelmente não seria uma atitude muito inteligente.

– Aham. – Scarlett pareceu pouco impressionada. – De qualquer maneira, você não está em dia com o tipo de treino que viemos fazendo durante todo o verão, então ajustei a sessão de hoje por conta disso. A temporada começa em menos de duas semanas, o que significa que só vamos ter cinco sessões juntos. – Ela torceu o nariz. – Não sei exatamente por que o técnico insistiu para você retomar os treinos faltando tão pouco tempo para nossas sessões chegarem ao fim, mas é isso. Vamos começar com um aquecimento e depois passamos para as faixas elásticas.

Eu sabia por que o técnico queria que Vincent fizesse aqueles últimos treinos, mesmo que apenas por duas semanas. Ele era grosso e rabugento, mas no fundo era um otimista. Provavelmente acreditava que duas semanas de união forçada eram melhores do que nenhuma.

– Além disso… – Scarlett nos encarou com um olhar sério. – Nós três não treinamos juntos desde o início do verão, mas minhas regras continuam valendo. *Não vai* ter briga nem discussão no meu estúdio. Estamos entendidos?

Dei um aceno de cabeça lacônico.

– Sim, senhora.

Vincent deu um sorriso debochado.

– Isso aí que ele disse.

Ela revirou os olhos, mas uma pequena fagulha de esperança transpareceu em sua expressão diligente e profissional quando iniciamos o treino sem o menor sinal de conflito.

Scarlett andava de um lado para o outro no estúdio, estudando nossas posturas e fazendo ajustes quando necessário.

Quando se tratava de futebol, Vincent e eu tínhamos o mesmo nível de habilidade. Mas, quando se tratava de cross-training, eu tinha o benefício adicional de três meses de prática focada em dança; ele, não.

Lutei contra um sorriso presunçoso ao realizar bem o treino de

resistência e flexibilidade enquanto ele tinha dificuldades com os movimentos. Os músculos que usávamos na dança eram diferentes dos que usávamos no futebol, e eu estaria mentindo se dissesse que não gostava de vê-lo se desequilibrando, todo enrolado.

Só porque não nos odiávamos mais, não significava que eu deveria perder a oportunidade de me gabar um pouco (secretamente).

Vincent resmungou algo em francês que fez Scarlett dar um suspiro.

– Muito bem, vamos fazer um intervalo de cinco minutos. Hidratem-se, baixem a frequência cardíaca. Vou ao banheiro.

Ela deu uma olhadinha para mim ao sair.

Lembre-se, seja gentil, dizia.

Eu sou gentil, respondeu meu olhar.

Tivemos o cuidado de não fazer contato visual durante a sessão para não revelar nossos sentimentos de alguma forma. Concordamos em levar Vincent para sair depois do treino e fazê-lo beber algumas cervejas antes de lançarmos a bomba sobre ele, mas eu estava repensando aquela estratégia.

Deveríamos emboscá-lo no primeiro dia de volta à cidade ou dar a ele tempo para se estabelecer primeiro?

O silêncio ecoava junto com o zumbido do ar-condicionado enquanto esperávamos Scarlett retornar. Tomei metade da garrafa de água e olhei para Vincent, que estava enxugando a testa com uma toalha do Blackcastle.

– O que você vai fazer depois do treino? – perguntei, quebrando o gelo.

– Por quê? Está pensando em me chamar pra sair?

Dei risada.

– DuBois, eu não te chamaria pra sair nem se você fosse a última criatura viva na Terra.

Não *esse* membro da família DuBois, pelo menos.

– Ótimo, porque eu jamais aceitaria. – Ele jogou a toalha de volta na bolsa de ginástica. – Mas ainda não tenho nenhum plano.

– Quer tomar uma cerveja no Angry Boar? É por minha conta. Por ter aceitado a partida beneficente – acrescentei, com aspereza. – O último fim de semana foi pra comemorar a vitória, então esse é o meu agradecimento oficial. Não gosto de ficar devendo nada a ninguém.

O sorrisinho dele voltou.

– Então você tá me chamando pra sair, *sim*.

– Ah, vai à merda. Quer tomar uma cerveja ou não quer?

– Acho que vai ser bom tomar uma hoje. – Ele deu um tapinha na barriga. – Não vou poder beber assim depois que a temporada começar.

Fiz um ruído de concordância. Tínhamos que ser muito mais cuidadosos com a dieta durante a temporada.

– Por falar em agradecimento… – Vincent olhou para a porta. Ainda não havia sinal de Scarlett. – Obrigado por ouvir o que eu disse no início do verão. – Seu tom de voz era tão relutante que parecia que alguém estava arrancando as palavras da sua boca à força.

Arqueei as sobrancelhas, confuso.

– Sobre não dar em cima da minha irmã – explicou ele. – Confesso que esperava voltar e te encontrar cheio de intimidade com ela, mas você foi respeitoso. E profissional. E deu um soco naquele babaca do Pessoa por ter encostado nela. Então, obrigado.

Seu rosto estava contorcido numa careta, o que indicava a dor excruciante que ele sentia por ter que admitir que estava errado. Sua dor só não era maior do que minha angústia ao saber que ele *não* estava errado.

Você foi respeitoso. Ah, se ele soubesse. Não houve nada de *respeitoso* no que eu havia feito com Scarlett no estúdio um dia antes.

– Imagina. – Tossi, torcendo para que Vincent não pudesse ver os resquícios das atividades do dia anterior estampados em meu rosto. – Aquele ali mereceu.

Ignorei de propósito a primeira parte do que ele tinha dito, mas meus músculos se contraíram de pavor quando Scarlett por fim voltou e abreviou aquela conversa constrangedora.

O resto do treino transcorreu sem incidentes, mas, quando Scarlett tentou falar sobre nossa ida ao Angry Boar depois, eu a detive com um olhar incisivo pelas costas do irmão.

– Eu estava pensando que a gente poderia… – Ela se interrompeu diante de minha expressão aterrorizada.

– Que a gente poderia o quê? – perguntou Vincent.

– Intensificar um pouco as coisas na próxima sessão. Acho que você está familiarizado com o básico – disse Scarlett.

– Por mim, tudo bem – interrompi antes que Vincent pudesse fazer mais perguntas. – Eu e o Vincent vamos tomar uma cerveja no Angry Boar. Jogar conversa fora e aproveitar um pouco daquele momento de convívio que o técnico tanto queria que tivéssemos antes do início da temporada.

Dei um soquinho no ombro dele como se fôssemos amigos de longa data.

Ele me encarou como se eu tivesse perdido o juízo.

Não o julguei. Estava agindo de um jeito absolutamente fora do normal, mas estava tão nervoso por conta da nossa conversa anterior que agi sem pensar.

Se Scarlett se juntasse a nós, tentaria contar a ele sobre nós dois, como havíamos planejado, mas eu não podia deixá-la fazer isso até que eu descobrisse o estado de espírito de Vincent naquele momento. O sentimento que ele havia expressado anteriormente o deixaria mais ou menos irritado quando ficasse sabendo de nosso relacionamento?

Infelizmente, eu não teria tempo de explicar tudo isso a Scarlett antes de chegarmos ao pub, já que ela iria de carro com o irmão, e não comigo. Para mim, seria mais fácil conversar com Vincent sozinho primeiro.

– Ah! Tá bem. Humm, divirtam-se?

O tom questionador de Scarlett revelava que ela não entendia por que eu estava me desviando do plano original, mas ela confiava em mim e não insistiria no assunto.

Vincent colocou a bolsa de ginástica no ombro e se despediu da irmã.

– Te explico depois – murmurei ao passar por ela.

– Estou ansiosa por isso – murmurou Scarlett de volta. Ela olhou na direção de Vincent, que saía do estúdio, e então se voltou para mim e disse: – Boa sorte.

• • •

Se eu achava que uma conversa *tête-à-tête* no pub resolveria meu dilema, estava redondamente enganado.

Supus que depois de uma ou duas cervejas seria tranquilo mencionar a possibilidade de eu e a irmã dele estarmos namorando, e então avaliar sua reação, mas, assim que pegamos nossas bebidas e nos sentamos, Vincent retomou nossa conversa no estúdio como se nunca a tivéssemos interrompido:

– Eu falei sério aquela hora. – Ele passou a mão pelo cabelo. – Eu e você nem sempre nos demos bem, e eu estava nervoso de te deixar sozinho com

ela. Você é arrogante, dorme com todo mundo…

– Hum. Parece que essa descrição poderia se aplicar a você também.

Vincent me encarou.

– E eu também não ia gostar que Scarlett namorasse alguém como eu – disparou ele. – Ela já passou por muita coisa. Ela tem um histórico… ruim com jogadores de futebol, e não precisa lidar com as suas merdas depois de passar por tudo isso.

Não resisti a perguntar mais.

– Esse histórico ruim... é com o Pessoa?

Ele hesitou, mas então confirmou com um breve aceno de cabeça.

– Não vou entrar em detalhes porque não quero expor a intimidade da minha irmã, mas a separação deles foi bem difícil pra Scarlett. Nunca mais quero vê-la mal daquele jeito. Ela é minha única irmã, e faço de tudo para protegê-la.

Contraí os lábios, frustrado. *Maldito Pessoa*. Eu deveria ter batido nele com mais força quando tive a chance.

– Enfim, é por isso que estou sentado aqui – prosseguiu Vincent, com aspereza. – Não dou a mínima pra cerveja de agradecimento… sem querer ofender. Mas é muito importante ver que você protegeu a Scarlett e não se aproveitou da minha ausência durante o verão. Então, acho que… – Ele esfregou a nuca, com uma expressão encabulada. – Talvez a gente devesse deixar o passado pra trás. Como o técnico disse, não quero que nossos problemas estraguem a próxima temporada. E por mais que eu não goste de você, odeio o Holchester ainda mais.

– Obrigado pela parte que me toca. Faz com que eu me sinta muito querido.

– Ah, não vem com esse papo furado. Você também não é meu maior fã.

– Com certeza não, mas também odeio mais o Holchester, então... – falei, erguendo o copo para um brinde – a trégua continua.

Vincent bufou, mas encostou o copo no meu.

Tomamos nossas cervejas e caímos em um silêncio constrangedor mais uma vez.

Tínhamos muito a dizer quando éramos rivais, mas a amizade era uma ponte mais difícil de atravessar do que a hostilidade.

– Qual é a sua questão comigo, afinal? – perguntei, genuinamente curioso.

Eu nunca esqueceria a Copa do Mundo. Ser expulso do maior torneio de futebol do planeta por causa de uma lesão falsa era algo que *qualquer* jogador jamais superaria, e a derrota subsequente da Inglaterra só aumentara o meu ressentimento. Mas já fazia dois anos desde aquele fatídico episódio, e eu estava disposto a esquecer o que acontecera no passado pelo bem de Scarlett.

Além disso, eu planejava dar uma surra em Vincent na Copa seguinte.

No entanto, isso não explicava por que *ele* me odiava tanto. Competíamos por patrocínios e status, assim como dezenas de outros jogadores.

Será que era porque a internet vivia nos colocando um contra o outro naquelas pesquisas de "quem é o melhor jogador"? Era porque eu ganhava mais do que ele? Ou era outra coisa?

– Minha questão com você? Além do fato de você ser um babaca arrogante com complexo de superioridade? – perguntou Vincent. – Tudo é muito fácil para você.

Quase cuspi minha bebida.

– Como é que é?

Tudo era muito fácil para mim? Eu treinava e jogava com o mesmo afinco que ele e dei a vida para chegar onde estava. É certo que tive a sorte de crescer em uma casa relativamente estável, com pai e mãe, mas ter meu pai gritando no meu ouvido o tempo todo não tinha sido moleza.

Além disso, Vincent também não cresceu em uma família difícil. Os pais eram divorciados, mas, até onde eu sabia, haviam apoiado os sonhos dos filhos. O pai era engenheiro, e a mãe, enfermeira, e eles tinham dinheiro para pagar as aulas de balé de Scarlett *e* o treinamento de futebol de Vincent.

– Não estou falando de ética profissional. – Foi como se ele houvesse lido meus pensamentos. – Estou falando de *você*. Asher Donovan. – Ele gesticulou na minha direção. – Se qualquer outro jogador fizesse metade das merdas que você já fez, com os carros e as corridas, eles seriam radioativos. Ninguém ia querer nada com eles. Você, por outro lado, conseguiu um contrato de valor recorde e a renovação do patrocínio da Aoki Watches. Você é imprudente, é espalhafatoso no gramado porque não suporta não ser o centro das atenções, e nada disso importa, porque sua marca é grande demais pra fracassar.

Fiquei ali sentado, muito atônito com o bombardeio de ofensas para

responder. Achava que os problemas de Vincent comigo eram decorrentes de disparidades salariais ou de fama, mas claramente eram mais profundos do que isso.

Vincent ficou em silêncio por um momento antes de falar outra vez:

– Você se lembra da campanha da Rocco que você fez cinco anos atrás?

Assenti. A campanha de tênis foi meu primeiro patrocínio *importante*. Quando recebi o primeiro pagamento, meus olhos quase saltaram da cabeça.

– Originalmente, eu tinha sido cotado para ser o embaixador da marca. – Ele exibiu um sorriso amargo. – Mas me meti numa briga com o Pessoa depois das escrotidões que ele fez com a Scarlett. Alguém filmou, e a Rocco cancelou meu contrato.

Eu me lembrava vagamente de ter ouvido falar sobre a briga, mas ela havia acontecido antes de nossa rivalidade realmente começar, e eu não tinha atentado para os detalhes na época.

– Putz. – Fiz uma careta. – Que merda. Sinto muito.

Eu não era responsável pela atitude da Rocco ao rescindir o contrato com Vincent, mas, se eu fosse ele, também ficaria ressentido com a pessoa que tomou meu lugar.

Agora entendia por que minha transferência o incomodava tanto. Eu me metia em confusão e era recompensado; ele se metia em confusão e era penalizado. É verdade que estávamos em um nível diferente de fama cinco anos antes (a Rocco talvez tivesse feito vista grossa para a briga se fosse agora), mas sentimentos nem sempre eram racionais.

Vincent deu de ombros.

– O que está feito está feito. Meu contrato com a Nike mais tarde amenizou a dor. – Sua boca se curvou em um sorriso. – Além disso, eu era a primeira opção da Rocco.

– Ah, vai à merda.

Contudo, em vez de ficar irritado, senti os tentáculos da compreensão serpenteando ao nosso redor, suavizando um pouco de nossa amargura.

Para duas pessoas entrincheiradas em uma carreira em que ego e reputação ditavam as regras, aquilo não era pouca coisa.

– Mas, como eu disse, são águas passadas. – Vincent riu. – Fico feliz que nada tenha acontecido entre você e a minha irmã, ou estaríamos tendo uma conversa diferente. Sou capaz de superar problemas relacionados ao

trabalho, mas à família? É outra coisa.

Meu breve alívio se transformou em gelo. *Scarlett*. Estávamos nos saindo bem em deixar de lado os ressentimentos do passado, mas nosso maior obstáculo para um relacionamento amigável continuava fervilhando ao fundo como um vulcão esperando para entrar em erupção.

– Enfim, estou feliz por termos tido essa conversa. O técnico também vai ficar feliz. – Dessa vez, foi Vincent quem ergueu o copo. – Pronto pra dar uma surra no Holchester nesta temporada?

Forcei um sorriso e bati meu copo no dele.

– Com certeza.

• • •

– A gente não pode contar pra ele ainda.

Scarlett me encarou na tela do celular. Não queria correr o risco de ir até a casa dela depois que Vincent e eu saímos do Angry Boar, então liguei para ela por vídeo e expliquei por que havia mudado nossos planos mais cedo.

– Como assim? Por quê?

– Precisamos repensar nossa estratégia para dar a notícia. – Passei a mão no rosto, aflito. – Você precisava ter ouvido. Vincent mencionou *várias* vezes como ficou feliz por eu não ter tentado nada com você enquanto ele estava fora. É em grande parte por isso que ele está disposto a aceitar a trégua. Se a gente contar agora, ele vai se sentir um idiota, o que significa que provavelmente a recepção da notícia vai ser ainda pior do que pensávamos.

– Talvez não – disse Scarlett, esperançosa. – Talvez ele receba *melhor* agora que não acha que você é o demônio.

Ergui uma sobrancelha.

– Tá. Você tá certo. – Ela apoiou a cabeça na mão. – Não acredito nisso. Estávamos com medo de contar porque ele não gostava de você, e agora não podemos contar porque ele *gosta* de você. Sério, o universo odeia a gente.

– Ainda podemos contar. Só temos que redefinir o momento – falei. – Acho que 2075 é um bom ano.

– *Asher*.

– Tá bem, tá bem – respondi, dividido.

Por um lado, poderíamos manter a estratégia original e lidar com as

consequências à medida que elas surgissem. Isso daria a Vincent tempo para se acalmar antes do início da pré-temporada.

Por outro lado, duvidava que duas semanas fossem suficientes para que ele superasse a notícia. Ele começaria a temporada com ainda mais ódio de mim, o que não seria bom para *nenhum* dos envolvidos.

Meu antigo eu teria escolhido a primeira opção, mas vinha tentando ser mais ponderado e menos imprudente nas decisões que tomava. Não podia mergulhar de cabeça em uma situação e esperar que tudo funcionasse a meu favor. Precisava pensar nas consequências.

Também não era burro a ponto de pagar para ver se o técnico estava blefando. Ele sem dúvida nos condenaria ao banco de reservas se achasse que não estávamos trabalhando bem juntos, e eu não tinha me dedicado tanto para ficar de fora durante o que estava começando a considerar minha temporada de redenção. Se não levasse um troféu para casa em maio e provasse que a crítica estava errada, era melhor pendurar as chuteiras e esquecer minha carreira.

Além disso (e jamais admitiria isso em voz alta), a trégua com Vincent havia tirado um peso enorme de meus ombros. Bater de frente com alguém do meu próprio time demandava muita energia, e eu precisava de cada grama dela se quisesse vencer o Holchester.

– Talvez a gente possa contar a ele durante as festas de fim de ano – sugeri. – Aproveitar o espírito natalino e tal.

Scarlett me lançou um olhar confuso.

– Você quer contar no meio da temporada *e ainda* arruinar o Natal dele?

– Bem, colocando as coisas *dessa* forma...

Ficamos em silêncio enquanto tentávamos elaborar uma nova estratégia. Não funcionou.

– Talvez seja porque está muito tarde, mas meu cérebro está derretendo – disse Scarlett. – Podemos deixar isso de lado por enquanto, mas tem certeza de que é melhor contar pro Vincent depois que a temporada começar, e não antes? E se ele descobrir antes de estarmos prontos pra contar? Ele vai ficar ainda mais chateado se ficar sabendo da gente por outra pessoa.

– Não sei. – Inclinei a cabeça e olhei para o teto, desejando que ele contivesse as soluções para nossos problemas. – Não sei mesmo.

CAPÍTULO 39

SCARLETT



Pirueta. Pirueta. Plié. *Atrás.*

Sozinha no estúdio da RAB, eu me dedicava com afinco à coreografia de *Lorena*, mas estava achando difícil me concentrar como deveria.

Asher e eu nunca chegamos a elaborar uma nova estratégia para contar a verdade sobre nós para Vincent. Àquela altura, estávamos nos virando e torcendo para que o momento certo surgisse durante alguma conversa, o que não era exatamente uma estratégia, mas era tudo o que tínhamos.

Felizmente, Vincent não suspeitava de nada. Depois de ir ao Angry Boar com Asher, os dois desenvolveram uma, bem… *amizade*, cautelosa, mas promissora. Amizade talvez fosse uma palavra muito forte. Eles estavam mais para conhecidos amigáveis.

O que quer que fosse, garantiu que o restante das sessões decorresse sem problemas. O retorno de Vincent me deixara tão aflita que a facilidade com que ele voltou para nossa vida era quase desconcertante.

Entretanto, à medida que o início da temporada se aproximava, minha ansiedade chegava às alturas outra vez. Todo mundo estaria de volta a Londres, o que significava mais olhos sobre nós e mais oportunidades de sermos pegos. Eu entendia e até concordava com o raciocínio de Asher, que havia sugerido que adiássemos a Grande Conversa com meu irmão, mas minha mente não conseguia parar de imaginar todas as situações em que tudo poderia ir por água abaixo.

E se alguém tirasse uma foto nossa na rua e a colocasse na internet,

como fizeram comigo e com Clive?

E se Vincent esbarrasse com Clive e o jogador de rúgbi nos dedurasse? Eu não havia falado com Clive desde que lhe disse que não daríamos certo depois do encontro duplo, mas sabia que ele e Asher não se davam bem.

E se Vincent descobrisse sobre o estúdio particular de balé ou sobre a viagem ao Japão? Eu havia conseguido esconder a viagem à Ásia do meu irmão por ter sido muito curta e culpara minha agenda lotada pela demora nas respostas às mensagens dele. Mas bastava um descuido ou uma foto espalhada na internet para que fôssemos descobertos.

Parte de mim desejava que Asher e eu tivéssemos sido honestos desde o início, mas já era tarde demais. Estávamos presos em uma teia de mentiras criada por nós mesmos.

Minhas preocupações e pensamentos desconexos se misturavam em minha cabeça. Estava tão distraída que perdi duas contagens e tropecei quando tentei me corrigir.

– Merda! – Um xingamento escapou em meio à frustração.

Parei, apoiei os antebraços na barra e baixei a cabeça, tentando me reorientar.

Por motivos óbvios, não podia acrescentar meus treinos extras às sessões de Asher e Vincent, portanto, vinha ensaiando sozinha desde o retorno de meu irmão. De qualquer forma, Asher havia oferecido o estúdio particular durante a noite, mas eu era paranoica demais para me esgueirar até a casa dele.

Meu desempenho estava cada vez melhor. Entretanto, sem a presença de Asher, eu cometia mais erros. Perdia o foco. Me questionava. A mudança perceptível na qualidade dos ensaios me deixava ainda mais tensa.

E se ele fosse o ingrediente secreto? Será que eu conseguiria me apresentar diante de uma multidão sem ele ao meu lado, me incentivando?

Meu estômago se revirou.

Não. Por mais que eu amasse... digo... gostasse de Asher, eu jamais permitiria que meu sucesso dependesse de outra pessoa.

Não me importava se estava ensaiando como bailarina substituta e que provavelmente jamais teria a oportunidade de me apresentar no palco. Eu ia acertar essa maldita coreografia sozinha.

Cerrei os dentes para afastar o lento rastejar da exaustão e me forcei a ficar de pé outra vez. Ainda restavam dez minutos para o último ato do balé.

Eu era capaz de chegar até o final.

Meu corpo talvez fosse me odiar por isso mais tarde, mas eu me odiaria ainda mais se desistisse naquele momento. Era mais fácil aliviar as dores físicas do que as emocionais, em especial se fossem autoinfligidas.

Minha antiga terapeuta e meus médicos diziam que minha determinação de me levar ao limite era tóxica e prejudicial à saúde. Eles estavam certos; era *mesmo*, e por isso eu não aconselhava as pessoas a seguirem meu exemplo. Não queria que ninguém ignorasse os sinais de alerta do corpo da mesma forma que eu fazia com o meu.

Mas eles eram de um jeito, e eu era de outro. Competir era algo inato para mim, e isso incluía competir contra mim mesma.

Eu tinha que vencer, então ia até o limite.

E dava certo.

Recomecei do ponto em que havia tropeçado e consegui chegar ao final sem errar a coreografia.

Sustentei a última posição por dois segundos antes de minhas pernas fraquejarem e eu desabar – ou, melhor dizendo, afundar – no chão. A bile subiu pela minha garganta; ou eu ia vomitar, ou desmaiar, ou as duas coisas.

Meus músculos tremiam, e eu tentava respirar em meio a uma dor quente e lancinante. Ela tomou conta do meu corpo, escaldando meus braços, ombros e pernas e penetrando tão profundamente em meus ossos que todas as minhas articulações doíam. Uma enxaqueca latejava em minhas têmporas, e a sala parecia se inclinar enquanto eu me esforçava para descobrir o que fazer.

Lágrimas marejaram meus olhos.

Fazia muito, muito tempo que eu não tinha uma crise tão terrível. Sabia que era um resultado provável, levando em consideração o quanto havia extrapolado nas últimas semanas, mas não esperava ter um colapso tão repentino e violento.

O kit com os analgésicos de emergência acenava da minha bolsa. Estavam a apenas um braço de distância.

Puxei as pernas até o peito e apoiei a cabeça nos joelhos. Ajudou com a tontura, mas não com a dor.

Cada músculo gritava, mas… *mas*.

Eu tinha concluído a coreografia. E tinha acertado em cheio na segunda vez.

Inspire, expire.

Um, dois, três, quatro...

Quando cheguei a cem, as lágrimas haviam secado. Quando cheguei a duzentos, a dor aguda havia se transformado em uma dor constante.

Felizmente não tinha mais aulas para dar no dia. Não queria que meus alunos entrassem e me encontrassem no chão, chorando em posição fetal no chão. Havia programado meus ensaios propositalmente para o final do dia, quando deveria estar trabalhando em meus planos de aula, mas poderia fazer isso de casa.

Em algum momento, a dor e a náusea diminuíram o suficiente para que eu conseguisse levantar a cabeça. O mundo foi voltando aos poucos, começando pelo zumbido intermitente do meu celular.

Dei uma olhada e vi que havia duas novas mensagens de Carina, ambas enviadas dez minutos antes.

CARINA

A Lavinia quer falar com você

CARINA

Acho que tem a ver com o elenco do espetáculo 👀

Um gemido se formou em minha garganta.

A última coisa que eu queria era falar com a diretora naquele estado, mas não tinha escolha.

Respirei fundo uma última vez e me arrastei até ficar de pé. Tive que esperar um pouco até que a dormência na minha perna diminuísse antes de me dirigir à sala de Lavinia.

Carina arregalou os olhos ao me ver.

– Você tá bem?

– Pareço tão mal assim? – Fiz piada, mas minha voz saiu rouca e fraca.

– Não. Você só… Aqui. – Ela tirou um lenço umedecido da bolsa e passou para mim. – Para a maquiagem.

Uma olhadela no espelho pendurado na parede revelou meu delineador borrado de lágrimas e rastros de rímel. *Merda*.

Retoquei a maquiagem rapidinho e agradeci a Carina, sem muito

entusiasmo.

– Imagina. Boa sorte lá dentro. – O olhar preocupado dela me acompanhou até eu entrar na sala de Lavinia e fechar a porta.

Como de costume, a diretora foi direto ao ponto:

– Desculpa te chamar aqui de última hora, mas concluí que era melhor te contar logo. – Se ela notou minha desorientação, não comentou nada. – A Yvette não é mais membro da equipe da RAB. Por isso, ela não vai mais poder participar de *Lorena*. Você vai ter que assumir o papel principal no espetáculo da equipe.

O anúncio foi tão repentino, tão inesperado, que meu choque superou temporariamente meu cansaço.

– Ela pediu demissão?

Yvette e eu não interagíamos muito, mas ela trabalhava na RAB havia anos. Não conseguia imaginá-la pedindo demissão no meio do ano letivo, em especial tendo sido escalada como protagonista da apresentação da equipe.

– Não exatamente. – Lavinia pressionou os lábios com desagrado. – Chegou ao meu conhecimento que ela foi responsável por certo… tumulto na escola no começo do verão.

Tumulto? Não havia tido nenhum tumulto na RAB, exceto…

Os paparazzi.

Fiquei boquiaberta. Então foi *Yvette* quem avisara os paparazzi que Asher estava lá? *Por quê?*

– Eu vinha investigando a origem do vazamento que provocou o tumulto – prosseguiu Lavinia, aludindo de maneira habilidosa à situação sem dizer diretamente do que se tratava. – Não gosto nem um pouco de invasores, nem tolero *nenhuma* atitude que ponha em risco a segurança e a privacidade de nossos alunos e funcionários. Não posso compartilhar detalhes, mas, como você foi uma das partes diretamente afetadas, posso, *sim,* te dizer que o envolvimento da Yvette foi substancial o bastante para justificar a demissão.

Minha cabeça girava, mas dessa vez não tinha nada a ver com excesso de esforço.

– Você sabe por que ela fez isso?

O elegante dar de ombros da diretora indicou que isso era indiferente para ela.

A punição havia sido aplicada, e era isso que importava.

– Dinheiro faz as pessoas terem atitudes estranhas. – Ela me examinou, a expressão mudando de desagrado para curiosidade. – Assumir o papel dela seria um problema para você?

Eu tinha sido pega de surpresa pela revelação envolvendo Yvette e havia me distraído do motivo que me levara até a sala de Lavinia.

Ela queria que eu assumisse o papel principal em *Lorena*.

Eu.

No papel principal.

Não uma substituta esperando nos bastidores, mas a atração principal, aquela que todos estariam observando.

Nem se tivesse tentado ela teria sido capaz de escolher um momento pior para me dar aquela notícia.

Minha língua estava com o sabor e a textura da areia do deserto do Saara. Abri a boca, mas nenhuma palavra veio em meu socorro.

Fiquei ali sentada, presa como um inseto sob o olhar de Lavinia, meu corpo ainda trêmulo por conta do ensaio.

A possibilidade de me apresentar outra vez era uma coisa. Fazer isso de fato era outra.

Nos ensaios, eu me esforçava por *mim*. Queria provar *a mim mesma* que era capaz, mas sempre trabalhava dentro dos limites seguros do meu papel de substituta.

A partida de Yvette rompeu esses limites e me expôs ao horror de me apresentar outra vez. Eu me lembrei do quão mal havia me saído em meu primeiro e, até então, único ensaio com o elenco. Do quanto tive que me esforçar para conseguir concluir um ensaio de meia hora pouco antes de entrar na sala de Lavinia.

Não importava que eu tivesse atravessado a maioria dos ensaios sem incidentes. Bastava uma noite ruim para estragar tudo e, como o espetáculo da equipe em dezembro seria uma apresentação única, eu *não tinha* uma segunda chance. Precisava ser perfeita.

O pânico encharcou a palma das minhas mãos com um suor gelado.

– Scarlett? – perguntou Lavinia.

– Sim. Quer dizer, não. Quer dizer… – Estremeci quando ela arqueou as sobrancelhas. – Não vai ser um problema.

– Ótimo. Vou avisar ao restante do elenco. A Tamara vai entrar em

contato com você para mais detalhes. – Lavinia olhou para mim por cima dos óculos. – Espero que os ensaios do elenco transcorram sem problemas no futuro.

A julgar por seu tom de voz, ela sabia do horror que tinha sido meu primeiro ensaio coletivo. Quis afundar no chão e morrer, mas forcei um sorriso radiante.

– Sim. Não vou te decepcionar.

Saí da sala dela atordoada. Carina tinha feito uma pausa para ir ao banheiro quando saí, mas, em vez de esperar por ela, voltei para o meu estúdio e liguei para a única pessoa que poderia acalmar o enjoo que agitava meu estômago.

– Oi, querida. – A voz de Asher atravessou a linha. – Já está com saudades?

Meu sorriso vacilou.

– Na verdade, sim. Como foi o primeiro dia?

Os treinos da pré-temporada do Blackcastle haviam recomeçado oficialmente naquele dia. Era nossa primeira segunda-feira longe em meses, e a ausência de Asher havia aberto um buraco em meu peito.

– Foi bom, mas eu e o Vincent vamos ter uma reunião com o técnico daqui a dez minutos. Vamos ver como vai ser.

– Ei, vocês dois estão finalmente se dando bem. Ele deveria estar feliz.

– Deveria. – Ouvi risadas e vozes masculinas ao fundo. Ele devia estar no vestiário. – Mas imagino que você não tenha me ligado do trabalho pra falar de futebol.

– Não.

Contei a ele sobre a conversa com Lavinia, mas não sobre a crise depois do ensaio. Não queria que Asher se apavorasse nem se distraísse. Eu poderia lidar com aquilo sozinha.

– Uau. – Ele assobiou, impressionado. – Que bela maneira de começar a semana.

– Né? – Olhei para meu reflexo pálido e desgrenhado nos espelhos do estúdio. Ainda estava no carrossel da tontura, mas a voz de Asher me manteve firme o suficiente para que eu conseguisse conversar sem tremer.

– Como você está se sentindo por fazer o papel principal? – Uma nota de cautela se infiltrou em suas palavras.

– Como eu *não* estou me sentindo, né? Nervosa, apavorada, enjoada, um

pouco eufórica. Sinceramente, ainda não processei a notícia. – Recostei a cabeça na parede. – Me pergunta outra vez daqui a 72 horas.

Ele riu.

– Pode deixar.

– Enfim, só quis ligar e te contar. Se esperasse até mais tarde, poderia entrar em combustão, mas não quero te prender mais. – Estava com medo de desligar, mas não podia usar Asher como escudo para sempre. – Boa sorte com a reunião.

– Obrigado. – Ouvi o sorriso em sua voz. – E, Scarlett? Se vale de alguma coisa, eu acho que você vai arrasar como Lorena.

Abri um sorriso, que desapareceu assim que desliguei.

Asher, Vincent, Yvette, Emma, o espetáculo, a dor, a ameaça dos paparazzi… todos os fios soltos da minha vida, grandes e pequenos, giravam dentro de mim. Eles se emaranharam e formaram uma corda ao redor do meu peito, enroscando-se com cada vez mais força até quase me sufocar.

Às vezes, o simples fato de existir demandava muita energia, então eu fechava os olhos e tentava respirar.

Naquele momento, era tudo que eu podia fazer.

CAPÍTULO 40

ASHER



Assim que desliguei com Scarlett e joguei o telefone na bolsa de ginástica, Adil se aproximou de mim e de Noah, cujo armário ficava ao lado do meu.

– Olha eles aí! Meus camaradas Bad Boys do Blackcastle! – Ele deu um tapinha em nossos ombros. – Sentiram minha falta?

– Como uma criança que sente falta de uma urticária – murmurou Noah, mas não se esquivou da saudação do meio-campista.

– Então você sentiu minha falta, *sim*. – Adil pareceu não se incomodar com a falta de entusiasmo do goleiro. – Temporada nova, pessoal. Estamos de volta e vamos *esmagar* aqueles otários do Holchester! E todos os outros – acrescentou ele.

– É isso aí.

Bati o punho no dele em sinal de concordância, mas minha mente ainda estava em Scarlett. Achei a voz dela um pouco estranha durante a ligação. Talvez fosse o nervosismo com a situação de Yvette e do espetáculo. Scarlett tinha sentimentos conflitantes em relação a se apresentar em público novamente, e a promoção repentina de substituta a principal não devia ter sido fácil.

Ligaria para saber como ela estava quando chegasse em casa. Troquei de camisa enquanto Adil nos contava histórias sobre seu verão. Aquela era a primeira vez em meses que os jogadores se encontravam, e o vestiário vibrava com a energia da "volta às aulas" de uma nova temporada, risadas e brincadeiras inundando o ambiente.

– Mal posso esperar pra enfrentá-los em campo outra vez. – Adil esfregou as mãos. – É melhor o Bocci tomar cuidado.

A menção a meu antigo colega de time deixou minha boca com um gosto de cobre. Era o sabor da competição. Da redenção. Da vingança.

Quase varremos a liga na temporada anterior, e aquela era nossa chance de nos vingarmos. Como Vincent e eu deixamos de lado nossas diferenças, não havia nada que nos impedisse de conquistar o título em maio.

O técnico entrou no vestiário.

– DuBois! Donovan! – gritou ele, apontando para sua sala com a cabeça. – Pra dentro.

Um coro de "ihhh" ecoou pelo lugar, e Vincent e eu paramos o que estávamos fazendo e fomos até o técnico, com expressões igualmente desconfiadas.

– Já se meteu em confusão? Isso é um recorde – implicou Samson.

O atacante nigeriano riu quando Vincent lhe deu um leve empurrão ao passar por ele.

– Da próxima vez que você quiser fazer piada, certifique-se de que consegue completar uma corrida de 45 minutos sem ofegar como se estivesse em trabalho de parto – disse ele por cima do ombro.

O primeiro dia da pré-temporada era sempre o mais difícil, pois os jogadores estavam retornando ao trabalho depois de um verão de comida e férias.

Mais um coro de "ihhh" se misturou às vaias.

– Golpe baixo, capitão! – gritou ele, balançando a cabeça. – Golpe baixo!

Dei um sorriso debochado, mas a graça acabou assim que entramos na sala do técnico. Ele fechou a porta e, mais uma vez, fui tomado por um *déjà-vu*, quando Vincent e eu nos acomodamos em nossos assentos. O técnico afundou em sua cadeira e cruzou os dedos sob o queixo.

O relógio tiquetaqueava.

O ar-condicionado zumbia.

Os ruídos abafados do vestiário enfatizavam a tensão que pairava ao nosso redor.

Vincent e eu nos remexemos em nossas cadeiras.

Se o técnico estava empregando alguma espécie de tática de guerra psicológica para nos deixar desconfortáveis, estava funcionando.

Depois do que pareceu ser uma eternidade de silêncio, seus olhos de

águia miraram em Vincent.

– DuBois, seu pai está bem?

– Sim, senhor.

– Fico feliz em ouvir isso. – O técnico se inclinou para a frente. – Se eu descobrir que inventou uma emergência familiar para se livrar de uma tarefa que *eu* atribuí a você, vou te colocar pra treinar *sprints* até criar um relacionamento íntimo com a lixeira mais próxima. Entendeu?

Vincent engoliu em seco.

– Sim, senhor.

O riso que eu estava prendendo morreu na metade do caminho, quando o técnico voltou a atenção para mim.

– Esta é uma nova temporada. Um novo começo – disse ele. – Vou interpretar os problemas da última temporada como falta de maturidade, mas essa palhaçadinha de vocês acaba aqui e agora. Vocês podem não ter passado o verão juntos como eu havia planejado – disse ele, lançando outro olhar para Vincent, que afundou alguns centímetros no assento –, mas isso não é desculpa para continuarem de onde pararam. Espero que vocês se comportem como mais do que adultos; espero que se comportem como *campeões*. Se isso for um problema, vocês precisam me dizer agora mesmo. – Seus olhos brilharam com um aviso claro. – *Vai ser* um problema?

– Não, senhor – respondemos em coro.

– Eu e o Donovan começamos a nos entender – acrescentou Vincent. – Então não precisa se preocupar com a gente.

O técnico arqueou as sobrancelhas grossas, não muito convencido.

– Ah, é?

– Sim. – Aproveitei a deixa de Vincent. – Nós aprendemos com os erros da temporada.

– Não vai acontecer outra vez – complementou Vincent.

– Estamos cem por cento prontos para trabalharmos juntos para aniquilar… para derrotar o Holchester. E todos os outros – prossegui, repetindo o adendo anterior de Adil.

O técnico fechou a cara, desconfiado.

– Ótimo – disse ele, por fim. – Presumo que esse *entendimento* tenha começado com a partida beneficente da Sport for Hope...

Nossas bocas se abriram em movimentos idênticos de surpresa. Ele sabia do meu envolvimento de longa data com a organização, mas como sabia que

Vincent jogara no evento também?

– Eu leio os jornais locais e tenho espiões por toda parte. – A curva da boca do técnico teria se assemelhado a um sorriso se ele não fosse alérgico a esse tipo de coisa. – Soube da sua briga com o Pessoa e os Verdes também. – A curva desapareceu. – Ele é um babaca, mas não quero você fazendo uma merda dessas num jogo meu, ou…

Alguém bateu na porta, interrompendo o que eu tinha certeza de que seria outra ameaça aterrorizante.

Vincent e eu nos entreolhamos. Quem se atreveria a interromper uma das reuniões do técnico?

As sobrancelhas dele se arquearam ainda mais até formarem uma linha reta em sua testa.

– Entra! – gritou ele.

A porta se abriu, e Greely, nosso técnico assistente, botou a cabeça dentro da sala com toda a cautela, como se estivesse com medo de ter os braços arrancados pelo chefe se desse um passo à frente.

– Senhor, sua filha está aqui. Está esperando no corredor.

– Fala pra ela que vou sair num minuto. – Greely foi embora, e o técnico voltou a nos encarar. Ele fazia muito isso. – Tenho outros assuntos para resolver, mas estou confiando que vocês não farão nada que ponha em risco essa linda amizade entre vocês.

Assentimos ao mesmo tempo, ainda que uma inquietação corresse em minhas veias. Eu diria que namorar a irmã de Vincent se enquadrava no "nada" ao qual o técnico se referira.

Vincent e eu só conseguimos respirar de novo quando o técnico nos dispensou e saiu para encontrar a filha. Acho que ele não se importava em nos deixar sozinhos em sua sala (não que fôssemos burros de bisbilhotar suas coisas). Dávamos valor às nossas vidas.

– Meu Deus. Me senti na escola outra vez, sendo chamado na sala do diretor – murmurou Vincent ao voltarmos para o vestiário.

Tínhamos permanecido na sala por um bom tempo, para não termos que caminhar ao lado do técnico. O sujeito era inspirador, mas, honestamente, assustador também.

– Você não é único – murmurei de volta. – Estou surpreso por ele não ter colocado a gente de castigo e nos obrigado a esfregar o chão.

– Não dá ideia – disse Vincent.

Dei uma risada.

Quando chegamos ao vestiário, ele estava vazio. No entanto, uma enxurrada de sussurros nos levou até a saída, onde o restante do time estava amontoado em torno do pequeno vidro na porta.

– O que está acontecendo? – perguntei.

– Já viram a filha do técnico? – Adil se virou, com os olhos brilhando. – Ela tá *aqui*.

– E daí? – disse Vincent, com um bocejo. – O que é que tem?

– Ouvi dizer que ela vai entrar para a equipe – disse Samson. Não entendia como, mas ele sempre ficava sabendo das fofocas relacionadas à equipe primeiro. – Vai fazer um estágio com a Jones.

Jones era a principal nutricionista de performance do Blackcastle.

– Grande coisa. Toda hora tem um estagiário novo aqui. Ela não é especial só porque é filha do técnico. – Vincent não pareceu muito impressionado. – Acho melhor vocês voltarem pro vestiário antes que o técnico veja vocês aqui, ou ele vai obrigar todo mundo a correr em volta do estádio outra vez.

Um estremecimento coletivo percorreu o grupo, mas não foi uma ameaça grande o suficiente para fazê-los se dispersar.

– Cara, o Samson esqueceu de comentar o mais importante. – Adil se aproximou e colocou as mãos nos ombros de Vincent com um ar solene. – A filha do técnico é gata.

Aquilo chamou a atenção de Vincent.

Balancei a cabeça quando Vincent se uniu aos outros no vidro para bisbilhotar, mas também fui vencido pela curiosidade. Ninguém ali já tinha visto a filha do técnico. Eu sabia que ela morava com a ex-esposa dele e que era sua única filha, mas só isso.

Não dava a mínima para o fato de ela ser gata ou não, mas estava curioso para saber como era a filha de Frank Armstrong.

Me espremi ao lado de Vincent e olhei pelo vidro. O técnico estava de costas para nós, ocultando a maior parte do corpo dela. Depois de mais ou menos um minuto, ele mudou de posição, revelando uma mulher de longos cabelos loiros, olhos cor de avelã e um rosto com formato de coração.

Fiquei de queixo caído.

Ao meu lado, Vincent parecia tenso, com a respiração entrecortada, atravessado por uma onda de choque semelhante.

Porque, afinal, já havíamos visto a filha do técnico antes. Não só isso, mas também tínhamos bebido e festejado com ela.

Nós nos viramos um para o outro, com expressões idênticas de incredulidade, enquanto o técnico continuava a falar com Brooklyn.

• • •

A primeira coisa que fiz quando saí do treino foi ligar para Scarlett outra vez. Ela não fazia ideia de que Brooklyn era filha do técnico, mas não pareceu particularmente chateada com isso.

– Eu *sabia* que ela estava escondendo alguma coisa – comentou Scarlett. – Faz sentido. Ela quer mesmo trabalhar com nutrição e, se eu fosse filha de Frank Armstrong, também não sairia por aí contando pras pessoas. Eu mesma não fico por aí dizendo que sou irmã do Vincent.

– Por um bom motivo – rebati.

Ela deu risada, mas, assim como em nossa conversa mais cedo, pareceu um pouco desanimada. No entanto, quando me ofereci para passar na casa dela ou pedir a Earl que a buscasse para nos encontrarmos na minha, ela recusou, dizendo que estava cansada dos ensaios e queria tirar um cochilo.

Não insisti. No dia seguinte, Scarlett parecia ter voltado ao seu normal, então achei a justificativa plausível.

As extenuantes demandas da pré-temporada logo tomaram toda a minha atenção, e a novidade de descobrir o parentesco de Brooklyn com o técnico evaporou rapidamente conforme atravessamos os amistosos e a temporada de verdade teve início várias semanas depois.

Vencemos as partidas com facilidade, mas ainda não havíamos enfrentado nenhum adversário de peso. O verdadeiro teste seria o jogo contra o Holchester dali a duas semanas.

Isso não significava, porém, que havíamos perdido a oportunidade de celebrar a vitória sobre o Wentworth em nossa primeira partida oficial da temporada.

O que eu realmente queria era comemorar com Scarlett, com quem mal conseguia estar nos últimos tempos. Entre minhas obrigações no clube e sua agenda de ensaios apertada, nos falávamos mais por telefone do que pessoalmente. Tinha ficado mal-acostumado depois de um verão em que

praticamente a tive só para mim, e estava desesperado para passar um tempo sozinho com ela.

Mesmo assim, não podia recusar a primeira comemoração da temporada, e foi assim que me vi enlatado no Angry Boar com o resto do time do Blackcastle.

– O capitão paga a primeira rodada – anunciou Adil, depois de fazermos nossos pedidos no bar (cerveja para os que se deram esse luxo, água ou refrigerante para os que não se deram). – É tradição.

Vincent semicerrou os olhos.

– Desde quando?

– Desde agora.

– Interessante – disse Vincent. – Sabe, agora estou me lembrando que você nunca pagou uma única conta na *última* temporada…

– Ei, eu divirto vocês com a minha perspicácia e com o meu humor. Isso não tem preço – rebateu Adil. – Falando nisso, tenho uma ideia para unir a equipe, e tudo graças ao Donovan.

Todas as cabeças se voltaram para mim.

Dei de ombros, tão confuso quanto eles.

– Eu li o livro que você recomendou. – Adil enfiou a mão no bolso e sacudiu um livro de bolso com uma capa colorida com uma ruiva seminua e dois répteis enormes e escamosos. – *Tricerátops à trois*. Ei, é *bom*! – gritou ele em meio a uma explosão de risos e piadas.

– Cara, o que você está lendo?

– São *dinossauros*?

– Que tipo de fetiche você curte?

– Donovan. – Samson cruzou os braços, os lábios contorcidos. – Explique-se.

Quase lhes contei a verdade, mas então lembrei que foi Scarlett quem me apresentara ao livro. Eu não o havia lido, mas não queria explicar por que a irmã de Vincent andava me dando recomendações de livros eróticos.

– Eu vi numa livraria – menti. – Pareceu… interessante, então falei dele com o Adil e o Noah.

– Não olhem pra mim – disse Noah quando todos se viraram para encará-lo. – Fui destinatário da informação contra a minha vontade.

– Você numa livraria? Tipo, você sabe ler? – perguntou Stevens, um dos outros atacantes.

Amassei um guardanapo e o atirei nele, atingindo-o em cheio no rosto.

– Vai à merda, Stevens – falei. – Você não sabe nem lavar a própria roupa.

Sua expressão se desfez.

– Eu te falei que foi culpa da máquina! Esse lance de alta tecnologia é muito confuso.

– *Com licença*, vamos voltar ao assunto em pauta? – Adil elevou a voz. – Enfim, como eu estava dizendo, tenho uma ideia pra unir a equipe. Deveríamos criar um clube do livro do Blackcastle e…

Mais vaias abafaram a voz dele.

– Vamos ler um livro erótico diferente todo mês! – gritou ele. – Vai ser divertido!

Clube do livro? Essa ideia tinha sido *minha*! Tudo bem, eu estava brincando na ocasião, mas mesmo assim. Que fique registrado que eu pensei nisso primeiro.

No entanto, o restante da equipe não curtiu muito a sugestão.

– *Divertido?*

– Você tem um conceito esquisito de diversão.

– Nem pensar!

– Vocês não precisam participar se não quiserem – disse Adil com um ar magnânimo. – Mas vai ser divertido, *sim*, e vocês vão perder livros excelentes. E aí, quem topa? – Ele olhou ao redor.

Silêncio.

– Vamos lá, pessoal – pediu ele. – É muito mais interessante do que ir a festas todo fim de semana.

– Isso é porque você não bebe – disse Stevens.

– Exatamente. – O sorriso de Adil foi morrendo diante do silêncio do grupo. – É sério? *Ninguém* quer participar?

Merda. Eu ia me arrepender mais tarde, mas…

– Eu topo.

Fui eu quem, sem querer, nos meteu nessa confusão. Era melhor ir até o fim.

Seu rosto se iluminou novamente, e ele me olhou com gratidão.

– Eu também – disse Vincent, para a minha surpresa. – Sou o capitão. Manter o moral da equipe alto faz parte do meu trabalho.

– Ótimo! – O sorriso de Adil voltou à potência máxima. – Eu sempre

soube que vocês dois tinham bom gosto. Quem mais está interessado?

Outro momento de silêncio.

– Vou assistir. – O resmungo silencioso de Noah me chocou ainda mais do que a participação de Vincent. – Mas não vou ler sobre sexo a três com dinossauros.

– Tudo bem. – Adil pareceu contente. – Você pode ser nosso mascote e trazer lanches.

A carranca de Noah expressou o quão *insatisfeito* ele estava com a tarefa. No entanto, a participação dele, combinada com a minha aprovação e a de Vincent, fez com que o restante do time se unisse aos poucos e depois em uma onda.

Em pouco tempo, quase todo mundo havia concordado em participar do clube do livro, embora eu pudesse dizer que alguns deles não acreditavam de verdade que iríamos ler livros eróticos de dinossauros todo mês.

Pegamos nossas bebidas e nos aglomeramos em várias mesas e cabines. Desde que havia entrado para o Blackcastle, nunca tinha sentido um clima tão tranquilo. Todos estavam menos tensos agora que Vincent e eu havíamos feito uma trégua, e nossa vitória naquela tarde nos dera um ânimo extra.

Era daquilo que eu estava sentindo falta. Adorava o esporte, mas também adorava a camaradagem e a irmandade de fazer parte de um time.

É ótimo… até você estragar tudo, uma voz emanou na minha cabeça.

A revelação sobre meu relacionamento com Scarlett era uma guilhotina pronta para cair. Àquela altura, estava em profunda negação e lidando com Vincent um dia de cada vez.

Quem poderia dizer? Talvez eu e Scarlett pudéssemos esconder nosso segredo de Vincent até que ele e eu estivéssemos aposentados e eu o convidasse para nosso casamento. Ele não seria capaz de nos matar em nosso próprio casamento, seria?

– Tudo bem? – perguntou Noah, enquanto metade do time havia saído para debater qual música tocaria em seguida na jukebox.

– Tô, sim. – Dei um sorriso breve. – Só estou pensando no jogo contra o Holchester que vem por aí.

Ele não pareceu convencido.

O goleiro grosseirão era o membro mais discreto e calado do time, mas também era o mais observador. Tinha que ser, considerando que estava

criando uma garota de 11 anos sozinho. Não devia ser fácil.

– Fico feliz que você e o DuBois tenham se entendido – disse ele. – Acho que o plano de verão do técnico funcionou, mesmo que vocês só tenham treinado juntos por duas semanas.

A cerveja azedou na minha língua.

– Acho que sim. – Evitei o olhar de Noah. – Fui eu que fiz merda na última temporada. Não quero que isso aconteça de novo.

O tilintar dos sinos acima da porta interrompeu nossa conversa, e um silêncio perceptível caiu sobre o pub quando vários membros do time do Holchester entraram.

Fiquei tenso, os dedos apertados ao redor do copo de cerveja. Noah também se endireitou, enquanto os outros jogadores do Blackcastle encaravam os recém-chegados como se eles estivessem invadindo nosso território – o que, na minha opinião, era verdade.

O Angry Boar estava aberto ao público, mas Londres era a nossa cidade (sim, eu só havia me mudado para lá no início do ano, mas já a considerava meu lar). O Holchester só estava lá porque teve um jogo contra o Arsenal mais cedo naquele dia.

A tensão se transformou em uma tempestade tóxica. Até mesmo os outros clientes ficaram em alerta máximo.

Mac e os três seguranças pareciam prontos para distribuir socos ao primeiro sinal de confusão, mas isso não impediu que Bocci, Lyle e os outros jogadores do Holchester se aproximassem de mim.

– Olha só quem está aqui. – O sorriso de Lyle não alcançou seus olhos. – O Judas, em carne e osso.

Antes, éramos amigos. Eu o havia ajudado a sair de situações complicadas e ele tinha feito uma festa de aniversário surpresa para mim na minha boate favorita em Holchester. Era estranho pensar que uma mera transferência de um time para outro tinha sido capaz de arruinar nosso relacionamento de forma tão drástica, mas para ele não fora uma mera transferência. Eu tinha saído no meio da temporada para me juntar ao maior rival deles sem nem mesmo avisar antes, então eu tinha culpa no cartório.

Mas já havia se passado quase um ano, e eu estava cansado das provocações. Eles precisavam superar aquela merda.

– Estou começando a achar que você gosta de mim, me dando um

apelidinho especial e tudo mais – falei, sem me levantar. Eles não mereciam essa consideração. – Veio atrás de mim no meu pub favorito? Estou lisonjeado.

O rosto dele ficou vermelho.

– Não gosto de traidores – rebateu ele. – Mas é bom ver você tão amiguinho do pessoal do Blackcastle. Virou a casaca mesmo, né?

– Eles são o meu time – respondi, deixando de lado qualquer tentativa de soar amigável. – E não foram eles que penduraram bonecos meus na frente dos pubs de Holchester.

Todo fã de esportes sabia que não havia nada como um torcedor do Holchester se sentindo injustiçado.

– Não podemos ser responsabilizados pelas atitudes do público. – Bocci deu de ombros. – Não é culpa nossa se eles te odeiam.

Cerrei a mandíbula. Já deveria estar acostumado, mas depois de todo aquele tempo, ainda doía. Eu poderia tentar explicar para as pessoas, mas ninguém jamais entenderia o que era ter uma cidade que antes o adorava se voltando contra você em um piscar de olhos.

Eles se sentiam traídos por mim, mas eu também me sentia traído por eles. A lealdade deles de fato envolvia interesses. Fazia sentido, mas machucava mesmo assim.

– Vaza daqui. – Vincent apareceu por trás de Bocci, com o rosto franzido em uma carranca. – Se vocês querem beber, beleza, mas deixem o meu time em paz. Você é tão mesquinho que não consegue superar uma merda de uma transferência?

– Ah, a gente não dá a mínima pra transferência – disse Bocci. – Ela só provou que não precisávamos dele, porque adivinhe qual dos dois times é o atual campeão da liga? – Um sorriso malicioso dividiu o rosto dele. – Não é o seu.

A tensão se transformou em um peso sufocante.

A expressão de Vincent ficou sombria, e até mesmo Noah emitiu um ruído de advertência ao meu lado.

– Agarre-se à glória enquanto puder, porque ela não vai durar muito tempo. – Vincent mostrou os dentes em algo semelhante a um sorriso. – Estou ansioso pra derrotar vocês na próxima partida.

Bocci deu um sorriso debochado.

– Acha mesmo que *vocês* conseguem ganhar da gente?

– Eu não acho. Eu *sei*. – Em seguida, Vincent cuspiu algo em francês.

Bocci era italiano, mas o que Vincent disse era suficientemente parecido com o idioma dele para que a mensagem fosse captada. Ele rosnou uma resposta, mas eu me levantei e me coloquei entre eles antes que Vincent fizesse algo idiota que nos levasse a ser expulsos do bar.

– Pra trás – avisei. Tive vontade de socar a cara presunçosa de Bocci, mas estava me esforçando muito para seguir as regras nesta temporada. Não ia arruinar minha chance de ganhar um campeonato por causa de ninguém. – Você conhece as regras do Mac.

– Que fofo. Defendendo o novo melhor amigo – ironizou Lyle. – Não volta pro Holchester, não, Donovan. Você não é bem-vindo. Nem seu *pai* te quer mais lá.

Minhas mãos instintivamente se fecharam em punhos. A raiva dominou meu autocontrole e o transformou em cinzas.

Havia contado ao Lyle sobre meu relacionamento com meu pai quando éramos amigos, e agora ele estava usando aquilo para me provocar?

Escroto.

– Eu posso voltar a hora que eu quiser, *Artie* – falei, usando o apelido tão odiado por ele. Arthur Lyle, ou Artie, para abreviar. – Lembra aquele chute na cara do gol que você perdeu contra o Chelsea na final da temporada? Um goleiro amador teria defendido aquela bola fácil. Se eu não tivesse te dado cobertura, a gente teria perdido a partida. Ou aquela vez que você se atrapalhou todo no primeiro tempo do jogo de abertura da temporada contra o Tottenham? Você não foi escalado pela seleção por um motivo, e deveria estar feliz por eu não *querer* voltar pro Holchester. Se eu quisesse, você poderia dizer adeus aos seus tempos no futebol, sabe por quê? Você. Não é. Tão bom. Assim.

Lyle era bom para jogar na Premier League, mas, comparado a outros atacantes do mesmo nível, era apenas mediano, e sabia disso.

Era um assunto delicado para ele, o que explicava sua reação tão rápida e impensada. Seu rosto ficou vermelho, e ele me empurrou com força, me fazendo tropeçar para trás, em cima de Vincent.

– Vai se foder, Donovan!

Um rosnado subiu pela minha garganta. Quase revidei, mas me contive quando vi os trigêmeos se aproximando de nós.

Mac chegou até nós antes deles.

– Fora! – Sua barba grisalha tremia de indignação. – Todos vocês!

Gritos de protesto irromperam de ambos os times.

– Fala sério, Mac!

– Foram eles que começaram!

– A gente nem encostou neles!

– Não quero saber! – rosnou ele. – Vocês conhecem as regras. *Nada de brigas*. Não me importa se você é rico ou famoso. Você. – Ele apontou para Lyle. – Os trigêmeos vão te chutar porta afora se você aparecer aqui de novo. O restante, resolvam lá fora. *Não vou* permitir que vocês fiquem aqui dentro discutindo e perturbando meus outros clientes. Quem discutir comigo vai ser banido pra sempre. Agora fora daqui!

Calamos a boca e saímos escondidos pelos fundos, pois não queríamos chamar a atenção das hordas de turistas que passavam pela porta da frente.

Um dos trigêmeos bateu a porta na nossa cara, deixando-nos em um beco próximo à lixeira.

– Muito bem – cuspiu Bocci. – Vocês fizeram com que a gente fosse expulso antes de tomar uma única bebida.

– E isso é culpa nossa por quê? – O rosto normalmente bem-humorado de Adil se contorcia de raiva. – Foram *vocês* que arrumaram confusão!

Novas discussões explodiram entre os dois lados novamente.

Enquanto isso, me concentrei em Bocci e Lyle, que lideravam a campanha de ódio do Holchester contra mim.

– Vocês podem argumentar o quanto quiserem agora, mas vamos ver em campo quem é o verdadeiro vencedor – falei. – Só porque venceram o campeonato da última vez não significa que vão *continuar* vencendo.

– Ah, é? – Os olhos escuros de Bocci brilharam com malícia. – Que tal a gente botar um pouco de dinheiro na história? Uma corrida depois do jogo. Eu e você. Não vamos estar sujeitos às regras como estamos no gramado, e o vencedor da partida terá cinco segundos de vantagem.

As discussões dos demais se esvaíram.

Ao mesmo tempo, o vento diminuiu, deixando o beco em um silêncio assustador. O calor de verão e o cheiro sufocante de lixo invadiram meus pulmões.

Uma corrida. Eu não corria desde que vencera Clive no verão.

Bocci e eu costumávamos competir por diversão quando eu morava em Holchester, mas isso tinha tempo. Agora era diferente.

Qualquer competição que tivéssemos pela frente, fosse no campo ou nas ruas, não seria por diversão. Iríamos direto na jugular um do outro.

– Por que você tá tão quieto, Donovan? – provocou Bocci. – Eu achava que você adorava correr. Vai recusar a minha proposta porque tá com medinho de perder, é?

A adrenalina latejava em meus ouvidos. Queria tirar aquele sorriso presunçoso da cara dele tanto quanto queria ganhar o campeonato, mas havia prometido a Scarlett que não iria mais correr.

Eu não vou mais correr. Eu prometo.

Os olhares curiosos dos meus colegas de time perfuraram minha bochecha. Não havia contado a eles que tinha me aposentado das corridas de rua, então não os julguei por estarem confusos.

– Olha só pra ele – disse Lyle. – Tá com medinho *mesmo*. Vai perder o jogo e depois vai perder a corrida. Não é vergonha nenhuma admitir, Donovan. É importante saber quando desistir.

Os outros jogadores do Holchester riram.

Meu orgulho se manifestou, exigindo ação. Um soco, um chute, um desafio aceito que os calaria e os deixaria comendo poeira dali a duas semanas.

Queria sentir a vibração do carro e ouvir o rugido triunfante do motor ao passar pela linha de chegada em primeiro lugar.

Apenas a lembrança das lágrimas de Scarlett me impediu.

Mas não posso acordar todos os dias me perguntando se aquele vai ser o dia em que a sua sorte vai acabar e eu vou receber uma ligação dizendo que você se foi. Não posso perder você.

Engoli o nó de raiva em minha garganta.

Não valia a pena quebrar a promessa que fiz a ela em nome do meu orgulho.

– Não vou colocar minha carreira em risco pra satisfazer as *suas* inseguranças – respondi, friamente. – A gente não precisa de uma corrida pra definir quem é o melhor. Já, já vamos descobrir no gramado. – Meu sorriso poderia ter congelado lava. – E, Bocci? Você ganhou uma *única* corrida contra mim, e isso foi porque eu deixei você ganhar. Eu me senti mal por você. Não vai acontecer de novo. Então se eu fosse você não me apressaria em desafiar os outros em algo que você claramente não se garante.

Eu o deixei vociferando palavras ininteligíveis no beco com o resto do time do Holchester.

Meus colegas de time me seguiram, as vozes se sobrepondo enquanto me consolavam e conversavam entre si.

Apesar de ter saído com a última palavra, meu coração continuava acelerado. O sangue rugia em meus ouvidos enquanto eu tentava tirar da cabeça a imagem do sorriso de satisfação de Bocci.

Fiz a coisa certa ao não morder a isca.

Agora, só precisava ter certeza de que o venceria dali a duas semanas.

CAPÍTULO 41

SCARLETT



Olhando pelo lado positivo, meus ensaios subsequentes com o elenco de *Lorena* foram bem melhores do que aquela primeira tentativa desastrosa. Dava para ver como Tamara ficava aliviada ao fim de cada ensaio, e não ouvi mais nenhum cochicho do resto da equipe sobre mim.

Já pelo lado não tão positivo assim, eu sentia dores *o tempo inteiro*. Não eram dores intensas e debilitantes, como no dia em que soube da saída de Yvette, mas também não era fácil ignorá-las.

Não importava quantos banhos eu tomasse, quantas massagens ou quantas sessões de pilates eu fizesse, a dor estava sempre presente. Era tão incessante e desgastante que, na manhã do jogo contra o Holchester, quatro dias depois de um ensaio particularmente exaustivo, recorri a meu kit de emergência.

Se não fizesse isso, não conseguiria ver a partida daquele dia, e eu *tinha* que estar lá por Asher. Era o Blackcastle contra o Holchester. Não podia perder. No entanto, a ideia de passar mais de duas horas sentada no Markovic Stadium sem a companhia do meu kit fez meu corpo se revoltar, então tomei um analgésico e rezei para que fosse suficiente.

Já estava me esforçando demais com os treinos extras além dos ensaios do elenco, eu sabia disso, mas o espetáculo da equipe não era *só* o espetáculo da equipe. Era a minha redenção comigo mesma, e a pressão que eu sentia para fazer uma boa apresentação era maior do que quando havia dançado no Royal Opera diante da família real.

Precisava aguentar só mais dois meses e meio. Depois disso, poderia descansar.

– Scarlett, quer outro drinque? – A voz de Brooklyn me tirou de meus devaneios. – Temos tempo pra mais uma ou duas rodadas antes de eu ter que ir pro estádio. Tenho que torcer pro meu pai e tal.

Eu me virei, com meu coração ricocheteando no peito.

– O quê?

– Outro drinque – repetiu ela ao entrar na cozinha. – Posso fazer um mojito ou um daiquiri sem álcool. Você escolhe.

– Mojito. Por favor. – Forcei um sorriso.

Não tinha comentado nada sobre meu cansaço e meu desconforto crescentes com minhas amigas e Asher. Achei melhor assim. Não queria que eles se preocupassem quando já estavam sob tanto estresse – Asher com a nova temporada, Brooklyn com o estágio e Carina com a interminável busca por um segundo emprego.

Se ao menos guardar segredos não fosse tão exaustivo quanto ensaiar...

– Ainda não consigo acreditar que você é filha de Frank Armstrong e que *escondeu* isso da gente. – Carina apareceu atrás de Brooklyn com um copo vazio e uma tigela de batatas chips. – Mas você conseguiu lugares VIP pro jogo, então está perdoada. Viva o nepotismo.

Brooklyn riu.

Estávamos no meu apartamento fazendo uma festinha antes do jogo daquela tarde. Era muito cedo para beber (embora algumas pessoas aleguem que *nunca* é cedo demais para beber), então preparamos coquetéis sem álcool e comemos petiscos diversos.

– Desculpa mais uma vez por não ter contado pra vocês antes – disse Brooklyn, com um toque de culpa colorindo sua voz. – É que, sei lá, as pessoas ficam meio estranhas quando descobrem quem é meu pai. Elas acham que podem me usar pra ter acesso aos jogadores ou algo assim, embora eu nunca nem tivesse visto metade deles antes do estágio. – Brooklyn enrugou o nariz. – Mas eu deveria ter me tocado de que vocês nem iam dar bola para isso, porque já são próximas do Asher e do Vincent.

– Relaxa, Brooklyn. Eu superentendo. – Tentei ignorar as pontadas em minha perna. – Sou exatamente assim em relação ao Vincent.

Fiquei surpresa quando soube do vínculo familiar de Brooklyn com o Blackcastle, mas não fiquei chateada com ela por não ter comentado nada

com a gente. Não nos conhecíamos há tanto tempo, e eu nunca tinha perguntado sobre a família dela. Quando toquei no assunto, Brooklyn confirmou na hora, e logo deixamos a história pra lá e seguimos inabaláveis em nossa amizade.

As pontadas ficaram mais fortes.

Eu me sentei à mesa da cozinha, tentando ao mesmo tempo prestar atenção à conversa e não vomitar. Estava um pouco tonta, embora talvez fosse culpa dos drinques.

Brooklyn *disse* que não tinham álcool, mas eu não estranharia se ela tivesse colocado um pouco de rum.

Dei uma olhada no celular para me distrair um pouco e abri minhas últimas mensagens com Asher:

Boa sorte no jogo hoje

Mal posso esperar pra ver você arrasando no gramado 🖤

ASHER

Mal posso esperar pra ver você, ponto

ASHER

Vamos comemorar hoje à noite. Só nós dois 😉

Uma bolha de expectativa flutuou em meio às minhas dores. Asher e eu não nos víamos mais com a mesma frequência que no verão, mas trocávamos mensagens e telefonemas diariamente. Era quase tão bom quanto as interações em carne e osso.

Quase.

Apesar da exaustão que fazia minhas pernas pesarem, estava animada para passar um tempo sozinha com ele aquela noite. Asher sempre me recarregava.

– Talvez eu devesse virar estagiária da Premier League – refletiu Carina. – Mas acho que estágios não pagam muito bem.

– Acho que não – disse Brooklyn, num tom gentil. – Mas, se precisar de alguém pra elaborar um plano de nutrição personalizado, sou a pessoa certa. – Ela me entregou meu mojito sem álcool e olhou para o relógio. – *Merda*. Não sabia que já estava tão tarde. Tenho que ir. O trânsito vai estar terrível por causa do jogo.

– Aaai, eu também tenho que ir. Tenho uma sessão de aulas particulares daqui a meia hora. – Na ausência de um trabalho paralelo estável, Carina de vez em quando dava aulas particulares de matemática para alunos do ensino médio. – Scarlett, vemos você no jogo mais tarde?

– Sim. – Me forcei a ficar de pé e ajudar a empilhar os copos e pratos vazios na pia. As pontadas subiram para meus quadris e desceram até os dedos dos pés. – Vão indo na frente. Eu cuido da louça depois.

Brooklyn franziu a testa.

– Tem certeza?

Assenti. Adorava minhas amigas, mas *precisava* me deitar o mais rápido possível. Minha energia estava perigosamente baixa, e mal tinha dado meio-dia.

Percebi que talvez tivesse um futuro como atriz, porque as duas nem tinham percebido ou estranhado o suor que encharcava minhas costas.

Depois que elas saíram, desabei novamente em uma cadeira. Parecia que o remédio para dor não estava funcionando. Se estava, por que eu…

Alguém bateu na porta.

– Scarlett? – A voz de Brooklyn atravessou a madeira barata. – Desculpa, mas acho que deixei minha bolsa na cozinha. Posso pegar?

Uma dor de cabeça subiu da base do meu crânio até as têmporas. Examinei a cozinha até que meus olhos se fixaram na sacola roxa que estava na cadeira em frente à minha.

– Estou indo! – gritei. Minha voz soou atipicamente áspera.

Pisquei para afastar os pontos pretos em minha visão e peguei a bolsa. Saí da cozinha e segui até a sala, a passos lentos. Meu apartamento nunca tinha parecido tão grande.

Cambaleei sob uma onda de tontura, mas me livrei dela e fui em frente. Precisava apenas chegar à porta e entregar a bolsa para Brooklyn. Então poderia deitar, fechar os olhos e *respirar*.

Era um bom plano em tese, e quase deu certo – isto é, até que meu corpo decidiu que já estava farto de meus planos e se rebelou.

Tudo pareceu acontecer em câmera lenta.

A bolsa escapou da minha mão.

Minhas pernas se dobraram.

Minha visão ficou embaçada.

E então caí no chão, minha mente estendendo a queda por tanto tempo a ponto de quase parecer graciosa.

Em algum lugar ao longe, ouvi outra batida à porta e uma voz em pânico.

– Scarlett, que barulho foi esse? Você tá bem? Scarlett!

Queria responder, mas estava cansada demais e minha mente estava muito confusa. A única coisa que podia fazer era ceder à gravidade e…

Uma nova pontada de dor atravessou minha cabeça. Havia batido em alguma coisa ao cair.

Senti o *choque*, o impacto reverberando, amplificando e me consumindo até que não restasse nada além de agonia e exaustão e, por fim, felizmente, o vazio.

CAPÍTULO 42

ASHER



Passei a manhã preparando minha refeição preferida para dias de jogo (uma mistura rica em carboidratos e proteínas, com macarrão integral, frango grelhado e salada, e um ovo cozido à parte) e ouvindo minha playlist.

Nunca me exercitava em dia de jogo, mas a preparação mental era tão importante quanto o condicionamento físico. Ao longo dos anos, havia elaborado cuidadosamente uma playlist que incluía apenas músicas que me motivavam e me acalmavam em igual medida.

A primeira música havia recomeçado no momento em que guardava minhas chuteiras da sorte junto com o uniforme. Não as usava desde o gol do meio de campo que me colocara no mapa, mas as levava comigo para todos os jogos. Podem me chamar de supersticioso, mas eu creditava muitos dos gols impossíveis que fiz à ajuda delas.

Foram as chuteiras que deram início a tudo, e elas me levariam até a Copa do Mundo.

Eu sentia um frio na barriga e o sangue se agitando nas minhas veias. Ainda não estava na hora do jogo, mas mal podia esperar para tirar os sorrisinhos do rosto de Bocci e de Lyle quando acabássemos com eles. Nosso time estava mais forte e mais coeso do que nunca, e, se jogássemos bem, levantaríamos o troféu da Premier League no final da temporada.

O Holchester podia até ser o atual campeão, mas isso só tornaria o sabor da vitória muito mais doce.

Dei uma olhada no relógio. *Merda*. Precisava sair logo se quisesse evitar

o trânsito e chegar na hora.

Peguei minhas coisas e fui em direção à porta. Tinha acabado de fechá-la ao sair quando meu telefone tocou. Não reconheci o número, então deixei que a chamada fosse para o correio de voz.

Malditos operadores de telemarketing. Como eles conseguiam meu número se nem estava na lista?

Fiz uma nota mental para pedir a Sloane que verificasse se minhas informações de contato particulares haviam vazado em algum lugar. O que mais tinha no mundo era gente estranha, e eu não queria pessoas aleatórias me perseguindo ou bombardeando meu telefone com ligações esquisitas.

Estava chegando ao carro quando meu telefone tocou novamente. E mais uma vez. E outra. Todas as chamadas eram do mesmo número.

Uma pontada de preocupação se alojou em meu peito. Operadores de telemarketing não costumavam ligar tantas vezes seguidas do mesmo número, não é mesmo?

Talvez fosse uma emergência, e estavam me ligando do telefone de um desconhecido. Será que era minha mãe? Será que meu pai teve outro infarto? Não havíamos trocado sequer uma palavra nos últimos dois meses. Quando nos falávamos, minha mãe sempre dizia que ele estava bem, mas tudo podia acontecer.

Estava com o tempo apertado, mas atendi mesmo assim.

– Alô? – Coloquei o telefone entre a orelha e o ombro, jogando a bolsa no banco do passageiro.

Eu me sentei no banco do motorista, cada vez mais aflito.

– Asher, é a Brooklyn. – A tensão em sua voz me deixou alerta na hora. A aflição aumentou, se espalhando do meu peito para minha garganta. – Tentei ligar pro Vincent, mas o celular dele está desligado, e eu…

– O que aconteceu? – perguntei.

Não tinha tempo para uma análise detalhada do que ela havia feito antes de me ligar.

Brooklyn não entraria em contato tão perto da hora do jogo, a menos que tivesse acontecido algo grave.

Minha mente girava em torno de imagens horríveis de Scarlett caída em algum lugar, ferida ou…

A bile subiu pela minha garganta.

Diante da hesitação de Brooklyn; agarrei o volante com os nós dos dedos

brancos, exasperado.

– *O que aconteceu?*

– É a Scarlett. – A voz dela soou fraca e distante sob o súbito estrondo da minha pulsação. – Ela está no hospital.

• • •

O trajeto de carro da minha casa até o hospital deveria ter levado quarenta minutos.

Cheguei lá em vinte.

Talvez eu tivesse seguido as regras de trânsito, talvez não. Não fazia a menor ideia. A viagem inteira foi um borrão, impulsionada pelo pânico e pelo eco das palavras de Brooklyn.

Ela está no hospital.

Ela não me deu detalhes além do fato de Scarlett ter desmaiado em casa. Por sorte, Brooklyn estava com ela na hora e ligou para a emergência.

Ela disse que Scarlett não corria risco de vida, mas isso não afrouxou o nó na minha garganta. Mal consegui respirar até chegar ao hospital, mas ainda tive a presença de espírito de avisar a Sloane o que tinha acontecido.

Pela primeira vez, ela não me mandou "ficar longe de confusão". Simplesmente disse que cuidaria de tudo, inclusive ligaria para o técnico e para o hospital, e que estava de prontidão para resolver o que fosse preciso.

Quando cheguei, um membro da equipe que aguardava me conduziu por uma entrada lateral até o andar de Scarlett. Eu não era da família, mas aparentemente ela estava consciente e tinha dado autorização para que eu a visse.

Ela está consciente, o que significa que está bem.

Ela está bem.

Ela está bem.

O mantra batia no ritmo do meu coração.

Consciente não era morta. Não significava que ela estava dando cambalhotas, mas pelo menos estava viva.

Depois do que pareceu uma eternidade, as portas do elevador se abriram. Corri para o corredor, deixando meu acompanhante para trás. Não precisei que eles me dissessem em que quarto Scarlett estava, porque vi

Carina e Brooklyn do lado de fora, com o rosto pálido de preocupação.

Carina abriu a boca, mas não esperei para ouvir o que ela tinha a dizer e entrei com tudo no quarto.

Não me importava que fosse grosseria. *Precisava* ver Scarlett com meus próprios olhos, ou entraria em combustão.

A porta se fechou atrás de mim. Parei abruptamente, com o peito arfando, olhando para ela.

Scarlett estava na cama, não completamente deitada, usando uma camisola hospitalar branca e larga, quase do mesmo tom de sua pele pálida e encerada. Ela estava conectada a vários aparelhos, e um curativo cobria metade de sua testa.

Ela franziu as sobrancelhas ao me ver, visivelmente chocada.

– Asher? – Sua voz era quase inaudível.

Meus pulmões se contraíram, cortando o fluxo livre de oxigênio.

– Oi, querida. – Engoli em seco ao me aproximar da cama. – Da próxima vez que você quiser me ver, é só ligar, viu?

O sorriso de Scarlett era uma sombra de seu sorriso habitual.

O aperto em meu peito se intensificou ainda mais. Já a tinha visto cansada, já a tinha visto com dor após uma crise, mas nunca a tinha visto *tão* frágil e exausta. Ela era sempre tão vibrante e cheia de vida, e a evidência de sua mortalidade instilou um terror profundo em mim.

– Você me conhece. Eu gosto de um pouco de drama. – Ela tossiu. – Como você descobriu que eu estava aqui?

– A Brooklyn me ligou. Ela tentou ligar pro seu irmão também, mas o telefone dele estava desligado.

Elas tinham conseguido falar com Vincent? Ele sabia que a irmã estava no hospital ou o técnico estava adiando a notícia para depois do jogo? Vincent já devia estar no estádio, mas, se *ficasse sabendo* do que acontecera, com certeza correria para o hospital. Vincent podia ter muitos defeitos, mas seu cuidado com Scarlett era inquestionável.

– Ele sempre desliga o celular antes do jogo. Diz que atrapalha muito – murmurou Scarlett.

Afastei o cabelo de sua testa, tomando cuidado para não fazer muita pressão e agravar o ferimento.

– O que aconteceu?

– Nada. Fiquei tonta e bati a cabeça.

– Isso não é nada. – Minha mão pairou sobre o curativo. – Está doendo muito? – perguntei baixinho.

Não só o machucado, mas *tudo*.

O silêncio dela me disse tudo que eu precisava saber.

Minhas entranhas estavam dilaceradas, e meu coração parecia vidro rachado, cujos pedaços eram mantidos juntos apenas pelo som da respiração de Scarlett.

Odiava tudo aquilo. Odiava o imbecil cujo carro batera no dela, odiava o fato de a medicina não ter avançado a ponto de acabar com sua dor e, acima de tudo, odiava o fato de não poder fazer nada para ajudá-la.

Apesar de todo o meu dinheiro e de toda a minha fama, não havia nada que eu pudesse fazer.

– Não é nada grave. – Sua voz ficou mais fraca. – Eu forcei um pouco demais durante os ensaios, só isso. Vou ficar bem depois de descansar um tempinho.

Meus ombros se enrijeceram. Para Scarlett, fazer parte daquele espetáculo ia muito além do mero ato de se apresentar, envolvia medos e expectativas profundos, então tive que tomar cuidado com o que diria em seguida.

– O espetáculo é em dezembro – falei, com suavidade. – Você tem dois meses de ensaios pela frente.

Ao vê-la empinar o queixo com teimosia, soube que aquela era uma causa perdida antes mesmo de Scarlett responder.

– Vou tomar mais cuidado no futuro. Consigo aguentar até dezembro.

Minha frustração aumentou. Ela já estava se matando para provar que seria capaz de atravessar os ensaios como todo mundo, e eu não conseguia suportar a ideia de vê-la passar por aquilo por mais dois meses.

O desmaio não foi o resultado de um dia ruim; só podia ser um acúmulo de vários deles. Não tinha certeza do que doía mais: ela ter escondido aquilo de mim ou eu não ter estado lá para perceber que ela estava colapsando.

Minha rotina durante a temporada era corrida e lotada de compromissos, e nós sabíamos que nos veríamos bem menos do que no verão, mas, caramba, eu *deveria ter estado* lá.

– Eu vou sempre cuidar de você. – Acariciei sua bochecha, com o peito doendo. – Mas me promete que também vai se cuidar.

Os olhos de Scarlett ficaram marejados, e ela respondeu com um

pequeno aceno de cabeça.

– Vou sair pra você poder descansar um pouco. – Eu me inclinei e toquei os lábios dela com os meus. Se pudesse escolher, ficaria ao seu lado até que ela recebesse alta, mas isso só a distrairia. Ela precisava dormir. – Vou estar lá fora se você precisar de mim.

Eu me levantei e me virei para sair.

– Peraí. Acabei de ver a hora. – A voz de Scarlett ganhou um tiquinho de força e pânico. – O jogo. Você *precisa* ir. Vai começar em…

– Eu não vou.

Já havia instruído Sloane a ligar para o técnico e lhe contar o que acontecera. Ele acabaria comigo depois, mas eu lidaria com isso quando chegasse a hora.

– O quê? – Ela arregalou os olhos. – Mas é contra o Holchester. É… Asher. Você tem que ir. Eu estou bem. – Ela tossiu novamente, respirando com dificuldade. – Não faz sentido você ficar aqui enquanto eu estiver dormindo.

– Faz, sim. – Contraí o maxilar. – Quando a Brooklyn me ligou e disse que você estava no hospital… não tenho palavras pra descrever como me senti. Foi como se o mundo tivesse desabado e me enterrado sob os escombros. E mesmo depois de ela me dizer que você estava viva e que não corria perigo, eu não conseguia pensar, não conseguia nem *respirar* até ver com meus próprios olhos. – Balancei a cabeça, com a garganta apertada de agonia. – Se eu saísse daqui agora e fosse pro jogo, não faria diferença. Eu ia passar o tempo inteiro pensando em você. Seria mais uma desvantagem do que qualquer outra coisa.

Antes de Scarlett, eu teria me arrastado por um mar de cacos de vidro antes de faltar a um jogo. O futebol era a coisa mais importante da minha vida. Sempre foi, e eu achava que sempre seria.

Mas havia finalmente encontrado algo – *alguém* – com que me importava mais ainda.

Eu não ligava para as semanas que passei esperando pelo jogo, para o meu orgulho. Não ligava para o esporro que receberia do técnico e para a revolta da torcida.

Scarlett estava acima de tudo isso, e *de jeito nenhum* eu sairia do seu lado enquanto ela estivesse lá.

Uma lágrima escorreu por sua bochecha.

– Me desculpa – disse ela, baixinho.

Meu coração apertou pela milionésima vez naquele dia.

– Não peça desculpas, querida. – Sequei a lágrima com o polegar. – Não é culpa sua.

– Mas…

– Não. Eu *escolhi* vir pra cá e escolhi ficar aqui. Não se sinta culpada por eu faltar ao jogo. Isso é problema meu. Concentre-se apenas em descansar pra que a gente possa te tirar daqui o mais rápido possível. Eu ia odiar te expor à comida do hospital por mais tempo do que o necessário.

A risada de Scarlett saiu fraca, mas foi o suficiente para mim.

Nossa conversa provavelmente esgotou suas energias, pois ela não protestou mais. Seus olhos se fecharam, e esperei até que sua respiração se acalmasse e entrasse num ritmo constante antes de sair do quarto.

Brooklyn e Carina estavam no corredor olhando algo no celular de uma delas, com expressões idênticas de apreensão.

Elas levantaram a cabeça quando ouviram a porta se abrir, e meu alívio temporário por ver Scarlett se transformou em uma nova preocupação.

– O que houve? – perguntei.

Elas se entreolharam.

– Odeio ser a portadora de más notícias duas vezes em um dia, mas… – Brooklyn me entregou o telefone. – É melhor você ver isso aqui.

Peguei o aparelho e gelei na hora.

Alguém havia gravado um vídeo meu chegando ao hospital. Entrar pela lateral era mais reservado do que pela frente, mas acho que não adiantou muito.

A pessoa que gravou, quem quer que tivesse sido, postara o vídeo na rede social sete minutos antes, e já havia mais de cinquenta mil visualizações e centenas de comentários.

Quando os paparazzi ficassem sabendo, não demorariam muito para descobrir quem eu tinha ido ver. Depois, seria preciso muito menos para que eles ligassem os pontos e deduzissem a natureza do meu relacionamento com Scarlett. Havia perdido uma partida importante contra o Holchester por causa dela. Só havia um motivo para eu fazer isso.

– Sinto muito – disse Carina. Ela devia ter chegado às mesmas conclusões que eu. – A gente está aqui para o que você precisar.

– Não, tá tudo… – Passei a mão no rosto. – Vamos dar um jeito nisso.

Vai ficar tudo bem. Obrigado.

Não está tudo bem. Afastei a voz que me dizia que nosso segredo, o segredo que Scarlett e eu nos esforçamos tanto para esconder por tanto tempo, logo seria revelado da maneira mais pública possível.

Uma coisa de cada vez.

A notícia *ainda* não havia se espalhado. Até lá, precisava ligar para Sloane (uma breve olhada em minhas mensagens revelara que ela já tinha visto o vídeo), depois ligar para o técnico, em seguida encontrar a médica e descobrir uma maneira de tornar a recuperação de Scarlett mais confortável. Não sabia quanto tempo ela precisaria ficar no hospital, mas com certeza não passaria mais de uma noite naquele quarto minúsculo e triste.

Fiz minhas ligações em um canto tranquilo perto do quarto de Scarlett. Sloane estava, como era de se esperar, às voltas com o vazamento iminente do relacionamento. Não estava entusiasmada com o momento nem com as circunstâncias, mas acho que estava feliz por pelo menos não me ver estampando as capas de jornais por causa das corridas.

Minha ligação para o técnico foi encaminhada para o correio de voz. Não fiquei surpreso, pois o aquecimento para a partida já havia começado, mas eu precisava pedir desculpas a ele com minhas próprias palavras, então deixei uma mensagem curta. Ele poderia despejar sua raiva em mim pessoalmente mais tarde.

Por fim, conversei com a médica, que disse que Scarlett poderia receber alta no dia seguinte se seu quadro permanecesse estável.

Foi um alívio, mas eu já estava aflito com o ensaio da semana seguinte. E da seguinte. E de todas as outras depois dessa. Será que Lavinia a deixaria continuar no papel principal se ficasse sabendo de sua hospitalização? Com Yvette fora, ela não tinha outras opções para o papel de Lorena, mas eu não conseguia ver a severa e disciplinada diretora deixando o que aconteceu naquele dia passar em branco. Ela não era calorosa, mas se preocupava com o bem-estar de sua equipe.

Minha cabeça latejava com um milhão de preocupações empilhadas umas sobre as outras.

Enquanto Scarlett dormia, eu ficava de olho nas notícias e na partida. Felizmente, estávamos vencendo por um gol, mas estava mais concentrado nos breves closes do rosto de Vincent do que no jogo em si.

Tentei ler suas expressões e descobrir se ele já sabia sobre Scarlett. Meu

vídeo no hospital tinha sido publicado quando os jogadores já estavam em campo, então duvidava que ele soubesse. Mas será que ele tinha ligado o celular ou falado com o técnico antes do jogo? Era impossível dizer, já que Vincent sempre parecia um filho da puta mal-humorado durante os jogos.

O técnico, por outro lado, estava visivelmente irritado. Se ele contraísse a mandíbula com mais força durante as poucas tomadas em que aparecia, quebraria um molar. Gallagher, meu substituto, estava fazendo um ótimo trabalho, mas não importava.

Mais tarde, Frank me infernizaria por minha decisão de última hora de não ir ao jogo. Tecnicamente, era uma emergência pessoal, mas, como ninguém estava morto nem morrendo, duvidava que ele fosse se compadecer muito.

– Asher, vai comer alguma coisa – disse Brooklyn. – A Scarlett ainda está dormindo. Ela não vai, sei lá, rolar e cair no chão.

– A gente fica de olho – acrescentou Carina.

Quase protestei, mas estávamos todos cansados, famintos e irritados depois de horas no hospital. Não queria entrar numa discussão com as amigas de Scarlett, mas também preferia mastigar minha mão a comer a comida da cafeteria.

Em vez disso, fui ao banheiro e comprei um pacote de pretzels e uma água na máquina de venda automática. Comi ali mesmo, grato pela energia extra.

Quando voltei para o corredor em frente ao quarto de Scarlett, apenas Brooklyn estava lá. Ela se levantou num pulo quando me viu.

– Alguma novidade? – perguntei.

Eu não esperava que ela dissesse que sim, mas uma expressão de nervosismo cruzou seu rosto.

– Bem, a Carina está no banheiro e a Scarlett está acordada outra vez.

– Já?

Ela parecia tão exausta quando falei com ela que pensei que fosse dormir a noite toda. Tinha acontecido alguma coisa? Ela estava sentindo tanta dor que não conseguia dormir?

– Sim, mas talvez seja melhor você não entrar agor... – disse Brooklyn ao me ver indo até o quarto.

Era tarde demais. Eu já havia aberto a porta.

– Por que… – Minhas palavras morreram na garganta.

Porque Scarlett não estava sozinha. Ao lado de sua cama, de costas para mim, estava Vincent. Eu reconheceria aquele corte de cabelo e a camisa 4 em qualquer lugar. Ele devia ter ido direto do jogo.

Vincent se virou, seu rosto endurecendo ao me ver.

Merda. Eu ainda não tinha visto nenhuma notícia sobre mim e Scarlett, mas, considerando que havia faltado à partida mais esperada da temporada até agora para estar ao lado dela, acho que ele tinha juntado as peças mais rápido do que os paparazzi.

Levantei as mãos quando ele veio na minha direção.

– Vincent, eu…

Não tive a chance de concluir a frase antes de ele erguer o punho e me dar um soco.

CAPÍTULO 43

SCARLETT



Acontece que hospitais não veem com bons olhos trocas de socos em suas instalações, em especial quando a paciente tenta pular da cama e impedir o confronto.

Eu não era idiota a ponto de me atirar no meio da briga entre Vincent e Asher, mas precisava fazer *alguma coisa*. Deus sabia que eu não tinha forças para gritar como normalmente faria.

Infelizmente, também não tinha forças para me sentar direito na cama, muito menos para andar até qualquer lugar. Minha cabeça chegou a ficar cerca de dez centímetros acima do travesseiro antes que o cansaço a derrubasse outra vez.

– Parem. – A palavra arranhou minha garganta. – *Parem*.

Nenhum dos dois me ouviu em meio aos grunhidos, xingamentos e ao som de punhos golpeando.

O caos estava instaurado. Asher revidara o soco de Vincent, e então os dois começaram a se esmurrar a um metro e meio de mim como animais incapazes de controlar os próprios impulsos.

Uma enxaqueca brotou na base da minha cabeça.

O repouso e os cuidados médicos tinham abrandado o sofrimento excruciante de mais cedo, mas eu ainda sentia muitas dores no corpo e minha cabeça latejava no ponto que havia batido na quina da mesa de centro. Felizmente, por conta do ângulo em que caí, tinha sofrido apenas um ferimento superficial e uma concussão leve; poderia ter sido bem pior,

levando tudo em consideração.

No entanto, ver duas das pessoas de quem eu mais gostava no mundo se engalfinhando em meu quarto de hospital *certamente* não ia me ajudar a ter uma recuperação rápida.

– Seu desgraçado! – Vincent atacou Asher outra vez. – Você mentiu pra mim!

– A gente ia te contar. – Asher se esquivou do golpe. – Foi por *isso* que não contamos!

– Você…

A porta se abriu novamente, interrompendo a resposta de Vincent. A médica entrou correndo, seguida por Carina, Brooklyn e uma das enfermeiras.

Gritos, berros e palavrões voavam por todos os lados.

Queria gritar com eles. Queria ficar de pé, gritar, fazer qualquer coisa, além de ser uma observadora de minha própria vida, mas não consegui reunir forças.

A enxaqueca se espalhou para meus olhos, minhas têmporas, minha mandíbula. *Por toda parte*.

– *Chega!* – A médica finalmente conseguiu controlar a situação. Seus olhos brilhavam de fúria. – Todos vocês, *fora*.

– Mas…

– Você não pode…

– Ela não…

– Não quero saber! Tem uma paciente de repouso aqui – disse ela, apontando para mim –, e vocês dois *saindo no soco*? Vocês deveriam ficar felizes de eu não chamar a segurança. Agora *fora daqui*!

Para uma senhora idosa de aparência tão gentil, a Dra. Ambani tinha uma voz poderosa.

Foi como se uma névoa tivesse se dissipado, e eles se deram conta de que eu estava ali pela primeira vez desde o momento em que Asher abrira a porta.

Vincent e Asher se voltaram para mim com expressões de espanto. A culpa gravou linhas horríveis no rosto deles, mas a médica não lhes deu nem chance de se desculparem. Simplesmente apontou o dedo para a porta, e eles saíram arrastando os pés, com a cabeça baixa, envergonhados.

Tentei dizer algo antes que eles se retirassem, mas as palavras não

cruzaram meus lábios.

Havia gastado a energia que sobrava conversando com Asher e Vincent quando eles chegaram. Foi um milagre conseguir manter os olhos abertos.

A Dra. Ambani e a enfermeira vieram rapidamente checar meu estado. Elas me cutucaram e me examinaram, e cochicharam entre si, mas não consegui entender o que estavam dizendo.

Uma infinidade de sentimentos invadiu minha garganta.

Queria dizer a Asher o quanto tinha ficado comovida por ele ter faltado ao jogo por mim e que ficaria tudo bem. Nosso segredo havia sido revelado, o que significava que o pior já havia passado.

Queria me desculpar com Vincent por ter escondido o relacionamento dele e lhe assegurar que não precisava se preocupar comigo. Que Asher não era um Rafael 2.0, e que eu estava mais feliz do que nunca com ele.

Queria lembrá-los de não deixar que aquele dia arruinasse a frágil trégua entre eles, porque os dois eram muito melhores como amigos do que como inimigos.

Queria dizer muitas coisas, mas elas teriam que esperar.

Meu controle sobre minha consciência se esvaiu. Âncoras de aço arrastaram minhas pálpebras, e a escuridão tomou conta, deixando o resto do mundo do lado de fora.

ASHER

Deixei que Vincent desse o primeiro soco, mas, depois disso, não peguei leve. Eu me sentia culpado por ter mentido para ele, mas não a ponto de servir como saco de pancadas.

Quando a médica nos expulsou do quarto, estávamos os dois em frangalhos. Um corte em meu lábio estava sangrando, e um hematoma escuro manchava a mandíbula dele.

Eu estava envergonhado por ter brigado com ele enquanto Scarlett estava lá deitada, mas, quando Vincent me atacou, meu reflexo de luta ou fuga entrou em ação e bloqueou tudo, exceto o sentimento de legítima defesa.

A Dra. Ambani e a enfermeira ficaram no quarto, e eu e Vincent ficamos nos encarando no corredor. Ou o dia estava calmo ali, ou a equipe do hospital havia sido avisada para não ficar por perto, pois o corredor estava vazio, exceto por duas enfermeiras mais ao longe. Não havia ninguém para escutar ou nos gravar, exceto Carina e Brooklyn, que pareciam chocadas com a rápida escalada dos acontecimentos.

Vincent fechava e abria os punhos.

– Há quanto tempo *isso* está rolando?

Presumi que ele se referia ao meu relacionamento com Scarlett.

A verdade já havia sido revelada. Era melhor contar *tudo* de uma vez.

– Desde julho.

– *Julho?* – Eu tinha quase certeza de que vi fumaça saindo de suas orelhas em nuvens de raiva descontrolada. – Vocês estão se encontrando às escondidas pelas minhas costas *há quase três meses*?

– Como eu disse, não te contamos porque sabíamos que você reagiria assim.

A frustração mostrou suas garras, dando às minhas palavras um tom mais agressivo do que eu pretendia. Eu deveria ser mais paciente com Vincent, considerando que ele estava tendo que lidar com duas bombas (nosso relacionamento e a hospitalização da irmã), mas estava estressado e destruído demais para me importar.

– Olha, namorar *nunca* fez parte dos nossos planos. Nem esconder isso depois que você voltou para Londres – prossegui. – Meio que… aconteceu.

Era uma desculpa esfarrapada, mas não era a hora nem o lugar para explicar os pormenores dos últimos três meses.

De todo modo, Vincent não parecia estar ouvindo. A atenção dele se voltou para os meus tênis (eu só colocava as chuteiras quando chegava ao estádio). A descrença se espalhou pelo rosto dele.

– Era *você* que estava no chuveiro da minha irmã quando eu fui na casa dela um tempo atrás?

Merda.

– Tecnicamente – respondi, com muita cautela –, eu estava na banheira.

– Meu Deus do céu! – Uma sequência de palavrões em francês ecoou no corredor estéril. – Ela me disse que era um cara da RAB!

Dei um pigarro.

– Tecnicamente, também, eu *era* da RAB. Pelo menos durante o verão.

A pálpebra de Vincent tremeu. Ele parecia querer me atacar novamente, mas uma voz aguda interveio:

– Parem com isso! – Brooklyn se colocou entre nós. Ela e Carina estavam observando nossa conversa tão silenciosamente ali por perto que quase esqueci que estavam lá. – *Olhem só* pra vocês dois. Homens adultos agindo feito crianças dentro de um *hospital*. Vocês não têm vergonha?

Uma mancha vermelha se espalhou pelas bochechas de Vincent.

– Não…

– Não o quê? Não posso dizer que vocês estão fazendo merda? – Ela cruzou os braços, seu rosto a imagem da marra. Vincent devia ser pelo menos trinta centímetros mais alto do que Brooklyn, mas a filha do técnico parecia uma gigante, mesmo quando precisava erguer a cabeça para encará-lo. – A sua *irmã* está deitada bem ali tentando descansar – disse, apontando para a porta fechada do quarto de Scarlett –, e uma das primeiras coisas que você faz quando chega é iniciar a porra de uma briga dentro do quarto dela. Ela já está estressada demais. Não precisa que o irmão e o namorado piorem as coisas. E você! – Brooklyn se virou para me apontar um dedo. – *Você* deveria saber que não é pra cair nessas babaquices do Vincent. Existe uma diferença entre legítima defesa e se envolver ativamente numa briga. Não é *à toa* que meu pai fica tão irritado quando alguém menciona um de vocês. Estou surpresa de vocês ainda não o terem levado pro túmulo mais cedo, considerando que ele tem que lidar com essas palhaçadas egoístas e infantis de vocês dois todos os dias!

Daria para ter ouvido um alfinete cair naquele silêncio.

Ficamos olhando para ela, boquiabertos, atônitos demais por termos sido esculachados por alguém com metade do nosso tamanho para responder de imediato. Atrás dela, Carina sorria, parecendo estar gostando do nosso desconforto.

Mas Brooklyn não estava errada. Estávamos, *sim*, agindo de forma egoísta e infantil. A médica havia dito praticamente a mesma coisa, mas a maneira como Brooklyn expôs a situação fez a gente cair na real.

Estávamos tão tomados por nosso orgulho e pela necessidade de estarmos certos naquela discussão ridícula que não paramos para pensar em como nossas atitudes afetariam Scarlett.

Uma nova onda de culpa afogou a testosterona no corredor, me deixando consternado e envergonhado. Na minha frente, Vincent enfiou as mãos nos

bolsos, com o rosto vermelho.

Já que eu estava tão empenhado em analisar a situação com um olhar técnico, precisava aceitar que foi por minha culpa que as coisas chegaram àquele ponto. Fui eu quem tinha convencido Scarlett a adiar o momento de contarmos ao irmão sobre nós dois. A raiva de Vincent era compreensível, mas, quando ele me atacou, meu instinto foi partir para o ataque.

– *Nós* vamos ficar aqui com a Scarlett. – Brooklyn apontou para si mesma e para Carina. – Vocês dois vão discutir em outro lugar. Não quero que a energia negativa de vocês contamine esta área.

– Ah, é? – Vincent semicerrou os olhos. Obviamente, ele não gostava de receber ordens. – E como você acha que vai obrigar a gente a ir embora?

O sorriso dela era pura doçura.

– Fique e descubra.

Eles ficaram frente a frente, num duelo silencioso. O ar crepitava com desafio, mas, depois de um olhar tenso e prolongado, Vincent desistiu do embate e se afastou bruscamente, saindo sem dizer uma palavra.

– Foi o que eu imaginei. – Brooklyn arqueou uma sobrancelha para mim. – Sua vez, pombinho.

Não discuti. Eu era grato a ela por ter me contado sobre a hospitalização de Scarlett e por dar um sacode em mim e em Vincent, figurativamente falando.

Saí pelo corredor atrás de Vincent, e caminhamos em silêncio até chegarmos a um canto tranquilo ao lado das máquinas de venda automática. As volumosas caixas pretas impediam que nos vissem do corredor principal e nos proporcionavam alguma privacidade.

Nós nos encostamos na parede, lado a lado, nossos corpos ainda vibrando com ressentimento.

– Eu não acredito que você está namorando a minha irmã. – Vincent tinha o olhar fixo à frente e a mandíbula trincada. – Eu *sabia* que você ia fazer alguma merda enquanto eu estivesse fora. Fui um idiota de confiar em você. Nunca deveria ter deixado Scarlett sozinha contigo.

– Você acha que eu *queria* que isso acontecesse quando descobri quem ela era? Ela é uma DuBois. Eu achava que vocês não prestavam.

Vincent bufou.

– Eu já te falei, nada disso foi planejado – prossegui. – Simplesmente aconteceu.

– Tá bom. Simplesmente *aconteceu* de você ir pra cama com a minha irmã. – Ele se virou para me encarar, com uma expressão tensa e desconfiada. – Você fez isso pra se vingar de mim? Pra poder esfregar esse relacionamento na minha cara?

Meu sangue ferveu outra vez.

– Em primeiro lugar, o que eu e a Scarlett temos não se resume a *ir pra cama*. E, em segundo lugar, nem tudo gira em torno de você – respondi. – Se eu quisesse esfregar isso na sua cara, eu teria te contado assim que você voltou pra Londres. Porra, eu teria enviado um pombo-correio pra te dar a notícia enquanto você estivesse fora. *Isso* faria sentido. Tentar esconder de você não faz. Mas nem vou te julgar por não entender algo tão óbvio, considerando que o seu cérebro é do tamanho de um amendoim e seu bom senso está flutuando no fundo do Sena em algum lugar.

As narinas de Vincent se dilataram.

– Vai se foder!

– Vai se foder *você*! – Estava de saco cheio das babaquices de Vincent. Eu me sentia mal por brigar com ele na frente de Scarlett, mas ela não estava ali naquele momento. – Você pode até achar que o mundo gira em torno de você, mas a Scarlett é dona do próprio nariz. Ela confia em você porque te respeita, sabe-se lá por quê, e se preocupa com você, não porque *é obrigada*. E acho que você está prestando um grande desserviço a ela ao insinuar que só estou interessado nela porque ela é sua irmã, e não porque ela é incrível e ponto. Ela é inteligente, bonita, talentosa, engraçada… Acredite em mim quando digo que o parentesco com você é o maior defeito dela. – Fiz uma pausa. – Isso e as habilidades dela na cozinha.

Vincent me encarou, sem saber o que dizer.

Vários segundos se passaram até que ele finalmente respondeu:

– Ela cozinha muito mal. É por isso que sempre pedimos comida quando estamos juntos.

Eu me permiti uma risadinha antes de cairmos em outro silêncio soturno.

Meu coração ainda batia forte após meu discurso inflamado, mas agora que tinha colocado tudo para fora, conseguia pensar com mais clareza. Nossas discussões eram ótimas para extravasar, mas não estavam nos levando a lugar algum porque não abordavam a raiz do problema.

– Olha só – falei. – Eu sei que não sou a sua primeira opção quando se

trata de um namorado pra Scarlett…

– Nem a segunda, a terceira ou a quarta.

Ignorei a provocação petulante e continuei:

– Mas eu me preocupo com a Scarlett mais do que com qualquer outra pessoa no mundo e não quero que você a culpe por nada disso. Ela odiava ter que mentir pra você, mas estava tão preocupada com a sua carreira que não queria simplesmente jogar a notícia no seu colo.

Vincent franziu as sobrancelhas.

– E o que o relacionamento de vocês tem a ver com a minha carreira?

– Ela estava com medo de que, se você descobrisse, as coisas piorassem entre nós e o nosso desempenho em campo fosse afetado. Ela sabe que o técnico disse que ia nos colocar no banco se não conseguíssemos trabalhar juntos. Ela não queria piorar o problema.

Ele soltou um longo suspiro.

– Entendi.

As chamas impensadas e impulsivas de nossa ira inicial haviam se apagado, deixando-nos esgotados. Brooklyn basicamente havia nos colocado de castigo para pensar nas nossas ações, e era justamente disso que precisávamos.

– Eu não duvido que você se importe com ela – disse Vincent. – O fato de você ter faltado a uma partida contra o *Holchester* para ficar com ela prova isso. Mas não são os seus sentimentos por ela que me chateiam. É a falta de honestidade. Vocês dois mentiram pra mim. – Ele contraiu os lábios. – Quando estávamos no Angry Boar depois da partida beneficente, você me deixou ficar lá falando sobre como estava grato por não ter dado em cima da minha irmã... e você não disse porra nenhuma.

– Eu sei. – A culpa se infiltrou em mim. – Me desculpa.

Foi a primeira vez que pedi desculpas a Vincent. Foi mais fácil do que pensei, porque estava sendo sincero. Se eu estivesse no lugar dele, também estaria magoado.

– Nós íamos te contar assim que você voltou pra Londres – argumentei. – Mas eu e você estávamos começando a nos entender e, depois do seu discurso no Angry Boar, eu fiquei ainda mais preocupado, achando que você não… reagiria bem à notícia. Fui eu que convenci a Scarlett a adiar a conversa. Eu não queria estragar a nossa trégua tão perto do início da temporada.

Olhando para trás, poderíamos ter lidado melhor com a situação. Nossa *comunicação* poderia ter sido melhor. Mas esse tipo de coisa fica mais claro quando analisado em retrospecto, e foi difícil tomar a decisão certa no momento.

– Você deveria ter me contado – rosnou Vincent. – Eu sou capitão do nosso time. Me importo com a temporada e com a vitória tanto quanto você, se não mais. Eu teria lidado *melhor* com isso se você tivesse dito na minha cara, feito um homem, em vez de me deixar descobrir sozinho enquanto a minha irmã está na porra do hospital.

– Eu deveria ter feito isso – admiti. – Mas agora é tarde demais.

Ele bufou outra vez.

– Você acha?

Mais silêncio.

O zumbido das máquinas de venda automática ecoava no ar, abafando as vozes fracas e os passos vindos do corredor principal.

– Nós ganhamos? – perguntei, após mais alguns minutos de silêncio. – O jogo.

Eu não tinha verificado o placar.

Vincent balançou a cabeça.

– Empate. Dois a dois.

– Merda.

– Pois é.

Liberamos nossa frustração com suspiros idênticos.

– Aliás, o técnico está furioso com você. – Vincent parecia feliz demais com isso. – Ele vai te esfolar vivo na próxima vez que te vir.

Fiz uma careta. Previa que seria punido com corridas exaustivas no futuro, mas não me importava. Muito.

– Tudo bem – respondi. – Eu vou sobreviver.

– Você sempre sobrevive. – Um traço de amargura se espalhou pela voz de Vincent e me lembrou de seus motivos para não gostar de mim. – Você é tipo Teflon.

– Confia em mim. – Eu me lembrei das tantas mensagens horríveis que recebi depois que anunciei minha transferência para o Blackcastle. – Não sou tão invencível quanto você pensa.

– Talvez não, mas me deixa achar que você é. Assim é mais fácil te odiar outra vez. – Ele esfregou a boca. – Não importava o que eu fizesse, sempre

me comparavam com você. Nós nem jogamos na mesma posição, mas lá estava você, sempre sendo citado junto comigo, quando eu sei que não conseguiria me safar de metade das merdas que você fez.

– Se isso faz você se sentir melhor – falei, após uma longa pausa –, você tem uma Copa do Mundo, e eu não.

Vincent soltou uma risada curta.

– Verdade. Isso faz com que eu me sinta melhor mesmo.

No dia anterior, eu nem sonhava em fazer piada envolvendo a Copa do Mundo. Ver a vitória escapar das minhas mãos durante o último torneio seria *sempre* um dos momentos decisivos da minha vida e da minha carreira. Jamais esqueceria.

No entanto, essa briga com Vincent me permitiu descarregar parte da raiva reprimida, e a trégua das últimas semanas havia abrandado um pouco minha amargura. Vincent tinha ficado do meu lado contra Bocci e Lyle e, querendo ou não, fazíamos parte do mesmo time. Ainda que não fizéssemos, eu teria que interagir com ele por causa de Scarlett.

Tudo isso tornava o incidente da Copa do Mundo mais palatável. Estava mesmo na hora de deixar esse assunto para trás, mas isso não significava que eu não iria me vingar na próxima vez que jogássemos um contra o outro.

– Mas não se preocupe – falei. – Isso vai mudar daqui a dois anos.

A Copa do Mundo chegaria logo, logo. As eliminatórias da Europa tinham começado na primavera, e eu já sentia o *sabor* da emoção. Não havia chance de a Inglaterra não participar do torneio. Nossa seleção atual era a melhor dos últimos dez anos.

– Isso é o que veremos – zombou Vincent, mas suas palavras não foram agressivas. Dessa vez, foi ele quem fez uma pausa antes de continuar. – Não me orgulho do que fiz. Se pudesse voltar no tempo, teria feito diferente, mas o que passou, passou. Não dá pra mudar o passado.

Fechei os olhos. Velhas lembranças ressurgiram, tão vívidas como se estivessem acontecendo naquele exato momento: o som estridente do apito. Os aplausos e as vaias da multidão. O cheiro de grama e suor, e minha descrença absoluta quando o árbitro puxou o cartão vermelho. Foi o mais próximo que cheguei de dar um soco em alguém no gramado em toda a minha carreira.

Toda vez que eu treinava, toda vez que alguém me criticava e eu achava

que não seria capaz de continuar, eu revivia aquele momento. Transformei minhas lamentações em combustível não apenas para ser melhor, mas para ser *o* melhor. E deu certo.

O cartão vermelho afetou a trajetória da minha carreira de várias maneiras e, por mais que eu desprezasse Vincent por isso, nem todas as consequências tinham sido ruins. Foi isso que me levou ao ponto em que estava naquele momento.

– Não, não dá pra mudar o passado – concordei. – Da mesma forma que a Scarlett e eu não temos como voltar atrás e te contar antes de hoje. Mas o que está feito está feito. Não adianta ficar remoendo.

Sinceramente, fiquei aliviado por nosso relacionamento ter sido exposto. As circunstâncias da revelação não foram ideais, e a primeira reação de Vincent menos ainda. No entanto, precisávamos daquela briga. Tínhamos mágoas profundas demais para serem resolvidas com diálogo.

Vincent soltou um suspiro profundo.

– Não. Acho que não.

Não dissemos mais nada. Em vez disso, aproveitamos o momento para simplesmente refletirmos e aceitarmos o encerramento de um longo e difícil capítulo de nossa história compartilhada.

O técnico, o Holchester, os paparazzi, a inevitável descoberta de meu relacionamento com Scarlett pelo público e as consequências que ainda viriam… isso pertencia ao futuro.

O futuro sempre estaria lá, mas naquele dia finalmente deixamos o passado para trás.

CAPÍTULO 44

SCARLETT



Dormi no hospital naquele dia e fui liberada na noite seguinte.

Naquela mesma noite, uma hora antes de eu receber alta, a notícia de meu relacionamento com Asher foi divulgada.

Astro do futebol falta à partida para visitar namorada no hospital!

A linha tênue entre o amor e o ódio: Asher Donovan é flagrado com a irmã do maior rival!

Quem é Scarlett DuBois, a namorada secreta de Asher Donovan?

Foi um caos absoluto. Meu telefone foi bombardeado com tantas ligações e mensagens que a bateria não aguentou e ele morreu antes de eu chegar em casa. Paparazzi invadiram o hospital, na esperança de conseguir uma foto, uma frase de efeito ou, melhor ainda, um vídeo de Asher comigo.

Felizmente, Sloane havia chegado de Nova York na noite anterior para lidar com a situação pessoalmente. Ela, juntamente com a segurança do hospital, conseguiu nos conduzir por uma saída lateral e direto para um discreto SUV preto sem que ninguém nos parasse.

Um homem conhecido, com cabelo grisalho, aguardava no banco do motorista.

– Boa noite, senhorita. – Earl sorriu para mim pelo espelho retrovisor, mas seus olhos estavam cheios de preocupação.

– Boa noite, Earl.

Dei um sorriso sem muita convicção. Estava feliz por vê-lo novamente, mas era difícil encontrar entusiasmo quando minha vida tinha saído

completamente dos trilhos.

As sequelas da minha crise ainda persistiam, o que não ajudava em nada. Graças a muito repouso e atenção médica, a dor não era tão debilitante quanto no dia anterior, mas ainda estava *presente*. Estava em meus músculos, articulações e ossos – e, em determinados momentos, parecia que estava em minha alma, me destruindo de dentro para fora.

A Dra. Ambani queria me manter no hospital por mais um dia, mas eu insisti em ir para casa. Queria o conforto do meu apartamento, e não havia mais nada que eles pudessem fazer por mim que eu não tivesse como fazer de casa.

Sloane ficou parada ao lado da porta aberta do carro, impedindo que eu e Asher fôssemos vistos por qualquer passante.

– O Earl vai levar vocês dois até o Ashworth – disse ela, se referindo a um dos principais hotéis de luxo de Londres. – Tenho que lidar com os paparazzi primeiro, mas estarei no carro bem atrás de vocês. Já informei à equipe do hotel. Quando chegarem, o gerente geral e o segurança acompanharão vocês pessoalmente até a suíte.

– Peraí. – Meu coração quase saiu pela boca. – Por que estamos indo pra um hotel? Achei que estava indo pra casa.

Não queria dormir em outra cama desconhecida.

– Você não pode ir pra casa. O lugar está lotado de jornalistas – disse Sloane com firmeza. – A casa do Asher também. A melhor coisa a fazer é ficar em um lugar onde eles não possam te encontrar. O Ashworth é o hotel mais discreto da cidade. Eles manterão a presença de vocês em segredo.

Estremeci ao pensar nos paparazzi invadindo minha vizinhança, tão calma e tranquila. Era o meu refúgio, e saber que sua sacralidade havia sido violada parecia mais invasivo do que qualquer foto ou vídeo que eles pudessem ter feito.

– Vai ser só por uma noite – disse Asher, ignorando o olhar mordaz de Sloane. – Amanhã a gente te leva pra casa.

– *Se* a situação melhorar. – Ela fez uma ressalva. – Entrei em contato com uma empresa de segurança que vai avaliar a situação e implementar algumas medidas conforme necessário, mas isso vai levar um tempo. Vejo vocês mais tarde no hotel. – Ela fechou a porta antes que pudéssemos fazer mais perguntas.

As cãibras pioraram.

– A situação é muito grave? – perguntei, enquanto Earl se afastava do meio-fio.

Evitei clicar nos links que amigos, colegas de trabalho e conhecidos aleatórios haviam me enviado desde que a notícia foi divulgada, mas a curiosidade revirava minhas entranhas.

Asher hesitou.

– Não *muito* – disse ele, com cautela. – Por enquanto, são principalmente histórias baseadas em fatos… se você definir "fato" de forma vaga. Quem você é, como começamos a namorar, minha história com o Vincent. Esse tipo de coisa.

– Mas?

– Mas ainda é cedo – disse ele, com muita relutância. – A notícia acabou de sair. Não sei qual será a narrativa dos tabloides ao longo das próximas semanas e meses. Eles podem se cansar de nós antes que as coisas fiquem realmente ruins, ou…

– Elas podem ficar muito ruins, de fato – concluí. Já tinha visto como eles destruíram figuras públicas no passado. A ideia de que fizessem o mesmo com a gente me dava vontade de vomitar. – Não acredito que vivemos em um mundo em que as pessoas se dedicam *tanto* assim aos relacionamentos alheios.

– Muitas pessoas se dedicam profundamente a muitas coisas estranhas. – Asher apertou minha mão. – Ainda bem que eu tenho a melhor assessora pra nos guiar durante todo esse processo.

– E a mais assustadora também.

– É por isso que ela é a melhor.

Dessa vez, meu sorriso aumentou um pouquinho. Ter Sloane do nosso lado fazia com que eu me sentisse melhor. Ela era profissional. Ela sabia o que fazer, certo?

Minhas pernas pesavam de cansaço. Havia dormido por quase dezesseis horas seguidas, mas ainda estava grogue e suscetível a picos de exaustão.

No entanto, lutei o máximo que pude para me manter acordada. Tinha a sensação de que aquele seria meu último momento verdadeiramente pacífico a sós com Asher por um tempo.

– Como o público está reagindo à sua ausência no jogo de ontem? – perguntei.

Dados o fanatismo de alguns torcedores e a amarga rivalidade entre o

Blackcastle e o Holchester, eu temia a reação deles ao ver Asher faltar ao jogo.

– Acredite se quiser, mas eles parecem estar reagindo melhor agora que sabem *por que* faltei à partida – respondeu Asher com um tom irônico. – É claro que tem uma minoria que está furiosa comigo, mas a maior parte das pessoas na internet achou o que eu fiz romântico.

– *Foi* romântico. – Estendi a mão entre nós e entrelacei meus dedos nos dele. O calor subiu pelo meu braço e se instalou nas proximidades do meu coração. – Mas eu lamento muito que você tenha perdido o jogo. Sei o quanto significava pra você.

– Eu não lamento nem um pouco – disse ele, com franqueza. – Não é tão importante quanto estar com você.

A emoção se enroscou em meu peito. Não confiava em mim mesma para responder com palavras, então apertei a mão dele e me virei para a janela, tentando recuperar a compostura.

Tivemos que passar pela entrada do hospital para chegar à rua principal. Os vidros escurecidos do SUV impediam que vissem do lado de dentro, mas isso não impediu que eu sentisse um calafrio ao ver a horda de paparazzi perto da entrada. Armados com lentes fotográficas gigantescas e um ar de impaciência raivosa, eles me lembraram uma multidão furiosa à beira da histeria.

E todos eles estavam lá por *nossa* causa.

Asher Donovan namorando a irmã do maior rival já seria notícia.

Asher Donovan tendo um relacionamento secreto com a irmã do maior rival *e* faltando à primeira partida importante da temporada para correr até o leito de hospital dela? Isso era sensacional.

A bile se espalhou em meu estômago. Afastei os olhos do espetáculo e voltei a me concentrar em Asher.

– Já conversou com os seus pais? – perguntei, me obrigando a parar de pensar no escrutínio que nos aguardava.

Havia recebido uma dúzia de mensagens de voz da minha mãe e do meu pai. Imaginei que os pais dele estivessem igualmente preocupados. No entanto, com base no que ele me contara sobre o pai, o velho Donovan provavelmente estava mais chateado com o fato de Asher ter faltado ao jogo do que com qualquer outra coisa.

– Ainda não. – Uma careta fez seus lábios se contraírem. – Essa é uma

questão pra amanhã.

– Pelo menos você e o Vincent se entenderam. – Tentei encontrar algum ponto positivo. – Se eu soubesse que bastavam uns socos pra curar esse relacionamento, eu mesma teria atirado vocês dois em um ringue há muito tempo.

Odiei a briga deles enquanto estava acontecendo, mas acabou sendo melhor assim. Fiquei feliz que *uma* coisa boa tivesse acontecido nesse fim de semana deplorável.

Vincent não estava lá para a minha alta porque Sloane disse que precisávamos de *menos* atenção, não mais. Quanto menos rostos famosos circulando pelo hospital, melhor.

– O que posso dizer? – A careta de Asher se transformou em um sorrisinho. – Homens são criaturas simples.

– Você quer dizer neandertais.

– Basicamente.

Enfim saímos dos arredores do hospital. O amarelo das luzes da rua e o vermelho das lanternas traseiras ao redor se misturaram em um fluxo gigante e confuso que combinava com o caos dos meus pensamentos. Os paparazzi ainda não sabiam que tínhamos partido, mas logo isso aconteceria. Depois disso…

Aquele era o momento que havia me feito perder o sono antes de Asher e eu começarmos a namorar. O momento em que minha vida mudaria e não seria mais minha.

Aquele era um dos muitos motivos que me deixaram com medo de me envolver com ele, mas Asher provou várias vezes que nenhum desses motivos importava. Minha vida não tinha sido verdadeiramente minha desde que o conheci e, se tivesse que fazer tudo de novo, não mudaria nada.

No entanto, isso não significava que eu não estivesse com medo do que estava por vir. Não era o escrutínio que me enervava; era a incerteza.

A imprensa nos retrataria como heróis ou vilões? Até que ponto eles se aprofundariam na minha vida? Restringiriam a atenção a mim ou iriam atrás de todas as pessoas com quem já trabalhei e interagi?

– Não se preocupe, querida. – Era como se Asher pudesse ler minha mente. – Vamos enfrentar isso juntos.

Assenti e engoli o nó na garganta.

Passamos a maior parte do verão nos preparando para a tempestade.

Bem, a tempestade havia chegado, e ele estava certo: nós a enfrentaríamos juntos.

Não tínhamos outra opção.

• • •

Quando chegamos ao hotel, fomos até a suíte sem incidentes. Sloane havia enviado alguém para buscar roupas extras e itens de uso pessoal em meu apartamento, para que eu não ficasse usando a mesma roupa por sabe-se lá quanto tempo.

Enquanto Asher tomava banho e eu esperava meus pertences chegarem, retornei as ligações de meus pais. Finalmente tinha energia para falar com eles e não queria deixá-los ainda mais preocupados ficando em silêncio.

Primeiro, liguei para meu pai. Ele devia estar esperando, pois atendeu no primeiro toque, quando normalmente eram necessárias várias tentativas para conseguir falar com ele (ele era um grande defensor do detox digital).

– Scarlett. – A voz preocupada fluiu pela linha e fez meus olhos marejarem. Eu não tinha percebido quanto tempo fazia que não *conversávamos*. – Como você está, *ma chérie*?

– Estou bem. Acabei de sair do hospital. – Expliquei a situação para ele. – Vamos ficar no hotel até que a imprensa se acalme.

– A imprensa. – Meu pai deu um suspiro enojado. Sua opinião sobre a imprensa era um pouco melhor que sua opinião sobre os políticos (que ele desprezava) e pior que sua opinião sobre fast-food (que ele considerava uma abominação). – Bando de abutres – disse ele, passando a falar só em francês. – O trabalho deles é agir do jeito mais desprezível que podem só pra conseguir uns cliques. Não dê ouvidos a nada do que eles dizem.

– Vou tentar. – Forcei um sorriso, embora ele não pudesse me ver. – Como você está se sentindo? O quadril ainda está incomodando?

– Está tudo bem agora, mas, sabe, foi muito ruim durante o verão. – Meu pai deu um grande suspiro e, apesar das circunstâncias, meu sorriso foi genuíno. Jean-Paul DuBois era dramático ao extremo. – Por sorte, seu irmão estava aqui pra ajudar, ou eu teria ficado preso com a enfermeira sozinho. Você consegue imaginar? Eu, sozinho com uma desconhecida 24 horas por dia, sete dias por semana, dentro da *minha* casa? Meu Deus!

– Sério? – Eu me recostei mais na cabeceira da cama. – O Vincent disse que depois de um tempo você passou a gostar bastante da enfermeira.

– O quê? Ele disse o quê? – Meu pai parecia desconcertado. – Não dê ouvidos ao seu irmão. Ele deveria se concentrar mais em cuidar de você, e não em se eu *gosto* da minha enfermeira ou não. É pra isso que ele está aí.

– Ele está aqui pra jogar futebol, pai, não pra cuidar de mim – retruquei, olhando para a porta do banheiro. Asher ainda estava no chuveiro. – Não preciso que cuidem de mim. Sou adulta.

– Uma adulta que foi parar no hospital e agora tem a foto estampada em todos os jornais. – Estremeci, e meu pai suspirou novamente diante do meu silêncio. – Desculpa se pareço duro, *ma chérie*, mas você precisa entender por que eu me preocupo.

Um nó se formou na minha garganta com a mudança de voz dele, agora suave e afetuosa. Aos olhos dele, eu ainda era sua garotinha, mas ele não podia mais aliviar todas as minhas dores com um abraço e um beijo. Esse tempo havia passado, e nós dois sabíamos disso.

– Eu entendo e sei que errei – falei. – Mas estou corrigindo o que fiz. Não se preocupe tanto, tá bem?

– É da natureza dos pais se preocuparem. – Mesmo assim, meu pai não insistiu no assunto. – Se a atenção se tornar excessiva, ou se precisar de uma folga da cidade, você pode vir pra cá a hora que quiser e ficar na minha casa. Paris é melhor do que Londres mesmo.

Outro sorriso surgiu em meus lábios.

– Obrigada. Vou te visitar em breve. Só… não agora, tá?

Eu não podia fugir para a França e fingir que meus problemas não existiam, por mais que quisesse.

Conversamos por mais alguns minutos antes de eu desligar, respirar fundo e ligar para minha mãe. Como era de se esperar, ela estava fora de si.

– Ah, querida... – disse ela, depois que lhe dei o mesmo resumo que dera ao meu pai. Ela parecia estar chorando. – Sei o quanto essa apresentação significa, e estou muito feliz com seu retorno à dança, mas você precisa se cuidar. Não estou mais em Londres pra tomar conta de você, e eu só… – Podia praticamente ouvi-la balançando a cabeça enquanto fungava. – Não quero que se machuque outra vez.

– Confie em mim. Aprendi a lição – falei. Odiava deixá-la preocupada, mas também odiava a forma como todos da minha família me

infantilizavam às vezes. – Sei que não devo fazer tanto esforço no futuro.

Houve um longo silêncio até que minha mãe voltou a falar:

– Tem certeza de que quer continuar no espetáculo? Talvez fosse melhor se… – Ela não completou a frase, mas sua opinião estava clara.

Eu me sentei mais ereta, com os batimentos cardíacos acelerados. Minha mãe sempre foi minha maior incentivadora quando se tratava de balé. Ela ficou arrasada quando os médicos disseram que eu nunca mais voltaria a dançar profissionalmente, e eu sabia que parte dela secretamente nutria esperanças de que eu tivesse algum tipo de recuperação milagrosa para que minha carreira pudesse continuar de onde havia parado.

Para ela sugerir que eu abandonasse o espetáculo… realmente estava preocupada. Eu deveria ter percebido isso quando ela nem sequer perguntou sobre Asher. Normalmente, minha vida amorosa era uma prioridade para a minha mãe.

– Tenho certeza – declarei, com a voz firme. – Faltam só uns meses. Eu consigo fazer isso. Eu preciso fazer isso.

Se eu desistisse, todo o meu trabalho duro teria sido em vão. Teria sido *hospitalizada* por nada. Eu me recusava a deixar isso acontecer, sobretudo quando havia tanta coisa em jogo na minha participação. Precisava provar a mim mesma que era capaz, nem que fosse pela última vez.

– Tudo bem. – Minha mãe devia ter ouvido a determinação em minha voz, porque não discutiu mais. No entanto, seu suspiro continha uma infinidade de angústias e medos. – Só me *promete* que vai se cuidar melhor, tá bem?

– Pode deixar – respondi. A porta do banheiro se abriu e Asher apareceu. Dei um sorrisinho, que ele retribuiu. – Eu prometo.

ASHER

Dizer que o técnico estava com raiva era como dizer que o vulcão Etna ficava um pouco agitado às vezes. Ele estava, para simplificar, transtornado.

Era a segunda-feira após o jogo contra o Holchester. Scarlett e eu ainda

estávamos acampados na suíte presidencial do Ashworth e, quando cheguei ao centro de treinamento do Blackcastle, os paparazzi já estavam lá em peso. Teria que fazer manobras dignas de um espião do MI5 depois do treino para garantir que eles não me seguissem de volta ao hotel.

No entanto, preferia estar lidando com os paparazzi do que aguentando a ira do meu técnico.

Não sabia que um rosto poderia ganhar tantos tons de vermelho em tão pouco tempo, mas ele provou que meus conhecimentos de biologia estavam errados. Quando chegou a um tom particularmente fascinante de magenta, fiquei preocupado em ter que acrescentar a morte do meu técnico à lista de queixas que certos torcedores tinham contra mim.

– *Não* se falta a um jogo pra ver a namorada! – A veia em sua têmpora latejava com tanta ansiedade que achei que ela fosse pular para fora, atravessar a mesa e me estrangular. – De todas as coisas *idiotas* e imprudentes que você já fez, essa é a campeã!

– Ela estava no hospital. – Eu me defendi o máximo que pude. Entendia por que ele estava irritado, mas não era como se eu tivesse faltado ao jogo para me divertir na praia. Tive um bom motivo. – Recebi a ligação pouco antes do jogo e tive que tomar uma decisão em uma fração de segundo. Se fosse a sua filha no hospital, você não teria feito a mesma coisa?

Quis voltar no tempo e me impedir de dizer aquilo antes mesmo de as palavras terem saído da minha boca. O técnico era extremamente protetor em relação a Brooklyn, e mencioná-la durante um ataque de fúria dele provavelmente não era uma boa ideia.

Uma nuvem escureceu o rosto do técnico.

– O que foi que você *disse*?

Empalideci.

– É que foi uma emergência, senhor – emendei. – Sinto muito por ter perdido o jogo, mas eu não teria feito isso a menos que fosse importante.

Por sorte, nenhum dos tabloides havia noticiado o motivo da hospitalização de Scarlett. Para mim, era algo importante, mas eu suspeitava que o técnico não achava que fosse grave, já que ela havia recebido alta após uma noite de internação. Bem, na verdade ele não consideraria grave nada que não fosse um caso de quase morte, mas o importante é que ele não tinha como *provar* nada.

A julgar pelas contrações em sua mandíbula, ele havia chegado à mesma

conclusão, mas não estava feliz com isso.

– Da próxima vez – disse ele –, *você* liga pra mim e *você* me fala que merda que está acontecendo. Não quero ser informado por uma assessora metida a besta.

Era isso? Ele estava mesmo prestes a me liberar? Prendi a respiração.

– Sim, senhor.

– Agora... – O olhar do técnico me prendeu à cadeira como se eu fosse um inseto me debatendo. *Merda*. Cantei vitória cedo demais. – Você pode explicar por que o meu capitão *e* o meu principal atacante entraram no treino hoje parecendo que perderam um round em uma luta de MMA?

Eu me forcei a não tocar meu lábio cortado. Os paparazzi, é claro, ficaram sabendo de nossos ferimentos quando chegamos ao centro de treinamento. Provavelmente, naquele exato instante, estavam inventando histórias mirabolantes sobre nossa briga por causa de Scarlett.

Eles não estariam errados, mas eu não iria entreter o técnico com os detalhes desagradáveis do sábado.

– Eu e o Vincent tivemos um mal-entendido que… se agravou no fim de semana, mas já resolvemos o problema. Prometo que não vai acontecer outra vez. Senhor – acrescentei depressa.

– Acho bom. – A veia na têmpora do técnico latejou novamente. – Vou deixar passar por enquanto, mas, se eu sentir cheiro de discórdia entre vocês dois hoje ou em qualquer outro dia, não serei tão tolerante. Agora sai já daqui e vai se juntar aos seus companheiros no treino. Você já perdeu trabalho o suficiente na semana passada.

Um alívio inundou minhas veias. Ele não me colocaria no banco nem me obrigaria, sei lá, a esfregar o estádio com uma escova de dentes. *Ainda bem.*

– Sim, senhor.

A reunião tinha sido muito melhor do que eu esperava, mas saí de lá correndo antes que ele mudasse de ideia.

Havia perdido apenas o aquecimento e os primeiros cinco minutos do treino, então não demorei muito para alcançá-los.

O restante do time não me criticou por minha ausência no sábado – eles também tinham esposas, namoradas e familiares queridos; eles entendiam –, mas eu podia ver por seus olhares que estavam curiosos sobre Scarlett e meu encontro com o técnico.

– O que aconteceu? – disparou Adil em nosso primeiro intervalo. – O que o técnico falou?

Os outros jogadores se aproximaram, com os ouvidos atentos, enquanto eu resumia nossa conversa.

– Você teve sorte, amigo. – Stevens me deu um tapinha no ombro. – Se tivéssemos perdido o jogo, e não empatado…

O grupo todo estremeceu. Se tivéssemos perdido, eu estaria a sete palmos do gramado em vez de estar sobre ele.

Tinha assistido à gravação da partida. Havíamos jogado bem, mas o Holchester também. Eles não contavam com nenhuma grande estrela no time (Bocci era o mais próximo que eles tinham de uma), mas eram incrivelmente coesos. Essa era a maior força deles e a nossa maior fraqueza.

Com sorte, isso mudaria naquela temporada. Já estávamos jogando melhor juntos, agora que Vincent e eu havíamos nos acertado, mas ainda tínhamos espaço para melhorar.

– Esquece o jogo – disse Samson. – Eu quero saber sobre a namorada secreta. A irmã do DuBois? – Ele deu um assobio. – Ousado. Muito ousado.

Cabeças oscilaram entre mim e Vincent, que estava vindo do bebedouro em nossa direção.

Não estava a fim de debater minha vida amorosa com ninguém naquele momento. Felizmente, Vincent interveio antes que eu tivesse que responder:

– Isso aqui é um treino ou uma sessão de fofoca? – perguntou ele, incisivo. – Não estamos aqui pra falar de nossas vidas pessoais, a menos que você queira contar pra gente sobre a garota com quem você ficou no nosso último jogo fora de casa.

O restante do time riu e ficou cutucando Samson, que pareceu constrangido. Ele tinha levado uma garota para o hotel, mas se recusava a dizer a qualquer um de nós quem ela era, o que não era comum no caso dele. Samson geralmente compartilhava as coisas (até demais).

– Pô, capitão, por que você sempre faz isso comigo? – disse ele, balançando a cabeça.

Vincent deu um sorriso malicioso.

– Você pede.

Não tivemos chance de falar mais nada. Greely gritou para que nos reuníssemos para a próxima série de exercícios de condicionamento, e as provocações bem-humoradas imediatamente se transformaram em

concentração.

Nosso assistente técnico estava comandando o treino daquele dia. Em regra, ele era mais legal do que o técnico, mas nos deixava exaustos. Quando o treino terminou, ninguém tinha energia para fazer mais nada além de entrar no vestiário para tomar uma ducha quente e trocar de roupa.

– Obrigado por interferir mais cedo – falei para Vincent. Terminamos de nos arrumar mais ou menos na mesma hora, e eu o acompanhei enquanto caminhávamos em direção ao estacionamento. – Quando o pessoal estava perguntando sobre a Scarlett.

Vincent deu de ombros.

– Ela é minha irmã. Não quero que esses idiotas fiquem pensando nela *desse jeito*. – Ele me olhou de soslaio. – Mas pra você já é tarde demais.

Dei um sorriso torto.

– Como ela está? – perguntou Vincent. – Falei com ela por telefone ontem à noite. Ela disse que está bem, mas você sabe como ela é. Ela vai dizer que está bem mesmo se for forçada a correr uma maratona descalça sobre brasas.

– Pois é. – A resiliência obstinada de Scarlett era uma de suas características mais admiráveis e mais preocupantes. – Ela está melhor. Ainda letárgica e sentindo dor às vezes, mas está tirando a semana de folga pra se recuperar de vez. – A ideia tinha sido dela, o que me deixou um pouco aliviado. Ela não estava forçando a barra para voltar logo ao trabalho. – Ela tem uma reunião com a Lavinia hoje pra discutir a questão dos tabloides e do espetáculo.

Os paparazzi estavam novamente de tocaia na RAB, mas Scarlett estava mais nervosa em relação ao espetáculo. Ela temia que Lavinia a tirasse do papel principal.

Eu tinha sentimentos conflitantes em relação a isso. Queria que Scarlett tivesse a chance de brilhar, mas a ideia de ela ter que suportar mais dois meses de ensaios me fazia suar frio.

Havia um limite para o que o corpo humano era capaz de aguentar.

– Que bom. Fico feliz que ela realmente esteja se sentindo melhor. – Vincent parecia aliviado. Viramos no corredor em direção ao último conjunto de portas para a saída. – E os paparazzi? Eles também têm me perseguido, mas com vocês dois é bem pior.

– Eu contratei uma equipe de segurança. Eles estão protegendo as nossas

casas. – A minha já tinha um sistema de segurança de alta tecnologia, mas não faria mal reforçar as defesas. – Quando eles não estiverem mais lá, nós voltamos.

Não podíamos ficar para sempre em um hotel, e Scarlett estava ficando inquieta.

– Isso vai passar. – Vincent parecia estar tentando mais convencer a si mesmo do que a mim. – Os paparazzi não podem perder tempo. Logo, logo eles encontram um novo alvo e seguem em frente. Mas eu juro pra você… – O rosto dele se turvou. – Se *algum* desses caras machucar a Scarlett de alguma maneira, eu fodo com a vida dele.

– Pode contar comigo para fazer isso.

Apesar de nosso histórico de diferenças, a única coisa em que sempre concordamos foi nossa disposição inabalável em proteger Scarlett.

Ele assentiu brevemente.

– Você se importa se eu passar no hotel mais tarde pra vê-la? Vou tomar cuidado.

Sloane não ia gostar nada disso. Ela estava levando tão a sério nosso confinamento que havia elaborado uma estratégia complicada para garantir que os paparazzi não me seguissem do treino até o hotel. Eu tinha que ir para casa primeiro, esperar uma hora e depois sair de fininho para me encontrar com Earl – que, é claro, estaria dirigindo um carro diferente a cada vez.

Eu *poderia* ficar em casa, mas isso significaria deixar Scarlett sozinha no hotel, já que o apartamento dela não era tão seguro. Jamais faria isso, então seguiria o Plano Chamariz.

– Claro – respondi. Sloane me daria uma bronca mais tarde, mas Vincent era irmão de Scarlett. Não o impediria de estar com ela. – Só não vai dirigindo aquela merda daquela Lamborghini.

– Eu não vou… que porra é essa? – Vincent parou no meio do caminho para o estacionamento. A segurança do clube devia ter expulsado os paparazzi, porque não havia imprensa à vista, mas os jogadores que haviam saído antes de nós estavam reunidos perto de uma das vagas do estacionamento. – O que vocês estão olhando aí?

Os murmúrios ininteligíveis do grupo cessaram. Eles se viraram para a gente, com as expressões coloridas em tons variados de surpresa, nervosismo e pena.

Alguns se mexeram, sem graça, mas ninguém respondeu. Em vez disso, eles se afastaram, abrindo caminho entre nós dois e o conversível verde-selva estacionado na vaga.

Era o meu carro.

Uma sensação crescente de pavor se instalou em meu estômago.

Passei por meus colegas de equipe e parei ao lado da porta do motorista, onde imediatamente vi o que os deixara tão boquiabertos.

Meu pavor virou uma pedra de gelo, porque havia apenas uma palavra – um *nome* – riscada na lateral do meu Jaguar vintage favorito.

Judas.

CAPÍTULO 45

ASHER



Nada une mais um time do que a agressão de outro time.

Não era preciso ser nenhum gênio para descobrir que o arranhão de chave no carro era obra de alguém do Holchester. As pessoas talvez achassem que jogadores de futebol profissionais estavam acima de tais travessuras juvenis, mas não era verdade. O *Judas* riscado na tinta verde-selva era a prova disso.

Eles eram os únicos com meios e motivos para me atacar daquele jeito. Se o incidente houvesse acontecido em Holchester, eu até teria minhas dúvidas, mas em Londres? Eles com certeza eram os autores do ato de vandalismo.

Eles me chamavam de Judas o tempo todo e haviam jogado contra o Chelsea no fim de semana, portanto estariam na cidade até segunda-feira. Não sabia como eles tinham conseguido fazer aquilo sem que ninguém percebesse (infelizmente, meu carro estava estacionado em um ponto que as câmeras de segurança não captavam), mas não importava. O que importava era que eles tiveram a audácia de fazer aquilo.

Embora o carro fosse meu, o restante do clube encarou o ocorrido como uma afronta pessoal. Até mesmo o técnico ficou com raiva, e eu não era sua pessoa favorita naquele momento. O fato de o Holchester ter ido ao *nosso* centro de treinamento e vandalizado um bem *nosso* foi uma declaração de guerra, por isso esperamos. Esperamos até que eles voltassem à cidade duas semanas depois para jogar contra o Arsenal antes de confrontá-los.

Naquela noite, Vincent, Noah, Adil e vários outros jogadores se juntaram a mim no Angry Boar, onde o time do Holchester sempre se reunia depois de uma partida em Londres.

Mac havia banido Lyle depois que ele me empurrou, então ele não estava à vista. No entanto, Bocci estava jogando bilhar com um colega de time quando chegamos. O outro jogador nos viu primeiro e cutucou o capitão, que se endireitou e se virou.

Um sorriso se espalhou lentamente pelo rosto dele.

– Olha quem está aí. Donovan finalmente dando as caras. Pensei que fosse ter que ir atrás de você depois que fugiu do último jogo feito um covarde.

Não dei bola para a provocação. Todos no Reino Unido – ou melhor, no *mundo* – sabiam o verdadeiro motivo da minha ausência na partida contra o Holchester.

Meu relacionamento com Scarlett tinha sido o principal assunto dos tabloides nas últimas duas semanas. Todos os sites de notícias, todas as revistas e todos os podcasts de celebridades estavam falando sobre nós dois. Scarlett mal conseguia entrar na RAB sem ser abordada pelos paparazzi. As pessoas a paravam nas ruas para tirar fotos, e ela teve que fechar suas redes sociais depois de ser inundada de seguidores e comentários (nem todos agradáveis). Ela lidou com a avalanche de atenção da melhor forma possível, dadas as circunstâncias, mas aquilo estava afetando a nós dois.

Tudo isso para dizer que Bocci estava falando merda ao insinuar que eu estava com medo de jogar contra ele. Ele estava tentando me irritar, e eu não lhe daria esse prazer.

– Não vou ter essa conversa com você aqui – falei, seco. Olhei para Mac, que parecia estar a segundos de nos expulsar, com ou sem briga. – Me encontra lá fora, a menos que você queira se juntar ao Lyle… Humm, cadê ele? Comendo pizza sozinho no quarto do hotel, imagino.

Bocci semicerrou os olhos, mas, assim como eu, ele não queria ter o mesmo destino de Lyle e ser exilado do pub. Ele me seguiu rumo ao beco atrás do estabelecimento, com nossos times no encalço.

Os outros clientes até tentaram fingir que não estavam atentos a cada movimento nosso, mas eu os ouvi zumbir de entusiasmo conforme nos encaminhávamos para a saída do pub.

No momento em que a porta se fechou, agarrei Bocci pela frente da

camisa e o empurrei contra a parede. Os outros jogadores do Holchester imediatamente se revoltaram e vieram na nossa direção, mas meus colegas de time os bloquearam.

Os dois lados se encararam, tomados pela ameaça de violência que pairava no ar. O calor do verão dera lugar a um frio de início de outono, mas o beco cheirava a lixo mesmo assim.

– Sobre o que você fez com meu carro... – Apertei com mais força a camisa de Bocci. – Eu sabia que vocês eram uns babacas, mas não sabia que também eram uns criminosos de merda.

– Não sei do que você tá falando – afirmou Bocci, tentando agir com indiferença, embora seus olhos faiscassem com ódio. – Moramos em cidades diferentes, Donovan. Você acha que é tão importante assim a ponto de arriscarmos nossas carreiras pra fazer sei lá o quê com o seu carro?

– Vocês são as únicas pessoas que poderiam ter feito isso – vociferei. – *Judas*, seu apelido favorito pra mim. Quem mais poderia arranhar isso na lateral do meu Jaguar?

Uma sombra do que pareceu ser surpresa genuína cruzou o rosto de Bocci antes de ele dar uma risada.

– Detesto ter que te dizer isso, Donovan, mas há muitas pessoas que te chamam assim e muitas outras que te desprezam a ponto de arranhar um dos seus carros preciosos. Você não pode usar a gente como bode expiatório pra tudo.

– Não tem a ver com usar vocês de bode expiatório. Tem a ver com honra. Você quer me atacar? Tenha colhões pra fazer isso na minha cara. Esse tipo de artimanha traiçoeira é coisa de covarde.

O sorriso de Bocci desapareceu.

– Você quer falar sobre honra? Que tal falarmos sobre *lealdade*? – sibilou ele.

Meu sangue subiu à cabeça outra vez. Eu estava com as presas à mostra e pronto para atacar.

– Foi uma *transferência*, e já se passaram nove meses! Supera!

– Você sabe que não se trata da porra da transferência! – gritou ele. – Você pode mudar de time quando quiser. É uma realidade na liga. Mas nos deixar na mão e nos trocar pelo Blackcastle no meio da temporada? – Ele cuspiu no chão. – Você nem se deu ao trabalho de falar com a gente antes. Num dia, você estava com a gente e, no outro, estava contra nós. *Isso* é

covardia.

O ar se transformou em uma lama tóxica.

Ninguém se mexeu. Ninguém sequer respirava, mas a tensão era tão palpável que eu sentia o gosto amargo dela no fundo da língua.

Bocci não tinha dito nada que eu já não soubesse. Eu *sabia* que deveria ter contado aos meus colegas de time primeiro, mas temia que a notícia chegasse ao meu pai e ele me dissuadisse antes de eu assinar o contrato.

Eu entendia por que meu ex-time se sentia traído, mas, repetindo, já haviam se passado nove meses. Eu não tinha matado um de seus familiares nem instigado uma campanha de ódio contra eles no Blackcastle. Eles estavam se agarrando a algo que já tinha ficado para trás havia tempos, e *nada* disso era motivo suficiente para o que fizeram.

Não se tratava do carro em si, mas do que aquele ato de vandalismo significara: uma completa falta de respeito e de espírito esportivo.

– Eu pedi desculpas – grunhi. – Assim que a notícia foi divulgada, eu *pedi desculpas* por não ter contado pra vocês antes. Esse rancor é desnecessário, assim como aquela palhaçada com o meu carro.

Bocci franziu os lábios. Ele ignorou completamente o que eu tinha dito.

Uma nova onda de irritação me invadiu, mas me recusei a entrar em outra briga. Não quando já estava em terreno instável com o técnico e com os paparazzi na minha cola. Qualquer coisa que eu fizesse teria uma repercussão dez vezes maior do que o normal, dado o atual escrutínio a que estava sendo submetido.

Cerrei os dentes, mas depois de refletir bastante e me perguntar se havia alguma possibilidade de eu dar um soco nele e me safar (o estresse não valia a pena), soltei Bocci e dei um passo para trás.

No entanto, a tensão não diminuiu. Pelo contrário, aumentou.

– Posso mandar um papo reto? Vou te fazer uma proposta melhor – disse Bocci. – Vamos correr. Daí a gente acaba com esse *rancor* de uma vez por todas. Se você ganhar, a gente te deixa em paz. Ainda vamos trocar farpas em campo, mas você nunca mais vai ouvir uma palavra sobre Judas ou a transferência. Se eu ganhar… – Um brilho sinistro surgiu em seus olhos. – Aquele Jaguar é meu… depois que você consertar a porta, é claro.

Desgraçado maldito.

Ele não queria o carro. Ele queria um símbolo da sua vitória. Ele queria uma prova de que era melhor do que eu de alguma maneira. Toda vez que

dirigisse o carro, ele sentiria uma pontada de triunfo por ter me vencido.

Era uma pena para ele que isso jamais fosse acontecer.

Meus punhos se fecharam. Precisei de toda a minha força de vontade para não aceitar o desafio e fazê-lo engolir o que disse. Senti tanta vontade de ver a cara dele depois de perder feio que meu sangue ferveu.

No entanto, correr seria pior do que outra briga, e eu havia prometido a Scarlett que não faria mais isso… por mais que eu quisesse.

– Qual é o problema? – Bocci arqueou uma sobrancelha, sua expressão ganhando um ar debochado. – Tá com medinho outra vez? Vai se acovardar como fez no jogo?

Mordi a língua com tanta força que um leve gosto metálico invadiu minha boca. Meu orgulho me incitava a dizer alguma coisa, a provar que ele estava errado.

Havia chegado lá com meu time, pronto para enfrentar Bocci, e o que eu tinha para oferecer? Meia dúzia de palavras inúteis? Se não ia brigar com ele e não ia correr contra ele, o que estava fazendo ali? Era melhor ter ficado em casa fumegando de raiva à distância.

Você prometeu à Scarlett, me alertou uma voz, para que eu me afastasse do precipício.

A Scarlett não precisa saber. Outra voz, mais venenosa, adentrou meus ouvidos, prometendo que eu não seria punido por aquele pecado. *É uma corrida. Só isso.*

– Você não aceitou meu desafio da primeira vez. Agora está fugindo cheio de medo de novo. – Bocci fez uma careta, fingindo decepção. – Você perdeu a manha, Donovan. É só uma questão de tempo até todo mundo descobrir que você não é o menino de ouro que aparenta ser. Você fala que estamos guardando rancor há tempo demais, e talvez estejamos mesmo. Mas eu te dei uma chance de acabar com essa briga de uma vez por todas, e foi *você* quem recusou. – Ele acenou com a cabeça para os jogadores calados reunidos ao nosso redor. – Temos muitas testemunhas que podem confirmar isso.

Meu coração martelava no peito com uma força violenta. As provocações de Bocci se misturaram a trechos do meu passado, fazendo lembranças indesejadas invadirem minha mente.

Você nunca vai chegar a lugar algum.

O futebol é um sonho ridículo.

Porra, Asher, você não está se esforçando tanto quanto deveria! Você quer passar a vida sendo o segundo melhor?

Prometa para mim que você vai jogar por nós dois. Você tem o que é necessário para ser o melhor jogador de futebol do mundo. Não desperdice essa oportunidade.

Você perdeu a manha, Donovan.

O seu time ou o seu filho?

Meus antigos professores, meu pai, Teddy… As vozes fragmentadas cravaram suas garras em minha razão e a rasgaram em pedaços, me atordoando e me fazendo sangrar no beco escuro.

Faça.

Não faça.

Vá embora.

Você não pode deixar que ele dê a última palavra.

O último suspiro de racionalidade morreu sob o rugido do sangue se agitando em meus ouvidos.

Havia passado muito tempo sendo correto. Aguentei as provocações e as mensagens de ódio em silêncio, sem revidar, mas estava *cansado* de ser correto.

Bocci e meu ex-time diziam que valorizavam a lealdade, mas na verdade só queriam me humilhar. Arrastavam seus ressentimentos por aí porque ter um alvo fazia com que se sentissem bem. A menos que eu os colocasse em seu devido lugar, eles seguiriam me hostilizando até eu me irritar ou eles ficarem entediados.

Não tinha chegado àquele ponto da carreira sendo passivo e esperando que as coisas acontecessem para mim. Aquela era a *minha* vida e a *minha* reputação. Estava na hora de retomar o controle sobre elas.

– Não tenho medo de nada nem de ninguém, Bocci, muito menos de você – disse, meu sorriso uma lâmina branca no escuro. – Você quer correr? Tudo bem. Vamos correr agora mesmo.

• • •

A notícia da competição de última hora se espalhou como fogo em um determinado segmento da comunidade de corridas clandestinas da cidade.

Não sei quem os havia alertado sobre o evento, mas, quando chegamos ao local designado para o encontro no norte de Londres – o mesmo local onde tinha corrido contra Clive e vencido –, havia cerca de vinte pessoas à nossa espera. A maioria delas eram atletas.

Simon estava lá. Assim como o próprio Clive, que eu não via desde nosso encontro duplo. Tinha ido com colegas do rúgbi e ficaram observando quando Bocci e eu saímos de nossos carros e fomos falar com algumas pessoas.

Eu os cumprimentei apenas com um breve aceno de cabeça. Continuava não gostando de Clive e não o havia perdoado por ter arrastado Scarlett para o meio de nossa rusga durante o verão. Ele também parecia não ter me perdoado por ter ferido seu ego.

Ele deu um tapinha nas costas de Bocci e disse algo que o fez rir. Não havia dúvida de para quem ele torceria na corrida daquela noite.

Noah parou ao meu lado depois que terminei de falar com Simon, que estava de volta, com o pé totalmente curado.

– Tem certeza de que é uma boa ideia? – perguntou ele, calmamente. – Você ainda está na mira do técnico. Se ele descobrir…

– Ele não vai descobrir. – A adrenalina corria em minhas veias, anulando meu senso de perigo. O técnico, os paparazzi, a pequena mas sempre presente possibilidade de bater. Nada disso existia naquele momento. Havia apenas o brilho sedutor da vitória. – Não posso dar pra trás depois de ter aceitado a corrida. Você sabe disso.

Noah franziu a testa, sua expressão confusa. Ele não tentou me convencer a desistir da corrida outra vez, mas se afastou do resto da multidão, claramente inquieto em meio aos gritos e risadas que ecoavam pelo ar.

Fiquei surpreso de vê-lo lá. Normalmente ele estaria em casa com a filha naquele horário, mas havia contratado uma babá recentemente, então talvez tivesse mais liberdade para ficar fora até tarde.

Bocci ainda não havia terminado de fazer sua ronda. Deixei que ele levasse o tempo que quisesse. Em meia hora, mais ou menos, ele não estaria tão feliz.

– Asher.

Eu me virei ao ouvir a voz de Vincent. Ele estava entre mim e meu carro, com o rosto parcialmente encoberto pelas sombras. Não sabia da minha

promessa à irmã dele, e eu não contei. Não podia me deter nisso naquele momento. Não quando estávamos a segundos de iniciar a corrida.

Vincent baixou o queixo em um leve aceno de cabeça.

– Boa sorte.

Acenei de volta, e pronto. Nada mais precisava ser dito. Dois minutos depois, a corrida finalmente começou.

Bocci e eu entramos em nossos carros – a Lamborghini dele contra meu fiel Bugatti. Ele morava em Holchester, mas tinha uma casa em Londres e mantinha parte de sua coleção de carros na cidade.

Dirigimos até o ponto de partida designado na rua principal.

Agarrei o volante, o corpo tomado de nervosismo e expectativa.

Uma voz gritava baixinho que aquilo era uma má ideia e que eu deveria desistir antes que fosse tarde demais, mas *já era* tarde demais. Como disse a Noah, não poderia dar para trás – não sem causar danos irreparáveis à minha reputação.

Aquele confronto com Bocci vinha se desenhando havia meses. Olhando para trás, foi bobagem minha supor que seríamos capazes de resolver nossas diferenças com uma partida educada e com regras em campo. Precisava ser algo mais visceral. Mais pessoal.

O rosto de Scarlett pairava em meus pensamentos, mas, pela primeira vez desde que começamos a namorar, decidi afastá-lo.

Odiava quebrar a promessa que tinha feito a ela, mas não estava correndo naquela noite por uma emoção desnecessária. *Precisava* fazer aquilo. Era a única maneira de encerrar esse capítulo do meu passado.

Me perdoe, querida.

Apertei o volante com mais força.

Tudo o que eu precisava fazer era vencer aquela última corrida. Depois disso, estaria livre de vez.

Simon se ofereceu para fazer a contagem regressiva, e a rotação dos motores abafou tudo, exceto os segundos seguintes.

Três.

Dois.

Um.

A bandeira desceu, e nós disparamos.

CAPÍTULO 46

SCARLETT



Odiava os paparazzi com uma intensidade ácida e ardente.

Achava que os odiava quando eles emboscaram a mim e a Asher na RAB, mas isso não se comparava à aversão que sentia por eles agora.

Eles estavam *por toda parte* – na escola, em frente à minha casa, na cafeteria que Carina e eu costumávamos frequentar todo fim de semana antes de se tornar um antro de jornalistas porque, aparentemente, as pessoas queriam ver a namorada de Asher Donovan tomar chá e devorar scones.

Fazia duas semanas que a notícia de nosso relacionamento havia sido divulgada e uma semana que tínhamos saído do Ashworth. Felizmente, a equipe de segurança que Asher contratou fez um bom trabalho ao manter os paparazzi longe do meu prédio, mas eu não gostava de ter um guarda-costas vigiando cada movimento meu.

Já não tinha privacidade aos olhos do público; não precisava perdê-la em casa também.

– Olha pelo lado positivo. – Carina espalhou mais um pouco de iogurte natural em meu rosto. – Pelo menos não disseram nada desagradável sobre você. A maior parte da cobertura tem sido bastante positiva.

Carina, Brooklyn e eu estávamos tendo uma noite de spa em casa, no apartamento de Brooklyn. Era o nosso primeiro encontro do tipo desde a minha internação, e estávamos mantendo a discrição para que: 1) não tivéssemos que lidar com desconhecidos e 2) eu não corresse o risco de fazer esforço demais.

Eu já estava quase recuperada do colapso, mas precisava ser muito cuidadosa sobre como e onde gastar minha energia.

– *Até agora* tem sido positiva, sim – concordei. – Mas você sabe como é a imprensa. Eles são mais inconstantes do que o clima. Além disso, a imprensa não é o único problema.

Embora os tabloides tivessem sido surpreendentemente contidos na cobertura, havia um grupinho barulhento da internet que estava chateado porque achava que eu havia "roubado" Asher deles. Tentei bloquear qualquer pessoa mal-intencionada que tivesse começado a me seguir antes de eu fechar minhas redes sociais, mas logo aprendi a não olhar as solicitações de mensagens. Era uma verdadeira loucura por lá.

– Isso tudo vai passar logo – disse Brooklyn, com otimismo. Ela se sentou na poltrona em frente ao sofá, com o rosto coberto de mel. – Ouvi dizer que um casal famoso vai se divorciar a qualquer momento. Quando essa batalha começar, todo mundo vai seguir em frente.

Aquele parecia ser o meu mantra. *Todo mundo vai seguir em frente.*

– Espero que sim – disse.

Nunca havia me envolvido em *nenhum* tipo de escândalo de celebridades. Apesar de meu irmão ser conhecido publicamente, eu ficava longe dos holofotes, portanto, ter desconhecidos examinando cada aspecto da minha vida era, no mínimo, desconcertante.

Todos tinham uma opinião sobre minha aparência, minhas roupas, minha dieta e se uma professora de balé era "boa o suficiente" para o maior atleta da Inglaterra. Eles também perseguiam meu irmão, devido à sua notória rivalidade com Asher, mas eu recebia a maior parte do escrutínio. Nem mesmo Asher recebia tanta atenção assim. Eu era a incógnita, o item novo e reluzente que eles podiam analisar e dissecar. Eu odiava isso.

– Sua mãe ainda está ameaçando ir morar com você até tudo isso passar? – perguntou Carina.

Ela pegou a tigela com fatias de pepino e colocou duas delas sobre os olhos.

– Mais ou menos, mas eu a convenci a ficar em Birmingham por enquanto. Não seria bom pra ninguém ter minha mãe por aqui, tentando planejar nosso hipotético casamento enquanto se esquiva dos paparazzi.

Meus pais não estavam muito empolgados com a interminável cobertura da imprensa, especialmente meu pai, que considerava qualquer atenção

pública uma atenção indesejada. Minha mãe estava reticente, mas também muito feliz com o fato de eu *finalmente* estar namorando alguém. Com certeza ela já tinha um álbum de recortes repleto de sugestões de bolos e amostras de rendas guardado em sua gaveta de cabeceira.

Ironicamente, tirando a briga no hospital, meu irmão foi quem aceitou melhor meu novo relacionamento. Eu havia me desculpado por ter mentido para ele, e Vincent me garantiu que já tinha superado, mas eu ainda me sentia um pouco mal pela situação toda.

– Que pena. Eu ia *adorar* ver sua mãe enfrentando os paparazzi. – Brooklyn riu quando dei um chutinho no pé dela. – Tipo, ela vem para Londres em algum momento, né? Pra apresentação da equipe?

Estremeci. Minha mãe ficou radiante quando soube do Asher, mas nada comparado ao seu *êxtase* depois que lhe contei que faria o papel principal em *Lorena*.

A perspectiva de me apresentar na frente dela e, bem, de todas as outras pessoas ainda me agoniava, mas pelo menos Lavinia não havia me expulsado do espetáculo.

A diretora ficou furiosa quando descobriu que eu havia desmaiado porque não havia dado atenção ao meu corpo e feito esforço demais, rápido demais. Depois de uma palestra de vinte minutos sobre a importância do autocuidado adequado para bailarinos, ela ameaçou me expulsar do espetáculo e encontrar uma substituta de última hora para Lorena. Era uma atitude arriscada, levando em consideração que a apresentação seria dali a apenas dois meses, mas ela estava furiosa *nesse* nível.

Felizmente, depois de muito implorar e tentar dissuadi-la, eu a convenci a me manter no elenco, desde que eu apresentasse um atestado médico toda semana me liberando para os ensaios. Havia aprendido a lição. Descansava bastante nos dias em que não estava ensaiando e comecei a fazer fisioterapia semanalmente para garantir que meu corpo recebesse os cuidados necessários.

Até então, estava indo tudo bem.

Asher até me comprou um novo colchão aquecido personalizado, projetado especialmente para pessoas com dores crônicas. Havia hesitado quando vi o preço pela primeira vez, mas me ajudava tanto que parei de resistir.

Falando em Asher…

Verifiquei o celular. Havia mandado uma mensagem meia hora antes para saber como estava indo a noite com o time, mas ele ainda não tinha respondido. Normalmente, ele respondia rápido, mas presumi que estivesse muito ocupado com o que quer que estivessem fazendo.

Um sorriso tocou meus lábios. Esperava que ele estivesse se divertindo. Asher nunca chegara a comentar nada, mas eu sabia que ele queria ter uma relação mais forte de camaradagem com os colegas de equipe.

– Então, todas nós concordamos que os paparazzi são irritantes e invasivos, *mas* você tem que admitir que o que Asher fez foi muito romântico – disse Carina enquanto eu guardava meu telefone. Ela removeu as fatias de pepino para olhar para mim. – Não é de se admirar que o público esteja adorando. O jogador de futebol mais famoso do país abandonando uma partida importante para correr até uma cama de hospital depois de você se acidentar? *Fofo demais*. Isso é coisa de cinema. Não que nós quiséssemos que você se machucasse – acrescentou ela, na mesma hora. – Mas você entendeu o que eu quis dizer.

– Ela tem razão. – Brooklyn esticou os braços acima da cabeça. – Você fisgou um dos poucos jogadores de futebol que prestam. Você deve ter acumulado uma tonelada de bom carma em vidas passadas.

Dei risada. Ainda me sentia um pouco culpada por Asher ter faltado ao jogo para me ver, mas a alegria superava a culpa. Quando foi a última vez que alguém se preocupou comigo a ponto de me colocar em primeiro lugar?

Nunca. Rafael certamente não havia feito isso, nem nenhum de meus namorados anteriores.

Agora que todo mundo sabia sobre nós dois, era como se um peso tivesse sido tirado de nosso relacionamento. Antes, esse peso havia me ancorado à terra com correntes de preocupação e ansiedade.

Naquele momento… naquele momento, não havia nada que me impedisse de despencar em queda livre em um lugar que havia jurado nunca mais botar os pés. Nenhuma proteção, nenhuma rede de segurança.

Achei que seria assustador, mas era emocionante, porque eu sabia quem estaria me esperando lá embaixo. Confiava que ele me pegaria.

Ele sempre fazia isso.

– Olha só como você tá vermelha – provocou Carina. – Acho que nossa garota está apaixonada.

– *Para com isso*.

Meu rosto ficou mais quente, mas não consegui conter um sorriso. Apesar de minhas reclamações, as dores de cabeça e o drama das últimas duas semanas teriam valido a pena se isso significasse que Asher e eu poderíamos namorar abertamente quando tudo isso acabasse. Sloane havia partido de Londres para lidar com uma crise de outro cliente, mas havia nos aconselhado a não oferecer mais conteúdo aos paparazzi por enquanto. Até então, havíamos seguido o plano dela, mas, um dia, não precisaríamos mais nos esconder em nossas casas.

Entretanto, não queria passar a noite falando de mim, então tentei levar a conversa para outra direção:

– Por falar em jogadores de futebol, como vai o estágio? – perguntei a Brooklyn.

– Ótimo. – O rosto dela se iluminou. – Jones, a nutricionista-chefe, é maravilhosa, e estou aprendendo muito.

– Se estiver procurando outra estagiária remunerada, me avisa. – Carina suspirou. – Meu trabalho de barista não está dando certo.

Ela havia aceitado um emprego de fim de semana em nossa cafeteria local. Infelizmente, ela era ótima em beber lattes especiais, mas não em prepará-los. Tomei um gole do latte de lavanda na outra semana e quase o cuspi de volta. Fui até o fim por puro amor à minha melhor amiga e pela minha capacidade de tomar uma bebida quente sem respirar.

Não é preciso dizer que o futuro de Carina no Peggy's Place parecia sombrio.

– Você tem interesse em nutrição? – perguntou Brooklyn.

Carina torceu o nariz.

– Tenho interesse em comida. Conta?

Brooklyn conseguiu rir e fazer uma careta ao mesmo tempo.

– É um começo, mas não sei se nosso coordenador iria concordar…

Enquanto minhas amigas pensavam em outros possíveis trabalhos paralelos (incluindo, mas não se limitando a guia de museu, influenciadora e designer de cartões comemorativos), fechei os olhos e desfrutei da sensação de *normalidade*.

Normalidade era algo escasso naquela época, e eu a aproveitava sempre que podia.

Com relutância, abri os olhos novamente quando meu telefone apitou com um alerta de notícias. Passei os primeiros dias depois do hospital

tentando ignorar toda e qualquer matéria sobre mim, mas desde então havia chegado à conclusão de que era melhor ficar por dentro das notícias do que por fora.

Havia definido um alerta para o meu nome e o de Asher. Felizmente, a maioria das "notícias" até então era neutra ou completamente ridícula (de acordo com um tabloide, nós nos envolvíamos regularmente em festas de swing e BDSM em um clube de sexo clandestino. Essa versão de mim parecia ser incrível, mas meu corpo jamais conseguiria fazer aquelas coisas todas).

Entretanto, quando verifiquei o alerta, não se tratava de outra matéria sobre o que vesti naquela semana ou especulações sobre o que Vincent *realmente* achava de nosso namoro.

Era…

O calor se esvaiu do meu corpo.

Não. Aquilo era piada. Devia ser um artigo de um desses sites de notícias satíricas, porque *não podia* ser real. Eu me recusava a acreditar.

Minhas amigas deviam ter percebido minha mudança de humor, pois a conversa entre as duas parou abruptamente.

– Scarlett? O que houve? – perguntou Carina.

Sua voz parecia estar vindo de muito longe.

Não respondi. Não conseguia.

Tudo o que conseguia fazer era olhar para as palavras na tela do meu celular enquanto lingotes de chumbo se acumulavam em meus pulmões, interrompendo o fluxo de oxigênio.

Fiquei esperando que as letras se reorganizassem em uma nova frase, uma que eu fosse capaz de aceitar, mas a manchete permaneceu a mesma.

NOTÍCIA DE ÚLTIMA HORA: Asher Donovan é levado às pressas para o hospital após acidente de carro no norte de Londres.

CAPÍTULO 47

SCARLETT



A ironia de estar correndo para o hospital por causa de Asher depois de ele ter feito o mesmo por mim duas semanas antes não me passou despercebida, mas não me detive na semelhança de nossa situação.

Estava ocupada demais tentando não hiperventilar e perder a cabeça de vez.

Brooklyn acelerava pelas ruas do centro de Londres enquanto Carina monitorava as notícias para ver se havia alguma novidade (nenhuma até então). Elas entraram em ação assim que descobriram o que havia acontecido, e eu estava tão atordoada que não tive energia sequer para me preocupar com a maneira como Brooklyn dirigia.

Meu estômago se remexia a cada solavanco e parada. Estava *muito* perto de vomitar, mas, se isso acontecesse, acabaríamos demorando mais.

Eu não podia nos atrasar. Não quando cada minuto contava.

O noticiário informava para qual hospital Asher tinha sido levado, mas os artigos eram tão pobres em detalhes que minha imaginação se agarrou aos espaços em branco e os preencheu com imagens horríveis.

Asher quebrado. Asher queimado. Asher… Meu jantar ressurgiu em minha garganta. Enrosquei os dedos na borda do assento e tentei com todas as forças me manter sã até chegarmos ao hospital.

Um. Dois… Um pequeno soluço interrompeu minhas tentativas de respirar. Eu me agarrei com ainda mais intensidade ao assento e lutei contra outro soluço.

Três.

Quatro.

Assim que Brooklyn estacionou, abri a porta e saí correndo em direção à entrada. Carina gritou alguma coisa, mas não consegui ouvi-la por causa do barulho.

A multidão… Meu Deus, se eu achava que a presença dos jornalistas quando saí do hospital tinha sido uma loucura, a imensa quantidade de paparazzi lá naquela noite era impressionante. Transformava tudo que eu havia enfrentado até então numa festinha de família no quintal da minha avó.

– Olha lá! É a Scarlett! – Um deles me viu, e os demais desceram como abutres sobre carcaças frescas.

– Scarlett, você sabe como o Asher está?

– O que você acha sobre o acidente?

– Os ferimentos dele são graves?

– Scarlett!

– *Scarlett!*

Eles se fecharam ao meu redor em um oceano ondulante e fervilhante. As câmeras piscavam a cada segundo, tornando quase impossível enxergar qualquer coisa à frente. Minha náusea ficou ainda mais forte e deu lugar a uma espécie de vertigem.

– Saiam do meu caminho! – gritei, mas minha voz se perdeu naquela cacofonia.

Tentei atravessar a multidão, mas havia muitos deles.

O pânico e a claustrofobia imprensaram meus pulmões. O mundo girava. Eu tinha que passar. *Precisava* passar antes que ele… se ele…

Pontos pretos dançavam diante de meus olhos.

Respire. Preciso respirar. Eu preciso…

– Ela disse pra *sair da porra do caminho*! – A raiva audível de Brooklyn emergiu do barulho.

Ouvi vários gritos de surpresa seguidos de um grunhido de dor antes de mãos firmes agarrarem meus braços e me arrastarem para fora da cova das serpentes.

O ar frio substituiu o calor sufocante.

Os pontos foram diminuindo aos poucos, e inspirei um sopro de oxigênio fresco tão rápido que tive um acesso de tosse.

Paramos no saguão do hospital. Alguém me entregou uma garrafa de água, da qual bebi metade, agradecida.

– Melhor? – perguntou Carina quando terminei e sequei a boca com as costas da mão.

Assenti, exausta demais para dar uma resposta coerente.

– Preciso encontrar o Asher.

Uma nova onda de pânico inundou meu alívio temporário.

– Deixa comigo. – Brooklyn soltou meu outro braço e foi direto para a recepção. Foi preciso insistir, mas a incessante cobertura da imprensa sobre mim acabou sendo útil quando uma das enfermeiras me reconheceu como a namorada de Asher.

Eles se recusaram a me dar informações atualizadas sobre sua condição, mas permitiram que eu subisse até o andar VIP com minhas amigas, escoltadas pela segurança.

O elevador pareceu demorar uma eternidade. Ninguém falava, e eu não conseguia parar de tremer por causa do frio polar que tomava conta do meu corpo.

Estava desesperada para ver Asher, mas também temia esse momento. Qual era o estado dele? Por que a enfermeira não me disse nada? Se ele estivesse bem, ela teria me dito, certo?

As luzes perfuravam meus olhos. Por que o elevador ia *tão* devagar? Se eu tivesse que ficar presa naquela gaiola de aço por mais um segundo, começaria a gritar. Apertei o botão várias vezes, como se isso fosse fazer o elevador andar mais rápido. O segurança que nos acompanhava abriu a boca, mas fechou assim que Brooklyn lançou um olhar mordaz em sua direção. Finalmente, chegamos ao nosso andar. As portas se abriram, e eu saí correndo sem esperar por ele ou por minhas amigas.

Elas poderiam me encontrar mais tarde. Em um hospital, um segundo pode representar a diferença entre a vida e a morte.

Enfermeiras e funcionários assustados abriram caminho para evitar colidir comigo enquanto eu corria pelo corredor, procurando freneticamente o quarto de Asher. Por sorte, havia apenas algumas suítes no andar VIP, e encontrei a dele ao dobrar uma esquina, bem no final do corredor.

Uma figura familiar de cabelo escuro estava sentada em frente à porta.

Ele ergueu a cabeça e arregalou os olhos ao me ver. Ele se levantou assim

que o alcancei.

– Vincent. – O nome do meu irmão saiu metade soluço, metade súplica. Agarrei o braço dele, meu coração um caos dentro da caixa torácica. Não queria perguntar, mas precisava saber. Tinha que me preparar. – A enfermeira não me… Ele está…

– Ele está bem. Vários machucados superficiais, mas está bem. – Vincent soltou delicadamente meu aperto de morte e segurou minha mão, o rosto pálido, mas a voz firme. – Eles ainda estão fazendo alguns exames, mas ele está vivo e relativamente ileso.

Meus joelhos se dobraram de alívio.

Vivo. Ele está vivo. A palavra ressoou em meus ouvidos.

Uma pequena e mórbida parte de mim estava tão convencida de que eu chegaria e encontraria Asher morto que não conseguia assimilar as palavras de Vincent. Elas flutuavam nas bordas da minha mente, suspensas por um medo irracional de que meu irmão tivesse, de alguma forma, se enganado e Asher estivesse realmente à beira da morte.

– Eles não autorizaram o time todo a entrar, então me ofereci pra ficar e manter todo mundo atualizado. – Vincent esfregou o rosto, as olheiras profundas denunciando sua exaustão. – Eu deveria ter te ligado antes, mas perdi meu telefone a caminho do hospital. Quando cheguei aqui, as coisas estavam tão caóticas que me esqueci. Estava recuperando o fôlego quando você chegou.

– Você estava com ele quando isso aconteceu? – Meu lábio inferior tremeu. – O que aconteceu *exatamente*?

Vincent estava no banco do passageiro? Se sim, por que estava completamente ileso enquanto Asher estava todo machucado? Asher não me disse o que o time faria aquela noite, mas álcool, testosterona e carros eram geralmente uma mistura perigosa. Será que ele estava dirigindo bêbado?

Uma ponta de inquietação corroeu meu alívio.

Vincent hesitou.

– É melhor você falar com ele quando os médicos liberarem. – Ele olhou por cima do meu ombro e, ao me virar, vi Carina, Brooklyn e o segurança vindo em nossa direção.

Nosso acompanhante parou no final do corredor quando viu que eu estava com Vincent. Minhas amigas se aproximaram e cumprimentaram

meu irmão, preocupadas.

Enquanto isso, eu olhava para a porta fechada do quarto de Asher, torcendo para que ela se abrisse.

Se eu pudesse vê-lo rapidinho, minhas preocupações inoportunas cessariam. Vincent disse que estava bem, então ele estava *bem*. Seu bem-estar era a única coisa que importava, não a causa do acidente.

Ainda assim, a inquietação permaneceu até que o médico e a enfermeira finalmente saíram e me autorizaram a vê-lo.

– Estaremos aqui se você precisar – disse Carina, apertando meu braço.

Assenti e fui até o quarto, meu coração vacilando.

Nos últimos quatro meses, tinha visto o interior de um hospital mais vezes do que nos últimos anos, e estava farta disso. Farta do cheiro, farta da forma como os sapatos das enfermeiras rangiam contra o piso de linóleo, farta da nuvem opressiva de pavor e expectativa que se espalhava pelos corredores como um espectro letal.

No entanto, qualquer sentimento negativo que eu tivesse em relação ao espaço desapareceu ao ver Asher sentado na cama, vivo e inteiro, a um metro de distância. Como Vincent havia me avisado, ele estava mesmo todo arranhado, cheio de cortes e hematomas, mas estava *lá*.

Lágrimas marejaram meus olhos.

– Oi, querida. – Ele deu um sorrisinho. – Preferia que você tivesse ligado e me dito que viria. Não estou nas melhores condições no momento.

As lágrimas escorreram pelo meu rosto, e sufoquei um grunhido que expressava ao mesmo tempo raiva e alegria.

– Asher Donovan, agora *não é* hora de fazer piadas.

A expressão dele ficou mais suave.

– Eu sei. Desculpa. – Ele abriu os braços. – Vem cá.

Ele não precisou pedir duas vezes. Em um instante, estava ao seu lado, meu rosto enfiado em seu pescoço, e Asher me abraçava com força. Soluços faziam meu corpo sacudir, as lágrimas caindo em uma torrente constante.

NOTÍCIA DE ÚLTIMA HORA: Asher Donovan é levado às pressas para o hospital após acidente de carro no norte de Londres.

Eu não tinha palavras adequadas para descrever os sentimentos que me envolveram quando vi aquela manchete pela primeira vez. *Nunca* havia experimentado um medo tão gélido e visceral, nem mesmo quando estava sentada no banco de trás de um táxi e vi outro carro vindo na minha direção

a quase cem quilômetros por hora.

Se eu morresse, teria o alívio da falta de consciência. Não sentiria dor nem tristeza; simplesmente *desapareceria*.

Mas, se alguém que eu amava morresse, eu teria que viver sem essa pessoa para sempre. Essa dor eclipsaria qualquer outra coisa que eu já tivesse sentido – principalmente se essa pessoa fosse Asher.

Porque eu não apenas estava apaixonada por ele: eu o *amava*. Estava tão apaixonada por ele que a ideia de ele morrer *me* dava vontade de morrer. A constatação me atingiu com a força de uma bala, e o sentimento era tão desconhecido, tão avassalador, que eu não fazia ideia de como lidar com ele.

Então, deixei que o excesso de emoção saísse pelos meus olhos e pela minha garganta, enchendo a sala com a intensidade dos meus soluços.

– Não chora. – Asher beijou o topo da minha cabeça, com a voz tensa. – Está tudo bem, querida. Eu estou bem.

– Os médicos já… você vai poder…

– Eu ainda vou poder jogar futebol. – Ele entendeu o que eu estava perguntando. Além da morte, seu pior pesadelo teria sido uma lesão que poria fim à sua carreira. – Tive uma concussão, várias lacerações e uma torção no tornozelo, por isso vou ficar de fora de algumas partidas. Eles ainda estão aguardando os resultados de alguns exames, mas o médico está confiante de que vou estar totalmente recuperado em algumas semanas.

Finalmente me recompus, me endireitei e levantei a cabeça. Funguei e sequei meus olhos inchados. Devia estar horrorosa, mas não me importei. Já havia passado do ponto de me constranger.

– Que bom. Fico feliz que você esteja bem, porque eu pensei que… Houve um momento em que… – Minha voz embargou.

Os olhos de Asher se suavizaram ainda mais.

– Eu estou bem – repetiu. – Eu juro.

Assenti e sequei as bochechas novamente.

– O que aconteceu? – Solucei. – Alguém bateu em você?

Queria poder passar todo o nosso tempo ali abraçando-o, beijando-o e ignorando os acontecimentos daquela noite, mas, até que eu soubesse o que havia causado o acidente, minha imaginação continuaria a correr solta.

Asher hesitou.

– De certa forma, sim – respondeu ele.

Asher não estava mais sorrindo. O cérebro humano odiava a

ambiguidade. Foi projetado para preencher lacunas, por isso a resposta vaga dele fez minha mente criar uma série de teorias malucas.

Foi *ele* que bateu em outro carro? Os outros passageiros estavam em alguma parte do hospital, gravemente feridos?

Algo espesso e horrível correu por minhas veias. *Não*. Eu me recusava a duvidar dele. Asher era um motorista cuidadoso quando não estava correndo e, se *tivesse* machucado outra pessoa, estaria inconsolável, não calmo daquele jeito.

No entanto, a simples perspectiva abriu um portal em minha imaginação e me fez voltar no tempo.

Em um segundo, eu estava no hospital com Asher. No seguinte, fui transportada de volta a cinco anos antes, quando acordei em um quarto muito semelhante àquele e ouvi um leve murmúrio de vozes debatendo a minha situação.

Pulmões perfurados, costelas quebradas, pélvis estilhaçada.

Talvez ela nunca mais volte a dançar. Nem mesmo por diversão.

Os ferimentos são graves, mas ela teve sorte... poderia ter morrido...

O mundo girou, passado e presente se misturando em um ensopado nauseante.

Alguém bateu em você?

De certa forma, sim.

Apoiei a mão em um aparelho próximo, me estabilizando.

– Como assim, "de certa forma"?

A resposta provavelmente era inócua. Quando se tratava de carros, havia muitos aspectos técnicos que impediam que acidentes fossem preto no branco.

No entanto, reconheci a emoção que se infiltrava na expressão de Asher. Não havia nada de inócuo. Aquilo era culpa.

Por que ele sentiria…

O ar ficou preso em meus pulmões. Ele não havia batido no carro de outra pessoa. Senti isso em minhas entranhas.

Mas, se não era isso, então havia apenas uma razão para a culpa que tremulava em seus olhos. Garras geladas percorreram meu corpo. *Não diga isso*, implorei silenciosamente. *Por favor, não diga isso.*

– Eu estava correndo – disse ele, derrotado. – Contra alguém do meu antigo time. Ele estava atrás, mas, na metade da corrida, quando estávamos

numa curva, ele bateu em mim de propósito. Meu carro passou por cima da mureta e bateu numa cerca.

Minha náusea voltou com força total.

Eu estava correndo.

A confissão dele se espatifou no chão e rolou para os meus pés como uma granada prestes a detonar. Meu alívio anterior explodiu em fragmentos de imagens: Asher ao volante, dois carros esportivos costurando ruas escuras com absoluta imprudência, o impacto de um batendo no outro da mesma forma que um carro havia colidido no meu táxi meia década antes. Só que, dessa vez, não foi um acidente; foi planejado. Armado.

Os fragmentos se estilhaçaram ainda mais, detalhando a capotagem do carro conforme ele passava por cima da mureta e o capô raspava contra o metal.

Fechei os olhos com força.

– Eu não fiz isso pela adrenalina. – A voz de Asher ficou rouca, transformando suas palavras em uma desculpa em vez de uma explicação.

Ele me contou sobre o que Holchester fez com seu carro favorito e como ele os confrontou no Angry Boar. Ele me contou sobre a proposta de Bocci e sobre ele ter prometido que eles deixariam o passado para trás se Asher ganhasse.

Tecnicamente, eu ouvi o que ele estava dizendo. Parte de mim até entendeu seu raciocínio. Mas as palavras ficaram em segundo plano diante do ruído fantasma de pneus e das promessas do passado.

Eu não vou mais correr. Eu prometo.

As lembranças do meu acidente se misturaram ao acidente de Asher e à nossa primeira noite no Japão. Elas se distorciam e giravam, perfurando meu cérebro com determinação implacável.

– Era a minha única chance de encerrar essa questão com o Holchester. – A voz de Asher parecia vir de debaixo d'água. – Eu não…

O restante de sua frase foi eclipsado pela guerra que se desenrolava dentro de mim.

Eu *sabia* que ele tinha um histórico de corridas. *Sabia* que ele já havia batido antes. Sabia até que ele tinha corrido pouco antes de ficarmos juntos, porque ele me contou. Foi isso que levou à nossa conversa e à promessa dele no Japão.

No entanto, embora pensar nele correndo fosse aterrorizante, isso

sempre me pareceu algo abstrato, como um pai preocupado com a possibilidade de alguém sequestrar seu filho ou um surfista preocupado com um ataque de tubarão. A ameaça estava presente, mas não estava *lá* porque eu nunca havia presenciado as consequências.

Agora eu presenciei.

Asher teve sorte de escapar de ferimentos graves, mas o pior poderia ter acontecido. Eu poderia estar em um necrotério, não em um hospital, e a constatação de que ele se colocou naquela situação mesmo completamente ciente do perigo fez meu corpo gelar.

– Você prometeu que não ia correr de novo. – As palavras saíram densas e inchadas, como se eu tivesse tentado colocar a emoção de uma vida inteira em algumas sílabas.

Os bipes do monitor ecoaram no silêncio que se seguiu. As mãos de Asher se fecharam no lençol, seu rosto perdeu a cor.

– Eu sei.

Aquela confirmação branda quebrou algo dentro de mim.

Eu deveria estar grata por ele estar vivo – e *estava*. Independentemente de quantas promessas ele tivesse quebrado, jamais haveria uma versão de mim que não se importaria se ele vivesse ou morresse.

Mas não conseguia olhar para ele sem imaginar o que *poderia* ter acontecido, e não conseguia imaginar o que poderia ter acontecido sem me sentir mal.

Não se tratava da corrida nem mesmo de uma promessa não cumprida. Tratava-se de quem Asher era em sua essência. Ele era uma boa pessoa, e eu o *amava*, mas ele também tinha um traço de imprudência impulsiva que beirava a autodestruição.

Se ele destruísse a si mesmo, ele me destruiria, e eu havia jurado nunca mais me colocar em uma posição em que um homem pudesse ter esse tipo de poder sobre mim.

Só que eu tinha feito isso, e ele também, e a culpa era minha.

– Me desculpa, Scarlett. – Os olhos de Asher estavam sombrios sob as luzes fluorescentes. – Eu juro que não tive a intenção de quebrar minha promessa. Na última vez que estive com o Bocci, ele me desafiou pra uma corrida, e eu recusei. Hoje… – Ele engoliu em seco. – Me deixei levar. Mas era pra ser… e *é* a última vez. Nunca mais vou correr de novo.

Queria tanto acreditar nele que chegava a doer, mas Asher havia dito a

mesma coisa uma vez, e ali estávamos nós.

Entretanto, aquele não era o lugar nem o momento para aquela conversa. Ele estava machucado, os paparazzi espumavam pela boca na porta e nossos amigos estavam do lado de fora, no corredor. Além disso, eu estava exausta com o turbilhão de sentimentos daquela noite. Não conseguia pensar com clareza e não tinha o espaço mental necessário para organizar meus pensamentos confusos.

– Fico feliz que você esteja bem – falei. Um peso pressionou meu peito e tornou difícil respirar. – De verdade. Mas eu não posso… eu preciso…

O rosto dele ficou embaçado quando o peso aumentou.

Queria passar a noite ao lado dele e fingir que estava tudo bem até que pudéssemos ter uma conversa decente. Mas, por causa dos paparazzi, tinha que "fingir" toda vez que passava pela porta, e não podia fazer isso aquela noite – não com Asher, a única pessoa com quem nunca tive que fingir.

De qualquer maneira, eu não o ajudaria em nada em meu estado atual. O fantasma de sua corrida pairaria sobre nós, lançando uma sombra sobre tudo o que disséssemos e fizéssemos. Tentei articular meus pensamentos em palavras, mas nada aconteceu. Havia apenas o som da minha respiração e o dos monitores.

Dei um pequeno passo para trás sem pensar.

– Scarlett.

Senti a agonia de Asher mais do que a ouvi. Atravessou meu corpo inteiro e reverberou em meus ossos, fazendo-os doer mais do que qualquer crise.

Odiava saber que ele estava angustiado daquele jeito por minha causa, quando ele já havia se machucado tanto naquela noite, e odiava não poder confortá-lo mais.

Todos nós temos sentimentos ruins às vezes. Faz parte da natureza humana. Mas é o que fazemos com eles que importa.

Estava me afogando nesses sentimentos ruins e precisava sair dali antes que dissesse ou fizesse algo de que pudesse me arrepender.

– Preciso de ar. – Eu me virei para não ter que ver a devastação estampada em seu rosto. – Desculpa. Eu preciso… só preciso de um pouco de espaço. Pra respirar.

Abaixei a cabeça e saí depressa, o mundo se transformando em um borrão de linóleo pálido e vozes alarmadas, enquanto passava correndo por

meu irmão e minhas amigas.

Não conseguia inspirar o ar com rapidez ou profundidade suficientes para aliviar a tensão em meus pulmões. Fazia anos que não tinha uma crise de pânico, mas estava prestes a ter uma recaída.

No entanto, tive alguma presença de espírito para não descer correndo as escadas e cair direto nos braços dos paparazzi, então fui até o banheiro mais próximo e me tranquei na última cabine.

Cheguei pouco antes de ser dominada pela náusea de mais cedo.

Caí de joelhos, me inclinei sobre o vaso sanitário e vomitei todas as refeições daquele dia. Lágrimas se acumularam em meus olhos, e o som do meu próprio vômito tomava conta do banheiro.

Minha garganta ardia tanto que tinha certeza de que não seria capaz de falar depois daquilo. Mesmo assim, uma pequena voz dentro da minha cabeça tentou me convencer de que eu estava exagerando. Era só uma corrida. Uma promessa que ele havia quebrado dentre as dezenas que havia mantido.

Mas toda reação em cadeia começa em algum lugar, e eu temia que aquela noite fosse apenas o começo.

Estava apaixonada por alguém que não amava a si mesmo e não sabia o que isso significava para mim. O que significava para nós dois.

Fiquei ajoelhada no chão da cabine e vomitei até ficar vazia e sem lágrimas para chorar. Ouvia as pessoas entrando e saindo, mas a lembrança da confissão de Asher era minha única companhia constante.

Eu estava correndo.

Sabia que três palavras teriam o poder de mudar nosso relacionamento. Só não esperava que fossem essas.

CAPÍTULO 48

SCARLETT



Dormi no hospital naquela noite. Não vi Asher outra vez, mas não conseguiria ir embora enquanto ele estivesse lá, então me enrolei numa cadeira na sala de espera.

Depois de uma tentativa inútil de me convencer a ir para casa, Vincent persuadiu uma das enfermeiras (uma grande torcedora do Blackcastle) a me deixar descansar por algumas horas no sofá da sala de repouso dos funcionários.

Fui embora na manhã seguinte para trabalhar, mas fiz Vincent prometer que me informaria se houvesse alguma mudança no estado de saúde de Asher.

Felizmente, não houve.

O hospital lhe deu alta quatro dias após o acidente. Nesse período, os tabloides fizeram a festa. Os detalhes da corrida foram surgindo aos poucos, mas logo se transformaram em uma avalanche.

Asher supostamente estava correndo contra Enzo Bocci, capitão do Holchester. As matérias usavam a palavra "supostamente" porque não havia provas concretas de que eles estavam disputando um racha. As circunstâncias apontavam para uma corrida, mas nenhuma testemunha havia se apresentado para corroborar a suspeita e nenhuma câmera os flagrara.

No entanto, várias pessoas viram Asher e Bocci discutindo no Angry Boar algumas horas antes do ocorrido, e Bocci aparentemente estava sendo

investigado por sua participação no acidente de Asher. Ele foi suspenso até que a investigação fosse concluída. Devido aos ferimentos, Asher também ficaria oficialmente fora do campeonato por no mínimo três semanas.

O mundo do futebol estava agitado, mas não se comparava ao meu caos interior.

Era segunda-feira, exatamente nove dias desde o acidente e cinco dias desde que Asher saíra do hospital. Não o tinha visto nem falado com ele desde que o visitei na primeira noite. Suspeitei que ele estivesse tentando me dar espaço, como eu havia pedido, e eu era grata por isso, porque não saberia o que dizer se o visse. Ao mesmo tempo, suportar sua ausência era como ser privada de oxigênio.

Então, em vez de ficar remoendo a dor incômoda no meu peito, mergulhei de cabeça no trabalho. Nada reprimia sentimentos importantes como uma agenda lotada e uma sala cheia de alunos.

Infelizmente, todo dia de trabalho chegava ao fim.

– Excelente trabalho, pessoal. – Meu sorriso se esticou como plástico em meu rosto enquanto os alunos guardavam suas coisas. – Vejo vocês na quarta-feira pra nossa próxima aula.

No entanto, o que realmente queria dizer era: *Fiquem. Não me deixem sozinha.*

A companhia deles era como um santuário para minhas emoções, mas aquela era minha última turma do dia e eu não podia segurá-la. Só me restou observá-los saindo do estúdio e levando minhas esperanças de distração junto. Todos saíram, exceto uma aluna.

– Srta. DuBois, você está bem? – perguntou Emma. Ela era sempre a primeira a chegar e a última a ir embora. Também era surpreendentemente observadora para uma garota de 17 anos. – Você está um pouco pálida. Posso chamar a enfermeira se não estiver se sentindo bem.

– Não. – Forcei um sorriso. – Foi um dia longo, só isso. Não se preocupa. Vai aproveitar a sua noite.

Em vez de ir embora, ela ficou por ali, com uma expressão hesitante.

Fiz uma pausa na limpeza da barra.

– Precisa falar comigo sobre alguma coisa?

– Bem, não quero te pressionar nem nada, mas queria saber se você vai poder ir à apresentação dos alunos – disse ela, timidamente. – Meus pais queriam reservar um lugar pra você ao lado deles se você for. Eles são muito

gratos por tudo o que você fez por mim. Eu nunca teria conseguido o papel sem a sua orientação.

A culpa apertou meus pulmões.

Não queria acabar com as esperanças dela, mas, por conta da imprensa e de Asher, eu havia chegado ao limite da minha capacidade emocional. Não tinha mais energia para lidar com os sentimentos confusos que nutria em relação a Westbury.

– Sinto muito, Emma. – Tentei recusar o convite da forma mais gentil possível. – Não vou poder ir à noite de abertura. Tenho um… compromisso que havia marcado antes, mas vou me certificar de assistir depois.

Sua expressão esmoreceu por um segundo, mas logo foi tomada por um sorriso doce e corajoso.

– Eu entendo. Nos vemos na quarta.

Fiquei observando Emma se afastar, me sentindo o ser humano mais egoísta e detestável da face da Terra.

Apenas mais uma cereja no topo do sundae de merda que é a minha vida.

Os paparazzi ficaram ainda mais implacáveis depois do acidente, e meus pais não paravam de me ligar. Meu pai estava protegido em alguma medida, já que morava em Paris, mas os paparazzi também tinham começado a assediar minha mãe. Um dia, ao chegar em casa, ela encontrou um deles revirando sua lixeira e quase chamou a polícia, mas o homem saiu correndo.

Por conta disso e do acidente, ela estava se sentindo muito menos entusiasmada em relação a Asher. Talvez o universo estivesse me punindo por ter guardado tantos segredos nos últimos tempos.

Eu deveria…

– Oi.

Meu instinto de luta ou fuga entrou em ação antes que meus sentidos registrassem completamente a voz inesperada.

Olhei ao redor, certa de que encontraria outro paparazzo que dera um jeito de entrar no local. Eles estavam plantados do outro lado dos portões da RAB, como sanguessugas em seu hospedeiro.

Mas não era um paparazzo.

Era alguém muito pior.

Meu coração se contorceu. Talvez eu não soubesse o que queria dizer a ele, mas, depois de uma semana longe, eu o sorvi como um andarilho morto de sede em um oásis.

Os ombros largos e o corpo forte e esculpido de Asher preenchiam a porta. Ele estava mais bonito do que nunca, mesmo com cortes e hematomas, mas seu rosto estava marcado pela exaustão e seus olhos não tinham o brilho habitual.

E mesmo assim seu efeito era devastador.

Vê-lo pessoalmente teve o mesmo impacto de ser atingida por uma bola de demolição. Tirou o ar dos meus pulmões e fez um enorme estrago na fachada fria e calma que eu havia passado uma semana cultivando.

– O que você tá fazendo aqui?

Para meu alívio, minha voz soou firme (nem um pouco parecida com os batimentos cardíacos irregulares que ameaçavam arrebentar o meu peito).

– Eu precisava te ver. – Seus olhos verdes encontraram os meus. Eu amava e odiava a forma como eles me atravessavam, como se pudessem enxergar por trás dos meus escudos a garota vulnerável e confusa que havia por baixo deles. – Só pra ter certeza de que você está bem.

Meu coração estava quase saindo do peito.

– Foi você que sofreu um acidente de carro. Eu que deveria estar te dizendo isso. – Mas não estava, porque era covarde e o havia evitado com determinação desde o hospital. – É bom ver você de pé outra vez.

– Nós dois sabemos que não estou falando sobre o acidente. – Ele entrou no estúdio, arruinando minha tentativa de ter uma conversa educada e informal. Ele poupava a perna esquerda por conta da torção no tornozelo, mas disfarçava com tanta elegância que eu não teria notado se não conhecesse tão bem cada movimento dele. – A gente precisa conversar.

Todas as moléculas no ar ganharam vida.

– Sobre o quê? – perguntei.

Não estava pronta para aquilo. Se conversássemos, eu teria que questionar o status do nosso relacionamento, e preferia viver em negação.

O limbo era melhor do que o inferno.

Asher parou a menos de dois metros de distância.

– Sobre nós dois. – Sua voz áspera e crua me invadiu.

Por mais chateada que eu estivesse com o fato de ele ter quebrado a promessa e colocado sua vida em risco, não podia fingir que não gostava dele.

Esse era o problema.

Eu gostava *demais* dele. Eu me importava demais e ele não se importava

o suficiente, e eu temia que nunca conseguíssemos superar essa lacuna.

– Senti sua falta – disse ele, suavemente.

Uma lágrima perdida escapou e escaldou minha bochecha.

– Não faz isso.

– É a verdade. – Asher engoliu em seco. – Não entrei em contato antes porque sabia que você precisava de espaço depois do que eu te falei, mas não consigo passar muito tempo longe de você. Uma semana já foi um inferno. – Seus olhos procuraram nos meus algo que eu não tinha certeza de que poderia dar. – Sei que você está chateada comigo. Sei que fiz merda. Mas eu estava falando sério quando disse que era a última vez. Você precisa acreditar em mim.

Inspirei bem fundo. Ardeu como se o ar estivesse em chamas.

– Eu vou te fazer uma pergunta e quero que você seja sincero comigo. – Mantive o olhar fixo no dele, meu coração galopando a uma velocidade alucinante. – Faz de conta que você pode voltar àquela noite, só que dessa vez o Bocci não bate no seu carro e a corrida termina sem nenhum problema. Sabendo disso, ainda assim você aceitaria correr?

O segundo de hesitação de Asher me disse tudo o que eu precisava saber.

A sala ficou embaçada quando meu coração se partiu ao meio. A dor vazou pela fenda, penetrando em minhas veias e se solidificando em uma clareza fria e dura.

– Não tem a ver com corrida nem com a promessa. – As palavras arranhavam como pregos enferrujados sendo arrancados da carne macia, mas me forcei a continuar: – Tem a ver com seu comportamento. Tem a ver com escolher de forma compulsiva fazer coisas que te prejudicam. Você disse que a corrida era a única maneira de resolver as coisas com o Holchester, mas e todas as outras antes dessa? Você já bateu antes. Conversamos sobre isso no Japão. Você entende o perigo, e você sabe como… – Minha voz ficou embargada. – Você sabe como eu ficaria arrasada se acontecesse alguma coisa com você.

Asher não respondeu, mas seu peito subia e descia com rapidez, como se ele estivesse com dificuldade para respirar.

– Você faz ideia de como eu me senti quando vi a notícia do seu acidente? Eu passei um bom tempo convencida de que você tinha *morrido*, e isso acabou comigo. – Outra lágrima escorreu pela minha bochecha e salgou minha língua. – Você diz que essa foi a última vez, mas o que vai acontecer

quando alguém voltar a te desafiar ou quando você se deixar levar por seus instintos de novo?

– Não vai acontecer. – Um fio de pânico penetrou sua resposta. – A corrida contra o Bocci foi *mesmo* a última vez. Eu… – Sua voz vacilou.

– Você promete? – completei, com um sorriso triste. – Se tem uma coisa que eu aprendi, é que atitudes falam mais alto do que palavras. Eu quero acreditar em você, Asher. Quero mesmo. Porque eu… – *Eu te amo*. As palavras pairaram na ponta da minha língua antes que eu as engolisse de volta. Elas desceram quadradas. – Eu gosto de você, e é por isso que não posso… que não posso ficar com você. – A constatação me rasgou com garras ferozes, fazendo-me tropeçar e transformando minha voz em uma versão fragmentada de si mesma. – Não posso ficar parada vendo você se autodestruir.

Eu não podia forçá-lo a mudar, nem queria. A mudança tinha que vir *dele*, mas, se eu ficasse ali sabendo que ele ainda estava no caminho da autodestruição, estaria silenciosamente compactuando com suas atitudes.

Eu o amava demais para fazer isso.

Asher ficou imóvel. Ele me encarou, seus olhos uma tempestade de emoções que queimava cada centímetro de pele nua.

– Você está terminando comigo? – O choque e a dor em sua voz eram tão crus que quase me quebraram.

– Eu… – *Só fala. Termina o que você começou*. – Eu sempre vou gostar de você – repeti. Parecia um disco arranhado, mas estava exausta e esgotada demais para ir em busca de novas frases. – Mas, até que você demonstre o mesmo cuidado consigo mesmo, não podemos ficar juntos. Não é… Eu… Não dá.

As lágrimas estavam caindo rápida e intensamente. Tentei afastá-las, mas eram muitas, e meus esforços foram inúteis.

Então, deixei que caíssem silenciosamente, embora aquilo nem de perto aliviasse a pressão sufocante em meu peito.

Asher continuou imóvel. Mal respirava. Se não fosse pelo ínfimo tremor de seus músculos, teria pensado que virou uma estátua, congelado em descrença.

– Scarlett. – Quando ele finalmente falou, sua voz falhou ao dizer o meu nome. As metades do meu coração se fragmentaram em mais mil pedaços. – Não faz isso. Não depois de tudo que a gente passou.

– Desculpa. – Eu me agarrei à barra para me dar forças, mas ela pareceu fria e impessoal, um observador indiferente ao meu sofrimento. – Eu já me decidi.

– Você disse que gostava de mim, e eu gosto de você. Mais do que qualquer outra coisa neste mundo. – A súplica deixou sua voz rouca. – Por favor, querida. Eu sei que quebrei minha promessa uma vez, mas nunca mais vou fazer isso. Não quando sei que isso significa perder você.

Seria tão fácil ceder. Cair em seus braços e deixar que ele nos levasse para longe daquele tormento excruciante.

À primeira vista, o raciocínio dele fazia sentido. Por que não *deveríamos* ficar juntos? Não havia nada que nos impedisse naquele momento, a não ser nós mesmos.

Só que, muitas vezes, nós éramos nossos próprios e maiores obstáculos, e, se eu empurrasse nossos problemas com a barriga agora, eles só iriam se agravar no futuro.

– Esse é o problema – falei, a voz um pouco mais que um sussurro. – Eu não posso ser o único motivo para você parar de correr. O fato de você não entender isso explica por que... por que nós precisamos de espaço.

– Scarlett. – Dessa vez, meu nome não era uma súplica, era uma oração.

Asher se aproximou de mim, mas instintivamente me afastei. Já estava em uma situação delicada; se ele me tocasse, seria o fim.

Meus pulmões se enroscaram em um emaranhado confuso. Não podia ficar perto dele. Não naquele momento. Eu precisava… ele precisava…

O oxigênio diminuiu, deixando-me tonta.

– Por favor, vai embora – implorei.

A resposta dele podia não ter sido uma súplica, mas a minha foi.

Asher permaneceu em silêncio. Eu mal conseguia enxergar além do véu de lágrimas, mas podia *sentir* sua angústia.

Ela se infiltrou em minhas defesas como ácido, corroendo minha resolução e minha determinação, e alcançando as vulnerabilidades escondidas.

Eu me forcei a ser mais assertiva:

– Você se lembra do favor que me deve? Quando concordei em assistir ao filme de terror na primeira noite em que dormi na sua casa?

A respiração de Asher era pesada e irregular no estúdio silencioso.

– Não faz isso.

– Estou cobrando agora. – Odiava macular aquela noite com o veneno daquele dia, mas não tinha escolha. – Vai embora, por favor.

Minha última frase foi quase inaudível.

Por um segundo, achei que ele não iria embora, mas Asher manteve sua palavra.

– Se você precisar de mim – disse ele, de forma tão suave e crua que quase não o ouvi. – Eu estou aqui.

Em seguida, ele partiu, levando seu calor e suas promessas.

Esperei até que o som de seus passos se dissipasse antes de me afundar no chão e trazer os joelhos contra o peito. Enterrei o rosto em meu braço e finalmente cedi àquela dor.

Ela jorrou, amarga e ácida, saindo da minha garganta em soluços silenciosos e convulsivos. Meus ombros sacudiam, e as lágrimas escorriam de forma tão interminável que tive certeza de que não sobreviveria àquilo. Não era possível haver tanta água dentro de mim. Eu simplesmente secaria e me transformaria em uma casca do meu antigo eu.

Estava familiarizada com a dor. Convivia diariamente com ela, e alguns dias eram piores do que outros.

Mas nunca havia sentido uma dor como aquela, como se milhares de dentes de metal estivessem roendo minha caixa torácica, destrinchando minha carne e meus ossos. Quando alcançaram sua recompensa – o órgão pulsante e vulnerável responsável por sua existência –, banquetearam-se com ele, mutilando-o e o deixando irreconhecível.

Em pouco tempo, até mesmo os soluços causavam dor, mas não conseguia interrompê-los, assim como não conseguia deixar de sentir a agonia que pisoteava meu peito.

Não era a dor de meus músculos se rebelando nem meu corpo protestando contra o esforço excessivo. Não era nem mesmo o desespero que vivi depois que Rafael me deixou. Na época, achava que o amava, mas o que eu sentia por ele era uma mera paixonite comparada ao que eu sentia por Asher.

Não. Aquilo ali? Aquele tormento inescapável e indescritível?

Aquela foi a dor do meu coração se partindo de verdade pela primeira vez na vida.

CAPÍTULO 49

ASHER



Sempre fui uma pessoa cética. Era supersticioso em relação aos meus rituais pré-jogo (por exemplo: usar minhas chuteiras da sorte e ouvir minha playlist na ordem exata em que havia organizado as músicas, sem pular nem repetir nenhuma delas), mas não acreditava na existência de espíritos nem de casas mal-assombradas.

Mudei de ideia depois que Scarlett terminou comigo.

Uma semana havia se passado desde que fui embora de seu estúdio, mas, para onde quer que eu me virasse, lá estava ela, me assombrando. Cada coisinha me fazia lembrar dela: as leves notas de música clássica ecoando em um elevador, filmes de terror, até mesmo a maldita cor rosa, porque ela a usava muito durante os treinos.

Havia certos cômodos em que eu nem conseguia pisar, como a sala de cinema e o estúdio de balé, porque Scarlett estava tão presente, tão *ali*, que entrar neles era como se eu estivesse entrando no meu peito e partindo meu coração ao meio.

Minha casa havia se transformado em um mausoléu de lembranças, e eu não suportava sequer olhar para ela. Não podia nem usar o futebol como fuga, pois estava no banco de reservas enquanto me recuperava das lesões. Felizmente, depois de uma semana de inferno absoluto, o médico havia me dado autorização para voltar a treinar. Meus exercícios tiveram que ser modificados levando em conta a torção e as distensões, então foquei na academia enquanto o restante do time sofria com treinos funcionais e de

velocidade.

Não era uma grande distração, mas era melhor do que nada.

Um.

Tentei me concentrar em contar as repetições de supino inclinado com halteres e afastar o eco da voz de Scarlett. *Não posso ficar parada vendo você se autodestruir.*

Senti o peito apertar e perdi o foco. Cerrei os dentes e me forcei a continuar.

Dois.

Seu rosto encharcado de lágrimas atravessou minha visão, prova de que nosso término a havia devastado tanto quanto a mim, e era isso que me matava.

Ela estava por aí sofrendo e eu não podia confortá-la porque eu era a *causa* de seu sofrimento. Eu e minhas atitudes idiotas, egoístas e limitadas.

Engoli o nó de arrependimento em minha garganta, mas outro surgiu imediatamente para tomar o seu lugar.

Não havia alívio para a minha culpa, nem mesmo no santuário da academia.

Três.

O suor escorria pelo meu rosto e fazia meus olhos arderem. Já fazia quase uma hora que estava me exercitando, mas ainda não tinha conseguido expurgar a náusea que embrulhava meu estômago.

Quatro.

O som do telefone atravessou a música que ecoava baixinho em meus ouvidos. Não era Scarlett; havia definido um toque diferente para ela, assim saberia se ela ligasse. Ela nunca ligou.

Provavelmente era minha mãe outra vez, preocupada com o acidente e com os tabloides. Talvez fosse até meu pai, ligando para gritar no meu ouvido uma série de coisas. Eles me visitaram quando eu estava no hospital, mas não passaram muito tempo em Londres.

Minha mãe queria ficar comigo até que eu estivesse totalmente recuperado, mas eu a convenci de que os ferimentos eram leves (mais ou menos verdade) e que ela não poderia tirar uma folga prolongada de seu trabalho como professora (definitivamente verdade).

Ela certamente disse alguma coisa ao meu pai antes de chegarem ao hospital, porque ele segurou a língua, embora eu pudesse ver comentários

mordazes nadando em seus olhos.

Era por isso que eu ignorava a maioria das ligações deles atualmente. Já estava aos pedaços; não tinha energia mental ou emocional para discutir com eles. Minha mãe ia querer que eu falasse com meu pai, e meu pai… bem, ele era daquele jeito.

Fechei os olhos e deixei a música abafar o toque do telefone.

Dez repetições.

Quinze.

Vinte.

Vinte e cinco.

Fui além das repetições planejadas para a série, porque tinha medo de ficar sozinho com meus pensamentos se parasse.

Então continuei.

– Donovan.

Em algum momento entre 25 e 30, uma voz familiar interrompeu minha contagem.

Larguei os halteres e pausei a música.

– Você não deveria estar no treino? – perguntei.

– Estou indo pra lá agora. Precisava falar com o técnico primeiro.

Noah estava na porta da academia, vestido com seu uniforme de treino e luvas.

Ergui as sobrancelhas. Noah sempre obedecia às regras e *nunca* se metia em confusão. O que ele tinha para falar com o técnico que não podia esperar até depois do treino?

Sua expressão imperturbável não deu nenhuma pista, embora um toque de solidariedade houvesse surgido em seus olhos quando apontou com o polegar por cima do ombro.

– Ele quer falar com você – disse ele. – O mais rápido possível.

O medo se infiltrou nas minhas entranhas. Era meu primeiro dia de volta ao centro de treinamento desde o acidente. Tinha passado a manhã reunido com o chefe de reabilitação e fisioterapia do time, o que significava que aquela também seria a primeira vez que eu falaria com o técnico pessoalmente desde que recebi alta.

Ele tinha me visitado no hospital, mas nossa conversa se limitou a logística e ao meu bem-estar físico.

Tinha a sensação de que a reunião daquele dia não seria tão cordial.

– Tá bem. Obrigado.

Eu me levantei, tirei os fones de ouvido e os coloquei no bolso. Demorei um pouco para guardar os halteres de volta na prateleira e limpar o equipamento que havia usado, mas não podia enrolar por muito tempo.

– Boa sorte.

Noah deu um tapinha nas minhas costas quando passei por ele. Acenei com a cabeça em agradecimento.

Então me dirigi à sala do técnico, a apreensão me atrasando tanto quanto meu tornozelo. Tinha melhorado um pouco na última semana, mas ainda não voltara plenamente à forma.

Bati na porta e entrei ao ouvir seu brusco "Entre". Afundei em minha cadeira cativa – parando para pensar, era muito triste que eu *tivesse* uma cadeira – e tentei decifrar sua expressão enquanto isso.

Pensei que fosse encontrá-lo com o rosto vermelho e furioso, mas ele estava quieto e impassível – o que era quase pior. Preferia saber o que ele estava sentindo a ter que adivinhar.

– Você sabe por que eu te contratei?

A pergunta dele me pegou tão desprevenido que precisei de vários segundos para conseguir responder.

– Porque você queria reforçar o ataque e trazer pra casa o primeiro título da Premier League do clube em uma década.

O Blackcastle não ganhava a Premier League desde que o lendário atacante Jamie Defoe se aposentara dez anos antes. O time contava com uma excelente defesa, mas, historicamente, o ataque não era bom o suficiente para derrotar times como o Holchester.

O técnico grunhiu com a minha resposta.

– Em parte, sim, mas há vários atacantes excelentes na liga… e muito mais baratos do que você.

Fiquei quieto, sem saber aonde ele queria chegar.

– Muita gente foi contra quando levei seu nome à direção – disse ele. – Você é um desses jogadores que só vemos uma vez na vida, não há dúvidas em relação a isso. Na verdade, você é um dos jogadores mais talentosos que já treinei desde que me tornei dirigente de clube. Mas você também tem a cabeça quente, é imprudente e tem a tendência de priorizar suas demandas pessoais em detrimento do que é bom pro time.

Um calor queimou meu rosto.

– Frank…

– Eu ainda não acabei. – Ele franziu os lábios. – Você acha que eu não sabia dessa sua mania de apostar corrida ou da sua rivalidade com o DuBois antes de pagar 250 milhões de libras pra te trazer pro Markovic Stadium? Todo mundo sabia, e foi por isso que a direção resistiu tanto. Eles diziam que eu era louco de sequer cogitar você. – Ele balançou a cabeça. – Eu tive que lutar por você, Donovan. Não importa quantos *hat-tricks* você já fez nem quantas Bolas de Ouro ganhou. Um jogador imprudente é um jogador perigoso, e a direção foi categórica ao dizer que não poderíamos nos dar ao luxo de perder tempo com os seus escândalos quando estamos tentando ganhar a liga.

Engoli em seco. Nunca havíamos discutido a logística por trás da transferência. Não fazia ideia de que ele havia enfrentado tanta resistência por minha causa.

– Mas você não concordou com eles, senhor?

– Não naquela época. Quer saber por quê? – Os olhos do técnico se fixaram em mim. – Porque o fogo que alimenta a sua imprudência é o mesmo que diferencia os grandes jogadores das lendas. Como eu disse, há muitos grandes atacantes. Mas eles não têm a mesma fome que você. Eles querem ganhar; você quer quebrar recordes. Eles estão satisfeitos em maximizar o potencial deles; você, não, porque acredita que *não* existe um limite para o seu potencial. Se você fosse capaz de canalizar *todo* esse fogo pro gramado sem deixar que o seu orgulho e essas briguinhas ridículas te atrapalhassem, você seria imbatível. Eu convenci a direção de que isso era possível. Falei pra eles que, com um pouco de orientação, você entenderia o que estava em jogo e conseguiria se ajustar. – Uma verdadeira decepção coloriu suas palavras. – Pelo visto eu estava errado.

Agarrei a borda do assento com tanta força que meus dedos ficaram brancos. *Pelo visto eu estava errado*. Já tinha ouvido palavras semelhantes muitas vezes na vida, inclusive do meu pai, mas a calma e a objetividade com que o técnico as proferiu foram mais fortes do que quaisquer xingamentos ou gritos acalorados.

Se o término com Scarlett tinha sido a pior conversa da minha vida, aquela era uma forte candidata ao segundo lugar.

O peso crescente da culpa me pressionou por todos os lados, me fazendo querer derreter no chão e desaparecer para sempre.

– Eu sei que você tem um relacionamento complicado com seu ex-time, e o Bocci é conhecido por arrumar confusão – disse o técnico. – Mas eu esperava que você tivesse aprendido a controlar melhor os seus impulsos. As autoridades não têm as provas de que precisam para abrir um processo contra ninguém, mas nós dois sabemos o que realmente aconteceu na noite do acidente.

A sombra do meu erro voltou a se manifestar, como uma fera que sempre se regenerava, não importando quantas vezes eu tentasse matá-la.

– Você deu sorte, mas a sorte de todo mundo acaba em algum momento. A questão é se você vai ter acordado pra vida antes de isso acontecer. – O técnico não parecia chateado, apenas exausto. – A direção disse que você é muito precipitado. Que não dá valor à sua juventude e ao seu talento, e que não sabe lidar com as consequências das suas atitudes tanto quanto deveria. Até agora, você está provando que eles têm razão. Ser um grande jogador de futebol é mais do que habilidade e motivação. Tem a ver com foco. Tem a ver com trabalho em equipe. Tem a ver com disciplina e autocontrole para *parar e pensar* antes de agir. A emoção é um poderoso motivador, mas também pode ser seu maior inimigo.

Engoli em seco, e foi como se estivesse forçando pregos goela abaixo.

– Eu tenho disciplina. Eu *vou ter* disciplina. Estou cansado de brigar com o Holchester fora do campo, e você nunca mais vai me ver ao volante de um carro numa corrida, senhor.

Havia prometido a Scarlett a mesma coisa, mas, assim como Scarlett, o técnico não parecia convencido.

– Não mesmo? – Ele me encarou com ceticismo absoluto. – Disciplina é um exercício mental, Donovan. Fisicamente, você é ótimo, mas sua mentalidade é tão importante quanto qualquer exercício de condicionamento que o Greely estiver fazendo lá fora. E, neste momento, sua cabeça está um caos. Não, é verdade. – Ele me interrompeu quando abri a boca em protesto. – Você pode não ver, mas eu conheço meus jogadores e tenho observado você com atenção especial desde que entrou pro meu clube. Não sou psicólogo, mas até eu consigo ver que tem alguma coisa por trás dessas suas decisões *idiotas* e impulsivas. Não é o Holchester e não é o DuBois. Até você descobrir o que é e lidar com isso, você nunca vai encontrar a disciplina necessária pra atingir seus objetivos… nem para trabalhar com o time.

Um desconforto gélido rastejou sob minha pele. As palavras do técnico eram vagas e ameaçadoras – a pior combinação.

– Os médicos e nosso time de reabilitação dizem que você vai estar totalmente recuperado e liberado pra jogar em duas semanas, mas você vai ficar fora do campo por mais tempo do que isso. – O técnico suspirou. – Vou te colocar no banco até segunda ordem.

– *O quê?* – Quase pulei da cadeira. – Frank, você não pode…

Parei quando notei sua expressão exausta.

Ele estava tão descontente com aquilo quanto eu. Me colocar no banco por tempo indeterminado era uma decisão *muito* arriscada. Considerando o valor da minha transferência e o fato de eu ser o principal atacante, minha ausência seria um caos. Sempre que o Blackcastle perdesse uma partida, eles o culpariam por não ter me escalado.

O técnico seria criticado pela torcida e pelo comitê executivo do clube – eles não haviam desembolsado centenas de milhões de libras para que eu ficasse no banco –, mas ele se sentia suficientemente seguro em relação àquilo para correr o risco de encarar essas consequências.

Eu me recostei na cadeira e reprimi minha indignação. Ele tinha todo o direito de me deixar no banco. Já tinha me dado vários avisos sobre meu comportamento e eu o ignorei.

Ele seria um péssimo técnico se *não* fizesse algo para botar juízo na minha cabeça.

– Quero que você me prove que é capaz de pensar antes de agir e que tem controle sobre a sua impulsividade. Quando isso acontecer, vou permitir que você volte pro campo. – Ele acenou para a porta com a cabeça. – Agora volta pro treino. Só porque você está no banco não significa que pode se safar.

– Sim, senhor – respondi, obediente.

Saí de lá com os ouvidos ecoando palavras de reprovação.

Tem a ver com o seu comportamento. Tem a ver com você escolher de forma compulsiva fazer coisas que te prejudicam.

Tem alguma coisa por trás dessas suas decisões idiotas *e impulsivas.*

Não posso ficar parada vendo você se autodestruir.

Você se lembra do favor que me deve? Vai embora, por favor.

Minha cabeça latejava com o turbilhão de vozes que invadiam meu cérebro. Elas se sobrepunham e se misturavam, o volume aumentando até o

ponto em que eu não conseguia mais ouvir meus passos nem o martelar ansioso do meu coração.

Scarlett, o futebol, o controle sobre a minha própria vida… tudo e todos que eu amava estavam escapando por entre meus dedos.

Se não colocasse minha vida no lugar logo, perderia tudo que me esforcei tanto para conquistar.

Para sempre.

CAPÍTULO 50

ASHER



Naquele fim de semana, o Blackcastle jogou contra o Tottenham e se saiu muito bem sem mim. Conseguiram marcar um gol milagroso no último minuto, mas uma vitória era uma vitória e, por mais que eu estivesse feliz por eles (por nós), não conseguia evitar que algo desagradável corresse em minhas veias.

Era como se minha ausência não significasse nada.

Como se eu não fosse importante.

A nuvem escura que me acompanhava desde o acidente ficou mais pesada, e eu dei uma desculpa para não comemorar com o time depois. Não era como se eu tivesse contribuído para a vitória deles.

Talvez se Teddy estivesse vivo ou se eu tivesse outro melhor amigo, teria com quem desabafar os sentimentos desprezíveis que se acumulavam dentro de mim. Como não era o caso, fui forçado a me afogar neles sozinho.

– Não acredito que você vai dar uma de Noah pra cima da gente – reclamou Adil quando lhe disse que estava indo para casa.

Noah raramente saía com a gente depois de uma partida.

No entanto, nem mesmo o sempre persistente Adil me pressionou a participar da farra. O time vinha pisando em ovos comigo desde o acidente e o término com Scarlett. Eu mesmo não havia confirmado nada, mas eles deviam ter notado como eu me calava quando ela surgia em alguma conversa, então sempre direcionavam as perguntas para Vincent.

Era humilhante – odiava que sentissem pena de mim –, mas pelo menos

eles estavam do meu lado. Ninguém encheu meu saco em relação ao que acontecera com Bocci. Muitos deles estavam presentes na corrida e desejaram fazer com que ele engolisse suas palavras tanto quanto eu.

– Enfim, aproveita a noite de folga. Te vejo na segunda. – Adil me deu um tapinha no ombro. Nenhum de nós mencionou o fato de eu não ter mais noites de folga desde que o técnico me colocou no banco. – Pega leve, Donovan.

Forcei um sorriso e assenti, enquanto o time se amontoava em seus carros para uma noite no Angry Boar. Noah tinha ido para casa e Vincent não estava lá. Talvez já estivesse no bar. Não tínhamos conversado muito nas últimas semanas, e eu suspeitava que ele estivesse me evitando, devido ao término com Scarlett.

Era melhor assim. Não conseguia olhar para ele sem pensar nela, e não conseguia pensar nela sem sentir como se alguém estivesse enfiando uma espada em minhas entranhas.

Dirigi direto do estádio para casa e fui logo até a cozinha. Felizmente, minha equipe de segurança tinha conseguido espantar os paparazzi que costumavam rondar minha casa, então pelo menos não precisei me preocupar com eles.

Sim, eu estava na fossa.

Não, eu não me importava.

Peguei uma garrafinha de Coca-Cola na geladeira e abri a tampa. Normalmente, não me permitia tomar bebidas alcoólicas nem refrigerantes durante a temporada, mas, como estaria no banco de reservas até um futuro próximo, me permiti sair da dieta uma vez – ou duas, ou três. Eu me recostei na bancada e tomei um gole, meus olhos percorrendo a cozinha gigante sem qualquer emoção até que o brilho de cobre das panelas chamou minha atenção e fui arrastado por uma enxurrada de lembranças.

Achei que você fosse um intruso.

Por que você acharia isso?

Desci pra fazer um lanche e vi a luz da cozinha acesa. Não pensei que…

Que eu poderia ter tido a mesma ideia?

Dei um sorriso com a lembrança de Scarlett empunhando uma frigideira como se fosse uma arma, até que a realidade se intrometeu e achatou meus lábios novamente.

Aquela noite parecia ter sido séculos antes.

Talvez ela nunca mais voltasse a pôr os pés na minha casa, muito menos na minha cozinha.

O refrigerante perdeu todo o sabor, mas bebi o resto da garrafa e me forcei a não ligar para ela feito um ex-namorado patético desesperado por uma segunda chance – o que eu até *era*, mas ainda me restava um pouco de dignidade para não sair me envergonhando por aí.

No entanto, meu resquício de dignidade não era o suficiente para que eu conseguisse me afastar completamente dela. Visitava seu café favorito todo fim de semana, na esperança de vê-la, mas ela nunca estava lá. Havia parado de ir semanas antes por causa dos paparazzi, mas eu achava que…

Não importa o que você acha. Ela não quer nada com você até que você dê um jeito na sua vida.

Meu estômago se contorceu, virando uma bola de frustração. Havia prometido a Scarlett e ao técnico que não voltaria a correr, mas como eu iria *provar* isso? Era impossível provar que não faria algo.

Além do mais, ainda não sabia a que o técnico estava se referindo quando afirmou que havia alguma coisa por trás da minha impulsividade. Se não era meu orgulho nem minha cabeça quente, o que estava motivando esses comportamentos, afinal?

Meu telefone tocou. Meu coração deu um pulo e, por um segundo de esperança, pensei que pudesse ser *ela*. Então prestei atenção ao toque e meu coração despencou outra vez.

Não era ela.

Uma breve olhada na tela revelou que era meu pai. Ignorei a ligação sem pensar duas vezes.

Se já o estava evitando antes, agora que a notícia da minha suspensão por tempo indeterminado havia vazado, eu não queria nem ouvir a voz dele. Como previsto, os torcedores do Blackcastle ficaram revoltados quando souberam, embora a vitória daquele dia tivesse acalmado um pouco a raiva deles.

Nada disso importava para o meu pai. Na verdade, provavelmente o deixava *mais* irritado. Eu deveria ser indispensável e, se não fosse, estava claramente fazendo algo errado.

Peguei uma segunda garrafa de refrigerante quando o telefone tocou outra vez e de novo ignorei. Se fosse uma emergência, ele teria deixado uma mensagem no correio de voz após a primeira ligação. Como isso não tinha

acontecido, presumi que ele só queria gritar comigo e fazer com que eu me sentisse um lixo. Qual a novidade?

Com a suspensão, o acidente de carro e o circo que a mídia vinha fazendo em torno do meu relacionamento com Scarlett, ele tinha muita coisa para despejar em mim. Mas eu já havia sofrido muitas agressões verbais em um mês e não estava interessado em servir de saco de pancadas para ele aquela noite.

Levei minha bebida para a sala de estar.

A casa parecia insuportavelmente fria e solitária naquela época, mas era meu único santuário viável. Não podia sair em público sem arriscar minha privacidade. Não podia ir à casa de meus pais sem enfrentar, bem, meus pais. E não tinha mais o privilégio de ficar no apartamento de Scarlett.

O remorso inundou meu peito. Estava cercado pelos maiores luxos que o dinheiro poderia comprar, mas abriria mão de tudo pela chance de vê-la novamente.

Eu gosto de você, e é por isso que não posso ficar com você.

Talvez estivesse delirando, mas poderia jurar que nessa hora ela estava prestes a dizer mais do que "eu gosto de você", algo mais parecido com uma palavra de três letras que começava com a letra A.

Não tinha certeza se isso teria melhorado ou piorado as coisas, embora imaginasse que era impossível me sentir pior do que naquele momento.

Meu telefone tocou mais uma vez.

Mais uma.

E mais uma.

Por fim, não aguentei mais. Atendi, mas nem sequer tive a oportunidade de falar antes que a voz áspera de meu pai invadisse a linha.

– Já estava na hora de você atender – disse ele. – Abre o portão.

Eu me retesei.

– O quê?

– Já disse, abre a porcaria do portão. – Sua voz se aprofundou em um resmungo irritado. – O taxista está ficando impaciente, e eu também.

Verifiquei o aplicativo de segurança da casa, que me permitia vigiar várias áreas da propriedade pelo celular. De fato havia um táxi preto parado do lado de fora do portão. Dava para ver a cara amarrada do meu pai atrás do vidro.

Merda. Meu coração disparou.

Meu pai aparecer em Londres sem avisar não estava na minha cartela de bingo para aquela noite. Como ele estava lá, não tive escolha a não ser deixá-lo entrar. Abri o portão e fiquei esperando por ele na porta da frente. Cada centímetro do meu corpo, da pele aos ossos, estava tomado de pavor.

O táxi o deixou bem em frente à porta e saiu em alta velocidade.

Meu pai veio na minha direção, sua bengala brilhando sob as luzes da casa. Fazia meses que ele havia infartado, mas, de acordo com minha mãe, ele se cansava com facilidade, então o médico sugeriu o uso regular de algo que o auxiliasse a caminhar.

– Pai. – Eu o cumprimentei com rigidez.

– Asher. – Ele parecia um pouco abatido, mas seu olhar estava mais mordaz do que nunca.

Não trocamos nenhuma palavra enquanto eu o conduzia até a sala de estar. A tensão brotava entre nós como ervas daninhas nas rachaduras da calçada. Ela se enroscava em nossos tornozelos, fazendo com que eu me sentisse um prisioneiro em minha própria casa.

Aquela era a primeira vez que meu pai visitava minha casa em Londres. Ele não parecia particularmente impressionado, embora a mansão fosse cerca de cinquenta vezes maior e mais cara do que minha casa de infância. Na verdade, ele parecia quase irritado com tanta ostentação.

Quando chegamos à sala, nos acomodamos em sofás separados, o mais longe possível um do outro.

– Cadê a mamãe? – perguntei, quebrando o silêncio.

Ele não sairia de Holchester sem ela.

– No hotel. Ela queria vir, mas eu disse que queria falar com você sozinho primeiro. – Ele parecia estranhamente calmo. – Não queria que ela estivesse aqui quando eu te perguntasse *que merda você está fazendo da sua vida*!

Fiquei tenso com a repentina, mas não inesperada, escalada de seu temperamento. Sinceramente, estava surpreso por ele ter demorado tanto tempo para vir à minha casa me dar um esporro.

Ele olhou para mim, me esfolando vivo com sua raiva.

Retribuí o olhar, com os músculos tensos. Tudo bem, eu havia cometido minha cota de erros daquele ano, mas não era mais uma criança. Não ia deixar que ele me emboscasse na minha própria casa.

– Não estou no clima, pai – falei, tentando manter a calma. – Se veio

aqui gritar comigo por causa do acidente ou por ter saído do time titular, perdeu a viagem. Já ouvi esse papo do técnico. Não preciso ouvir de você também.

O rosto dele ficou ainda mais vermelho.

– Você acha que eu vim até aqui porque você saiu do time titular? Rapaz, se eu quisesse gritar com você por causa disso, poderia ter telefonado e economizado o dinheiro do trem e do hotel. E não, eu não dou a mínima pro fato de você estar ignorando as minhas ligações. Eu teria dado um jeito. – Seus olhos faiscaram. – Eu estou aqui porque quero que você me olhe nos olhos e me diga *por que* está sentado em casa quando deveria estar provando para aqueles abutres lá fora que você não é Asher Donovan à toa – disse ele, apontando para a porta. – Já viu o que estão falando sobre você? Vai aceitar isso de braços cruzados?

Cerrei a mandíbula.

Os tabloides eram implacáveis na cobertura. Estavam detonando o técnico por ter me suspendido, mas também reclamavam de mim por ter me colocado em uma situação que poderia me *levar a ser* suspenso.

Todo mundo saiu perdendo, exceto o babaca do Bocci, que havia escapado ileso depois que a "investigação" sobre o que aconteceu na noite do acidente não apontou nenhum culpado.

– Como? – perguntei, meu sangue subindo. – Não dá pra controlar os tabloides, e o técnico me colocou no banco porque acha que tem alguma coisa *por trás da minha impulsividade*, seja lá o que isso signifique. Acho que ele quer que eu descubra por que me sinto compelido a apostar corrida, mesmo eu dizendo que não vou fazer isso de novo. Essa possibilidade nem passa mais pela minha cabeça. Mas como vou provar que *não vou* fazer algo?

– Mostrando pra ele por que ele te contratou! – Meu pai bateu com a bengala no chão. – Eu não te ensinei nada? Quando a vida te apresenta obstáculos, ou você os elimina ou encontra um jeito de contorná-los. Você não fica esperando que o universo os tire do caminho pra você. Você acha que aqueles paparazzi parasitas ficam sentados esperando que uma foto caia no colo deles? *Porra*, eu acho que não. Você não pode provar que *não vai* fazer algo, mas pode muito bem fazer mais do que ficar aqui sentindo pena de si mesmo!

Minhas mãos se fecharam em punhos. Ele não estava errado; eu estava

sentindo pena de mim mesmo. Só que não conseguia descobrir como sair do fundo do poço sem me expor a coisas piores – como o que quer que estivesse me levando a adotar o comportamento autodestrutivo de que Scarlett me acusava.

Mas não ia admitir nada disso ao meu pai. Estava angustiado demais por conta de semanas de emoções reprimidas e estava doido por uma briga.

– Você deveria estar feliz – falei. – Agora você não precisa mais ver seu filho jogar contra o Holchester. Não era isso que você queria?

As narinas de meu pai se dilataram.

– O que eu *queria*? Você acha que eu *quero* um filho que seja repelido pelo próprio clube e execrado pela imprensa porque não consegue manter o controle das próprias emoções?

– Não, você quer um filho que ganhe, mas só se for pelo seu time. – rebati. – Me fala: já assistiu a uma única partida minha desde que fui pro Blackcastle? Alguma vez você me ligou só pra *falar* comigo como se eu fosse seu filho, em vez de usar isso como uma oportunidade pra criticar tudo o que eu fazia em campo?

– O que você quer que eu faça, cacete? – gritou ele. – Que eu fique te bajulando como se fosse a porra de um bebê? Você não vai melhorar se eu só ficar dando tapinhas na sua cabeça e dizendo *bom trabalho* toda vez que você chutar a merda da bola!

– Não estou pedindo pra você me bajular. Estou pedindo pra você ser meu pai e não meu técnico, porra!

As emoções explodiram, atravessando a barragem que eu havia passado anos construindo e saindo pela minha boca, inundando a sala com o ressentimento de uma vida inteira. Não era só o último mês, e não era só o meu pai.

Era *tudo*. Scarlett, o técnico, Teddy, Vincent, os críticos e os torcedores, meus triunfos e meus erros. Às vezes, o peso de tudo isso era tão grande que eu não conseguia respirar.

Minha casa deveria ser meu refúgio, e nem isso eu tinha.

– Eu já tenho um técnico. Não preciso de um segundo – falei, incapaz de evitar que um tremor furioso escapasse na minha voz. – O que eu *preciso* é de uma família, e você tirou isso de mim!

Meu pai e eu ficamos nos encarando, com o peito arfando devido à força de nossa raiva.

Havíamos passado a vida inteira evitando aquela conversa. A discussão no hospital tinha trazido parte dela à tona, mas aquilo ali? Já vinha se desenhando havia décadas.

– Você acha que eu *acabei* com a sua ideia de família? – disparou meu pai. – Eu não estou tentando ser a porra do seu técnico! Estou tentando te transformar no que você sempre quis ser. O melhor jogador de futebol do mundo. Que tipo de pai eu seria se não te incentivasse a atingir todo o seu potencial?

– Alguém que se preocupa mais com o *filho* do que com o time. – Havíamos voltado à estaca zero, de onde nunca saímos de fato. – Se você estivesse tentando me ajudar a atingir meus objetivos, teria mantido a mesma energia depois que fui pro Blackcastle. Mas não foi o caso, né? Você só conseguia focar em como eu traí você e o Holchester ao trocar de time. Não foi nem capaz de me parabenizar quando ganhamos uma partida. Nenhuma vez.

Ele me encarou, com a mão fechada em torno da bengala.

Eu esperava que ele vociferasse e gritasse mais um pouco, porém, para minha surpresa, ele pareceu se esvaziar diante dos meus olhos. A raiva se esvaiu de seu rosto e de seu corpo, fazendo-o parecer menor e mais velho do que alguns minutos antes.

– Eu não estou dizendo que ajo perfeitamente o tempo todo – disse ele com um rosnado. – Fiquei chateado quando você foi pro Blackcastle sem me avisar antes? Claro que fiquei. O Holchester não era o *meu* time. Era o *nosso* time. Quando você era criança, só falava dele. Íamos juntos a todos os jogos. Criamos estratégias para conseguir uma vaga pra você no clube. Eu achava que você amava ele.

Diante de sua calma inesperada, minha raiva também se esvaiu, deixando um vazio em minhas entranhas.

– Sim, mas não dá para ficar no mesmo lugar pra sempre, ainda que a gente ame. É preciso crescer. – Engoli em seco. – Eu não te contei antes porque tinha medo de você dar um jeito de me convencer a ficar antes de assinarem a papelada. Eu *precisava* sair do Holchester para me tornar uma pessoa independente. Jamais ia conseguir fazer isso com você no meu ouvido o tempo todo. Eu não conseguia fazer uma única jogada nem comemorar uma única vitória sem que você me colocasse pra baixo. Eu aceito críticas, mas não se for para escutar só esse tipo de coisa.

Meu pai contraiu os lábios.

– Sua mãe sempre disse que eu era muito severo com você em relação ao futebol, e talvez eu fosse. Mas não foi por mim que eu te pressionei a vencer. Eu fiz isso por você.

– Porra nenhuma.

Podíamos estar tendo uma conversa civilizada, mas eu não era idiota.

– Pense o que quiser, mas é verdade – rebateu ele. – Você *precisa* desse título, filho. Você precisa da validação. Você tinha tanto medo de provar que os críticos estavam certos que fracassar teria sido uma tragédia na sua vida, especialmente depois que o Teddy morreu. Então eu não deixei. E olha só pra você agora. – Ele apontou com a cabeça para troféus, medalhas e aparelhos caros que nos cercavam. – Você acha que teria chegado até aqui se eu não tivesse te pressionado desde o começo?

Eu não acreditava nele. Não *queria* acreditar nele.

Havia passado tanto tempo construindo minha própria narrativa para nosso relacionamento que alterar qualquer parte dela significaria alterar minha visão de mundo, e isso era impensável.

Mas ouvi o sussurro da verdade em suas palavras, e, mesmo que não fosse toda a verdade, era mais do que eu esperava.

Meu pai suspirou, sua expressão ficando mais suave outra vez.

– Você ficou inconsolável depois que o Teddy morreu – disse ele. Estremeci. Não falávamos sobre Teddy desde que eu era adolescente, e eu preferia que fosse assim. Era melhor deixar algumas lembranças no passado. – Você se culpou pelo que aconteceu com ele. Na noite seguinte ao enterro, você pegou meu carro e passou a noite toda fora. Sua mãe e eu ficamos loucos de preocupação. Mas por fim você chegou em casa às quatro da manhã, cheirando a cerveja e cigarro. Você não imagina… – A voz dele falhou. – Era como se você quisesse morrer, se punindo por estar vivo, e ele, não.

Minha respiração travou diante da minha surpresa.

– Eu não me lembro disso.

Para ser franco, os dias e semanas após a morte de Teddy eram um borrão. Ou eu havia me forçado a esquecer, ou os havia reprimido, mas as palavras de meu pai trouxeram à tona uma vaga lembrança de cerveja barata e da rotação do motor enquanto eu dirigia por ruas escuras e vazias.

– Não acho que você faria isso, mas é o tipo de coisa que um pai não

esquece. – A mandíbula dele se contraiu. – Nós te colocamos de castigo. Gritamos com você. Demos sermão. Mas eu conseguia ver que a única coisa que te mantinha firme naquela época era o futebol. Você estava duplamente determinado a vencer, por si mesmo *e* pelo Teddy. Então eu foquei nisso. Tirei tudo do caminho e fiz com que você só pensasse nisso.

Uma pressão avassaladora se espalhou da base do meu crânio até as têmporas. Não conseguia mais separar a verdade da ficção e suspeitava que ele estava fazendo com que seus motivos parecessem mais virtuosos do que de fato eram.

Contudo, ele estava certo em uma coisa: a morte de Teddy e a culpa que senti pelo que acontecera me fizeram ter pensamentos sombrios. O futebol me salvou, mas…

Tem alguma coisa por trás dessas suas decisões idiotas *e impulsivas.*

Era como se você quisesse morrer, se punindo por estar vivo, e ele, não.

Meu coração parou por um segundo.

Não. Não poderia ser tão simples assim, poderia?

– Se não quiser acreditar em mim, tudo bem. Não importa. O que passou, passou – disse meu pai, me trazendo de volta para a conversa. – Mas eu vim aqui para lembrar você daquele garoto que teria feito *qualquer coisa* para estar onde você está agora. Você acha que o Asher adolescente teria chegado até aqui só pra no fim das contas desperdiçar os sonhos dele com meia dúzia de erros ridículos? Ele teria *lutado* pra voltar a jogar.

Ele se levantou, apoiando-se pesadamente em sua bengala.

– Não posso obrigar você a fazer nada que não queira, embora Deus saiba que eu tentei. Mas pensa no que eu te falei hoje. Pensa no que você vai estar jogando fora se não acordar pra vida logo. – Ele se dirigiu à porta. – Sei onde fica a saída. Já está tarde e, se eu não voltar logo pro hotel, sua mãe me mata.

Não falei nada e quase o deixei ir embora, mas havia mais uma questão não resolvida pairando sobre nós.

Eu o detive pouco antes de ele chegar à porta.

– Você nunca respondeu à pergunta que eu te fiz no hospital.

O seu time ou o seu filho?

Precisava ouvir dele.

Meu pai me encarou com uma expressão indecifrável.

– O time vai estar sempre lá – respondeu ele. – Mas filho eu só tenho

um.

Então saiu, e eu fiquei sozinho no silêncio mais uma vez.

CAPÍTULO 51

ASHER



As palavras de meu pai continuaram ecoando muito tempo após ele ter ido embora, particularmente o que dissera sobre Teddy e meus impulsos suicidas.

Seria mesmo esse o motivo de minha compulsão por correr? Parecia absurdo. Eu *gostava* de correr, e não fazia sentido que a morte dele fosse a origem do meu comportamento autodestrutivo. Isso tinha me levado ao sucesso, não à autossabotagem.

Mas a emoção que eu sentia ao correr era a emoção de enganar a morte, então talvez…

A dor de cabeça aumentou. Estava tarde demais para pensar naquilo. Precisava dormir primeiro. Aí, sim, no dia seguinte, poderia descobrir o que fazer com as revelações da intervenção-surpresa do meu pai.

Infelizmente, a noite tinha outros planos para mim quando, menos de uma hora depois que ele saiu, outra pessoa apareceu em meu portão.

Fiquei incrédulo ao ver quem era.

– Isso *só pode* ser brincadeira.

Fiquei tentado a deixá-lo do lado de fora, mas cedi e abri o portão outra vez. O que era mais um visitante para a conta? Talvez eu devesse convidar a Filarmônica de Londres para um concerto e depois colocar sacos de dormir para todos os paparazzi acamparem na minha sala de estar.

Talvez o universo estivesse me fazendo um favor ao tentar me distrair dos pensamentos sobre Scarlett – ou talvez estivesse tentando me punir ao

me obrigar a lidar com meu pai *e* com a pessoa que mais me fazia lembrar dela no período de uma hora.

Abri a porta e me deparei com a cara amarrada de Vincent.

Fui atravessado por um raio de irritação. Ele realmente havia brotado na minha casa sem ser convidado e ainda tinha a coragem de parecer zangado?

Típico do Vincent.

– O que você tá fazendo aqui? – perguntei. – Por acaso alguém espalhou pra Londres inteira que a minha casa estaria aberta à visitação essa noite ou algo assim?

Levando em conta como vinha sendo minha semana, não ficaria surpreso.

– Precisamos conversar. – Ele passou por mim e foi até o hall. Ainda estava usando o uniforme da partida daquela tarde, o que não ajudou a melhorar o meu humor.

Vincent não apenas me fazia lembrar da irmã, mas também da suspensão. Naquele momento, ele era o símbolo de tudo o que eu havia perdido, e quase o espanquei por esse motivo.

Mas isso não aconteceu.

Primeiro, não resolveria meus problemas, e sim os agravaria. Segundo, meus problemas não eram culpa dele, embora eu desejasse que fossem. Era mais fácil culpar os outros por meus infortúnios do que a mim mesmo.

– Não quero conversar. – Mesmo assim, fechei a porta para o caso de haver paparazzi à espreita com uma lente noturna de longo alcance ou o que quer que eles usassem para espionar suas vítimas desavisadas. Confiava na minha equipe de segurança, mas todo cuidado era pouco. – Se é sobre a sua irmã…

Não conseguia pronunciar o nome de Scarlett. Doía demais.

– Não. Não vim aqui como irmão da Scarlett. – Estremeci mesmo quando Vincent continuou sem nem um "olá, que bom te ver". – Vim aqui como seu capitão, e estou mandando você *dar um jeito na porra da sua vida*.

Ah, não era possível. Era o Dia de Chutar o Asher Enquanto Ele Está Caído e ninguém me avisou? Por que toda hora alguém entrava na porra da *minha* casa para gritar comigo?

– Eu já…

– Tá vendo isso aqui? – Ele apontou para as medalhas expostas em uma caixa de vidro no corredor. – Se quiser ganhar outra dessas, precisa acordar

pra vida. Você foi suspenso e a sua namorada terminou com você. Grandes merdas.

Meus ombros ficaram tensos.

– Você disse que não tinha a ver com a Scar… com ela.

– Não tem mesmo. Tem a ver com a maneira como você está agindo *por causa* dela – retrucou Vincent. – Você quer ser o melhor jogador de futebol do mundo, mas não consegue segurar a onda depois de terminar um namoro. Digamos que vocês voltem a ficar juntos. O que acontece se vocês brigarem antes de uma partida? O que acontece se ela terminar com você outra vez antes da Copa do Mundo?

– Eu…

– Faz uma *semana* que você está sofrendo pelos cantos que nem um adolescente, e já passou da hora de virar a página – disse ele, atropelando minha resposta. – Agora, vou dizer isso uma única vez, e, se você contar pra alguém, eu vou negar… mas a gente precisa de você de volta ao gramado. O moral do time está lá embaixo e não vamos conseguir manter o ritmo sem você. A gente ganhou do Tottenham por *muito pouco*. Mais importante ainda, você precisa resolver a sua vida e descobrir um jeito de reconquistar a Scarlett. Por algum motivo que não consigo entender, ela ainda sente alguma coisa por você e, pra ser sincero, estou cansado de ver minha irmã sofrendo pelos cantos também.

Fiquei olhando para ele, atordoado e em silêncio pela segunda vez naquela noite.

Não podia acreditar que Vincent DuBois, dentre todas as pessoas, estava fazendo um discurso motivacional para mim. Um discurso duro e enervante, mas ainda assim um discurso motivacional.

Ou ele conspirou com meu pai no ataque duplo daquela noite, ou o universo decidiu que eu precisava de um sacode para tomar juízo.

Suspeitei que fosse a segunda opção.

O choque dos acontecimentos da noite aliviou um pouco do atordoamento em que eu estava nas últimas duas semanas.

Doía muito admitir, mas meu pai e Vincent estavam certos. Eu me orgulhava de minha motivação e de minha determinação, mas não havia demonstrado nada disso desde que Scarlett saiu correndo do quarto do hospital na noite do acidente.

Por que eu estava parado esperando por uma inspiração em vez de *lutar*

por ela e por meu lugar no gramado? Ficava só pensando que era impossível provar que não faria algo, mas será que era mesmo?

Mesmo que fosse, já havia conquistado o impossível antes. Poderia fazer isso outra vez.

Por Scarlett, eu faria qualquer coisa.

A clareza dissolveu o que restava do atordoamento, permitindo que as palavras de Vincent fossem totalmente assimiladas.

– Ela está sofrendo pelos cantos?

Ele me lançou um olhar exasperado.

– De tudo o que eu disse, foi *isso* que ficou? E sim, infelizmente, ela está sofrendo pelos cantos.

Meu coração disparou. Odiava a ideia de Scarlett estar triste, mas aquilo era bom. Se ela estava sofrendo, significava que não tinha seguido em frente.

Nosso problema não era a falta de sentimentos um pelo outro, mas a confirmação de Vincent era o combustível de que eu precisava.

– Sabe, você podia ter economizado metade do seu discurso – falei para ele. – Meu pai acabou de sair daqui. Ele também me disse pra levantar a bunda do sofá e ir à luta, então essa parte do seu sermão foi meio que à toa.

Vincent franziu a testa.

– Sério? Eu tenho mais coisa pra dizer. Ensaiei a viagem toda até aqui.

– Não precisa. Já captei a mensagem.

– Ah... Hum... Que bom, então. – Ele parecia perdido agora que seu plano inicial tinha fracassado. – Então, o que você vai fazer em relação a isso tudo?

Minha mente girava, elaborando e descartando dezenas de estratégias.

Precisava provar para Scarlett que não era o mesmo esquentadinho sem juízo que tinha corrido contra Bocci naquela noite.

Para isso, precisava tomar medidas concretas. Fazer algo que mostrasse que eu estava levando a sério a tarefa de mudar. *O que será que eu posso…*

Meu coração parou por um segundo antes de disparar freneticamente.

Já sei.

– Eu tenho um plano – falei, em resposta à pergunta de Vincent. – Mas preciso da ajuda do time.

• • •

Na tarde seguinte, o time do Blackcastle inteiro se amontoou na minha casa para uma "reunião não oficial".

Eles reclamaram e resmungaram por conta da convocação de última hora, da longa viagem logo em seu dia de folga, mas todo mundo apareceu.

Uma constrangedora pontada de emoção atingiu meu peito ao ver a sala lotada. Jamais diria isso em voz alta, porque eles me perturbariam para o resto da vida, mas o fato de estarem abrindo mão de parte do domingo deles por mim, mesmo sem eu ter dado nenhum detalhe sobre o assunto da reunião, significava muito.

Uma das coisas de que eu mais gostava no futebol era o companheirismo. Havia perdido isso depois que saí do Holchester, mas tinha esperanças de encontrar outra vez.

– Então, sobre o que é essa reunião misteriosa? – perguntou Samson, esticando os braços e as pernas com um bocejo. – Espero que seja alguma coisa boa. Estou perdendo um assado de domingo por causa disso.

– Vamos finalmente começar nosso clube do livro? – Adil se endireitou, com os olhos brilhando de empolgação. – A Wilma Pebbles está com um livro novo que vai ser lançado em breve. Devíamos escolher esse.

Desde que lera o livro dos tricerátops, ele tinha ficado obcecado por Wilma Pebbles.

O resto do time riu e zombou, embora vários membros parecessem intrigados. Stevens jogou uma almofada nele. Adil a pegou com facilidade.

– Não se esqueçam de que todos vocês concordaram em participar do clube do livro – disse ele. – Vou criar um grupo com todo mundo assim que resolver a logística.

– Como assim você ainda não resolveu? – disse Gallagher, bufando. – Que tipo de administrador é *você*?

– Do tipo que vai te colocar pra cuidar da limpeza se você não baixar essa bola.

– Ah, é? Quero muito ver você me *obrigar*… Ei! Cuidado com o meu cabelo! – protestou Gallagher quando Adil atirou a almofada nele.

Ao meu lado, Vincent esfregou a têmpora e balançou a cabeça.

Era por isso que eu não queria ser capitão do time. Controlar um grupo de jogadores de futebol era mais difícil do que pastorear uma ninhada de cachorrinhos hiperativos.

– *Não é* uma reunião do clube do livro – disse ele. – É uma reunião

estratégica. Tem a ver com nosso mais novo membro do time.

Os outros jogadores ficaram quietos, seus olhos oscilando entre nós com curiosidade. Ainda estavam se acostumando com o fato de Vincent e eu trabalharmos juntos em vez de discutirmos, mas estavam totalmente de acordo com a nova dinâmica. A tensão da temporada anterior não tinha sido divertida para ninguém.

– Vocês dois finalmente se beijaram e fizeram as pazes? – perguntou Elliott, um meio-campista sentado próximo à lareira. – Nossos pais não são mais divorciados?

Risos irromperam pela sala.

– Com licença. – Vincent pareceu insultado. – Eu sou seu capitão há anos. *Ele* só foi transferido este ano – disse, apontando o polegar para mim. – Não estamos no mesmo nível. Só tem um pai aqui, e sou eu.

– Claro – falei. – Você pode ser o pai chato. Eu vou ser o irmão mais velho divertido.

Ele me encarou, mas sua expressão não era calorosa.

– Vai continuar de palhaçada ou vai explicar pra todo mundo por que eles estão aqui?

Claro. Por mais que eu gostasse de abalar seu ego, tínhamos assuntos mais importantes para discutir.

Encarei o time outra vez.

– Primeiro, antes de falarmos sobre o motivo de estarmos todos aqui, eu queria me desculpar – falei. Aquele sentimento vinha pesando havia algum tempo, e eu precisava colocar para fora. – Sei que as coisas têm sido difíceis por vários motivos desde que eu entrei para o clube. Parte disso se deve a circunstâncias externas, mas outra parte se deve a mim. Ao meu temperamento, à minha imprudência…

– Ao seu ego gigante – complementou Vincent.

– Ao meu *orgulho* – continuei, ignorando-o. – Todas essas coisas contribuíram para um início de temporada tumultuado. Eu arrastei vocês pra minha briga com o Holchester quando não deveria, e agora estamos todos pagando por isso.

Olhei ao redor, encarando a expressão séria de todos eles. Pela primeira vez, ninguém fazia piadas nem brincadeiras. Tivemos um começo difícil, mas havíamos passado por muita coisa juntos. Era grato por tê-los ao meu lado e não iria decepcioná-los novamente.

– Mas isso vai mudar, porque estou comprometido com o Blackcastle e com certeza estou comprometido com o título no fim da temporada.

Aplausos animados receberam minhas palavras. Esperei até que diminuíssem antes de continuar:

– Eu vou convencer o técnico a me colocar de volta no campo. Quando isso acontecer, saibam que vou estar lutando por *todos* nós no gramado. Não se trata de mim; trata-se da equipe. E, juntos, *vamos dar uma surra nos outros times*.

Outra salva de palmas estrondosa irrompeu.

– Isso aí!

– *Foda-se* o Holchester!

– Rumo à porra da vitória, Blackcastle! – disse Elliott, batendo na mesa para dar ênfase.

– Tá bem, vamos fazer silêncio – disse Vincent, como o desmancha-prazeres de sempre, mas estava sorrindo. – Temos muito tempo pra falar de futebol mais tarde. Vamos ao que interessa.

Ele me lançou um olhar incisivo.

Os rapazes se calaram, claramente curiosos para entender o que estava acontecendo.

Fiz uma pausa para organizar meus pensamentos antes de voltar a falar.

– Como alguns de vocês devem saber, eu e a Scarlett terminamos recentemente.

– Aham, fiquei sabendo. Você e a irmã do DuBois. – Stevens estalou a língua. – Que sorte, cara. Ela era uma gostosa… – Ele parou de falar abruptamente quando Vincent e eu olhamos para ele de cara feia. – Quer dizer, ela parece ser uma mulher adorável… Por favor, continue.

Deixei passar o comentário impertinente, mas só daquela vez.

– Como estava dizendo, eu e a Scarlett terminamos, mas eu reuni vocês aqui porque queria pedir ajuda para consertar isso.

O time trocou olhares intrigados.

– Não entendi – disse Samson. – Como a gente pode ajudar?

– E por que precisamos nos encontrar pessoalmente pra isso? – Gallagher bocejou. – Você podia ter mandado um e-mail.

– Não, não podia – disse Vincent. – Você vai entender quando o Asher explicar a primeira etapa.

Gallagher franziu a testa.

– A primeira etapa do quê?
Dei um sorriso genuíno pela primeira vez em duas semanas.
– Do nosso mais novo manual: Como Recuperar Scarlett.

CAPÍTULO 52

SCARLETT



– Posso te fazer uma pergunta? – Emma havia ficado após a aula novamente, seu rosto carregado de nervosismo. – Não tem a ver com a apresentação dos alunos. Não exatamente.

– Claro. – Desliguei a música e a encarei. Alguns instrutores preferiam trabalhar com um pianista ao vivo em suas aulas, mas eu gostava da liberdade de pausar e reproduzir as músicas sem depender de outra pessoa para pegar minhas deixas. – O que houve?

Emma alternou o peso do corpo entre um pé e outro. Aguardei pacientemente, minha curiosidade cada vez mais aguçada diante de seu longo silêncio. Ela costumava ser mais direta.

– Como você lidou com a pressão de se apresentar no palco? – perguntou ela, finalmente, com as bochechas coradas. – Tipo, saber que todos os olhares vão estar voltados pra você e que as pessoas vão perceber qualquer erro que você cometer. Isso te deixou nervosa? Fez você… fez você não querer mais o papel?

Meu peito se encheu de compaixão.

– Isso tem a ver com o *Quebra-nozes*?

Ela hesitou por um instante antes de assentir, com uma expressão desolada.

– Eu sei que é o espetáculo da escola e não, tipo, uma apresentação para o rei e essas coisas, mas é o papel mais importante que eu já tive. Não quero estragar tudo. *Sei* que sou capaz, mas quanto mais a noite de estreia se

aproxima, mais medo eu sinto. Tem milhares de vozes na minha cabeça me dizendo que não sou boa o suficiente pra merecer o papel, e não consigo tirá-las de lá. – O queixo de Emma tremeu. – E se elas ainda estiverem lá na noite de estreia e estragarem minha apresentação? Todos os meus amigos e familiares vão estar lá. Não quero fazer besteira.

A compaixão se aprofundou e se misturou com uma gota de vergonha. Ela era tão jovem e insegura que a inveja que eu tinha sentido – e enterrado bem fundo – pareceu ainda mais desagradável.

Eu tinha meus motivos para me sentir assim, mas eu era adulta e ela era uma adolescente – extremamente talentosa, mas ainda assim uma adolescente. Eu já havia estado em seu lugar e entendia exatamente pelo que ela estava passando.

– Não foi fácil – admiti em resposta à pergunta dela. – Houve espetáculos em que eu estava tão nervosa que queria vomitar nos bastidores. Acho que isso nunca passa de fato. Até as melhores bailarinas ficam apreensivas antes de uma apresentação importante, às vezes. É *normal*, então não sinta que você não é boa o suficiente por ter esse tipo de sentimento. Na verdade, a síndrome do impostor é muitas vezes um sinal de grandeza.

Emma franziu a testa.

– Como assim?

– É uma prova de que você está estabelecendo padrões altos pra você mesma e que não está satisfeita em ser simplesmente boa o suficiente – expliquei. – Se achamos que somos perfeitas e que não há nada que possamos melhorar, jamais vamos crescer. Se não há crescimento, ficamos estagnadas. E a grandeza não vem da estagnação; ela vem do progresso.

Minhas palavras eram destinadas a Emma, mas dizê-las em voz alta me tocou profundamente.

Desde o acidente, eu vivia em uma espécie de inércia. Asher havia me sacudido e me forçado a sair da minha zona de conforto, mas ainda tinha uma parte minha que resistia a fazer isso porque não *queria* crescer. Não me permitir crescer era estagnação, mas também era previsível. Seguro. E essa parte de mim estava se agarrando aos galhos finos de uma árvore morta havia muito tempo, em vez de abraçar as sementes de um novo começo.

Era uma verdade difícil, e eu não esperava ter que confrontá-la em uma tarde de quarta-feira qualquer. Mas geralmente são dias quaisquer que mais

nos surpreendem.

Respirei fundo e deixei minha constatação de lado (refletiria sobre isso no futuro). Aquele não era o momento de me perder em meus pensamentos. Deus era testemunha de que já havia feito *isso* bastante nas últimas semanas.

– Em relação ao seu desempenho, a única coisa que você pode fazer é dar o seu melhor – continuei. – Não posso prometer que vai ser tudo perfeito. Ninguém pode garantir isso. Mas já vi você se apresentar e sou testemunha da sua dedicação extrema e do seu esforço nas aulas. Você é uma das minhas *melhores* alunas, e tenho plena convicção de que fará jus à Fada Açucarada.

Um pequeno sorriso veio à tona no mar de nervosismo dela.

– Obrigada.

– Imagina. – Retribuí o sorriso. – Se isso faz você se sentir melhor, descobri que mesmo quando a mente está ansiosa, o corpo se lembra. No momento em que subia no palco, minhas preocupações se dissipavam porque eu *deixava* isso acontecer. Eu não tentava me agarrar ao medo. Simplesmente me entregava e permitia que a memória muscular assumisse o controle.

– Faz sentido. – Emma soltou um suspiro. Não parecia totalmente convencida, mas parecia menos ansiosa do que no início de nossa conversa. – Já passei por isso antes, mas as expectativas não eram tão altas, sabe?

– Eu sei. Elas continuarão a crescer, mas sua experiência e sua resiliência crescerão junto com elas.

– Crescimento, não estagnação.

– Exatamente.

– Obrigada, Srta. DuBois. – Ela se remexeu no lugar outra vez, parecendo envergonhada. – Desculpa continuar incomodando você depois da aula, mas essa conversa me ajudou muito. De verdade. Fico feliz de não ser a única a sentir essas coisas.

– Confie em mim, você não é a única e não está me incomodando. – Eu falava de coração. Já havia estado no lugar dela e entendia a pressão. – Estarei sempre aqui se você quiser conversar, seja sobre seu desempenho ou sobre as agruras da carreira de bailarina.

Emma agradeceu com um sorriso reluzente.

Depois que ela saiu, limpei o estúdio, com a mente dispersa em uma dúzia de tópicos diferentes.

Faltavam menos de dois meses tanto para a apresentação dos alunos

quanto para a da equipe. Não pensei que me juntar à segunda afetaria minha opinião sobre a primeira, mas foi o que aconteceu.

Em algum momento entre a conquista do papel de substituta e minha conversa com Emma naquele dia, minha inveja em relação a seu papel como estrela de *O Quebra-Nozes* foi se dissipando aos poucos. Talvez tivesse sido porque meus próprios ensaios haviam me lembrado de como o papel principal podia ser desgastante física e mentalmente, ou talvez tivesse sido porque finalmente encontrei uma saída para a inquietação que me atormentava desde o acidente. Independentemente do motivo, era libertador estar livre desses sentimentos desagradáveis.

Os ensaios correram bem depois que saí do hospital, e isso me deu segurança. Cuidei de mim do melhor jeito que pude, tanto em casa quanto no trabalho. Tamara e eu também colaboramos em um plano de ensaio adaptado que incluía limites de tempo, intervalos frequentes e um ritmo mais moderado. Felizmente, o restante da equipe embarcou junto, e não tive nenhuma crise grave desde que as modificações foram feitas.

Olhando para trás, ficava envergonhada de ter me esforçado a ponto de parar no hospital. Minha busca por perfeição e o padrão irreal que impus a mim mesma quase me destruíram. Fui imprudente demais com meu corpo, e… Congelei quando as palavras ecoaram em minha cabeça.

Imprudente demais.

Meu coração apertou.

Tinha feito um ótimo trabalho em *não* pensar em Asher naquele dia. Desde que acordei naquela manhã, ele só havia passado pela minha cabeça cinco vezes, o que era mil vezes melhor do que os dias em que ele consumia meus pensamentos inteiramente do nascer ao pôr do sol.

No entanto, o eco dessa minha última reflexão o trouxe de volta ao primeiro plano da minha mente – a imagem dele parado na porta do estúdio, a angústia em sua voz quando terminei com ele, o som de seus passos desaparecendo ao longe.

As lembranças deixaram o nó em minha garganta ainda mais apertado.

Imprudente demais.

Havia acusado Asher de ser imprudente demais e de se colocar em perigo, mas será que eu não havia feito a mesma coisa quando me recusei a ouvir as exigências do meu corpo? É óbvio que a chance de minha situação culminar em uma morte imediata e flamejante era a mínima, mas o

fundamento era o mesmo.

Uma inquietação se infiltrou em minhas veias.

Será que estava sendo hipócrita e punindo Asher por algo de que eu mesma era culpada?

Não é exatamente a mesma coisa, argumentou uma voz pragmática em minha cabeça. *Você não fez nenhuma promessa a ele em relação ao balé. Você não tem um histórico de colocar em risco a si mesma ou aos outros. Você se cobra demais, só isso.*

Talvez as situações não sejam as mesmas, mas o fundamento é, rebateu outra voz.

Ah, cala a boca.

Cala a boca você.

Minha cabeça latejava por conta da briga interna que ocorria dentro de mim. Ouvir vozes era um mau sinal, e ouvi-las brigando era ainda pior.

Eu realmente precisava ligar para minha antiga terapeuta. Já vinha pensando nisso depois de ser internada, mas as últimas semanas haviam confirmado minha decisão. Achava que havia atingido certa estabilidade emocional depois de anos de sessões semanais com ela, mas, obviamente, ainda tinha trabalho a fazer – tanto na minha vida profissional quanto pessoal.

Duas semanas haviam se passado desde que terminei com Asher. Pensei que a dor da ausência dele desapareceria, mas só aumentava a cada dia. Não conseguia ligar a TV ou passar por uma banca de jornal sem ver fotos de seu rosto espalhadas por toda parte. Não conseguia nem mesmo andar pelo meu apartamento sem ver seu rosto ou ouvir sua risada.

No pouco tempo em que convivemos, Asher se enraizou na minha vida de forma tão profunda que eu não conseguia me imaginar vivendo sem ele. Tentar fazer isso vinha sendo… difícil. E minha nova preocupação sobre a possibilidade de tê-lo colocado injustamente em um pedestal que nem eu mesma era capaz de alcançar não facilitava as coisas.

Terminei de limpar a barra e joguei os papéis usados na lixeira.

Fazia *diferença* se eu estava sendo hipócrita? Isso não mudava nossa situação. Isso não tornaria Asher menos autodestrutivo ou suscetível ao perigo. A menos que ele…

– Scarlett. – Carina enfiou a cabeça no estúdio, interrompendo meus pensamentos. Seu rosto estava corado e seus olhos brilhavam de

empolgação. – Você precisa descer *agora mesmo*.

– Por quê? São os paparazzi outra vez?

Eles ainda não haviam descoberto que eu terminara com Asher, mas era apenas uma questão de tempo.

Carina balançou a cabeça, parecendo quase maravilhada.

– Você tem que ver com seus próprios olhos.

CAPÍTULO 53

SCARLETT



– Eu vi pelas câmeras de segurança – disse Carina, ofegante, conforme saímos do prédio. – Precisava te contar.

– Viu o quê… – Minha pergunta morreu quando chegamos ao estacionamento. Parei de repente.

Respirei fundo.

E fiquei *olhando*.

Racionalmente, entendia o que estava diante dos meus olhos, mas meu cérebro não conseguia processar totalmente o espetáculo.

Porque bem ali, com seus rostos estampados em sorrisos quase idênticos, estava todo o time do Blackcastle. Cada um estava ao lado de um carro esportivo diferente, como se fossem vendedores em um salão de automóveis de luxo.

Bem, *quase* todos eles.

Meu coração parou quando os dois jogadores do meio se afastaram, revelando um cabelo escuro familiar e olhos cor de esmeralda.

Como… o que…

Meu cérebro congelou, sem saber o que dizer, quando Asher passou pelos colegas de time e veio na minha direção. Sua boca se curvou em um pequeno sorriso.

– Oi, querida.

Foi uma mera saudação. Duas palavras que eu já tinha ouvido muitas vezes antes. Elas não deveriam ter provocado uma reação tão instantânea e

visceral, mas provocaram.

Todas as minhas terminações nervosas faiscavam como fios desencapados na chuva. Um calor percorreu meu corpo enquanto meus batimentos cardíacos diminuíam, tentando prolongar o momento o máximo possível.

Oi, querida. As únicas palavras que sempre me faziam sentir como se estivesse voltando para casa.

Elas me diziam para correr até ele e envolver meus braços em seu pescoço. A enterrar meu rosto em seu peito e ouvir os batimentos de seu coração como prova de que ele estava vivo e *ali*.

A vontade era tão forte que cheguei a dar um pequeno passo para a frente, mas a razão prevaleceu, e eu me detive.

Em vez disso, engoli o nó crescente na garganta e apontei para os carros alinhados atrás de Asher.

– O que é isso?

Precisei de toda a minha força de vontade para não vacilar quando Asher diminuiu a distância entre nós.

Um passo.

Dois passos.

Três.

Ele continuou até parar a menos de dois palmos de mim – perto o suficiente para que seu cheiro entrasse em meus pulmões e seu calor me envolvesse como um cobertor em uma noite de inverno com neve do lado de fora.

Um arrepio percorreu minha pele.

– Vou explicar já, já. – A voz de Asher era baixa, para que apenas eu ouvisse. – Na última vez que nós conversamos, você me acusou de ser imprudente e autodestrutivo demais. Eu não queria admitir, mas tive tempo para refletir sobre minhas atitudes e os motivos por trás delas, e você estava certa. – Uma nuvem passou, sombreando os ângulos esculpidos de seu rosto. – Eu não corria apesar do perigo; eu corria *por causa* do perigo. Eu adorava a adrenalina. Adorava a emoção de competir contra a morte e vencer. Mas recentemente, depois de algumas… conversas com outras pessoas próximas, percebi que esse não era o único motivo.

Asher engoliu em seco antes de continuar.

– Quando me suspendeu, o técnico disse que eu não tinha disciplina

porque algo mais profundo estava provocando a impulsividade que me fazia ter comportamentos idiotas como correr contra o Bocci. Não era o Holchester. Não era o meu orgulho nem meu desejo de ser muito bom. Era outra coisa, e eu não conseguia descobrir o que era. Então, meu pai apareceu no fim de semana. – O sorriso dele voltou ao ver minha surpresa. – Sim, eu também fiquei chocado. Mas ele apareceu, e tivemos uma longa conversa. Ele falou sobre como agi depois da morte do Teddy e que naquela época parecia que eu queria morrer. Foi então que me dei conta. Nunca me resolvi de verdade com a culpa que sentia pela morte do Teddy. Eu me sentia atraído pelo perigo das corridas porque estava tentando me punir pelo que aconteceu. Porque parte de mim acreditava que deveria ter sido eu a morrer naquela noite, não ele.

A confissão crua me atingiu com a força de um golpe físico.

– Asher…

– Não estou tentando fazer com que você sinta pena de mim pra poder me perdoar – disse ele. – Sei que isso não é desculpa para a maneira como eu me comportei, mas é a verdade. Como disse antes, tive muito tempo pra refletir nas duas últimas semanas e percebi mais uma coisa. Antes, sempre que eu pensava em correr, sentia uma descarga de adrenalina. Mal podia esperar pra pegar o volante e ver até onde iria parar. Mas, quando penso nisso agora, a única coisa que sinto é arrependimento. Mesmo que não tivesse tido a revelação sobre o Teddy, eu me sentiria da mesma forma, porque correr foi o que me fez perder a única coisa… a única *pessoa* com quem mais me importo no mundo. Você.

Meus olhos ficaram cheios d'água. Tentei falar, mas era impossível. *Respirar* era impossível. Portanto, só me restava ficar ali, com os olhos ardendo e o peito doendo, enquanto ele destruía uma a uma as defesas que eu havia construído ao redor do meu coração.

– Durante toda a minha vida, eu me concentrei no futebol e em vencer. Só isso – disse Asher, com um toque de vulnerabilidade suavizando sua voz. – Então você apareceu e destruiu tudo o que eu pensava sobre quem eu era e sobre o que eu queria. Você me fez reavaliar minha vida e querer ser uma pessoa melhor… não só por você, mas por mim.

Uma lágrima escapou e escaldou minha bochecha. Estava vagamente ciente de que Carina ainda estava lá, assim como as colegas de time dele e quem mais estivesse passando por ali na hora, mas não me importei.

Naquele momento, ninguém mais importava, só nós dois.

– Não vou conseguir superar da noite pro dia o impacto que a morte do Teddy teve sobre mim, mas acho que reconhecer isso é um bom primeiro passo. Não quero mais ser o cara que permite que seu passado e seu orgulho o levem a tomar decisões imprudentes – disse Asher. – Não quero me machucar nem machucar as pessoas com quem me importo em nome de uma sensação de euforia de curta duração. Acima de tudo, não quero arruinar minhas chances de passar o maior número possível de dias com você, porque eu te amo. Mais do que o futebol, mais do que correr, mais do que qualquer outra coisa no universo, inclusive Plutão.

Um misto de risada e soluço atravessou minha garganta. Mais lágrimas caíram, mas não me dei ao trabalho de contê-las.

A menção de Asher a meu discurso bobo sobre Plutão e o quanto aquele planeta pequenino significava para mim foi tão perfeita, tão *ele*, que fez meu coração disparar.

– Eu te *amo* – repetiu ele, com as palavras carregadas de emoção. – Estou completamente apaixonado por você, querida, e a única coisa imprudente que quero fazer é explorar a profundidade dessa toca de coelho com você. Juntos.

Dei risada de novo, minha voz embaraçosamente trêmula.

– É bem profunda, eu imagino.

Ele sorriu.

– Acho que sim.

Eu te amo. Meu corpo cantou com aquelas palavras, mas antes que eu pudesse responder ou reconhecer esse sentimento com algo mais do que lágrimas, Asher deu um passo para o lado.

– No entanto, sei que palavras não bastam, então pedi aos rapazes que viessem e me dessem uma mãozinha. – Ele apontou para os carros. – Essa é a minha coleção inteira de carros. Dei um pra cada colega de time.

Meu coração pulsava em meus ouvidos. Tinha ficado tão distraída com a aparição deles antes que não prestei atenção nos carros em si.

O Porsche. O Bugatti. O *Jaguar*.

Todos eram itens conhecidos da garagem de Asher, mas agora nas mãos de outra pessoa.

– Mentira que você fez isso – falei, ofegante.

Eram milhões de libras em veículos de luxo.

Dinheiro à parte, Asher *amava* seus carros. Ainda que não participasse de corridas, isso não significava que ele precisava abrir mão de sua coleção.

– Eu sei que a gente não se conhece, mas você é a minha pessoa favorita *do mundo todo* – disse o jogador ao lado do Porsche. Eu o reconheci e vi que era Samson Agbo, um dos laterais do clube. – Ganhei esse bebê de graça. – Ele deu um tapinha no capô preto brilhante.

– Eu fiquei com a Lambo! – Adil sacudiu suas chaves com um sorriso triunfante. – Obrigado por terminar com ele, Scarlett. Você deveria fazer isso com mais frequência.

Os outros jogadores riram, e Asher fulminou o companheiro de time com o olhar.

Examinei a fila até que meus olhos pousaram em Vincent, que estava encostado na lateral de um Jaguar verde-selva vintage conversível. O favorito de Asher. O mesmo que, segundo ele, o Holchester havia estragado e que deu início a toda aquela confusão. Quem quer que ele tivesse contratado para restaurar a pintura fez um trabalho primoroso, pois não havia vestígios de um único arranhão.

Vincent acenou com a cabeça quando nossos olhares se encontraram. Foi um pequeno gesto, mas eu o ouvi em alto e bom som.

Eu tinha sua absoluta bênção para reatar meu relacionamento com Asher se quisesse.

Uma nova emoção jorrou em minha garganta.

Encarei Asher outra vez, tentando reunir meus pensamentos dispersos em uma resposta coerente. Havia tantas coisas importantes que queria dizer a ele que todas me escaparam por completo, então recorri à primeira pergunta que me veio à mente:

– Se você deu todos os seus carros, o que você vai dirigir?

Ele abriu um sorriso e apontou para o carro ao lado do Jaguar. O sedã era tão sem graça e desinteressante que só fui notá-lo quando Asher chamou minha atenção para ele.

– Aquele ali – disse Asher, parecendo orgulhoso. – Foi eleito o carro mais seguro do mundo este ano. Freios ABS nas quatro rodas, sistema de alerta de colisão frontal, proteção para a cabeça dianteira e traseira… quem precisa ir de zero a cem quilômetros em 2,3 segundos quando se tem controle de cruzeiro adaptativo?

O vento carregou minha risada pelo estacionamento.

– Não faço a menor ideia do que isso significa, mas parece… seguro.

– Muito seguro. – A expressão de Asher ficou séria. Ele se virou de costas para o time, me bloqueando dos olhares deles, e baixou a voz novamente. – Eu queria provar para você que não falei da boca pra fora que ia mudar. Estou levando isso muito a sério. Não posso compensar o que fiz, mas posso fazer tudo o que estiver ao meu alcance pra garantir que isso nunca aconteça. E sinto muito por ter feito você passar por…

Eu o interrompi com um beijo.

Na ausência de palavras adequadas, deixei que minhas atitudes falassem. Meus dedos mergulharam em seu cabelo e, depois de uma fração de segundo de surpresa, ele me beijou de volta, sua boca se derretendo contra a minha com uma intimidade tão profunda que senti em cada molécula do meu corpo.

Minha mente ficou turva e, apesar do frio de outubro, senti minha pele cálida.

Beijar Asher de novo depois de quase duas semanas de privação foi como romper a superfície da água após horas submersa no gelo. Todas as sensações se cristalizaram com detalhes pungentes – a firmeza sensual de seus lábios, o toque de especiarias em sua loção pós-barba, a força de sua mão ao segurar meu rosto.

Mal ouvi os assobios e gritos do time enquanto me entregava à doce sensação do momento.

Não podia garantir que Asher não voltaria a seus velhos hábitos no futuro, mas confiava nele. Vi a convicção em seus olhos e a ouvi em sua voz. Mesmo que não tivesse visto, o fato de ele estar disposto a abrir mão de sua amada coleção de carros me dizia tudo o que eu precisava saber.

Além disso, se tinha uma coisa que havia aprendido nos últimos quatro meses, era a importância de ter compaixão – tanto comigo quanto com os outros. Não temos como mudar o passado. Só podemos moldar o futuro, e eu queria um futuro com ele. Juntos.

Eu me afastei apenas o suficiente para recuperarmos o fôlego.

– Lembra o que você disse antes?

– Sobre o sistema de freios ABS?

– Não. – Soltei um pequeno suspiro junto com meu sorriso. – Você disse que me ama.

Ele deslizou a mão até a minha nuca. Seu calor queimou deliciosamente

minha pele.

– Eu disse que amo você mais do que qualquer outra coisa no universo, inclusive Plutão – corrigiu ele, me provocando. – Não dilua a poesia das minhas palavras.

– Eu fiz de propósito. Não queria parecer repetitiva, porque o que eu realmente queria dizer é que eu também te amo. – Minha voz ficou mais suave. – Mais do que qualquer outra coisa no universo, inclusive Plutão.

Havia passado tanto tempo evitando dizer aquilo para ele que jogar as palavras no mundo foi uma espécie de libertação.

A respiração de Asher falhou por meio segundo. Ao se declarar, ele não tinha me pressionado a retribuir o sentimento, nem parecia esperar que eu o fizesse, e isso só me fez amá-lo ainda mais.

Ele não era perfeito, mas era perfeito para mim.

– Estava com saudade – sussurrei. Minhas lágrimas haviam secado, mas a emoção permaneceu, fazendo meu peito inflar. – Muita.

Por mais chateada que estivesse, a saudade excruciante que senti de Asher durante cada segundo que ficamos longe fez com que ele assombrasse meus sonhos em mais noites do que eu gostaria de admitir.

Asher passou o polegar em minha bochecha, com um toque tão delicado que foi difícil não derreter ali mesmo, na frente de todo mundo.

– Eu também senti sua falta, querida.

– Só me promete uma coisa.

– Qualquer coisa.

– Pega o Jaguar de volta. O Vincent vai ficar insuportável com ele.

Por mais que apreciasse o compromisso de Asher com a mudança, não iria obrigá-lo a abrir mão de seu carro favorito. Combinava com ele; o sedã, não. Asher riu, seus olhos brilhando à luz do sol do fim da tarde.

– Pode deixar.

Então, ele abaixou a cabeça e cobriu minha boca com a sua, e tudo – os carros, as pessoas, os gritos de seus colegas – desapareceu mais uma vez.

ASHER

– Donovan! – gritou o técnico. – Vem aqui agora.

Ele desapareceu em sua sala. Ignorei as provocações do time e terminei de vestir a camisa.

– Isso já está perdendo a graça – falei, dando um empurrãozinho em Elliott ao me dirigir à sala do técnico. – Arrumem uma piada nova.

– A gente arruma uma piada nova quando você parar de se meter em confusão. – Elliot riu. – Quantas vezes você foi chamado na sala do técnico nesta temporada? E só estamos em novembro.

– Novo bolão! – gritou Adil. – Cinquenta libras que o Donovan vai ser chamado lá *pelo menos* mais duas vezes antes das festas de fim de ano.

Balancei a cabeça enquanto o restante do time corria para fazer suas apostas. *Babacas*.

No entanto, não conseguia ficar irritado de verdade com eles. Fazia duas semanas que Scarlett e eu havíamos reatado e, desde então, não conseguia parar de sorrir. Estava em dívida com o time pela ajuda (mesmo que a "ajuda" fosse simplesmente pegar meus carros e dirigi-los até a RAB), então deixava passar as provocações bem-humoradas.

Entrei na sala do técnico pelo que parecia ser a enésima vez naquela temporada e esperei que ele começasse a falar.

Estava cem por cento recuperado das lesões e tinha voltado a treinar com o resto do time no campo, mas ainda era reserva. Infelizmente, era mais difícil convencer o técnico de que eu havia mudado do que convencer Scarlett.

Duvidava que dizer que o amava e beijá-lo na frente do time fosse ajudar.

O técnico arregalou os olhos como se pudesse ouvir meus pensamentos e *não* estivesse feliz com eles.

– Então – disse ele. – Ouvi dizer que você voltou com a sua namorada.

Minha boca se abriu, mas eu estava sem palavras. De todos os assuntos que eu achava que ele fosse querer discutir, minha vida amorosa não era um deles.

Sem falar que… como assim ele sabia sobre mim e Scarlett?

– A minha filha é amiga dela – disse o técnico, respondendo à minha pergunta implícita. – Ela fala. Eles também. – Ele apontou para a porta com

o queixo, o rosto franzido. – Às vezes, não sei se estou à frente de um time de atletas profissionais ou de um episódio de *Gossip Girl*.

O fato de o técnico saber o que era *Gossip Girl* foi eleito o segundo choque do dia.

– Sim, eu e a Scarlett estamos juntos de novo, senhor – disse, sem saber onde aquilo ia dar.

– Ela sabe que está namorando um idiota?

– Sabe, senhor, e ela me ama mesmo assim.

A boca do técnico se contraiu formando a coisa mais próxima de um sorriso que eu já tinha visto no rosto dele desde seu famoso *hat-trick* em 1995. Quando ele percebeu que eu também estava sorrindo, sua expressão se transformou novamente em uma carranca.

– Também ouvi dizer que você se desfez de sua coleção de carros de luxo.

– A maior parte, senhor. Exceto um.

Havia recuperado o Jaguar um dia depois de Scarlett e eu fazermos as pazes, deixando Vincent contrariado. Ele me xingou de todos os palavrões em inglês e francês que existiam, mas acabou devolvendo as chaves com um resmungo irritado.

Eu estava ajudando a Scarlett a planejar uma grande festa de aniversário para ele no mês seguinte, então esperava que compensasse.

– Você está chateado com isso? – perguntou o técnico.

Balancei a cabeça.

– Os carros eram bens materiais. Eu os amava, mas não preciso mais deles.

Estava trabalhando a culpa persistente pela morte de Teddy com Myles, o psicólogo do clube. No entanto, o simples fato de saber por que agia daquela maneira já me ajudava a refrear meus piores impulsos.

Às vezes, minhas emoções ainda me dominavam, mas eu não as descarregava dando um soco em alguém ou acelerando um supercarro.

Era um progresso.

O técnico grunhiu em uma aprovação relutante.

– Você trabalhou duro nos treinos, mesmo quando estava lesionado. – Ele me examinou com olhos atentos. – O que você achou do jogo de sábado?

Fiz uma careta. No fim de semana, o Blackcastle havia perdido a segunda partida consecutiva. O jogo tinha sido em casa, o que foi ainda mais

doloroso.

– Fomos bem no primeiro tempo, mas a linha de ataque ficou aquém no segundo – respondi, com sinceridade. – Não fomos tão agressivos quanto deveríamos ter sido, e nossa hesitação nos custou pelo menos um gol.

O técnico grunhiu outra vez.

– Você tem sido uma dor de cabeça pra mim desde que entrou no time, Donovan, e já vi a sua cara aqui dentro mais vezes do que gostaria. Se eu realmente quisesse te dar uma lição, deixaria você no banco durante as festas de fim de ano e no começo do ano que vem. Não dou a mínima pro que a torcida diz.

Engoli em seco, meu sangue gelando com as palavras dele.

– Eu entendo.

– Mas… – Ele se inclinou para a frente e apoiou as mãos sob o queixo. – Você e o DuBois estão finalmente se comportando como adultos um com o outro. Você demonstrou uma vontade concreta de *ouvir* e mudar e, embora o Myles obviamente não possa compartilhar detalhes, ele diz que você tem se dedicado às sessões. Por isso, estou propenso a pensar que talvez você já tenha aprendido a lição.

Meu coração acelerou, mas mantive uma expressão neutra, esperando que ele concluísse o que tinha para me dizer. Não queria dar sorte para o azar.

– Vou te escalar pro jogo da semana que vem. Considere um teste. Veremos o que fazer a partir daí. – O técnico fez uma careta. – No entanto, se você receber uma multa por excesso de velocidade sob a minha supervisão, vai voltar direto pro banco de reservas. Fui claro?

Um alívio avassalador invadiu todas as células do meu corpo. *Estou de volta, porra.* Mal podia esperar para contar a Scarlett e ao time.

– Sim, senhor. – Meu sorriso poderia iluminar o Markovic Stadium inteiro sozinho. – Você não vai se arrepender. Eu prometo.

CAPÍTULO 54

SCARLETT



A noite do espetáculo de inverno dos alunos começou luminosa e glacial.

Meu casaco dava conta da maior parte do frio, mas, ainda assim, uma rajada de vento atravessou a camada de lã e cravou suas garras em meus ossos.

Tremi, feliz por saber que logo estaríamos do lado de dentro, mas também apreensiva.

Não tinha dito a Emma que ia. Queria que fosse surpresa, mas a cada passo questionava minha decisão.

A mão enluvada de Asher apertou a minha.

– Pronta? – perguntou ele, com a voz calma.

Respirei fundo e assenti.

– Mais do que nunca.

Já estávamos lá. Era tarde demais para mudar de ideia. Contudo, o ar fugiu de meus pulmões quando viramos a esquina e a famosa fachada neoclássica do Westbury apareceu.

Pairava imponente, com suas grandes colunas e ornamentos dourados iluminados pelo brilho suave dos postes de luz nas proximidades. Os degraus de mármore estavam lotados de pessoas usando ternos e vestidos de gala, e vários fotógrafos profissionais registravam os convidados que chegavam como se fosse um evento digno de tapete vermelho.

Para a RAB, era *mesmo*. A maioria dos participantes eram amigos e familiares dos alunos, mas também havia ex-alunos e representantes de

companhias de dança presentes. A escola disponibilizava um número limitado de ingressos para o público, que eram arrebatados por verdadeiros aficionados por balé.

Seria uma noite espetacular – se eu conseguisse superar o nervosismo em meu peito.

– Respira – disse Asher quando nos aproximamos da escadaria. – Podemos ir embora a qualquer momento que você quiser.

Dessa vez, fui eu que apertei a mão dele em um agradecimento silencioso.

– Nós não vamos embora. – Minha decisão superou o nervosismo e se transformou em determinação. – Viemos aqui pela Emma e vamos ficar por ela também.

Após várias longas discussões, havia me tornado a mentora oficial de Emma no mês anterior. Nunca tinha sido mentora de ninguém antes, mas *adorava* minha nova função. Ensinar técnicas de balé aos alunos era uma coisa; orientá-los em sua carreira era outra.

Era uma tarefa muito mais gratificante do que eu esperava, e eu *queria* vê-la se apresentar ao vivo. Ela havia se esforçado muito para conseguir o papel. Não queria ser tão fraca e egoísta a ponto de não tentar deixar de lado meus próprios traumas para apoiá-la na noite mais importante de sua carreira até então.

Portanto, lá estava eu, com a boca seca e o coração acelerado, enquanto Asher apresentava nossos ingressos na porta.

Várias pessoas se surpreenderam quando o viram, mas tiveram a educação de manter uma distância respeitosa, e entramos no teatro sem problemas.

Felizmente, também não tínhamos mais que lidar com os paparazzi nos perseguindo. Depois de semanas de cobertura interminável e artigos *clickbait*, eles finalmente ficaram entediados e seguiram adiante, focando no divórcio tumultuado da estrela de cinema que Brooklyn havia previsto no começo do outono.

Eles ainda brotavam de vez em quando, porque Asher era Asher, mas, em comparação com o circo dos primeiros dias, estávamos desfrutando de relativa paz.

– Nunca tinha vindo aqui. – Asher observava o ambiente opulento, parecendo impressionado. – É lindo.

Senti um nó na garganta ao ver a familiar escadaria de mármore e as janelas imensas.

– É – respondi suavemente. – Não mudou absolutamente nada.

Ele olhou para mim, me avaliando. Não foi condescendente perguntando se eu estava bem, mas pude sentir sua preocupação enquanto subíamos os degraus em direção ao auditório principal.

Por incrível que parecesse, eu estava bem *mesmo*.

Pensei que andar pelos corredores de Westbury mais uma vez seria algo avassalador, mas, após o choque inicial de nervosismo e nostalgia, não senti nada além de expectativa pela apresentação de Emma.

Durante anos, o teatro foi um símbolo monstruoso da minha antiga vida, mas não passava de um edifício. O homenzinho por trás do grande Mágico de Oz da minha imaginação. O único poder que ele tinha era o que eu mesma lhe dava, e havia me reconciliado com meu passado a ponto de não lhe dar mais poder nenhum.

Em outra vida, eu estaria nos bastidores naquele momento, me preparando para mais uma apresentação como a estrela do show.

Naquela noite, eu era apenas uma entre centenas de espectadores que estavam lá para apoiar a próxima geração de bailarinos.

E eu estava mais do que satisfeita com isso.

– Asher! É você?

Viramos para o lado ao mesmo tempo. Uma bela ruiva se aproximou de nós no saguão com um homem asiático alto e bonito a tiracolo. Ela tinha um sorriso largo estampado no rosto.

– É você! Não te vejo há séculos. Como você tá? – Ela abraçou Asher e se virou para mim, com um olhar radiante e travesso. – E você, a garota que fisgou o infame Asher Donovan. É um prazer finalmente te conhecer pessoalmente.

Retribuí o sorriso. Acabávamos de nos conhecer, mas ela exalava uma energia contagiante à qual era impossível resistir.

Asher deu risada.

– Scarlett, esta é Jules, uma velha amiga.

– E este é o Josh, meu namorado – acrescentou Jules, apontando para o homem ao seu lado.

– É um prazer te conhecer. – Josh me deu um sorriso caloroso que revelou um par devastador de covinhas. No entanto, seu sorriso esfriou

visivelmente quando ele olhou para Asher. – Donovan.

Asher parecia estar tentando não rir.

– Josh. É sempre um prazer.

– Estávamos a caminho dos nossos lugares quando te vi. Eu *falei* pro Josh que era você, mas ele insistiu que não. Viu só? – Jules deu uma cotovelada de leve na costela do namorado. – Eu tinha razão.

– Tinha, sim. – Ele não pareceu particularmente entusiasmado.

Josh passou o braço em volta da cintura de Jules e olhou para Asher enquanto conversávamos e esperávamos as cortinas subirem.

Acontece que o casal tinha vindo de Washington, D.C., para passar férias. Asher os conhecera no casamento da rainha Bridget alguns anos antes (ainda não conseguia acreditar que ele tinha sido convidado para *o* casamento real do século), e eles mantiveram contato desde então.

Bem, ele e Jules mantiveram contato. Pela cara feia de Josh, percebi que ele não era muito fã de Asher.

Jules era advogada, e um membro de seu escritório em Londres tinha uma filha que estava se apresentando. Ele havia comprado ingressos para todos os funcionários que quisessem ir, inclusive os que tinham vindo de fora para visitar.

– Nunca assisti a um balé, então pensei, por que não? – Jules deu de ombros. – Enfim, parece que a apresentação está prestes a começar, então não vou prender vocês. Só queria dar um oi. – Ela baixou a voz: – E, Asher, fiquei sabendo da sua situação pela equipe do contencioso. Sei que não atuo nessa área, mas, se precisar de ajuda, me avise mesmo assim. – Ela elevou sua voz ao volume normal novamente: – Aproveitem o espetáculo! Foi ótimo esbarrar com vocês.

Nós nos despedimos, e aguardei até que eles não pudessem mais nos ouvir para arquear uma sobrancelha para Asher, que parecia encabulado.

– De que situação ela estava falando?

Ele colocou a mão na parte inferior das minhas costas e me guiou até nossos assentos na primeira fila.

– Eu ia te contar mais tarde, mas finalmente descobri quem vandalizou meu carro – admitiu ele. – Não foi o Bocci nem ninguém do Holchester. Foi o Clive.

Parei de repente.

– *O quê?* Clive, o jogador de rúgbi? Com quem eu saí aquela vez?

Asher assentiu.

– A Ivy ligou pra contar na semana passada. Aparentemente, eles reataram o relacionamento depois do encontro duplo. Ela ficou sabendo do incidente com o carro pela Poppy, que ficou sabendo por um dos jogadores, e se deparou com um monte de fotos que o Clive tirou do meu carro depois de ter arranhado com a chave. Aquele idiota é tão burro que deixou provas incriminatórias espalhadas por aí. Ele queria um troféu, eu acho. – Asher balançou a cabeça. – A Ivy o colocou contra a parede, e ele confessou. O ego dele ainda não conseguiu superar o fato de que eu ganhei a corrida do verão passado, embora eu não tenha sido um vencedor muito bacana na época, confesso.

Minha cabeça girava quando voltamos a andar.

– Que loucura. – Clive me parecera muito simpático quando o conheci na Neon, embora ele tivesse dado vários sinais de alerta durante nosso encontro. Não havia falado com ele desde então, por isso descobrir que ele era o vândalo foi um choque. – Você foi atrás dele?

– Quase. – Asher cerrou a mandíbula. – Pensei nisso, mas não valia a pena. O carro está consertado, eu sobrevivi ao acidente, e a Ivy terminou com ele depois dessa história toda. Consultei meus advogados, e foi assim que a Jules ficou sabendo do caso, mas não quero uma batalha legal. O universo vai dar um jeito nele. – Um sorriso malicioso surgiu em seus lábios. – Eu vi que ele perdeu as três últimas partidas do campeonato. Tomou uma bela de uma porrada na última também e vai ficar fora um bom tempo por conta de uma fratura na perna. Então, o universo age depressa.

– Asher Donovan agindo corretamente? – provoquei. – Você realmente amadureceu.

Não tivemos a chance de conversar mais, porque os pais de Emma apareceram. Nossos lugares eram ao lado dos deles, e os dois nos cumprimentaram efusivamente quando nos viram.

– A propósito, é um prazer ter você no Blackcastle – disse o pai de Emma, apertando a mão de Asher. – Sou seu fã desde quando você estava no Holchester. Acho que este ano é nosso.

Asher sorriu.

– Eu também acho.

Fizemos silêncio quando as luzes se apagaram e o espetáculo começou.

Os olhos de Emma se iluminaram ao me ver, mas essa foi toda a reação

que ela se permitiu ter antes de mergulhar totalmente no papel da Fada Açucarada.

Como eu havia previsto, ela arrasou na apresentação. Enquanto ela deslizava pelo palco, com uma graciosidade serena, não senti um pingo de inveja – apenas orgulho e a paz libertadora que vinha do fato de ter finalmente deixado os fantasmas do meu passado para trás.

• • •

Durante a semana anterior ao espetáculo da equipe, torci para que ele, assim como o Westbury, fosse menos assustador do que eu imaginava.

Até então, estava dividida.

A apresentação aconteceu exatamente uma semana depois da dos alunos. A coxia estava um caos enquanto todos se esforçavam para concluir os preparativos e, a julgar pelo barulho que se infiltrava pelas grossas cortinas de veludo, a casa estava cheia aquela noite.

– Como está se sentindo? – perguntou Tamara.

Ela parecia tranquila, mas sua testa franzida indicava o contrário.

– Nada mal. – Alisei meu figurino e tentei acalmar meus batimentos cardíacos. – Não acredito que chegou a hora.

– Passa rápido, né? – Ela sorriu. – Você foi muito bem durante os ensaios, então não se preocupe. Vai dar tudo certo.

Nenhuma de nós mencionou meu desastroso *primeiro* ensaio. Isso era passado, e muita coisa havia acontecido desde então.

– Obrigada. Por tudo.

Ela tinha sido dura comigo durante o primeiro ensaio, mas, desde então, fizera de tudo para atender às minhas necessidades. Se não fosse por ela, os últimos meses teriam sido torturantes.

– Não me venha com sentimentalismo – disse Tamara com firmeza, mas com um leve brilho nos olhos. – Se você realmente quer me agradecer, vá até lá e mostre a eles como se faz.

– Vou tentar. Quer dizer, eu vou mostrar – emendei.

– Ótimo.

Outra bailarina a chamou logo em seguida, e esperei até que ela saísse para dar uma espiada pela cortina. Meu coração palpitou com o tamanho da

multidão que lotava o auditório, mas foi se acalmando aos poucos, à medida que via mais e mais rostos familiares.

Avistei Asher na frente com Vincent, Carina, Brooklyn e meus pais, que se sentaram um em cada ponta da fileira para que não precisassem falar um com o outro. Meu pai havia se recuperado totalmente da queda sofrida durante o verão e havia levado a (ex) enfermeira como acompanhante. Obviamente, isso irritou minha mãe, que tinha ido sozinha. Eu apostaria todo o meu dinheiro que ela ficaria com um jardineiro novinho e garanhão no mês seguinte só para irritar meu pai.

Emma e seus pais estavam sentados na fileira atrás deles, conversando entusiasmados. Havia até alguns jogadores do Blackcastle espalhados pela plateia, incluindo Noah, Adil, Samson e Gallagher.

Respirei fundo e me permiti um momento para assimilar tudo – as luzes, as pessoas, a onda de expectativa que se espalhava pelo ar.

Aquela não era a minha grande chance de brilhar como uma *ingénue* jovem e promissora. Minha performance não seria analisada no *Guardian* nem teria um bis no Westbury na noite seguinte. Nunca mais seria aquela dançarina e, pela primeira vez desde o acidente, estava em paz com isso.

Esse capítulo de minha vida havia se encerrado, mas, dessa vez, eu poderia encerrá-lo em meus próprios termos.

– Muito bem, pessoal! – Tamara bateu palmas para chamar nossa atenção. – Faltam cinco minutos para começar.

Chegou a hora.

O nervosismo tomou conta de mim.

Quatro minutos.

O ar adquiriu uma densidade surreal e nebulosa. Depois de meses de ensaios, ansiedades e dúvidas, era difícil acreditar que aquele momento havia chegado.

Três minutos.

Imaginei as pessoas esperando do outro lado da cortina. Havia desconhecidos, sim, mas também pessoas que estavam lá por *minha causa*. Pessoas que me amavam, me apoiavam e jamais me julgariam, não importando se meu desempenho fosse bom ou ruim. Eles eram minha sustentação, e pensar neles aplacou parte do meu nervosismo.

Dois minutos.

Uma estranha calma se instalou enquanto todos se acomodavam em seus

lugares. É claro que eu queria brilhar no palco, mas, no final da noite, não se tratava de fazer uma apresentação perfeita. O que importava era eu estar ali.

Durante anos, evitei participar do espetáculo porque tinha medo de não estar à altura de quem um dia havia sido. Finalmente enfrentei esses medos e aprendi a apreciar meu corpo em todas as suas formas.

Tive que me esforçar para chegar até esse ponto, mas consegui. Estava *lá*, e isso já era uma conquista por si só.

Um minuto.

Mas, cá entre nós, eu não seria eu mesma se não me entregasse de corpo e alma naquele palco. Era a minha despedida, e daria tudo de mim para fazer jus à importância daquele momento.

O que restava de meu nervosismo se dissolveu em um sorriso suave.

Hora do show.

As cortinas subiram.

A música começou.

E eu dancei.

CAPÍTULO 55

ASHER



DOIS MESES DEPOIS

– Como é nosso aniversário de seis meses de namoro, tecnicamente eu poderia te *obrigar* a me dizer aonde estamos indo – disse Scarlett. – Alegar que é meu presente de aniversário. Você não pode me negar isso, né?

– Valeu a tentativa, querida, mas, se você desperdiçar seu presente me perguntando sobre a surpresa, não terá a surpresa em si – respondi com um ar bem-humorado. – E confie em mim. Você vai querer a surpresa.

– Tortura não é entretenimento – resmungou ela, mas ouvi a curiosidade em sua voz, mesmo que não pudesse vê-la em seus olhos.

Havia colocado uma venda de seda sobre eles antes de sairmos da minha casa e me mantive firme diante de suas tentativas de me fazer ceder. Não havia passado meses planejando o encontro daquela noite para arruiná-lo no último minuto.

Nossos passos ecoaram no piso de mármore enquanto eu a guiava até o elevador. Nosso destino era o terceiro andar, e não ia me arriscar subir três lances de escada com ela vendada.

– Aaah, um elevador. – Scarlett se animou com o som das portas se fechando. – Então, provavelmente *não* vamos a um restaurante, a menos que seja um dos que ficam no Shard ou algo assim. Estamos em um hotel? Museu? Na Harrods?

Sufoquei uma risada.

– Nada disso. Pare de tentar adivinhar, querida. Você não vai descobrir.

– Bem, agora vou encarar como um desafio.

Claro que ela faria isso. Seu espírito competitivo era uma das coisas que eu mais amava nela.

Mas, como previsto, Scarlett não conseguiu adivinhar antes de chegarmos ao nosso destino. Eu também não teria conseguido se estivesse no lugar dela. Não era um local que a maioria das pessoas pudesse acessar, e, se Sebastian não tivesse ajudado, eu também não teria conseguido.

– Pode parar de adivinhar. – Sorri e coloquei a mão na parte inferior de suas costas, fazendo-a parar em frente a um conjunto de portas duplas em arco. – Chegamos.

Senti um frio na barriga ao retirar a venda de seus olhos e colocá-la em meu bolso. Era uma grande noite – seis meses desde o jantar em Tóquio, quando concordamos em oficializar o relacionamento – e eu havia me arriscado a dar certo… toque especial... ao tradicional jantar de aniversário.

Porém, quanto maior o risco, maior a recompensa, e Scarlett merecia algo mais palpitante do que apenas um jantar chique.

Scarlett piscou, seus olhos provavelmente se ajustando à luz depois de quase uma hora vendada. Ela perscrutou o salão de mármore com quadros dignos de museu e vasos antigos de valor inestimável. Apesar de sua opulência, o lugar não dava nenhuma pista sobre o propósito ou a localização do edifício.

– Onde a gente está? – perguntou ela, o rosto um mosaico de confusão e fascínio.

Senti um frisson ao segurar as maçanetas douradas e abrir as portas duplas. Dei um passo para o lado para que ela pudesse entrar, e meu sorriso voltou quando ela respirou fundo.

– Scarlett – disse. – Bem-vinda à biblioteca do Valhalla Club.

O Valhalla era uma sociedade ultraexclusiva destinada às pessoas mais ricas e poderosas do mundo. Tinha filiais em todas as grandes cidades, e a de Londres ocupava uma das mansões mais esplêndidas de toda a Inglaterra. Todos os cômodos pareciam pertencer ao Palácio de Buckingham, mas a biblioteca?

A biblioteca era o mais magnífico de todos.

Entrei depois de Scarlett e deixei que as portas se fechassem com um ruído silencioso atrás de nós. Era minha segunda visita – a primeira tinha

sido quando Sebastian me levou para conhecer o espaço para que eu pudesse planejar o encontro daquela noite –, mas o interior sempre me impressionava.

Com três andares de altura e um teto gigantesco com uma pintura elaborada, a biblioteca era um país das maravilhas com afrescos dourados e livros com capas de couro. Os lustres de cristal iluminavam o local com uma luz âmbar, e o piso principal continha sete nichos que separavam a impressionante coleção da biblioteca por categoria. Uma escadaria arrebatadora subia em espiral até o segundo e o terceiro andares, seus degraus revestidos com o mesmo rico carpete esmeralda do restante do cômodo.

Ao meu lado, Scarlett observava tudo fascinada.

– Este é o lugar mais *lindo* que eu já vi – disse ela. – Como você…

– O Sebastian é membro do clube e ficou feliz em me fazer um favor, especialmente depois das recentes vitórias do Blackcastle.

O herdeiro dos Laurent fazia parte da filial de Nova York, mas, como descendente de uma das famílias fundadoras do Valhalla, tinha mais influência do que muitos outros membros.

– Mas a biblioteca não é a surpresa. É quem está nela.

Peguei sua mão e a puxei em direção a um dos sete nichos. Sua testa se franziu em óbvia confusão, já que era estranho eu ter convidado uma terceira pessoa para nossa noite de aniversário.

– Quem é… – Ela se interrompeu novamente quando chegamos lá e ela viu quem estava dentro. – Não. – Scarlett parou no meio do caminho. – Asher. *Você não fez isso.*

Alívio e diversão eliminaram os resquícios de meu nervosismo diante de sua expressão atônita.

– Você sempre quis conhecê-la. Achei que esta noite seria uma boa ocasião, principalmente porque ela acabou de lançar um livro.

Lá dentro, uma mulher deslumbrante com cabelo preto-arroxeado interrompeu a conversa com seu parceiro e se levantou de sua cadeira atrás de uma pequena mesa. Vários livros estavam empilhados meticulosamente na superfície polida.

– Oi! – O sorriso dela era radiante. – Você deve ser a Scarlett. Eu sou a Isabella. Você é uma pessoa de abraços? Eu sou.

Scarlett emitiu um ruído estrangulado quando Isabella Valencia, sua

autora favorita, deu a volta na mesa para cumprimentá-la com um grande abraço.

– O Asher me disse que é o aniversário de seis meses de vocês. – Isabella se afastou, com os olhos brilhando. – Parabéns. É um grande marco.

– Eu… Bem, quer dizer, sim. – Scarlett finalmente conseguiu falar. – Oi, eu sou *muito* sua fã. Adorei seu último livro.

– Ah, fico feliz! Muito obrigada. – O sorriso de Isabella se alargou com um calor genuíno. – Antes de irmos para a sessão de autógrafos, quero que você conheça o Kai, meu noivo.

Ela piscou para seu parceiro, que estava de pé ao lado da mesa com um sorriso irônico.

Ele e Scarlett se cumprimentaram antes que o olhar dela se voltasse para a pilha de livros sobre a mesa.

– Peraí. Autógrafos?

– A Isabella ainda não fez uma turnê de divulgação no Reino Unido – respondi –, mas achei que um encontro pessoal seria mais divertido do que passar horas na fila. – Apontei para os livros. – Mandei fazer edições especiais de todos os títulos dela pra que ela pudesse autografá-los pra você pessoalmente.

Havia encontrado uma gráfica que encadernava exemplares personalizados em capa dura com todos os luxos: relevo metalizado, diagramação sofisticada e uma série de outros acabamentos que eu não entendia bem, mas que o dono havia insistido que Scarlett iria adorar.

A julgar pelo brilho nos olhos de Scarlett, ele estava certo. Ela abriu a boca, mas nada saiu.

– Quando Asher me enviou um e-mail sugerindo que fizéssemos isso, não pensei duas vezes antes de aceitar – disse Isabella, resgatando Scarlett da falta de palavras. – Não me importei de ter que pegar um avião de Nova York até aqui. A ideia dele foi a coisa mais romântica que já vi.

Atrás dela, Kai franziu a testa, parecendo ofendido.

– Vem. – Isabella enganchou seu braço no de Scarlett e a levou até a mesa. – Vamos autografar esses livros logo pra você poder aproveitar o resto da sua noite de aniversário com o Asher. Qual é o seu favorito até agora?

Enquanto elas conversavam, fui até Kai. Nunca havíamos interagido antes, mas o reconhecia de inúmeras notícias: Kai Young, CEO de um grande conglomerado de mídia. Eles eram donos de dezenas de veículos de

notícias no Reino Unido, incluindo a *Match* e a *Sports UK*.

– Que bom que você veio com a Isabella – comentei, em uma tentativa de puxar conversa. – Minha equipe teria cuidado bem dela, mas achei muito legal você ter tirado uma folga pra vir junto.

Poucos executivos bilionários tirariam folga do trabalho para se juntar à noiva para uma única sessão de autógrafos. A maioria deles não faria isso nem pela turnê *completa* de um livro.

Havia me oferecido para pagar toda a viagem de Isabella a Londres, mas ela insistiu que não era necessário, que Kai tinha uma casa na cidade.

– Sim, bem, ela é minha *noiva*. – Seu tom era educado, mas ele deu uma ênfase estranhamente agressiva à última palavra. – Fico sempre feliz em apoiá-la.

Minhas outras tentativas de iniciar uma conversa agradável também fracassaram, então acabei ficando em silêncio e me contentei em observar Scarlett.

Sorri diante de sua empolgação ao conversar com Isabella. Ela havia perdido a timidez e estava falando sobre uma reviravolta na trama de um dos primeiros trabalhos da autora, com o rosto irradiando entusiasmo.

Quando a sessão de autógrafos terminou e Isabella a abraçou novamente, pensei que Scarlett se dissolveria em uma nuvem de brilhos e sorrisos.

Aquilo fez meu coração vibrar. Ainda não havíamos trocado presentes oficialmente (embora as edições especiais dos livros fossem meu presente de aniversário de namoro para ela), mas ela nem precisava me dar nada. Já tinha ganhado a noite ao vê-la tão feliz.

– Sei que vai parecer cafona, mas, antes de a gente ir, você se importa de me dar alguns autógrafos e tirarmos uma foto? – perguntou Isabella a mim, com um tom de quem não queria atrapalhar. – Eu e as minhas amigas somos grandes fãs, e elas vão me *matar* se eu voltar sem um autógrafo seu.

A carranca de Kai se aprofundou.

– Imagina! É o mínimo que posso fazer – respondi com tranquilidade.

– Ótimo! Kai, você pode tirar as fotos? – Ela estendeu o celular para o noivo. – Adoraria uma com a Scarlett também.

Autografei algumas páginas de seu caderno, e nos revezamos para tirar fotos – eu com Isabella, depois Scarlett com Isabella, e então uma de nós três juntos. Isabella também insistiu em tirar fotos de mim e de Scarlett para "fazer um registro da noite".

Kai fez as honras. Tinha ouvido dizer que ele era bastante simpático e cavalheiro em comparação a outros CEOs, mas ele não me pareceu muito simpático nem cavalheiro. Parecia querer me esfolar vivo, em especial durante minha foto com Isabella – que *ela* havia pedido para tirar.

Meu Deus. O que eu tinha feito para ele?

Felizmente, consegui sair ileso da sessão de fotos, e Isabella e Kai foram embora depois de nos parabenizar de novo pelo aniversário. As portas da biblioteca se fecharam, e Scarlett e eu ficamos sozinhos mais uma vez.

– Não acredito que você organizou uma sessão de autógrafos particular com a Isabella Valencia. – Scarlett ainda parecia atordoada com o encontro. – Quanto tempo você levou pra planejar isso?

– Uns dois meses e meio. Não precisei fazer muito esforço para convencê-la. Como a própria disse, ela ficou feliz em aceitar.

– Que sorte que ela é sua fã – brincou Scarlett. – Embora não dê para dizer o mesmo do Kai. Por algum motivo ele não parava de te fuzilar.

– Talvez ele não torça para o Blackcastle. – Dei de ombros. – Embora, aparentemente, eu não seja bem visto entre homens noivos ou casados com idade entre 25 e 50 anos. Não sei bem por quê.

– Azar o deles. – Ela entrelaçou os braços em meu pescoço. – Eu acho você bem legal.

– *Bem legal?*

– *Maravilhoso* – corrigiu Scarlett. – Melhor?

– Muito. – Dei um beijo suave nela. – Feliz aniversário de namoro, querida.

– Feliz aniversário de namoro. – Ela suspirou contra a minha boca, parecendo estar nas nuvens. – Eu poderia ficar aqui para sempre. Esta biblioteca é um sonho.

– A reserva para o jantar é só para daqui a uma hora. – Havia reservado um salão privativo no restaurante do Valhalla. – Mas tenho algumas ideias sobre como podemos passar esse tempo… – Minha boca se moveu até a delicada concha de sua orelha. – Sem sair da biblioteca.

A respiração de Scarlett acelerou.

– Aqui? – respondeu ela com um gritinho, claramente percebendo o que eu estava insinuando. – E se alguém aparecer?

– Não vai. A biblioteca está reservada pra gente esta noite. – Dei uma mordidinha em sua orelha antes de endurecer a voz: – Agora vira de costas,

se apoia na mesa e abre as pernas.

O ar tremeluziu, lançando nosso leve flerte nas águas escuras e turvas da luxúria. O rosto de Scarlett ficou corado, mas ela obedeceu sem protestar. Um arrepio visível percorreu seu corpo quando ela se curvou sobre a mesa e abriu as pernas. Seu braço roçou a pilha de livros recém-autografados, que coloquei em um sofá próximo antes de pegar uma das almofadas.

Coloquei a almofada sob seus quadris e me inclinei para a frente, cobrindo seu corpo com o meu.

– Você confia em mim?

Ela assentiu, mas sua respiração superficial se transformou em um suspiro de surpresa quando tirei a venda do bolso e a recoloquei lentamente sobre seus olhos.

Um gemido baixo escapou de sua garganta quando me levantei e dei um passo para trás.

– Shhh… – sussurrei. – Já, já eu cuido de você.

Levantei o vestido dela até a altura dos quadris, em êxtase ao ver como ela estava com tesão.

Esfreguei os dedos na seda umedecida da sua calcinha, apenas o suficiente para fazê-la se contorcer e gemer outra vez. Ela jogou os quadris para trás em uma tentativa explícita de obter mais fricção, mas me mantive firme e me permiti explorar sem pressa por mais um minuto, apesar da tensão crescente em minha calça.

Tínhamos tempo, e eu queria saborear aquele momento. Não se tratava apenas de sexo, mas do fato de ela confiar em mim o suficiente para se entregar. Para soltar as rédeas do controle e deixar que eu nos levasse aonde quisesse, porque ela sabia que eu jamais a machucaria. A confiança dela era mais inebriante do que qualquer ato sexual.

E verdade seja dita… quando começo algo, *sempre* vou até o fim.

– Por favor – ofegou Scarlett. – Chega de provocação.

– Achei que você gostasse das minhas provocações.

Passei os dedos sobre a borda de renda de sua calcinha e dei risada com seu adorável resmungo de frustração.

– Asher Donovan, se você não… *ai, caralho*.

Suas palavras foram interrompidas por um suspiro e um xingamento quando tirei sua calcinha com um puxão forte e enfiei um dedo dentro dela.

Ela já estava tão molhada que era como deslizar pela seda e, quando meti

um segundo dedo, ela nem sequer resistiu. Em vez disso, seus quadris empinaram e um gemido alto saiu quando estendi a outra mão e pressionei o polegar contra seu clitóris.

A visão, o som e o *cheiro* dela provocaram um choque de calor em meu organismo conforme acelerei o ritmo. O ar girava com a doçura inebriante de sua excitação, e meu pau latejou com um desejo doloroso.

Minha respiração pesada se misturava aos gemidos dela e ao som depravado e escorregadio dos meus dedos entrando e saindo. Mantive o polegar em seu clitóris enquanto a fodia com os dedos por trás, cada vez mais rápido e mais fundo, fazendo com que seus gemidos se transformassem em gritos que iluminavam cada terminação nervosa do meu corpo.

A venda nos olhos e a perda temporária de um de seus sentidos deviam ter aumentado o prazer dela, pois seus músculos ficaram rígidos em apenas alguns minutos. Sua respiração ficou mais forte, e percebi que ela estava à beira do orgasmo quando tirei as mãos dela.

O som rouco de protesto de Scarlett morreu com o ruído do meu zíper deslizando para baixo e da embalagem da camisinha sendo aberta. Quando desenrolei o preservativo em meu pau ansioso e dolorido, ela já estava tensa outra vez, seu corpo praticamente tremendo de expectativa.

Cutuquei a entrada da sua boceta com a cabeça do meu pau.

– Se segura na mesa – ordenei.

Ela fez o que pedi, e seus dedos se curvaram em torno da borda bem a tempo de eu me enterrar dentro dela com uma estocada forte. Ela gemeu novamente quando me curvei sobre ela e apoiei as mãos na mesa, uma de cada lado dela.

– Como você quer que eu te foda, Scarlett? – Minha pergunta suave disfarçava o calor insistente e insaciável que se acumulava na base da minha coluna.

Queria penetrá-la e ouvi-la gritar, vê-la se debruçar sobre a mesa e se desmanchar ao redor do meu pau, mas queria *ouvi-la* responder primeiro.

Meus lábios tocaram sua bochecha, e senti um arrepio percorrer seu corpo.

Ela não respondeu, mas soltou um gemido quando minha mão subiu para segurar seu queixo.

– Como você quer que eu te foda? – repeti.

– Com força – sussurrou ela, suas bochechas esquentando sob minha boca.

– Não consegui te ouvir, querida.

Entrei nela um pouco mais, não mais do que um centímetro, mas foi o suficiente para fazer seus quadris balançarem outra vez.

– *Com força*. – Os nós dos dedos dela ficaram brancos. – Quero que você me foda com força. *Por favor*. – As últimas palavras saíram na forma de um soluço.

Dei um gemido. Meu Deus, jamais conseguiria dizer não a Scarlett, tampouco me cansar de saboreá-la.

Soltei seu queixo, apoiei a mão na mesa novamente e a fodi exatamente como ela queria. Com força e aspereza, minhas bolas batendo em sua pele a cada estocada, seus gritos e gemidos me fazendo ir mais rápido, *mais fundo*, até que ela gozou, soltando um misto de soluço e choramingo.

Sua boceta se contraía, apertando e soltando meu pau de uma forma que me arrancou um orgasmo ofuscante poucos segundos depois. Minha visão embranqueceu e o mundo se transformou em pura estática sob uma onda de prazer extraordinária e quase agonizante.

Scarlett e eu ficamos lá, apoiados na mesa, ofegantes, até que nossas respirações voltassem ao normal e eu pudesse mover as pernas outra vez.

Tirei a venda dela, ajudei-a a se ajeitar e limpei nós dois com o lenço que havia levado. Joguei a camisinha usada e o tecido sujo na caixa em que os livros da edição especial haviam sido entregues e fiz uma nota mental para lembrar de jogar a caixa no lixo com tudo dentro antes de sairmos.

Quando terminei, vi de relance o rubor intenso no rosto de Scarlett antes de ela enterrá-lo no meu peito.

– Não posso ir jantar assim – disse ela, com a voz abafada. – Estou com uma cara…

– De quem acabou de foder loucamente?

Dei risada quando ela levantou a cabeça para me encarar, a cor de suas bochechas indo de rosa-claro para vermelho-tomate.

– *Asher*.

– Você continua linda. Só está um pouco mais… desarrumada. – Afastei uma mecha de cabelo de sua testa. – Se isso faz você se sentir melhor, reservei um salão só pra nós dois. Não vai ter ninguém olhando pra gente.

– Tirando os garçons.

– Tenho certeza de que eles já viram coisas piores, e podemos tomar um banho antes do jantar. O spa aqui tem chuveiros e produtos de higiene pessoal que podemos usar.

Seu queixo caiu.

– Jura? Por que você não me falou isso desde o começo?

– Porque foi muito lindo quando você achou que eu ia te fazer entrar no restaurante cheirando a sexo.

– Você é *diabólico*. – Mas as palavras dela não tinham irritação, e seus olhos brilhavam com tanto amor que atingiram diretamente meu peito. – Vou deixar passar desta vez, já que você me deu uma sessão de autógrafos particular com a Isabella Valencia *e* um orgasmo. Talvez esse seja o melhor aniversário de namoro de todos.

– O melhor aniversário de todos *até agora* – corrigi.

Scarlett deu uma risada.

– Você não existe, Asher Donovan. – Ela ficou na ponta dos pés e me deu um beijo suave. – Te amo.

– Eu também te amo. – Eu a beijei, meu coração batendo forte em concordância. – Mais do que qualquer coisa neste mundo.

Nem sempre gostei de ouvir as pessoas dizendo meu nome completo, como se eu fosse uma marca ou uma mercadoria em vez de uma pessoa.

Mas, quando Scarlett fazia isso, era como se visse cada parte de mim (as boas e as ruins) e me amasse por conta das diferentes facetas do meu caráter, e não apesar delas.

Havia passado a maior parte da minha vida adulta cercado de fama e dinheiro. Mas aquilo ali, ter Scarlett feliz e contente em meus braços?

Era tudo de que eu realmente precisava.

EPÍLOGO 1

ASHER



ADIL

Bem-vindos ao grupo oficial do Clube do Livro do Blackcastle!

Sério que você colocou uma imagem de *Em busca do Vale Encantado* como foto de perfil do grupo?

ADIL

Por que não? É um bom filme

STEVENS

Cara, isso é tão errado. É um filme infantil, e a gente vai ler sobre dinossauros transando

ADIL

Ainda bem que não estamos obrigando nenhuma criança a ler os livros, né?

ADIL

Mas tudo bem, entendi seu ponto

ADIL

Queria fazer surpresa, mas já que você insiste em fiscalizar minhas decisões administrativas, mudei a foto para a capa do livro escolhido pra este mês

ADIL

Cavalheiros, preparem-se para **rufem os tambores, por favor** *Na cama com o espinossauro*!

VINCENT

Já sabíamos que esse era o livro do mês. Vimos você lendo outro dia

Você não tinha que ler com o resto do clube? Por que tá lendo antes?

STEVENS

Sim, isso é TRAPAÇA

ADIL

Chama-se avaliação. Além disso, eu sou o administrador do clube. Posso fazer o que eu quiser

SAMSON

Tentei achar na livraria ontem e não consegui. Donovan, qual é o nome da que você visitou?

Putz, não lembro. Foi uma livraria qualquer no centro. Com certeza dá pra comprar on-line

GALLAGHER

Não entendi. Como é que se transa com um espinossauro?

STEVENS

Do mesmo jeito que transa com um tricerátops e um tiranossauro, gênio

GALLAGHER

Nossa, respondeu com tanta certeza. Tá falando por experiência própria?

ADIL

Cavalheiros, vamos voltar ao que interessa! Isto aqui é um clube do livro, não um clube da luta

ADIL

Nossa primeira reunião oficial é quarta-feira. Quero que todos cheguem com pelo menos uma pergunta para a discussão

GALLAGHER

“Como é que se transa com um espinossauro?” já é a minha

ADIL

Você não pode perguntar isso. Tem que ser uma pergunta COMPLEXA

VINCENT

Qual nível de complexidade? Estamos lendo sobre trepar com dinossauros

E humanos

Se você se esquecer deles, é apagamento humano

VINCENT

Vai se foder, Donovan

Isso é o que diz quem não tem QI pra formular uma pergunta decente

VINCENT

Ah, é? Espera só até quarta-feira pra você ver. Aposto que a minha pergunta vai ser muito melhor do que a sua

Já é. Que a melhor pergunta vença

ADIL

Muito beeeeem. Seguindo em frente.

ADIL

Noah, já que você se recusa a participar da parte LITERÁRIA do nosso clube, você fica responsável pelos lanches

NOAH

Tá

ADIL

Pensei em fazermos um encontro temático com biscoitos de dinossauro

ADIL

Você acha que eles fazem biscoitos personalizados de espinossauro?

SAMSON

Então vamos comer o amiguinho enquanto lemos sobre ele se dar bem? Isso é tão esquisito

STEVENS

Pobre Spiny. Ele merecia destino melhor

ADIL

Era só uma IDEIA. Não estou vendo vocês sugerirem nada melhor

GALLAGHER

Que tal uns drinques tropicais para manter o tema dinossauro?

VINCENT

Os dinossauros não viviam em florestas

GALLAGHER

Como você sabe? Você estava lá?

hahaha

VINCENT

Não fale assim com o seu capitão

GALLAGHER

Você é nosso capitão no futebol. Você não é presidente do clube do livro

GALLAGHER

Além disso, acabei de pesquisar aqui e eles viviam em florestas, sim, então você está errado

SAMSON

Peraí, a gente tem um presidente?

ADIL

Sim, eu

ADIL

Enfim

ADIL

Noah, você pode ligar pra loja de biscoitos personalizados e pedir pra eles fazerem uns de espinossauro?

ADIL

Noah?

ADIL

Tá aí?

NOAH WILSON SAIU DO GRUPO

EPÍLOGO 2

ASHER



Faltavam trinta segundos para o fim dos acréscimos.

O suor cobria minha pele e pingava em meus olhos. Um rugido incessante e ensurdecedor tomava conta do estádio enquanto os torcedores gritavam para que alguém, qualquer um de seu lado, marcasse um gol.

Era a nossa última partida da temporada. Mais uma vez, estávamos jogando contra o Holchester; mais uma vez, estávamos empatados e, mais uma vez, precisávamos de uma vitória para levar o troféu para casa.

O *déjà-vu* era tão forte que permeava o ar e gravava linhas de determinação no rosto de cada jogador do Blackcastle. Tínhamos deixado o título da Premier League da última temporada escapar por entre os dedos, mas preferíamos morrer a dar outra vitória ao Holchester.

Não na porcaria do nosso estádio, na nossa cidade, cercados pelos nossos torcedores.

Bocci conseguiu passar pela nossa defesa e chutou para o gol. Meu coração parou, em negação, mas voltou a acelerar quando Vincent apareceu no último segundo com uma interceptação espetacular.

Ele chutou a bola para Elliott, que tentou partir para o ataque com ela, mas enfrentou forte resistência do Holchester. Em vez de perder tempo brigando pela bola, ele a devolveu para Vincent, que a pegou e saiu correndo.

Quinze segundos.

O sangue trovejou em meus ouvidos, e acompanhei Vincent feito uma

águia conforme ele corria pela lateral.

Vamos lá, vamos lá, vamos lá…

Silenciosamente, eu o incitei a correr mais rápido, enquanto ao mesmo tempo ficava de olho no time adversário. Era a nossa última jogada. Ou dava certo ou não dava – e *tinha* que dar certo.

Dez segundos.

Vincent finalmente parou e, sem hesitar nem por um milésimo de segundo, fez um cruzamento tão suntuoso e preciso que os zagueiros do Holchester ainda estavam se atropelando quando corri para alcançar a bola.

Cinco segundos.

Não parei para pensar. Agi por instinto e recebi a bola com uma cabeçada simples e certeira.

O barulho que sacudiu o estádio cresceu sob minha pele e invadiu meus pulmões quando me juntei a setenta mil pessoas e acompanhei a bola seguir em direção ao gol em um movimento aparentemente em câmera lenta.

Quatro.

O goleiro do Holchester mergulhou.

Três.

Seus dedos roçaram na bola, mas não a alcançaram.

Dois.

A bola foi parar no fundo do gol.

Um.

Um momento de absoluto silêncio.

Em seguida, o estádio entrou em erupção, com um rugido tão ensurdecedor que meus dentes e ossos estremeceram com a força do som. Foi crescendo, crescendo, aumentando cada vez mais, até que o chão pareceu tremer sob o júbilo de dezenas de milhares de torcedores que comemoravam o primeiro título do Blackcastle na Premier League em dez anos.

Fiquei lá parado, atordoado demais para me mexer, até que o time me soterrou em abraços e gritos.

– A gente ganhou! – gritou Samson, sacudindo meus ombros. – A gente ganhou, porra!

– Ganhamos, caralho! Vão se foder, seus merdas! – gritou Gallagher, mostrando o dedo do meio para os jogadores do Holchester do outro lado do campo.

Não foi muito apropriado, mas e daí?

Nós ganhamos. *Nós ganhamos.*

A euforia desfez o choque que me abateu.

Finalmente, me juntei à comemoração, com o coração na boca, abraçando meus colegas de time e dando tapinhas nas costas deles.

Depois de todas as merdas por que passamos e de todos os obstáculos que enfrentamos, estávamos trazendo o troféu para casa.

Meu Deus, como era bom. Mais do que bom – era alucinante.

O riso tomou conta do meu peito quando o time levantou a mim e a Vincent em seus ombros. Vi a equipe técnica do time exultante nas laterais com Frank, que exibia seu primeiro sorriso genuíno desde 1995.

– Ainda bem que você não estragou tudo! – gritou Vincent em meio ao barulho. Seu rosto brilhava com um misto de suor e euforia. – Se você tivesse feito isso, eu mesmo teria te banido do time.

– Como se você tivesse poder! – berrei.

Mostrei a ele o dedo do meio, rindo outra vez quando o time nos colocou no chão e Vincent me atacou com um abraço de urso.

– Vai se foder, Donovan! – gritou ele em meu ouvido.

Mas ele estava sorrindo. Todos nós estávamos.

Bem, exceto os jogadores do Holchester, que deixaram o gramado cabisbaixos. Bocci me lançou um olhar maligno ao sair. Ele já estava em maus lençóis com os diretores do Holchester depois de ter sido pego em uma corrida ilegal no mês anterior. Sua prisão resultou em uma multa pesada e em um ano sem poder dirigir, e havia boatos de que sua permanência no time dependia de ele conquistar outro título naquele ano.

Não sabia o que aconteceria com ele agora, e não ligava para isso. Estava focado em encontrar alguém mais importante.

Vincent foi cantar o hino do time com Adil e Stevens, e eu comecei a examinar o estádio.

Encontrá-la deveria ser impossível, dada a quantidade de pessoas pulando de um lado para outro, mas eu a vi quase de imediato. Ainda que houvesse centenas de milhares de pessoas em vez de setenta mil, eu a teria encontrado com a mesma facilidade, porque uma parte de mim sempre estaria conectada a uma parte dela.

Scarlett estava sentada na ala norte com Carina, Brooklyn… e meus pais.

Meu coração parou pela segunda vez naquele dia. Pisquei para ter

certeza de que estava enxergando direito, mas era impossível confundir o cabelo escuro encaracolado de minha mãe e a barba rala de meu pai.

Eles não tinham dito uma *palavra* sobre ir à partida daquele dia, mas lá estavam eles, vestindo a camisa do Blackcastle – inclusive meu pai.

Minha mãe sorriu e acenou quando me viu olhando. Meu pai não sorriu *nem* acenou, mas seu breve cumprimento de cabeça foi o maior reconhecimento que recebi dele desde que cheguei ao time.

Duvidava que algum dia teríamos um relacionamento "normal" entre pai e filho, mas ele havia melhorado gradativamente desde a visita-surpresa para me dar uma chacoalhada durante o outono. Além disso, o fato de ele estar lá com as cores do Blackcastle era mais significativo do que qualquer outra coisa que ele pudesse ter feito.

Engoli a emoção em minha garganta – jamais sobreviveria se chorasse em campo – e voltei a me concentrar em Scarlett. Ela sorriu e me soprou um beijo com uma das mãos. A outra mão trazia um cartaz que dizia "Enxotem o Holchester daqui até Plutão" em enormes letras roxas brilhantes.

Caí na gargalhada. Meu Deus, como eu amava aquela mulher. Dei uma piscadela e soprei um beijo de volta.

Foi muito brega, mas não me importava com o número de pessoas que reclamariam ou com a quantidade de primeiras páginas em que aquilo apareceria no dia seguinte.

Fiz aquilo com todo o meu amor.

SCARLETT

– Você acha que o brasão sempre esteve lá ou ele mandou alguém colocar depois que vocês ganharam? – perguntei, olhando para o brasão gigante do Blackcastle gravado no piso do saguão.

Asher riu.

– Não faço ideia. É minha primeira vez aqui. Nunca estive com o Markovic antes.

Era a semana seguinte à histórica vitória do Blackcastle na liga – a

primeira sob o comando do técnico Frank Armstrong *e* do atual proprietário Vuk Markovic –, e Markovic convidara o clube inteiro para uma comemoração em sua mansão nos arredores de Londres.

Ou ele estava extremamente confiante na capacidade do time de vencer ou gastou uma pequena fortuna para organizar uma festa tão luxuosa em pouquíssimo tempo.

Ele sem dúvida tinha dinheiro para isso. O CEO bilionário tinha um patrimônio líquido maior do que o de alguns pequenos países europeus. Ele morava em Nova York, mas tinha vários negócios no Reino Unido, incluindo o Markovic Stadium, e era notoriamente recluso. De acordo com a internet, ele raramente, ou nunca, falava em público.

Dada a sua reputação, fiquei surpresa por ele ter organizado uma festa tão elaborada, mas ganhar a Premier League *era* um grande acontecimento. Como dono do time, ele tinha que agradecer aos jogadores de alguma maneira.

– Já era hora de vocês dois chegarem. – Vincent apareceu do nada. Como o resto dos homens, ele usava um smoking para respeitar o *dress code*, que era black-tie. – Não acredito que fui o primeiro a chegar de nós três. Vocês têm ideia do que isso vai fazer com a minha reputação de "elegantemente atrasado"?

Dei um tapinha reconfortante em seu ombro.

– Pontualidade é uma coisa boa. Se joga.

– Teríamos chegado mais cedo, mas nos distraímos – acrescentou Asher, pegando duas torradinhas de camarão assado da bandeja de um garçom que passava. Ele me entregou uma e colocou a outra na boca.

Meu irmão engasgou visivelmente.

– *Jamais* diga esse tipo de coisa na minha frente. Vou acabar vomitando.

Asher ergueu uma sobrancelha. Ele mastigou e engoliu antes de comentar casualmente:

– Eu estava me referindo ao passarinho ferido que nós salvamos na beira da estrada. Do que *você* tá falando?

Soltei uma risada e dei uma leve cotovelada em Asher.

– Chega de provocação. Vocês dois se comportem enquanto vou um dar oi pra Brooklyn.

Minha amiga estava do outro lado da entrada abobadada, conversando com outro membro da equipe do Blackcastle.

O saguão era apenas uma pequena parte da mansão de Markovic (que era tão grande que continha vários campos de futebol, com espaço de sobra para um ou dois campos de beisebol), mas ainda assim era cinco vezes maior do que o meu apartamento. O já mencionado escudo dourado do time brilhava em uma extensão de mármore verde-claro, e os lustres continham pesados cristais em forma de lágrima suspensos acima dele.

Provavelmente eu levaria dez minutos só para chegar até Brooklyn, em especial devido à quantidade de pessoas que estavam lá. Além do time do Blackcastle e acompanhantes, vi algumas celebridades e socialites, inclusive Polina, a modelo que eu havia flagrado beijando Asher no verão. Ela estava acompanhada de Gallagher, mas, a julgar pela maneira como ficava examinando o local, estava à procura de outra pessoa.

– Vou lá com você dar oi pra Brooklyn. – Vincent fez menção de me acompanhar, mas coloquei a mão em seu peito para detê-lo.

– Nem pense nisso.

– No quê? – Ele era a imagem da inocência.

– Ela *não vai* te dar bola. Mesmo que desse, o pai dela jamais deixaria. O Chefão literalmente vai te matar com as próprias mãos se você suspirar perto dela.

– Que exagero. Não tenho nenhuma intenção de morrer – disse Vincent. – Só quero ir até lá porque emprestei o último livro da Isabella Valencia pra ela e quero de volta.

Meu irmão *não* lia thrillers.

– Você não tem… – Estreitei os olhos. – Peraí. Você tá falando do *meu* livro da Isabella Valencia? O que eu ainda nem li? Passei horas procurando outro dia!

Vincent deu de ombros, ao menos tendo a decência de parecer constrangido. Inacreditável. Estávamos *outra vez* vivendo a situação do vinil da Adele.

– De qualquer maneira, não estou interessado nela desse jeito – disse ele. – Admito que fiquei curioso quando a gente se conheceu, mas ela é irritante.

– Porque ela é a única mulher que não é sua parente e que não cai de boca em você? E a Carina não conta. Ela é basicamente sua irmã.

– Não. É porque ela é irritante mesmo.

– Você achava o Asher irritante, e agora vocês são melhores amigos.

A boca de Vincent se curvou.

– Melhores amigos é um pouco demais. Nós nos toleramos.

– Estou bem aqui, viu? – interveio Asher. – Mas ele está certo. Nós nos toleramos pelo time e por *você*. Só isso.

– Aham. – Eles se toleravam tanto que iam assistir ao próximo filme do Nate Reynolds *sem mim*, mas tudo bem. Não estava sentida nem nada. – Claro. Bem, fiquem aí tolerando um ao outro enquanto vou dar oi pra Brooklyn… *sozinha*.

Deixei os dois se alfinetando e fui me juntar à minha amiga ao lado de um dos Picassos. O outro membro da equipe havia se retirado, deixando-a sozinha.

– Não sei como você faz isso – disse ela. Ela devia estar observando minha interação com Asher e Vincent. – Lidar com esses dois juntos é como lidar com crianças.

– Nem me fala. – Dei um abraço nela. – Você está linda.

– Você também. – Brooklyn sorriu. – Que pena que a Carina não pôde vir. Este lugar é incrível. Você sabia que tem um campo de tiro no jardim dos fundos?

– Não. Como *você* sabe disso?

– As pessoas me contam coisas. – Ela deu de ombros. Seu olhar passou por mim, e seus olhos se arregalaram (com fascínio ou apreensão, eu não saberia dizer). – Por falar em pessoas… olha quem está aqui.

Eu me virei quando a conversa animada no saguão se transformou em silêncio e o único som era o de sapatos batendo no mármore.

Ele saiu das sombras de outro cômodo e parou no meio da multidão. Eu o reconheci imediatamente de minhas pesquisas na internet.

Vuk Markovic.

Eu já achava suas fotos intimidadoras, mas elas não faziam jus à realidade. Ao vivo, ele era absolutamente aterrorizante. Não eram seu tamanho nem a cicatriz violenta que dividia seu rosto em duas metades geladas. Não eram a boca sem sorriso, as marcas de queimadura em seu pescoço nem os olhos azuis e pálidos, quase incolores.

Era a sensação de perigo que ele emitia, como um lobo em pele de cordeiro. Mesmo em um smoking feito sob medida de dez mil libras, ele não parecia um CEO. Parecia alguém que, com calma e eficiência, desmembraria você com as próprias mãos se você o contrariasse.

Senti um calafrio quando aqueles olhos inquietantes me percorreram,

mas não pararam. Simplesmente passaram por mim como se eu não existisse.

Ele examinou o cômodo sem qualquer sinal de emoção. Parecia que estava procurando alguém, mas quem quer que fosse não devia estar lá, porque sua boca se fechou em uma linha com desagrado.

Uma mulher mais velha parou ao lado dele e sussurrou algo em seu ouvido. Ele acenou com a cabeça e caminhou em direção ao Chefão, quebrando o silêncio que se instaurara após sua chegada.

O salão soltou um suspiro coletivo e a conversa recomeçou.

– Acho que ele não vai fazer um discurso de agradecimento – falei, ironicamente.

– Ele é gato.

Minha cabeça se voltou para ela.

– Quem? O *Markovic*?

– Aham. De um jeito assustador do tipo "talvez eu te mate depois de te foder". Mas funciona. Que foi? – perguntou ela, na defensiva, quando arqueei as sobrancelhas. – Eu tenho uma queda por *bad boys*.

– Às vezes você me deixa preocupada.

– Eu sempre deixo – disse ela com mais ânimo do que a situação pedia. Ela olhou para mim por cima do ombro outra vez, e um sorrisinho surgiu em seu rosto. – Mas acho que logo, logo você vai se sentir muito melhor.

– O que…

– Odeio interromper, mas você se importa se eu roubar a Scarlett um pouquinho? – A voz suave de Asher chegou junto com sua mão em meu quadril. – Preciso mostrar a ela uma coisa importante.

Brooklyn sorriu.

– Tenho certeza que sim.

Um calor escaldou meu rosto.

– Sua mente está muito poluída.

– É sempre bom um pouco de sujeira. – Ela nos deu uma piscadela ao sair para cumprimentar Adil. – Divirtam-se.

– O que é essa coisa importante que você precisa me mostrar? – perguntei a Asher, desconfiada, conforme ele me conduzia pela entrada em direção à parte principal da casa. – Não é o seu pau, né?

A risada dele se sobrepôs ao barulho, provocando meus sentidos.

– Não necessariamente, mas se você *quiser* ver…

Meu rubor se intensificou.

– Eu já vi muitas vezes. Não preciso… O que você tá fazendo? – Soltei uma gargalhada quando Asher me puxou para um cômodo escuro, longe do hall de entrada, e fechou a porta.

– Tendo um tempo sozinho com a minha namorada. – Ele me sentou em uma das mesas e se colocou entre minhas pernas. – Estou cansado de dividir você com outras pessoas.

– Ficamos longe dez minutos, no máximo, e nos vemos todos os dias.

Havia me mudado oficialmente para a casa de Asher no mês anterior, depois que o contrato de aluguel do meu apartamento venceu. Foi um grande passo, mas também uma progressão natural do nosso relacionamento.

– É verdade – admitiu ele. – Mas dez minutos é muito tempo, e todo dia não é suficiente.

– Você é impossível – falei com outra risada. – Mesmo assim, o Sr. Markovic vai ficar muito chateado se descobrir que estamos profanando a sua… – Minha voz se arrastou por um segundo, e minha respiração ficou presa quando a mão de Asher deslizou pela minha perna. – O que quer que seja essa sala.

Sala de visitas? Sala de jantar? Sala de estar? Meu cérebro confuso notava cadeiras e mesas, mas a maior parte da minha atenção foi desviada para o roçar dos dedos de Asher em minha coxa.

– Acabei de ganhar pro Sr. Markovic seu primeiro título da Premier League em uma década. – Asher baixou a cabeça, seu murmúrio aveludado me fazendo tremer. – Acho que ele vai me dar um desconto.

Minha resistência foi derretendo aos poucos como neve sob o sol enquanto ele dava beijos em minha mandíbula.

– Não sei – falei, ofegante. – Ele não parece muito compreensivo. Você acha que ele… – Engoli em seco quando a mão de Asher encontrou a borda de renda da minha calcinha. – Humm, você acha que ele está realmente envolvido no negócio ou…

Perdi o ar, minhas palavras se dissolvendo em uma explosão de prazer quando ele deslizou os dedos por baixo da renda e encontrou minha lubrificação escorregadia.

Asher voltou a beijar minha boca.

– Scarlett?

– Sim?

– Não quero falar sobre o Markovic nem sobre mais nada agora.

Senti um calor no meio das pernas.

– O que você quer fazer, então?

Seu sorriso era pura lascívia no escuro.

– Por que te contar… – disse ele, ficando de joelhos – quando eu posso te mostrar?

Aquelas foram as últimas palavras que trocamos durante a meia hora seguinte.

Não fazia ideia se as pessoas estavam nos procurando ou se Markovic ficaria irritado por profanar sua sala de visitas/jantar/estar.

Se fosse o caso, lidaríamos com isso juntos. Sempre lidávamos.

Por ora, eu me permiti deixar de lado as preocupações e mergulhar no prazer do momento.

O que passou passou, e o futuro era imprevisível.

Mas o presente? Pertencia a nós, e eu não escolheria que fosse de outra forma.

CENA BÔNUS

SCARLETT



– Não entendo que urgência é essa em fazer as unhas pra termos que vir *hoje*. – Lancei um olhar de reprovação para Carina, que examinava as opções de cores com a mesma intensidade que normalmente reservava para seus doces favoritos e novos documentários sobre pinguins. – Marquei de sair com Emma hoje à noite. É aniversário da mãe dela no fim de semana que vem, e ela quer ajuda para escolher um presente.

– A Emma já é grandinha. Ela vai sobreviver – disse Brooklyn com um bocejo. Ela usava legging e uma camiseta larga, roupas bem mais casuais do que costumava vestir. – Mas você vai pro Japão amanhã e *não pode* ir com as unhas desse jeito.

Carina finalmente ergueu a cabeça e olhou de soslaio para minhas cutículas carcomidas.

Eu não era tão desleixada assim com as unhas, mas, em meio ao trabalho, à reforma da casa e às tarefas irritantes que brotavam na minha agenda como ervas daninhas, não vinha tendo tempo de dar a elas o amor que mereciam. A situação estava preocupante mesmo.

Ao vê-las naquela manhã no trabalho, Carina praticamente colocou uma arma na minha cabeça e me convenceu a ir ao salão com ela, argumentando que fazia duas semanas que não tínhamos um dia de amigas.

Havia coisas piores do que uma manicure forçada, é claro, mas a fixação repentina de minhas amigas em minhas unhas era um pouco estranha.

– Além disso, como eu disse, já faz muito tempo que não colocamos o

papo em dia – disse Carina. Então complementou, depois de finalmente escolher uma cor de esmalte: – Você não atualizou a gente sobre a reforma. O Asher ainda está insistindo naquele verde horroroso pra cozinha?

Estremeci ao me lembrar da cor de tinta que ele havia escolhido no começo. Eu gostava de verde, mas *aquele* tom em particular só ficaria bom em filmes de terror.

– Não, graças a Deus. Escolhemos um tom diferente, mas tivemos que chegar num meio-termo em relação à sala de TV.

Brooklyn torceu o nariz.

– Deixa... eu adivinhar... As poltronas reclináveis ficaram?

– As poltronas reclináveis ficaram – confirmei. – Mas ele concordou em trocar o piso por um de madeira mais clara, para ampliar um pouco o espaço. Como eu disse, um meio-termo.

Asher tinha um carinho especial por suas poltronas reclináveis: trambolhos imensos e monstruosos de couro marrom-escuro que não combinavam com nada na sala, mas que, ele garantia, eram "as cadeiras mais confortáveis do mundo".

Eu tinha certeza de que seríamos capazes de encontrar poltronas reclináveis novas que fossem confortáveis *e* esteticamente agradáveis, mas ele gostava tanto das antigas que decidi não brigar por isso.

Às vezes, amar uma pessoa significa amar (ou ao menos tolerar) o que ela ama também, ainda que essas coisas arruínem completamente seu estilo vintage e glamouroso.

– Isso tudo parece tanto coisa de gente grande – comentou Carina, com um suspiro. – Eu me lembro de quando ficávamos reclamando que nunca tinha ninguém interessante no Angry Boar, e agora você está reformando a casa com Asher Don… – Ela olhou para as manicures e parou de falar de repente. – Com o seu namorado. O tempo voa.

Sorri, com uma leve sensação agridoce. O tempo *tinha voado mesmo*.

Era março, e Asher e eu iríamos comemorar nosso segundo aniversário de namoro dali a alguns meses. Havia me mudado para sua mansão nos arredores de Londres fazia mais ou menos um ano, pouco antes de o Blackcastle conquistar o campeonato inglês, mas recentemente também havíamos comprado uma casa na cidade. O deslocamento ficava mais fácil para nós dois e, com a Copa do Mundo chegando no meio do ano, Asher vinha treinando como nunca.

Olhando para trás, me mudar para a casa dele e enfrentar uma reforma em um momento tão agitado da nossa vida não tinha sido a *melhor* ideia do mundo, mas eu me saía bem em meio ao caos. Gostava de estrutura, mas gostava mais de construir algo novo com Asher.

Nossa casa já era um lar porque nós dois colocávamos nosso amor e nossa energia nela, e todas as vezes que dormi tarde e acordei cedo vinham valendo a pena.

– Falando nisso, como está o apartamento novo? – perguntei a Carina. – O vizinho ainda está enchendo o seu saco?

Ela havia se mudado na mesma época que eu. Sentia falta de tê-la por perto, mas nos víamos com frequência suficiente para que a distância não nos afetasse tanto.

– Pro meu azar, sim – resmungou ela. – Não só moro num apartamento com as paredes *mais finas* que existem, como meu vizinho decidiu aprender a tocar trombone depois de fracassar miseravelmente no violão. Do jeito que as coisas andam, não se surpreenda se um dia eu aparecer no noticiário por matar alguém com um instrumento musical.

A manicure deu risada ao terminar de aplicar a primeira camada de esmalte verde-menta nas unhas de Carina.

– Adorei essa cor em você. – Minha manicure examinou o rosa-claro que eu havia escolhido. – Casa perfeitamente com o seu tom de pele.

– É verdade. – Brooklyn me encarou. – Vai ficar tão lindo com... – Ela parou de falar abruptamente, as bochechas corando quando Carina lançou um olhar penetrante em sua direção.

Olhei para as minhas amigas, intrigada.

– Vai ficar tão lindo com o quê?

– Com, é… tudo na sua vida. Em geral. – Brooklyn deu de ombros, seu rosto indo de rosado para vermelho-tomate. – Unhas bonitas são sempre uma boa aposta.

– Muito boa. – Carina assentiu com um entusiasmo um pouco exagerado. – Nós *adoramos rosa*.

– Adoramos mesmo.

O aceno de Brooklyn foi igual ao de Carina. Elas pareciam uma dupla de bonecos de mola.

Semicerrei os olhos.

– Entendi. O que está acontecendo? Por que vocês duas estão estranhas

desse jeito?

– Nós sempre somos estranhas. – Carina era a inocência em pessoa. – É parte do nosso charme. *Aliás*, tudo pronto pra viagem? Já terminou de fazer as malas?

Semicerrei os olhos ainda mais. Ela era péssima em mudar de assunto, mas deixei passar (por enquanto).

– Quase. É uma viagem rápida, então não preciso de muita coisa.

Apesar de minha desconfiança em relação ao comportamento das minhas amigas, estava fervilhando de animação ao pensar nos dias de folga por vir.

Asher e eu partiríamos para nossa viagem de quatro dias ao Japão na manhã seguinte. Planejamos tudo para que ele não perdesse nenhuma partida e, embora o Japão ficasse um tanto longe para um fim de semana prolongado, ele insistiu em me levar até lá para ver as flores de cerejeira (um dos principais itens da minha lista de viagens dos sonhos).

Normalmente, uma logística complexa para uma viagem tão curta me desanimaria, mas Asher precisava de uma pausa nos treinos (sua rotina lotada e exaustiva me preocupava) e... bem, eu queria *muito* ver as flores de cerejeira.

– Mande muitas fotos – disse Brooklyn. – Estamos vivendo para isso.

– *Muitas* fotos – enfatizou Carina.

Mais uma vez, achei aquele comportamento delas um pouco suspeito, já que sempre bombardeávamos umas às outras com fotos aleatórias no grupo, mas eu estava tão absorta em imagens de flores rosa e jantares românticos que nem dei muita bola.

Como Carina disse, a estranheza delas fazia parte do charme. Eu que estava vendo coisa onde não tinha.

ASHER

Puta merda. Eu ia vomitar.

Não era culpa do café da manhã que tomamos mais cedo (que tinha sido

fantástico) nem do lugar em que nos encontrávamos (que era lindo). Afinal, estávamos no Japão. No lago Kawaguchi, para ser mais exato – um dos melhores lugares para ver as cerejeiras em flor.

Céu azul sem nuvens, flores deslumbrantes, o Monte Fuji ao longe. Era como se um cartão-postal tivesse ganhado vida, mas eu não conseguia apreciar nada por conta do pretzel gigante em que minhas entranhas haviam se transformado.

– Não acredito que estamos aqui – declarou Scarlett com um suspiro, alheia à minha ansiedade galopante. – Já faz tanto tempo que isso está na minha lista que parece surreal ver as flores ao vivo.

Não sei como, mas consegui emitir um som de concordância.

Fiquei bem durante o voo e o primeiro dia no Japão – que passamos comendo, dormindo e aproveitando o spa do hotel –, mas agora que a hora se aproximava, estava uma pilha de nervos.

Eu não era uma pessoa insegura ou que constantemente questionava as próprias decisões. Quando botava algo na cabeça, tinha certeza de que daria certo, mas *aquele* plano...

O que diabos eu estava pensando?

O embrulho no estômago ficou mais forte.

Uma viagem-relâmpago ao Japão *parecera* uma boa ideia meses antes, mas, pensando melhor, deveríamos ter permanecido em Londres. Assim, não ficaríamos presos em um constrangedor voo de catorze horas juntos se ela dissesse...

Não. Cerrei o maxilar.

Não entraria nessa. Eu sabia que Scarlett era a mulher da minha vida desde o momento em que nos conhecemos, e não permitiria que uma crise de insegurança de última hora me impedisse de fazer o que deveria ter feito havia muito tempo.

– Tá tudo bem? – Ela finalmente desviou o olhar das flores e do monte Fuji para me encarar. – Você passou o dia inteiro estranho e quieto.

– Tudo bem – menti. – Só admirando a vista.

Passei a mão pelo cabelo e torci para que ela não percebesse meu leve tremor. A caixinha de veludo com o anel que carregava desde que saímos de Londres abriu um buraco no meu bolso.

Embora Scarlett e eu nunca tivéssemos falado explicitamente sobre casamento, tínhamos acabado de comprar uma casa juntos. Em termos

lógicos, casar era o próximo passo – ou pelo menos era o que eu pensava.

Mas e se eu estivesse errado? E se eu a pedisse em casamento e ela de repente percebesse que eu *não era* o homem da vida dela? E se ela não quisesse se casar nunca, com ninguém?

Eu estava suando. A caixa do anel parecia um bloco de concreto pesando no meu bolso, e por um momento pensei em me atirar no lago e deixar a natureza seguir seu curso.

Então, as risadas de uma família que passava me libertaram daquela espiral e recobrei a razão.

Eu amava Scarlett. Scarlett me amava. O pior que ela poderia dizer era não, o que... bem, seria devastador, mas eu jamais saberia a menos que perguntasse. Incerteza era pior que rejeição.

Talvez.

A família riu outra vez. O pai pegou a filha no colo e a girou, e o grito de alegria da menininha foi o suficiente para distrair Scarlett.

Vai logo.

Deixei a ansiedade de lado e mergulhei de cabeça. Quando ela se virou novamente um minuto depois, eu já estava de joelhos com o anel na mão.

Scarlett arregalou os olhos. Seus lábios se abriram num silencioso "oh" de choque e, naquele instante, entre o momento em que ela se deu conta do que estava acontecendo e as palavras que saíram da minha boca, o mundo parou.

Era isso. *Agora ou nunca.*

– Eu tinha preparado um grande discurso, mas... bem, esqueci tudo – admiti. Meu coração estava tão acelerado que minha voz chegava a tremer, e lutei para me acalmar antes de seguir em frente: – Então, me perdoe se não soar tão bonito ou refinado quanto deveria. Mas, mesmo que eu não tenha palavras para expressar tudo o que você significa para mim, ou o quanto eu te amo, espero ter demonstrado como me sinto por meio das minhas atitudes ao longo de todos os dias que estivemos juntos.

Parei, tentando organizar os pensamentos. Scarlett ainda me encarava, paralisada, mas não tinha saído correndo. Era um bom sinal, certo?

– Nosso relacionamento começou de um jeito nada convencional, por falta de um termo melhor. Você entrou na minha vida numa época em que meu mundo girava em torno do futebol, e eu não conseguia imaginar nada nem ninguém mudando isso. Aí eu te conheci. – Engoli em seco. – Eu não

sabia quem você era na época, mas de alguma maneira sabia que você seria alguém importante na minha vida. Foi como se o universo me desse um tapinha no ombro e me dissesse para prestar atenção, mas eu resisti. Pelo menos tentei. Mas, como você deve ter notado, nunca consigo dizer não para você por muito tempo… nem mesmo quando se trata de coisas extremamente importantes, como cores de tinta e prateleiras.

A risada de Scarlett se misturou ao choro. Seus olhos brilhavam intensamente à luz do sol e, ali diante dela, mesmo depois de todo esse tempo, ainda não conseguia acreditar que ela era minha.

– Você virou o meu mundo de cabeça para baixo, e eu agradeço a Deus por isso todos os dias. – Minha voz então ganhou um tom mais suave: – Você não é só alguém importante na minha vida. Você é a parte *mais* importante da minha vida, e não consigo imaginar vivê-la sem você. Então, dito isso… – Gaguejei, mas me forcei a fazer a pergunta que não queria calar: – Scarlett DuBois, você quer se casar comigo?

– Sim. – Sua resposta saiu apressada, antes que o pedido houvesse deixado completamente meus lábios. – Sim, sim, *sim*!

Ela finalmente se moveu, me abraçando e me beijando, sem que eu tivesse tempo de reagir.

Ainda estava ajoelhado, então a posição era um pouco estranha, mas não dei a mínima. Estávamos rindo, e ela estava chorando, e o melhor: *ela disse sim.*

Alívio e alegria inundaram minhas veias com tamanha intensidade que me senti quase embriagado. O embrulho em meu estômago se desfez, e saboreei nosso beijo por mais um momento antes de me afastar e deslizar o anel em seu dedo. Serviu perfeitamente.

Não tinha certeza se a umidade em minhas bochechas eram lágrimas minhas ou dela, mas não importava.

Ela disse sim.

– É lindo demais – disse Scarlett, com um suspiro, olhando para o anel. Era um diamante rosa com corte em pera personalizado, para combinar com a cor favorita de Scarlett, e havia custado o suficiente para fazer meus olhos se encherem d'água, mas valeu cada centavo. – É o anel dos meus sonhos. Como você sabia?

Dei um sorriso tímido.

– Talvez eu tenha recebido uma ajudinha.

Pensei muito antes de contar às amigas dela sobre o pedido de casamento, com receio de que sem querer deixassem escapar alguma coisa, mas queria que fosse tudo perfeito, e algumas dicas só melhores amigas eram capazes de dar.

– Peraí. – A ficha de Scarlett caiu. – Foi por *isso* que a Carina e a Brooklyn insistiram tanto pra que eu fosse à manicure! Elas sabiam que você ia me pedir em casamento.

– Imaginei que você me mataria se eu te surpreendesse com um anel e você estivesse com as unhas lascadas ou algo assim. Ouvi dizer que ficaria horrível nas fotos. – Meus olhos praticamente se fecharam de tanto rir. – Então pedi pra elas, é… darem um empurrãozinho quando chegasse a hora.

Scarlett soltou outra risada-choro.

– Asher Donovan, você é incrível.

– Eu tento. – Me levantei e rocei meus lábios nos dela novamente. – Eu te amo – murmurei.

A expressão dela ficou mais suave. Seus olhos e nariz estavam vermelhos de tanto chorar, e seu cabelo estava desgrenhado.

Nunca tinha visto uma mulher tão linda.

– Eu também te amo. – A respiração dela era quente e suave contra a minha boca. – Sempre e para sempre.

Estávamos em um local relativamente isolado perto do lago, então não havia ninguém por perto, mas o Japão inteiro poderia estar assistindo que eu não me importaria.

Aprofundei o beijo e deixei todos os outros pensamentos de lado. Até a Copa do Mundo que se aproximava era uma questão distante.

A única coisa que importava, a única coisa que *existia*, era aquele momento.

E eu não queria que fosse de outro jeito.

AGRADECIMENTOS

Este é o início oficial da minha era de romances esportivos, portanto, em primeiro lugar, quero agradecer a vocês, leitores, por terem embarcado nessa jornada comigo.

Começar uma nova série é sempre assustador, mas me diverti muito explorando a filial londrina do Anaverso, e espero que vocês tenham adorado Asher e Scarlett tanto quanto eu.

Vocês são o motivo para eu fazer o que faço, e sou muito grata por tê-los ao meu lado enquanto mergulhamos juntos nesse mundo de jogadores de futebol e fama.

Também quero agradecer a todos que possibilitaram essa incursão literária do outro lado do oceano.

Becca: nosso processo muda a cada livro, mas seja em uma chamada de três horas pelo Zoom ou em uma festa do pijama em minha casa, ele sempre termina de forma mágica. Obrigada por ser uma excelente editora e uma amiga ainda melhor.

Brittney, Rebecca e Salma: já encaramos vários livros juntas e espero que encaremos muitos outros!

Paige, Emma e Ellie: seus comentários sobre a representação da dor crônica, a geografia e a cultura britânicas, e o futebol da Premier League foram inestimáveis. Quem diria que o desodorante Axe se chama Lynx no Reino Unido? Antes deste livro, eu jamais desconfiaria. Obrigada por me ajudarem a fazer essa história brilhar.

Jess, Malia, Jessie, Chelsea e Tori: minhas maravilhosas leitoras beta. Obrigada por todas as suas observações e sugestões. Realmente me ajudaram a elevar o romance de Asher e Scarlett a um novo patamar.

Britt: obrigada, como sempre, por seu olhar de águia e por dar conta dos meus prazos apertados. Você é maravilhosa!

Ali e Khush: o que seria de mim sem a experiência de vocês em futebol? Obrigada por responderem às minhas perguntas de forma mais completa do

que qualquer pesquisa no Google.

Cat: meses e meses de DMs, sonhos em tons de roxo e crises de estresse depois, nós conseguimos! Obrigada por ter me apoiado durante esse processo (muito) longo e obrigada pela capa maravilhosa. Amo você.

Christa, Madison e o restante do time da Bloom: botamos mais uma série no mundo! Seu entusiasmo e dedicação sempre me fazem sorrir, e estou muito animada com este capítulo da nossa parceria.

Ellie e a equipe da Piatkus: o Anaverso chegou a Londres! Obrigada pela ajuda com o vocabulário britânico e por tudo o que vocês fazem. Vejo vocês em breve na minha primeira turnê no Reino Unido.

Kimberly, Aimee e a equipe da Brower Literary: obrigada por tudo que vocês fazem nos bastidores. Vocês tornam essa carreira insana muito mais tranquila. Muito, muito obrigada!

Com amor,
Ana

Ele tinha tudo que gostaria de ter...
exceto ela.

Leia a seguir um trecho do próximo livro da série Reis do Pecado

Rei da Inveja



CAPÍTULO 1

Ayana

– MEUS PARABÉNS. Metade das pessoas aqui quer te matar e a outra metade quer ser você. – Os lábios do meu noivo roçaram minha bochecha. – Isso, *sim*, é uma conquista.

– Não sei bem se é motivo de orgulho – respondi pelo canto da boca, mantendo o sorriso firme. As pessoas estavam observando. – Ainda mais a segunda parte.

– A lista de convidados parecia só incluir os maiorais da moda, e pelo visto inclui mesmo – rebateu ele. – Inspirar inveja numa multidão como essa é um talento. Aceita, MOTY.

Soltei uma risada abafada.

– Sério, você tem mais orgulho desse título do que eu.

MOTY era a abreviação de "Model of the Year", modelo do ano. Oito meses haviam se passado desde que recebi o prestigioso título, e Jordan ainda mencionava o fato em toda oportunidade.

– O que posso dizer? Prova que tenho olhar apurado. – Ele deu uma piscadela. – Lembro quando o Hank falou pra todo mundo que tinha encontrado "o rostinho do século" numa festa universitária aleatória em Washington. Agora olha só pra você.

Meu sorriso vacilou à menção do meu agente, mas segurei as pontas.

– Não sei se sou o rostinho do século, mas isso aqui sem dúvida é melhor do que uma república de estudantes fedorentos.

Tomei um gole de champanhe e contemplei o jardim a céu aberto. Naquele momento, estávamos bancando os anfitriões num coquetel de fim de verão da Jacob Ford, a icônica loja de departamentos de luxo fundada pelo avô do meu noivo havia mais de meio século.

Jordan me alçara à fama ao me escolher como embaixadora da loja, quatro anos antes. O tamanho e o sucesso de uma única campanha abriram mais portas do que dois anos de testes de elenco e trabalhos pequenos. Eu devia minha carreira a ele e à empresa.

Ele havia alugado um terraço para a festa daquele dia. Os drinques corriam soltos, o sol brilhava e metade dos convidados nos encarava, cochichando discretamente ou não tanto. Jordan estava certo: alguns deles definitivamente queriam me ver morta.

Trabalhar como modelo era fazer parte de uma indústria cruel. Minha ascensão nos últimos anos, aliada ao noivado com um dos solteiros mais cobiçados de Nova York, não me fizera cair nas graças de muitos colegas meus. Eu tinha poucos amigos e ainda menos amigos *de verdade*.

Não havia o que fazer a respeito, mas, às vezes, eu pensava na vida que teria vivido se não estivesse sempre tão exposta.

– Opa. – Jordan se endireitou. – Míssil à vista. Se prepara ou ela vai te explodir em mil pedaços.

Meu breve surto de melancolia estourou como uma das bolhas em minha bebida. Abafei outra risada mesmo enquanto seguia o conselho de Jordan e me preparava para o impacto.

A indomável Orla Ford não era brincadeira. Embora Jordan fosse o CEO, sua avó era a acionista majoritária e a matriarca da família. Ela comandava o clã Ford de sua mansão em Rhode Island, e sua capacidade de dobrar metade de Manhattan à sua vontade a mais de trezentos quilômetros de distância era prova de sua personalidade forte.

– Vocês são os anfitriões da festa, certo? – disse ela ao se aproximar.

A elegante mulher de 84 anos estava impecável num terno floral combinado com o seu famoso colar de diamantes e esmeraldas, mas, de perto, parecia exausta. Suas bochechas estavam encovadas e havia um leve tremor em suas mãos.

Mesmo assim, mantinha-se altiva e imponente, estreitando os olhos

enquanto aguardava nossa resposta.

– Sim, vovó – respondeu Jordan, sem mais nenhum resquício de leveza.

– Então por que estão de gracinha aqui no canto, feito dois colegiais, em vez de *receberem os convidados*? – Orla estalou a língua. – Dante e Vivian Russo estão aqui. Stella Alonso está aqui. Vão conhecer gente. Vocês estão noivos agora… vão ter tempo de sobra para essas coisinhas de casal mais tarde.

Meu rosto esquentou com seu tom sugestivo ao dizer "coisinhas de casal". Jordan colocou sua bebida numa mesa próxima e saiu em disparada. Tentei ir atrás dele, mas sua avó segurou meu braço.

– Você não, querida. Ainda não. – Ela me examinou com um olhar perspicaz. – Você está linda.

– Obrigada – respondi, satisfeita.

Os elogios de Orla eram raros, e eu sabia a importância de sua validação.

Estava usando um vestido amarelo-açafrão curto, da coleção da própria loja. Meu cabelo alisado com prancha caía em ondas largas sobre os ombros, e meus saltos que desafiavam a gravidade me deixavam cinco centímetros mais alta até do que Jordan, que tinha 1,82 metro. Tinham custado uma fortuna, mas eram tão lindos que não resisti.

Todo mundo tinha suas indulgências; as minhas eram sapatos e perfumes. Também fazia tricô, mas minhas peças saíam tão deformadas que eu ainda não admitira para ninguém esse hobby em particular.

– Queria falar com você porque não nos vemos pessoalmente com frequência – disse Orla. – Sei que você e Jordan já estão noivos há um bom tempo… um ano e quatro meses, acredito… mas eu…

Ela vacilou. Sua respiração ficou ofegante. Quase estendi a mão para ver se ela estava bem, mas Orla logo se recuperou e continuou como se nada tivesse acontecido:

– Ainda não tive a oportunidade de lhe dar as boas-vindas à família de maneira apropriada. – Ela segurou minha mão nas dela. – Por muito tempo, pensei que o Jordan jamais encontraria a parceira certa. Ele é meu único neto, e eu ficava… preocupada. Ele nunca namorou ninguém por mais de algumas semanas. Temia que, quando ele *finalmente* nos apresentasse alguém, fosse uma desclassificada qualquer. Estou muito feliz que seja você. – Orla deu um tapinha na minha mão. – Vocês formam um belo casal. Sei que você vai cuidar bem dele.

Ela soou sincera, mas um pouco triste. Ignorei propositalmente o uso da palavra "desclassificada" – afinal, a mulher tinha quase 90 anos – e disfarcei minha confusão com outro sorriso.

Orla não era uma pessoa sentimental e já havia me dado as boas-vindas à família na festa de noivado, mais de um ano antes. Será que tinha esquecido?

– Eu agradeço, Orla. Você tem sido muito gentil comigo desde que anunciamos o noivado. Estou, hã… muito animada para me juntar à família.

Se ela notou minha pequena hesitação, não mencionou.

– Imagina, querida. Eu precisava lhe dizer pessoalmente. Não podia contar com minha filha para isso. A única coisa que ela sabe fazer é gastar meu dinheiro e arrumar amantes cada vez mais chocantes. – Ela olhou para o lado. – Ah, lá está Buffy Darlington. Com licença, preciso cumprimentá-la.

Orla deu um último tapinha em minha mão antes de se retirar. Fiquei olhando para o lugar vazio onde ela estivera. O que tinha acabado de acontecer?

– Você parece em estado de choque. O que ela falou? Ela reclamou de você estar usando um sapato que te deixa mais alta do que eu? – Jordan reapareceu como um fantasma, se materializando do absoluto nada, agora que a avó havia partido. Ele a amava, mas também morria de medo dela. – Você sabe como ela é exigente com aparências. Não pega bem quando a mulher é mais alta que o homem. Blá-blá-blá.

– Bem, eu tenho 1,78 metro descalça, então acho que vai ser difícil – brinquei. – Mas não, ela não falou nada dos meus sapatos.

Fiz um breve resumo da conversa e concluí:

– Inclusive, não quero te deixar alarmado, mas está tudo bem com a sua avó? Ela parece um pouco pálida e as mãos dela não param de tremer.

Jordan franziu a testa.

– Tenho certeza de que está tudo bem. Ela pegou uma gripe na semana passada e ainda está se recuperando. É óbvio que ela insistiu em vir à festa mesmo assim. Adora qualquer chance de se gabar da empresa e do nosso casamento. – Ele virou o copo de uísque cheio que tinha na mão. – Por falar nisso, não esqueça que temos um jantar com o Vuk na sexta-feira para tratar de umas coisas do casamento. Reservei uma mesa para nós naquele novo bistrô francês em West Village.

O champanhe ficou amargo em meu estômago.

Vuk Markovic tinha sido colega de quarto de Jordan na faculdade e seria padrinho do nosso casamento. Eu não o conhecia bem, mas nossas interações anteriores não tinham sido das mais calorosas. Na verdade, eu tinha quase certeza de que ele me desprezava.

Não fazia ideia do motivo. Sempre fui amigável e cordial com ele e nunca dei ouvidos aos rumores de que o poderoso CEO estava possivelmente envolvido em negócios mais obscuros do que a administração da maior empresa de bebidas alcoólicas do mundo.

Jordan era um dos melhores caras que eu conhecia. Havíamos nos aproximado enquanto eu trabalhava na campanha da Jacob Ford, e éramos amigos desde então. Ele jamais convidaria alguém para ser seu padrinho se a pessoa não fosse idônea. Certo?

– Sexta-feira no Village. Pode deixar – respondi. – Estou um pouco surpresa por ele não estar aqui hoje.

– Sério? – Jordan pareceu cético. – Vuk odeia festas. Tenho quase certeza de que, para ele, um baile de gala com música ao vivo é a representação exata do sétimo círculo do inferno.

Dei risada.

– Sei lá. Ele compareceu a muito mais festas este ano. A *Mode de Vie* até mencionou isso no perfil que fez sobre ele, mês passado.

– É verdade, mas eu não contaria que essa tendência vá durar muito. Vuk faz o que precisa fazer para os negócios dele e pronto. Um coquetel num jardim não se enquadra nesse princípio. Merda. Minha avó está me fuzilando com os olhos outra vez. Vou atrás de alguma pessoa "importante" para conversar antes que ela me apunhale com um picador de gelo. Pelo visto, vamos ter que passar o resto da festa afastados, ou ela vai nos acusar de não sermos bons anfitriões.

– Também acho.

Apertamos as mãos solenemente, nossas bocas se contorcendo numa tentativa de conter o riso.

– Boa sorte, soldado – falei. – Nos vemos depois da batalha.

Jordan respondeu com uma continência lacônica e desapareceu no meio da multidão. Tomei um último gole da minha bebida antes de ir na direção de Stella Alonso e seu marido.

Passei por Orla no caminho. Suas palavras ecoavam em minha cabeça: *Vocês formam um belo casal. Sei que você vai cuidar bem dele.*

Fiquei mesmo muito feliz em ouvir aquilo. Muitas pessoas a achavam assustadora, o que ela podia ser mesmo, mas, em particular, era mais calorosa do que os outros acreditavam.

Retribuí o sorriso dela e ignorei a rápida sensação de culpa em minhas entranhas.

Obter a aprovação de Orla era uma grande conquista, mas eu suspeitava que ela seria menos benevolente se descobrisse a verdade: que meu noivado com seu neto era uma absoluta farsa.

CAPÍTULO 2

Ayana

NAQUELA SEXTA-FEIRA, apareci como prometido no bistrô onde Jordan havia feito a reserva. A comida estava deliciosa, mas infelizmente era difícil apreciar até mesmo uma refeição com estrela Michelin quando a pessoa sentada à sua frente te odiava.

Vuk não disse isso, é claro, mas dava para *sentir* a animosidade que emanava dele, e precisei de toda a minha força de vontade para não esmorecer com seu olhar.

Tomei um gole d'água e tentei evitar qualquer contato visual enquanto Jordan, ao meu lado, falava sobre nosso casamento:

– Conseguimos o castelo na Irlanda, cortesia do Katrakis – disse ele, alheio à tensão que sufocava a mesa. – Setecentos convidados. Cinco dias no campo. Depois, a cerimônia etíope nos Estados Unidos. Vai ser o casamento do ano, e estamos entusiasmados. Não é mesmo, querida?

– Com certeza.

Abri um sorriso. A ideia de passar uma semana com setecentas pessoas que mal conhecia me dava vontade de rastejar até um buraco e definhar lá dentro. Isso sem contar as outras centenas que meus pais estavam convidando para a recepção que *eles* fariam em Washington.

No entanto, eu tinha que desempenhar o papel de noiva empolgada. Era parte do nosso acordo. Jordan precisava de uma esposa para garantir a herança; eu precisava de dinheiro para me livrar do contrato horrível que tinha assinado quando mais jovem, para ajudar minha família.

Cinco milhões de dólares à vista por cinco anos da minha vida, e outros cinco milhões quando Jordan recebesse a herança. Era um acordo mutuamente benéfico.

Então por que me sentia desconfortável toda vez que pensava na cerimônia?

– A lista praticamente inteira confirmou presença. – A voz de Jordan se sobressaiu ao barulho do restaurante. – Por falar nisso, obrigado por cuidar

da despedida de solteiro. Sei que festas não são muito... a sua praia.

Silêncio.

Sempre o silêncio.

Finalmente olhei para o outro lado da mesa, onde o padrinho de casamento assomava feito uma montanha imóvel de músculos e cicatrizes.

Vuk Markovic.

CEO da Markovic Holdings, presidente do comitê de gestão do Valhalla Club e talvez a pessoa mais intimidadora que eu já tinha conhecido.

Com 1,98 metro de altura, mesmo sentado ele pairava muito acima de mim. Sua boca sisuda e a cicatriz brutal – a única mácula em seu belo rosto – davam a ele um ar de perigo silencioso, mas eram seus olhos que me causavam arrepios dos pés à cabeça.

Gelados. Impassíveis. De um azul tão claro que quase parecia branco.

Eles encontraram os meus por um breve instante antes de Vuk voltar a atenção para Jordan e responder com uns poucos movimentos bruscos com as mãos.

Eu havia aprendido linguagem de sinais no ensino médio, depois que minha tia perdeu a audição, então entendia Vuk perfeitamente.

"Sou seu padrinho. Esse é o meu trabalho."

Não foi a resposta mais entusiasmada do mundo, mas não conseguia imaginar Vuk expressando entusiasmo por nada. O homem era uma verdadeira geleira.

– Eu sei, mas mesmo assim... – respondeu Jordan. – Eu agradeço. *Nós* agradecemos.

Ele apertou minha mão sobre a mesa e abri outro sorriso fingido.

Nada extraordinário. Apenas duas pessoas prestes a se casar e profundamente apaixonadas uma pela outra. *Óbvio*.

Um músculo saltou na mandíbula de Vuk.

Seus olhos encontraram os meus novamente e tentei disfarçar outra onda de calafrios.

Nem Jordan nem eu tínhamos mencionado o acordo a mais ninguém. Era arriscado demais. Havia milhões de dólares em jogo e nosso acesso a eles dependia inteiramente da nossa capacidade de tornar aquele relacionamento convincente. Por mais que odiasse guardar segredos da minha família, eu *precisava* do dinheiro.

Mas às vezes Vuk olhava para nós, para mim, como se...

O toque de um celular cortou minha linha de raciocínio.

Jordan fez uma careta.

– Desculpe, preciso atender. – Ele soltou minha mão e se levantou. – Já volto. Se o garçom perguntar, não vou querer sobremesa, está bem, querida?

– Aham. Pode deixar.

Torci para que minha resposta soasse natural e espontânea. Embora a conversa fluísse com facilidade quando estávamos a sós, a necessidade de convencer o mundo de que éramos um casal feliz atrapalhava nossa interação em público.

Depois que Jordan se retirou, Vuk e eu voltamos a ficar em silêncio.

– Então... – falei num tom animado, desejando, não pela primeira vez, que Jordan tivesse escolhido alguém menos assustador para ser seu padrinho. – Quais são os planos para a despedida de solteiro? Pôquer? Strippers? Seja sincero. Não vou ficar ofendida.

Eu não queria falar sobre o casamento, mas não conseguia pensar em mais nada que pudéssemos ter em comum.

Vuk me encarou com frieza. Uma mão envolvia o copo, a outra estava pousada na mesa, e Deus era testemunha de que ele não havia conversado comigo uma única vez desde que nos conhecemos, mais de um ano antes. Duvidava que ele fosse começar naquela noite.

Está bem, então. Ao que parecia, ele também não queria falar sobre o casamento.

Contive um suspiro e dei uma garfada na salada, sem muito entusiasmo.

Tinha acabado de forçar as folhas goela abaixo quando uma família de três pessoas passou pela nossa mesa. A filha, que aparentava ter 7 ou 8 anos, parou para observar Vuk.

– Mamãe, papai, olha só a cara dele. – Não adiantou muito ele sussurrar, já que estava a menos de meio metro de nós. – Por que ele é assim?

– Pare de olhar – advertiu o pai. – É falta de educação.

– Mas aquelas cicatrizes! São *nojentas*.

– Emily! – A mãe encarou a filha antes de lançar um olhar constrangido na nossa direção. – Me desculpem. Ela é...

Risadas estridentes de outra mesa abafaram o resto do pedido de desculpas. A mulher apoiou a mão no ombro da menina e a conduziu às pressas para fora do restaurante. O pai seguiu atrás, tomando cuidado para não olhar para Vuk.

Senti o metal gelado pressionando a palma da minha mão. Não havia percebido a força com que estava segurando o garfo e tive que me obrigar a soltá-lo.

Vuk, por outro lado, não se movera nem um centímetro. Se não fosse por uma contração quase imperceptível de seus lábios, diria que nem sequer tinha ouvido a garota.

Com que frequência as pessoas descaradamente o olhavam e cochichavam, a ponto de ele reagir com tanta indiferença?

A empatia aliviou minha irritação de antes. Não tinha certeza se deveria falar sobre o acontecido, então deixei o silêncio se estender enquanto refletia sobre o que dizer a seguir.

Além da cicatriz no rosto, Vuk tinha outras marcas de queimadura ao redor do pescoço, despontando sob a gola da camisa. Embora não fossem tão visíveis, qualquer pessoa reparava nele.

Mas a menina estava errada. Não eram nojentas; simplesmente faziam parte dele. Algumas pessoas tinham sardas e pintas; ele tinha cicatrizes.

Os lábios de Vuk se contraíram ainda mais.

"Se a minha aparência te incomoda tanto, podemos encerrar o jantar mais cedo." Seus movimentos foram tão afiados que poderiam cortar vidro. "Não quero tirar o seu apetite."

Senti meu rosto esquentar, morta de vergonha por ter sido pega encarando – exatamente o que a garotinha havia feito –, mas as suposições dele a respeito do meu caráter me deixaram indignada.

Ele realmente me achava mal-educada e superficial a ponto de julgar descaradamente a aparência dele durante o jantar?

– Eu não estava te olhando por causa da sua aparência – respondi. – Você está sentado bem na minha frente. É natural que eu olhe pra você. Eu nem sequer estava *pensando* em você.

Era uma mentira descarada, mas não havia a menor chance de eu partilhar meus verdadeiros pensamentos com ele. Tinha a impressão de que Vuk ficaria mais irritado com uma demonstração de empatia do que com uma grosseria.

Ele arqueou minimamente a sobrancelha.

– Não estava mesmo. – Ergui o queixo. – Estava pensando sobre... a Irlanda. E em como estou animada para conhecer o país.

Vuk não pareceu convencido:

"Você já foi à Irlanda."

Dessa vez, fui eu que ergui as sobrancelhas.

– Como sabe disso?

Eu havia passado um verão em Dublin, estudando, antes de ser descoberta por um caça-talentos e largar o curso na Universidade Howard para trabalhar como modelo em tempo integral. Não era nenhum segredo, mas também não era de conhecimento geral.

Houve uma pequena pausa antes de Vuk responder:

"Jordan me contou."

Franzi a testa. Não me lembrava de ter contado a Jordan sobre Dublin, mas podia estar enganada. O último ano e meio tinha sido tão confuso que mal me lembrava de como era a vida antes de aceitar o casamento de conveniência com Jordan.

Era um noivado longo, mas estava me casando com o herdeiro de Jacob Ford. As pessoas esperavam uma cerimônia luxuosa, e planejar algo daquele porte levava tempo.

Ela estava marcada para fevereiro, dali a seis meses. Depois disso, eu receberia a primeira parcela de cinco milhões de dólares e poderia finalmente largar a agência.

Eles já haviam sugado demais meu dinheiro e minha alma; se eu perdesse mais alguma parte de mim, não sobraria nada.

– Você vai levar alguém ao casamento? – perguntei a Vuk.

Apesar de bastante conhecido, enquanto CEO de uma grande empresa, o homem era notoriamente reservado.

Sabia que ele havia nascido na Sérvia e que sua família tinha se mudado para os Estados Unidos quando ele tinha 10 anos. Vuk fizera faculdade de engenharia química, época em que conheceu Jordan, e os dois haviam sido colegas de quarto durante os dois últimos anos na Thayer.

Algumas pessoas o chamavam de Sérvio, aparentemente porque ele odiava ser chamado pelo nome verdadeiro, mas eu suspeitava que isso fosse apenas boato. Jordan sempre o chamava de Vuk, e ele nunca reclamou.

Era tudo o que eu sabia a seu respeito.

Não havia nenhuma informação sobre a vida pessoal de Vuk na internet, e eu sentia uma estranha curiosidade em relação à sua vida amorosa.

Nunca o vira acompanhado, mas ele era rico, solteiro e poderoso – a santíssima trindade, ao menos para metade das mulheres de Manhattan. Ele

tinha que estar saindo com alguém, ainda que casualmente.

Uma emoção indiscernível cruzou o rosto dele.

"Talvez."

– *Talvez* não é resposta.

"Se eu tivesse outra, teria dado."

Eu o encarei, séria.

– Você faz questão de ser uma pessoa difícil ou é seu jeito natural mesmo?

"As duas coisas."

Deixei escapar um pequeno grunhido de frustração.

Os lábios de Vuk se contraíram. Em qualquer outra pessoa, aquilo talvez fosse o lampejo de um sorriso, mas a mera ideia de Vuk Markovic sorrir era tão absurda que eu só podia estar imaginando coisas.

– Eu…

Uma lufada de ar interrompeu a resposta certamente brilhante que eu estava prestes a dar.

– Me desculpem. – Jordan pareceu sem fôlego ao se acomodar na cadeira. Eu estivera tão concentrada na conversa com Vuk que nem o vira se aproximar. – A ligação demorou mais do que eu esperava.

– Tudo bem? – perguntei.

Uma ruga se formou entre as sobrancelhas dele, e o cabelo, antes impecável, estava espetado como se ele tivesse passado a mão na cabeça várias vezes.

– Na verdade, não. – A voz de Jordan soou estrangulada. – É a minha avó. Você tinha razão. Ela... não está muito bem. Preciso ir a Rhode Island amanhã para vê-la.

Orla havia retornado à sua mansão em Newport depois da festa de terça-feira.

– Como assim, ela não está muito bem? – perguntei, preocupada.

– Não sei direito. A assistente dela acabou de me dizer que eu preciso ir até lá o mais rápido possível.

Não podia ser boa coisa.

Mordi o lábio com força. Não tinha intimidade com a família de Jordan, mas também não desejava que algo de ruim acontecesse à avó dele.

Ela era o motivo do nosso acordo. Orla havia se cansado de esperar que o único neto sossegasse e dera um ultimato a Jordan no ano anterior: ele

deveria se casar nos dois anos seguintes e *ficar* casado por pelo menos cinco anos, ou ela doaria toda a fortuna da família para a caridade.

Todos os 120 milhões de dólares.

Claro, Jordan me procurara dias depois com uma proposta. Eu tinha aceitado, e ali estávamos nós.

Preciso ir a Rhode Island amanhã para vê-la.

As palavras dele de repente fizeram sentido.

– Se você precisa ir para lá amanhã, isso significa que...

– Não vou poder ir à degustação dos bolos – disse ele em tom de desculpas. – Sinto muito. Sei como foi difícil conseguir esse horário.

Tínhamos um voo marcado para a Califórnia no dia seguinte para nos encontrarmos com Sammy Yu, cujos bolos de casamento haviam se tornado um símbolo de status para quem estava por dentro do assunto. Noivas do país inteiro esperavam *meses* para conseguir um horário para a degustação. Os casais organizavam viagens completas a São Francisco só para vê-lo.

– Não. Tudo bem. – Balancei a cabeça. – Vamos remarcar. Sua família é mais importante.

– Duvido que a gente consiga remarcar antes do casamento. Já estamos com o prazo apertado e minha mãe vai ficar furiosa se não tivermos um bolo do Sammy Yu na recepção. – Jordan passou a mão pelo rosto. – O problema é que ela quer ir para Rhode Island no jatinho, então não tem como você usá-lo para ir à Califórnia. E não quero que você faça a degustação sozinha. A não ser que...

Os olhos dele foram até o outro lado da mesa. Um medo repentino se formou em meu estômago. *Não.*

– Vuk, eu sei que é pedir muito, mas você se importaria de levar a Ayana a São Francisco amanhã? – Um tom de súplica tomou a voz de Jordan. – Seu jatinho está em Nova York, né? É só pelo fim de semana, e eu fico te devendo uma.

Atrevi-me a olhar para Vuk mais uma vez.

Qualquer sinal de cordialidade que ele pudesse ter demonstrado antes havia desaparecido. Ele parecia uma estátua de pedra com uma boca talhada de forma sombria, olhando para Jordan como se ele tivesse lhe pedido que esfolasse a própria pele e a transformasse em um tapete para os meus pés.

Nossa, uau. Sabia que ele não gostava de mim, mas não precisava parecer *tão* horrorizado diante da perspectiva de viajar comigo.

– Por favor. Não confio em mais ninguém para acompanhar a Ayana, e você sabe como é a minha mãe – disse Jordan. – Ela vai me infernizar pelo resto da vida se não conseguirmos esse maldito bolo.

"Ela pode usar o jatinho." Vuk nem se dignou a olhar para mim. "Não preciso ir com ela."

Fiquei irritada. Embora fosse gentileza ele oferecer o jatinho (mais ou menos), eu não estava gostando nem um pouco de os dois falarem de mim como se eu não estivesse presente.

– Não preciso de jatinho nenhum. Vou comprar uma passagem, como uma pessoa normal.

– Vai dar trabalho demais – argumentou Jordan. – Você precisa estar de volta na segunda de manhã, e muitos voos têm sido cancelados ultimamente por conta desse apagão nas comunicações. – Ele se voltou novamente para Vuk. – Dois dias. Só isso. Você conhece o meu gosto, então pode me substituir na degustação, e a Ayana não gosta de voar sozinha.

Eu me retraí. Não era como se meu medo de aviões fosse um grande segredo, mas parecia um detalhe íntimo demais para ser compartilhado com Vuk.

Tudo parecia íntimo demais para ser compartilhado com ele.

Suas feições se transformaram em uma carranca. Se já estava desconfortável antes, agora estava irritado mesmo.

Parte de mim esperava que ele dissesse não. Sim, a ideia de pegar um jatinho particular era muito mais atrativa do que tomar um calmante antes de encarar um avião lotado, mas Vuk e eu nunca tínhamos ficado sozinhos antes.

Mesmo naquele momento, cercado por dezenas de clientes em um dos restaurantes mais badalados da cidade, ele conseguia sugar todo o oxigênio do ambiente. Sua presença era como um buraco negro – poderosa, inescapável e tão intensa que todo o resto empalidecia em comparação.

"Está bem." Seu semblante era frio como gelo. "Eu vou. Só pelo fim de semana."

– Ótimo. – O alívio de Jordan era palpável. – Muito obrigado mesmo. – Ele apertou minha mão outra vez. – Não é ótimo, querida?

– Demais.

Forcei tanto o sorriso que minhas bochechas doeram. Se eu fosse atriz em vez de modelo, seria demitida na hora. Felizmente, Vuk não notou

minha tentativa lamentável de fingir entusiasmo, pois *continuava* ignorando solenemente a minha presença.

Era como se o retorno de Jordan tivesse acionado um interruptor. Ele passou de uma meia conversa para a completa indiferença.

Tudo bem, eu podia lidar com isso. Preferia mil vezes um acompanhante silencioso a ter que aturar alguém impossível.

Além disso, era só uma degustação de bolos. Vuk não iria me acompanhar para comprar a lingerie da noite de núpcias.

Uma viagem de ida e volta e um fim de semana na Califórnia. Seria tranquilo.

Peguei o copo d'água, meu anel de noivado absurdamente opulento brilhando sob as luzes. Não era nem um pouco o meu estilo, mas Jordan havia insistido que fosse algo vistoso, "para manter as aparências".

Vuk estreitou os olhos, que fuzilaram o diamante antes de encontrarem os meus.

Uma nova onda de arrepios se espalhou pelos meus braços.

Tranquilo. Engoli a água, que tinha um gosto metálico. *Claro*.

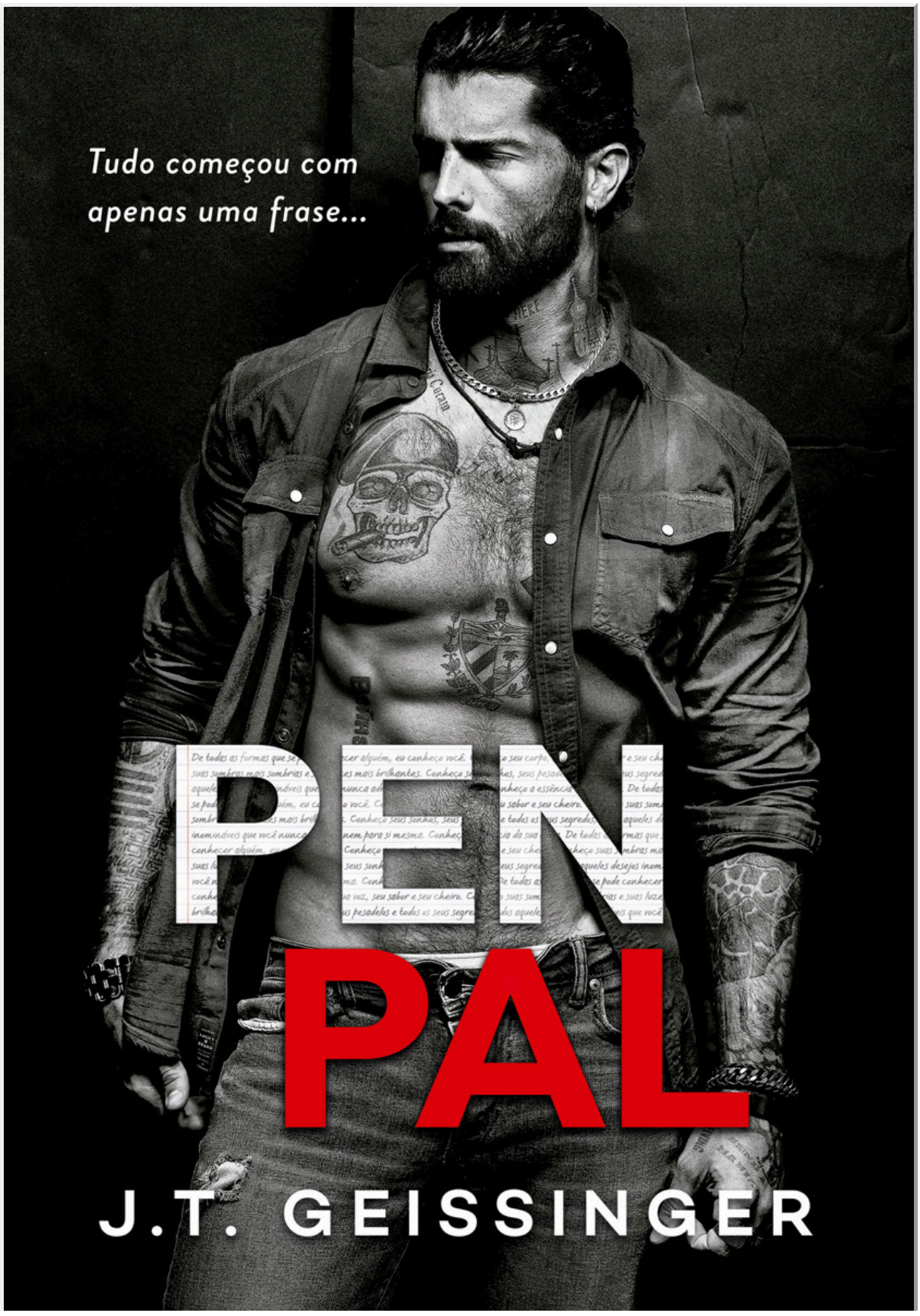
SOBRE A AUTORA



ANA HUANG é autora best-seller do *The New York Times* e da Amazon. Escreve romances contemporâneos com heróis deliciosos, heroínas fortes e muitos momentos de suspiros e tensão sexual. Seus livros já foram vendidos para mais de 20 países. Pela Arqueiro, publicou também a série Reis do Pecado.

anahuang.com
@authoranahuang
@authoranahuang

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO


Tudo começou com
apenas uma frase...
PEN
PAL
J.T. GEISSINGER

Pen Pal

J. T. Geissinger

Sensação do BookTok, este romance dark e picante vai deixar os leitores sem fôlego com uma reviravolta inesquecível.

A primeira carta chega no dia do enterro do meu marido.

Vem da penitenciária e tem apenas uma frase:

Vou esperar para sempre se for preciso.

A assinatura é de um tal Dante, um homem que eu não conheço.

Por simples curiosidade, escrevo de volta perguntando o que exatamente ele está esperando. Sua resposta:

Você.

Digo ao homem misterioso que ele mandou a carta para a pessoa errada. Ele insiste que está certo. Escrevo que nunca nos encontramos, mas ele afirma que me conhece.

Trocamos cartas toda semana, cada vez mais íntimas. Então, um dia, elas param. Quando descubro por quê, já é tarde demais.

Dante está à minha porta.

E nada neste mundo me preparou para o que acontece em seguida.

Clique aqui para ver na loja

REIS DO PECADO

LIVRO 1

REI DA IRA



ANA HUANG

Rei da Ira

Ana Huang

Primeiro volume da série Reis do Pecado, *Rei da Ira* é um romance sexy sobre casamento arranjado.

Ela é a esposa que ele nunca quis... e a fraqueza que ele nunca pensou que teria.

Implacável. Meticuloso. Arrogante.

Dante Russo gosta de estar no controle, tanto na vida pessoal quanto na profissional.

O CEO bilionário nunca cogitou se casar, até que uma chantagem o obriga a aceitar o noivado com uma mulher que mal conhece: Vivian Lau, herdeira de um império de joias e filha do seu mais recente inimigo.

Ela é bonita e encantadora, mas Dante está disposto a fazer de tudo para destruir as evidências da chantagem e terminar o noivado.

O único problema é que, depois de ter Vivian para si, ele não consegue mais pensar em perdê-la.

Ele parece detestável... mas ela não vai conseguir resistir à atração.

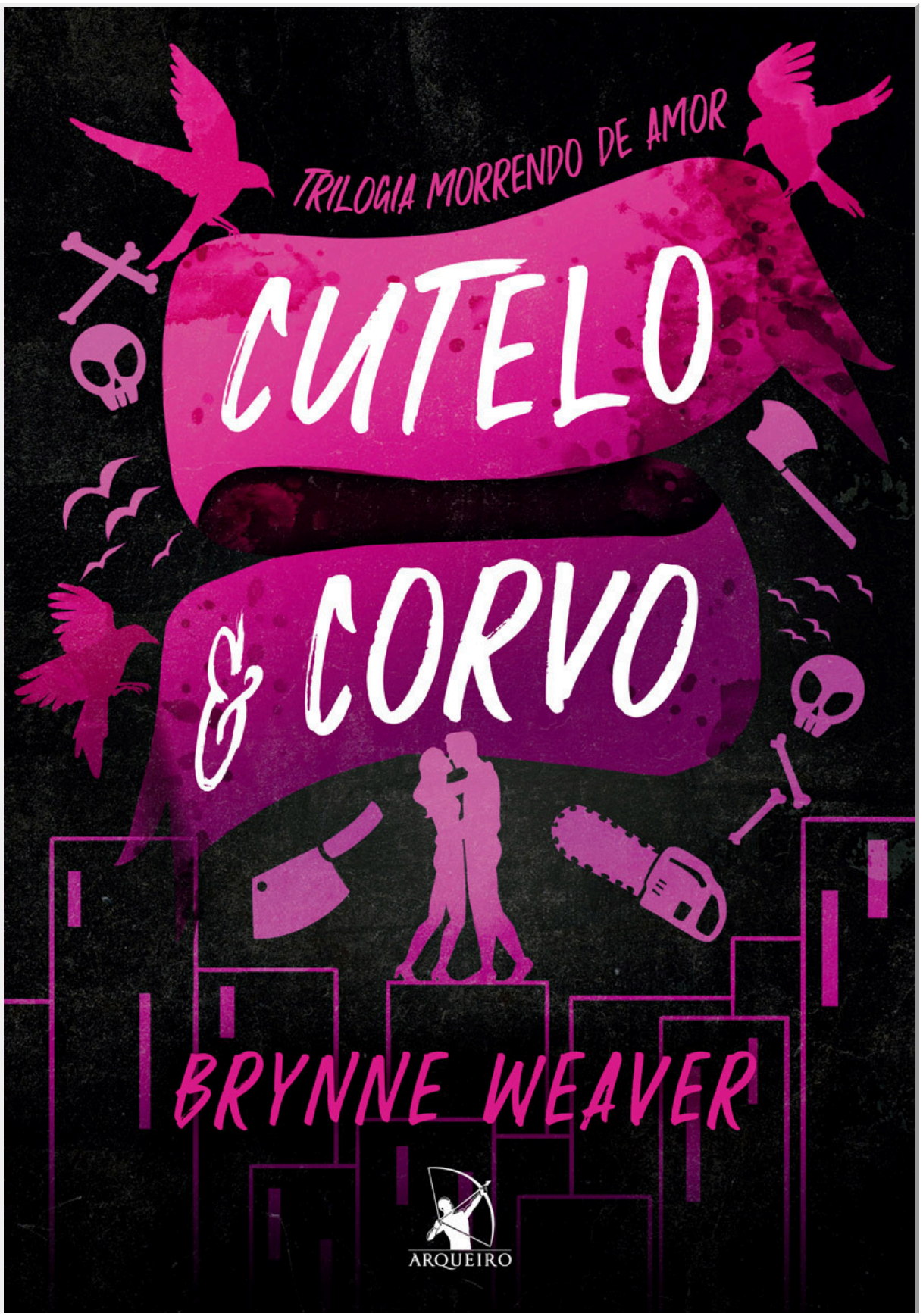
Elegante. Ambiciosa. Educada.

Vivian Lau é a filha perfeita, que pode levar sua família ao topo da alta sociedade. Casar-se com um Russo significa ganhar acesso a lugares inalcançáveis para novos-ricos.

Embora Dante tenha um jeito rude e distante, Vivian concorda em se casar com ele por uma questão de dever familiar.

Desejar seu toque não fazia parte dos planos. Assim como cometer o erro mais fatal de todos: se apaixonar por seu futuro marido.

Clique aqui para ver na loja


TRILOGIA MORRENDO DE AMOR
CUTELO
& CORVO
BRYNNE WEAVER
ARQUEIRO

Cutelo e Corvo

Brynne Weaver

Quando um encontro casual desperta um vínculo improvável entre os assassinos e rivais Sloane e Rowan, eles constroem algo aparentemente impossível: uma amizade de duas almas sombrias que por acaso gostam de matar outros serial killers.

Ela leva os olhos das vítimas como troféus, e ele é um chef de cozinha que, nas horas vagas, atua como o assassino conhecido como Açougueiro de Boston. Percorrendo o país todo, essa dupla institui uma competição particular de sangue e sofrimento que acontece anualmente e os coloca frente a frente com os monstros mais perigosos dos Estados Unidos.

À medida que a sua amizade se transforma em algo mais, o perigo aumenta e eles passam de predadores a presas, correndo o risco de perder não só o amor recém-descoberto, mas a própria vida.

Será que Rowan e Sloane conseguirão sair vivos desse jogo? Ou finalmente encontraram alguém à sua altura?

Clique aqui para ver na loja

Ela diz que não significa nada...
Mas, para mim, significa tudo.



Sem Defeitos

ELSIE SILVER

CHESTNUT SPRINGS • 1

ARQUEIRO

Sem defeitos

Elsie Silver

As regras são simples: manter as mãos longe da filha de seu agente e não se meter em confusão. Mas, bom, regras foram feitas para ser quebradas.

Rhett Eaton é o principal nome do rodeio em touros. O garoto de ouro da cena country. Isso até fazer um comentário polêmico que o deixa em maus lençóis com um patrocinador e, em seguida, ser filmado dando um soco em um homem no meio da rua.

Agora seu agente quer que o peão limpe sua imagem e, para garantir que ele ande na linha, designa Summer Hamilton, a própria filha, para supervisioná-lo até o final da temporada de rodeios.

Mas Rhett não precisa de babá nenhuma, principalmente se ela usar calças coladinhas no corpo, for a rainha dos sorrisinhos maliciosos e tiver uma boca cor de cereja que nunca se cala – uma boca que não lhe sai da cabeça.

Summer diz que é melhor os dois não se envolverem e que a reputação de Rhett não pode sofrer mais nenhum baque. Assim como o coração dela, que não aguentará ser partido mais uma vez.

Depois que os dois se conhecem melhor, porém, Rhett percebe que Summer não é só mais um troféu a ser conquistado. E ela, em vez de fugir do que vê, se aproxima cada vez mais – mesmo sabendo que não deveria.

Clique aqui para ver na loja

CONHEÇA OS LIVROS DE ANA HUANG

Reis do Pecado

Rei da Ira
Rei do Orgulho
Rei da Ganância
Rei da Preguiça

Deuses do Jogo

Partindo para o ataque

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br